

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

ELIANE KATAYAMA PRICOLI AMARO

**VIVÊNCIAS DE BIOCONSTRUÇÃO: UM CAMINHO PARA A LEITURA
DA PAISAGEM**

**Bauru
2017**

ELIANE KATAYAMA PRICOLI AMARO

**VIVÊNCIAS DE BIOCONSTRUÇÃO: UM CAMINHO PARA A LEITURA
DA PAISAGEM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, como requisito final para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Norma Regina Truppel Constantino

**Bauru
2017**

Amaro, Eliane Katayama Pricoli.

Vivências de bioconstrução: um caminho para a
leitura da paisagem / Eliane Katayama Pricoli Amaro,
2017

335 f. : il.

Orientadora: Norma Regina Truppel Constantino

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação, Bauru, 2017

1. Vivência de bioconstrução. 2. Leitura da
paisagem. 3. Pesquisa-ação participativa. 4. Discurso
do sujeito coletivo. 5. Permacultura. I. Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ELIANE KATAYAMA PRICOLI AMARO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO.

Aos 14 dias do mês de dezembro do ano de 2017, às 14:00 horas, no(a) Auditório dos Programas de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. NORMA REGINA TRUPPEL CONSTANTINO - Orientador(a) do(a) Departamento de Arq Urb e Paisagismo / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Prof. Dr. CLAUDIO SILVEIRA AMARAL do(a) Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru - UNESP, Professor Doutor SYLVIA ADRIANA DOBRY do(a) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / Centro Educacional FIAM-FAAM, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ELIANE KATAYAMA PRICOLI AMARO, intitulada **VIVÊNCIAS DE BIOCONSTRUÇÃO: UM CAMINHO PARA A LEITURA DA PAISAGEM**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

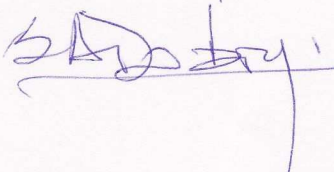
Profa. Dra. NORMA REGINA TRUPPEL CONSTANTINO



Prof. Dr. CLAUDIO SILVEIRA AMARAL



Professor Doutor SYLVIA ADRIANA DOBRY



AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Natureza em toda a sua unidade e complexidade, que com sua energia vital me move e inspira para experiências, aprendizados, reflexões, sobretudo consciência de paisagens nunca antes habitadas em mim.

À Prof^a. Dr^a. Norma Regina Truppel Constantino, não só pela orientação sábia, paciência e confiança no meu potencial para realizar este trabalho, mas pelos trabalhos de extensão, iniciação científica, Trabalho Final de Graduação e aulas desde a graduação e depois na pós-graduação. Enfim, por me apresentar o método do DSC, fundamental para a coleta de dados desta pesquisa, pela grande pesquisadora e pessoa que é e que eu sempre admirei.

À Prof^a. Dr^a. Sylvia Adriana Dobry Pronsato, não só por me inspirar a pesquisar mais sobre métodos participativos a partir da leitura de seu livro, ao qual faço referência neste trabalho, mas pela humildade em aceitar o convite de compor as bancas de defesa e qualificação deste trabalho, na qual generosamente fez observações e indicações importantíssimas para o fechamento do mesmo.

Ao Prof. Dr. Claudio Silveira Amaral, que também contribuiu muito para a minha graduação, ministrando aulas que instigaram reflexões que se iniciaram desde aqueles tempos e continuam até hoje. E por humildemente aceitar o convite de compor as bancas de defesa e qualificação deste trabalho, trazendo contribuições as quais eu agradeço muito.

A todos os parceiros e participantes das vivências de bioconstrução, em especial a Regina Ramos, Gugu Costa, Raul Sanches, Tati Beija-flor, Ana Lídia, Gabi, Vic, Lena, Mary, Pedro, Lara, Gui, Tamis e a todos os entrevistados.

Ao pessoal do Espaço Mantra Cultural, em especial Bhaeravii Lokesh, Akashi, Jivani e Asheshi.

Ao Skye Riquelme, mestre da permacultura com quem pude me aprofundar nesse conhecimento tão vasto e prático.

Aos autores, que utilizei como referência cujos escritos me inspiraram profundamente a escrever este trabalho e ajudaram a embasar e explicar esta pesquisa.

Aos alunos do curso de mestrado acadêmico que me acompanharam nesta trajetória e que também seguem em seus estudos, em especial a Viviane Frascarelli Lelis, que

me incentivou a iniciar esta jornada, e com quem comecei os plantões no PROMORE tornando-se grande amiga.

À todos os amigos que me apoiaram e deram abrigo nas idas e vindas à Bauru, em especial a Maria Carolina (Carol), Stivy, Alex, Márcia, Ana Moraes, Nôah, Luna, Irene, Zé da Caixa, Lilian e Fábio.

Aos funcionários da Seção Técnica de Pós-Graduação da FAAC/UNESP, em especial a Camile, Silvio e Helder, pelo atendimento sempre solícitos, pacientes e amigos.

A todos os professores com quem tive aula na pós-graduação, que torceram por mim e me incentivaram ao estudo científico.

Aos funcionários do Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo da FAAC/ UNESP, em especial a Mitsue e Leo, pelo carinho e atenção.

Ao pessoal da Biblioteca da UNESP, em especial ao Breno, que me ajudou a desvendar os segredos das plataformas de pesquisa de escritos científicos para este trabalho.

E, claro, à minha família, sem a qual, dificilmente chegaria até aqui. Aos meus pais pelo amor entregue, pelos valores ensinados, pela presença, disposição e incentivo em meus estudos e buscas de vida. Aos meus irmãos pela amizade, carinho e apoio. À minha avó materna, Yoshie Katayama, que me ensinou o ofício da costura, e ao meu avô materno, Xideo Katayama, que sempre me mostrou, de forma prática, a importância do trabalho e esforço para alcançar meus objetivos de vida. Ao Henri, companheiro de caminhada desde a Ecocasa, pelo amor, companheirismo, parceria, compreensão e apoio nesta fase da minha vida, tão desafiadora, marcante e intensa. E, aos meus sobrinhos, que tanto amo e, embora tão novos já tão sábios, com quem aprendo tanto e me divirto, e para quem esperamos um futuro melhor.

Em memória de Elza Pricoli Amaro e Dora.

SÓ DE SACANAGEM

“ Meu coração está aos pulos
Quantas vezes minha esperança será posta a prova?
Tudo isso que está aí no ar
Malas, cuecas que voam entupidas de dinheiro
Do meu dinheiro, do nosso dinheiro
Que reservamos duramente
Para educar os meninos mais pobres que nós
Para cuidar gratuitamente da saúde deles, dos seus pais
Esse dinheiro viaja na bagagem da impunidade
E eu não posso mais
Quantas vezes minha esperança vai esperar no cais?
É certo que tempos difíceis existem para aperfeiçoar o aprendiz
Mas não é certo que a mentira dos maus brasileiros
Venha quebrar no nosso nariz
Meu coração está no escuro
A luz é simples
Regado ao conselho simples de meu pai, minha mãe, minha avó
E os justos que os precederam: “NÃO ROUBARÁS”
“Devolva os lápis do coleguinha”
“Esse apontador não é seu, minha filha”
Pois bem, se mexeram comigo
Com a velha e fiel fé do meu povo sofrido
Então agora eu vou sacanear
Mais honesta ainda eu vou ficar
Só de sacanagem
Dirão: “deixa de ser boba, desde Cabral que aqui todo mundo rouba”
E eu vou dizer: “não importa, será esse o meu carnaval”
Vou confiar mais e outra vez
Eu, meu irmão, meu filho e meus amigos
Vamos pagar limpo a quem a gente deve
E receber limpo do nosso freguês
Com o tempo, a gente consegue ser livre, ético e o escambal
Dirão: “é inútil, todo mundo aqui é corrupto, desde o primeiro homem que veio de
Portugal”
E eu direi: “não admito, minha esperança é imortal”
E eu repito: “ouviram? IMORTAL”
Sei que não dá pra mudar o começo
Mas, se a gente quiser
dá pra mudar o final! ”

Elisa Lucinda

RESUMO

Tendo em vista os grandes desafios que as cidades enfrentam atualmente relacionados à sua sustentabilidade, este trabalho estuda três casos de vivências de bioconstrução realizadas em Bauru e Campinas, de forma participativa, em três escalas urbanas, três tipos de organização social e diferentes graus de participação, no período de 2009 a 2017. Utilizou-se a metodologia da Pesquisa - Ação Participativa (PAP), que tem como premissas básicas a vivência, práxis e conscientização (VPC) para a realização das vivências, abordando assuntos como permacultura e bioconstrução de forma co-laborativa. Desta forma, teve-se por objetivo pesquisar, estudar e descrever as vivências de bioconstrução obtendo a leitura da paisagem a partir do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) e verificando se houve reflexão e conscientização sobre questões ambientais e coletivas a partir das ações realizadas, com o intuito de contribuir para o equacionamento de um problema coletivo. Os resultados apontam para uma metodologia integrada que possibilitou, a partir da coleta de entrevistas e tratamento dos dados, a formulação de um discurso coletivo, remontando a leitura da paisagem do objeto de estudo segundo a ótica dos seus participantes.

Palavras-chave: vivência de bioconstrução, leitura da paisagem, pesquisa-ação participativa, discurso do sujeito coletivo, permacultura.

ABSTRACT

Considering the major challenges that cities currently face in relation to their sustainability, this paper studies three cases of bioconstruction experiences held in Bauru and Campinas, in a participatory manner, in three urban scales, three types of social organization and different degrees of participation, in the period from 2009 to 2017. Participatory Action Research (PAR) methodology was used, whose basic premises are the vivencia, praxis and awareness (VPC) for the realization of the experiences, dealing with subjects such as permaculture and bioconstruction of form co-labor. In this way, the objective was to research, study and describe the experiences of bioconstruction obtaining the landscape reading from the method of the Discourse of the Collective Subject (DCS) and verifying if there was reflection and awareness about environmental and collective issues from the actions carried out, with the purpose of contributing to the solution of a collective problem. The results point to an integrated methodology that enabled, through the collection of interviews and data treatment, the formulation of a collective discourse, tracing the landscape reading of the object of study according to the optics of its participants.

Keywords: experience of bioconstruction, landscape reading, participatory action research, collective subject discourse, permaculture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Escada da Participação	25
Figura 2- Flor da Permacultura	43
Figura 3 - Praça Val Rai.....	52
Figura 4 - Praça Val Rai.....	52
Figura 5 - Vista aérea da localização da Praça Val Rai.....	53
Figura 6 - Primeira visita à Praça Val Rai... ..	55
Figura 7 - Condomínio Vertical.....	56
Figura 8 - Colocação de guias.....	57
Figura 9 - Bioescultura com piso de blocos de concreto.....	58
Figura 10 - Atividades de criação da bioescultura com argila com as crianças.....	59
Figura 11 - Atividades de grafite no muro da escola.....	60
Figura 12 - Muro da escola recém-pintado e pichado.....	60
Figura 13 - Amassando o barro e fazendo a massa de COB.....	61
Figura 14 - Bioescultura finalizada.....	62
Figura 15 - Concretagem das calçadas.....	63
Figura 16 - Reunião na Associação de Moradores.....	64
Figura 17 – Gira-gira gigante instalado na praça.....	65
Figura 18 - Tartaruga gigante.....	66
Figura 19 - Entulho utilizado para preencher casco da tartaruga gigante.....	67
Figura 20 - Vistas da paisagem antes e depois das vivências de bioconstrução.....	80
Figura 21 - Vista aérea da localização do CEISA.....	80
Figura 22 - Paisagem lúdica do parquinho.....	81
Figura 23 - Oficina de argila.....	82
Figura 24 - Maquete de estudo coletivo.....	82
Figura 25 - Caixa de Areia com círculos vazados representando as fases da lua.....	83
Figura 26 - Sistema “cobra”	84
Figura 27 - Montagem das “cobras”	85
Figura 28 - Crianças brincando na caixa de areia do CEISA.....	85

Figura 29 - “Casa Azul” utilizada como sala de aula.....	86
Figura 30 - Estrutura em ferro em formato geodésico.....	86
Figura 31 - Participantes de uma das vivências no CEISA.....	88
Figura 32 - Caixa de areia e sala de aula em formato de lua.....	89
Figura 33 - Vistas da paisagem antes e depois das vivências.....	97
Figura 34 – Dora.....	98
Figura 35 - Práticas de yoga.....	101
Figura 36 - Vista aérea da localização da Ecocasa Kripa Madhu.....	101
Figura 37 - Divisória instalada para a criação do quarto 4.....	103
Figura 38 - Kit do CEASA.....	104
Figura 39 - Quintal Ecocasa – quarto de pau-a-pique terminado.....	105
Figura 40 - Almoços coletivos na Ecocasa.....	107
Figura 41 - Colocação de divisória fechando a garagem.....	108
Figura 42 - Vivência de abril de 2016.....	112
Figura 43 - Vivência de abril de 2016.....	113
Figura 44 – Colocação de portas na estrutura do viveiro.....	114
Figura 45 - Montagem de mosaico feito pelos participantes.....	114
Figura 46 - Contrapiso de garrafas.....	115
Figura 47 - Aplicação do mosaico no piso.....	116
Figura 48 - Canteiro agroflorestal... ..	117
Figura 49 – Banheiro seco da Ecocasa Kripa Madhu.....	118
Figura 50 - Laguinho da Ecocasa Kripa Madhu.....	119

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estudos de caso.....	25
Quadro 2 - Fases da organização da pesquisa (THIOLLENT, 2007) e aplicação nos estudos de caso.	28
Quadro 3 - Ideias centrais pergunta 1 – Projeto “Praça Cultura Viva” – Val Rai.....	77
Quadro 4 - Ideias centrais pergunta 2 - Projeto “Praça Cultura Viva” – Val Rai.....	78
Quadro 5 - Ideias centrais pergunta 3 - Projeto “Praça Cultura Viva” – Val Rai.....	78
Quadro 6 - Ideias centrais pergunta 4 - Projeto “Praça Cultura Viva” – Val Rai.....	78
Quadro 7 - Ideias centrais pergunta 1 – CEISA.....	95
Quadro 8 - Ideias centrais pergunta 2 – CEISA... ..	95
Quadro 9 - Ideias centrais pergunta 3 – CEISA.... ..	95
Quadro 10 - Ideias centrais pergunta 4 – CEISA... ..	96
Quadro 11 - Ideias centrais pergunta 1 – ECOCASA KRIPA MADHU – longa imersão – moradores.....	136
Quadro 12 - Ideias centrais pergunta 2 - ECOCASA KRIPA MADHU – longa imersão – moradores.....	136
Quadro 13 - Ideias centrais pergunta 3 - ECOCASA KRIPA MADHU – longa imersão – moradores.....	136
Quadro 14 - Ideias centrais pergunta 4 - ECOCASA KRIPA MADHU – longa imersão – moradores.....	136
Quadro 15 - Ideias centrais pergunta 1 – ECOCASA KRIPA MADHU – curta imersão.....	152
Quadro 16 - Ideias centrais pergunta 2 - ECOCASA KRIPA MADHU – curta imersão.....	153
Quadro 17 - Ideias centrais pergunta 3 - ECOCASA KRIPA MADHU – curta imersão.....	153
Quadro 18 - Ideias centrais pergunta 4 - ECOCASA KRIPA MADHU – curta imersão.....	153

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1. METODOLOGIA	21
1.1. Vivências de Bioconstrução	21
1.2. Pesquisa-Ação Participativa (PAP)	26
1.3. Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)	30
1.3.1.Elaboração do DSC.....	31
2. O HOMEM, O MEIO E O TODO.....	32
2.1. Conferências Internacionais sobre o meio ambiente.....	32
2.2. Permacultura	35
2.3. Bioconstrução	39
2.3.1.COB.....	41
2.3.2.Taipa de mão ou Pau-a-pique.....	42
2.3.3.Terra Ensacada.....	42
2.3.4.Calfitice.....	42
2.3.5.Banheiro Seco de Compostagem e de Desidratação.....	43
2.4. Leitura da Paisagem	43
3. ESTUDOS DE CASO: VIVÊNCIAS DE BIOCONSTRUÇÃO	47
3.1. Vivência Projeto “Praça Cultura Viva” – Praça Val Rai	47
3.1.1.Primeira fase do Projeto “Praça Cultura Viva” (2009).....	48
3.1.2. Segunda fase do Projeto “Praça Cultura Viva” (2013).....	57
3.1.3. Terceira fase do Projeto “Praça Cultura Viva” (2015).....	62
3.1.4. DSC – Projeto “Praça Cultura Viva” – Praça Val Rai.....	63
3.1.5. Apresentação dos Resultados.....	72
3.2. Vivência Centro de Educação Infantil Santo Antônio (CEISA).....	74
3.2.1.DSC – CEISA.....	83
3.2.2.Apresentação Dos Resultados	89
3.3. Vivência Ecocasa Kripa Madhu	91
3.3.1. Primeiro momento.....	92
3.3.2. Segundo momento.....	97
3.3.3. Terceiro momento.....	100
3.3.4. Ciclos Curtos de Vivências de Bioconstrução	104
3.3.5. DSC – Ecocasa Kripa Madhu – longa imersão – moradores.....	113

3.3.6. Apresentação Dos Resultados.....	129
3.3.7. DSC – Ecocasa Kripa Madhu – curta imersão	131
3.3.8. Apresentação Dos Resultados.....	145
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS.....	149
APÊNDICES.....	155
ANEXOS.....	319

INTRODUÇÃO

Habitar a Terra não é aninhar-se num Lugar, mas habitar um espaço que se abre entre um aqui e um ali, é percorrer este espaço em todos os sentidos. A espacialidade da existência é um movimento e não enraizamento. A paisagem não é um lugar fechado em si mesmo, mas é o que abre o olhar para um além, para uma inconclusão que é propriamente abertura do sentido e da história, e não fechamento sobre o gênio de um lugar (BESSE, 2006b, p.93).

De uma coisa sabemos. A terra não pertence ao homem: é o homem que pertence à terra, disso temos certeza. Todas as coisas estão interligadas, como o sangue que une uma família. Tudo está relacionado entre si. Tudo quanto agride a terra, agride os filhos da terra. Não foi o homem quem teceu a trama da vida: ele é meramente um fio da mesma. Tudo o que ele fizer à trama, a si próprio fará. (O pronunciamento do cacique Seattle, discurso pronunciado após a fala do encarregado de negócios indígenas do governo norte-americano haver dado a entender que desejava adquirir as terras de sua tribo Duwamish, 1854)¹.

Este trabalho partiu de um questionamento sobre como o ser humano vem se relacionando com este planeta chamado Terra. Planeta que ele não apenas habita, mas do qual faz parte e ao qual está intimamente conectado, surgindo a necessidade de buscar formas de minimizar os impactos que a sociedade atual imprime ao meio ambiente. Isto nos levou a compreender a importância e a necessidade de pesquisas e ações frente aos grandes desafios e mudanças de origens complexas que as cidades enfrentam, nas últimas décadas, relacionados à sua sustentabilidade.

Desta forma, todas as vivências de bioconstrução realizadas tiveram o meio urbano como objeto de intervenção pelo motivo de que a maior parte da população vive e convive nas cidades.

Alguns exemplos dos desafios enfrentados são o aquecimento global, as mudanças climáticas, a poluição do ar, da água e do solo, a escassez de água potável, o esgotamento progressivo de recursos naturais, desflorestamento, gestão, produção, armazenamento e disposição final de resíduos tóxicos, proteção da biodiversidade, produção de alimentos, emissão de CO₂, e tantos outros já amplamente difundidos e que são agravados pelo aumento da população mundial e urbana.

Constata-se que a ocupação dos espaços urbanos vem crescendo e, segundo relatório divulgado pela ONU (ONU, 2014), já ultrapassou a metade da população

¹ Ver mais em: http://www.ufpa.br/permacultura/carta_cacique.htm

mundial. No Brasil, já chega a 84,4% do território, segundo levantamento realizado pelo IBGE em 2010 (IBGE, 2010). À medida que os recursos terrestres são finitos e a população cresce exponencialmente, exigindo maior produção de recursos, torna-se cada vez mais difícil atender às necessidades básicas de toda a população humana. Desta forma, a proteção do meio ambiente é tema de grande atualidade e constitui um dos principais desafios da humanidade no século XXI.

Diante dessa problemática, muitos acreditam que os avanços tecnológicos chegarão a soluções para as questões citadas, o que, para Herrera (1982), não será suficiente para evitar o desaparecimento do homem, ironicamente devido às suas próprias ações.

Para Leff (2004), a repetida violação da harmonia sistêmica da natureza, as desigualdades sociais do atual mundo globalizado e a ausência de condutas que promovam a sustentabilidade do meio natural pelas sociedades humanas culminaram em toda essa degradação ambiental e o risco de colapso ecológico eminente.

Conforme Sachs (1986), é possível dar origem a soluções que reflitam a diversidade dos contextos socioeconômicos e ecológicos, multiplicando, assim, as opções de rumos para o desenvolvimento de um município. Ao mesmo tempo, já são conhecidas as dificuldades dos governos e dos partidos políticos em trabalhar com uma escala múltipla de tempo e espaço que a tomada de consciência ambiental exige, pautando-se, na maioria das vezes, pelo imediatismo dos calendários eleitorais, sem envolver preocupações de longo prazo.

Jacobi (2000, p.14) expõe que qualquer esforço em reverter o quadro atual de “degradação permanente do meio ambiente construído e do seu ecossistema maior” não pode deixar de considerar “os determinantes do processo, (...) os atores envolvidos e (...) as formas de organização social que potencializam novos desdobramentos e alternativas de ação numa perspectiva de sustentabilidade”.

Da mesma forma, a Declaração das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, adotada em 1992, no Rio de Janeiro, cita a importância da participação dos cidadãos para tratar as questões ambientais:

A melhor maneira de tratar as questões ambientais é assegurar a participação, no nível apropriado, de todos os cidadãos interessados. No nível nacional, cada indivíduo terá acesso adequado às informações relativas ao meio ambiente de que disponham as autoridades públicas, inclusive informações acerca de materiais e atividades perigosas em suas

comunidades, bem como a oportunidade de participar dos processos decisórios. Os Estados irão facilitar e estimular a conscientização e a participação popular, colocando as informações à disposição de todos. Será proporcionado o acesso efetivo a mecanismos judiciais e administrativos, inclusive no que se refere à compensação e reparação de danos. (Princípio nº10).

Tendo em vista que as decisões que interferem na qualidade de vida e no meio ambiente onde a população vive dizem respeito a bens e direitos a todos pertencentes, não se pode excluir o público das escolhas suscetíveis de afetá-los. Sendo assim, não se pode afastar a participação popular e a defesa do meio ambiente, por serem indissociáveis.

Pronsato (2005) explica que a abordagem participativa revela fortes preocupações com a conquista coletiva dos direitos da cidadania, além de ser profundamente permeada pela ligação afetiva com o lugar.

[...] A falta de afetividade pelos lugares e pelo que representam é um caminho reto para a pobreza cultural. As pessoas ficam desorientadas quando não conseguem mais entender a linguagem espacial que vivem no cotidiano e que lhes diz que neste presente particular, há passados respeitáveis e futuros esperançosos. (PRONSATO, 2005, p.47)

A autora alerta que, em continuação ao processo de troca com a população, delineamento de diretrizes e execução de projetos, ainda existe a necessidade de estudar maneiras de dar continuidade a esse processo, possibilitando a relação de pertencimento e identidade do usuário e da sua inclusão enquanto agente ativo e consciente na cidade e que, para isso, é preciso encontrar metodologias e caminhos (PRONSATO, 2005).

Procurou-se conduzir a pesquisa através da visão sistêmica, segundo a qual “a natureza do todo é sempre diferente da mera soma de suas partes” (CAPRA, 1997, p.40-41) que, por serem inseparáveis, só podem ser compreendidas a partir da compreensão de sua totalidade. Utilizou-se, também, o conceito de rede que surgiu quando os ecologistas começaram a estudar as teias alimentares, nas quais se mapeiam os caminhos da energia e da matéria, de modo que o resíduo de uma espécie serve de alimento para outra, fazendo com que o sistema se autoalimente e autorregule. O padrão de rede, cuja característica principal é a não-linearidade, é encontrado em todos os níveis sistêmicos, como, por exemplo, o cérebro, que possui uma rede neural extremamente complexa dividida em sub-redes que se estendem em todas as direções (CAPRA, 1997).

Do mesmo modo, utilizou-se, em toda a sistematização e organização da pesquisa, o método do mapa mental², com a finalidade de integrar as informações, visualizar os problemas de forma mais ampla e integrada, compreender e memorizar informações pesquisadas bem como para escrever os textos.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo: pesquisar, estudar e descrever as vivências de bioconstrução, obtendo a leitura da paisagem do sujeito coletivo de seus participantes; e, como hipótese, a presença de reflexão e conscientização sobre questões ambientais e coletivas a partir das ações realizadas com o intuito de contribuir para o equacionamento de um problema coletivo.

Para o cumprimento das vivências de bioconstrução, utilizou-se a metodologia de pesquisa-ação participativa - VPC (GLASSMAN, 2014), que propõe, através da ação, uma reflexão e conscientização sobre as experiências vividas (vivências de bioconstrução), associadas a diversas formas de ação coletiva orientada em função da resolução de problemas de forma criativa, utilizando técnicas de permacultura e bioconstrução. Dessa forma, buscou-se Incentivar os participantes a encontrar “seu próprio caminho, quaisquer que sejam as circunstâncias”, criando sem apropriar-se de “técnicas e truques”, mas tendo uma “atitude despreconcebida, original e maleável” “perante os problemas de nossa geração”, perante situações novas e inesperadas (GROPIUS, 1994, p. 25-26).

Nesse sentido, foi aplicado o estudo de caso das vivências de bioconstrução³ em três parâmetros: escalas urbanas⁴ (uma praça, uma creche, uma casa), organizações sociais (associação ou agrupamento ativo, empresa ou escola e bairro popular ou comunidade rural) e graus de participação, buscando-se um caminho para a leitura da paisagem⁵.

Besse (2006a) define a paisagem como uma representação cultural, como um ponto de vista, uma maneira de pensar e perceber, uma dimensão da vida. Desta forma, entende-se que a paisagem não existe nem objetivamente e nem em si mesma, mas sim através de “uma interpretação”, “uma leitura”, necessitando que se estude uma

² Método de aprendizagem acelerada e ferramenta para estruturar pensamentos, desenvolver concentração, memorização, foi inventado por Tony Buzan na Inglaterra. Baseado em investigações de como o cérebro funciona, utiliza palavras-chave, desenhos, ilustrações em disposição radial e não linear para organização de ideias (CARDOSO, 2001). Ver mapa mental do trabalho em Anexos.

³ Ver capítulo Vivências de Bioconstrução.

⁴ Ver capítulo Vivências de Bioconstrução.

⁵ Ver capítulo Leitura da Paisagem.

forma de pensamento e de percepção subjetiva, informada por códigos culturais, retornando-a um estado anterior (a paisagem em si) para descobrir suas razões de ser, na cultura e na vida social (BESSE, 2006a).

Merleau-Ponty (1994) explica que “a percepção sinestésica é a regra, e, se não percebemos isso, é porque o saber científico desloca a experiência e porque desaprendemos a ver, a ouvir e, em geral a sentir, para deduzir de nossa organização corporal e do mundo tal como o concebe o físico aquilo que devemos ver, ouvir e sentir”.

Assim, entende-se que a leitura da paisagem para uma pessoa não pode ser igual para a outra, ao perceber que duas pessoas não podem ter experiências de vida, percepções subjetivas e sinestésicas idênticas ao longo de toda a sua vida. Ainda assim, através do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), pode-se chegar à leitura da paisagem das vivências de bioconstrução.

Organizou-se o trabalho em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta o objeto de estudo e os métodos utilizados na pesquisa. O segundo capítulo trata das relações homem e paisagem (meio ambiente), tentando compreender essa relação e procurando meios para melhorá-la. O terceiro capítulo explica e descreve a experiência das vivências através dos discursos coletivos.

Propõe-se, também, a leitura do trabalho através de mapa mental, uma tentativa para que o leitor possa ter a visão do todo do trabalho, tendo autonomia para desvendar as informações, iniciando e seguindo pela parte que quer ler primeiro, a partir dos assuntos que se interconectam, aprofundando-o ou levando a outro, conforme o modo como cada pessoa conduz seu raciocínio, aprendizado, pensamento e leitura. Da mesma forma como lemos uma planta baixa (desenho), é possível ler um texto a partir do que se quer saber. Os links em páginas de internet também funcionam dessa maneira, em rede.

1. METODOLOGIA

1.1. Vivências De Bioconstrução

Enquanto na teoria da ação antidialógica a conquista, como sua primeira característica, implica um sujeito que, conquistando o outro, o transforma em quase “coisa”, na teoria dialógica da ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em colaboração. O *eu* antidialógico, dominador, transforma o *tu* dominado, conquistado, num mero “isto”. O *eu* dialógico, pelo contrário, sabe que é exatamente o *tu* que o constitui. Sabe também que, constituído por um *tu* – um não - eu -, esse *tu* que o constitui se constitui, por sua vez, como *eu*, ao ter no seu *eu* um *tu*. Desta forma, o *eu* e o *tu* passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois *tu* que se fazem dois *eu*. (FREIRE, 1987, p.165-166).

As vivências⁶ de bioconstrução⁷ estudadas neste trabalho referem-se às práticas realizadas de forma participativa durante o período de 2009 a 2017. As vivências resultaram da busca de uma metodologia de trabalho/ensino, visando a um aprendizado mais autônomo, que derivasse não só em conhecimento técnico e prático de como executar técnicas de bioconstrução, mas também gerasse reflexão e, conseqüentemente, conscientização sobre o impacto que nós, como seres humanos, causamos ao planeta através de ações diárias, motivando, assim, uma busca por formas de viver atendendo aos parâmetros de sustentabilidade ampliados por Sachs (2004) para cinco dimensões: a social, propiciando o crescimento qualitativo, reduzindo as desigualdades sociais e proporcionando um trabalho humanizado; a econômica, a partir do gerenciamento dos recursos disponíveis com maior eficiência e da garantia de um fluxo regular de investimentos públicos e privados; a ecológica, com a intensificação do uso dos recursos potenciais dos ecossistemas para garantir o respeito aos sistemas de sustentação da vida e a substituição do consumo de combustíveis fósseis e de recursos naturais esgotáveis para o de recursos renováveis e ambientalmente inofensivos, reduzindo a geração de resíduos e a poluição; a espacial, a partir do equilíbrio entre cidade e campo, evitando a concentração populacional excessiva nas metrópoles e a destruição de ecossistemas frágeis; e a cultural, através do respeito das especificidades de cada ecossistema, de cada cultura e de cada localidade, segundo suas particularidades. Utilizou-se o termo “vivência” de bioconstrução, e não “oficina”, “mutirão” ou “curso”, por entender que as atividades realizadas buscaram uma forma que remete mais a

⁶ Vivência como experiência vivida

⁷ Ver capítulo Bioconstrução

uma experiência vivida do que a um aprendizado teórico e prático sobre bioconstrução. Por se tratar de práticas coletivas estudadas a partir do ponto de vista pessoal dos participantes, as atividades foram descritas em linguagem coloquial aproximando a autora ao seu objeto de estudo, assim como incentiva a metodologia da pesquisa-ação participativa.

Glassman (2014), por sua vez, utiliza o termo **Pesquisa-Ação Participativa (PAP)** e sugere que esta também seja reconhecida através de suas premissas básicas e inseparáveis – vivência (**V**), práxis (**P**) e conscientização (**C**), sugerindo **PAP/ VPC** como o acrônimo mais apropriado para se referir à pesquisa participativa no mundo em desenvolvimento, tendo suas bases com fortes vínculos no contexto sociopolítico das sociedades em desenvolvimento e sua luta pela libertação. Freire (1987) elucida a luta pela libertação a partir da contradição opressores-oprimidos:

A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealisticamente opressores, nem se tornam de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. (FREIRE, 1987, p.30-31)

Desta forma, trabalhar na perspectiva libertadora, conforme afirmou Freire (1986, p. 35), em que a “pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais, de outro, os grupos populares, e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta” constitui-se um desafio para a PAP.

Glassman (2014) explica que a **vivência/** participação pode ser definida como a plena experiência de um evento com todas as suas possibilidades, ou seja, não pode ser observada, só pode ser vivida e sentida com a experiência.

A **práxis/** ação contém elementos de dinamismo e mudança, transformando ideias em ações, ou seja, consiste em um ato de engajamento, exercitando e praticando ideias, possibilitando que as massas oprimidas critiquem, problematizem e reivindiquem sua condição, permitindo superá-la, conforme Glassman (2014).

A **conscientização/** pesquisa, segundo Freire (1970 apud GLASSMAN, 2014, p.213, tradução da autora), é o processo pelo qual os homens, não como receptores, mas

como sujeitos, adquirem cada vez mais uma consciência profunda da realidade sócio-cultural que molda as suas vidas e sua capacidade de transformar a realidade. O contato com as técnicas e conceitos da bioconstrução, inseridos no contexto da permacultura, assim como a sua execução realizada de forma co-laborativa, não só incentiva a reflexão sobre os materiais utilizados na construção civil, seu impacto sobre o meio ambiente, a possibilidade de reutilização de materiais de forma criativa e uso de materiais naturais, mas também possibilita o “desvelamento do mundo” (FREIRE, 1987, p. 167), ao perceber que é possível modificar o espaço a nossa volta, realizando algo nunca antes pensado/ experimentado (como por exemplo, construir uma cobertura em ferrocimento) e transformando “a visão de mundo antes mitificada”, conforme o mesmo autor.

[...] ao contrário do que ocorre com a conquista, na teoria antidialógica da ação, que mitifica a realidade para manter a dominação, na co-laboração, exigida pela teoria dialógica da ação, os sujeitos dialógicos se voltam sobre a realidade mediatizadora que, problematizada, os desafia. A resposta aos desafios da realidade problematizada é já a ação dos sujeitos dialógicos sobre ela, para transformá-la. Problematizar, porém, não é sloganizar, é exercer uma análise crítica sobre a realidade problema. Enquanto na teoria antidialógica as massas são objetos sobre que incide a ação da conquista, na teoria da ação dialógica são sujeitos também a quem cabe conquistar o mundo. Se, no primeiro caso, cada vez mais se alienam, no segundo, transformam o mundo para a liberdade dos homens. Enquanto na teoria da ação antidialógica a elite dominadora mitifica o mundo para melhor dominar, a teoria dialógica exige o desvelamento do mundo. Se, na mitificação do mundo e dos homens há um sujeito que mitifica e objetos que são mitificados, já não se dá o mesmo no desvelamento do mundo, que é a sua desmitificação (FREIRE, 1987, p.167).

Tanto Freire (1970 apud GLASSMAN, 2014) quanto Vio Grossi (1982 apud GLASSMAN, 2014) sugerem que a transformação da ordem social não pode ser manipuladora ou hierarquicamente orientada de qualquer maneira, sendo horizontal e baseada na resolução de problemas imediatos e objetivos concretos. O processo deve ser conduzido de forma com que as comunidades se conscientizem de suas "vivências" e consequências iniciando e culminando na práxis. Desta forma, a conscientização é um meio de criar novos processos de resolução de problemas e não é apenas um modo de escapar de uma comunidade opressiva. Assim, qualquer pessoa pode participar de uma vivência de bioconstrução (diferentes faixas etárias, gêneros, ocupações, formações, classes sociais, nacionalidades, pensamentos,

conhecimentos), pois quanto maior a diversidade de vivenciadores⁸, mais rica será a troca de experiências.

Os casos estudados de vivências de bioconstrução (Ecocasa Kripa Madhu, CEISA e Projeto Praça Cultura Viva) foram realizados nas cidades de Bauru e Campinas de forma co-laborativa, gratuita ou com contribuição consciente para que o fator financeiro não fosse um limitante para a participação. Os locais foram selecionados por três motivos, detalhados a seguir.

O primeiro refere-se à representação de diferentes escalas urbanas – a praça (escala da cidade), a creche (escala do bairro), a casa (escala do lote) – relacionadas à dimensão humana ilustrada por Gehl (2015) através do campo social de visão que tem seu limite em 100 metros de distância e trata da relação entre sentidos, comunicação e dimensões, parâmetros importantes para o planejamento urbano. O autor informa que muito pouco ocorre à distância de 100 a 25 metros, que a partir de 25 metros começamos a decodificar emoções e expressões faciais e que, de 7 a 0 metro, todos os sentidos podem ser usados (GEHL, 2015).

Gehl (2015) relaciona também o campo social de visão à dimensão da maior parte das praças nas cidades antigas:

A distância de 100 metros permite que os observadores fiquem em um canto e tenham uma visão geral do que acontece na praça. Ao caminhar alguns passos para dentro da praça, a 60-70 metros, já podem começar a reconhecer as pessoas e ver quem mais está lá. [...] Numa praça desse tamanho, é possível observar todas as atividades. Ao se atravessar a praça, pode-se ver a maioria dos rostos dentro de 25 metros, o que permite perceber expressões faciais. As dimensões do espaço oferecem o melhor de dois mundos: visão geral e detalhes. (GEHL, 2015, p. 38)

O segundo motivo é relacionado à organização social de cada caso estudado, que, conforme Thiollent (2007), pode ser distinguida em uma **associação ou agrupamento ativo**, organizado para realizar objetivos práticos de um ator social homogêneo dispendo de suficiente autonomia para encomendar e controlar a pesquisa (Ecocasa Kripa Madhu); uma **empresa ou escola**, uma organização na qual existe hierarquia ou grupos cujos relacionamentos são problemáticos (CEISA); e um **bairro popular, comunidade rural**, organizada em meio aberto e

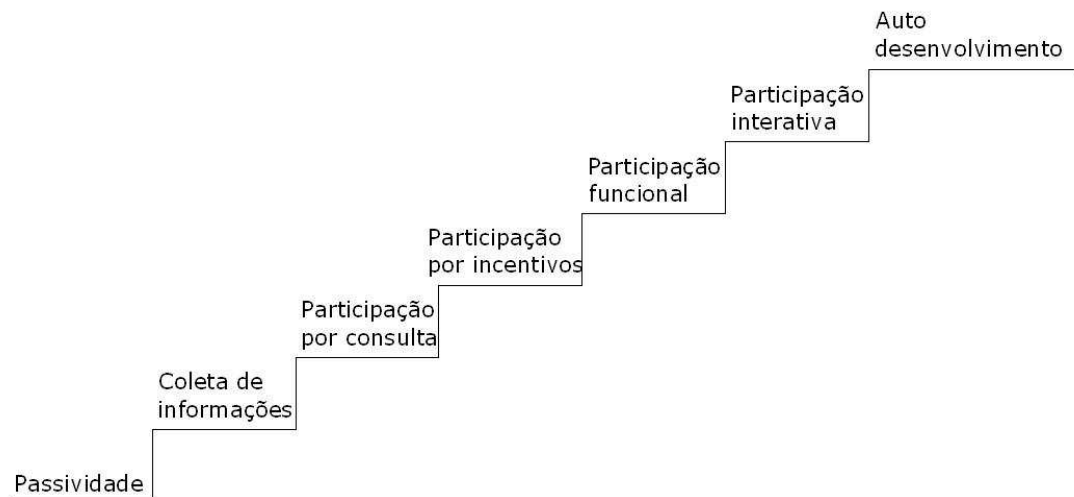
⁸ O termo vivenciadores utilizado, aqui, no lugar de usuários, resulta de empréstimo da tese de doutorado de Raul Pereira, “considerando que expressa melhor a ideia de um agente participante na paisagem” (PEREIRA, 2006, p.2).

frequentemente organizada em função de instituições exteriores à comunidade (Praça Val Rai-Projeto Praça Cultura Viva).

O terceiro motivo que levou à escolha dos estudos de caso foi o fato de possibilitarem a observação de diferentes graus de participação (figura 1).

A participação não é um estado fixo: é um processo no qual as pessoas podem ganhar mais ou menos graus de participação no processo de desenvolvimento. A escada da participação indica como é possível passar gradualmente de uma passividade quase completa (ser beneficiário) ao controle de seu próprio processo (ser ator do autodesenvolvimento). Na escada proposta o que determina realmente a participação das pessoas é o grau de decisão que tem no processo. Isto é válido tanto nas relações entre os membros da comunidade e as instituições de desenvolvimento, como dentro das organizações comunitárias. (GEILFUS, 2009, p.1).

Figura 1. Escada da Participação.



Fonte: Adaptado pela autora, baseado em Geilfus (2009, p.1).

Quadro 1: Estudos de caso

Estudos de caso	Escala Urbana	Organização Social (THIOLLENT, 2007)	Graus de Participação
Ecocasa Kripa Madhu	Escala do lote	associação ou agrupamento ativo	de passividade a autodesenvolvimento
CEISA – Centro de Educação Infantil Santo Antônio	Escala do bairro	empresa ou escola	de passividade a autodesenvolvimento
Praça Val Rai - Projeto Praça Cultura Viva	Escala da cidade	bairro popular, comunidade rural	de passividade a autodesenvolvimento

Fonte: elaborado pela autora

Os estudos de casos tiveram a identificação de um problema coletivo que foi resolvido com envolvimento dos participantes representantes da situação e dos pesquisadores, de modo cooperativo e/ou participativo, através de um plano de ação que orientou a sua execução, o que configura a pesquisa-ação participativa.

1.2. Pesquisa-Ação Participativa (PAP)

A metodologia utilizada para a realização das vivências de bioconstrução⁹ foi a da **pesquisa-ação participativa - PAP**, pois valoriza a busca de compreensão e de interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas, resultando em um plano de ação. Esta também é conhecida como **pesquisa participante**, apresentando algumas divergências quanto à sua denominação e conceituação. Nesse sentido, Thiollent (2007) esclarece que

[...] as expressões “pesquisa participante” e “pesquisa-ação” são frequentemente dadas como sinônimas. A nosso ver, não são, porque a pesquisa-ação, além de participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro, que nem sempre se encontra em propostas de pesquisa participante. Seja como for, consideramos que pesquisa-ação e pesquisa participante procedem de uma mesma busca de alternativas ao padrão de pesquisa convencional. (THIOLLENT, 2007, p.9-10).

Para o autor, a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica, que é “concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLLENT, 2007, p. 16).

A participação possibilita uma nova perspectiva nos trabalhos desenvolvidos em organizações, sobretudo em organizações populares. Nesse sentido, Brandão (1985, p.11-13) identifica que a pesquisa participante surge da relação de “participação da prática científica no trabalho político das classes populares”, desafiando o pesquisador “a ver e compreender tais classes, seus sujeitos e seus mundos, tanto através de suas pessoas nominadas, quanto a partir de um trabalho social e político de classe que, constituindo a razão da prática, constitui igualmente a razão da pesquisa”. E completa, dizendo que

⁹ Ver Capítulo Vivências de Bioconstrução

[...] quando o outro se transforma em uma convivência, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua vida, de sua cultura. Quando o outro me transforma em um compromisso, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua história. Antes da relação pessoal da convivência e da relação pessoalmente política do compromisso, era fácil e barato mandar que 'auxiliares de pesquisa' aplicassem centenas de questionários apressados entre outros que, escolhidos através de amostragens ao acaso 'antes', seriam reduzidos a porcentagens sem sujeitos 'depois'. Isto é bastante mais difícil quando o pesquisador convive com pessoas reais e, através delas, com culturas, grupos sociais e classes populares. Quando comparte com elas momentos redutores da distância do outro no interior do seu cotidiano. (BRANDÃO, 1985, p.11-13)

Sendo assim, Brandão (2006) define a pesquisa participante como

[...] uma nova ciência capaz de pensar-se, de pensar o mundo social e de pensar as transformações sociais de uma maneira dialética realizada a partir da presença, da posição e dos interesses das classes populares. Nesta perspectiva, afinam-se outros atributos como a reciprocidade entre sujeito e objeto e relação dialética entre teoria e prática. (BRANDÃO, 2006, p. 36).

Percebe-se em comum no discurso desses autores que essa metodologia é uma alternativa à pesquisa convencional, possibilitando uma pesquisa mais voltada a entender a realidade estudada (vivência) em parâmetros qualitativos, tentando desvendá-la em um primeiro momento e, em seguida, modificá-la através da práxis e conscientização. Desta forma, procurou-se, através das vivências de bioconstrução, compartilhar momentos com as pessoas (participantes), reduzindo a distância não só do pesquisador e pesquisado, mas de conviver com o outro e todos entre si, podendo-se ver e compreender seus sujeitos (participantes das vivências) e seus mundos, trabalhando os conceitos de vivência, práxis e conscientização.

Assim, constitui tarefa difícil determinar com precisão as etapas de uma **PAP**, devido não só à complexidade e diversidade de parâmetros a serem trabalhados, mas também pelo caráter experimental e particular de cada caso. Desta forma, o planejamento da pesquisa tende a ser, na maioria dos casos, bastante flexível, tornando-se difícil, portanto, prever com precisão os passos a serem seguidos (GIL, 2002, p.149).

Para melhor entendimento das vivências, utilizou-se o roteiro de concepção e organização da pesquisa apresentado por Thiollent (2007, p.52-77), que sugere as seguintes fases: “fase exploratória”, “tema da pesquisa”, “colocação dos problemas”, “lugar da teoria”, “hipótese”, “seminário”, “campo de observação”, “coleta de dados”, “aprendizagem”, “saber formal / saber informal”, “plano de ação” e “divulgação

externa” (THIOLLENT, 2007, p. 52-77). Estas serão explanadas com mais detalhes e relacionadas ao processo de cada vivência de bioconstrução em seu capítulo específico.

Quadro 2: Fases da organização da pesquisa (THIOLLENT, 2007) e aplicação nos estudos de caso

Nº	Fases (THIOLLENT, 2007, p.52-78).	Praça Val Rai – Projeto Praça Cultura Viva	CEISA – Centro de Educação Infantil Santo Antônio	Ecasa Kripa Madhu
1	Fase exploratória (THIOLLENT, 2007, p.52).	Visita ao local da Praça Val Rai e entorno (Escola, comércios, moradores).	Visita ao CEISA, conversa com a coordenação, atividades com as crianças e professores.	Alugar uma casa, reuniões e vivências iniciais (1º momento).
2	Tema da pesquisa (THIOLLENT, 2007, p.55).	Vivências de Bioconstrução.	Vivências de Bioconstrução.	Vivências de Bioconstrução.
3	Colocação dos problemas (THIOLLENT, 2007, p.57).	Projeto participativo e execução colaborativa da Praça Val Rai, participação da população.	Projeto participativo e execução colaborativa de um parquinho para as crianças.	Implantação de Casa Co-laborativa voltada para vivências de bioconstrução e permacultura urbana.
4	Lugar da teoria (THIOLLENT, 2007, p.60).	Conceitos de leitura da paisagem, pesquisa-ação, pedagogia do oprimido, fenomenologia da percepção, bioconstrução, permacultura, etc.	Conceitos de leitura da paisagem, pesquisa-ação, pedagogia do oprimido, fenomenologia da percepção, bioconstrução, permacultura, etc.	Conceitos de leitura da paisagem, pesquisa-ação, pedagogia do oprimido, fenomenologia da percepção, bioconstrução, permacultura, etc.
5	Hipótese (THIOLLENT, 2007, p.60).	A participação nas vivências de bioconstrução levou a uma mudança de percepção e apropriação do espaço público por parte dos participantes.	A participação nas vivências de bioconstrução levou a uma mudança de percepção do espaço de intervenção por parte dos participantes.	A participação nas vivências de bioconstrução levou a uma mudança de percepção e consciência em relação a permacultura urbana, bioconstrução e atividades co-laborativas.
6	Seminário (THIOLLENT, 2007, p.63).	Reuniões com a coordenação do projeto e a população do entorno da praça.	Reuniões com a coordenação do CEISA.	Reuniões periódicas com os moradores da casa e rodas de início e finalização das vivências de bioconstrução.
7	Campo de observação, amostragem e representatividade qualitativa (THIOLLENT, 2007, p.66).	9 participantes entrevistados.	8 participantes entrevistados.	10 moradores entrevistados e 13 participantes entrevistados.

8	Coleta de dados (THIOLENT, 2007, p.69).	Metodologia do DSC, Coleta das entrevistas e compilação em discursos coletivos	Metodologia do DSC, Coleta das entrevistas e compilação em discursos coletivos	Metodologia do DSC, Coleta das entrevistas e compilação em discursos coletivos
9	Aprendizagem (THIOLENT, 2007, p.71).	Aprendizagem conjunta através da ação (aprender fazendo) e de troca de experiências.	Aprendizagem conjunta através da ação (aprender fazendo) e de troca de experiências.	Aprendizagem conjunta através da ação (aprender fazendo) e de troca de experiências.
10	Saber formal/saber informal (THIOLENT, 2007, p.72).	Compartilhamento dos saberes nas vivências.	Compartilhamento dos saberes nas vivências.	Compartilhamento dos saberes nas vivências.
11	Plano de ação (THIOLENT, 2007, p.75).	Projeto Paisagístico Participativo e suas fases de execução.	Projetos Arquitetônicos da Cobertura da Caixa de Areia e Casa de Bonecas e suas fases de execução.	Vivências de Bioconstrução; Incorporação de conceitos e práticas de permacultura urbana; Projeto 1:1 de Casa Viva (aprender fazendo).
12	Divulgação externa (THIOLENT, 2007, p.77).	Publicação de artigos, conferências, mídias sociais.	Publicação de artigos, conferências, mídias sociais.	Publicação de artigos, conferências, mídias sociais.

Fonte: elaborado pela autora

A partir da conscientização, os participantes passam a atuar como agentes planejadores, fiscalizadores e multiplicadores dos conceitos trabalhados. O ponto fundamental é a construção conjunta de metodologias e a boa integração entre os participantes para a continuidade dos trabalhos propostos, assim como o uso de abordagens práticas e lúdicas em atividades co-laborativas, que despertem um maior interesse dos participantes em trazer para as suas atividades diárias formas de vida mais sustentáveis utilizando conceitos como a permacultura, técnicas de bioconstrução e formas criativas de reutilização de materiais.

Desta forma, o estudo de vivências de bioconstrução como métodos e processos participativos aplicados possibilita trazer alternativas para que as pessoas e as cidades se reorganizem de maneira mais sustentável, possibilitando a troca de saberes entre os participantes, com o intuito de buscar soluções resilientes que levem ao atendimento adequado das necessidades e/ou alternativas para problemas da sociedade, de acordo com as particularidades culturais das comunidades, revitalizando as relações humanas entre si e com o meio.

1.3. Discurso Do Sujeito Coletivo (DSC)

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é um novo método desenvolvido na Universidade de São Paulo (USP) para as pesquisas de atribuição de sentido que tenham como material de base depoimentos ou outros suportes de material verbal, possibilitando a análise de depoimentos com profundidade (qualitativo), chegando-se a resultados generalizáveis, mas também com profundidade (quantitativos) (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012).

Para isso, a coleta de opinião é muito importante e é obtida através de uma pergunta aberta que viabiliza a emissão de um depoimento. Como se trata de opiniões de indivíduos que vivem em coletividade, sociedade ou grupos, é necessária a coleta de atributos constitutivos da sociedade pesquisada, associando uma representatividade e uma generalização dos resultados (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012).

Segundo Lefevre&Lefevre (2012, p. 25), “para a proposta do DSC o quantitativo e o qualitativo não são coisas distintas, mas pares, dimensões, aspectos da mesma coisa, [...] duas faces da mesma moeda”, não separando as duas metodologias, mas unindo-as em uma metodologia qualiquantitativa que expressa dimensões distintas de um mesmo fenômeno estudado.

A opinião que emerge do DSC apresenta dupla pertinência: qualitativa e quantitativa. Qualitativa porque no DSC cada distinta opinião coletiva é apresentada sob a forma de um discurso (e não, por exemplo, sob a forma de escolha de alternativas pré-fixadas de resposta, nem sob a forma de meras categorias) que recupera os distintos conteúdos e argumentos que conformam a dada opinião na escala social ou coletiva; quantitativa porque tais discursos têm, ademais, uma expressão numérica, considerando-se que as sociedades são coletividades de indivíduos que compartilham ideias e opiniões socialmente disponíveis. (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012, p. 18).

Consiste num conjunto de instrumentos destinados a recuperar e dar voz às Representações Sociais (RS), configurando um plano simbólico pelo qual a sociedade é constituída e permitindo a comunicação entre seus membros, conferindo-lhe coesão (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012).

Para isso, o DSC propõe que o pensamento coletivo fale diretamente, podendo autoexpressar-se, o que implica instituir um sujeito capaz de representá-lo, não podendo ser nem o sujeito individual puro, por ser individual, e nem o sujeito impessoal do conhecimento, por se expressar indiretamente, na terceira pessoa,

tratando o pensamento do coletivo como objeto e não como sujeito (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012).

Então, esse método emprega a primeira pessoa do singular, a “fala direta”, a “primeira pessoa coletiva do singular”, para expressar o pensamento das representações sociais, que são o social vivido individualmente, resultando na fala direta do pensamento coletivo (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012).

Assim, é possível ilustrar o campo social pesquisado, resgatando nele o universo das diferenças e semelhanças entre as visões dos atores sociais ou sujeitos coletivos que o habitam, contemplando o todo, valorizando o múltiplo, o complexo, o diferente, considerando-o com o mesmo grau de importância, convivendo dialeticamente com o semelhante, o uno, o simples (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012).

1.3.1 Elaboração do DSC

Para elaboração de um DSC, foi preciso que o tema (vivências de bioconstrução) sofresse um processo de problematização assim como em uma pesquisa (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012). Deste modo, formulou-se a seguinte pergunta relacionada ao tema: **qual leitura da paisagem as vivências de bioconstrução proporcionaram a seus participantes em relação à metodologia da pesquisa-ação participativa?**

Outro ponto importante é definir atores/agentes sociais, sujeitos ou conjuntos de sujeitos a serem entrevistados, capazes de emitir opiniões, posicionamentos, julgamentos sobre o tema e para os quais o problema a ser investigado faça sentido. E também escolher o lugar, espaço geográfico e institucional, onde será realizada a pesquisa (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012). Como esta pesquisa se refere às vivências de bioconstrução, os participantes das vivências estudadas foram definidos como os atores sociais a serem entrevistados, e o local onde se realizaram as vivências como o lugar escolhido.

Segundo Lefevre & Lefevre (2012), uma pesquisa que usa o DSC pretende obter todo o espectro de opiniões possíveis sobre os problemas, qualificando uma ideia, ao mesmo tempo em que analisa o seu grau de compartilhamento entre os indivíduos pesquisados.

Como as vivências do Centro de Educação Infantil Santo Antônio (CEISA) e Projeto Praça Cultura Viva aconteceram de cinco a oito anos atrás, houve uma dificuldade na localização de parte dos participantes dessas vivências, devido ao tempo que se

passou desde suas realizações. No caso das vivências da Ecocasa Kripa Madhu, que aconteceram em torno de um ano atrás, a dificuldade em localizar os participantes foi menor, sendo que o número de entrevistas foi maior em comparação aos outros casos. Na Ecocasa, observou-se uma particularidade em relação ao tempo de imersão das vivências, pois aconteceram dois tipos de imersão: longa (de duas semanas a 8 meses) e curta (alguns dias, finais de semana ou feriados).

Todavia, buscou-se, em todos os casos, localizar e entrevistar o maior número e a maior diversidade de participantes encontrados, para que fosse possível emergir um leque mais abrangente das ideias presentes no campo estudado (qualificação de ideias), analisando a distribuição das ideias qualificadas entre a população estudada (grau de compartilhamento). Assim sendo, julgou-se que os dados coletados foram suficientes para a análise que o objetivo desta pesquisa se propõe, não tendo seu foco em apenas um caso específico de uma vivência de bioconstrução (uma parte), mas em um grupo de casos diferentes de vivências que aconteceram ao longo de oito anos (o todo).

Lefevre & Lefevre (2012) alertam que o pesquisador deve ser muito cauteloso ao fazer generalizações quando não é possível pesquisar a totalidade da população. Nesses casos, os pesquisadores que fazem uso do DSC restringem suas análises ao conjunto de entrevistados, ou consultam um estatístico para que este possa estimar o grau de confiabilidade dos resultados e as possibilidades de generalização dos achados.

Em relação à sistematização de discursos, o método do DSC possibilita a recuperação de todo o espectro de opiniões presente em uma dada formação social entrevistada, a partir de “procedimentos e processos sistemáticos e padronizados para a descrição dos sentidos de cada depoimento isoladamente e dos conjuntos de depoimentos de sentido semelhante” (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012, p. 46).

Outro ponto importante para o DSC é a não utilização do critério de saturação (usado em pesquisas qualitativas), que consiste em considerar que o universo de ideias já está completo no momento em que as ideias/opiniões começam a se repetir. Isso porque o DSC, como Teoria das Representações Sociais, pretende o resgate das ideias socialmente compartilhadas e que naturalmente vão se repetir entre os sujeitos entrevistados, sendo necessária a coleta de todas as ideias existentes e não apenas das que são mais presentes em um campo. Assim, não se

deixa de obter as respostas menos compartilhadas, que fazem parte do discurso coletivo também, permitindo que ideias diferentes ocorram, deixando o discurso coletivo mais rico (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012).

Para fins de análise dos sentidos dos depoimentos, foram feitas primeiramente todas as entrevistas com os participantes de cada vivência para depois processar e analisar os dados. Lefevre & Lefevre (2012) explicam que, desta forma, é possível agrupar ideias semelhantes presentes em depoimentos diferentes e revelar seus conteúdos ideativos, argumentos e justificativas de forma discursiva, indo do geral para o particular.

Para a elaboração do formulário de entrevista¹⁰, com perguntas eficazes, seguiram-se os nove pontos importantes na elaboração dos formulários, conforme apontados por Lefevre & Lefevre (2012): 1. “Redigir o(s) objetivo(s) que pretende atingir” e depois “elaborar a questão”; 2. “Verificar se a pergunta é compatível com a natureza do objetivo”; 3. “Fazer uma pergunta para cada objetivo a ser pesquisado”; 4. “Verificar se uma mesma questão não está conduzindo a objetivos diferentes”; 5. “Evitar induções”; 6. “Buscar questões que levem à produção de discursos explicativos do problema em questão” evitando “questões que conduzam a respostas do tipo sim e não. Caso isso seja necessário, acrescentar sempre *“por quê?”*”; 7. “Uma mesma questão deve atingir o mesmo objetivo para os diferentes estratos pesquisados” (“desde analfabetos a pós-graduados”); 8. “O DSC não trabalha com roteiros flexíveis”, pois parte-se “do pressuposto que modificações de pergunta, na maioria das vezes, levam a modificações de objetivos”; 9. “O Pré-teste, para quem utiliza o DSC, é uma etapa considerada fundamental” (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012, p. 53-55).

Em relação ao tempo de imersão das vivências, foram produzidos dois tipos de formulários de entrevista diferentes, um para participantes de longa imersão (de semanas a meses) e outro para participantes de curta imersão (alguns dias, finais de semana ou feriados), todos mantendo o mesmo objetivo pretendido em cada pergunta.

A forma de coleta de depoimentos escolhida foi a entrevista individual dos participantes das vivências, por sua abordagem permitir o resgate da opinião individual livre de qualquer tipo de interferência, o afloramento do discurso

¹⁰ Os modelos do Formulário de Entrevista (com o objetivo de cada pergunta) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido utilizados encontram-se nos Apêndices deste trabalho.

espontâneo e o resgate discursivo da opinião de populações que não têm sua voz ouvida (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012). Os gastos de tempo e o custo da pesquisa foram minimizados através de entrevistas, com respostas gravadas em áudio, através do aplicativo do “WhatsApp” (57%), não havendo prejuízos para os depoimentos por recorrer-se a esse recurso apenas em casos de participantes já habituados a utilizá-lo para comunicação. No entanto, deu-se preferência a entrevistas presenciais (43%), realizadas sempre que possível.

Outra possibilidade sugerida pelos autores é o uso do “*software QLQT On-line*” não adotado neste trabalho, por considerar que “pesquisas que tenham como objetivo respostas mais sinceras e espontâneas perdem muito na descrição de vivências e experiências quando o entrevistado as responde por escrito”, também apresenta limitações significativas em relação à “abordagem ao entrevistado”, pois há “mais dificuldade em obter depoimentos escritos do que verbais”, acrescentando-se que ainda existem “populações que não têm acesso, não sabem usar internet ou não são alfabetizados” (LEFEVRE & LEFEVRE, 2012, p. 66-67).

Após a coleta de entrevistas, gravadas e transcritas, foi realizada a tabulação de dados seguindo-se os passos recomendados pelos autores: as “questões devem ser analisadas isoladamente”, copiando, “integralmente, o conteúdo de todas as respostas à questão 1 no IAD 1¹¹ (Instrumento de Análise de discurso 1) na coluna: expressões-chave”; “identificar e sublinhar as expressões-chave das ideias centrais” e “as expressões-chave das ancoragens”; “identificar as ideias centrais e (quando for o caso) as ancoragens”, a partir das expressões-chave copiando essas ideias centrais e ancoragens nas caselas correspondentes”; “identificar e agrupar as ideias centrais e as ancoragens de mesmo sentido ou de sentido equivalente, ou de sentido complementar”, etiquetando “cada grupamento com letras: A, B, C, etc.”; e criando “uma ideia central ou ancoragem-síntese” que expresse “todas as ideias centrais e ancoragens de mesmo sentido” (LEFEVRE & LEFEVRE, 2005, p. 46-54).

E, finalmente, utilizou-se o IAD 2¹² (Instrumento de Análise de Discurso 2) para a construção de um DSC para cada grupamento identificado no passo anterior, representado com letras (A, B, C, etc.), utilizando quantos IAD 2 quantos foram os grupamentos. Sendo assim, copiaram-se todas as expressões chaves do mesmo grupamento, por exemplo, representado pela letra “A” do IAD1, para a coluna

¹¹ Ver em Apêndices, IAD1 para cada caso e pergunta.

¹² Ver em Apêndices, IAD2 para cada caso e pergunta.

“expressões chaves” do IAD2, construindo-se o DSC propriamente dito, obedecendo a uma esquematização clássica do tipo começo, meio e fim, ou do mais geral para o menos geral e para o mais particular, proporcionando coesão e eliminando particularismos de sexo, idade, eventos particulares, etc. (LEFEVRE & LEFEVRE, 2005).

Ao final, a apresentação dos resultados (DSCs) foi feita por questão, apresentando-se um quadro-síntese¹³ com as ideias centrais sugeridas e DSC final para a análise de cada questão. Por último, comentaram-se os dados obtidos em cada questão, no capítulo Resultados.

Contudo, o DSC se mostrou um método viável e interessante, que possibilitou a leitura da paisagem das vivências de bioconstrução, através de um discurso coletivo muito rico, e de atividades relacionadas aos temas permacultura¹⁴ e bioconstrução¹⁵, conexão com a natureza e com as pessoas, realizadas de forma participativa e colaborativa através da metodologia da pesquisa-ação participativa (ação, reflexão e conscientização).

¹³ Ver capítulos DSC de cada Vivência de Bioconstrução.

¹⁴ Ver capítulo Permacultura.

¹⁵ Ver capítulo Bioconstrução.

2. O HOMEM, O MEIO E O TODO

2.1. Conferências Internacionais Sobre o Meio Ambiente Humano

A partir de 1960, o debate ambiental ganha proporções mundiais, acontecendo conferências internacionais que, além de expor e discutir os impactos da ação humana sobre o meio ambiente, propiciando um panorama mundial desses impactos, propuseram planos de ação para mudar essa realidade, atendendo às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras.

Internacionalmente, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, 1972, foi a primeira conferência voltada especificamente para as relações entre o ser humano e o meio ambiente, visto como fonte inesgotável de recursos. Constituiu-se a partir da observação de fenômenos como a poluição atmosférica, o ressecamento de mananciais hídricos ou a formação de ilhas de calor, que passaram a ser percebidos como decorrência de um modelo industrial predatório. Resultou na Declaração de Estocolmo, documento que afirma a responsabilidade e obrigação do homem em proteger e melhorar o meio ambiente em benefício das gerações futuras (PRIEUR, 2006 apud MIRRA, 2010).

Em 1982, aconteceu a Assembléia Geral das Nações Unidas, gerando a Carta Mundial da Natureza, a qual reconhece a humanidade como parte integrante da natureza e toda forma de vida como única, merecendo ser respeitada, independente dos benefícios que possa trazer ao homem e, também, garantindo que todas as pessoas tenham a oportunidade de participar da elaboração das decisões relacionadas ao seu meio ambiente, sendo garantido o acesso a recursos jurídicos para a devida reparação em caso de dano ou degradação (KISS & BEURIER, 1989 apud MIRRA, 2010).

Em 1983, criou-se na Assembléia Geral das Nações Unidas, a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), com o objetivo de propor estratégias ambientais mundiais de longo prazo para a obtenção do denominado desenvolvimento sustentável, resultando no relatório intitulado *Nosso Futuro Comum*.

O relatório apresentado dispõe sobre a importância da participação pública para as decisões sobre o meio ambiente.

A lei, por si só, não pode impor o interesse comum, Este requer principalmente a conscientização e o apoio da comunidade, o que implica maior participação pública nas decisões que afetam o meio ambiente. O melhor modo de se conseguir isso é descentralizar a administração dos recursos de que dependem as comunidades locais, dando-lhes voz ativa no tocante ao uso desses recursos. Também é preciso estimular as iniciativas dos cidadãos, dar mais poderes às organizações populares e fortalecer a democracia local (CMMAD, 1998, p. 69).

Em continuidade ao trabalho realizado pela CMMAD, foi convocada a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, a “Rio 92”. Representou o principal encontro mundial de Chefes de Estado já promovido para tratar de questões relacionadas com a preservação e a conservação do ambiente e levou à consagração da ideia do desenvolvimento sustentável. Contou com a presença de governantes de 117 países e de 22 mil representantes de 9 mil organizações não governamentais. Firmou-se, ao final da Conferência, um vasto conjunto de convenções, acordos e protocolos, com destaque para a Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento e a Agenda 21, dois documentos que consideraram a participação pública como um dos fatores indispensáveis à proteção ambiental e à obtenção do desenvolvimento sustentável (SENADO FEDERAL, 2012).

A Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento coloca como seu objetivo “estabelecer uma nova e justa parceria global mediante a criação de novos níveis de cooperação entre os Estados, os setores-chaves da sociedade e os indivíduos”, em busca do desenvolvimento sustentável, ponderando, em seus vinte e sete princípios, assuntos como qualidade de vida do ser humano, padrões de produção e consumo, criação de tecnologias inovadoras, adoção de legislação ambiental eficaz, importância das mulheres, jovens e povos indígenas para o desenvolvimento sustentável, a guerra como prejudicial, a necessidade de cooperação do estado e dos povos, além da questão da participação dos cidadão em processos decisórios sobre questões ambientais (ONU, 1992).

A Agenda 21 elenca atitudes a serem seguidas para o enfrentamento da questão ambiental no próximo século. Entre elas, estabeleceu-se que, para a existência de uma cidade sadia, deve-se buscar o aperfeiçoamento do manejo dos assentamentos humanos; a promoção da existência integrada de infra estrutura ambiental: água, saneamento, drenagem e manejo de resíduos sólidos; a promoção de sistemas sustentáveis e energia e transporte nos assentamentos humanos; a promoção do

planejamento e do manejo dos assentamentos humanos localizados em áreas sujeitas a desastres; a promoção de atividades sustentáveis na indústria da construção; a promoção do desenvolvimento dos recursos humanos e da capacitação institucional e técnica para o avanço dos assentamentos humanos. Também se estabeleceu a criação de um Fundo para o Meio Ambiente, com o escopo de ser o suporte financeiro para o alcance das metas fixadas no documento (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 1995).

Em 2012, aconteceu a Conferência das Nações Unidas sobre meio Ambiente Sustentável (CNUDS), intitulada Rio+20, que gerou o documento “O Futuro que Queremos” que teve como objetivo geral a renovação do compromisso político dos Estados com o desenvolvimento sustentável, abordando dois temas principais: a economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza e a estrutura institucional para a promoção do desenvolvimento sustentável e podem ser mencionados nesse rol: água e saneamento, turismo, transporte e cidades (SENADO FEDERAL, 2012).

Foram elencados objetivos de Desenvolvimento do Milênio, como: erradicar a pobreza extrema e a fome; fornecer educação primária universal; promover isonomia de gênero e aumentar a autonomia da mulher; reduzir taxa de mortalidade infantil; melhorar a saúde materna; combater a AIDS, a malária e outras doenças; assegurar sustentabilidade ambiental; e desenvolver parcerias globais para o desenvolvimento. E dez objetivos para o Desenvolvimento Sustentável: erradicação da pobreza extrema; segurança alimentar e nutricional; acesso a empregos adequados (socialmente justos e ambientalmente corretos); acesso a fontes adequadas de energia; equidade – intra geracional, inter geracional, entre países e dentro de cada país; gênero e empoderamento das mulheres; micro empreendedorismo e microcrédito; inovação para a sustentabilidade; acesso a fontes adequadas de recursos hídricos; e adequação da pegada ecológica à capacidade de regeneração do planeta (SENADO FEDERAL, 2012).

No Brasil, com a ascensão dos problemas ambientais, na década de 1970, houve um aumento da conscientização da população quanto à necessidade de proteger o meio ambiente surgindo grupos e associações ambientalistas no Brasil. Em 1981, foi criado o Conselho Nacional do Meio Ambiente - CONAMA (SILVA-SANCHEZ, 2000).

O aumento da participação pública na proteção do meio ambiente provocou o aumento de associações ambientalistas e o fortalecimento do Ministério Público

como órgão independente e atuante. Formou-se a Frente Nacional de Ação Ecológica na Constituinte, o que contribuiu para a inserção de todo o capítulo referente ao meio ambiente na Constituição Federal de 1988 (FURRIELA, 2002).

Contudo, foi na década de 1990, com o marco da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro, que o movimento ambientalista brasileiro tomou força com a aproximação definitiva com os outros movimentos sociais (indígenas, negros, mulheres, trabalhadores urbanos e rurais, jovens, etc.), conforme Silva-Sanchez (2000).

Contudo, tanto no Brasil como internacionalmente, observam-se movimentos ambientais que demonstram a necessidade de minimizar os impactos que as sociedades humanas vêm causando no meio ambiente. Ao mesmo tempo, mostra-se cada vez mais a importância e a necessidade de que esse processo seja realizado com a participação de todas as pessoas envolvidas, ou seja, da humanidade como um todo.

2.2. Permacultura

A Permacultura foi criada na década de 1970 por Bill Mollison e David Holmgren. O termo é formado pela fusão das palavras *permanentagriculture* (agricultura permanente). Inicialmente consistia no desenvolvimento de uma estrutura de trabalho, evoluindo para um sistema de agricultura sustentável. Com o passar do tempo, passou a abranger um significado mais amplo na esfera cultural, sendo seu significado redefinido para "cultura permanente" (MOLLISON, 1994). Sua definição varia entre fontes e apresenta uma expansão de assuntos ao longo do tempo. Em 1978, foi assim definida por seus criadores:

Permacultura é uma palavra que cunhamos para um sistema evolutivo integrado de espécies vegetais e animais perenes ou auto-perpetuantes úteis ao homem. Em essência, é um ecossistema agrícola completo, modelado sobre exemplos existentes, porém mais simples (MOLLISON & HOLMGREN, 1983, p.15).

Em 1979, para Bill Molisson:

Permacultura é principalmente um sistema agrícola conscientemente projetado, um sistema que combina design da paisagem com plantas e animais perenes para criar um recurso seguro e sustentável para a cidade e o país. Uma tecnologia verdadeiramente apropriada que proporciona altos rendimentos para insumos de baixa energia e usa apenas habilidade

humana e intelecto para alcançar um recurso estável de grande complexidade e estabilidade (MOLLISON, 1979, p.1).

Para Holmgren (2013), a permacultura pode ser definida por

[...] paisagens conscientemente planejadas que imitam os padrões e as relações encontrados na natureza, enquanto produzem uma abundância de alimento, fibra e energia para prover as necessidades locais. As pessoas, suas construções e os modos como elas se organizam são centrais para a permacultura. Assim, a concepção de permacultura como agricultura permanente (sustentável) evoluiu para uma de cultura permanente (sustentável). [...] a permacultura não se resume apenas à paisagem, ou mesmo às técnicas de agricultura orgânica, ou às formas de produção sustentáveis, às construções eficientes quanto ao uso de energia, ou ao desenvolvimento das eco-vilas, mas ela pode ser usada para projetar, criar, administrar e aprimorar esses e todos outros esforços feitos por pessoas, famílias e comunidades em busca de um futuro sustentável. (HOLMGREN, 2013, p.33).

Segundo Ferguson & Lovell (2014), a permacultura tem suas principais influências conceituais na literatura britânica e norte-americana sobre práticas agrícolas do início dos anos 1900, o que sugere que a palavra "permanente" tenha sido usada de forma análoga ao atual termo "sustentável", utilizando o termo "agricultura permanente" para contrastar com "agricultura sedentária". O trabalho do ecologista Howart T. Odum¹⁶ também foi uma referência, pois desenvolveu a influente estrutura de Sistemas de Ecologia, na qual se tem uma perspectiva de que os ecossistemas funcionam como redes através das quais a energia flui, é armazenada e transformada, podendo ser comparados aos circuitos eletrônicos, justificando a ênfase da permacultura no projeto de sistemas inteiros. Também aplicou conceitos do Sistema "Keyline" (linha mestra), desenvolvido pelo agricultor e escritor P.A. Yeomans, que consiste em um sistema que integra métodos para análise de paisagens com o gerenciamento integral das águas de uma fazenda, estratégias de construção do solo e o desenvolvimento de novos desenhos de cisternas para uso no sistema, sendo uma aplicação inovadora de design para paisagens agrícolas (FERGUSON & LOVELL, 2014).

Pode-se entender que a permacultura visa a uma cultura permanente (sustentável), procurando entender como os sistemas ecológicos funcionam suprindo as

¹⁶ Odum propõe uma abordagem para o design de ecossistemas novos e produtivos, em que as espécies são consideradas como componentes de sistemas distintivos, mas intercambiáveis que devem ser selecionados de um "pool" global, independentemente do lugar de origem. Nessa visão, os insumos e saídas distintivos de cada espécie se conectarão em novas montagens, e o intercâmbio de energia e recursos entre os componentes do sistema substituirá o trabalho humano e os insumos materiais. Ver mais em ODUM, 1994.

necessidades humanas básicas, em harmonia com a natureza de forma prática e cooperativa com o menor gasto de energia possível.

Para isso, seus idealizadores indicaram princípios de design e uma ética da vida que permeia aspectos ambientais, comunitários, econômicos e sociais baseada no cuidado com a Terra, cuidado com as pessoas e contribuição do excedente (MOLLISON, 1994).

Segundo Mollison (1994), o cerne da permacultura é o Design, pois representa a conexão entre elementos. Para permitir que um componente do projeto (tanque, casa, arvoredo, jardim, quebra-vento etc.) funcione eficientemente, deve-se colocá-lo no lugar certo.

Holmgren (2007) afirma que os princípios devem proporcionar uma orientação na escolha e desenvolvimento de aplicações úteis, e por isso, devem incorporar conceitos mais gerais de design de sistemas, ser expressos numa linguagem que seja acessível a pessoas comuns e em consonância com fontes tradicionais de sabedoria e bom senso.

Existem nove princípios elencados por Mollison (1994), inerentes a qualquer projeto permacultural, compreendendo, basicamente, a “localização relativa em que cada elemento é posicionado em relação a outro, de forma que se auxiliem mutuamente”; a execução de muitas funções sob a responsabilidade de cada elemento; o apoio a cada função importante por muitos elementos”; o “planejamento eficiente do uso de energia”; a “preponderância do uso de recursos biológicos sobre o uso de combustíveis fósseis”; a “reciclagem local de energias”; a “utilização e aceleração da sucessão natural de plantas”; a “policultura e diversidade de espécies benéficas”; e a “utilização de bordas e padrões naturais para um melhor efeito” (MOLLISON, 1994, p. 17).

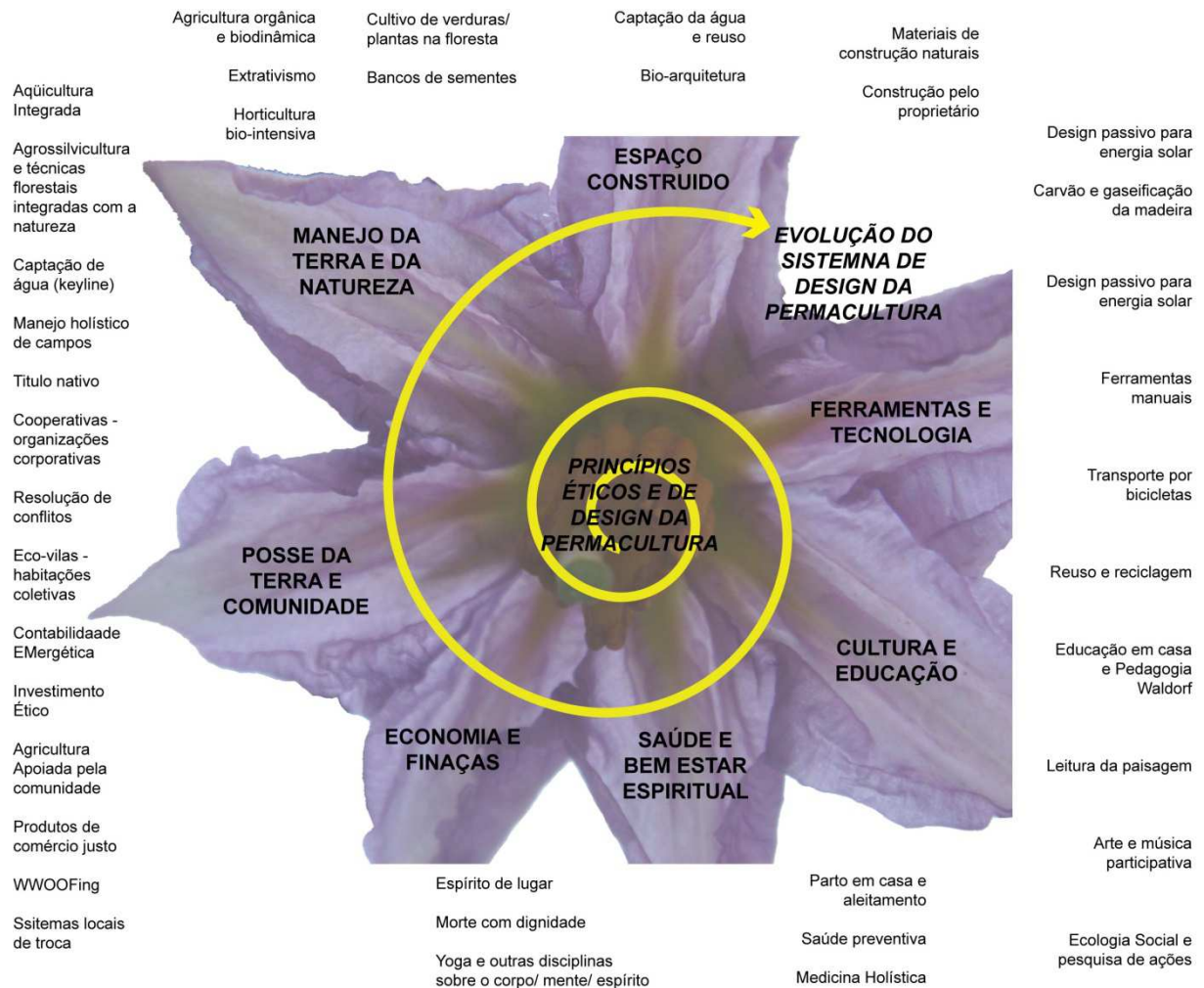
E doze princípios de design foram apresentados por Holmgren (2007), cada um expressando uma afirmação de ação positiva, como “observe e interaja”; “capte e armazene energia”; “obtenha rendimento”; “pratique a auto-regulação e aceite feedback”; “use e valorize os serviços e recursos renováveis”; “não produza desperdícios”; faça o design partir de padrões para chegar aos detalhes; integre ao invés de segregar; “use soluções pequenas e lentas”; “use e valorize a diversidade”; “use as bordas e valorize os elementos marginais”; e “use criativamente e responda às mudanças” (HOLMGREN, 2007, p.11-25).

Esses princípios são colocados em prática a partir de instrumentos, como o

zoneamento e a setorização, no Design permacultural. As zonas são áreas numeradas de 0 a 5, conforme sua frequência e necessidade de utilização e visita, ou seja, sua manutenção. A zona “0” é aquela que exige maior manutenção, e a zona “5”, apenas visitas. Sua localização baseia-se em um centro de atividades (normalmente a casa); quanto maior a manutenção, mais próxima desse centro a zona será localizada, assim prevendo um menor gasto de energia. Os setores tratam de energias (sol, luz, vento, chuva, fogo) que não se podem dominar, vêm de fora do sistema e passam por ele, podendo-se impedir ou enfraquecer a energia que chega, desviá-la para usos especiais ou mesmo abrir o setor a essa energia, caso convenha (MOLLISON, 1994, p. 17).

Desta forma, a Flor da Permacultura (Figura 1) representa uma visão mais ampla sobre os princípios éticos e de design da Permacultura, como recursos físicos e energéticos e organizações humanas. É representada por um diagrama de uma flor com um caminho em espiral que percorre os domínios fundamentais necessários para a criação de uma cultura sustentável, seguindo um fluxo que começa por um nível pessoal e local e evoluindo para um nível coletivo e global. Esses domínios são representados pelas sete pétalas: ferramentas e energia; cultura e educação; saúde e bem-estar espiritual; economia e finanças; posse da terra e comunidade; manejo da terra e da natureza e espaço construído e associados a soluções, campos específicos e sistemas de design mostrados em sua periferia.

Figura 2. Flor da Permacultura



Fonte: Adaptado pela autora, baseado em Holmgren (2013, p.34).

A permacultura também prevê estratégias para o meio urbano, sendo chamada de Permacultura Urbana. Nesse sentido, é proposta a utilização de terrenos ociosos nas cidades para produção de alimentos; da terra de modo cooperativo, como clubes de horticultores e jardineiros; de esquinas e edifícios desocupados para produção de alimento; também se propõe buscar o auxílio das autoridades, que podem ser receptivas e oferecer recursos e parcerias entre idosos e jovens para plantio em áreas urbanas (MOLLISON & HOLMGREN, 1983).

Um sistema permacultural defende que cultivar nossa própria comida é fundamental. Assim, essa atitude não pode ser desencorajada por limitações no tamanho do quintal. De acordo com Legan (2008), qualquer espaço pode virar um espaço para plantar.

Em áreas urbanas, muitas pessoas deixam o sonho de um jardim ou horta de lado por acreditarem não ser possível viabilizá-lo no espaço onde vivem. Não é verdade! Onde haja sol, as plantas irão crescer, dentro de uma jardineira na janela, em uma sacada ou em um telhado. É possível, sim, construir um espaço verde em pequenas áreas urbanas. Existem varias estratégias para isso. Com um planejamento cuidadoso, você pode criar um jardim comestível ou, se o espaço permitir, até um lugar para as crianças brincarem. Um jardim é um jardim, não importa o seu tamanho (LEGAN, 2008, p.5).

Contudo, a permacultura, seja no espaço rural ou urbano, encoraja a prática de seus princípios éticos e de design em busca por sociedades humanas sustentáveis. Neste trabalho, foi utilizada a permacultura nos três estudos de caso realizados em centros urbanos.

2.3. Bioconstrução

A bioconstrução é definida por Brasil (2008) como a “construção de ambientes sustentáveis por meio do uso de materiais de baixo impacto ambiental, adequação da arquitetura ao clima e tratamento de resíduos”, e, assim como a bioarquitetura, constitui um dos campos do espaço construído abordado como um dos domínios fundamentais da Flor da permacultura.

O termo “Bioarquitetura”, uma “arquitetura com vida”, foi criado por Johan Van Lengen, nascido na Holanda e autor do livro “Manual do arquiteto descalço”, pela associação com o termo “Bioarte”. Lengen “fixou residência na região serrana do Rio de Janeiro (1987), onde construiu o Tibá, lugar de encontros e estudos voltados para o desenvolvimento humano e a realização de uma consciência ambiental mais plena” (YUAN, 2013, p.2). Tibá, que, em língua tupi, quer dizer “lugar onde muita gente se encontra”, é a sigla do Instituto de Tecnologia Intuitiva e Bioarquitetura.

Para Minke (2006), a bioconstrução considera e analisa o ciclo de vida dos materiais, todos os processos pelos quais os materiais utilizados na construção são submetidos, sua extração, manejo da matéria-prima, distâncias percorridas até chegar ao local de uso, durabilidade, degradação e sua reintegração e impactos à natureza, à saúde humana, possibilitando escolhas conscientes e responsáveis ambientalmente e preservando o futuro das próximas gerações.

Desta forma, a bioconstrução une a ecologia, a arquitetura e o urbanismo, priorizando a utilização de materiais naturais (a terra, madeira, bambu, pedras) e da região, visando a soluções de construção com o mínimo impacto ambiental possível

e maior integração com a natureza, identificando o edifício como um organismo vivo, com seu tempo de vida, transformações e necessidades.

Da mesma forma que a permacultura, a bioconstrução se apresenta como uma alternativa mais consciente e sustentável para minimizar o impacto que a construção civil causa hoje no meio ambiente. É preciso reconhecer que o setor da construção civil é responsável por consumir cerca de 20% a 50% do total de recursos naturais utilizados pela sociedade (JOHN, 2003 apud BARRA; PASCHOARELLI; RENÓFIO), sendo a indústria da construção a atividade humana que causa maior impacto ambiental (JOHN & OLIVEIRA & AGOPYAN, 2006 apud OLIVEIRA, 2009).

Soares (2007) considera a terra como o material de construção mais abundante do planeta, utilizado para construir mais da metade das habitações em todo o mundo. A arquitetura de terra é uma das mais antigas, sendo utilizada há mais de dez mil anos, conquistando avanços importantes nos últimos anos, agregando tecnologia para melhorar ainda mais a qualidade, a durabilidade, o conforto térmico e a sanidade dessas construções (SOARES, 2007).

Durante o preparo, transporte e trabalho numa construção com terra, necessita-se de 1% da energia despendida para o mesmo serviço em uma construção que utiliza concreto armado, além de ser um material que nunca causará contaminação do meio ambiente (MINKE, 2006).

Nas vivências de bioconstrução, estudo de caso deste trabalho, foram utilizadas técnicas como o banheiro seco de compostagem e quatro técnicas construtivas que usam a terra em sua composição: o COB, a taipa de mão ou pau a pique, a terra ensacada e o calfitice, apresentadas a seguir.

2.3.1. COB

O COB tem sua origem na Inglaterra da Idade Média, quando era usado para construir casas coletivas esculpindo paredes com as próprias mãos, imprimindo no barro formas, desenhos e texturas, preservadas até hoje, com edificações de até três pavimentos. A técnica foi esquecida durante o processo da industrialização da construção, que trouxe materiais de produção em série e o uso do concreto. Como a parede precisa ser espessa (30 centímetros), é possível esculpir nichos para expor livros, artesanato, louça da cozinha, armário para as roupas, bancos, sofás, lareiras,

bioesculturas e aberturas para a luz natural em diferentes formatos. (SOARES, 2007). Sua execução consiste em misturar terra, areia, água e palha seca, pisando até virar uma massa moldável e aplicável manualmente.

2.3.2. Taipa de mão ou pau a pique

Conhecida no Brasil como taipa de mão, taipa de sopapo, pau a pique ou também taipa, recebe nomenclaturas diferentes em outros lugares do mundo. Caracteriza-se por ser composta por uma estrutura portante de madeira ou bambu e uma auxiliar (entramado), feita com vários materiais de origem vegetal ou industrial, com um enchimento de terra ou barro, exigindo aplicação de revestimento após a sua retração e secagem para deter o efeito desagregador. Esse sistema é denominado pelo PROTERRA (2003) como “técnica mista”, e seu uso se dá em climas variados e em diversas altitudes, tendo um excelente desempenho mesmo durante os abalos sísmicos e um comportamento acústico e térmico eficientes (NEVES & FARIA, 2011). É uma técnica simples de construção, muitas vezes tratada com preconceito pela aparência rústica. No Brasil, foi trazida pelos portugueses e, desde então, é muito utilizada no meio rural, no sertão central e nordestino. Na África, é bastante comum fazer o acabamento da taipa com motivos decorativos (geométricos ou figurativos) ou escultóricos, acabamento não encontrado no Brasil.

2.3.3. Terra ensacada

O termo terra ensacada abrange todas as técnicas construtivas que usam sacos como fôrmas para conter a terra (estabilizada ou não) antes, durante e depois da compactação, formando um elemento construtivo no lugar desejado. Os sacos podem ser de diversos tamanhos (individuais ou contínuos) e, dependendo do tipo de saco e do projeto, é indicado o uso de arame farpado, aumentando o atrito entre as fiadas e a resistência à tração (SANTOS, 2015).

Essa técnica evoluiu das técnicas de construção de barragens, trincheiras e diques militares temporários, sendo usada para abrigos de construção rápida e como alternativa arquitetônica (GONÇALVES; GOMES, 2012 apud SANTOS, 2015). Hoje é utilizada para fazer fundações, muros de arrimo, estruturas autoportantes e

coberturas em domo, sendo resistentes a terremotos e possuindo isolamento térmico eficiente e baixo custo.

Seus primeiros registros para abrigo humano (abrigos militares) datam do início do século XX, na França e na Coreia (GEIGER, 2015d apud SANTOS, 2015), mas foi o arquiteto iraniano Nader Khalili quem difundiu a técnica na década de 1980, recebendo o nome de superadobe. Ganhou o prêmio em um concurso oferecido pela NASA, agência espacial americana, voltado para arquitetos e engenheiros; o desafio consistia em desenvolver uma técnica de construção que fosse viável para a construção de uma base na lua (SOARES, 2007).

2.3.4. Calfitice

O calfitice é uma técnica colombiana muito utilizada nas construções com bambu, para a proteção deste contra a umidade. Seu nome vem da contração das palavras de sua composição: Cal (10%) + fibra + tierra (80%) + cemento (10%) = CAL FI TI CE. É muito utilizada como estrutura, em reboco e em coberturas com uma maior dosagem de cal e cimento e impermeabilização com resina à base de água, tornando-se um exemplo do uso racional do cimento (pequena dosagem) e uma alternativa para locais onde os recursos naturais para a construção são reduzidos, como é o caso das cidades (AMARO, 2008).

2.3.5. Banheiro Seco de Compostagem e de Desidratação

Os banheiros secos são classificados, em relação ao tratamento das fezes, em dois tipos: os sanitários de compostagem e os sanitários de desidratação.

Os sanitários de compostagem promovem a decomposição biológica dos excrementos humanos através de bactérias aeróbias e outros microrganismos, em condições controladas, como o bom arejamento para atividade bacteriana, o teor de umidade de 50% a 60%, a relação Carbono: Nitrogênio (C: N) de 15:1 a 30:1, e ainda o controle da temperatura, que deve estar acima de 15° (ESREY et al., 1999 apud DEMENIGHI, 2012).

Os sanitários de desidratação têm por princípio a secagem ou retirada de toda a água contida no material armazenado na câmara através de calor por evaporação, ventilação e a adição de um material secante, resultando na diminuição dos

patógenos e na ausência de odores e moscas (ESREY et al., 1999 apud DEMENIGHI, 2012).

Principalmente no oriente, a humanidade utiliza banheiros secos há centenas de anos, sendo as fezes humanas secas ao sol e utilizadas como fertilizante, e a urina, evaporada (PEASEY, 2000 apud DEMENIGHI, 2012). Em relação aos banheiros convencionais (que utilizam água em sua descarga), economizam a água, possibilitam o reuso das excreções tratadas como nutrientes na agricultura, têm baixo custo e são de fácil instalação.

2.4. Leitura Da Paisagem

[...] Uma roda de madeira posta no chão não é, *para a visão*, aquilo que é uma roda carregando um peso. Um corpo em repouso porque nenhuma força se exerce sobre ele não é para a visão aquilo que é um corpo em que forças contrárias se equilibram. A luz de uma vela muda de aspecto para a criança quando, depois de uma queimadura, ela deixa de atrair sua mão e torna-se literalmente repulsiva. A visão já é habitada por um sentido que lhe dá uma função no espetáculo do mundo, assim como em nossa existência. O puro *quale* só nos seria dado se o mundo fosse um espetáculo e o corpo próprio um mecanismo do qual um espírito imparcial tomaria conhecimento. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 83).

O conceito de paisagem permeia diversos campos do conhecimento, incluindo o conhecimento não formal e o conhecimento de populações tradicionais, assumindo significados diferentes, dependendo da área do conhecimento, autor e enfoque da pesquisa. É objeto de estudo de várias áreas do saber e seu sentido alterou-se no âmbito dos paradigmas que se foram impondo no contexto científico.

Desta forma, a paisagem assume um caráter interdisciplinar podendo ser entendida por um geólogo de maneira diferente daquela vista por um historiador, pintor, sociólogo, antropólogo, filósofo, paisagista, jardineiro ou arquiteto, embora, neste trabalho, a consideremos dentro de uma abordagem que ultrapassa os campos disciplinares.

De acordo com Magnoli (1982), a paisagem pode ser entendida não só pelo seu aspecto natural (rios, lagos, bosques, matas, campos), mas também como o resultado do equilíbrio entre múltiplas forças e processos temporais e espaciais, sendo considerada como uma resultante das relações entre os processos sociais e os processos naturais, considerando-a uma simbiose entre o homem e suas relações com a sociedade e com o mundo natural (elementos físicos naturais).

Para Leite (2006), a paisagem “é resultado do equilíbrio entre múltiplas forças e processos temporais e espaciais”, sendo “um reflexo da visão social do sistema produtivo”, transformando-se constantemente, acompanhando a “evolução dos padrões culturais”; assim, “a paisagem modificada pelo homem não é uma paisagem antinatural, mas uma paisagem cultural que deve atender a critérios tanto funcionais quanto estéticos” (LEITE, 2006).

Milton Santos diferencia a paisagem do espaço, sendo a primeira a materialização de um instante da sociedade, como em uma fotografia; e o segundo, contendo o movimento, formando um par dialético, complementando-se e opondo-se (SANTOS, 1988; p. 72).

Pode ser vista também como uma dimensão sensorialmente perceptível do espaço e a expressão física, morfológica da interação da sociedade com os processos do suporte ecológico no tempo, incluindo não apenas os espaços livres e construídos, mas igualmente a dinâmica das relações sociais, o inerte e o vivo, os objetos e as pessoas (LIMA, 2004 apud QUEIROGA, 2007).

Segundo Sandeville (2005), a “paisagem, mais do que espaço observado, trata-se de espaço vivenciado, da sensibilidade das pessoas com seu entorno”, um espaço que vai além da observação, constituído a partir de vivências, sentidos e experiências compartilhadas, e pensado “como um vasto campo de significados, tensões e contradições sociais” (SANDEVILLE, 2005).

Entender a paisagem em sua concretude é entendê-la como resultante da ação histórica dos homens em interação com a natureza, ou seja, como conformação em câmbio de processos naturais e humanos num sítio (lugar, região). É, portanto, um termo complexo, a implicar em sínteses diversas, posto que a realidade designada seja complexa e interativa. Como arquitetos, creio que nos interesse um conceito operativo para nossas práticas, as quais envolvam a intelecção e a organização do espaço em escalas diversas. Portanto, na percepção da paisagem (sua imagem, aspecto e significado, que é cognição), interessa-nos sua materialidade em processo e significação. (SANDEVILLE, 2005, p.54)

Segundo Besse (2014, p. 21 e 22), “a paisagem é como um texto humano a ser decifrado”, um “pensamento oculto”, um “lugar de memória”, um “ponto de vista”, um “modo de pensar e perceber” do ser humano, sendo vista como uma interpretação, uma leitura, uma linguagem, uma apropriação cultural do mundo pelo sujeito individual ou coletivo.

A paisagem fala-nos dos homens, dos seus olhares e dos seus valores, e não propriamente do mundo exterior. Na realidade, só haveria paisagens interiores, mesmo se essa interioridade se traduz e se inscreve “no exterior”, no mundo. (BESSE, 2014, p.13).

Desta forma, podem-se obter várias leituras da paisagem diferentes para o mesmo lugar em um mesmo espaço e tempo, dependendo de quem lê e a vivência.

Besse (2006a) explica que existem “cinco portas da paisagem”, “cinco problemáticas paisagísticas” que coexistem no pensamento contemporâneo e que não se superpõem exatamente: “a paisagem como representação cultural e social”, “a paisagem como território fabricado e habitado”, “a paisagem como meio ambiente material e vivo das sociedades humanas”, “a paisagem como experiência fenomenológica” e “a paisagem como projeto”.

Besse (2006b) explica ainda:

A paisagem é o espaço do sentir, ou seja, o foco original de todo o encontro com o mundo. Na paisagem, estamos no quadro de uma experiência muda, “selvagem”, numa primitividade que precede toda instituição e toda significação. Vê-se que a concepção desenvolvida por Strauss traz uma ruptura com a concepção “clássica” que faz da paisagem uma “extensão de território que se pode abarcar num lance de vista”. A paisagem significa participação mais que distanciamento, proximidade mais que elevação, opacidade mais que vista panorâmica. A paisagem, por ser ausência de totalização, é antes de mais nada a experiência da proximidade das coisas. (BESSE, 2006b, p.80)

Merleau-Ponty (1994) exemplifica a perspectiva do homem encarnado em contraponto a perspectiva do sobrevoo:

[...] posso sobrevoar o apartamento em pensamento, imaginá-lo ou desenhar sua planta no papel, mas mesmo então eu não poderia apreender a unidade do objeto sem a mediação da experiência corporal, pois aquilo que chamo de uma planta é apenas uma perspectiva mais ampla: é o apartamento “visto de cima”, e, se posso resumir nela todas as perspectivas costumeiras, é sob a condição de saber que um mesmo sujeito encarnado pode ver alternadamente de diferentes posições (MERLEAU-PONTY, 1994, p.273).

Percebe-se, tanto no texto de Besse (2006b) quanto no de Merleau-Ponty (1994), a valorização da experiência vivida “de perto”, percebendo detalhes e minúcias que a distância não permite enxergar, captar, sentir.

Sendo assim, as vivências de bioconstrução, estudo de caso deste trabalho, trazem essa paisagem a ser vivida, experimentada pelos participantes, uma paisagem em

movimento, sendo modificada pelos próprios expectadores/participantes através das suas ações, interações, reflexões, conscientização, enfim, sua vivência.

Como toda experiência que passamos na vida, nenhuma das vivências de bioconstrução estudadas se repete, nenhuma é igual à outra, pois proporcionam uma imersão na paisagem que propõe e possibilita, na situação presente, a experiência de uma forma de fazer diferente do usual, costumeiramente feito no dia a dia.

Utilizou-se o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) para captar essa leitura, por possibilitar a generalização dos resultados numa escala coletiva, aparecendo como depoimento sob a forma de discurso através da análise de conteúdo coletado a partir de entrevistas.

Desta forma, considera-se o método do DSC como uma ferramenta fundamental para a leitura da paisagem das vivências de bioconstrução¹⁷, possibilitando a captação e compreensão da realidade vivida nessas atividades, podendo-se obter enfoques, ângulos, pontos de vista diferentes, através de uma leitura coletiva, mais completa e concreta, desta paisagem.

¹⁷

Ver Capítulo Vivências de Bioconstrução.

3. ESTUDO DE CASO: VIVÊNCIAS DE BIOCONSTRUÇÃO

3.1. Vivência Projeto “Praça Cultura Viva” – Praça Val Rai

Figura 3. Praça Val Rai.



Fonte: autora, 2017.

Figura 4. Praça Val Rai.



Fonte: autora, 2017.

O projeto “Praça Cultura Viva”, foi contemplado pelo Programa Municipal de Estimulo à Cultura de Bauru por três vezes, com a realização de sua primeira fase em 2009, a segunda fase em 2013, e a terceira fase em 2015. Teve como proposta a intervenção cultural e conscientização ambiental através de manifestações artísticas,

como vivências de bioconstrução e aulas de teatro com a comunidade do entorno da Praça Val Rai (figura 5), localizada no Jardim das Orquídeas em Bauru – SP. As atividades visavam à apropriação do espaço público, por considerá-lo fundamental para desencadear um processo de reflexão sobre questões artístico-culturais, sociais, econômicas e políticas, resultando em um projeto paisagístico participativo para a praça, sua execução e inauguração. Seu nome foi dado em homenagem ao artista bauruense Valdir Aparecido Raimundo - “Val Rai”, falecido em 2008, que teve sua atuação e trajetória artística voltada para a técnica Butoh.

Figura 5. Vista aérea da localização da Praça Val Rai.



Fonte: Elaborado pela Autora a partir da imagem do Google Earth.

3.1.1. Primeira fase do Projeto “Praça Cultura Viva” (2009)

Logo no início, este projeto apresentou desafios. Foi elaborado em 2006, aprovado pela comissão julgadora apenas em 2007, e seu contrato assinado após um ano dessa aprovação, em 2008, sendo necessária a reorganização do plano de ação proposto no projeto anteriormente.

Por se passarem três anos desde o seu envio, alguns de seus idealizadores haviam se mudado de Bauru, como o arquiteto responsável pelas atividades relacionadas à bioarquitetura, tornando-se necessário um estagiário de arquitetura que apoiasse o projeto. Foi assim que a autora foi convidada a fazer parte da equipe.

Por ser um projeto financiado pela Secretaria Municipal de Cultura de Bauru, mas executado em uma praça (espaço público), envolvendo a comunidade do entorno e

a escola em frente, sempre que se entrava em contato com uma das Secretarias Municipais para apresentar o projeto e solicitar apoio, havia o questionamento sobre se esse projeto seria da área da Cultura, do Meio Ambiente, do Bem Estar Social, da Educação ou da Secretaria de Obras.

Logo no começo, o caráter interdisciplinar do projeto foi uma questão a ser esclarecida e um desafio a ser superado, causando, em alguns casos, uma dificuldade para a sua compreensão e para a colaboração com o mesmo, julgando que a responsabilidade de realizá-lo e apoiá-lo seria de apenas uma Secretaria. Ao mesmo tempo, foi gratificante, ao seu final, presenciar a união dessas Secretarias em prol da realização dessa fase do projeto da praça para o uso de toda a comunidade.

Outro desafio foi o fato de o Prefeito Municipal ter acabado de assumir seu mandato naquele início de ano, havendo a necessidade de aguardar a posse dos recém-nomeados Secretários Municipais do Meio Ambiente, Obras, Educação e Cultura para o princípio dos trabalhos.

Com o objetivo de compreender as dinâmicas sociais que permeiam o bairro, iniciou-se o processo de mapeamento, coleta de dados/informações, levantamento dos aspectos físicos do bairro (ruas, bares, escola, igrejas, estabelecimentos comerciais). Percebeu-se que o local estava bastante degradado, que era reservado para praça, mas não possuía nenhuma infraestrutura; as ruas com as quais fazia divisa, mesmo em frente à escola, não eram asfaltadas, sem guias ou calçadas, com a presença de apenas um bosque, na parte mais baixa, uma árvore centenária, próximo ao seu centro, e algumas árvores espalhadas na parte mais alta. O local era utilizado como depósito de lixo ou, segundo os moradores do entorno, bolsão de entulhos (figura 6).

Figura 6. Primeira visita à Praça Val Rai.



Fonte: a autora, 2009.

Foram abordados moradores do entorno, estudantes da Escola Estadual “Prof. Francisco Alves Brizola”, transeuntes que passavam pela rua, trabalhadores dos comércios ao redor, além do síndico do condomínio vertical localizado em frente à Praça, e pessoas que tinham certo envolvimento com o local, cuidando da área dentro das suas limitações/possibilidades.

Visitou-se a Escola Estadual “Prof. Francisco Alves Brizola”, com aproximadamente mil alunos distribuídos entre 5ª à 8ª series e curso colegial, localizada em frente à praça com alunos moradores de quatro diferentes bairros - Ferradura Mirim, Jardim Manchester, Santa Terezinha e Tangará - fez-se contato com a direção, coordenadores pedagógicos, professores e a coordenadora do Projeto “Escola da Família”, com o objetivo de esclarecer o Projeto e solicitar o apoio e participação dos integrantes de cada setor da Unidade Escolar e da população moradora do entorno da praça nas atividades de teatro e de bioarquitetura.

As aulas de teatro aconteciam uma vez por semana no espaço da Escola da Família e tinham o objetivo de utilizar essa arte e o processo do “fazer teatral” para fortalecer o indivíduo e ampliar seus conhecimentos, através do despertar da criatividade e o espírito de equipe, desenvolvimento da expressão individual, apresentação de técnicas de encenação, ampliação do conhecimento artístico e do gosto pela pesquisa e utilização de materiais recicláveis estimulando a mentalidade ecológica.

No dia da inauguração da bioescultura, foram apresentadas peças montadas durante as aulas.

Como a praça é um espaço aberto, não havia lugar para guardar os materiais para as atividades e construção, e a escola foi uma parceira importante também nesse sentido, pois disponibilizou o local da escola para guardar alguns materiais e utilização de banheiros, além do apoio oferecido pela professora responsável pelo Programa Escola da Família¹⁸, que não só acompanhou e apoiou o projeto, mas participou ativamente dele.

Conversou-se também com o síndico do condomínio vertical (figura 7), em frente à praça, que contribuiu informando aos moradores do condomínio as ações que seriam realizadas na futura praça, e permitiu que os porteiros ficassem guardando a praça durante a noite em todo o processo.

Figura 7. Condomínio Vertical



Fonte: autora.

Havia alguns moradores que já enxergavam aquele espaço de forma diferenciada, tomando a iniciativa de plantar árvores que formaram um bosque na parte baixa da praça, cuidando desse espaço até os dias atuais.

Um morador do entorno, o dono da vídeo locadora, distante duas quadras da praça, apoiou a iniciativa desde o início, como na divulgação das reuniões, participação nas

¹⁸ Programa do governo que acontece durante os finais de semana (sábado e domingo) das 9h às 17 h e visa incluir a família no âmbito escolar. Ver mais em <http://www.educacao.sp.gov.br/escoladafamilia/>

vivências de bioconstrução e articulação de um abaixo-assinado para o término da execução do projeto da praça.

Logo de início, alguns moradores do entorno e pessoas da comunidade escolar não apoiaram a ideia de ali ser uma praça, por uma preocupação quanto ao uso do espaço, pois supunham que este seria um lugar que desvalorizaria o entorno e iria atrair usos indesejados ou perigosos. Levantou-se alguns problemas, como a necessidade de iluminação do lugar e uso noturno por jovens usuários de droga, comparando-se o local com o Bosque do Geisel (próximo do local; ver figura 3), que mesmo sendo um lugar amplo, totalmente arborizado, fresco e ventilado, não era confortável, pois estava bastante abandonado em relação ao seu uso e infraestrutura.

Desta forma, em reunião com a Secretaria Municipal de Obras, acordou-se que esta realizaria as obras de infraestrutura básica para a intervenção, como limpeza e nivelamento do terreno, que estava com mato alto e entulhos, colocação de guias, sarjeta e asfalto (figura 8) nas ruas que contornam a praça, necessárias para a viabilização do Projeto, e emprestaria algumas ferramentas necessárias para as Oficinas de Bioarquitetura. Foram esclarecidas também as dúvidas quanto à implantação de pontos de água e iluminação no local.

Figura 8. Colocação de guias.



Fonte: autora, 2009.

Em contato com o engenheiro da Secretaria de Obras, foi discutida a necessidade de proceder um levantamento altimétrico¹⁹ da Praça, a ser desenvolvido pela Secretaria de Obras. Foi apresentado um pedido de iluminação da praça como um todo, mas este precisaria passar por licitação, devido ao seu alto custo, além de ser um processo demorado. Acordou-se sobre a colocação de braços de luz instalados de forma invertida, voltados para a praça, o que já forneceria uma iluminação periférica próxima à intervenção da bioescultura, além de outro próximo à árvore centenária, com o objetivo de evitar a depredação do local durante a noite.

A Secretaria Municipal do Meio Ambiente doou mudas do viveiro municipal, colocou a grama em parte da praça, e, depois, doou miniguias e blocos de concreto para serem utilizados como piso permeável em torno da bioescultura (figura 9). Obteve-se a informação sobre a possibilidade de uma ou mais pessoas adotarem a praça.

Figura 9. Bioescultura com piso de blocos de concreto.



Fonte: autora, 2009.

Para que tudo fosse realizado, era necessária a entrega de ofícios com pedidos relativos a cada questão discutida e soluções acordadas nas reuniões, sendo um grande aprendizado entender os procedimentos de um órgão público para uma boa comunicação e ações eficazes, utilizando e adequando os recursos de que a Prefeitura dispunha, conectando os interesses de todos e viabilizando-os em ações. Após esse primeiro reconhecimento aconteceu a coleta de dados, através de entrevistas e levantando as necessidades prioritárias enumeradas pelos moradores

¹⁹

Levantamento altimétrico em Anexos.

do entorno entrevistados como: bancos, pontos de iluminação e espaço para prática de exercícios, área de entretenimento para crianças e idosos, fontes de água e trailers de lanchonetes.

Houve também a busca de informações sobre a biografia do artista “Val Rai” para fundamentar e dar início às oficinas de criação da primeira bioescultura em sua homenagem. Nas oficinas, ministradas pelo arquiteto responsável pelas atividades de bioarquitetura, que também coordenou as atividades para sua execução, utilizou-se blocos de argila para que as crianças da escola (figura 10) e do entorno pudessem expressar, através de esculturas em pequena escala, o que poderia ser a bioescultura da praça. Tendo como etapas de execução a sua fundação, realizada anteriormente por um pedreiro do entorno, a confecção da massa de COB²⁰ para dar forma à bioescultura (que representava um corpo estilizado dançando e atuando), reboco de calfitice²¹ e a aplicação de mosaico em algumas partes. A pintura e execução do trilho do trem em volta da bioescultura também foram realizadas por um pedreiro.

Figura 10. Atividades de criação da bioescultura com argila com as crianças.



Fonte: autora, 2009.

Em paralelo, houve uma atividade de grafite no muro da escola (figura 11), que havia sido pintado para o início do ano letivo e já estava pichado (figura 12). Os alunos da

²⁰ Ver cap. Bioconstrução.

²¹ Ver cap. Bioconstrução.

Universidade Estadual Paulista (UNESP) realizaram uma oficina com os alunos da escola e moradores do entorno para criar desenhos e em seguida reproduzi-los no muro, formando um grande painel voltado para a praça. Como a pintura do muro não estava prevista no orçamento do projeto, não havia como comprar os materiais necessários; a escola havia acabado de pintá-lo, portanto não havia como solicitar novamente uma verba para esse fim. Um simpatizante do projeto doou o material necessário a esse empreendimento, tornando-o realidade.

Figura 11. Atividades de grafite no muro da escola.



Fonte: autora, 2009.

Figura 12. Muro da escola recém-pintado e pichado.



Fonte: autora, 2009.

Durante as atividades, houve outro evento interessante em relação à sensibilização dos moradores do entorno. Fazia um dia muito quente e todos estavam trabalhando sob o sol, fazendo a massa de COB (figura 13) e, de repente, surgiu um isopor cheio de sorvetes. Chegou-se à conclusão de que os sorvetes podem ter sido enviados por algum morador, que viu a movimentação e quis incentivar a ação. Algumas pessoas participaram ativamente, colocando a mão na massa, outras incentivaram com palavras, sugestões e críticas, e outras, ainda, participaram anonimamente, contribuindo com algo que podiam doar.

Figura 13. Amassando o barro e fazendo a massa de COB



Fonte: autora, 2009.

Desta forma, em setembro de 2009, foi inaugurada a bioescultura, intervenção promovida no terreno destinado à “Praça Val Rai”, chamada de “lançamento” e não “inauguração” da praça, pois ela ainda não estava concluída. Finalizou-se o projeto paisagístico da praça (plano de ação), com base em diretrizes que a população do entorno acordou como importantes para a praça e foi entregue um abaixo-assinado dos moradores dirigido ao prefeito para pedir-lhe obras de infraestrutura para o bairro.

Algo importante a se destacar é que a cidade de Bauru sofre um grande problema com a conservação a manutenção de suas praças. No entanto, depois da intervenção, nem a praça nem a bioescultura foram depredadas, o muro da escola não foi mais pichado, mesmo depois de anos passados, estando sua pintura (grafite) desbotada. Não houve sinais de vandalismo e nem de depredação (figura 14),

mostrando como um espaço público feito e pensado junto com a população é visto e tratado de forma diferente dos demais espaços públicos. Assim, observou-se o uso da praça como espaço de lazer, aos finais de semana e finais de tarde, passando a ser um local para passeios com cachorro, empinar pipas, jogar bola, utilizado também pelas mães que traziam as crianças para brincar no parquinho.

Figura 14. Bioescultura finalizada.



Fonte: autora, 2009.

3.1.2. Segunda fase do Projeto “Praça Cultura Viva” (2013)

A segunda fase do Projeto “Praça Cultura Viva” compreendeu três anos, até ser possível aprovar a proposta no Programa Municipal de Estimulo à Cultura de Bauru, em 2013. O objetivo era dar continuidade ao processo de apropriação do espaço público e conscientização ambiental através de intervenções artísticas, como atividades de bioarquitetura e aulas de teatro.

Nessa fase, a autora, já com algumas experiências em bioconstrução e com sua graduação concluída, pôde assumir a coordenação das atividades de bioarquitetura, retomando os contatos com a escola, líderes do bairro, pessoas do entorno, com as Secretarias e com alunos da Unesp.

A Secretaria de Obras disponibilizou miniguias, bancos, mesas de concreto e a concretagem das calçadas do contorno da praça (figura 15), mas informou que não poderia realizar todos os caminhos propostos no projeto paisagístico original. Por

isso, foi necessária a readequação do desenho do projeto para as quantidades de materiais disponibilizados pela Secretaria de Obras.

Figura 15. Concretagem das calçadas.



Fonte: autora, 2013.

Nesse sentido, convocou-se a população para reuniões de adequação do projeto original (primeira fase) para o projeto de execução com o que se tinha disponível (segunda fase) e realizaram-se entrevistas para atualização da consulta à população sobre quais eram as prioridades para o projeto da praça. Após as reuniões acontecidas no espaço cedido pela Associação de Moradores (figura 16), chegou-se a um projeto viável tanto para os moradores quanto ao que a prefeitura oferecia em relação aos recursos.

Figura 16. Reunião na Associação de Moradores.



Fonte: autora, 2013.

A Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SEMMA) disponibilizou executar o gramado do restante da praça, fornecer mudas de árvores e arbustos ornamentais para os pequenos jardins. Houve a adequação e entrega do projeto paisagístico alterado e seu memorial descritivo para o cadastramento e arquivamento na SEMMA.

Os moradores do bairro organizaram um abaixo-assinado reivindicando conclusão da praça e outras melhorias que gostariam que fosse implantadas na praça, como bancos, iluminação, academia ao ar livre, parquinho para as crianças e pista de caminhada, sendo entregue à prefeitura de Bauru com aproximadamente 500 assinaturas coletadas entre os moradores.

Na ocasião, solicitou-se à Secretaria de Obras uma academia para idosos e um parquinho, com equipamentos similares àqueles que estavam sendo instalados pela Prefeitura em algumas praças, mas nos foi informado que a verba para esse fim já havia sido empenhada, e os equipamentos adquiridos estavam destinados para outros locais. Foi então que, em uma visita ao depósito da Prefeitura, observou-se alguns brinquedos abandonados, provenientes de outros locais, onde haviam sido substituídos por outros mais novos. Estavam precisando de pintura, mas em bom estado, alguns necessitando de pequenos reparos. Através de um ofício, foi solicitada a doação desses brinquedos para a praça. Entre eles havia um gira-gira gigante (figura 17) que precisava de um rolamento para funcionar; a Prefeitura

disponibilizou a mão de obra e os comerciantes do bairro se prontificaram a comprar o rolamento; e o brinquedo renovado pôde ser instalado.

Figura 17. Gira-gira gigante instalado na praça.



Fonte: autora, 2013.

Alguns moradores queriam uma horta na praça, mas como não seria possível cercar a área a ela destinada, verificou-se a possibilidade de a Secretaria Municipal da Agricultura apoiar o projeto, implantando uma horta comunitária no entorno; e foi o que aconteceu.

Houve a retomada das oficinas da primeira fase, como a de argila com alunos da Unesp e do CEVAC, aulas de teatro na Escola da Família, e o grafite do muro foi feito com a coordenação de uma professora de artes da Escola, com iniciativas diferentes e complementares à primeira fase, como a produção de uma cartilha sobre o projeto, desenvolvida por alunos de Design e Jornalismo da Unesp, além da confecção de equipamentos de alongamento com bambu, garrafas pet e barras de ferro.

Inicialmente, o projeto da bioescultura previa um trepa-trepa em formato de tartaruga, mas sua execução não foi autorizada pela prefeitura devido a esta já ter recebido muitos pedidos de indenização em locais públicos por problemas de manutenção sugerindo-se um brinquedo que exigisse menor manutenção e com menos risco de acidentes. Foi assim que o trepa-trepa em formato de tartaruga foi adaptado para uma tartaruga gigante (figura 18), como pode ser verificado no local atualmente.

Figura 18. Tartaruga gigante.



Fonte: autora, 2013.

A parte maior da tartaruga, seu casco, foi preenchida com entulho (figura 19) proveniente do entorno da praça. A ideia surgiu ao observar a quantidade de entulho existente na proximidade e a dificuldade que se teria em preencher aquele volume tão grande. Assim, o lixo urbano pôde ser transformado em um equipamento lúdico. Depois foram feitas as patas e cabeça com o preenchimento de terra ensacada²² e deu-se a forma com a técnica do COB, o reboco feito com a técnica de calfitice e a pintura com tinta látex e pigmento.

²²

Ver cap. Bioconstrução.

Figura 19. Entulho utilizado para preencher casco da tartaruga gigante.



Fonte: autora, 2013.

Ainda houve o plantio de árvores, realizado pela comunidade; a SEMMA fez os berços ou covas, preenchendo com composto, e a população plantou as mudas. A pré-inauguração da praça ocorreu na semana do aniversário da cidade, com a presença do prefeito e secretários, apresentações de dança, música, teatro e de grupos artísticos de Bauru.

Assim, o espaço foi sendo transformado gradativamente, com a ajuda do poder público e da comunidade, uma parceria que deu certo nesse projeto. A população adotou a praça, não oficialmente, mas houve uma divisão em quatro partes, sendo que o bosque continuou sendo cuidado pelo morador que o idealizou e pelo dono de um bar da rua R. Eng. João Batista Pacheco Fantin; a parte central com mesas de concreto, em frente ao ponto de ônibus, passou a ser cuidada pelo condomínio de prédios; o parquinho, pelos comerciantes do entorno; a parte da primeira bioescultura, pela escola; e a parte de cima, pelos moradores que já cuidavam desse local.

3.1.3. Terceira fase do Projeto “Praça Cultura Viva” (2015)

A terceira fase concentrou-se no fechamento de ciclo desse processo, compreendendo a organização de eventos voltados para a celebração da inauguração, com a implantação de uma estátua e um busto em homenagem ao artista Val Rai.

Para fins desta pesquisa, o estudo concentrou-se na primeira e segunda fases, quando aconteceram as vivências de bioconstrução das duas bioesculturas presentes na praça e o movimento de conscientização sobre o espaço urbano ali existente.

Em relação à Coleta de Dados, como as primeiras vivências aconteceram há oito anos, houve uma grande dificuldade de conseguir entrar em contato com os participantes dessas vivências, não só devido ao fato de as crianças não estudarem mais na mesma escola, mas também porque a escola foi transferida de lugar, pois o prédio está sendo reformado há um ano, com mudança de direção, coordenação e quadro de professores. Também se tentou encontrar os participantes através das redes sociais. Desta forma, foram realizadas nove entrevistas com 2 moradores do entorno, 4 universitários, 2 integrantes do projeto e 1 professora da escola. As entrevistas possibilitaram revelar a leitura da paisagem dessas vivências de bioconstrução, sob a perspectiva dos participantes entrevistados, através do método do Discursos do Sujeito Coletivo.

3.1.4. DSC – Projeto “Praça Cultura Viva” – Praça Val Rai

<i>1 - De que vivência(s) você participou? Que atividade(s) realizou? Descreva, por favor, o que aprendeu e/ ou ensinou.</i>	
Ideia central - 1	Discurso do Sujeito Coletivo - 1
Para que a “Praça Cultura Viva” acontecesse, houve um trabalho coletivo com vários passos e atividades, desde reuniões para o conceito do projeto até a sua concretização.	Eu participei do projeto que chama “Praça Cultura Viva” desde o começo, desde as reuniões pra fazer o conceito do projeto até a sua concretização. É um trabalho coletivo, não é? E para tudo isso ter acontecido, nós tivemos vários passos porque esse projeto não foi aprovado na primeira instância, nós tivemos essa dificuldade. Tivemos que defender isto, ter contato com a Secretaria de Cultura, pra esta poder compreender o que era uma praça, onde que estava a cultura embutida nisto? Para a Secretaria do Meio Ambiente, a importância da cultura presente. E depois, nós estivemos também com a Secretaria de Obras, com o Prefeito Municipal e a Secretaria de Agricultura. A aprendizagem foi assim, conhecer primeiro aquele bolsão de entulhos. Então, nós pensamos assim: o que que nós temos que fazer para diminuir isto e para as pessoas cuidarem? Foi onde a gente começou a desenvolver um trabalho para que a população participasse, juntar o pessoal, principalmente a comunidade, não é? Foi feito com que a comunidade se envolvesse com a vontade, não é? A gente tentou fazer o que podia, tínhamos a intenção de querer melhorar o lugar. Acho que a minha parte foi isso, foi trazer a comunidade, a escola de alguma forma pra vocês, não é? Nós

	fizemos um questionário, visitamos de casa em casa pra ouvir, fomos ouvindo as pessoas, a gente conversava, mas foi importante, acho que essa parte. Percebi que foi muito além daquilo que nós planejamos, a gente fez um trabalho com a comunidade, praticamente, não foi só na escola conscientizando os alunos, foi com a comunidade toda ali, do prédio, das pessoas que morava no entorno. Já cuidava ali antes da praça junto com meu irmão, começamos a fazer a frente aqui, umas arvorezinhas, não é? Ai eu fui aprofundando, foi aprofundando e tá esse espaço todo preenchido ai de árvore, não é? E agora com o passar do tempo que já faz vinte anos isso, não é? Então, já havia esse bosque, não é? Comecei então também a interagir mais com a praça, comprei algumas mudas, trouxe mudas da chácara, não é? Eu dou muito preferência pra frutíferas, não é? Comecei a colocar também ali a minha mão, a minha vontade, achei que seria interessante ter uma ação mais... Assim, mais, com melhor resultado e foi quando manifestou em mim o interesse de fazer um abaixo assinado e como eu tenho comércio por muito tempo aqui perto, conheço muita gente, eu fui bastante colher assinatura, cliente chegava e eu colocava pra ele, não é? A gente começou fazendo algumas reuniões com os interessados para poder saber um pouco do projeto, quais que eram as ideias. Daí a gente também fez algumas dinâmicas com argila, uma com os alunos de arquitetura da Unesp de Bauru e outra com estudantes de uma escola do Geisel, umas crianças da escola, para poder desenvolver um projeto de algum elemento recreativo pra praça, alguma coisa que as crianças pudessem brincar, e tudo mais. Daí, a gente chegou no projeto de uma tartaruga gigante feita com terra que desse para subir nela. Recolhi os materiais junto de duas colegas que estavam comigo, principalmente aqueles sacos de cebola, que a gente ia atrás nos Supermercados. A gente armazenou as coisas na escola, guardamos grama, era muito material, não é? Ajudei na construção da bioarquitetura que tinha uma fundação de entulho envolvido com tela de galinheiro para dar o formato da tartaruga, e pra revestir, foi utilizado uma técnica de construção com terra chamada calfitice. Pisei no barro, fui envolvido, eu me lembro, que a gente amassava o barro com a mão, não é? Amassamos... Construimos aquelas esculturas lá em conjunto. Daí a gente passou uns dias lá na praça fazendo a tartaruga, depois pintou e participou da inauguração da praça. Conheci pessoas muito interessantes que tinham muito a acrescentar.
Ideia central - 2 Aprendeu muita coisa, desde técnicas de bioconstrução e aproveitamento de materiais até sobre trabalho em grupo e perseverança.	Discurso do Sujeito Coletivo - 2 A gente sempre está aprendendo, porque a vida da gente é sempre aprender, não é? Então, aprendi muita coisa sobre bioconstrução, como fazer todo o preenchimento com “COB”, a amassar terra, a ver a importância da terra, o acabamento em “calfitice”, a tinta natural. Que a gente pode dar um bom uso as coisas que

	normalmente seriam jogados fora, como o entulho de construção e os sacos de cebola também foram utilizados como base para a bioarquitetura, e que é possível se fazer algo pras crianças aproveitarem pra comunidade aproveitar que é uma coisa mais ecológica. A gente vai se deparando com essas situações, algumas agradáveis, algumas não, não é? Aprende a lidar com a comunidade, sobre a convivência com as pessoas, com coisas diferentes, a dividir opiniões, ideias, a trabalhar em grupo e que o trabalho em equipe dá certo, que a perseverança vai além do que a gente possa imaginar.

<i>2 - O que você achou da experiência / vivência? Trouxe alguma reflexão? Qual?</i>	
Ideia central - 1	Discurso do Sujeito Coletivo - 1
Trouxe uma reflexão sobre a bioconstrução em si.	Trouxe uma reflexão sobre a bioconstrução em si, de usar materiais naturais pra construir e o modo em que vivemos, não é? Tanto o modo de produção, quanto a escolha dos materiais que é feita na hora da gente construir a nossa moradia e os outros ambientes de convívio como uma praça, um parquinho de diversão, uma horta. Ver que existem outras possibilidades, e que causam menos impacto, não é? Que contribuem com uma vida mais sustentável, porque na faculdade a gente não tem tanto contato com a bioconstrução, e achei legal poder ter esse contato, e ainda por a mão na massa, fazer as coisas, saber na prática como tudo funciona. Quando nós fomos desenvolver o projeto, nós pensamos de forma que ele fosse diferenciado das outras praças existentes na cidade. Nós queríamos alguma coisa que realmente usasse da terra, usasse a sustentabilidade. Parece que houve uma junção do universo da terra, e falar assim, "eu estou presente". Então, onde as coisas começaram acontecer, coisas lindas e as pessoas paravam pra ver todo o processo, no qual se utilizou argila para que quem tem algum problema em tocar na terra, já se familiarizaria com ela. Ninguém acreditava que barro e feno iria virar alguma coisa, não é? Foi mostrando que aquilo era bonito além de tudo podia ser simples. Não é que era caro, é que aquilo era muito grande, muito destruído, muito abandonado, não é? Então, as pessoas acompanhando isso e se perguntando o que vai dar nisso daí? O que vai acontecer? Foi muito lindo e eu tenho gratidão! A experiência também me ajudou a dar mais valor para o trabalho físico, não é? Porque junto com o grupo dos colegas ali a gente fez o esforço físico, desenvolveu essa bioarquitetura junto e percebeu o quanto é cansativo realizar um trabalho braçal. Eu acho que isso ajuda a gente a valorizar esse trabalho exercido por outras pessoas normalmente.
Ideia central - 2	Discurso do Sujeito Coletivo - 2
Gerou uma reflexão sobre o espaço público, um sentimento de identidade com o local pela população do entorno, transformando um espaço desvalorizado em uma praça de cultura viva.	Me provocou uma reflexão muito grande sobre o espaço público, o nosso papel dentro da comunidade mesmo, nossas ações... Não só a parte da construção, da coletividade, mas também que o espaço público é cuidado, tem que ser cuidado, por quem vive nele, que é a população do bairro, da cidade, e não só pelo poder público. Então, a própria comunidade era responsável, cada morador tinha um pedaço para cuidar. Foi muito bom ter contato com a própria comunidade, tinha várias crianças, cachorros, pais que

	passavam enquanto a gente estava lá fazendo a escultura. Foi muito legal. A prefeitura, na época, disponibilizou ferramentas, disponibilizou material para construção da praça. O poder público tem um papel muito importante no auxílio, nas ferramentas que ele pode dar e, além disso, na ajuda técnica também, não é? Eu achava interessante, a fala de vocês, muitas vezes, não é? Que aquilo não podia ser só nosso, não é? Que a gente tinha que fazer com que aquelas crianças dessem valor naquilo, porque aquilo ia ficar pra eles, não é? No início, as pessoas, os vizinhos, que viam a gente limpar aquele espaço, que era totalmente desvalorizado, ficavam falando - "ai, vai construir para que?! Um espaço para pessoa, pro pessoal usar drogas e não sei o quê", que não ia dar certo. Porque acho que 90% da escola era envolvida com droga. E a gente lá - " Não! Vai dar certo. O senhor tem que entender. Não é porque vai limpar que vai virar ponto de droga, não é?". E depois de construído a praça, de feita a bioarquitetura, as pessoas começaram a utilizar e mesmo depois de bastante tempo que eu voltei lá eles ainda utilizavam. Se tornou um espaço para a população e não como eles acreditavam que seria. A criação desse espaço, eu creio que ele traz um sentimento de identidade com o local da população, e isso faz com que a população cuide melhor do espaço e utilize o espaço pra eles mesmos. Tanto que a escola foi embora dali e a praça está lá, a praça ficou. Então, a nossa persistência. E eu levo um pouco disso até hoje comigo. Às vezes, eu corto ali pra ir no supermercado, e mais no entardecer, tem crianças brincando nos brinquedos que foram colocados depois, os brinquedos estão lá, não foram quebrados, ao contrário. E a iluminação da praça? Quantas praças por aí a gente sabe que eles roubam fio, roubam lâmpadas, denigrem, e está tudo lá. A gente não escuta nenhuma coisa assim, pegou fulano lá usando droga, prendeu não sei quem lá. Não se escuta isso. Já no bosque que é o quê? Quatro quadras pra cima. O bosque está precário, destruído, cheio de droga lá dentro e se eles quisessem fazer do bosque a praça, eles tinham livre acesso e não foi isso que aconteceu. A gente fez quantos metros de passarela? E ninguém mexeu, nem o passarinho sentou. Vocês fizeram as arquiteturas de vocês, a gente podia ter voltado no outro dia e não ter mais nada ali porque a comunidade ali é daquele jeito, a comunidade é destruição, porque estava mole e demorava-se dias pra secar. E estava intacto. Intacto! Por quê? Fizemos o que era necessário, com carinho, persistência. A gente conseguiu, e eles conseguiram visualizar e eles fizeram... Eles fizeram! Eles cuidaram, não é? E poder ter feito isso em lugares públicos que vão ter utilidade, como a praça ou a creche, que as crianças vão utilizar. De certa maneira, isso impactou num social, não é? Num entorno. Tinha um campo de futebol, logo acima lá da praça, e eles jogavam lixo no entorno do campo. Hoje em dia, depois que nós fizemos o trabalho, percebi que está bem mais limpo, que não tem tanto entulho jogado como tinha antes. Apesar de que falta ainda cuidados, não é? Mas o tempo não ajuda muito, porque eu trabalho. E é aquilo que a gente gosta de fazer, é cuidar, é participar, não é?

	Então, como vivência, isto é pra sempre, e como reflexão, é o nome de um artista, era um artista que morava ali no entorno. E que de repente ele não ganhou só uma sala ou um nome em algum lugar na cidade, ele ganhou uma praça, uma praça viva, uma cultura viva. Teve o meio que foi todo o processo, desenvolvimento e tal, e teve um fim. E não teve fim, porque não tem fim. Aquilo, ele está lá. Eu não posso colocar como fim, porque é um processo. Ele é vivo. E ele está vivo. Que bom seria se todos os lugares tivessem uma marca de cultura como se fosse um carimbo da cultura, em cada parte, em cada espaço público, em cada lugar. Que tivesse essa marca de cultura. Quem sabe um dia...
Ideia central - 3	Discurso do Sujeito Coletivo - 3
As vivências de bioconstrução trouxeram uma experiência nova, de crescimento pessoal e profissional, recomendada para outras pessoas e grupos.	Eu gostei muito da vivência, achei uma experiência ótima trabalhar, poder mexer com essas técnicas de bioconstrução. Foi o primeiro contato que eu tive com algum tipo de construção. Tudo muito novo. Fui envolvido lá e acho que aquela ideia poderia ser estendida, trazendo a escola mais perto dentro dessa proposta aí. Foi muito enriquecedor, não é? Muito proveitoso tanto para o meu conhecimento acadêmico, profissional, quanto como pessoa que habita esse planeta e deixa um impacto, não é? E isso, pra mim, foi muito gratificante e também me fez pensar em como que essas ações são importantes, não é? Não só pra mim como indivíduo mas também pra comunidade em que eu estou inserida. Você se empenha e começa a fazer reflexão dos resultados desses acontecimentos, não é? Muito das coisas é dinheiro, mas tem coisa que tem que ser dedicado e ir atrás. Então, não aconteceu tão rápido. Às vezes, uma coisa que estava em descaso você pode transformar. A vida é uma aprendizagem e o que a gente aprende a gente tem por obrigação de repassar. Ninguém nem imaginava que a tartaruga ia ficar pronta um dia e na hora que eu fui lá, quando eu voltei, eu caminhei naqueles triozinhos, sentei lá na tartaruga. A tartaruga está lá! Aquele lugar trouxe memórias boas. É um ponto pra mim que me mostra que, apesar de tudo, eu tenho capacidade. Mesmo que a gente acha que não vai dar, se você acreditar, for perseverante naquilo, acontece! Que tudo que a gente faz com amor, que a gente persiste, por mais impossível que pareça, que possa ser, dá certo, fica. Fica registrado na mente da gente, não é? Achei muito legal. Uma experiência maravilhosa. E o amor, ele presente. Ele dá muito prazer na gente, muita satisfação, não é? Recomendo que faça. Que todos passam por essa experiência e que ela possa fazer parte da vida dela, e de filhos também, não é?
Ideia central - 4	Discurso do Sujeito Coletivo - 4
Todos participaram de alguma forma, resultado de um esforço em conjunto, gerando um presente que todos puderam receber.	O morador em frente à praça, tinha já plantado algumas árvores e comentou que aquilo ali era uma fuga para aliviar o “estresse” do trabalho dele. Eu falei - “poxa, também vou dar minha contribuição pra isso daqui”. Daí, manifestou em mim o interesse de fazer um abaixo-assinado. Mas foi tão rápido. Acho que deu mais de 500 assinaturas. Deu bastante! Está lá na prefeitura. E aí, nós ficamos no aguardo, não é? Pra nossa surpresa, o prefeito, um dia aparece do nada ali naquela praça, não é? Ele veio e falou – “não, aqui tem projeto pra calçar, pra asfaltar tudo ao redor”. Ficamos aguardando.

	Veio vocês, com aquele projeto maravilhoso que agregou, não é? Foi de bioarquitetura, não é? E foi legal porque vocês também nos consultou, não era um trabalho que a gente chega, vamos fazer e tchau! Um projeto feito dentro de sala. Não! Eu notei que foi um projeto que ele tinha a participação de todas pessoas, tomou ciência ali da área e do pessoal que estava ali já em atividade, a associação de moradores que também se aproximou, pessoas ali do entorno. Porque não adianta só a gente montar projetos e pensar - "não, vamos fazer um viaduto aqui, vamos fazer uma praça ali, vamos fazer uma viela, uma rua", sei lá, como fala, a gente tem que ver o que realmente é importante para as pessoas, o que elas estão realmente precisando. A gente queria aquela comunidade que jogava o lixo ali, que enterrava os animais ali, não é? Porque não era só importante pra nós limparmos aquele lugar, deixar um lugar agradável para que as pessoas pudessem usar. Era importante pra eles, só que eles não tinha essa consciência, e nós conseguimos de alguma forma conscientizá-los Não foi só o material, o físico, foi construção de um coletivo. Não era só o meu sonho, era o sonho de vocês, não é? Se juntando com o meu. Então, juntou várias pessoas com profissões diferentes, não é? Mas pessoas que tinham um objetivo comum, e a mesma forma de pensar, de lidar com paciência, persistência, carinho, o jeito que a gente tratava as pessoas. Nós visitamos de casa em casa pra ouvir, - "se ali fosse uma praça, o que a senhora acha que poderia? É interessante ter uma praça aqui?". E ao mesmo tempo, as pessoas começavam a passar por lá, mesmo com aqueles entulhos aquelas coisas, as pessoas, às vezes, paravam para observar, então elas participaram do processo desde a retirada dos lixos dali. Foi muito gratificante. Foi legal também que a escola esteve participando. A escola da família, que abriu o espaço, eu me lembro, não é? Foi muito bom o pessoalzinho ali da escola Brizola, de frente. Aqueles adolescente de 12, 13, 14 anos, já são homens e mulheres hoje, e a praça continua ali, já parou pra pensar nisso? Aquela criança que estava lá com seus dez anos tem quase dezessete já, está consciente das coisas, não é? Passam lá e devem estar olhando com orgulho, não é? Falar - "poxa coloquei minha mão nessa construção dessa tartaruga aí", que tem a tartaruga gigante lá. Teve todo um trabalho de conscientização com as crianças dentro da escola, um trabalho pedagógico também, sendo inserido no cotidiano deles escolar. Teve muita colaboração da direção da escola e os alunos foram a partir do momento que vocês levaram as pessoas pra trabalhar a sustentabilidade com eles, o ator passava de sala em sala e conversava, fizeram as peças, os monólogos, no fim todos se envolveram. Eles foram muito participativos, não é? Mesmo com a maioria dos alunos morando em outros bairros, esses ajudaram, colaboraram. Foi a hora que os professores, comunidade escolar começaram, vamos dizer assim, a enxergar aquilo com outros olhos. Tinha mais pessoas envolvidas, passou a ser um sonho louco coletivo, entendeu? A escola também ganhou este presente. Então eu acho que é isso, eu acho que essas coisas que a gente tem que valorizar, continuar dando valor e fazer com

	que a comunidade participa porque ela vai poder cuidar, vai poder usufruir, não é? E passar pras gerações. Nesse momento aí, a gente viu que, poxa, aconteceu, deu efeito nosso abaixo assinado. Eu acho que foi um presente de esforço em conjunto que colhemos todos nós.
Ideia central - 5	Discurso do Sujeito Coletivo - 5
No início, era um bolsão de entulhos, um espaço igual aos outros, em descaso e depois que a praça se concretizou, o pessoal passou a frequentá-la com a família.	Aqui, de princípio tinha algumas árvores plantadas em um local e no outro era um bolsão de entulhos, cheio de insetos, não é? Era um terreno vago, baldio, onde o pessoal jogava entulho, lixo. Era um lugar que estava sem nenhum projeto não tinha nada, apenas um espaço da prefeitura igual aos outros, em descaso. As ruas ao redor não tinha asfalto, não tinha guia, não tinha nada, e estava prejudicando toda comunidade, mas eles também jogavam os próprios lixos ali desde sofás, enfim... Infelizmente, isto acontece, não é? Quanto mais entulho, mais as pessoas ajudam a aumentar. Quando eu olhava naquele morro, naquele lixo, todo dia que eu chegava pra trabalhar, eu pensava assim - "eu posso deixar a escola melhor?" Posso! Mas não adiantava deixar a escola melhor sendo que eu saía no portão e me deparava com aquilo, era horrível, desmotivava e eu olhava isso aqui e não tinha dimensão do tamanho daquela praça porque eu não conseguia olhar pelo lado de lá, não é? A gente passava no meio no triozinho assim pra cortar caminho, e quando tinha aula no noturno, eu pedia muito pras meninas não passarem lá porque era escuro. Era tanto os problemas dentro da escola, que tudo que a gente propunha às vezes pra melhorar o entorno, eles negavam ajuda. Um dia chego lá, ele já está plainado... Preciso ser retirado sessenta caminhões de entulhos e enquanto eles estavam reunindo aquelas terras que sobrou, e por causa dos insetos, comecei a aparecer alguns bem-te-vis, e nesse momento, eu comecei a escrever alguma coisa, e saiu um cordelzinho que chama "Bem-te-vi"²³, que eu acabei colocando num livro. Depois vieram e promoveram a praça, a outra parte, não é? Que teve o projeto do barro ali, não é? Então, a praça se concretizou feita. Ficou maravilhosa. O resultado foi excelente. Com tudo que há nela agora, um bosque maravilhoso, um resultado bem satisfatório porque o pessoal frequenta, não é? As pessoas contentes, felizes na praça, várias pessoas fazendo caminhada lá depois, coisas que não faziam, não é? Então, tudo ao redor fazia caminhada, levava os cachorrinhos pra passear, filhos brincando lá na pracinha, mãe junto, senhorzinho vendendo pipoca, a mulher vendendo lanche. "Que gostoso! Qualquer dia venho comer e tal", aí ela - "tem mais barraquinha a noite, viu?". É bem maior que isso daí... A família pôde estar lá, participando e todos juntos lá tendo uma recreação à tarde, no sábado, domingo, não é? Ficou muito linda a praça, a gente curte bastante, a gente ficou muito satisfeito com o resultado.

3 - Depois dessa experiência, você mudou algo no seu dia a dia? O quê?	
Ideia central - 1	Discurso do Sujeito Coletivo - 1
Passou a valorizar mais as pessoas que realizam o trabalho braçal.	Acho que a mudança principal é sempre valorizar mais as pessoas que realizam o trabalho braçal, não que eu desvalorizasse antes, mas eu creio que a gente só sabe realmente o que a pessoa passa se a gente realiza aquilo.
Ideia central - 2	Discurso do Sujeito Coletivo - 2
Começou a se interessar e pesquisar mais sobre bioconstrução e sustentabilidade.	Depois dessa experiência, eu comecei a me interessar mais por bioconstrução e sustentabilidade. Percebi uma diferença de visão de construção a partir disso, das possibilidades construtivas, da utilização de materiais, estudar, e procurar, saber mais, pesquisar, correr atrás de ver como funcionam esses outros tipos de construção e não focar tanto em técnicas convencionais. No meu dia-a-dia eu acho que mudou mais coisas como não desperdiçar ou reaproveitar tudo que a gente pode.
Ideia central - 3	Discurso do Sujeito Coletivo - 3
Mudou a concepção de habitar, de viver na terra, tendo como objetivo de vida disseminar mais esse conhecimento e viver de acordo com esses preceitos.	Depois dessas vivências, mudou essa minha concepção de habitar, de viver na terra, como objetivo de vida, poder disseminar mais esse conhecimento e viver de acordo com esses preceitos, com a permacultura, de viver mais sustentável, continuar nesse caminho, nessa busca, de implantar isso na minha casa, de levar esse conhecimento pra outras pessoas, mostrar que há outras possibilidades de habitação com menos impacto. Isso me move até hoje.
Ideia central - 4	Discurso do Sujeito Coletivo - 4
Teve uma motivação, uma ocupação, algo pra fazer e empenhar.	Muda, não é? A gente ter uma motivação, ter algo pra fazer, uma ocupação, se empenhar naquilo que você faz, não é?
Ideia central - 5	Discurso do Sujeito Coletivo - 5
Viu-se capaz de resolver problemas	Eu me vi capaz, me tira daquela neura que - "não, você não é capaz, e as coisas ruins acontecem e você não tem capacidade pra resolver os problemas". Mostra que por mais difícil que seja, por mais que todos falem pra você que não vai dar certo. Que dá. Dá! Depende de você realmente e daqueles que se propõe a te ajudar.
Ideia central - 6	Discurso do Sujeito Coletivo - 6
Passou a dar mais valor à qualidade de vida e aproximou-se ainda mais da natureza.	Porque a gente trabalhando enfiado dentro de uma loja, meio que tapa a gente, você fica meio sem graça, o mundo é redondo, mas acaba ficando meio chato e aí tem uma altura que o dinheiro já não fala muito. Tem que ter qualidade de vida e uma experiência maravilhosa, não é? Consegui tirar boa experiência, bom conhecimento dessas coisas, me ajudou bastante e me aproximou ainda mais da natureza, não é? Foi ótimo.
Ideia central - 7	Discurso do Sujeito Coletivo - 7
Mudou a visão sobre o espaço público, tomando a responsabilidade de sua construção e manutenção para si.	Eu mudei a visão, já fazia isso, mas ficou mais forte isso em mim. Cada praça que eu visitava, lugar que vai ser uma praça ou pode ser uma praça, se eu vejo um galho caído de uma árvore, carrego no carro coisas pra amarrar e tenho uma obrigação de cuidar. Se tiver um local com lixo e tudo, eu tenho obrigação de comunicar a Prefeitura, de fazer alguma coisa, é a participação ativa. Observo o espaço público como um espaço de todo mundo,

	um espaço totalmente coletivo porque a construção dele depende muito de mim também, e não só do poder público que pode também auxiliar, puxar a discussão e dar ferramentas pra que isso possa acontecer. E isso me fez ter mais responsabilidade e talvez trouxe até mais rugas para mim...

4 - Você gostaria de destacar algum momento da(s) vivência(s) que tenha sido mais marcante pra você?

Ideia central - 1	Discurso do Sujeito Coletivo - 1
A participação das pessoas.	Acho que o mais importante foi ver a população passando pela praça e muitos deles se disponibilizando a ajudar, participando do processo também da maneira que podia. A curiosidade das crianças, colocar a mão na massa, pisar na terra, todo mundo junto, foi muito bom. Muitas das pessoas que passavam, paravam para tentar entender, para ver o que ia ser, o que ia acontecer, pra conversar e também fazer parte, não é? Ver o comprometimento deles com a praça e ver que é um projeto que ia dar certo, ia adicionar ao local. Quando os caminhos foram concretados, mas o projeto ainda não estava pronto, as pessoas começaram a utilizar também. Enquanto estávamos fazendo a bio-arquitetura, tinham as crianças que vinham ajudar e no dia da inauguração estavam cuidando da tartaruga para que ninguém estragasse, não é? Então isso criou um sentimento de identidade com o local. Porque se a pessoa fez aquilo ela cria um certo amor por aquilo, não é? Eles não só participaram do processo todo, mas também estavam cuidando para que ninguém estragasse o que eles tinham ajudado a construir. Também convivemos com alguns meninos que eles não viam a beleza na praça, não só nessa, nas outras... É onde eles destruíam. Aí, nós conversamos, e resolvemos trazer esses meninos pra nos ajudar, e foi a ideia mais brilhante que nós tivemos. Porque eles acabaram ajudando e eles, claro, que eles não estragaram depois o que eles próprios ajudaram a construir. Eles já faziam coisas que eram pra estragar a própria natureza, a própria cidade, e ali eles aprenderam o inverso, o que você pode contribuir? De que jeito você pode fazer isto? Até pra gente viver num mundo melhor, respirar melhor. Quando vocês terminaram de fazer a tartaruga e o Val Rai também, já era tarde da noite. Eu achava que eles iam destruir aquelas coisas, sabe? Pelo histórico deles, não é? E não... Ficou intacto. Isso me impressionou bastante, a força de vontade... E vocês ali com todo o jeito de vocês, vocês fizeram todas as arquiteturas, as crianças participaram, amassaram barro, juntaram e tal. Depois colocaram os brinquedos muito bonitos e falei - "hum, logo vão quebrar...". Aí você passa lá e eles tão lá brincando. Então, eu acho que o que me marcou bastante também, foi essa questão de eles estarem cuidando, não é? De estar tudo intacto, inteiro, eles estarem utilizando, isso é o que me deixa mais impressionada... Fica na memória também, a reação das pessoas ao verem o resultado final, como que ficou depois da intervenção, a

	gratidão das pessoas, como elas ficam felizes com o resultado.
Ideia central - 2	Discurso do Sujeito Coletivo - 2
O contato com a bioarquitetura.	O projeto de bioarquitetura foi uma coisa que me chamou muito a atenção, porque eu já via com muito apreço, essas arte, aqueles brinquedos feitos artesanal, de material rústico, não é? Alguns projetos de bambu que já tinha visto, e então eu nunca tive nenhuma interação com isso, não é? Eu sempre olhava assim as praças, mas nunca tive prazer de participar. Então, foi assim, um começo de tudo. Me aproximar dos bioarquitetos. Eu aprendendo como é que nós vamos fazer com essa terra agora? Que jeito que nós vamos fazer isso? O que que é essa tal da bioarquitetura? Como é isso? Como que isso vai durar? De que jeito que nós vamos fazer? E essa daí é o destaque porque eu vejo que essas esculturas estão lá e eu esperava que até pudesse fazer mais, não é? Ainda que todas as praças pudessem ter mais daquela lá.
Ideia central - 3	Discurso do Sujeito Coletivo - 3
O dia em que o homem subiu com um cavalo morto na carriola para jogar na praça.	A prefeitura foi e passou a máquina. Aí me sobe o homem com cavalo morto na carriola e eu perguntei - "aonde você vai com esse cavalo?", e ele falou - "ah, vou jogar ali", e apontou pra praça, o terreno já, não é? Eu comecei a gritar, e o povo ali, a mulherzinha da esquina começaram a sair e o homem ficou meio constrangido e voltou com o cavalo embora.
Ideia central - 4	Discurso do Sujeito Coletivo - 4
Tem um lado ruim de pessoas que destroem, não colaboram e um lado bom de pessoas que usam e aproveitam o ambiente.	O que deixa marcado não é agradável, algumas pessoas que destroem. Tudo aquilo que a gente ao longo do tempo faz... Então o que marca é isso aí, as pessoas não preserva, tá? Não ter colaboração do próximo, tá? Que só quer destruir, não é? E a gente fica triste com isso, mas por outro lado a gente vê várias outras pessoas que usam, não é? Que aproveitam o ambiente, lugar, não é? É isso aí, tem o lado bom e o lado ruim, não é?

3.1.5. Apresentação dos Resultados

QUADROS SÍNTESE

Quadro 3: Ideias centrais pergunta 1 – Projeto “Praça Cultura Viva” – Val Rai

QUESTÃO 1 - DE QUE VIVÊNCIA(S) VOCÊ PARTICIPOU? QUE ATIVIDADE(S) REALIZOU? DESCREVA, POR FAVOR, O QUE APRENDEU E/ OU ENSINOU.	
Ideias centrais	Para que a “Praça Cultura Viva” acontecesse, houve um trabalho coletivo com vários passos e atividades, desde reuniões para o conceito do projeto até a sua concretização.
	Aprendeu muita coisa, desde técnicas de bioconstrução e aproveitamento de materiais até sobre trabalho em grupo e perseverança.

Quadro 4: Ideias centrais pergunta 2 - Projeto “Praça Cultura Viva” – Val Rai

QUESTÃO 2 - O QUE VOCÊ ACHOU DA EXPERIÊNCIA / VIVÊNCIA? TROUXE ALGUMA REFLEXÃO? QUAL?	
Ideias centrais	Trouxe uma reflexão sobre a bioconstrução em si.
	Gerou uma reflexão sobre o espaço público, um sentimento de identidade com o local pela população do entorno, transformando um espaço desvalorizado em uma praça de cultura viva.
	As vivências de bioconstrução trouxeram uma experiência nova, de crescimento pessoal e profissional, recomendada para outras pessoas e grupos.
	Todos participaram de alguma forma, resultado de um esforço em conjunto, gerando um presente que todos puderam receber.
	No início, era um bolsão de entulhos, apenas um espaço igual aos outros, em descaso e depois que a praça se concretizou, o pessoal passou a frequentá-la com a família.

Quadro 5: Ideias centrais pergunta 3 - Projeto “Praça Cultura Viva” – Val Rai

QUESTÃO 3 - Depois dessa experiência, você mudou algo no seu diaadia? O quê?	
Ideias centrais	Passou a valorizar mais as pessoas que realizam o trabalho braçal.
	Começou a se interessar e pesquisar mais sobre bioconstrução e sustentabilidade.
	Mudou a concepção de habitar, de viver na terra, tendo como objetivo de vida disseminar mais esse conhecimento e viver de acordo com esses preceitos.
	Teve uma motivação, uma ocupação, algo pra fazer e empenhar.
	Viu-se capaz de resolver problemas.
	Passou a dar mais valor à qualidade de vida e aproximou-se ainda mais da natureza.
	Mudou a visão sobre o espaço público, tomando a responsabilidade de sua construção e manutenção para si.

Quadro 6: Ideias centrais pergunta 4 - Projeto “Praça Cultura Viva” – Val Rai

QUESTÃO 4 - Você gostaria de destacar algum momento da(s) vivência(s) que tenha sido mais marcante pra você?	
Ideias centrais	A participação das pessoas.
	Conhecer a bioarquitetura.
	O dia em que o homem subiu com um cavalo morto na carriola para jogar na praça.
	Tem um lado ruim de pessoas que destroem, não colaboram e um lado bom de pessoas que usam e aproveitam o ambiente.

A partir das ideias centrais derivadas dos DSC, pode-se dizer que, para a “Praça Cultura Viva” acontecer, houve um trabalho coletivo com vários passos e atividades, a começar pelas reuniões para o conceito do projeto culminando com a sua concretização. Nesse processo, aprendeu-se muita coisa, desde técnicas de

bioconstrução e aproveitamento de materiais até o trabalho em grupo e a perseverança.

No início, o local era um bolsão de entulhos, apenas um espaço igual aos outros, em descaso. As vivências de bioconstrução trouxeram uma experiência nova, de **crescimento pessoal e profissional**, recomendada para outras pessoas e grupos. **Todos participaram** de alguma forma, **resultado** de um **esforço em conjunto**, gerando **um presente** que todos puderam receber. Isso proporcionou uma **reflexão sobre o espaço público** e sobre a **bioconstrução em si**, um sentimento de **identidade com o local** pela população do entorno.

Depois que a praça se concretizou, os moradores passaram a frequentá-la com a família, **transformando um espaço desvalorizado em uma praça de cultura viva**. Alguns participantes começaram a se interessar e **pesquisar mais sobre bioconstrução e sustentabilidade** e dar **mais valor à qualidade de vida**, aproximando-se ainda mais da natureza, **mudando a concepção de habitar**, de viver na terra, tendo como objetivo disseminar mais esse conhecimento e **viver de acordo com esses preceitos**. Outros viram-se capazes de resolver problemas e **vieram a ter uma motivação**, uma **ocupação**, algo para fazer e se empenhar, havendo também uma **valorização das pessoas que realizam o trabalho braçal**. A **visão sobre o espaço público** mudou também, o que motivou cada cidadão a tomar a responsabilidade de sua construção e manutenção.

Houve momentos e fatos marcantes, como a **participação das pessoas**, o contato com a bioarquitetura e a defesa do espaço no dia em que o homem subiu com um cavalo morto na carriola para jogar na praça. Finalmente, é preciso registrar a constatação dos participantes do projeto de que há sempre dois lados na vida das pessoas: um ruim, de pessoas que destroem, não colaboram, e um bom, de pessoas que usam e aproveitam o ambiente.

Os depoimentos coletados e o tratamento de dados através do método do DSC permitiram verificar que, as vivências do Projeto “Praça Cultura Viva” levaram os moradores à reflexão e conscientização sobre diversos assuntos, inclusive sobre questões ambientais, ações conjuntas e relação com o espaço público.

3.2. Vivência Centro de Educação Infantil Santo Antônio (CEISA)

Figura 20. Vistas da paisagem antes e depois das vivências de bioconstrução.



Fonte: autora, 2012.

O CEISA (Centro de Educação Infantil Santo Antônio) é um centro de educação infantil que funciona com uma parceria entre a Indústria Plasútil²⁴ e a Prefeitura Municipal de Bauru, atendendo à comunidade próxima à empresa, como também alguns filhos de funcionários da referida indústria.

Figura 21. Vista aérea da localização do CEISA



Fonte: Elaborado pela Autora a partir da imagem do Google Earth.

A ideia de realizar vivências de bioconstrução no CEISA surgiu de uma parceria da autora com a coordenadora do CEISA, na época. O primeiro contato ocorreu através da participação de ambas em um curso de PDC (Permaculture Design Course), que aconteceu no Sítio Casa do Jatobá²⁵ em julho de 2011. Ao final desse curso, era

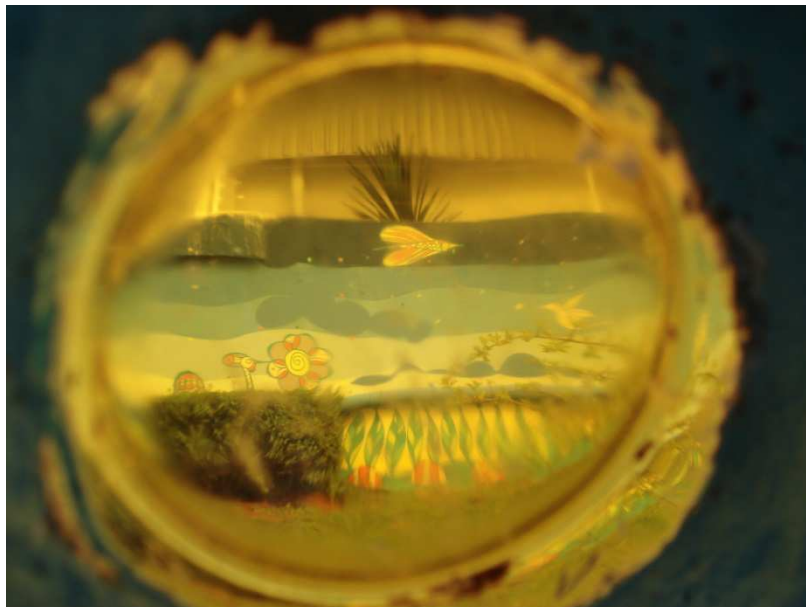
²⁴ Empresa fabricante de utilidades domésticas em plásticos do Brasil

²⁵ Atualmente denominado Instituto Noosfera, localizado em Arealva - SP

necessária a apresentação de um trabalho no qual cada um deveria elaborar um projeto relacionado com a permacultura.

A coordenadora percebia a necessidade de um parquinho para as crianças no CEISA, e, tomando conhecimento de que a autora já havia realizado algumas experiências em bioconstrução, fez-lhe o convite para colaborar com o seu trabalho final, do qual surgiu este projeto participativo no CEISA, que depois se desdobrou em vivências de bioconstrução. A coordenadora convidou outra colaboradora, que não só cooperou com o projeto participativo, mas também com uma pintura artística do muro ao fundo, que, ao final, emoldurou a construção, completando a paisagem lúdica do novo parquinho do CEISA (figura 22).

Figura 22. Paisagem lúdica do parquinho.



Fonte: autora.

Desta forma, iniciaram-se as reuniões e visitas ao CEISA, com conversas com a coordenação, professores e crianças, ficando clara a necessidade de uma nova caixa de areia e casa de bonecas.

Em seguida, aconteceram oficinas com as crianças (figura 23), para que elas expressassem o que entendiam por “casa de bonecas” através de atividades com argila e desenho. Ao mesmo tempo, a realização de uma dinâmica com a equipe da coordenação resultou em uma maquete de estudo coletiva (figura 24) que esboçou as intenções do projeto.

Figura 23. Oficina de argila.



Fonte: Ana Lúdia Aquino.

Figura 24. Maquete de estudo coletivo.



Fonte: Ana Lúdia Aquino.

A partir dessas atividades, elaborou-se um plano de ação que compreendeu um projeto arquitetônico²⁶ das estruturas básicas da cobertura da caixa de areia e da

²⁶

Ver Projeto arquitetônico CEISA em capítulo Anexos.

casa de bonecas inspirado no tema Apoena Zá-hê²⁷, que estava sendo trabalhado pelos alunos naquele ano, e as suas fases de execução coletiva, que culminaram nas vivências de bioconstrução.

As vivências de bioconstrução foram realizadas no período de abril a dezembro de 2012. Iniciou-se com as vivências para a bioconstrução da “Caixa de Areia”, com uma cobertura em formato de abóboda, com círculos vazados ao centro, representando as fases da lua (figura 25), sendo utilizadas garrafas de vidro embutidas na estrutura para passagem de luz.

Figura 25. Caixa de Areia com círculos vazados representando as fases da lua.



Fonte: Ana Lúcia Aquino.

Inicialmente, houve uma preparação para as vivências, com as atividades de fundação e a montagem da estrutura de ferro soldado. Esses serviços foram executados por um pedreiro e um serralheiro, respectivamente. A estrutura de ferro foi revestida com a técnica calfitice²⁸, mais especificamente, o “sistema cobra” (figura 26), que consiste em produzir rolos de saco de cebola recheados de massa de calfitice, que são enrolados na estrutura atribuindo firmeza e resistência a esta para aguentar o seu próprio peso e ação de forças externas.

²⁷ Em língua indígena significa “aquele que vê a lua de longe”.

²⁸ Ver capítulo Bioconstrução.

Figura 26. Sistema “cobra”.



Fonte: Ana Lúdia Aquino.

Durante oito meses, aconteceram encontros, uma vez por semana, para realizar esse trabalho. Era montada uma mesa comprida, coberta com uma lona para a montagem das “cobras” (rolinhos) (figura 27), sendo necessária a retirada dos rótulos dos sacos de cebola, conseguidos gratuitamente, cortá-los em tiras, preparar a massa de calfitice na betoneira adicionando a fibra (“algodãozinho”) na massa manualmente e, por fim, enrolar a massa na tira de saco de cebola, fazendo a “cobra”. Feito isso, levavam-se as “cobras” para outras pessoas, que as enrolavam na estrutura que também recebeu uma massa para a cobertura do topo e o reboco geral para sua proteção e unificação.

Figura 27. Montagem das “cobras”.



Fonte: Ana Lúdia Aquino.

Figura 28. Crianças brincando na caixa de areia do CEISA.



Fonte: Ana Lúcia Aquino.

Na “Casa de Bonecas”, que hoje tem seu uso como sala de aula (figura 29) e foi apelidada pelas crianças de “Casa Azul”, utilizou-se a técnica de ferrocimento²⁹ (figura 30), e gastou-se bem menos tempo, com suas vivências realizadas em menos de duas semanas. A atividade foi iniciada logo depois que as professoras entraram em férias. Realizou-se um mutirão durante a semana toda, ao qual se integraram todos os que quisessem participar. Da mesma forma que ocorreu com a caixa de areia, houve um tempo de preparação reservado para a fundação e montagem da estrutura de ferro soldado em formato de lua (semiesférico). Em seguida, a estrutura foi revestida por tela de galinheiro, onde foram fixados os pratinhos e pires transparentes e coloridos para a iluminação do interior da “Casa Azul”.

Figura 29. “Casa Azul” utilizada como sala de aula.



Fonte: autora.

Figura 30. Estrutura em ferro em formato geodésico.



Fonte: Ana Lúcia Aquino.

Estando essas fases finalizadas, houve um mutirão de dois dias para rebocar toda a estrutura com a massa de cimento na parte interna e externa. Inicialmente, essa estrutura utilizaria terra em seu revestimento, assim como a caixa de areia, mas

devido ao tempo de execução e a necessidade de finalização dos trabalhos antes do final do ano, optou-se pela técnica de ferrocimento, por sua praticidade e rapidez de execução. Porém essa decisão gerou uma reflexão importante com o grupo sobre o uso do cimento que, ao contrário da terra, é um material que infere um grande impacto ao meio ambiente, tanto em sua extração como em sua produção, além de não conferir uma inércia térmica eficiente.

Na impossibilidade de a autora participar durante um dia das atividades do reboco da estrutura de ferrocimento, os vivenciadores decidiram dar início a essa fase mesmo sem a sua presença, apenas com o seu apoio por telefone, o que exemplifica o grau de participação, cooperação, auto-organização, apoio mútuo e resiliência a que se chegou nessa vivência, resultando em um grande aprendizado, com exemplos empíricos que permanecem até hoje no local.

Foram momentos de muito aprendizado, não só para quem participou das vivências, como para todos que, de alguma forma, fizeram parte do processo. Desde o pedreiro, que teve que fazer fundações em formato hexagonal, e o serralheiro, que montou e soldou toda a estrutura em ferro em formato geodésico, até a coordenação, professores, pais, voluntários da população moradora do entorno e estudantes universitários, todos participaram ativamente, descobrindo novas habilidades e superando desafios.

No almoço, eram servidos pratos vegetarianos preparados pelas próprias coordenadoras e servido por vezes no refeitório das crianças ou em um quiosque para atividades externas às salas de aula. Nesse mesmo local, eram realizadas, voluntariamente, pela fisioterapeuta do CEISA, atividades de relaxamento para que os participantes recuperassem as energias e voltassem bem dispostos para as atividades do período da tarde. Alguns desses detalhes demonstram como todos se envolveram, cuidando uns dos outros e querendo contribuir para que o projeto fosse realizado da melhor forma possível.

Durante o processo, as crianças faziam visitas semanais de acompanhamento da obra, e muitos pais se envolveram com as atividades, estando sempre presentes nas vivências, participando da vida escolar dos filhos, estreitando os laços entre família, escola e comunidade. Aconteceram também reuniões com a coordenação do CEISA, não só para organizar a facilitação das vivências em relação às técnicas

trabalhadas, materiais, equipamentos e serviços necessários, mas também com o objetivo de melhorar cada vez mais a metodologia das vivências.

A maior parte das pessoas que participaram (figura 31) não tinha conhecimento sobre esse tipo de construção e, mesmo com dúvidas sobre se iria dar certo, aceitaram o desafio, não só de investir seu tempo nesse aprendizado, mas de realizar essa estrutura em conjunto, colocando a mão na massa, ajudando uns aos outros, identificando, através dessa prática, a oportunidade de descobrir habilidades e experimentar uma forma de trabalho cooperativo, superando expectativas e quebrando paradigmas em relação a se sentir capaz de fazer algo diferente de tudo com que tiveram contato anteriormente.

Figura 31. Participantes de uma das vivências no CEISA.



Fonte: Ana Lúcia Aquino.

Essas observações dão suporte à hipótese de que a participação nas vivências de bioconstrução levou os participantes a uma mudança de percepção do espaço de intervenção e a uma aprendizagem conjunta através do aprender-fazendo, da troca de experiências e compartilhamento de saberes de maneira divertida, trabalhando a consciência ambiental através da reflexão sobre o uso dos materiais e o impacto de nossas ações e escolhas sobre o meio ambiente.

Figura 32. Caixa de areia e sala de aula em formato de lua.



Fonte: Ana Lúcia Aquino.

Em relação à Coleta de Dados, como as vivências aconteceram há cinco anos, houve uma grande dificuldade de contato e localização dos participantes dessas vivências devido a os pais das crianças não terem mais seus filhos atendidos pelo CEISA e à alteração de quase todo o quadro de professores da escola, permanecendo parte da coordenação. Também entrou-se em contato com alguns participantes através das redes sociais. Desta forma, foram realizadas oito entrevistas: 2 mães, 2 professoras, 3 coordenadoras e 1 cozinheira, que possibilitaram revelar a leitura da paisagem dessas vivências de bioconstrução, sob a perspectiva dos participantes entrevistados, através do método do Discursos do Sujeito Coletivo.

3.2.1. DSC – CEISA

<i>1 - De que vivência(s) você participou? Que atividade(s) realizou? Descreva, por favor, o que aprendeu e/ ou ensinou.</i>	
Ideia central - 1	Discurso do Sujeito Coletivo - 1
Participou das vivências da casa azul e tanque de areia.	Eu participei do projeto e das duas construções do Projeto Apoena Zâ-hê que foi primeiro um tanque de areia de quatro por quatro em calfitice e depois uma casa redonda (casa azul) de ferrocimento. Convidei também os pais para participarem, movimentei as meninas, não é? E até fiz o contato com os fornecedores, serralheiros também, não é?

Ideia central - 2	Discurso do Sujeito Coletivo - 2
Aprendeu as técnicas e a importância da bioconstrução.	Nós aprendemos essas duas técnicas, não é? Montamos uma mesa comprida, não é? Enorme, não é? Era aquela união, todo mundo ali mexendo na massa, não é? Participei de todo o processo, tanto o manual, a hora de enrolar, bater um pouco de massa, amassar, carregar areia, colocamos os pratinhos, enrolar naqueles sacos feitos pra carregar cebola, eu nunca imaginei, enrolar em volta do arame, fazer uns rolinhos, de colar com o barro, de passar a massinha, fazer mesmo a casa. Eu lembro que era uma massa que parecia uma argamassa que tinha uns “coisinhos”, “algodãozinho”, pra colocar pra dar liga e depois que a massa estava pronta ia tudo em equipe, não é? Pra erguer a parede. Também participei das coisas que vocês foram orientando, do porquê dos materiais serem utilizados. Lembro de alguns detalhes, e da importância da bioconstrução, quanta coisa que dá para fazer com coisas naturais assim, não é? Não precisa de muito. Um exemplo, é que nós utilizamos também alguns pires que reflete a luz do sol, não é?
Ideia central - 3	Discurso do Sujeito Coletivo - 3
Formou-se uma equipe que tinha o objetivo de construir o tanque de areia havendo um aprendizado em conjunto e o compartilhamento.	A gente fez uma equipe na época onde a gente se juntou que tinha o mesmo objetivo, que era construir esse tanque de areia com uma outra paisagem. O que eu aprendi bastante é a questão do compartilhamento, não é? Da aprendizagem em conjunto ali. Compartilhava de todo o processo, para as pessoas da minha casa. Como eu falei, para aqueles que vem visitar, a gente fala da construção sustentável.

2 - O que você achou da experiência / vivência? Trouxe alguma reflexão? Qual?	
Ideia central - 1	Discurso do Sujeito Coletivo - 1
As vivências de bioconstrução e aprendizado de técnicas construtivas causaram uma reflexão sobre o uso dos materiais utilizados na construção.	Foi bem legal, trouxe essa reflexão do trabalho em equipe e também da própria bioconstrução de saber que com poucos materiais a gente consegue fazer estruturas grandiosas, sustentáveis e que podem contribuir com o meio ambiente com as próprias pessoas que utilizam dele. De construir algo que vai ficar para sempre, não é? É como plantar uma árvore, não é? Vai mudar totalmente o ambiente e vai ficar ali para sempre assim. E valorizar tudo que é natural mesmo, não é? No dia a dia realmente reaproveitar do que a gente tem na questão assim de material, acúmulo de coisas que a gente tem. A gente se apega tanto as coisas do que já é comum e tem tantas outras ideias sustentáveis que nós poderíamos utilizar mais. Por exemplo, pra mim, aqueles pratinhos mesmo não serviam pra nada, às vezes a gente tem um, a gente joga, mas serve pra muita coisa, não é? Pra fazer o trabalho todo, ficou iluminado, ficou muito bom. Às vezes a gente vai pro que é mais fácil, o que é mais cômodo, mas a ideia, assim, é sensacional, e talvez falta ainda, não é? Poxa, a gente passou por tudo isso e precisa exercitar mais isso, não é? A segunda delas (técnica do ferrocimento) a gente até chegou num senso crítico que não era tão ecológica como a gente gostaria que tivesse sido, não é? Usou muito cimento. Acho que foi mais importante que as famílias também possam reproduzir isso em casa, não é? Porque é uma oportunidade

	que eles têm de criar seja na própria casa ou qualquer outro tipo de estrutura sem precisar de tantos materiais, não é?
Ideia central - 2	Discurso do Sujeito Coletivo - 2
As vivências de bioconstrução trouxeram aprendizado, desafios e alegrias.	Foi realmente uma vivência de muita aprendizagem, muita, todas me marcaram sabe? O envolvimento, a falta de envolvimento, assim, todas as possibilidades e as dificuldades que nós enfrentamos. Nunca sonhei em fazer aqueles negócios, nem passava na minha cabeça, algo novo, diferente mesmo, achei o máximo! Foi bem marcante para mim, super-rico essa troca. Viveria tudo novamente com certeza, se tivesse mais dez construções assim eu participaria. Porque foi assim grandioso. Com certeza todos os nossos sentimentos foram trabalhados ali, naquele momento, foi significativo. Foi desafiador. Achei que nunca ia dar certo aquilo lá, mas deu, encaixou. Depois colocamos os pratinhos que eu também achei que não ia ficar parado, mas ficou fixado. Além disso, foi uma delícia, porque todo mundo ali, um conversava, um brincava, não é? Foi divertido porque a gente dava bastante risada, não é? Foi uma experiência diferente, não é? Do que você está habituada a fazer, então eu acho que é uma experiência assim, muito gostosa. Tinha essa oportunidade de fazer algo diferente para as crianças, não é? Foi assim, uma experiência maravilhosa, mesmo de acolhimento, de busca, não é? Foi muito legal, assim, participar. A gente acaba tendo experiências, não é? É muito gratificante a gente poder participar e ver, não é? Que aquilo foi construído, não é? Com a nossa ajuda, não é? É muito bom, sabe? É muito prazeroso isso tudo, principalmente para as crianças, não é? E essa energia está ali. Então, é muito rico para as crianças.
Ideia central - 3	Discurso do Sujeito Coletivo - 3
Houve uma reflexão intrapessoal e interpessoal sobre o trabalho em equipe, co-laborativo.	A gente tinha o mesmo objetivo que era ter um espaço diferente para as crianças, não é? Onde todos podiam participar nessa construção. A gente precisava um do outro para que aquilo fosse construído, não tinha como fazer sozinho. Então, houve essa dedicação de empenhar, como eu falei, foi desafiador, então, se você não tivesse em contato com você mesmo de, não, eu vou conseguir, nós vamos conseguir talvez não teria saído esse resultado, não é? Porque é conexão com você mesmo, não é? E a matéria, não é? De você mexer, de você sentir. Com certeza todos os nossos sentimentos foram trabalhados ali, naquele momento. Mesmo que nós não soubéssemos, não é? A fundo mesmo, como iria ficar mas a gente estava todo mundo envolvido. Foi assim mais pela união mesmo, não é? Do momento, não é? A gente estando ali junto, rir juntos, brincar, não é? É muito gratificante a gente poder participar. Sempre está buscando junto, não é? E aprendendo um com o outro, não é? A gente precisa mesmo, não é? Sozinha a gente não consegue nada, não é? Isso foi bem legal, trouxe essa reflexão do trabalho em equipe que eu acho que foi fundamental e bem legal pontuar porque todos que participavam tinham que estar ligado, não é? Quem estava ali precisava da ajuda do outro.

	Essa possibilidade de construção coletiva, não é? De trocas de experiências, num ambiente colaborativo, não é? Foi bem nesse sentido assim, teve o conhecimento técnico agregado ao interpessoal, não é? Existe a possibilidade de você se capacitar tecnicamente e isso ser exercido de forma colaborativa, de forma conjunta, não é? E foi a principal mudança, assim, que eu senti, não é? A energia do ambiente é outra, não é? Quando você coloca a participação, coletivo, não é?
Ideia central - 4	Discurso do Sujeito Coletivo - 4
Causou uma ponderação sobre os desafios de realizar uma ação coletiva novamente.	Nem sempre a gente consegue fazer diferente, não é? Por comodidade, por correria, não é? Por falta de disponibilidade de exercer de novo essa ação coletiva por que não é todo mundo que ainda está disposto, não é?
Ideia central - 5	Discurso do Sujeito Coletivo - 5
Reflexões pós-ocupação do espaço construído.	Os pequenos, assim, que chegam na escola, o ambiente que eles vão, que eles se sentem acolhidos é na areia. Imagine com essa estrutura, não é? Que se que ficou e a gente até fala do tanque de areia, a gente fala que são as fases da lua então, às vezes, as crianças sentam e ficam olhando, não é? Por eles mesmos, tem crianças que já descobre o desenho. Então, é muito rico. O espaço do tanque de areia, geralmente, é um tanque de areia normal, não é? E ali não, ali são dois espaços diferentes, não é? Então o dia que está mais friozinho a gente vai pra casa azul, eles gostam de ficar ali dentro, não é? Que é mais aconchegante, com esse ambiente acolhedor que o sol traz, não é? Esse aquecimento. As crianças brincam ali, eles fazem castelo, fazem de tudo ali, e o dia que está aquele solzinho mais gostoso a gente vai pro outro espaço que é mais aberto, não é? E ali também, ali eles criam. Tanto que as crianças deram o nome da casa azul porque a gente pintou de azul. E a gente passa aqui para almoçar e ver, não é? Que aquilo foi construído, não é? Com a nossa ajuda, não é? É muito bom, sabe? É muito prazeroso isso tudo, principalmente para as crianças, não é? Eu acho que as crianças acabam vivenciando o que nós vivenciamos, não é? De ter em contato consigo mesmo, utilizando a terra e já sentindo essa energia dos materiais que foram utilizados e das energias que foram depositadas ali, não é? Bem gostoso, é o espaço que eles mais gostam. Acho que, tudo isso que foi depositado durante, não é? Esse fazer, está agora, não é? Está ali. Essa energia está ali. Muito lindo! Eu lembro que ainda pintou a parede lá do fundo, não é? Tinha os desenhos que as crianças amam aqueles desenhos. Não consigo hoje imaginar a escola sem aquele pedaço, não é? A Casa Azul, o Tanque de areia, a parede pintada, ficou um ambiente totalmente divertido, assim, ficou muito bom.
Ideia central - 6	Discurso do Sujeito Coletivo - 6
As vivências ajudaram a aliviar o estresse.	Serviu como uma terapia. Eu fazia meu serviço correndo pra poder ir lá porque quando eu estava lá fazendo aquele trabalho todo com vocês eu ficava mais calma, ficava mais fixada lá no serviço, aprendendo as coisas que vocês passavam pra gente mesmo, foi bom. Antes eu não fazia nada, só levava meus filhos pra creche e ficava em casa, por isso, eu estava andando muito estressada e isso aí me desestressou bastante. Adorei!

<i>3 - Depois dessa experiência, você mudou algo no seu dia a dia? O quê?</i>	
Ideia central - 1	Discurso do Sujeito Coletivo - 1
Mudou a consciência ambiental.	O que ficou bem forte mesmo após essa vivência, foi de valorizar o que é da natureza, assim, não é? Essa questão da sustentabilidade mesmo, de valorizar mais e até aproveitar mais desse meio que a gente tem, não é? Esse olhar para as coisas mais naturais, esse reaproveitamento de materiais. O que eu posso fazer para transformar, pra modificar, não é? Então se eu consigo modificar isso no meu dia a dia para construir algo ou para deixar algo bonito, tem que começar por mim, não é? Não posso querer que o outro transforme primeiro. Se eu não fizer, como é que eu vou dar esse exemplo, não é? Portanto, o que principal mudou foi essa consciência ambiental do impacto das nossas ações e escolhas no meio ambiente, não é? Parar para analisar cada ação nossa, cada escolha de consumo nossa, o quanto isso tem impacto ambiental, o quanto poderia ser diferente. Acho que daí para frente, assim, tipo uma nova visão, não é?
Ideia central - 2	Discurso do Sujeito Coletivo - 2
Mudou a forma de confrontar o aprendizado de algo novo, devendo-se persistir porque nada é impossível.	A gente está sempre buscando coisas novas, não é? E está sempre, cada dia que passa você está sempre buscando e aprendendo. Então quando vocês vieram com o projeto, assim, - “será que vai dar certo um negócio de barro”. E realmente funcionou, foi muito gostoso mesmo. Serviu pra gente sempre pensar que nada é impossível, não é? E trabalhar a questão emocional também, não é? De você ter esse momento de entrar em contato com você mesmo, se desafiar a fazer, não desistir já do primeiro momento.
Ideia central - 3	Discurso do Sujeito Coletivo - 3
Não mudou no dia a dia, talvez em um nível mental.	Então, mudar algo no meu dia a dia, eu não mudei, porque a gente acaba, por falha mesmo, acaba deixando passar, não é? A gente vive o momento, mas acaba não levando por não ser uma prática diária, não é? É talvez a maneira de olhar as coisas, e saber que existem outras possibilidades, mais uma coisa mental, assim, um entendimento maior da situação.
Ideia central - 4	Discurso do Sujeito Coletivo - 4
As vivências se tornaram um compromisso agradável que mudou a rotina de alguns participantes.	O meu dia a dia era sempre ficar lá em casa, ficava muito com os meus filhos, levava eles pra creche e ficava sempre sozinha lá em casa. Então, o dia que não ia, eu ficava agitada, querendo sair pra algum lugar. Eu só queria ir lá fazer a atividade. Não era todo dia que a gente podia estar lá, não é? Daí, fazia as minhas obrigações e dava o horário de eu ir lá pra participar com vocês, de fazer o tanque de areia, a casinha de boneca, eu sempre estava, eu tinha aquele compromisso.

4 - Você gostaria de destacar algum momento da(s) vivência(s) que tenha sido mais marcante pra você?	
Ideia central - 1	Discurso do Sujeito Coletivo - 1
A união de todos se ajudando, persistindo e superando os obstáculos juntos.	Pra mim foi do começo ao fim, não é? Cada encontro, cada momento, cada vitória, cada frustração também que nós também tivemos nossos desafios, não é? Teve vocês quanto mediadoras que foi também essencial, a paciência que vocês exercitaram também em ensinar: “não, vamos fazer juntos, é isso, vai dar certo”. Praticamente toda equipe parou pra fazer, não é? Não foi nada obrigado, participou quem quis, não é? A gente tinha essa livre escolha, não é? De participar ou não. E a união mesmo, não é? Da equipe, não é? Dessa coisa, assim, de persistir. Um ajudando o outro porque não podia parar ali senão não dava certo, então eu acho que o que ficou foi essa união de todos trabalhando junto pra o mesmo propósito, foi essa interação, sabe? Estar todo mundo ali junto colocando a mão na massa. E naquele momento eu vi todo mundo sendo um, não é? Todo mundo ajudando, todo mundo disposto, então, foi uma coisa que veio para fortalecer a equipe do CEISA naquele momento, então o que marcou para mim foi esse aprendizado todo mundo junto, todo mundo parando para descansar junto, pra comer junto e se ajudando, como eu disse, não é? Quem estava em cima precisava da ajuda do de baixo e sempre tendo essa empatia de se colocar no lugar do outro e auxiliar, pra mim o que ficou mais marcante foi isso.
Ideia central - 2	Discurso do Sujeito Coletivo - 2
A curiosidade de como ia ficar, a dúvida se ia dar certo e a satisfação de ver o resultado.	Claro que o processo foi muito mais importante, se torna muito mais importante, mas acho que é isso, não é? E ao mesmo tempo que a gente estava ali fazendo com aquela alegria, muita satisfação e o fortalecimento da equipe que trouxe, não é? A gente não via a hora de terminar para ver aquilo pronto. Porque era muito diferente, porque o que a gente estava acostumado era o cimento, o tijolo, a pedra e não era, não é? No último dia, depois de ter secado, principalmente o tanque de areia, quando ele secou, a gente limpou os pratos, tiramos as telas que cobriu por cima, assim, e vimos o resultado. Nossa! O resultado foi o melhor dia, porque a gente fica na expectativa, não é? Essa ansiedade de como ia ficar, não é? Participar do processo mas querendo ver o final. Será que vai dar certo? Será que vai dar tempo de secar? Será que fica firme mesmo? Então, assim, para mim foi essa curiosidade se ia dar certo, se não ia, não é? Aí vamos ver", a hora que tirou tudo, foi o melhor, estava superlindo!
Ideia central - 3	Discurso do Sujeito Coletivo - 3
A moça que estava grávida participou.	E inclusive, até no nosso meio, se não me engano, tinha a moça que estava grávida ela também participou. Nossa! Ela nem se importou com a gravidez, não é? Ela foi, ela agachava, ela toda sorridente brincando e já estava no final da gravidez e mesmo assim ela também entrou na brincadeira.

Ideia central - 4	Discurso do Sujeito Coletivo - 4
O reaproveitamento de pratos de cozinha para entrada de luz.	O mais marcante foi a parte dos pratinhos, porque muita gente via aqueles pratinhos em casa e acabava jogando no lixo, e eu aprendi que tem serventia pra colar no trabalho todo, ficou iluminado em volta do tanque de areia, ficou muito bom.

3.2.2. Apresentação dos Resultados

QUADROS SÍNTESE

Quadro 7: Ideias centrais pergunta 1 - CEISA

QUESTÃO 1 - DE QUE VIVÊNCIA(S) VOCÊ PARTICIPOU? QUE ATIVIDADE(S) REALIZOU? DESCREVA, POR FAVOR, O QUE APRENDEU E/ OU ENSINOU.	
Ideias centrais	Participou das vivências da casa azul e tanque de areia.
	Aprendeu as técnicas e a importância da bioconstrução.
	Formou-se uma equipe que tinha o objetivo de construir o tanque de areia havendo um aprendizado em conjunto e o compartilhamento.

Quadro 8: Ideias centrais pergunta 2 - CEISA

QUESTÃO 2 - O QUE VOCÊ ACHOU DA EXPERIÊNCIA / VIVÊNCIA? TROUXE ALGUMA REFLEXÃO? QUAL?	
Ideias centrais	As vivências de bioconstrução e aprendizado de técnicas construtivas causaram uma reflexão sobre o uso dos materiais utilizados na construção.
	As vivências de bioconstrução trouxeram aprendizado, desafios e alegrias.
	Houve uma reflexão intrapessoal e interpessoal sobre o trabalho em equipe, co-laborativo.
	Causou uma ponderação sobre os desafios de realizar uma ação coletiva novamente.
	Trouxe reflexões pós-ocupação do espaço construído.
	As vivências ajudaram a aliviar o estresse.

Quadro 9: Ideias centrais pergunta 3 - CEISA

QUESTÃO 3 - Depois dessa experiência, você mudou algo no seu dia a dia? O quê?	
Ideias centrais	Mudou a consciência ambiental.
	Mudou a forma de confrontar o aprendizado de algo novo, devendo-se persistir porque nada é impossível.
	Não mudou no dia a dia, talvez em um nível mental.
	As vivências se tornaram um compromisso agradável que mudou a rotina de alguns participantes.

Quadro 10: Ideias centrais pergunta 4 - CEISA

QUESTÃO 4 - Você gostaria de destacar algum momento da(s) vivência(s) que tenha sido mais marcante pra você?	
Ideias centrais	A união de todos se ajudando, persistindo e superando os obstáculos juntos.
	A curiosidade de como ia ficar, a dúvida se ia dar certo e a satisfação de ver o resultado.
	A moça que estava grávida participou.
	O reaproveitamento de pratos de cozinha para entrada de luz.

A partir das ideias centrais evidenciadas nos DSC, pode-se dizer que se formou uma equipe que participou das vivências da Casa Azul e do tanque de areia, havendo o compartilhamento e o aprendizado de técnicas bem como a conscientização da importância da bioconstrução. Esse trabalho **trouxo reflexão** sobre o uso dos **materiais utilizados na construção** e o **trabalho interpessoal (co-laborativo) e intrapessoal** desenvolvido, causando uma ponderação sobre os **desafios de realizar uma ação coletiva** novamente. A atividade também ajudou a aliviar o estresse e trouxe alegria com a **utilização do espaço construído pelas crianças**.

As vivências **mudaram a consciência ambiental** e a **rotina** de alguns participantes, transformando-se em um compromisso agradável e trazendo a confiança de que, ao se buscar aprender algo novo, deve-se persistir, porque **nada é impossível**. Ao mesmo tempo, para outros, nada foi alterado no seu dia a dia.

Alguns momentos e fatos marcaram as vivências, como a **união** de todos se ajudando, persistindo e superando juntos os obstáculos, e a surpreendente participação da moça que estava grávida. Durante todo o tempo, havia a curiosidade de ver como ia ficar e a dúvida se ia dar certo. E, depois, houve a satisfação de ver o **resultado do trabalho** e os **pratos de cozinha sendo reaproveitados** na construção, para permitir a entrada de luz.

A partir dos depoimentos coletados e do tratamento de dados através do método do DSC, verificou-se que as vivências do CEISA viabilizaram a reflexão e conscientização sobre diversos assuntos, inclusive sobre questões ambientais e coletivas.

3.3. Vivência Ecocasa Kripa Madhu

Figura 33. Vistas da paisagem antes e depois das vivências.



Fonte: autora.

A Ecocasa Kripa Madhu³⁰ foi um projeto de implantação de uma casa colaborativa voltada para divulgar e praticar os conceitos da permacultura urbana através de vivências de bioconstrução, práticas de meditação³¹, yoga³² e alimentação vegetariana³³ em Barão Geraldo, distrito de Campinas – SP. Teve início em fevereiro de 2016 e término em junho de 2017.

Pode-se dizer que a casa teve três momentos principais de transformação. O primeiro, inicial, foi uma fase exploratória, de adaptação com a casa, com a rotina dos moradores, para conhecer o entorno, a dinâmica da cidade, abrigando pessoas novas que tinham afinidade com o projeto e poderiam ser parceiros, entendendo desafios a serem enfrentados para a elaboração de um plano de ação e um delineamento mais claro da proposta e dos objetivos do projeto para que pudessem ser colocados em prática em um segundo momento, de muito esforço, trabalho, persistência, aprendizagem e compartilhamento de saberes que possibilitou uma transição para o terceiro momento, de amadurecimento da idéia e da logística das

³⁰ Significa “a graça mais doce”, em sânscrito.

³¹ A meditação é uma prática que, através de um conjunto de técnicas, busca treinar a focalização da atenção. Sua origem é muito antiga, remontando às tradições orientais

³² Yoga (*yuj*) é um conjunto de conhecimentos de mais de 5 mil anos que, em sânscrito, significa unir ou integrar. É harmonizar o corpo com a mente e a respiração, através de técnicas de respiração (pranayamas), posturas de yoga (ásanas) e meditação.

³³ Uma alimentação vegetariana segue o objetivo não se consumir alimentos obtidos a partir do sacrifício de animais, existindo os ovolactovegetarianos, que restringem apenas a carne, incluindo laticínios e ovos em seu plano alimentar. Geralmente, os motivos que levam a essa dieta são a preocupação com questões ecológicas, devido a crenças religiosas ou filosóficas, ou por achar esta uma opção de vida mais saudável.

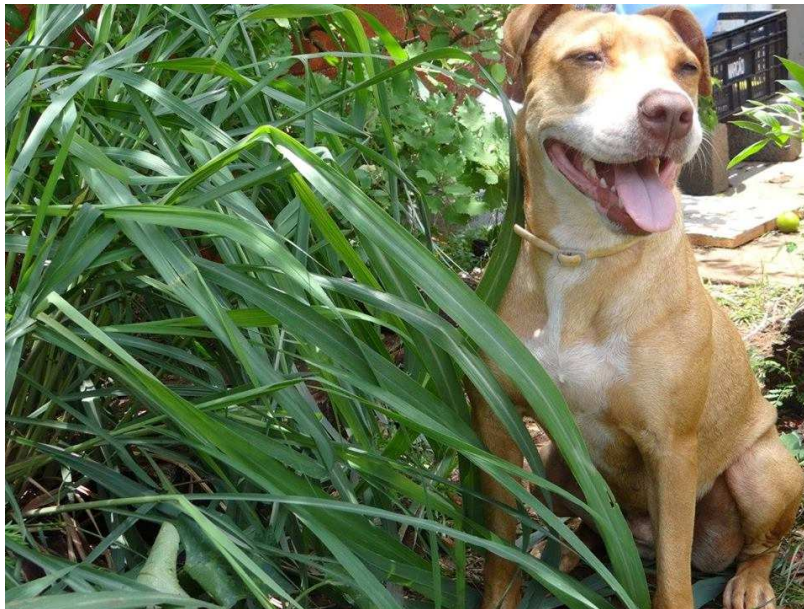
práticas e estratégias para a sustentabilidade da casa, permitindo resultados cada vez mais significativos e trazendo à consciência a viabilidade do caminho traçado. Todos esses momentos foram permeados por vivências de bioconstrução que configuraram ciclos curtos dentro de um ciclo mais longo.

3.3.1. Primeiro momento

O início do projeto se deu pelo desdobramento da parceria de duas bioarquitetas que, já há algum tempo, compartilhavam ideias sobre conceitos de sustentabilidade e haviam realizado a facilitação de vivências de bioconstrução em outro momento. Também se convidou um artista plástico no início do projeto para integrar essa parceria.

Todos se mudaram para a Ecocasa Kripa Madhu, junto com Dora (figura 34), uma cachorrinha adotada pela autora, anteriormente, que se tornou um personagem da casa e, dócil, amorosa, amigável e brincalhona, participou de todas as vivências de bioconstrução.

Figura 34. Dora



Fonte: Henrique Spiguel Polizello.

Desde o início, houve uma reflexão sobre o quanto as ações diárias, isto é, aquilo que se consome e, conseqüentemente, o lixo que se produz, têm impacto no meio ambiente, seja em pequena escala (casa/ cidade), em média escala

(país/continente) ou em grande escala (planeta Terra), uma vez que tudo está conectado. Por isso, visou-se colocar em prática um estilo de vida mais consciente através dos conceitos da permacultura em meio urbano com ênfase em práticas como vivências de bioconstrução, yoga, meditação e vegetarianismo.

Criou-se o slogan “do nada ao tudo”, que tem uma relação com o lixo que não se vê como recurso - o “nada” - e que, a partir de uma visão ecológica, resiliente e criativa pode ser visto como “tudo”, assim como algo descartado por um organismo tem grande valor e utilidade para outro. Desta forma, é possível desenvolver um olhar mais amplo, conectado aos ciclos dos materiais e entendendo o conceito de que o lixo não existe na natureza.

Então, alugou-se uma casa “do nada” (sem móveis, utensílios de cozinha, eletrodomésticos, etc) e chegou-se a ter “tudo” (a casa montada, com atividades acontecendo e mais pessoas habitando-a) praticamente a partir de doações e reaproveitamento de materiais.

Foi um esforço coletivo de análise e reflexão sobre o que é consumido na sociedade atual e aquilo de que realmente se precisa para viver, procurando levar essa reflexão para a prática das ações no dia a dia, construindo um pensamento crítico sobre o ciclo dos materiais e reinserindo-os em algum ciclo possível, seja reutilizando-os (como os potes de vidro de palmito que se reutilizou para armazenar alimentos ou como uma porta de vidro temperado virou parede no quarto de pau a pique) ou reciclando-os (como a compostagem).

Desta forma, a casa se tornou um “canteiro experimental” onde foi possível criar soluções a partir de materiais disponíveis, de maneira colaborativa e sustentável. Um lugar onde todos puderam contribuir com o seu conhecimento, vontade e criatividade, trazer propostas novas para testar (como o cimento queimado feito na escada do quarto de pau a pique), curiosidades, desvendando não só uma forma de se fazer, mas o conceito embutido naquele sistema, sua essência para poder adaptar, melhorar ou ampliar futuramente, encorajando a criação de soluções resilientes para os problemas que se enfrentam hoje nas cidades.

O quintal da casa era semelhante ao de outros lotes urbanos (10m x 30m) e nele foi realizada, em vivências, a construção de um forno de pizza, um laguinho, uma espiral de ervas, um quarto de pau a pique coberto por um telhado verde, um banheiro seco, um chuveiro (ducha), uma cozinha externa, e se implantou um local

para fogueira e canteiros agroflorestais. Todas essas intervenções fizeram parte da proposta da prática da permacultura urbana, que, além de sugerir o uso de materiais naturais e um contato maior com a natureza entendendo seus processos, também incentiva o uso do que está sendo descartado ou daquilo que as pessoas queiram doar, visando uma reinsertão desses materiais em um ciclo que não gere lixo. Essas atividades resultaram em uma maior utilização dos materiais disponíveis, evitando o gasto de energia na produção de algo novo que já teve uma energia gasta para ser produzido, deixando de gerar o desperdício de recursos e de energia. A compostagem do lixo orgânico e sua utilização para adubar a terra da horta foram uma prática presente desde o início da casa e algo que marcou a vivência de muitos que passaram por lá.

A ideia do quartinho de pau a pique surgiu para que a casa pudesse abrigar mais pessoas morando e dividindo as despesas, contribuindo para a manutenção, funcionamento e implantação de novas atividades que viessem a ser propostas. Percebeu-se que, ao realizar as atividades coletivamente, acelerava-se o processo de execução do plano de ação, uma vez que eram muitas pessoas focadas em um mesmo objetivo, trabalhando de forma coletiva e autônoma. Ao mesmo tempo, exigia-se que essas pessoas exercitassem a comunicação e resolução de conflitos através da convivência intensa.

Desde o começo, a casa era muito visitada por curiosos e amigos de amigos que queriam conhecer e saber como tudo acontecia. Havia meditações coletivas, práticas de yoga (figura 35), almoços coletivos e reuniões em torno da fogueira. Assim, a casa, como todo projeto em fase inicial, tomava tempo de seus idealizadores/ implantadores. Havia uma biblioteca na sala em uma prateleira feita de caixas de feira que proporcionava um espaço de estudo sobre temas diversos.

Figura 35. Práticas de yoga.



Fonte: autora.

Houve uma ligação da Ecocasa com o seu entorno (figura 36): a vizinha de muro, no início, deixava seu lixo orgânico em cima do muro para compostarmos; o vizinho da frente nos ajudou logo, quando nos mudamos; o Mantra – Espaço Cultural próximo à Ecocasa, onde aconteciam as meditações aos domingos; a Praça Tenente Getúlio Justino de Oliveira, ao lado da casa, era como uma extensão do quintal agroflorestal da casa, pois havia muitas árvores frutíferas, um campo de futebol e pista de caminhada em seu perímetro.

Figura 36. Vista aérea da localização da Ecocasa Kripa Madhu



Fonte: Elaborado pela Autora a partir da imagem do Google Earth.

Uma questão importante sempre foi a sustentabilidade da casa, não só em relação à questão ecológica (impacto sobre o meio ambiente), mas em relação à questão econômica (gerenciamento dos gastos financeiros e geração de renda), social (acesso às vivências e trabalho co-laborativo), espacial (prática da permacultura urbana) e cultural (acolhimento e respeito pela diversidade). Um ponto importante e um grande desafio para a viabilidade da casa foi criar meios para que esta se sustentasse a partir das atividades ali realizadas, que suprissem seus gastos básicos como aluguel, comida, água, luz, internet, etc., possibilitando o acesso a essa experiência a qualquer pessoa que estivesse aberta a experienciá-la.

Ao final dessa fase, chegou-se à conclusão de que a casa precisava de mais moradores, mais pessoas dispostas a investir seu tempo e conhecimento nessa ideia. Além das ações que já estavam acontecendo em relação à questão ecológica e às vivências de bioconstrução, era importante estabelecer uma intenção mais coletiva, mais co-laborativa em seu dia a dia e uma rotina e dinâmica concentradas em seu plano de ação que propunha a geração de renda para a casa se sustentar financeiramente através das atividades que acolhia. Nesse sentido, foi proposta, além da ativação da horta e do banheiro seco e aumento da frequência das vivências gratuitas com contribuição consciente, a criação de mais dois quartos: um através da divisão de um cômodo lateral, onde funcionava o coworking inicialmente (quarto 4)³⁴ (figura 37) e outro com a finalização do quarto de pau a pique no quintal (quarto 5)³⁵, gerando, em um primeiro momento, a diluição de custos e tarefas para cada morador.

³⁴ Ver Planta Baixa Ecocasa Kripa Madhu em Anexos.

³⁵ Ver Planta Baixa Ecocasa Kripa Madhu em Anexos.

Figura 37. Divisória instalada para a criação do quarto 4.



Fonte: Victoria Monti Hugney.

3.3.2. Segundo momento

Foi nesse período que se criou o sistema de compras coletivas no CEASA (Centro de Abastecimento de Campinas S. A.), o que ajudou a garantir uma alimentação vegetariana, coletiva, saudável, de baixo custo, abundante e completa para seus moradores e para as vivências de bioconstrução. A ideia surgiu da percepção de que os mesmos legumes e frutas vendidos nos supermercados, por quilo no varejo, são comprados em caixas fechadas no CEASA por 1/3 deste valor. Desta forma, chegou-se à conclusão de que a compra de caixas fechadas dos legumes e frutas mais consumidos por todos possibilitaria uma alimentação básica abundante e menos onerosa.

Normalmente, aos finais de semana divulgava-se um *post* sobre as compras coletivas no CEASA nos grupos do *Facebook* dos quais a Ecocasa fazia parte em Barão Geraldo, recebendo a contribuição até a segunda-feira para, na terça-feira, no período da manhã, comprar os legumes e frutas no CEASA, montando o que se chamou de *kits* (figura 38), uma cesta com aproximadamente 10 kg de alimentos,

que se distribuía para cada pessoa que houvesse aderido à compra naquela semana.

Figura 38. Kit do CEASA



Fonte: autora.

Como a casa organizava, divulgava e distribuía as compras, ficava com dois kits para o consumo próprio, o que fazia com que se suprisse uma necessidade básica da casa através de um serviço que beneficiava outras pessoas. Além da questão financeira, também era agregado um valor social que retornava para quem contribuía com as compras coletivas, a partir da rede que se formou, pois algumas pessoas conheciam a casa pelas compras e depois participavam das vivências, ou então vinham para as vivências e depois participavam das compras, todos se apoiando e apoiando o projeto da casa.

Através dessa rede que se formou, houve muitas doações e empréstimos, como as divisórias utilizadas para a viabilização do quarto 4, eletrodomésticos, freezer, fogão, móveis, armários para a cozinha, máquina de lavar roupas, estantes para a sala e para a lavanderia, etc.

Na mesma época, o quarto 3³⁶ se tornou coletivo para que fosse possível receber pessoas que ficariam pouco tempo, compartilhando o espaço. Foi o período em que aconteceram mais vivências de bioconstrução (a maioria focada no término do

³⁶

Ver Planta Baixa Ecocasa Kripa Madhu em Anexos.

quarto de pau a pique) e uma maior transformação estrutural da casa, sendo finalizado o quarto de pau a pique (figura 39), a colocação do telhado verde, a reformulação dos canteiros agroflorestais e da composteira, a colocação de prateleiras, cortinas, almofadas, enfim, a organização física geral da casa.

Figura 39. Quintal Ecocasa – quarto de pau-a-pique terminado.



Fonte: Henrique Spiguel Polizello.

Desde o início, o fato de a casa ser alugada surpreendia as pessoas, pois se estava “investindo” em “melhorias” ³⁷ em uma casa que era alheia, gerando algumas reflexões importantes, como a ideia de que só se pode começar a mudar algo quando se é proprietário de algum local. Esse pensamento retarda certas ações, porque muitas pessoas podem passar a vida inteira sem obter a propriedade de uma terra ou adquiri-la apenas no final da vida, o que significa esperar muito tempo para colocar em prática, experimentar, testar uma ideia. Então, ainda que algo possa durar pouco ou não acontecer como previsto, é importante ter a consciência de que o único momento em que se pode agir e intervir é o presente.

³⁷

Ver planta das “melhorias” (modificações) na casa em capítulo Anexos.

Outra reflexão interessante foi sobre a corresponsabilidade de dividir um espaço, partilhando não só as alegrias, mas os gastos, os investimentos, o tempo e as responsabilidades. E o fato de não existir um proprietário idealizador da proposta trazia a possibilidade para qualquer pessoa de recriá-la, copiá-la, assumi-la e dar-lhe continuidade, não tendo necessidade de pré-requisitos para isso. Apesar de a casa ter um proprietário, nenhuma das pessoas que ali morava ou que houvesse participado das vivências era “dona” do lugar e também não obteria “benefícios” ou “lucraria” com as melhorias realizadas.

Nesse sentido, o objetivo pelo qual aquele trabalho estava sendo feito e os resultados que estavam sendo buscados não eram uma transformação física da casa, esta era apenas um meio para que a transformação da percepção pessoal de cada um pudesse acontecer, eram os esclarecimentos, as experimentações, as superações, a realização de sonhos, a busca e o encontro de um caminho a seguir que realmente possibilitaria a realização de cada um como pessoa.

3.3.3. Terceiro momento

Esse foi um momento de amadurecimento da proposta da casa, no qual se conseguiu colocar muitas atividades em prática, aumentou-se o número de moradores de quatro para seis pessoas, e a casa demandou uma organização ainda maior, havendo reuniões mais frequentes para resolver diversos assuntos e planejar a colocação de novas ideias em prática.

Sempre que alguém se mudava para a casa, havia uma roda de apresentação e recepção, o que acontecia em média uma vez por mês, sendo uma forma de acolher a pessoa que estava chegando, de saber as suas expectativas, seus sonhos, seu momento de vida. Todos aqueles que já estavam lá há algum tempo, apresentavam-se e compartilhavam suas experiências, reflexões, percepções, propondo meios de melhorar a comunicação e a resolução de conflitos, ideias de como superar os desafios, colocar em prática alguns conceitos novos para o grupo e melhorar o que já estava em andamento. E assim, como em uma colcha de retalhos, ao unir os depoimentos daquela roda, revelava-se qual era o momento pelo qual a casa estava passando e qual o caminho que deveria ser seguido dali para frente.

Foi assim que surgiu a ideia dos almoços coletivos na Ecocasa (figura 40). Em relação à estrutura física, era necessária a colocação de uma divisória (figura 41) já prevista há algum tempo, fechando a garagem e fazendo com que a casa ganhasse um novo ambiente, o espaço de coworking, onde havia uma mesa que seria utilizada também para servir os almoços coletivos abertos. Assim, houve também a reorganização das tarefas da casa e o surgimento de novas atividades, como aulas de alemão e yoga com café da manhã, que começaram a virar rotina na casa, além da ativação do banheiro seco, uma necessidade que surgiu devido ao aumento do número de pessoas visitando a casa diariamente e a casa contar com um único banheiro.

Figura 40. Almoços coletivos na Ecocasa.



Fonte: autora.

Figura 41. Colocação de divisória fechando a garagem.



Fonte: autora.

Os almoços, servidos às quartas-feiras e quintas-feiras, das 12h às 14h, eram vegetarianos e, na maioria das vezes, veganos. Como havia pouco espaço e uma cozinha residencial com um fogão de quatro bocas, estabeleceu-se que receberíamos no máximo 10 pessoas por almoço, somando-se 16 pessoas com os moradores, sendo necessário que os interessados confirmassem a vinda para o almoço antecipadamente, até as 10h30. Para que não ficasse muito trabalhoso e essa atividade não tomasse muito tempo de todos, optou-se por dividir os responsáveis pelos almoços em duplas. Cada dupla, além de preparar e servir as refeições, ficava responsável por criar o cardápio, divulgá-lo nas redes sociais nos dias anteriores, responder dúvidas, reservar os 10 lugares e limpar a cozinha ao final da atividade. Foi feita uma escala, mas existia uma flexibilidade de trocar de duplas e dias, conforme agendas de viagens e compromissos de cada um. Com o valor arrecadado, foi possível pagar 1/3 do aluguel, o gás consumido na casa, parte do *tahine*³⁸, parte das compras coletivas e ingredientes diferenciados que não estavam incluídos nas compras coletivas básicas.

Os almoços, assim como as compras coletivas no CEASA e as vivências de bioconstrução, eram um ponto de conexão para que as pessoas conhecessem a casa e passassem a participar de outras atividades oferecidas. E, da mesma forma

³⁸ Tahine é um creme ou pasta feito de sementes de gergelim(sésamo) muito usado na cozinha do Oriente Médio como complemento de muitos pratos e doces.

que contribuía para a sustentabilidade econômica da casa, era possível oferecer uma alimentação completa (refeição, sobremesa e suco), de qualidade (variada, nutritiva, vegetariana ou vegana), abundante (comida à vontade) e acessível.

Além das compras coletivas no CEASA, havia também as compras feitas mensalmente para abastecer a casa com alimentos vendidos a granel (cereais, grãos, sementes, farinhas, temperos) no Mercado Municipal de Campinas, por serem mais frescos e baratos que os vendidos nos supermercados e por não possuírem embalagens e conservantes. Alguns produtos eram comprados no Atacadão, como o azeite de oliva, comprado em galão, óleo de girassol, papel higiênico e alguns produtos de limpeza. Havia também a compra do balde de 11kg de *tahine*, junto com outras pessoas da cidade, direto da fábrica.

Nesse período, uma parte da alimentação era proveniente dos canteiros agroflorestais do quintal da casa: legumes, temperos, ervas e verduras. Eram colhidas frutas da época na praça ao lado, principalmente, para fazer pratos com a jaca verde.

Com as atividades crescendo e se desenvolvendo, imaginava-se que a Ecocasa continuaria seu processo tornando-se cada vez mais sustentável, mas não foi o que acabou acontecendo. Em torno de seis meses após a casa ser alugada, o proprietário a colocou à venda e pediu permissão aos locatários que isso pudesse ser feito, sendo vendida um ano depois, necessitando que fosse desocupada. Assim, houve uma última vivência de despedida da Ecocasa, encerrando seu ciclo naquele espaço físico, iniciando-se a retirada dos móveis e utensílios, devolvendo o que havia sido emprestado e doando o restante para quem pudesse precisar; a casa foi entregue em julho de 2017.

A entrega da casa trouxe uma reflexão sobre o espaço físico da Ecocasa Kripa Madhu, transformado com a realização das vivências de bioconstrução, um local onde tudo acontecia, mas não como objetivo em si mesmo. O objetivo das vivências de bioconstrução sempre foi a conscientização sobre as ações diárias e o impacto que estas têm sobre o meio, e isso independe de um lugar específico, ficando marcados os aprendizados obtidos, as amizades feitas, os momentos vividos, a rede de relações e apoio formada, o investimento do tempo em viver e ser presente.

3.3.4. Ciclos Curtos de Vivências de Bioconstrução

Muitas pessoas acreditam ser muito difícil adaptar suas vidas a uma forma mais sustentável por causa do alto custo de implantação de algumas tecnologias. Essa forma de pensar reflete o desconhecimento de modos mais simples de instalação e adaptação de alguns sistemas. A partir dessa percepção, surgiu a ideia de realizar vivências onde se pudesse divulgar, criar e experimentar soluções sustentáveis com o menor custo e maior criatividade possível, com reaproveitamento de materiais, de forma a integrar pessoas interessadas no assunto, formando uma rede de cooperação mútua.

As vivências de bioconstrução na Ecocasa funcionaram como um “canteiro experimental”, testando o conhecimento teórico na prática e gerando, assim, mais conhecimento, não só em relação a experimentos de técnicas de bioconstrução e permacultura, mas de atividades diversas, como aulas de yoga, meditação, cozinhar, tocar instrumentos, dançar, cantar, plantar, comer, cuidar, ser cuidado, vivenciando, assim, a proposta da Ecocasa.

De tal modo, uma proposta inicial de intervenção era delineada em reunião e organizada pelos colaboradores da casa e, em torno de um mês antes da data marcada para a vivência, era criado e divulgado o evento no Facebook. Qualquer pessoa podia propor uma experimentação em uma vivência, colocando-se na posição de facilitador, apoiado por uma rede que lhe dava suporte. No momento das vivências, essa proposta poderia ser modificada ou adaptada, conforme o conhecimento trazido pelos participantes ou pelas condições de realização das atividades nos dias do evento, tendo um caráter flexível, fundamental para possibilitar a criação e a interação entre os participantes. Outras atividades eram propostas, como o preparo do almoço vegetariano, a harmonização dos espaços, a busca de materiais no entorno e o que mais fosse necessário para o evento acontecer.

Desta forma, a proposta de atividades das vivências e sua estrutura organizacional foi sendo construída em ciclos de vivências, ações/ praxis, reflexão/conscientização que se repetiram ao longo do processo de construção e questionamento sobre o impacto que as ações humanas têm sobre o meio ambiente.

Basicamente, as vivências começavam com yoga e meditação às 7h, seguidas de café da manhã, roda de abertura (para apresentação da proposta da casa, da vivência e de cada participante) e início das atividades de intervenção no quintal, por volta das 10h. A ideia era que as atividades fossem colaborativas e autogeridas, por isso sempre era explicado a todos que poderiam se sentir à vontade para participar de qualquer atividade que estivesse acontecendo no momento e propor novas atividades, caso julgassem necessário. Desta forma, toda a gestão do espaço e atividades durante as vivências eram autogeridas por todas as pessoas presentes, como por exemplo, preparar as refeições (café da manhã, almoço, jantar), lavar a louça e limpar espaços da casa (cozinha, banheiro, sala) e assim era possível vivenciar de fato e entender como funcionavam as dinâmicas diárias do espaço, possibilitando a reflexão, criação de novas dinâmicas e soluções conscientes para cada atividade da casa.

Então, nessas vivências, a responsabilidade de fazer acontecer, a sustentabilidade do lugar e a ideia de como poderia ser feito tornaram-se compartilhadas.

Incentivou-se aos participantes desenvolver uma visão diferenciada em relação a materiais descartados normalmente vistos como lixo e sobre a possibilidade de se construir com custo zero (ou quase zero) e de plantar parte da sua alimentação, temperos, chás e plantas medicinais. Buscou-se perceber e enxergar a conexão de várias áreas do conhecimento em um mesmo lugar, fazendo novas conexões e solucionando problemas de forma simples e eficiente.

No período noturno, acontecia uma atividade de descontração, como um filme inspirador, reunir-se em volta da fogueira e tocar violão comendo batata doce, música improvisada na sala de meditação comendo chapati³⁹, pão de beijo (sem queijo) e pastinhas veganas para uma celebração e integração do grupo.

No dia seguinte, iniciava-se, da mesma forma que no dia anterior, com yoga, meditação e café da manhã, finalizando as atividades até a hora do almoço e fechamento em roda novamente, aberto para cada um contar um pouco sobre a experiência, reflexões, feed back, pontos positivos e negativos.

³⁹ Chapati é um tipo de pão preparado com uma farinha de trigo integral especial, tradicional da Índia, também denominada chapati.

As vivências ocorreram no período de abril de 2016 a junho de 2017 e suas atividades foram descritas a seguir.

A primeira Vivência de Bioconstrução na Ecocasa aconteceu em abril de 2016, e compreendeu como atividades a construção de um forno de pizza, um laguinho e uma espiral de ervas. Para o forno de pizza foi utilizada a técnica de estrutura do iglu, estrutura autoportante que resgata a técnica de cúpulas, abóbodas e pontes, aplicada em igrejas e templos antigos. Muitas pessoas desconheciam estruturas autoportantes e ficaram surpresas ao ver que logo após a sua construção é possível suportar grande peso, devido a ser uma estrutura de montagem, apoio e travamento voltada para um único ponto central.

Figura 42. Vivência de abril de 2016.



Fonte: Mariana Duarte Oliveira.

O laguinho foi feito utilizando-se uma lona (função de impermeabilização) protegida por duas camadas de areia socada. As bordas da lona foram presas com pedras e uma bombinha de fonte pequena foi instalada entre elas, formando uma cascata para oxigenar a água.

A espiral de ervas é um sistema que embute o conceito de maior aproveitamento e diversidade dos espaços, pois verticaliza o canteiro, criando vários microclimas. O seu desenho em espiral traz o conceito da proporção áurea (extraída da sequência de Fibonacci) e presente em formas da natureza. No centro, onde está o ponto mais alto, a terra é mais seca e no mais baixo, mais úmida. Quando bate sol de um lado, faz sombra no outro. Isso proporciona o plantio de várias espécies vegetais com

exigências diferentes, em um pequeno espaço. Tradicionalmente, é colocada próxima da cozinha para acesso fácil ao preparar pratos ou sucos com ervas frescas.

Em julho de 2016, aconteceu a vivência para montagem das estruturas de madeira com trama de bambu do quarto de pau a pique, banheiro seco, chuveiro (ducha) e preenchimento das paredes com barro, palha e garrafas para iluminação interna (figura 43).

A madeira e o bambu, uma vez colhidos e prontos para usar, proporcionam a rapidez na montagem da estrutura, sendo necessários para a sua execução cortes e encaixes das madeiras e a colocação de telhas.

Figura 43. Vivência de abril de 2016.



Fonte: Victoria Monti Hugney.

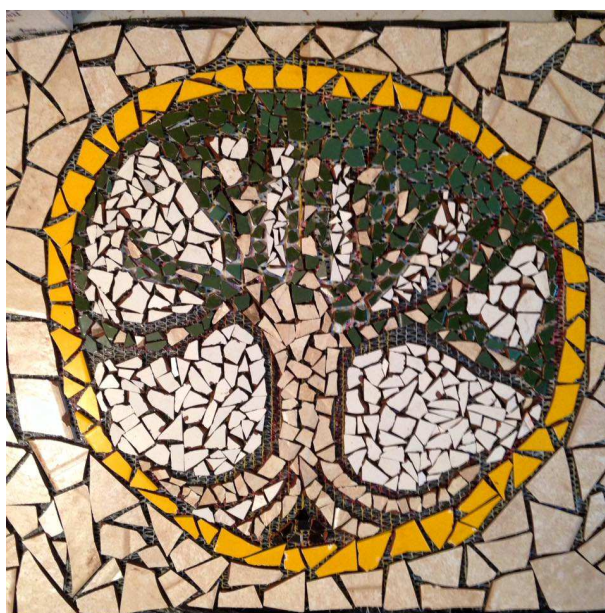
Em agosto de 2016, foram aproveitados retalhos de madeira para colocação de portas na estrutura do viveiro (figura 44) para os futuros banheiro seco e chuveiro externos, bem como a montagem de mosaicos em telas reaproveitadas de saco de cebola (figura 45), para posterior aplicação no piso do quarto de pau a pique.

Figura 44. Colocação de portas na estrutura do viveiro.



Fonte: autora.

Figura 45. Montagem de mosaico feito pelos participantes.



Fonte: Victoria MontiHugney.

Em setembro de 2016, realizou-se o contrapiso de garrafas (figura 46) utilizado para minimizar o impacto do uso do cimento na construção. As garrafas, colocadas de boca para baixo, uma ao lado da outra, fazem a função de impermeabilizar e levantar o contrapiso.

Figura 46. Contrapiso de garrafas.



Fonte: Maryella Telles Garcia Bartolomeu.

O reboco natural foi feito com terra, areia, água e grude (mistura feita com farinha e água). Essa técnica é importante porque, muitas vezes, as pessoas não acreditam que um reboco sem cimento pode ficar firme e duro, pensando que ele racha e cai ou fica esfarelado. Existe uma proporção correta para que isso não aconteça e essas questões técnicas são sempre esclarecidas nas vivências, gerando uma nova visão sobre a bioconstrução e a durabilidade e eficiência de materiais naturais, além da possibilidade de experimentar pisar na massa de barro com os pés e aplicar com as mãos, despertando e resgatando, em algumas pessoas, memórias da infância.

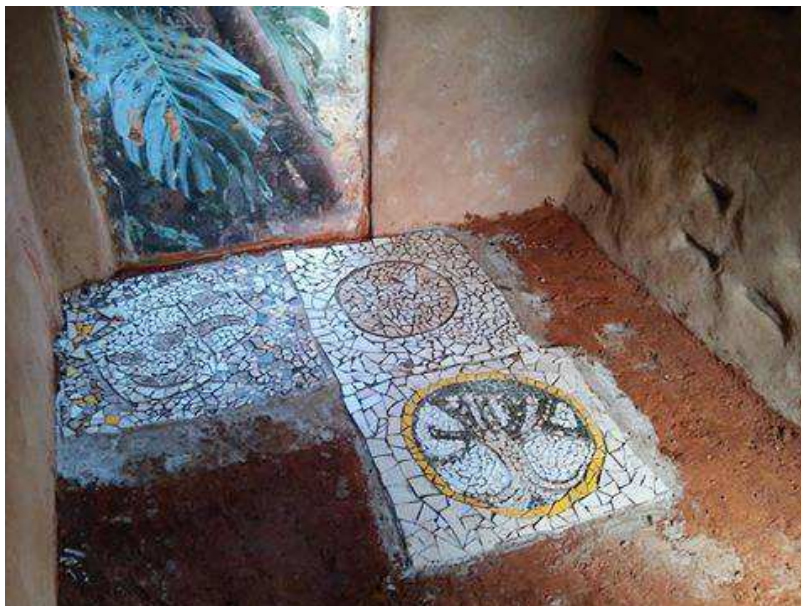
O nivelamento do piso foi feito com massa de solocimento, sendo utilizados instrumentos como régua e nível de pedreiro para se entender e aprender como funcionam, na prática, essas ferramentas de obra.

Em outubro de 2016, executou-se a aplicação do mosaico no piso e rodapés e rejuntamento dos mesmos, além da finalização da escada com piso de cimento queimado e reboco dos espelhos com massa de calfitice e pintura das paredes internas.

A aplicação do mosaico no piso (figura 47) e nos rodapés foi realizada como se fossem pastilhas, demonstrando ser uma forma mais prática de aplicar o mosaico

em grandes superfícies. Foi feito o rejuntamento, percebendo a sua importância para a impermeabilização e unificação do piso.

Figura 47. Aplicação do mosaico no piso.



Fonte: autora.

O revestimento do piso da escada estava previsto para se fazer em mosaico, mas uma das participantes sugeriu que se fizesse em cimento queimado, pois ela gostaria muito de aprender a técnica. Como esta técnica nunca havia sido feita por nenhum dos participantes, sugeriu-se buscar informação na internet, para verificar quais materiais seriam necessários e como seria o procedimento para a execução. Assim, houve a experiência de aprender fazendo, com a possibilidade de errar, mas com a coragem de tentar.

O reboco dos espelhos da escada foi feito com aplicação da massa de calfitice e na pintura das paredes internas foi utilizada tinta doada por bioarquitetas que trabalhavam com taipa de pilão e estavam se desfazendo de alguns materiais por estarem se mudando.

Em dezembro de 2016, houve uma interação entre os espaços Ecocasa e Mantra – Espaço Cultural (espaço parceiro de meditação e Yoga localizado em Barão Geraldo) onde aconteceu um Sarau dando início às atividades dessa vivência na Ecocasa. Esse modelo exemplifica como um lugar, ou pessoa, pode apoiar o outro em formato de rede, assim como muitas pessoas podem se apoiar para ampliar sua rede não só de divulgação, mas de trocas de informações, serviços ou conhecimentos.

Foi executado o telhado verde como outra dessas novas experiências, utilizou-se tecidos doados para a casa e costurados pela mãe de uma das colaboradoras, unidos em uma grande colcha, com vários bolsos preenchidos com terra misturada com a compostagem, instalada sobre o telhado, oferecendo uma melhoria no conforto térmico do ambiente, percebida quase que imediatamente. Em seis meses de uso, observou-se que houve o crescimento de algumas plantas espontaneamente, mas alguns gatos da vizinhança prejudicaram o seu crescimento e rasgaram, em parte, os bolsos de tecido, comprometendo sua durabilidade.

O canteiro agroflorestal (figura 48) foi uma experiência de plantio de mudas diversas, combinadas em um mesmo canteiro, para vivenciar a interação entre espécies diferentes. O objetivo foi comparar ao plantio em monocultura, o qual apresenta problemas quanto à sua fragilidade em relação ao ataque de insetos e pragas e à retirada desequilibrada de nutrientes de que determinada planta necessita para se desenvolver.

Figura 48. Canteiro agroflorestal.



Fonte: Henrique Spiguel Polizello.

Essa experiência possibilitou a reflexão sobre as ações diárias e sobre como se podem adaptar, para o dia a dia, algumas soluções utilizadas nas vivências, a caminho de uma transição cada vez mais próxima da sustentabilidade, exercitando a mudança de visão, para enxergar situações e soluções para as atividades diárias

que antes pareciam corriqueiras, mas que podem ser melhoradas para uma vida em harmonia com a natureza e com uma pegada ecológica⁴⁰ cada vez menor.

Em abril de 2017, o banheiro seco ou sanitário compostável⁴¹ (figura 49) foi ativado e compreendeu a construção de uma caixa de madeira, com um balde em seu interior, com o objetivo de armazenar as fezes misturadas com pó de cinzas de fogueira e serragem. Essa caixa de madeira possui um buraco em formato oval feito na sua parte superior para a fixação do assento, normalmente utilizado em vasos sanitários convencionais. Essa foi uma maneira mais simples e de baixo custo de se construir um banheiro seco, no entanto muito eficiente em seu uso e compostagem.

Figura 49. Banheiro seco da Ecocasa Kripa Madhu.



Fonte: autora.

O laguiño (figura 50), desde a primeira vivência, passou por diversas reformas. Era sempre um elemento que chamava atenção, por normalmente apresentar um custo alto em sua implantação e manutenção, mas, nesse caso, realizado de forma simples e de baixo custo. Assim, nessa vivência, um dos participantes percebeu que o fluxo da água estava movimentando apenas parte do laguiño e resolveu melhorar

⁴⁰ A pegada ecológica mede a quantidade de recursos naturais renováveis para manter um dado estilo de vida.

⁴¹ Ver capítulo Bioconstrução

sua oxigenação com uma queda d'água feita com bambu e mudar a posição da bomba que movimentava e filtrava a água.

Figura 50. Laguinho da Ecocasa Kripa Madhu.



Fonte: autora.

Foi realizado o manejo dos canteiros agroflorestais além de ser implantado mais um canteiro próximo ao muro de divisa e instaladas cercas de bambu.

A divisória instalada na antiga garagem e o novo espaço multiuso ampliou a casa em mais um cômodo com o objetivo de ser utilizado como sala de estar, coworking e sala de refeições para os almoços coletivos oferecidos pela Ecocasa. Possibilitou o aprendizado do uso de algumas ferramentas, como furadeira, serra, martelo, chave de fenda utilizados para moldar materiais como a madeira e o ferro, exercitando a criatividade dos participantes para instalar uma divisória.

Em junho de 2017, houve a celebração de fechamento do ciclo da Ecocasa, exibição de filme, almoço coletivo vegano, partilha de experiências e chapat feito na fogueira.

Essa última vivência foi realizada para o fechamento do ciclo de vivências da Ecocasa e por isso não compreendeu intervenções, modificações e melhorias físicas, mas atividades reflexivas e de integração.

Em relação à Coleta de Dados, foram realizadas entrevistas presenciais e por *whatsapp*⁴², além de buscar contato com os participantes através das redes sociais. Como aconteceram vivências de bioconstrução que configuraram ciclos curtos (curta

imersão) dentro de um ciclo mais longo (longa imersão), foram produzidos dois tipos de formulários de entrevista diferentes, mas mantendo o mesmo objetivo geral pretendido em cada pergunta.

Desta forma, foram realizadas 23 entrevistas, 10 com participantes de longa duração (moradores) e 13 com participantes de curta duração, que possibilitaram revelar a leitura da paisagem dessas vivências de bioconstrução, sob a perspectiva dos participantes entrevistados, através do método do Discurso do Sujeito Coletivo.

3.3.5. DSC – Ecocasa Kripa Madhu – longa imersão – moradores

<i>1 – Como era a sua rotina na casa?</i>	
Ideia central - 1	Discurso do Sujeito Coletivo - 1
A rotina coletiva na casa era bem intensa, de superação dos desafios de viver coletivamente, mais mão na massa do que intelectual, mais ativa do que passiva, com compras, refeições, tarefas coletivas, de cuidados com a casa e com o outro, de muitos encontros e união. Bem livre e, ao mesmo tempo, uma lição de autorresponsabilidade.	A rotina, na casa, era bem intensa, era uma coisa bem livre e, ao mesmo tempo, uma lição de autorresponsabilidade, assim, de saber que estávamos construindo, que cada ação que a gente fazia estava relacionada com o fazer coletivo, não é? Não era só pra mim, era sempre a coletividade, assim, que é uma das coisas que eu sinto muita saudade. De uma abertura muito pra isso, a coletividade permeando. De preparar um café da manhã, de cozinhar pra todo mundo, do comer coletivo, do comer juntos, do produzir pra você e para os outros, de fazer compras coletivas, de pensar no outro, de estar com outro, é uma coisa que me marca. Mas ao mesmo tempo eu sentia que a rotina lá era viver um dia de cada vez, a rotina implicava em estar lá tipo ativamente, não passivamente. Estar sempre revendo, os meus conceitos de várias coisas, e principalmente, tipo, superando os desafios que é viver coletivamente, não é? Nem sempre é fácil, mas é sempre muito gostoso quando a gente sentia aquela união, aquele amor, quando a gente se reunia pra meditar. Acordava cedo, dava bom dia pra todo mundo, via todo mundo, havia uma rotina de práticas espirituais, tinha as pessoas que faziam yoga, tinha as pessoas que iam pra pracinha do lado correr, praticar capoeira e alguns momentos que a gente meditava juntos. No começo, a gente chamava várias pessoas pra meditar em casa, então, sempre tinha essa coisa da meditação. Era a cola, não é? O yoga e a meditação. Então, foram várias pessoas, não é? Era uma casa de encontros, não é? Era muito legal porque várias pessoas, de diferentes lugares, acabavam se encontrando em casa e todo mundo se sentia muito bem, e a gente sempre acolhia, então, tinha essa proposta. A gente sempre tentava fazer as refeições juntos, não é? O café da manhã, normalmente, era todo mundo junto, quando não era, sempre tinha alguma coisa pra comer no fogão de quem já tinha acordado antes, já tinha um café pronto, já tinha mingau pronto, já tinha tapioca que já estava hidratada na

	geladeira. Às vezes, se fazia alguma coisa, às vezes, se deixava alguma coisa. A gente sempre tinha esse cuidado de utilizar as coisas só que também de deixar a coisa utilizável para a próxima pessoa também, não é? Que ela não precisasse fazer tudo. Então, essa era uma preocupação. A gente fazia bastante almoço coletivo, café da tarde, sempre junto, também, quando dava, eu sempre almoçava em casa que tinha essa troca, uns cozinhando para os outros e almoçava bem mais vezes lá. A comida básica, assim, era coletiva. Toda a alimentação era vegetariana, a gente dava preferência para ser vegana. Então, acabou que a gente conseguia sobreviver comendo bem e de forma comunitária, com pouco dinheiro. Então, isso era muito bacana porque proporcionava uma união, inclusive em torno da comida. A gente sempre se articulava para conseguir se revezar, pra ir fazer as compras coletivas no mercadão. No CEASA, quem focalizava isso era mais dois moradores, e a gente acabava usufruindo também de uma cesta que viria para as pessoas estarem pagando um alimento mais barato do que no mercado. Então, na segunda-feira, começava a agilizar os “posts”, no “facebook”, para as compras coletivas do CEASA, que eram pra casa e também para outras repúblicas. As pessoas viam e se interessavam pela ideia dos “kits” distribuídos por vinte reais, sendo semanas que eram legumes e semanas que eram frutas. Na terça-feira já fazia as compras no CEASA, dividia, e abastecia a casa. A gente tinha uma rotina bem corrida na casa porque estava em transformação, entrada e saída de gente, então, era o tempo todo focado na casa, sentar pra realizar alguma atividade, pensamentos de como desenvolver um projeto legal na casa, arrumar a parte da frente, pensar em como ocupar a garagem. Vai ser só uma garagem ou se vai ser outro espaço de reuso? E aí, cada hora aparecia alguma coisa, e a gente sempre celebrava as coisas que a gente tinha, - "ah consegui não sei o que lá". Isso era uma coisa interessante. A rotina da casa nunca era a mesma, assim, não é? Ela ia mudando conforme as pessoas iam vindo, indo e vindo dentro dela, mas as coisas coletivas, isso nunca deixou de acontecer. Teve uma época em que a gente começou a servir almoços coletivos na Ecocasa que eram abertos pra qualquer pessoa que fosse almoçar lá. E aí, a rotina da casa deu uma mudada, não é? Porque a gente começou a fazer uma escala de almoços, e tal. Então, a gente já começou a tentar estruturar um pouco mais, assim, essa parte, de almoço. Normalmente, não tinha uma escala, não é? Antes da gente tentar esse formato com almoços abertos ao público e cobrados. Era normalmente quem estava com fome começava o almoço e as pessoas paravam o que estavam fazendo para ir ajudar e fazer também, não é? Na janta, também a gente acabava comendo alguma coisinha, assim, acho que eram os maiores momentos de encontro, assim, eram ao redor da cozinha nos momentos de alimentação, não é? Ao mesmo tempo, tinham as vivências que exigia tipo “full

	<i>time</i>” da nossa atenção e dedicação. Sempre cozinhava quando tinha vivência, sempre organizava coisa no “facebook”, sempre fotografava, fazia vídeos, e era como se a Ecocasa fosse a mensagem em si do que a gente estava na nossa realidade, que era viver em conjunto, era meditar, era fazer bioconstrução, e mil coisas permeavam isso, não é? A reciclagem das coisas, a composteira. Então, a casa tinha muitas demandas, não era simplesmente estar lá e viver... Não. Era pensar na casa antes e conciliar isso com a vida pessoal, desde a questão de limpeza, organização, principalmente na manutenção porque a casa tinha muita manutenção para ser feita. E estar sempre em dia com todas essas tarefas domésticas, que eram, às vezes, mais difíceis de serem articuladas porque eram todas organizadas e realizadas coletivamente, mas, muitas vezes, traziam um resultado muito maior do que se a gente fosse fazer as coisas cada um por si. Assim, as tarefas eram divididas e, cada semana, uma pessoa era destinada a cuidar de uma parte da casa, então, tinha diferentes seções, não é? Uma delas era cuidar da composteira que precisaria, por exemplo, uma semana alguém pra buscar serragem na serralheria e substituir o pote que era onde fica a serragem e coisa assim. A outra função era de cuidar do banheiro seco, que a gente tinha lá no fundo. A outra, era de cuidar dos jardins, do quintal, aguar as plantas, fazer uma manutenção nas hortas, não é? Tudo isso. E assim funcionava a Kripa Madhu. Era mais para estar dando a manutenção para que a casa funcionasse, não é? Acho que era mais ou menos por aí? E, além disso, tinha as funções de limpeza que qualquer casa tem em comum, não é? Que era limpar o banheiro, limpar a frente, lavar a cozinha, sala, garagem, essa era a rotina da qual eu fazia parte também. Era uma rotina muito mais digamos que mão na massa do que intelectual que é mais o meu dia a dia, sabe? Tipo, mesmo que meu dia a dia envolva andar e trabalhar e fazer as coisas e tal eu sou muito mais mental, e lá na Ecocasa, a rotina me fazia exercer um outro lado de mim, que era ser uma pessoa mais, tipo, pé no chão e mão na massa.
Ideia central - 2	Discurso do Sujeito Coletivo - 2
Além da rotina coletiva, cada morador tinha a sua rotina de atividades pessoais.	A rotina era meio que fazer tudo junto, assim, óbvio que cada um tinha tempo de fazer as suas coisas individuais, mas eu sentia que o meu tempo, pelo menos, era dividido entre as coisas que eu tinha que fazer na rua e as coisas que eu tinha que fazer na casa e o meu tempo pessoal acabava só se encaixando, assim, um pouquinho em cada lugar, ou, às vezes, eu ia pra outros lugares para ter o meu espaço pessoal mais aproveitado, assim. Isso porque meu horário era bem flexível e, assim, eu poderia estar dando mais atenção pra que as coisas acontecessem na casa e foi muito bom. Mas muitos da casa estudavam e tinham seus horários, então, cada um trabalhava e ficava bastante imerso nas suas próprias atividades, assim, não é? Eu ia pra aula, dava aula, voltava e, geralmente, eu ficava trabalhando bastante no meu quarto com a Internet, dando as minhas aulas por “Skype” e

	não sei o quê. À tarde, a minha rotina era alguns dias eu trabalhava, outros eu ficava pela casa mesmo, estudando e fazendo as minhas coisas. E aí, bom, tinha minhas tarefas, mas tinha também o tempo de encontrar os moradores no final do dia, era sempre as horas que a gente se encontrava, não é? Das sete da noite em diante.
Ideia central - 3	Discurso do Sujeito Coletivo - 3
Os moradores eram bem ativistas, planejavam muitos trabalhos juntos com a proposta de permacultura, espiritualidade e vegetarianismo.	A gente sempre estava planejando as coisas e fez bastante trabalhos juntos até. Foi muito legal, a gente tinha umas propostas legais. No Carnaval, a gente foi vender suco, a gente produziu suco na casa juntos e foi lá tudo com calças de palhaço. A gente programou umas oficinas junto, foi uma galera da PUC e outras pessoas de Barão Geraldo e a casa começou a ficar meio conhecida, não é? E no meio disso, teve uma vivência, aberta, de construção do telhado verde que daí foi uma rotina de trabalho, junto, coletivo, vivo, orgânico e trabalhando no meio com o mato, com os materiais da terra, para produzir esse telhado verde e repaginar o jardim. E teve uma outra, um pouco mais alongada, que foi da produção de cadernos que foram feitos para custear uma viagem. Então, decidiu-se fazer uma produção de cadernos, a gente conseguiu se juntar e fez-se coletivamente também, descobrindo, construindo juntos, técnicas, aprendendo através da internet, juntos, pra poder custear uma viagem para um retiro de yoga e meditação. Quando ia ocorrer o mutirão a gente tinha que fazer compras, a gente tinha que preparar tudo para receber as pessoas, não é? E aí, a gente normalmente deixava ver o que ia acontecer, assim durante o mutirão, a gente tinha uma ideia, mas tipo a forma, o método e tal era bem na hora, assim, dependendo de quem chegasse, não é? A gente tentava adotar algumas práticas de inclusão e de formação de espírito de grupo com rodas de partilha, com rodas durante o almoço, atividades integradoras, não é? E a gente normalmente se dividia em algumas frentes que a gente tinha estabelecido antes. Foi bem legal, assim, o tempo que eu vivi lá, gostei bastante. Tinha essas intenções, a gente fez um quartinho lá atrás de pau a pique, tinha essa proposta de permacultura bem forte, da espiritualidade também, e do vegetarianismo, então, a gente era bem ativista.

2 – Quais reflexões a vivência na casa trouxe?

Ideia central - 1	Discurso do Sujeito Coletivo - 1
A vivência na Ecocasa trouxe muitas reflexões sobre o convívio coletivo, com pessoas diferentes e, também, parecidas, cuidar de si e do outro, plantar, cozinhar, enfrentar conflitos, fazer amizades, passar por questionamentos, mudanças, transformações.	Porque não foi só uma reflexão, não é? Foram várias, e uma dessas é o aprendizado, sabe? Como a gente se abre pra esse aprendizado acontecer? Se coloca nessa abertura de aprender e de ensinar. Esse compartilhar constante, esse fluxo importante de pessoas, de energias, de perspectivas diferentes, indo, entrando e saindo. Como a gente aprende a respeitar a diferença, como nos tornamos mais sinceros também, sabe? De saber respeitar, de saber escutar o outro. Porque, hoje em dia, a sociedade fecha bastante as nossas

	perspectivas, assim, a educação. E a gente está meio que quebrando esses paradigmas internamente. Está tudo meio que ligado, mas tem muito a ver com essa coletividade, com esse sentido de coletivo, de união assim, de trabalharmos juntos por alguma coisa, não é? Que é um ideal, que é um sonho, talvez, pra muitos de nós, e ir concretizando, pôr em prática diferente. E eu acredito que a Ecocasa foi muito esse aprendizado assim de pôr em prática mesmo, e aí, mais uma vez, eu me toquei assim pensando - "nossa tipo, eu estou aqui nesse espaço convivendo e tanto faz que dia da semana é, tanto faz se é segunda ou sexta, ou domingo ou terça. Tanto faz se é muito tarde, muito cedo", tipo, você vai vivendo e a vida é isso. Lembro do momento das aulas yoga, cada um praticando yoga, fazendo sua prática individual, sua conexão, suas ligações internas, não é? Que o yoga traz, abre tanta coisa e, ao mesmo tempo, a gente está ali convivendo. E depois disso, a gente fazia café da manhã e cada um se encarregava de alguma coisa, não é? - "vamos fazer isso aqui? Vamos fazer isso à cá", e, por exemplo, de ter um banheiro em casa com várias pessoas, como que a gente vai tomando essa consciência, não é? De que a gente está vivendo com o outro. Dessa comunicação constante que tem que existir entre um grupo variado de pessoas, não é? "está acontecendo alguma coisa, vamos resolver, não é?" Eu via isso, esse tempo todo, de... "bom vamos fazer as compras, quem que vai? Como vamos fazer? Como organizar os tempos?". Então, quebrar com esses paradigmas e pôr em prática essa liberdade, a autorresponsabilidade, não é? A essência de como é viver no coletivo, a questão da coletividade e da permacultura. de fazer compras conjuntas, do morar, do estar junto, de viver no mesmo espaço com pessoas que você nunca viu na vida e está conhecendo lá, imersamente, de cuidar de si e do outro, do cuidar juntos do alimento, do comprar o alimento, do produzir o alimento, do cozinhar, do comer junto. Então, o tempo que eu morei na casa as amizades que eu fiz lá com as pessoas que eu morei é muito mais intensa do que qualquer amizade que eu conheço aí na minha vida, durante a vida inteira, só que lá era muito mais imerso, não é? Então, o contato era muito mais forte, não é? O carinho também de estar podendo ajudar as pessoas numa conversa, num conselho, e também estar aberto para receber um outro olhar de vida, um outro jeito de fazer qualquer outra coisa. Estava aberto para aprender com os outros moradores e isso foi muito bom. Pude aprender com pessoas de diferentes áreas, com biólogos, arquitetos, músicos, pessoas que passaram por lá, assim, sem falar das vivências que a gente teve, não é? Que a gente fazia lá, que isso somava um monte de gente de fora, com personalidades diferentes, habilidades e conhecimentos diferentes e isso era muito bom. A gente vê que a gente atingiu coisas que realmente só foram possíveis porque as pessoas souberam colaborar e trabalhar juntas. Pra construir um prédio, se tiver mil pessoas e duas, os resultados com mil pessoas vão ser melhores, não é? Eu tinha essa sensação de serviço, de responsabilidade, sabe? Nem sempre era uma coisa leve, não é? Mas não quer dizer

	que não era uma coisa boa e não quer dizer que não valeu a pena porque eu gostei demais. O negócio do CEASA, por exemplo, a ideia do kit, funcionava muito bem e, cada vez mais, estava fluindo. Que por 20 reais, um kit desse, no mercado, você não compra nem a metade, porque vinha legumes e frutas. Mas nossa! Tinha que ir, vender, tirar as fotos, fazer isso, fazer aquilo, carregar caixa... Que era uma coisa que se fosse feita, por exemplo, em cinco pessoas e a gente fosse tendo uma rotatividade, não ia pesar pra ninguém. E eu entrei numa comunidade que já estava iniciada e experienciando a rotina que essa casa já tinha, não é? A identidade que essa casa já trazia, e foi bem interessante, viver uma outra situação em que as coisas estavam rodando, não é? Porque em diferentes dos ambientes que eu tinha morado, eu sempre começava o ambiente junto com as outras pessoas. Então, uma reflexão bem interessante, que ainda não está concluída, é em qual desses modelos que eu exerço determinados comportamentos pra autoconhecimento e para planos futuros também, não é? Eu acho que o ideal seria todo mundo ser pilar, não é? Para que a coisa andasse e ao mesmo tempo não sobrecarregasse ninguém. É uma coisa que eu não sei se eu posso falar porque eu não vivi nos últimos meses da casa. Mas eu fiquei pensando assim: "como que se dá a constituição desse sonho, não é?". Ele tem que ser um sonho sonhado junto, para que todos estejam envolvidos. Depois, quando a casa aumentou o número de pessoas, que a gente deu uma reestruturada, e que aí a gente teve que dar uma ordenada, assim, não é? A gente teve que colocar uma escala de limpeza, a gente teve que ter várias conversas. Então, a minha impressão, principalmente nesse momento, foi que a questão estava mais inicial. Às vezes, eu via muitos padrões de fora da casa, daquela sociedade que a gente tentava não reproduzir, sendo reproduzidos dentro da casa. E eu interpreto isso dentro daquela análise de que se a gente não tem a questão da sobrevivência básica suprida, a gente não consegue ter uma evolução a ponto de viver realmente de forma cooperativa. Então, em alguns momentos, eu percebi que a questão da sobrevivência estava muito sendo trabalhada pelas pessoas, por mim também. E que as questões mais derivadas, decorrentes disso, acabavam que tinham maior dificuldade de serem alcançadas, não é? Talvez por uma falta de energia, assim, naquele momento, pra sobrepor e construir uma realidade realmente diferente, não é? E isso foi um momento curto assim, da estadia na casa, mas foi um momento que me trouxe bastante reflexão. Foi bem interessante, assim, de analisar isso, e de analisar também os momentos de cada um, não é? De aceitar o limite das pessoas, as diferenças, da convivência com pessoas diferentes, de outras faixas etárias, criadas de forma diferente e em processos, caminhos de vida diferentes do seu e ter uma comunicação clara assim, tipo sempre conversar pra deixar muito claro os acordos porque eles podem mudar. Tive que ter muita paciência, além de tudo, resistência pra enfrentar algumas coisas dentro da casa pra poder ter mudanças pra melhor. Aprender a lidar com os outros, ter que lidar com o ser humano que as suas ideias não batem e se harmonizar no meio de tudo isso. Compreender que as

	nossas ações estão afetando diretamente o outro, e esse convívio coletivo faz com que a gente fique refletindo o tempo inteiro sobre isso, não é? E é muito de sensações, momentos, como etapas assim, pra mim significou muito, etapas. Foi um período curto pra mim, mas de muita bagagem. E como a proposta da casa era isso, não é? Você se aproximar do outro, viver o coletivo, isso ficava mais intenso ainda. Tem alguns momentos na memória que isso fica mais forte, assim, tanto momentos muito bons, como momentos ruins que fazem parte também, não é? Que depois se torna oportunidade de você estar olhando pra você mesmo e ver o que você precisa melhorar, como que você pode se colocar, no espaço, na casa, de uma forma que gere mais harmonia e bem estar para todo mundo, como harmonizar essa relação, ter um jogo de cintura, mesmo quando o outro está te incomodando. Então, esse conflito entre a sua vida pessoal e o coletivo, isso daí era sempre uma coisa que apertava assim, não é? Você se sacrificar pelo coletivo, então, isso de eu viver nessa casa com certeza me tornou uma pessoa menos egoísta. Ao mesmo tempo, a vivência da casa, era estar junto com pessoas que tinham uma filosofia muito parecida, o que me trouxe uma grande transformação, ao ponto de em uma conversa ter sido feito o convite pra eu ir conhecer o movimento do Oasis lá no Sirius, e esse movimento mudou completamente o rumo do meu ano, assim não é? Porque aí, a partir de fevereiro, meu foco se transformou em entrar no Guerreiro sem Armas. Então, teve o momento de transformação, momento de transição entre morar aí e sair daí. Foi então, quando saí daquele momento introspectivo que eu tinha me permitido ficar. Aconteceu muita coisa, e foi muito bonito. Agora, não tem mais pessoas morando na Ecocasa, não existe a Ecocasa como um espaço físico, mas existe essa comunidade Ecocasa, existem essas vivências que eu acredito que para cada um foi importante, assim...
Ideia central - 2	Discurso do Sujeito Coletivo - 2
A vivência na Ecocasa trouxe momentos de introspecção e reflexões pessoais que proporcionaram autoconhecimento através de experiências novas.	A vivência na casa me trouxe bastantes reflexões, sobre autoconhecimento, sobre quem sou eu, o que eu quero fazer no mundo, de que maneira eu vou alinhar os meus sonhos com as coisas que eu estou fazendo? O tempo todo, sentia que eu estava testando a viabilidade desse sonho, ali no dia a dia, nas pequenas coisas, sabe? As doações que a gente recebeu pra construir, mobiliar o resto da casa, as pessoas que vinham conhecer a casa. Então, eram reflexões assim, de que maneira eu deixava a casa me tocar e eu tocava a casa? Se você sempre viveu a sua vida no mesmo ambiente, você acaba não florescendo alguns pensamentos, questões e reflexões que você acaba querendo abordar, num momento mais introvertido, quando você mora com pessoas que você nunca conheceu na vida, não é? Me afastei de muita gente porque eu tinha medo do que elas iriam falar porque, talvez, não fossem compreender minha necessidade de estar ali, naquele momento, não é? E ao mesmo tempo, eu me senti bem livre assim, de julgamentos e muito conectada com as pessoas que estavam na casa, do Mantra, das vivências.

	Foi uma experiência concreta de transformação positiva. Tudo isso era tão forte, tão latente, pelo menos em mim, que eu relevei muita coisa. A gente era um número reduzido de pessoas, tinha muita coisa pra fazer e algumas ficavam de lado, como a limpeza da casa. Mesmo eu sendo meio “noiada” com limpeza, assim e tal, aquilo não me incomodava. Então, foi realmente um processo assim de reviver, de rever alguns conceitos e algumas prioridades, de descobrir um mundo possível e um mundo que meio que já morava dentro de mim, no meu coração, na minha cabeça, na minha imaginação. Como essa reflexão que a gente conversou desde a primeira vez, que eu sempre trago a tona pra minha vida. Que é isso de não esperar o tempo certo, o momento certo pra acontecer, pra fazer as coisas, não deixar a vida passar. É isso assim, tem um sonho, tem um projeto, vamos fazer, vamos concretizar e como finalizo esse projeto, não é? Foi uma experiência de muito deixar o meu coração guiar, tanto que eu fui completamente, entre aspas, cega pra lá, sem nada no bolso, só com o meu coração dizendo - “fica aqui”. Foi um pouco da coisa, tipo - “meu, vamos fazer dar certo”. Então, assim, eu me permiti muito, cresci muito e aprendi muito. Não ter um emprego, mas conseguir me manter junto com a manutenção da casa era trabalhoso, assim, tinha um senso de responsabilidade, porque eu sabia que se a casa funcionasse, a casa prosperasse, eu conseguiria sobreviver, pagar o aluguel, comprar comida, não é? Foi realmente uma experiência nova, sem nenhum tipo de ostentação na minha vida, muito pelo contrário, e foi muito bom assim, meu. Desde abandonar o carro, não é? Eu larguei o carro com a minha mãe, fui morar lá e fiquei a pé ou usando o transporte público... Eu falo pras pessoas que eu passei 6 meses imersa na espiritualidade, e nessas vivências. Foi um momento que eu estava bastante distante do meu senso de propósito, alinhado a minha profissão, que é uma coisa que eu recuperei agora. E mais próxima do meu senso de propósito ligado com as coisas que eu fazia na casa... Que era estar lá, plantar, construir, cozinhar, não é? Como eu falei, as coisas mais práticas. Mas são momentos, não é? E eu sentia esses momentos lá na casa assim... Foi superpositivo pra mim, e tem muito a ver com o meu momento pessoal também, encontrar um lugar onde estava “ok” uma dificuldade, que eu estava no início, com mudanças em geral, de criar laços. Senti que eu tinha um lugar pra expor até isso, essas dificuldades, conversar e tudo bem. Aí depois, uma das moradoras resolveu que ia embora, e eu tipo - “não! Agora que eu criei os laços...”. E teve também a confirmação daquela ideia, de que quando chega a hora da pessoa sair da casa, ela sai, quando ela já finalizou aquele ciclo, não é? Ela acaba saindo. Então, foi muito interessante assim, ver as pessoas saindo, e indo para outras histórias, e continuar na casa por mais tempo do que eu tinha definido previamente, não é? De respeitar os meus próprios processos assim, de chegada e saída. Percebi que eu estava com muitos processos de despedida e que eu não queria mais isso, queria realmente construir raízes, não é? E aí, quando eu estava já com um cantinho que era mais

	meu, assim, já não quis mais sair. Acho que foi o momento mais introspectivo da minha vida, assim, de estar num lugar, de estar refletindo, refletindo, refletindo sobre os processos, sobre as dúvidas, e de ter bastante tempo livre, não é? E de se permitir mesmo viver nesse tempo livre, não é? Que pra mim é bem difícil, não é? Parece que eu me sinto mais à vontade, mais tranquila, se estou com o dia bem cheio.
Ideia central - 3	Discurso do Sujeito Coletivo - 3
Trouxe reflexões sobre a própria Ecocasa como espaço e seus desdobramentos.	O projeto da casa era “do nada ao tudo”. No começo, não tinha nada, não é? Na casa? Nada! Zero! A gente chegou assim e aí aos pouquinhos a gente foi trazendo coisas pra casa e aos poucos a gente foi construindo ela e ela foi ficando com cara de casa. E realmente, depois, foi do tudo pro nada porque tinha muita coisa no final, e a gente não sabia o que fazer com tanta coisa. Uma reflexão até que eu ando fazendo agora, que eu estou numa outra casa, podendo comparar as coisas, de um modo mais geral assim, eu sinto que a Ecocasa me tomava algum tempo, mais tempo, mais de mim, mas ao mesmo tempo ela me trazia mais coisas do que essa casa que não toma tempo de mim, mas que também não me traz muitas coisas. Como os almoços na casa que todo mundo fazia e nós juntávamos o dinheiro, que no final do mês ajudava no aluguel. Ou seja, a casa estava se autossustentando com os almoços, não é? Já é aquele olhar de ciclo, não é? Tudo que a casa fazia, reverberava pra ela. Na ideologia da casa, nas coisas que acontecia na casa desde as compras coletivas. Porque a ecocasa foi muito além de um projeto, de um sonho, pra mim. Foi assim, um início, um despertar, um espaço de encontros e reencontros, de coisas muito mágicas, que meio que não tem explicação. Tipo um entramado, bem interessante assim, de momentos importantes. Esse tipo de reflexão acho que foi bem forte, foi uma alegria ter encontrado um lugar como eu gostaria que fosse, que tivesse espaço pras pessoas serem o que são, mas que a gente também pudesse, tivesse liberdade de tentar ajudar as outras pessoas a melhorarem, onde as pessoas soubessem ouvir. E acho que a gente tentou fazer isso, não acho que isso aconteceu todas as vezes, mas a gente, pelo menos, tentou e isso, por isso, já fico muito feliz, não é? Fico bem alegre. Foi muito legal, assim.
Ideia central - 4	Discurso do Sujeito Coletivo - 4
Trouxe uma reflexão sobre sustentabilidade e resiliência, através do aprendizado e práticas de conceitos relacionados à permacultura.	Me trouxe, principalmente, essa reflexão sobre essa essência da sustentabilidade, da resiliência, da permacultura urbana, de tudo, que a gente abordou lá, na casa, não é? De sempre manter um ciclo, não é? Um círculo de reaproveitamento, evitando de jogar o máximo de material no lixo. Ele sempre vai ter um destino. E lá, a gente usava muito isso, e um belo exemplo é a composteira, não é? Que eu não sabia como operar e ficou mais claro na função prática. Então, quando se ralava uma Cenoura, cortava uma berinjela, a casca de banana, entre outras frutas e legumes, alimentos orgânicos crus, principalmente, a gente não jogava no lixo, não é? Ia pra composteira, com serragem, no baldinho e o momento que o balde enchia a gente juntava com o restante da compostagem e mais serragem, dentro das pilhas de 4 pneus no fundo do quintal. Então, quando enchia a terceira

	pilha, a gente voltava para a primeira, onde já tinha a terra composta, terra rica em nutrientes, completando esse ciclo. Isso era muito rico, não é? A gente transformava restos de alimento, lixo, em outros nutrientes, em outros frutos que a gente poderia estar colhendo a pequeno, logo prazo e dando ênfase na nossa horta, com aquele próprio material, ou seja, não tinha um fim, não é? Não tinha um lixo que você jogava num saquinho e um caminhão passava, pegava. Eu acredito demais na bioconstrução, na permacultura como uma resposta a esse velho paradigma que está se desconstituindo. Isso, mesmo antes de ir pra casa, já tinha essas concepções, e quando eu vi aquilo em prática, quando eu vi a possibilidade de fazer aquilo dentro da cidade e a maneira como a coisa era feita, aquilo me preenchia e me inspirava muito. E me atraía muito, não é? Porque eu tenho certeza que as coisas que eu aprendi ali vão ser muito úteis no futuro. E mais que isso, sabe? Não sei se eu tive grandes reflexões sobre isso, até porque a minha cabeça já estava meio feita em relação a essas questões, era mais um senso de realização muito grande de poder participar disso, vivenciar essas coisas. Então, as reflexões assim, que me vieram junto com os aprendizados, eram - "velho, como é que eu vou usar coisas que estão aqui ao meu alcance pra construir...", então o negócio das garrafas pra fazer o piso, quanta coisa foi reutilizada ali? Quanta coisa ali foi feita sem dinheiro nenhum? A bioconstrução no quartinho, o telhado verde, a permacultura no jardim, a própria coisa assim, da gente pegar a jaca do lado, na praça, pra fazer a comida do almoço. Tudo me abriu bastante os horizontes dessas possibilidades de técnicas, e desse mundo da permacultura que eu não conhecia. E como construir literalmente ou, não só literalmente, novos modos de vida ecológicos e sustentáveis, mais ligados, e próximos da natureza. Todos nós ficávamos refletindo muito, lá, sobre essa balança assim - "ah, até que ponto a gente consegue fazer, com o que a gente tem?", e a gente tinha muito pouco em termos de recursos, não é? O trabalho, a luta diária de manter esse propósito assim, o zelo pra manter as atividades certinhas e tal, tanto o aspecto orgânico assim, o aspecto de produção de lixo e produção de material pra se plantar comida, quanto na questão financeira sustentando a casa, não é? Às vezes, tempo mais escasso. Porque quando a vida apertada e se tem que fazer suas coisas da vida pessoal, aí é um esforço a mais, não é? Então, todo mundo se testou muito, não é? Ao mesmo tempo, foi muito bom assim, porque eu tive mais o contato e pude praticar, ampliar os conceitos que eu creditava, assim, da sustentabilidade, que a casa tinha e promovia e que eu queria ter. Tinha coisas que eu não sabia e aprendi na casa em relação a materiais biodegradáveis, não é? O detergente que a gente não usava. Aprendi a biodinâmica das plantas, como preparar o solo, como prover os nutrientes, o que precisa a planta, quais as condições e como fazer pra possibilitar um crescimento mais saudável da planta e respeitando a dinâmica do ecossistema, não é? Não só da planta, mas também dos animais que estão no mesmo sistema, os besouros, que também fazem parte, e tudo isso foi muito enriquecedor.

<i>3 - Depois de sair dela, você incorporou e/ou mudou algo no seu dia a dia? O quê?</i>	
Ideia central - 1	Discurso do Sujeito Coletivo - 1
Incorporou a prática do yoga e meditação e passou a dar mais valor para viver o presente.	Incorporei a prática de meditação que nós praticávamos na casa. Tenho voltado a meditar, tenho voltado a entrar em contato com a minha espiritualidade. A casa foi muito forte pra mim, assim, era uma mudança que eu já estava procurando, e quando eu conheci isso na prática, no diaadia, eu vi que era isso mesmo e acabei gostando mais ainda. Agora mesmo, eu estava criando um evento aqui, pra divulgar pro pessoal vir aí numa aula de Yoga e em seguida um café da manhã. Isso daí, a primeira vez que eu fiz, foi na casa, não é? Então, eu estou trazendo isso lá da casa pra minha vida. Até pra minha vida profissional, não é? Outra coisa é essa questão de fazer e não esperar o dia de amanhã. Hoje, estou morando numa outra casa que é bem nesse sentido de república, não é? Cada um no seu quarto, cada um com sua comida. Totalmente o contrário. E eu cheguei com a visão que ia passar só um tempo aqui porque não diz relação com o meu estilo, não me sinto muito em casa. E aí, do lado do meu quarto tem um quintal e quando comecei a esperar as chuvas, plantei meu girassol, e começou a mudar, veio muitas reflexões, o tempo inteiro, assim, vinha. Tudo bem que eu vou sair, mas não vou deixar de fazer. Agora moro aqui e vou fazer o que é pra ser feito, porque faz bem pra mim, porque dessa forma eu também estou ajudando a terra, estou fazendo a minha parte. É um chamado para viver aqui, agora, pra fazer, para a ação, mas com sentido. É saber que hoje eu vou vestir o vestido que eu quero, que eu acho lindo. Não vou esperar o dia mais especial chegar, porque hoje é o dia mais especial na minha vida. Então, hoje eu vou viver esse dia maravilhoso que ele é, e esse dia se faz maravilhoso. Claro que eu não consigo, levar isso constantemente na minha vida, mas é uma mudança que está acontecendo, e que tem se apresentado bastante. Eu tenho conseguido levar isso na minha vida, e é uma mudança que é muito profunda, parece superficial, parece bobagem, não sei muito explicar, mas é muito profunda. Porque é uma forma diferente de encarar o diaadia, encarar a vida, de você acordar e de você caminhar, é isso.
Ideia central - 2	Discurso do Sujeito Coletivo - 2
Mudou a forma de lidar com o outro.	Quando eu saí da casa eu acho que o que ficou aí de uma mudança, mais um aprendizado mesmo, é a questão da coletividade, cuidar do outro, estar com o outro, se preocupar com o outro, foi uma coisa que eu fui pra lá buscando isso e eu acho que ficou dentro de mim assim, ficou essa questão. A convivência com vocês me trouxe vários amadurecimentos, em vários sentidos, assim, que eu trago comigo até hoje, não só em questões profissionais, pessoais, mas também, de ecológicas, não é? A gente sempre olha pro outro e vai pegando coisas que você quer ter pra você. Então, é sempre conectar assim com pessoas que tenham afinidade, tenham o mesmo pensamento assim, de propósito de vida mesmo. E também saber como dá para sobreviver em comunidade, fazendo compras coletivas e criando estratégias de economia criativa, colaborativa pra que pessoas de diversas realidades possam conviver juntas. Acho que esse foi o maior aprendizado assim, e o que eu trago como uma realidade

	possível, não é? Então, não é que eu mudei, assim, mas é que os espaços que eu estou frequentando agora, eles não permitem que eu seja como eu era, lá na Ecocasa, que eu queria ser, queria que fosse, um espaço onde eu me sentia bastante confortável, assim, que era como eu gostaria de viver. Ontem mesmo eu estava falando com um menino daqui da casa nova, estava falando pra ele que fazia uns dias que eu estava sentindo um negócio que eu chegava em casa e não tinha uma coisa, e aí eu estava me analisando, pensando o que que era isso. E aí, é uma coisa que talvez seja pessoal minha assim, mas eu notei que aqui as pessoas se encostam menos. Assim, não chego em casa e sou recebida com um abraço, como era na Ecocasa. Isso, pra mim, é uma coisa que pesa, assim, não é que aqui eu não posso abraçar ninguém, não é isso, mas é diferente, assim, a receptividade é outra. É o mesmo abraço do bom dia, aquele que eu falei que gostava e sempre teve acho que na minha casa, na minha criação e aí eu estava encontrando isso na Ecocasa também. Então, mudou esse negócio de você querer cultivar, trazer pra sua vida, a disposição de estar querendo construir, conhecer quem está com você e ir construindo até você chegar numa convivência intensa, forte. Às vezes, é um processo mais natural, não é? E às vezes você cai de para quedas num lugar e daí, você constrói e às vezes não, não é? Aí fica a sua disposição assim, o quanto você quer construir, e lá a proposta era construir bastante, então, por isso é massa, não é? Isso daí é uma coisa que me ajudou a mudar uma coisa em mim de saber ouvir mais e ver que bater de frente não adianta, não é? Então, melhor você aceitar e saber ir pelas beiradinhas... Também mudou o meu posicionamento de como interagir com o ser humano, saber falar não, entender melhor uma pessoa antes de convidá-la pra entrar em casa. Ainda tenho que mudar bastante, mas já mudei um pouco.
Ideia central - 3	Discurso do Sujeito Coletivo - 3
Incorporou algumas práticas da rotina da casa relacionadas à permacultura no seu dia a dia.	Eu já separava o lixo limpo do molhado, orgânico, mas depois da vivência na casa, comecei a usar a composteira, no meu dia a dia, a trabalhar com esse lixo orgânico, que não é o lixo, na verdade, é um ciclo, volta pra terra. Foi uma ideia incrível, muito acessível a todos, não é? Desde você coletar pneu em qualquer mecânica por aí da cidade que você já estaria ajudando a estar meio que reciclando o pneu, ir em qualquer marcenaria da cidade e coletar serragem, algo que eles têm muito em excesso, sendo distribuído facilmente, e você ter um espaço em seu quintal e poder estar fazendo isso que é muito simples. E também pensar nos materiais, não é? Deles não terem um fim e sim um ciclo, e muitas outras coisas, não é? Também voltei a ter o minhocário, sempre tive, mas em algumas fases da minha vida não. Comecei a mexer na terra, comprei as minhas primeiras plantinhas, e hoje, já tenho uma rotina de trabalho com o orgânico, não é? Já fiz, estou num trabalho, aí, começado uma horta, já tenho minhas matinhas, meus temperos. Então, o que mais mudou foi essa necessidade por verde, uma questão de começar a ter condições de colocar em prática, a consciência que eu já tinha, através do aprendizado da permacultura. Então, como experiência, felizmente, eu já

	estou colocando em prática um pouco na minha casa, como a biodinâmica das plantas, o que precisa a planta, mas como a gente não tem um solo, é tudo cimentado, a gente está fazendo com vaso, então escala dele é menor, não é? Talvez, isso me motive a ter uma postura mais ativista, no futuro, talvez, mas isso não está acontecendo ainda. Incorporei, também, muito das coisas que a gente cozinhava, não é? Tipo realmente, não comprar tapioca hidratada, hidratar a tapioca, não é? Então, isso para mim, faz toda a diferença, assim, e todas as estratégias de reduzir o nível de consumo e de viver com menos, eu acho que são muito eficientes e muito importantes pra isso.
Ideia central - 4	Discurso do Sujeito Coletivo - 4
Mudou a alimentação e incorporou hábitos alimentares que tinha na casa.	Com certeza, minha alimentação mudou, peguei muitos hábitos alimentares na casa que permanecem. Antes de eu entrar na Ecocasa eu comia carne, fui criado comendo carne, em casa com meus pais, e lá eu tive a oportunidade de estar vivenciando outro tipo de alimentação, não é? Que é você dar mais ênfase nos nutrientes, legumes e frutas, de ervas e sementes, e estar abolindo a carne da sua alimentação. Já fazem 8 meses que eu estou numa alimentação sem carne, e pretendo continuar, não sei se vai ser pra sempre, mas a ideia, pelo menos hoje, me sinto bem, com o corpo muito mais leve, e foi uma grande mudança na minha vida, pois mudar a alimentação é uma mudança muito forte e foi a casa que me trouxe essa mudança, não é? E uma das grandes contribuições que a casa trouxe pra mim foi o tahine. Eu incorporei ele na minha dieta, não abro mão, sinto falta do balde de 11kg.

4 - Você gostaria de destacar algum momento da(s) vivência(s) que tenha sido mais marcante pra você?

Ideia central - 1	Discurso do Sujeito Coletivo - 1
Mais que momentos marcantes, foram os encontros, as conversas, as pessoas que construíram relacionamentos profundos que marcaram.	Momentos marcantes, eu acho que foram todos. Mais que momentos, são as conversas, as pessoas, os aprendizados, as autorreflexões, os relacionamentos bem profundos, assim, sabe? De coisas, de pessoas, de sentimentos que eu levo comigo, que eu vou levar sempre, independente de qualquer coisa, de distâncias, de caminhos. Conversas que tive de me abrir profundamente, assim, de falar coisas bem íntimas, isso daí é uma coisa muito legal, não é? De você saber que pode mudar coisas profundas das pessoas e que elas realmente estão te ouvindo. Esses momentos foram muito especiais pra mim. E às vezes, eu falava, contava umas coisas nada a ver, inventava umas presepadas pra minha vida, e ela ficava ouvindo, dava opinião ainda, dava risada junto, enfim, essa relação pessoal foi a coisa mais marcante pra mim. A forma de resolução de conflitos também, não é? Isso sempre foi muito lindo assim, não é? Mesmo com prioridades diferentes e sem concordar com tudo, conseguir chegar a um consenso sobre motivos e tal, a gente colocou simplesmente tudo o que estava acontecendo, dos sentimentos mais profundos na mesa literalmente, porque a gente estava sentada na mesa da cozinha, e chegou a conclusões iguais, entendeu o que as outras pessoas estavam sentindo, e aí agente chegou numa solução tranquila, de uma forma

	harmônica, e ficou tudo bem, não é? Então, acho que isso eu levo como uma experiência marcante, não é? Um momento marcante, assim. O café da manhã era um momento marcante, porque eu almoçava em casa não muitos dias, eu acho que os inícios dos dias, na hora de levantar, assim, tomar café, e ver, bom dia. Os encontros com as pessoas que moraram lá, que não moraram lá, que passaram por lá. Então, essa coisa de poder, com cada um, reverberar sonhos em conjunto, sabe? Mesmo que por uma tarde, ou outras pessoas por 6 meses que eu sei que são pessoas que vão permanecer na minha vida, não é? E acho que isso assim, de dar tudo o que remetia ao fato da casa ser um ponto focal desses sonhos conjuntos de transformação pela bioconstrução, pela vivência em comunidade, pela permacultura, todos esses encontros foram muito ricos pra mim, independente de com quem. Momentos da gente na fogueira, após eventos, após mutirão, após a gente sair junto, momentos de sentimento muito forte de gratidão e de amor assim pelo outro, e eu pude sentir isso, no momento, forte, e isso foi o que ficou mais marcado.
Ideia central - 2	Discurso do Sujeito Coletivo - 2
As vivências coletivas foram momentos muito marcantes.	As vivências eram sempre mágicas, era assim um momento que a gente abria a casa para as pessoas como contribuição voluntária e ela ficava imunda, completamente fora de controle. Começava na sexta-feira à noite, com uma roda de conversa mais de conhecimento do grupo, das pessoas que estavam lá, na fogueira. No sábado e no domingo a gente focava no quintal, nas práticas de cuidado da horta, dando ênfase na bioconstrução do quintal, que tinha o quartinho e o banheiro seco. Um fazia o almoço, outro tocava a oficina de barro, outro fazia não sei o que lá, então, a gente sempre se organizava muito bem. Eram momentos assim, de convivência máxima com várias pessoas diferentes, e pra mim foi muito forte, porque eu estava com os meus alunos, não é? Então, "deixa a professora em Poços de Caldas", aqui é todo mundo de igual pra igual. Foi bem interessante, assim, ter essa proximidade com eles, muito bom. A ideia do que era a casa, se materializava, não é? Não ficava só nos planos das ideias, tanto no espaço, no trabalho coletivo que deixava os seus resultados na casa, uma transformação em si já clara, óbvia, não é? E também a questão das experiências pessoais de relações, não é? Que acho que convém pôr em prática não só material, como emocional também, e tudo isso faz parte... Se tornava evidentemente, mais explícito, mais tenso nas vivências. No primeiro dia da primeira vivência, a gente chegou com pensamento - "nossa, vamos ajudar eles a construir aqui o quintal deles, mas a gente tá pagando e não estamos recebendo nada", e depois no domingo quando acabou a vivência a gente juntou nossos amigos que a gente foi e conversamos de novo. Nossa a gente recebeu muito, eles não deram dinheiro pra gente, mas deram muita experiência que a gente pôde aplicar em muitos lugares. E a partir daí, desse pensamento, que eu mudei muita coisa na minha vida, o que doar, como doar, e o que receber. Teve também a vivência do telhado verde que dai me marcou

	por eu ver na prática a permacultura, o cuidado com o jardim, e o mutirão, não é? Estar juntos e fazendo uma coisa juntos e as pessoas que passam, chegam e vão e você continua ali e tudo termina... e essa vivência terminou com uma meditação que fazia parte do Sarau no Mantra. Então, isso me marcou bastante. E também a vivência pra se fazer os cadernos que foi o momento de juntar energia coletiva pra realizar um trabalho que permitiu o custeio de uma viagem. Então, esses dois momentos me marcaram bastante assim, bastante, vão ficar na minha memória, os dois por motivos diferentes e os dois trazendo emoções e momentos diferentes, mas muito importantes. Cada pessoa que visitava a casa, que estavam lá na vivência, a energia da galera que ia pra lá, acrescentava muito pra mim e pra casa, não é? Isso era muito importante, fortalecia muito a casa, os moradores. E também, nos dias da vivência, eram os dias que tinha mesmo uma irmandade, uma união, uma família assim, bem forte trabalhando na casa que era o interesse de todo mundo, não é? A gente estava trabalhando junto, em equipe, depositando ali, uma energia boa. Porque no dia a dia da casa era meio difícil, não é? Cada um estava fazendo seus correspons, estudando, trabalhando. Nos almoços coletivos também acontecia isso, não é? Meio que a cada dia era uma missão completa. A gente abria vagas para 10 pessoas e tinha de estar recebendo as pessoas de fora, estar abrindo a casa pra galera estar comendo a nossa comida vegetariana/ vegana, e depois dos almoços a união entre os moradores ficava muito forte também e isso, pra mim, era muito marcante, não é? Então, a gente morava em seis e nós dividíamos em duplas, então, não ficava pesado pra ninguém. Cada dia era uma dupla que fazia o almoço e ficava responsável pela publicação dos posts no "facebook", nos grupos da Unicamp, não é? A gente comentava - "almoço vegano na Ecocasa" e as pessoas gostavam porque era uma coisa diferente que não rolava em Barão Geraldo, não é? Nós tínhamos alimentos em abundância, desde frutas pra poder fazer alguma sobremesa ou suco, até os legumes que a gente preparava as comidas, não é? Depois das 14h, no final dos almoços, quando todo mundo tinha ido embora, era muito marcante porque a gente almoçava todos juntos, entre os moradores, e o dinheiro dos almoços nós juntávamos e no final do mês a gente abatia no aluguel. Teve também as aulas de yoga com café da manhã, eu lembro, certo tempo, bate uma saudade muito grande. A fogueira, as meditações. Foi meu primeiro açai de verdade. Que eu mais gostava na casa, era quando a gente terminava um trabalho e juntava todo mundo no quintal pra fazer pizza, pra conversar, e, o melhor de tudo, pra fazer fogueira, pra queimar tudo o que a gente não ia precisava usar ali, o que estava sobrando e não tinha utilidade, ia tudo pro fogo, esse ritual foi o mais marcante pra mim, ali, dentro da casinha. A cura que a casa e a vivência lá pôde dar a minha mãe. Acho que aquele ambiente foi pra ela também, muito importante. Ela ter ficado amiga dos meus amigos, ela ter conseguido demonstrar todo o valor que ela tem, participado, construído junto, ensinado um monte pra gente, sabe? Acho que o fato dela poder ter interagido com todo mundo lá de uma maneira muito legal, um negócio que me trouxe muita felicidade, que me marcou muito.

	Além da localização da casa que foi uma coisa que me marcou muito, ser do lado da praça, do lado de tudo, sabe? Do Mantra. Poder sair lá na praça era muito gostoso. Sentir que aquilo era uma extensão do nosso quintal, poder ficar ali, aquela rua, era muito bom. E a Dorinha que era incrível, maravilhosa, inesquecível e me apaixonei demais por ela, fez parte dessa história.
Ideia central - 3	Discurso do Sujeito Coletivo - 3
Os momentos de reflexão/ movimentos internos foram muito marcantes e trouxeram muita paz.	Acho que o começo foi muito marcante, como eu falei, aquela história do meu coração ter pulsado muito forte em relação à casa, e querer estar lá, e embarcar nessa jornada. Então, isso me marcou muito, marcou novamente a certeza que eu tenho de que só o nosso coração pode guiar a gente rumo às lições que a gente precisa aprender, e no nosso objetivo, no nosso propósito na vida mesmo, acho que isso foi bem marcante. O momento quando eu taquei água lá na cozinha e mexi tudo, nossa, foi um movimento muito importante assim, internamente, movimento interno muito importante. E também, com certeza a paz que eu tinha quando eu estava lá, a não preocupação com o resto, podendo ser eu mesma, sabe? Não foi nem um pouco um ambiente assim opressor, e isso, acho que me trouxe muita coisa boa. Acho que a prática da meditação intensa era algo que fortalecia muito isso. Então, isso é muito memorável, isso é muito lindo, isso é muito mágico, e eu nunca quis deixar de acreditar que a vida pode ser mágica, sabe? E acho que por isso a vida nunca deixou de ser mágica pra mim. Então a vivência da casa foi muito mágica. Quanta coisa que aconteceu na sorte e quantos encontros aconteceram de maneira absurda, sabe? Isso tudo porque a gente está aberto pra magia, e, sei lá, muita coisa, não é?
Ideia central - 4	Discurso do Sujeito Coletivo - 4
Momentos marcantes de celebração e descontração.	E a festa de despedida de uma das moradoras, foi um momento, assim, a dança, a música, a conexão de todas as pessoas, todos, é sério, assim, envolvidos. Teve aquele dia que a gente ficou na cozinha fazendo um balacobaco com as músicas, com todos os instrumentos, fazendo o “chapat” com molho de “tahine”, e todo mundo cantando, e tocando e fazendo aquele auê assim. Nossa, aquele dia foi muito gostoso! O dia da pizza eu achei legal, também, que foi um dia que a gente conseguiu se divertir, conviver, mas a gente também não estava cuidando de tudo como sempre. Porque nas vivências, a gente consegue fazer coisas, se diverte, não sei o que, mas a gente está sempre prestando a atenção em tudo, tentando cuidar de tudo que estava acontecendo, das pessoas, se as pessoas estão bem, se elas precisam de ajuda. E aquele dia, sinto como um pouco mais relaxada, assim, um pouco mais leve.

3.3.6. Apresentação Dos Resultados

QUADROS SÍNTESE

Quadro 11: Ideias centrais pergunta 1 – ECOCASA KRIPA MADHU – longa imersão - moradores

QUESTÃO 1 - COMO ERA A SUA ROTINA NA CASA?	
Ideias centrais	A rotina coletiva na casa era bem intensa, de superação dos desafios de viver coletivamente, mais mão na massa do que intelectual, mais ativa do que passiva, com compras, refeições, tarefas coletivas, de cuidados com a casa e com o outro, de muitos encontros e união. Bem livre e, ao mesmo tempo, uma lição de autorresponsabilidade.
	Além da rotina coletiva, cada morador tinha a sua rotina de atividades pessoais.
	Os moradores eram bem ativistas, planejavam muitos trabalhos juntos com a proposta de permacultura, espiritualidade e vegetarianismo.

Quadro 12: Ideias centrais pergunta 2 - ECOCASA KRIPA MADHU – longa imersão - moradores

QUESTÃO 2 - QUAIS REFLEXÕES A VIVÊNCIA NA CASA TROUXE?	
Ideias centrais	A vivência na Ecocasa trouxe muitas reflexões sobre o convívio coletivo, com pessoas diferentes e, também, parecidas, cuidar de si e do outro, plantar, cozinhar, enfrentar conflitos, fazer amizades, passar por questionamentos, mudanças, transformações.
	A vivência na Ecocasa trouxe momentos de introspecção e reflexões pessoais que proporcionaram autoconhecimento através de experiências novas.
	Trouxe reflexões sobre a própria Ecocasa como espaço e seus desdobramentos.
	Trouxe uma reflexão sobre sustentabilidade e resiliência, através do aprendizado e práticas de conceitos relacionados à permacultura.

Quadro 13: Ideias centrais pergunta 3 - ECOCASA KRIPA MADHU – longa imersão - moradores

QUESTÃO 3 - DEPOIS DE SAIR DELA, VOCÊ INCORPOROU E/OU MUDOU ALGO NO SEU DIAADIA? O QUÊ?	
Ideias centrais	Incorporou a prática do yoga e meditação e passou a dar mais valor para viver o presente.
	Mudou a forma de lidar com o outro.
	Incorporou algumas práticas da rotina da casa relacionadas à permacultura no seu dia a dia.
	Mudou a alimentação e incorporou hábitos alimentares que tinha na casa.

Quadro 14: Ideias centrais pergunta 4 - ECOCASA KRIPA MADHU – longa imersão - moradores

QUESTÃO 4 - Você gostaria de destacar algum momento da(s) vivência(s) que tenha sido mais marcante pra você?	
Ideias centrais	Mais que momentos marcantes, foram os encontros, as conversas, as pessoas que construíram relacionamentos profundos que marcaram.
	As vivências coletivas foram momentos muito marcantes.
	Os momentos de reflexão/ movimentos internos foram muito marcantes e trouxeram muita paz.
	Momentos marcantes de celebração e descontração.

A partir das ideias centrais descritas nos DSC, pode-se dizer que a rotina coletiva na casa era bem intensa, de superação dos desafios de viver coletivamente, mais ativa (mão na massa) do que intelectual (passiva), planejando trabalhos com a proposta de permacultura, espiritualidade e vegetarianismo, compras, refeições e tarefas coletivas, de cuidados com a casa e com o outro, de muitos encontros e união. Bem livre e, ao mesmo tempo, uma lição de autorresponsabilidade, já que cada morador tinha a sua rotina de atividades pessoais.

A vivência na Ecocasa trouxe muitas **reflexões sobre o convívio coletivo**, com pessoas diferentes e, também, parecidas, sobre **sustentabilidade e resiliência**, através do aprendizado e das práticas de conceitos relacionados à permacultura, **cuidar de si e do outro, plantar, cozinhar, enfrentar conflitos, fazer amizades, passar por questionamentos, mudanças e transformações**. E também **sobre a própria Ecocasa** como espaço e seus desdobramentos, trazendo momentos de **introspecção e reflexões pessoais** que proporcionaram **autoconhecimento**.

Ao deixar de morar na casa, os participantes **incorporaram** algumas práticas na sua rotina, como a **permacultura**, o **yoga** e a **meditação, hábitos alimentares, a forma de lidar com o outro** e passaram a dar mais valor em **viver o presente**.

Mais que momentos marcantes, foram os encontros, momentos de celebração e descontração, as conversas, as vivências coletivas, as pessoas que construíram relacionamentos profundos, proporcionando **reflexões e movimentos internos** que trouxeram muita paz.

Enfim, a partir dos depoimentos coletados e do tratamento de dados através do método do DSC, verificou-se que as vivências de longa imersão na Ecocasa Kripa Madhu proporcionaram o exercício da reflexão e a conscientização sobre diversos assuntos, inclusive sobre questões ambientais, convívio coletivo, alimentação e práticas para o autoconhecimento.

3.3.7. DSC – Ecocasa Kripa Madhu – curta imersão

<i>1 - De que vivência(s) você participou? Que atividade(s) realizou? Descreva, por favor, o que aprendeu e/ ou ensinou.</i>	
Ideia central - 1	Discurso do Sujeito Coletivo - 1
As vivências na casa, além dos aprendizados com bioconstrução trouxeram uma troca de experiências humanas.	Eu participei muito da rotina da casa, na vivência com o próprio pessoal, no diaadia, almoço, café da manhã, janta, das meditações e sinto que eu ia lá mais observar e aprender do que realmente dar algum conhecimento. Eu acho que a minha participação sempre ficou mais na parte de confraternizar e trocar experiências humanas mesmo, conhecendo pessoas diferentes com um ideal em comum, trabalhando duro pra fazer aquilo acontecer de fato, a companhia, conversas que não deixam de ser conhecimentos também. Acrescentou muito na minha vida, uma outra forma de ver a vida, com essas pessoas novas passando uma série de novidades, e, ao mesmo tempo, eu também podendo transmitir alguma coisa daquilo que eu aprendi durante os anos da minha vida. Isso é tão importante quanto aprender técnicas de plantio ou, enfim, de bioconstrução e foi, pra mim, uma coisa muito boa, porque foi uma troca muito gostosa, com muita harmonia e sem conflito.
Ideia central - 2	Discurso do Sujeito Coletivo - 2
As vivências possibilitaram um aprendizado não só em bioconstrução, permacultura, cultura e estilo de vida diferente, mas também um questionamento sobre a forma como ver e lidar com os materiais, animais e plantas.	Então, eu participei das vivências na Ecocasa Kripa Madhu, em Campinas que aconteceram de abril de 2016 a junho de 2017, mais ou menos. Aprendi sobre coisas que eu não imaginava nem que existia, não é? Eu aprendi sobre comida crudívora, sobre refeições vegetarianas, veganas, aprendi sobre tudo, uma cultura, um estilo de vida diferente, um estilo de vida que é diferente disso que acontece normalmente na nossa sociedade. Aprendi muito sobre cultura indiana, não é? Participei das atividades com yoga e meditação e aprendi técnicas tanto de respiração, quanto alongamento. Sem levar em conta o aprendizado com bioarquitetura mesmo, não é? Sobre alguns meios de se realizar bioconstrução, bem como diversos materiais para fazer o mesmo e a palestra que foi realizada. A gente aprendeu técnicas de construção com pneu, a fazer um forno de pizza, que foi incrível, a fazer um laguinho, uma espiral de ervas, que eu achei muito legal, que você coloca as ervas que precisa de menos água no topo da espiral e as que precisa de mais água você coloca perto desse laguinho que a gente tinha feito também, não é? E tudo muito legal, muito colaborado, todo mundo muito empenhado em participar, foi realmente uma experiência incrível, não é? Em uma das vivências, eu fui com alguns amigos que, hoje em dia, eu moro com eles, então, a gente acabou ficando muito próximo. E, enfim, foi uma experiência muito boa. A gente fez a massa pra ser usada no revestimento das paredes do quartinho de pauapique e garrafas, lá atrás, que era o foco principal, e uma fossa lá do banheiro. Também, o laguinho tinha dado um probleminha e a gente terminou ele, não é? Além da documentação dessa construção através de fotografia. Nessa vez, também e na outra, fizemos pizzada, então, foi demais, foi muito gostoso, comemos pizzas deliciosas e incríveis, feitas por todo mundo, todo mundo colaborando.

	E foi quando eu aprendi a pintar com terra, que foi o que eu mais gostei, que eu pinte a frente da casa toda, a muretinha, em frente à casa, toda de terra e tal, e foi o que eu mais aprendi, assim, que eu mais levei depois da vivência, foi pintar. Depois, em outra vivência, auxiliei na montagem do contrapiso de garrafas do quarto que estava sendo feito e na colagem do piso com cerâmica quebrada. Pude aprender o nivelamento no terreno, o uso de materiais recicláveis da construção de um cômodo no caso, não é? Aprendi também, eu não sei o nome exato disso, mas é escoamento, eu diria, da água pra bananeira, lá, que vinha dos banheiros e do chuveiro que estava fazendo. Teve também, uma vivência que, de acordo com o cronograma, a gente ia aprender a fazer reboco natural pro quartinho que já estava com as paredes bioconstruídas, assim, e a gente também ia usar azulejos, reutilizando eles e quebrando eles em pequenos pedaços pra fazer mosaicos, pra colocar no chão do quartinho e fazer o piso dele, e era basicamente isso, mas naquele dia, naquele fim de semana, eu lembro que choveu, inclusive essa também foi uma das coisas que eu aprendi. Eu lembro das meninas da casa comentando, que de acordo com a filosofia da permacultura, dia de chuva é dia de plantar, não é? Então, tudo bem que a gente acabou não plantando também, mas não era um dia adequado para fazer o reboco natural nas paredes do quartinho, então, esse aprendizado ficou pra depois, mas a gente realmente realizou os mosaicos e foi uma coisa que eu gostei bastante de aprender. Além disso, ainda nessa vivência, apesar de não estar no cronograma, a gente fez uma força-tarefa pra reorganizar o fundo da casa e reorganizar a composteira. Ela estava meio espalhada, então, a gente deu uma juntada, assim, na matéria orgânica, toda a palha que estava em cima dela e tal, e a gente usou alguns pneus, que estavam no fundo da casa, pra organizar ela dentro deles, não é? Foi outro aprendizado assim, também, com o conceito da reutilização de materiais, não é? Para dar um novo sentido pra isso, um sentido sustentável. Então, foi bem legal essa vivência. Participei também, da vivência onde foi feito o reboco interno, reboco externo do quarto que estava sendo construído, não é? E aprendi técnicas que eu não conhecia de acabamento, de bioconstrução. E também tive a oportunidade de conhecer um espaço de prática de permacultura urbana que é uma coisa pouco comum, não é? Pelo menos, pelo que eu vejo em alguns lugares, assim, a bioconstrução dentro da cidade, está crescendo um pouco, mas ainda pouco divulgado, pouco comum. Outra vivência foi pra aprender a fazer canteiro de horta e o telhado verde, e diferente daquela outra vivência, nessa não choveu, então, a gente conseguiu realizar o cronograma normalmente. Tinha várias pessoas, nesse dia, então, foi mais fácil dividir as tarefas. Deu pra transitar, assim, entre um núcleo de trabalho na horta e outro núcleo no telhado, e foi bem legal, também. Eu consegui aprender bem essas duas coisas. O telhado verde, eu mais acompanhei observando o pessoal que estava mais envolvido fazer ele, mas deu pra aprender bastante também. Acabei ficando mais na atividade de fazer a manutenção da horta, e eu aprendi muita coisa relacionada a manejo da terra,

	manejo de plantas, vários ensinamentos, assim, que eu não fazia ideia que eu nunca tinha tido esse tipo de experiência com a terra, e com as plantas, e que eu nunca vou esquecer, não é? Não tinha a menor ideia de como plantar numa horta, de como delimitar o canteiro, e mesmo de cercar o canteiro, então, pra mim, isso foi incrível, como eu consegui aprender em tão pouco tempo assim, de uma forma tão didática, plantando em grupo, com pessoas que sabiam um pouquinho mais e puderam dar esse conhecimento. A gente tinha algumas mudinhas, e as meninas foram ensinando quais deviam ficar no centro do canteiro, quais deviam ficar nas áreas periféricas do canteiro pra espantar as pragas, as formigas, os bichinhos, não é? E deixar elas longe das plantas mais sensíveis, das mudas mais sensíveis, por exemplo, plantar cebolinha e salsinha ao redor das hortas pra evitar que os insetos ataquem as plantas da sua horta. Então, foi bem interessante. Teve uma vivência que eu fiquei lá no fundo porque eu queria dar uma olhada em como era essa distribuição de hortaliças mesmo, a organização do lagunho. Como que a dinâmica ia se dar? Porque eu estava indo pra essa vivência, muito pela atividade que ia falar de banheiro seco e que era justamente isso que eu precisava aprender. Então, eu acabei ficando no espaço, de forma a absorver tudo que eu podia assim. Depois, eu acabei indo pra parte da frente, não ficando lá no fundo, pra ter também, um outro tipo de experiência, que era uma questão de material, a madeira, o corte, a furadeira que não era tão necessariamente em contato com a terra, era uma reforma para a instalação das divisórias. Então, tive uma participação no jardim, com as plantas que é uma coisa assim que eu gosto muito e também na colocação de prateleiras na parede e nessa parte de marcenaria eu ajudei bastante, dentro dos meus limites. Aprendi a fazer parede de Adobe, o mosaico pro chão, o banheiro seco, que são ferramentas importantíssimas. Deu pra participar de algumas coisas, mas não tanto quanto eu gostaria... De ensinar eu não sei, mas de aprender, pra mim foi muita coisa, assim, desde pequenos detalhes, do jeito de lidar com as coisas e de ver todos os animais, quanto as plantas, quanto os materiais mesmo, de uma nova maneira, de ter um pouco mais de respeito com tudo, e com as pessoas também, aprender muito mais, a questão de questionar, porque as coisas são utilizadas do jeito que elas são utilizadas, porque que a gente saiu do barro e, hoje em dia, é concreto, e, realmente, de que forma a gente acaba impactando o mundo da maneira que a gente utiliza as coisas, muitas vezes, sem pensar, então, foram grandes aprendizados. E, hoje, eu posso dizer que entendo um pouco, aprendi um pouco de bioconstrução. Então, foi isso, foi uma troca muito gostosa. Só tenho a agradecer por isso.

2 - O que você achou da experiência / vivência? Trouxe alguma reflexão? Qual?

Ideia central - 1	Discurso do Sujeito Coletivo - 1
A experiência de conviver com pessoas diferentes e em harmonia, trouxe reflexões sobre as relações entre seres humanos e o viver em comunidade.	Eu acredito que tanto a casa quanto os trabalhos não dizem somente sobre a relação ser humano com natureza, questões ecológicas, mas sobre as relações entre seres humanos. Sobre o trato que a gente tem um com o outro e sobre como podemos ir além, quando somamos forças.

	Por exemplo, na casa, a gente conseguia, em um fim de semana, ter uma convivência absolutamente harmoniosa com as pessoas. Independente, assim, de qual fosse o número de pessoas presentes e de onde elas vinham. A gente conseguia entrar numa sintonia muito boa, tanto pra realizar os trabalhos do cronograma proposto, quanto pra ter um momento de conversa, cozinhar juntos, depois limpar a cozinha. Durante a noite, fazer música, conversar, rir, assistir um documentário juntos, o que seja, sabe? E mais do que a construção em si, foi a experiência de conviver em meio desse ambiente, com pessoas que querem viver de modo melhor, ecologicamente falando. As reuniões, a simpatia de todo mundo, todo mundo bem, uma energia muito boa, as refeições eram deliciosas, o trabalho também era muito gostoso, essa foi a parte mais gostosa, sem dúvida! Realmente conviver com as pessoas. Era muita gente pra comer, muita gente pra tomar banho e tudo funcionava muito bem, não é? Foi uma experiência, assim, de integração e respeito mútuo, muito grande, não tinha nenhuma intriga, tudo acontecia naturalmente, assim, uma coisa realmente surreal comparado com o mundo que a gente vive normalmente, não é? Era como se entrasse numa bolha de respeito e de consideração mútua pela natureza, uns pelos outros, enfim. Outra coisa, é que eu sou mais quieto, digamos, sou mais introspectivo e o que eu percebi, quando eu cheguei, lá na casa, foi que eu me senti, digamos, um pouco mais à vontade, assim, pra estar falando. Como se as relações, ali dentro, fluíssem de uma maneira muito natural. Então, o fato de eu ser um pouco mais quieto, talvez, não foi tão empecilho, assim, acho que nos dias que eu passei lá, principalmente, pelo fato das coisas acabarem fluindo naturalmente, não é? Como se cada um respeitasse o tempo e o lugar do outro. Assim, foi o que mais me chamou a atenção, as relações que foram estabelecidas lá. E, também, foi a primeira vez que eu fiz algo semelhante, não é? Não tinha tido nenhuma experiência prática com bioconstrução ainda. Eu fui meio assim, sem saber o que ia acontecer, porque eu não conhecia o pessoal e isso foi algo bom, eu acho, porque eu não criei muitas expectativas no primeiro momento. Por mais que tenha sido uma experiência num espaço de tempo relativamente curto, foi algo que eu pensei, assim, bastante. Foi uma dinâmica diferente do que eu já tinha passado nas minhas poucas vivências em comunidades. Tive muitas reflexões sobre a vida em conjunto, do que é essa questão de coletivo, de cooperar, sabe? Sobre a maneira de se estabelecer relações sociais enquanto o cuidado coletivo, que, ao mesmo tempo, é um cuidado individual e agregando outros valores que é a questão do compartilhar, questão da energização do ambiente, e isso foi muito importante para mim, porque me abriu os olhos pra outros sentidos, que até então, não estavam aflorados. Depois, nas outras vivências, eu já conhecia a casa, já conhecia o pessoal, e foi mais legal ainda, porque a gente já tinha um contato, não é? Já tinha uma intimidade que você conseguia fazer as coisas com mais rapidez, e ao mesmo tempo uma amizade maior, não é? A gente acabou ficando muito próximo, e, hoje em dia, eu moro com alguns amigos com quem eu fui em uma das vezes.

	Então, toda a cultura nova que eu conheci, que adquiri, e os amigos que fiz, as pessoas novas que eu conheci, cabeças novas, a oportunidade de ficar imerso, numa casa, e de conhecer pessoas que normalmente, não conheceria, não é? E todo mundo vivendo ali com o mesmo objetivo, em harmonia, o mesmo propósito, um respeitando o outro de uma forma, assim, muito bonita, e foi uma coisa que eu nunca tinha feito na minha vida, e eu gostei demais, isso me fez crescer como ser humano, e aprendi muita coisa. Realmente, acho que isso vai ficar pra sempre, são pessoas que realmente são incríveis e eu espero que façam parte da minha vida pra sempre. Eu amei a experiência, deu até vontade de morar lá na casa, mas foi uma experiência muito boa, assim, boas lembranças e válida. Com certeza, eu vou contar para os meus filhos, para os meus netos, não é? Só tenho a agradecer, sabe? Muita gratidão pelo que eu vivi, que quero viver mais isso. E é uma metodologia maravilhosa, não é? Que eu quero que muitas pessoas possam fazer, também, um dia. Pensar que você abre o seu espaço, suas intimidades, pra receber pessoas que elas estão ali, presentes, pra tentar aprender tudo, a todo o momento.
Ideia central - 2	Discurso do Sujeito Coletivo - 2
Trouxeram uma reflexão sobre a forma como a bioarquitetura atua em relação à utilização de materiais, as relações de trabalho e uma integração entre arte, cultura e práticas sustentáveis para o planeta.	Eu nunca tinha tido contato com bioconstrução e eu soube da Ecocasa através da minha professora, que falou que ia ter uma vivência na casa que ela morava. Foi uma experiência incrível, me despertou uma reflexão sobre o que é arquitetura, sobre diversos outros viés que a gente pode seguir dentro dela e um questionamento sobre até que ponto que a gente está fazendo uma boa arquitetura no mundo e como, por exemplo, a bioarquitetura pode vir a ajudar na nossa vida e no mundo, não é? E eu lembro, que logo no primeiro momento, na apresentação da vivência, eu já tinha comentado que por ser da área de artes eu queria conseguir fazer um elo na minha vida profissional com a filosofia da permacultura e de práticas mais sustentáveis pro planeta. E quando a gente realmente realizou os mosaicos, descobri como que a área de artes pode dialogar com isso. Porque, geralmente, resto de azulejos é um material que vira lixo, não é? Então, foi bastante interessante, de cara já foi um aprendizado bastante relevante pra mim, uma coisa que eu gostei bastante de aprender. Eu trabalho com artesanato, arte e cultura de rua e foi muito importante, pra mim, ter um trabalho de educação, de cultura e de arte, aliado a um trabalho sustentável. Eu só posso dizer, como reflexão, que isso é imprescindível. Não combina atividades culturais, atividades artísticas e educacionais numa arquitetura que não fosse nesse propósito, nessa linha, nesse perfil. Então, só veio a agregar na minha bagagem, o ensinamento e tal, poder levar isso aí pra todo mundo, não é? A gente poder trabalhar com essa bioconstrução que tem tudo a ver com a arte, que é a minha vida, não é? Também trouxe um questionamento quanto ao uso dos materiais, ou quanto se é válido realmente, inclusive num futuro próximo, os métodos construtivos que a gente tem utilizado. De parar um pouco e repensar, voltar às origens e tentar usar as coisas da maneira mais consciente possível. Eu

	tenho a vontade de realmente começar a integrar um pouco mais essa questão de sustentabilidade, de materiais da bioconstrução, e tudo mais, dentro do mobiliário. Isso, pra mim, é uma coisa grande ainda pra estudar, por exemplo, o bambu que é muito usado, enfim, tem muita área aí pra ser descoberta ainda. Mas eu acho que o mais importante de tudo, a minha principal reflexão pessoal, foi a respeito das relações de trabalho, a forma com que o trabalho é exercido numa vivência de bioconstrução é completamente diferente da forma de trabalho hierarquizada e árdua que a gente tem no cotidiano tradicional urbano, aproximando o arquiteto, urbanista, ou quem for, dos métodos construtivos. Você tem a possibilidade de estar colocando a mão na massa, realmente. A integração entre as pessoas, também, foi sensacional, foi uma experiência muito democrática, a relação de trabalho muito de igual pra igual. Isso eu achei incrível, e enfim, eu achei importantíssimo participar de uma vivência dessa. Depois eu fiquei motivado a participar de mais vivências, inclusive. Era sempre uma delícia participar, a energia era incrível, eu amei a experiência. Não sei se você lembra, mas eu fiz a cirurgia no rim pra tirar algumas pedras, e estava com cateter interno, teve alguns dias que eu não consegui participar direito, mas de qualquer forma, eu queria estar lá. Foi muito bonito, apesar de não ter participado dos mutirões do quartinho, eu acompanhei. Eu sempre fui olhando, assim, o processo de evolução, e pra mim foi muito bonito ver ele se erguer nos mutirões, como também foi legal, ver a força das pessoas, juntando a força de cada um também. A gente conseguiu levantar a parede, construir um telhado. Pra mim foi uma oportunidade incrível, eu gostaria de ter participado de muito mais, só que, nesse momento de vida, eu não tenho os fins de semana sempre livres, não é? Então, foi uma coisa que eu tive que lidar e tentar ir quando realmente fosse possível. De qualquer forma, pra mim, foi muito proveitoso, eu aprendi bastante e me trouxe realmente muita reflexão e a comida também, era uma delícia, sinto saudades. Não tenho nem como explicar diretamente. É, sem palavras, não é, meu? É muito doido isso, mano, porque é uma coisa que sai do coração, não é, meu? E só tenho a agradecer a tudo isso e vou levar, assim, pro resto da minha vida, não é, meu? Foi uma coisa maravilhosa, realmente espero que eu possa, em breve, participar onde quer que seja, entrar em contato com isso, mais a fundo dessa vez estando presente em todas as obras que tiver condição de estar.
Ideia central - 3	Discurso do Sujeito Coletivo - 3
Refletiu sobre a permacultura como um estilo de vida que a Ecocasa tinha como projeto experimentar.	Tinha um propósito de vocês estarem passando um pouco do conhecimento de vocês em relação à bioconstrução e eu aprendi bastante, mas não foi só isso, tá ligado? Teve toda a questão da alimentação, do cuidado consigo mesmo, e ao mesmo tempo esse cuidado é coletivo, saca? Foi algo bem diferente pra mim e bem proveitoso, eu diria, bem, assim, uma questão de minicomunidade. Eu diria que fiquei um pouco mais sensível no sentido de estar atento ao que está acontecendo a minha volta, da relação, da fala com o outro, da maneira com que você vai exercer aquela função, não é? Gostei bastante, não é? Não só pela parte das técnicas que a

	gente aprendeu e praticou, mas também, pela experiência de ver um coletivo funcionando. Mesmo que fosse não muito grande, pequeno, não é? E urbano. Até porque, na época, eu tinha um foco em partir pra uma ecovila, não é? Então, foi bastante enriquecedor nesse ponto também, de ver como funcionava essa questão do coletivo, das atividades de prática de permacultura urbana. Foi uma experiência muito válida, faria de novo, com certeza, sem pensar duas vezes. Eu refleti muito sobre isso, no sentido de pensar que realmente, a bioconstrução, a agroecologia, yoga, etc.,enfim, todas as práticas que a gente realizou lá, e que eu tive a oportunidade de me aprofundar são, de certa forma, independentes entre si, mas juntas se tornam muito mais potentes quando você olha pra elas como um estilo de vida, que é um estilo de vida mais saudável, e é um estilo de vida que eu entendo que nós deveríamos adotar, se a gente quer um planeta que seja saudável. E isso pra mim é a permacultura, não é? A permacultura, como eu vejo hoje, ela é uma filosofia e dentro dela existem várias, digamos, vertentes e a gente pode aprender muito sobre várias frentes dessa filosofia. E no fim, todas se tornam mais potentes quando elas, de certa forma, se conectam. E esse foi o tipo de reflexão que essas vivências, em alguma escala, me proporcionaram, porque eu percebi que a gente convivendo ali, todos juntos, sabe? Querendo aprender, querendo ensinar, a gente não estava só atrás de informações e técnicas pra aplicar na nossa vida profissional. A gente estava atrás de realmente experienciar algo maior juntos que era esse tipo de união. Então, eu tenho certeza que todo mundo aprendeu bastante, mas a reflexão principal, pra mim, foi essa, o como foi muito mais grandioso, ter acesso a esses conhecimentos de maneira coletiva e harmoniosa. A gente não precisa de muito pra viver. Se a gente tiver em harmonia com a terra, é muito mais fácil do resto entrar em harmonia também. E eu acho que juntos a gente consegue fazer coisas incríveis. Foi isso que eu vi na Ecocasa, assim, que eram muitas pessoas diferentes, mas sempre que estavam presentes ali, estavam com um mesmo propósito e davam o melhor de si. E, no final, aquele lugar ficava lindo em poucas horas, totalmente transformado, e é justamente isso, o ser humano é capaz de fazer transformações, e de transformar ambientes, transformar vidas, também, através das suas ações. Era incrível a gente acordar todos os dias com alguém tocando aquela música linda no violão, e você realmente sentia muita paz, muita. Se sentia muito bem, não é? Aquilo fazia muito bem pra gente, fazia com que a gente se sentisse bem para poder fazer bem ao mundo e era uma coisa que você realmente sentia isso como um ciclo que não acaba, não é? Que realmente é uma coisa que fazia muito bem pra todo mundo que estava ali. Lá na Ecocasa, a gente meditava em conjunto e aquilo, pra mim, era incrível, você atingia um nível de paz que me fez refletir sobre o que é fé, sobre o que é meditação, que eu não conhecia. Sobre a nossa capacidade de transcender e, enfim, a gente aprender a respeitar a natureza, aprender a ser parte da natureza, e não simplesmente consumir dela, e isso tudo me veio como reflexão posterior das vivências que eu participei, e foi incrível, não é? Outra coisa, que eu também penso, que eu acho muito legal

	nas vivências, que foram oferecidas pela casa, é o lance da contribuição consciente, não é? Você contribuir financeiramente com a vivência, com o quanto você pode dar, com o quanto você acha que é justo você dar, pela alimentação, que era vegana, pelo o que eu lembro, das vezes que eu fui, e orgânica. Bom, pelo gás, não é? Pra fazer a comida. Pela estadia, não é? Pra quem dormiu lá, no caso eu acabei dormindo as duas vezes. Esse lance da contribuição espontânea é muito legal porque, facilita o acesso das pessoas a esse tipo de experiência, e é uma coisa que eu nem sempre vejo em outros lugares que oferecem essas vivências de bioconstrução, permacultura. Muitas vezes, são preços bastante inacessíveis, e, isso faz com que só pessoas com padrão de vida muito alto consigam ir. Não necessariamente um padrão de vida muito alto, mas enfim, alguém que realmente tenha bastante dinheiro, pra investir nisso, alguém que já esteja, com uma estabilidade financeira bastante considerável, e, infelizmente, não é o caso de muita gente, não é o caso de muitos estudantes. Então, nesse sentido, isso também se tornou uma reflexão pra mim. Eu moro há bastante tempo em Barão Geraldo, conheço muitas repúblicas, propostas de repúblicas alternativas, e eu nunca tinha visto uma proposta de casa que fosse tão completa, no sentido de tentar abarcar os vários ideais, assim, de transformação que a gente quer ver na sociedade, e a Ecocasa, ela fazia isso. A questão da autonomia, da organização comunitária, da autossuficiência. Desde pensar em como sustentar a casa, a manutenção, a questão econômica. Dos moradores, também, existia propostas pra se encarar de modo coletivo. E, também, outras práticas de cuidado, como, a redução dos impactos ambientais e com as próprias pessoas, nas práticas da yoga e meditação. Vejo todas as práticas, nesse sentido, como uma proposta alternativa, assim, ao sistema, ao modelo de como as coisas estão organizadas, tanto em questão econômica como em relação ao próprio meio ambiente. Mas acredito que a casa, é um modelo pra outros grupamentos de jovens, de pessoas que vão dividir espaço. Os projetos que foram germinados na casa poderiam ser resgatados em vários outros espaços, e penso que a experiência com bioconstrução é uma coisa bastante marcante, assim, pra quem participa do processo e quando tiver oportunidade de construir uma casa, de construir um espaço, vai ser um dos projetos que vou levar bastante em consideração.

3 - Depois dessa experiência, você mudou algo no seu diaadia? O quê?

Ideia central - 1	Discurso do Sujeito Coletivo - 1
Passou a pensar em diminuir seu lixo e reaproveitar as coisas de maneira funcional e bonita, além de se sentir fortalecida a manter as práticas que já tinha incorporado no seu diaadia.	Com certeza assim, a casa trouxe alguma influência, alguma mudança. Acredito que eu já estava em uma certa sintonia com as práticas ligado a Ecocasa, e a participação nas vivências e o acompanhamento da rotina da casa trouxe fortalecimento pra manter algumas práticas que já tenho há alguns anos, como separação do lixo, compostagem e cuidado com as plantas. Mas, hoje em dia, além de começar a fazer coisas mais sustentáveis na minha casa, na cidade, não é? Acabei pensando muito mais em como diminuir meu lixo, e como eu posso reaproveitar as coisas, mesmo esteticamente, que pra mim é uma questão que pega, não é? Mas no design

	e na vida como reaproveitar de uma maneira funcional, bonita e que possa produzir menos lixo.
Ideia central - 2	Discurso do Sujeito Coletivo - 2
Mudou a forma de se relacionar com as pessoas, de ver o diaadia, os planos de vida mais voltados para o coletivo.	Eu mudei um pouco assim, tipo a visão de cuidado consigo que ao mesmo tempo é coletivo, não é? As maneiras de se relacionar no mundo. Eu fiquei mais atento, mais sensível ao que estava a minha volta, mais paciente, eu diria, também e com uma abertura muito maior de conversa pra conhecer pessoas, assim. Diria que contribuiu pra ser uma pessoa mais extrovertida, talvez. Com certeza, mudei também, minha forma de ver o meu diaadia. A convivência com as pessoas sendo tão harmoniosa durante os fins de semana que eu passei na Kripa Madhu, fez com que quando eu voltasse pra minha casa, eu sentisse uma espécie de vazio, um vazio de ver que o estilo de vida que eu vivo agora, ainda não é um estilo de vida que eu considero o mais saudável para um ser humano. E, quando eu digo para um ser humano eu não quero dizer, pro ser individualmente, mas, pra todos os seres humanos, como um todo, como habitantes desse planeta. Tem sempre uma frase que fica na minha cabeça e que me lembra essa situação que é - "como ser um ser planetário melhor?"- e é justamente isso. O que mudou em mim foi ver que a gente ainda tem um longo caminho pra percorrermos juntos, nesse tipo de vivências, pra nos tornarmos seres planetários melhores. E, sozinhos é muito difícil que a gente consiga mudar nossa prática no dia-a-dia, mas quando a gente aposta na força da coletividade, pra construir juntos, pra conseguir a autonomia, a soberania alimentar, tendo uma alimentação saudável, orgânica, que agride o menos possível o meio que a gente vive. Quando a gente faz essas coisas apostando na força da coletividade, esses processos de mudanças, no dia-a-dia se, tornam muito mais fáceis, essas coisas elas começam a parecer realmente possíveis e muito mais simples do que quando a gente fica, simplesmente, na nossa casa sem tomar uma atitude, imaginando. Então, eu tentei trazer isso, essa experiência, não só pra mim, nem com quem me acompanhou nos dois dias, os meus colegas, mas para grupos de trabalho, grupos de conversa, ideias, ou até mesmo, ações que pudessem ser um pouco mais bem trabalhadas pro coletivo, sabe? Daí, mudou, também, os planos de vida, os planos que você tem pra sua vida. Porque depois que a gente convive junto, lá na vivência, o que muda é que, assim, a ideia que a gente tem, no futuro, tal, é ter uma casa e construir uma única família ali. E depois da vivência, a gente pensando mais em ecovila, por esse lado, a gente pensa, o que eu pensei, foi que eu não preciso viver em uma família só, sabe? Por que não várias famílias? Viver junto, em uma casa, em duas casas, não sei, mais gente. Acho que você passa a levar mais a amizade em conta, sabe? Do que a família, não tem que ser uma família vivendo junto, mas várias pessoas vivendo junto, sabe? Você fica menos egoísta nesse ponto.
Ideia central - 3	Discurso do Sujeito Coletivo - 3
Mudou a forma de olhar para a bioconstrução como uma alternativa sustentável a forma de construção convencional.	Então, o que mudou, eu diria que foi minha forma de olhar pra essas questões, de pensar em bioconstrução, por exemplo, como uma prática revolucionária, altamente acessível, financeiramente acessível, e muito sustentável pro nosso

	planeta e que não é uma coisa que eu faço sozinha, é uma coisa que vai me unir com várias pessoas que pensam como eu, e que sonham com um estilo de vida como o que eu sonho. E olhar pra essa prática, então, e pensar que é uma prática de união de povos do nosso planeta, pra conseguir pensar, realmente, numa situação sustentável pra natureza, não é? Então, eu diria que eu percebi muito melhor a potência da coletividade pra concretizar esse tipo de sonhos que eu sei que não são só meus. Fiquei muito mais motivado a participar de oficinas e workshops relacionados à bioconstrução, e de participar de mais vivências assim, tendo uma reflexão sobre o modo com que a gente vive, como a gente constrói. Procurei ler mais, me informar mais, porque é um acrescentar essencial, sabe? Eu acho que estou no quarto ano da faculdade, e vou me formar com a percepção, eu acho, diferente do que é ensinada, sabe? Em questão de arquitetura, em questão de sustentabilidade, se a gente for dizer assim, e de bioconstrução, então, me abriu os olhos, sabe? Me abriu os olhos pra um campo muito bom e espero, um dia, no futuro talvez próximo, estar compartilhando desse modo de vida também. Então, estamos produzindo alguns mutirões e podemos reformular o nosso projeto de bangalôs de oca pra fazer palco, deck, sala, tulhas, voltado para acolher oficinas e vivências, dentro da nossa universidade. E, agora eu posso chegar e falar pra uma pessoa "hoje eu posso te ajudar a fazer uma casa altamente sustentável", não é?
Ideia central - 4	Discurso do Sujeito Coletivo - 4
Mudou a atenção dada ao alimento.	Uma coisa muito legal também na vivência foram as refeições, não é? Era tudo vegano e, várias coisas que a gente comia eram produzidas na própria Ecocasa, e, assim, a horta não era muito grande, mas era o suficiente pra alimentar muitas pessoas, e eu acho que depois disso eu comecei a valorizar muito mais os alimentos que eu como, e pensar assim, "da onde eles estão vindo, não é? Como que eles estão sendo cultivados", porque o que você coloca no alimento, o sentimento que você coloca no alimento quando você está cultivando ele, também é extremamente importante, o respeito pela terra, pela comida, e por tudo, assim, pela natureza. Então, a partir da vivência tentei consumir mais orgânicos, prestar atenção na minha alimentação, no dia a dia, no que a gente consome, abolir alguns produtos industrializados, nas pessoas da minha volta e até como tratar a saúde. Ver aonde que eu podia ajudar e percebi que mesmo com pouco a gente acaba mudando muito. Antes de ir pras vivências eu já era vegetariana, e eu me senti muito mais fortalecida, por exemplo, pra concretizar, quando eu estiver melhor preparada, uma dieta vegana. E eu percebi que isso é possível porque, por exemplo, lá eu conheci várias pessoas que vivem dessa maneira, não ingerindo nada de origem animal, e é muito mais simples do que realmente parece, e eu percebi que eu realmente conseguiria me organizar pra isso, e de novo seria muito mais fácil me organizar pra isso, junto de pessoas que também vivem dessa forma, a gente se fortalece dessa maneira. Mas, de qualquer forma, por mais que seja algo que eu ainda não mudei na prática, é algo que hoje eu me sinto muito mais fortalecida pra

	mudar quando eu conseguir criar condições um pouco mais ideais no meu dia a dia. De início, eu acabei me tornando vegano, logo em seguida, porém também não consegui continuar, mas assim, eu reduzi o meu consumo de carne praticamente a zero, não é? Eu acabo consumindo carne quando tem algum evento social que, digamos, me pede que consuma, mas na minha casa, no meu diaadia, eu acabo consumindo menos carne e tudo por uma consciência que eu acabei tomando, não é? Uma coisa que eu sempre tive, nunca fui de destruir, mas de realmente parar e tentar observar e refletir sobre a maneira que eu, assim, meu efeito nisso, e o efeito disso tudo em mim também, então, acho que essas coisas foram algumas coisas que mudaram. Uma consciência que você tem de que você tem que ter mais respeito pela natureza e por tudo que vive, não é? Isso é findável, que isso não vai durar pra sempre e que a gente faz parte desse todo e tem que respeitar, e não simplesmente usufruir dele sem medir o que está fazendo, não é?
Ideia central - 5	Discurso do Sujeito Coletivo - 5
Passou a praticar yoga e meditar.	Durante as vivências também foram oferecidas práticas de yoga e de meditação, então, isso também é algo que eu incorporei na minha vida. A gente fez uma visita ao Mantra Cultural, que é um espaço, em Barão Geraldo, que oferece também essas atividades, e foi bem interessante, pra mim. Comecei a meditar, adicionei isso a minha rotina, que realmente me fazia muito bem e isso foi uma mudança concreta na minha vida, é algo que eu ainda posso e quero fazer com mais frequência. Pra mim, são meios de autoconhecimento hoje, conhecimento do meu corpo, do meu eu, e isso também é algo que, eu realmente, mudei no meu diaadia. Hoje eu lido melhor com as pessoas. Consigo ter muito mais paciência, ser mais bondosa, eu nunca fui ruim, não. Não sei ser muito exata, mas mudou muito a minha maneira, o meu comportamento com as pessoas, então, foi pra mim um ganho muito grande. Eu aprendi a desacelerar, a viver muito mais o hoje e o agora, aliás, adquirir um livro sobre isso, então, pra mim, foi uma mudança, assim, fundamental na minha vida, aquela coisa, assim, do fluir de uma maneira mais leve, se deixar levar.
Ideia central - 6	Discurso do Sujeito Coletivo - 6
Mudou a visão sobre as coisas, as conversas, as opiniões, a cabeça, o pensar.	Mudou, não é, meu? Tipo, a visão sobre tudo no meu diaadia, nas minhas conversas, e nas minhas opiniões e essas mudanças vão durar pra sempre, a minha cabeça, digamos, não é? O meu pensar, a minha forma de pensar sobre muitos assuntos em relação a muitas coisas que a gente aprendeu lá, não é? Principalmente, sobre arquitetura e sobre a cultura da meditação e sobre a cultura da alimentação vegana, muita coisa mudou realmente na minha cabeça, não é? Que daí, hoje em dia, eu tenho opiniões diferentes das que eu tinha antes de conhecer a Ecocasa.

4 - Você gostaria de destacar algum momento da(s) vivência(s) que tenha sido mais marcante pra você?

Ideia central - 1	Discurso do Sujeito Coletivo - 1
Momentos de aprendizado, descobertas, conflitos, transformação, diversão, cuidado com o outro, paz, euforia, marcantes e inesquecíveis.	Ah, tiveram muitos momentos inesquecíveis... Não sei numerar um assim, foram vários, foram muitos. É um pouco difícil pra mim responder, porque eu me sinto intensamente marcada por vários. Foi uma experiência onde o trabalho, diversão, relação com as pessoas, tudo parecia se misturar e estar junto, e acontecia tudo o tempo todo ali, e isso eu achei sensacional. Uma coisa que eu ficava muito impressionada era a velocidade com que as coisas aconteciam. Por exemplo, uma semana eu escutei que ia fazer um quartinho, na outra semana, eu chego, o quartinho está em pé. A casa se transformava sempre, sempre muito rápido, assim, tinha uma dinâmica de transformação muito rápida, assim, das coisas materiais, a horta, o laguinho. O quanto transformou a casa em um ano, assim, pra mim isso é muito marcante, assim, a possibilidade de você transformar um espaço num tempo tão curto e com a ajuda de tantas mãos. E, ao mesmo tempo, apesar dessa velocidade com que as coisas se transformavam, independente de todos os conflitos, a casa conseguiu manter um ar pacífico, assim, a casa ainda era um espaço que me desacelerava. Acho que um dia que eu posso destacar, que pra mim foi talvez o mais marcante, foi quando a gente estava fazendo o reboco ali na parte interna da casinha, tomando o máximo de cuidado pra deixar uma coisa bonita, deixando as energias e não sei. Estava exausta já, mas foi muito bom, foi um momento de bastante contato comigo mesma, acho que estava cada um meio que na sua, fazendo o seu negócio ali, não sei explicar muito bem. Eu sempre me lembro desse dia com muito carinho, sempre fui muito ligada nessa questão, assim, de energia, de ter essa troca, na minha família também, sempre teve muito, e pra mim foi um momento muito tocante, de muita paz, e depois disso não sei, fiquei vários dias superbem. Foi uma delícia, foi um momento muito gostoso. Me desperta muito a memória, também, a produção dos mosaicos com os restos de azulejos reutilizados, porque como eu disse já, isso diz respeito ao que eu quero fazer como prática na minha área profissional, e mostrou que é possível fazer esse elo entre artes e práticas sustentáveis pro nosso planeta, e enquanto a gente fazia esses mosaicos, conversava bastante e se divertia, ria, dividia as funções, uma pessoa quebra os azulejos, outra pessoa cola os azulejos brancos, outra pessoa cola os azulejos dourados, outra pessoa planeja o desenho, e a gente desenhava juntos e mudava juntos, e colava juntos, e se conhecia, contava nossas histórias pessoais, e isso foi muito dinâmico, me faz ver, realmente, o potencial que tem essas atividades artísticas em grupo. E isso me traz uma felicidade muito grande, foi algo bem marcante pra mim. Eu não posso me esquecer do momento que eu cheguei na casa e tinha uma pessoa estranha que não me conhecia que me perguntou: "o que você quer?" – Ah, eu vim aqui, não é? Participar.", e depois que ela veio saber que eu já era assim, frequentadora da casa. Teve um dia, que aprendi a fazer o forno de pizza, senti que

	sabia e fiquei muito contente, sabe? E que também, alguém fez um sorvete de banana com cacau que estava espetacular, e a gente estava morto de cansado, lá fora trabalhando, e do nada pareceu um sorvete delicioso. Isso foi demais, realmente, uma experiência única e eu fico muito, muito contente de ter participado. Também saber que, tipo, você pode reaproveitar barro e que com o bambu se pode fazer muita coisa, não é? Descobrir que o bambu vai ser a madeira do futuro, não é? Que a desmatção está geral, não é, meu? Logo, logo, não vamos ter madeira pra nada, não é? Então, é muito doido mano, isso aí vai marcar a minha vida, e sempre que eu puder, eu quero estar junto, presente nessas histórias aí, da arte, envolvido com a bioconstrução, bioarquitetura, bioescultura, é nós, pô!
Ideia central - 2	Discurso do Sujeito Coletivo - 2
Os momentos das refeições foram marcantes.	Bom, teve vários momentos muito gostosos, mas as refeições foram uma experiência inesquecível, já falei uma vez, mas eu vou falar de novo, que a comida era muito boa. E tipo, estar no curso com a galera vegano, não é, meu? Então, tipo, marcou bastante isso pra mim. Descobri o que é o tal de tahine, que é uma coisa da hora, e pô! Isso muda a cabeça de qualquer pessoa, não é, meu? Tipo é um entendimento que é pro resto da vida, não é, meu? Não que eu nunca tivesse tido esse contato, mas é uma alimentação vegana muito diversificada e com sabores muito diferentes, e que foi feita por várias pessoas diferentes, então, isso também foi muito especial pra mim, tanto o momento de cozinarmos juntos, quanto de depois de ter feito um grande esforço físico, seja na horta, com a composteira ou com os mosaicos, a gente sentar juntos pra comer uma comida saudável, uma comida que faz com que a gente renove nossas energias para continuar trabalhando juntos, e a gente também ter esse momento de confraternização, que é um ato tão bonito, não é? Tipo, Culturalmente falando, uma questão do preparo da comida, o respeito que você tem que ter com quem está preparando, com o alimento, com o ato de absorver a energia que ele tem. Então, foi esse momento da roda, da energização, da percepção do espaço, do entorno, do outro, do eu mesmo. Foi talvez, uns dos momentos que eu fico, até hoje, assim, revivendo na minha cabeça porque é algo que não é de costume, não é? Não vou parar, comer e ter aquele tipo de relação novamente, é mais difícil, mas me fez muita diferença e eu fiquei falando disso muito tempo depois.
Ideia central - 3	Discurso do Sujeito Coletivo - 3
Os momentos de trocas humanas, de se conhecer, de trabalhos coletivos, de convivência com as pessoas foram muito marcantes.	Os momentos que realmente me marcaram, são os que o pessoal da vivência conseguiu ter esse momento de se conhecer, de fazer essas trocas humanas, de saber de onde o outro veio, pra onde que o outro quer ir, o que o outro busca, e o que o outro tem em comum com você, no meio dessa vivência. Foi conviver com as pessoas mesmo, sabe? O contato com as pessoas nessa energia que facilita tudo acontecer. A gente conviver ali, você acorda de manhã, na maior felicidade, as refeições também eu queria destacar, porque era muito legal, todo mundo comer juntos, sabe? O café da manhã artesanal, e bem voltado pra alimentação saudável, tivemos uma vivência de yoga, ouvimos boas músicas, fizemos novas amizades. Um dos participantes que eu conheci lá na vivência, hoje a gente mora junto, e a gente, tipo, melhores amigos, entendeu? A forma como foi

	conduzida a metodologia e a didática foi muito boa. Um fator fundante pra que a gente pudesse ter os nossos canais de percepção abertos. Não era nada combinado assim, as tarefas, o pessoal já estava lavando louça, outro pessoal já estava passando um pano na cozinha, outro pessoal cozinhando, então é muito legal, é tipo todo mundo contribuindo um pouco pra tudo. Então, além do repertório de técnicas compartilhadas, e do objetivo estar bem conectado ao objetivo do que fui buscar, ainda teve a forma como o grupo se organizou, em termos de metodologia, pra compartilhar essas oficinas, o trabalho do coletivo mesmo, como costurar esse coletivo, como fazer o negócio funcionar, fazer rodar. Desta forma, somado ao alternativo da arquitetura estava o alternativo da didática, e eu acho que esses dois juntos casaram muito bem. Ainda teve uma cereja no bolo, um momento de despedida, no final da vivência, que foi realmente um momento muito emocionante, não é? Porque a gente tinha criado um laço muito grande, ali com todo mundo, e no final da primeira vivência, eu tive que ir embora um pouquinho mais cedo, porque eu ia pegar uma carona pra rodoviária lá de Campinas, e teve um momento que todo mundo se abraçou e viu o quão próximo a gente ficou e o quão forte aquela experiência tinha sido pra todo mundo, e foi muito legal esse momento, não é? Foi realmente, um momento muito, muito especial pra mim.
Ideia central - 4	Discurso do Sujeito Coletivo - 4
Momentos de reflexão, finalização de trabalho, confraternização.	É difícil escolher um momento, assim, porque foram tantos momentos agradáveis. Ah, mas tem sim. Lembrei! Uma das noites musicais. A gente reuniu um pessoal na casa, no sábado à noite, e alguns instrumentos, violão, flauta e alguns outros que tinha na própria casa, e a gente fez um som improvisado, também foi incrível pra mim. Teve um momento que eu me vi tocando flauta e era uma coisa que eu não fazia há muitos anos, e não importava se eu sabia ou não fazer aquilo direito naquele momento, o que importava é que depois de um longo dia realmente de trabalho e esforço físico e muito aprendizado, e muita informação absorvida a gente podia ter juntos esse momento de, sabe? Espairar, de descansar e realmente ter esse respiro, não é? Juntos e ter um momento de tranquilidade, contemplação musical, e contemplação da vida. E teve um momento, que me vem junto até com emoção, foi uma outra noite que a gente fez uma roda de meditação, não é? Depois a gente fez um som também e ficamos conversando. A comida que a gente estava fazendo também, foi um momento que eu me senti muito, diria acolhido, mano. Uma sensação de muito à vontade, muito bom, e bem leve, assim, talvez, acho que esse é um ponto interessante a se ressaltar. Os momentos de meditação, durante a manhã, também, ficaram muito marcados para mim. Talvez, não eles em si, mas algumas conversas, entre eles. Por exemplo, na sala, tinham duas estantes com vários livros e sobre vários temas, não é? E eu lembro que um desses livros me chamou atenção, era sobre alguns textos meditativos, digamos assim, e eu li uma das páginas desse livro, naquele momento, que a gente separou pra fazer a prática de meditação, na parte da manhã, e o que eu li naquele livro ficou marcado em mim por

	muito tempo, depois, procurei, esse texto⁴³ de novo, na internet, quando eu cheguei em casa, e custei a achar, mas achei, e, sempre usei ele pra refletir na minha vida, e mandei pra vários amigos. Então, sempre que eu leio esse texto de novo, eu leio ele muitas vezes ainda, eu me lembro de como foram as práticas de meditação na Kripa Madhu, então, não tem como falar que não é marcante isso, realmente, foi um marco assim, foi um momento de esclarecimento pro meu eu e eu acho que eu sempre vou lembrar disso. Um momento marcante, muito gostoso, de reflexão, também, foi uma finalização de uma vivência, num determinado dia, que a vivência foi feita, logicamente, no quintal, várias atividades, cada um fazendo alguma coisa. E aí, nós fizemos uma fogueira, cada um falou alguma coisa, cada um deu, assim, a sua impressão, e aquilo pra mim foi muito marcante, a finalização do trabalho, todos nós ali reunidos, numa grande roda no meio, uma fogueira, foi assim, realmente, um dos momentos mais marcantes. Como o último momento marcante, apesar que eu gostaria de citar vários outros, foi um momento que estávamos todos, na sala, tocando os instrumentos assim, e cantando umas músicas, mas foi logo depois do almoço, então, todo mundo se reuniu, agradeceu todo o alimento, sentou, comeu junto, depois fez uma confraternização junto, e isso foi muito legal porque eram pessoas que não se conheciam, a vivência durou só dois dias, mas foi muito intenso, assim, porque você via a verdade no olho daquelas pessoas, sabe? Que todo mundo estava ali com muita sinceridade, e com realmente muito amor, assim, pelas ações, muito amor pela Ecocasa e por tudo que era construído ali.

3.3.8. Apresentação dos Resultados

QUADROS SÍNTESE

Quadro 15: Ideias centrais pergunta 1 – ECOCASA KRIPA MADHU – curta imersão

QUESTÃO 1 - DE QUE VIVÊNCIA(S) VOCÊ PARTICIPOU? QUE ATIVIDADE(S) REALIZOU? DESCREVA, POR FAVOR, O QUE APRENDEU E/ OU ENSINOU.	
Ideias centrais	As vivências na casa, além dos aprendizados com bioconstrução trouxeram uma troca de experiências humanas.
	As vivências possibilitaram um aprendizado não só em bioconstrução, permacultura, cultura e estilo de vida diferente, mas também um questionamento sobre a forma como ver e lidar com os materiais, animais e plantas.

Quadro 16: Ideias centrais pergunta 2 - ECOCASA KRIPA MADHU – curta imersão

QUESTÃO 2 - O QUE VOCÊ ACHOU DA EXPERIÊNCIA / VIVÊNCIA? TROUXE ALGUMA REFLEXÃO? QUAL?	
Ideias centrais	A experiência de conviver com pessoas diferentes e em harmonia, trouxe reflexões sobre as relações entre seres humanos e o viver em comunidade.
	Trouxeram uma reflexão sobre a forma como a bioarquitetura atua em relação à utilização de materiais, as relações de trabalho e uma integração entre arte, cultura e práticas sustentáveis para o planeta.
	Refletiu sobre a permacultura como um estilo de vida que a Ecocasa tinha como projeto experimentar.

Quadro 17: Ideias centrais pergunta 3 - ECOCASA KRIPA MADHU – curta imersão

QUESTÃO 3 - Depois dessa experiência, você mudou algo no seu dia a dia? O quê?	
Ideias centrais	Passou a pensar em diminuir seu lixo e reaproveitar as coisas de maneira funcional e bonita, além de se sentir fortalecida a manter as práticas que já tinha incorporado no seu dia a dia.
	Mudou a forma de se relacionar com as pessoas, de ver o dia a dia, os planos de vida mais voltados para o coletivo.
	Mudou a forma de olhar para a bioconstrução como uma alternativa sustentável a forma de construção convencional.
	Mudou a atenção dada ao alimento.
	Passou a praticar yoga e meditar.
	Mudou a visão sobre as coisas, as conversas, as opiniões, a cabeça, o pensar.

Quadro 18: Ideias centrais pergunta 4 - ECOCASA KRIPA MADHU – curta imersão

QUESTÃO 4 - Você gostaria de destacar algum momento da(s) vivência(s) que tenha sido mais marcante pra você?	
Ideias centrais	Momentos de aprendizado, descobertas, conflitos, transformação, diversão, cuidado com o outro, paz, euforia, marcantes e inesquecíveis.
	Os momentos das refeições foram marcantes.
	Os momentos de trocas humanas, de se conhecer, de trabalhos coletivos, de convivência com as pessoas foram muito marcantes.
	Momentos de reflexão, finalização de trabalho, confraternização.

A partir das ideias centrais extraídas dos DSC, pode-se dizer que se as vivências na Ecocasa, além dos aprendizados e reflexões sobre bioconstrução em relação à utilização de materiais, as relações de trabalho e uma integração entre arte, cultura e práticas sustentáveis para o planeta, trouxeram uma troca de experiências humanas, possibilitando um aprendizado e uma reflexão sobre permacultura, cultura e estilo de vida diferente, sobre a forma como ver animais e plantas e sobre as relações entre seres humanos e o viver em comunidade através da experiência de conviver com pessoas diferentes e em harmonia.

Assim, alguns participantes **mudaram** a forma de **olhar para a bioconstrução**, vendo-a como uma alternativa sustentável à forma de construção convencional, passando a pensar em diminuir o lixo produzido e **reaproveitar as coisas** de maneira funcional e bonita, além de se sentirem fortalecidos a **manter as práticas que já haviam incorporado no seu dia a dia**, modificando a **forma de se relacionar com as pessoas**, a **visão sobre as coisas**, as **conversas**, as **opiniões**, passando a ter **planos de vida mais voltados para o coletivo**, praticando **yoga**, **meditação** e dando uma **atenção diferente ao alimento**.

Os momentos das refeições foram marcantes, assim como os de aprendizado, de descobertas, de conflitos, de transformação, de diversão, de cuidado com o outro, de paz, de euforia, de trocas humanas, de se conhecer, de trabalhos coletivos, de convivência com as pessoas, de reflexão, de finalização de trabalho e de confraternização.

Portanto, a partir dos depoimentos coletados e do tratamento de dados através do método do DSC, verificou-se que as vivências de curta imersão na Ecocasa Kripa Madhu proporcionaram aos participantes a prática da reflexão e os levaram à conscientização sobre diversos assuntos, inclusive sobre questões ambientais, convívio coletivo, alimentação e práticas de autoconhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A superação dos impactos que o modelo de sociedade atual vem imprimindo ao meio ambiente apresenta grandes desafios relacionados à sua sustentabilidade, principalmente nas cidades onde se encontra a maior parte da população. Durante a construção e desenvolvimento da pesquisa, constatou-se a importância da participação dos envolvidos para que esforços conjuntos viessem reverter este cenário, mantendo ou criando a identidade com o local, a afetividade e riqueza cultural através de atores e não espectadores desse processo.

Desta forma, utilizou-se a metodologia da PAP/VPC, para a realização das vivências de bioconstrução, e o método do DSC, para a leitura da paisagem do objeto de estudo (vivências de bioconstrução) a partir da ótica de seus participantes e para que o objetivo da pesquisa fosse alcançado. Os resultados revelaram de forma sistemática, clara e concisa os acontecimentos em geral, reflexões, mudanças e momentos marcantes sobre os eventos, revelando a leitura da paisagem não só de um entrevistado, mas do conjunto destes. Percebe-se que essa forma de coleta e tratamento de dados é importante não só para análise, mas para a geração de dados sobre o objeto de estudo, a partir de matrizes diversas entre si, idade, sexo, escolaridade e experiências de vida, trazendo uma riqueza de detalhes nos discursos.

Segundo Besse (2014), a paisagem é como um texto humano, que representa a forma como cada pessoa percebe o mundo, baseado em um lugar de memória, suas experiências de vida (vivências). Assim, sugerimos que a paisagem seja vista como um livro. Lido ou não, já com alguns elementos iniciais, às vezes, já com algumas intervenções realizadas, mas sempre havendo espaço para mais intervenções. Pode haver folhas em branco, partes de folhas a serem completadas, lugares pouco percebidos ou nunca antes acessados, ou até, páginas completamente escritas que podem ser reescritas ou ganhar uma cor nova, cabendo a cada um intervir (agir) sobre ela, da maneira como achar melhor (seja colorindo, escrevendo, adicionando um marcador ou inserindo um elemento novo).

Essa ação, intervenção, no caso deste trabalho, é a vivência de bioconstrução. Ao agir, modificou-se a paisagem, e, no caso das vivências estudadas, isso acontece através da metodologia da PAP/VPC. Todos sabem como começa, mas não é

possível imaginar a paisagem final. Ali, naquele livro, naquela paisagem, fica impressa uma marca, que, como as pinturas rupestres em cavernas, possibilita uma leitura daquele momento. Não só física, mas ligada às experiências de vida, ligada a uma memória, a uma percepção. E é isso que o método do DSC vem captar, decodificar e apresentar coletivamente através do Discurso do Sujeito Coletivo. Seria como se esse livro, depois de cada intervenção, ganhasse notas de rodapé coletivas para tentar explicá-lo. Desta forma, esse livro nunca mais será o mesmo.

No entanto, para o entendimento da leitura da paisagem de um coletivo é necessária a “receptividade despreconcebida da criança” que Gropius (1994, p. 50) propõe, esvaziando-se de conceitos e podendo ser preenchida por visões de sensações novas e diferentes, do outro e de cada um, abrindo-se para entender de fato essa paisagem, até tornar-se uma só visão do todo, em rede, que conecta tudo de maneira integrada.

Neste sentido, os conceitos da permacultura e da bioconstrução utilizados nas vivências apresentam um modo de fazer a arquitetura, urbanismo e paisagismo, voltados para uma intervenção mais integrada com a natureza, com o menor impacto possível, em que as atividades e as técnicas empregadas se sustentem na reflexão sobre o uso dos materiais e como eles se reinserem em seu ciclo, retomam movimento, saindo de uma perspectiva de lixo e escassez para uma perspectiva de reinserção em um ciclo e abundância. A combinação de métodos complementares entre si como o PAP/VPC e o DSC, apesar da diversidade dos estudos de caso, diversas escalas, organizações sociais e graus de participação no processo, apontam uma reflexão e conscientização sobre a questão ambiental e coletiva abordada e trabalhada nas vivências de bioconstrução, podendo-se entender que diversas outras questões poderiam ser trabalhadas com essa combinação de metodologias e em outros estudos de caso.

Com o fim de aprofundamento do estudo, propõe-se a investigação de orientações teóricas para os possíveis antecedentes históricos para os conceitos de permacultura associada à bioconstrução associados à aspectos antropológicos da cultura brasileira e ampliando a coleta e análise de dados para estudos relacionados à leitura de expressões corporais.

REFERÊNCIAS

AMARO, E. K. P. **Porque é que não se junta tudo numa coisa só?** Trabalho Final de Graduação (Arquitetura, Urbanismo e paisagismo) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2009.

BARRA, B.N. & PASCHOARELLI, L. C. & RENÓFIO, A. **O ecodesign como ferramenta de auxílio na gestão de resíduos de construção e demolição (RCD).** Bauru: XIII SIMPEP - 2006.

BESSE, J. M. Las cinco puertas Del paisaje: ensaio de uma cartografia de lãs problemáticas paisajeras contemporâneas. In: MADERUELO, J. (Org.) **Paisaje y pensamiento.** Madri: Abada, 2006a.

_____. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia.** São Paulo: Perspectiva, 2006b.

_____. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BRANDÃO, C.; STRECK, D. R. (Org.). **Pesquisa participante: O Saber da Partilha.** Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

_____, C. R. **Pesquisar-Participar.** In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **Repensando a Pesquisa Participante.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável. Departamento de Desenvolvimento Rural Sustentável. **Curso de Bioconstrução.** Brasília: MMA, 2008.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento.** Resolução nº 44/228 da Assembléia Geral da ONU, de 22-12-89, estabelece uma abordagem equilibrada e integrada das questões relacionadas a meio ambiente e desenvolvimento: a Agenda 21. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1995.

CARDOSO, M. **Compreender melhor? Memorizar tudo com facilidade e rapidez? Faça o Mapa Mental!** Revista VENCER! p. 30-38, 2001.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Cultrix, 1997.

CMMAD - COMISSÃO Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso futuro Comum.** Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getulio Vargas, 1998.

DEMENIGHI, A. L. **Parâmetros projetuais para a implantação de sanitários secos desidratadores com desvio de urina (SSDDU).** Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil – PPGEC) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

FERGUSON, R.S.; LOVELL, S. T. Permaculture for agroecology: design, movement, practice, and worldview. A review, **Agronomia for SustainableDevelopment**, n. 34, p. 251-274, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____, P. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. Em: Brandão, C. R. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FURRIELA, R. B. **Democracia, cidadania e proteção do meio ambiente**. São Paulo: Annblume; Fapesp, 2002

GEILFUS, F. **80 herramientas para el desarrollo participativo: diagnóstico, planificación, monitoreo, evaluación**. Costa Rica: IICA, 2009.

SANDEVILLE JUNIOR, E. **Paisagem**. Revista paisagem e ambiente, São Paulo, n. 20, p.47-59. 2005. Disponível em:

www.revistas.usp.br/paam/article/view/40228/43094

Acesso em 10 ago.2017.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GLASSMAN, M.; ERDEM, G. **Research and Its Meanings: Vivencia, Praxis, Conscientization**. AdultEducationQuarterly, Vol. 64(3), Lisboa. p. 206-221, 2014.

GROPIUS, W. **Bauhaus: novarquitectura**. São Paulo: Perspectiva,1994.

HAGUETE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

HERRERA, A. O. **A Grande Jornada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HOLMGREN, D. **Os Fundamentos da Permacultura**. Australia: Holmgren Design Services, 2007.

_____. **Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade**. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**, jan. 2016. Disponível em: <http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/caracteristicas-da-populacao.html>

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (Desdobramentos)**. Caxias do Sul - RS: Educ, 2.ed., 2005.

_____. **Pesquisa de representação social: um enfoque qualiquantitativo: a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo**.2.ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

LEFF, H.. **Saber Ambiental – Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder**. Petrópolis: Vozes, 2004.

LEGAN, L. **Soluções Sustentáveis – Permacultura Urbana**. Pirenópolis: Mais Calango, 2008.

LEITE, M. Â. F. P. **Destruição ou Desconstrução? Questões da paisagem e tendências de regionalização**. 2.ed. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2006.

JACOBI, P. R. **Cidade e Meio Ambiente: Percepções e Práticas em São Paulo**. São Paulo: Annablume, 2000.

MAGNOLI, M. **Espaços Livres e Urbanização: uma Introdução a aspectos da paisagem metropolitana**. 1982. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1982.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MINKE, G. **Building with earth: design and technology of a sustainable architecture**. Birkhäuser. Publishers for Architecture, 2006.

MIRRA, A.L.V. **Participação, Processo Civil e Defesa do Meio Ambiente no Direito Brasileiro**. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MOLLISON, B.; HOLMGREN, D. **PERMACULTURA UM. Uma Agricultura Permanente nas Comunidades em Geral**. São Paulo: Editora Ground, 1983.

MOLLISON, B. **PERMACULTURE TWO: Practical Design for Town and Country in Permanent Agriculture**. Australia: Tagari, 1979.

MOLLISON, B.; SLAY, M. R. **Introdução à Permacultura**. Australia: Tagari Publications, 1994.

NEVES, C. & FARIA, O. B. **Técnicas de construção com terra**. Bauru: FEB – UNESP/ PROTERRA, 2011.

ODUM H.T. **Ecological and general systems: an introduction to systems ecology**. University Press of Colorado, Niwot, 1994.

OLIVEIRA, C. N. **O paradigma da sustentabilidade na seleção de materiais e componentes para edificações**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009).

ONU - Organização das Nações Unidas. **Declaração do Rio de Janeiro sobre meio ambiente e desenvolvimento**, jun 1992. Rio de Janeiro: ONU. Disponível em <<http://www.onu.org.br/rio20/img/2012/01/rio92.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2015.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Relatório “Perspectivas da Urbanização Mundial**, jan.2014. Disponível em: <<http://www.unric.org/PT/actualidade/31537->

relatorio-da-onu-mostra-populacao-mundial-cada-vez-mais-urbanizada-mais-de-metade-vive-em-zonas-urbanizadas-ao-que-se-podem-juntar-25-mil-milhoes-em-2050>

PEREIRA, R.I. **O sentido da paisagem e a paisagem consentida: projetos participativos na produção do espaço livre público**, 2006. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - FAUUSP, São Paulo, 2006.

PRONSATO, S. A. D. **Arquitetura e Paisagem projeto participativo e criação coletiva**. São Paulo: Annablume; Fapesp; Fupam, 2005.

QUEIROGA, E. F. BENFATI, Denio Munia. Sistemas de Espaços Livres Urbanos: Construindo um Referencial Teórico. **Paisagem e Ambiente**: Ensaio – nº. 24 (especial ENEPEA 2006), São Paulo, pp. 81-88, 2007.

SACHS, I. **Desenvolvimento incluyente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. **Ecodesenvolvimento: Crescer sem Destruir**. São Paulo: Vértice, 1986.

SANTOS, C. A. **Construção com terra no Brasil: panorama, normatização e prototipagem com terra ensacada**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SENADO FEDERAL. **Temas e agendas para o desenvolvimento sustentável**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012.

SILVA-SÁNCHEZ, S. S. **Cidadania ambiental: novos direitos no Brasil**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000.

SOARES, A. **Soluções Sustentáveis – Construção Natural**. Pirenópolis: Mais Calango, 2008.

YUAN, D. **Tibá: onde nasce a bioarquitetura**. Portal Namu, out. 2013. Disponível em: <http://www.namu.com.br/materias/tiba-onde-nasce-bioarquitetura>. Acesso em: 30/10/17.

FORMULÁRIO ENTREVISTA PARTICIPANTES VIVÊNCIAS DE
BIOCONSTRUÇÃO (curta imersão) – (ECOCASA KRIPA MADHU/
CEISA/ PRAÇA CULTURA VIVA)

Nome:

Ocupação:

Idade:

Gênero:

Escolaridade:

Perguntas:

1. De que vivência(s) você participou? Que atividade(s) realizou? Descreva, por favor, o que aprendeu e/ ou ensinou.

OBJETIVO: Fazer com que o participante recorde como foi a vivência, buscando detalhes em sua memória e assim, obter a descrição, a partir da perspectiva do participante, de que atividades práticas (**ação**) foram realizadas e de qual ele participou especificamente, auxiliando no melhor entendimento das perguntas seguintes.

2. O que você achou da experiência / vivência? Trouxe alguma reflexão? Qual?

OBJETIVO: Saber se a participação na vivência trouxe alguma **reflexão** para o participante.

3. Depois dessa experiência, você mudou algo no seu dia-a-dia? O que?

OBJETIVO: Saber se houve alguma mudança prática (**conscientização**) após as atividades realizadas nas vivências.

4. Você gostaria de destacar algum momento da(s) vivência(s) que tenha sido mais marcante pra você?

OBJETIVO: Remontar as vivências através de momentos marcantes, captando a **leitura da paisagem** de cada participante conectado com o espaço e o tempo.

FORMULÁRIO ENTREVISTA PARTICIPANTES VIVÊNCIAS DE
BIOCONSTRUÇÃO (longa imersão - moradores) - ECOCASA KRIPA
MADHU

Nome:

Ocupação:

Idade:

Gênero:

Escolaridade:

Período que morou na casa:

Perguntas:

1. Como era a sua rotina na casa?

OBJETIVO: Fazer com que o participante recorde como foi a vivência na casa, buscando detalhes em sua memória e assim, obter a descrição, a partir da perspectiva do morador, de que atividades práticas (**ação**) foram realizadas e de qual ele participou especificamente, auxiliando no melhor entendimento das perguntas seguintes.

2. Quais reflexões a vivência na casa te trouxeram?

OBJETIVO: Saber se morar na casa trouxe alguma **reflexão** para o morador.

3. Depois de sair dela, você incorporou e/ou mudou algo no seu dia-a-dia?
O quê?

OBJETIVO: Saber se houve alguma mudança prática (conscientização) após as atividades realizadas na casa.

4. Você gostaria de destacar algum momento da vivência na casa que tenha sido mais marcante pra você?

OBJETIVO: Remontar a vivência na casa através de momentos marcantes, captando a **leitura da paisagem** de cada morador conectado com o espaço e o tempo.

DSC – PROJETO “PRAÇA CULTURA VIVA” – PRAÇA VAL RAI

Pergunta 1: De que vivência(s) você participou? Que atividade(s) realizou? Descreva, por favor, o que aprendeu e/ ou ensinou.

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
1 – A. - Em relação às atividades que eu participei foi principalmente ajudar na <u>construção da bioarquitetura e pra adquirir os materiais para construção</u> da própria bioarquitetura, não é? Principalmente aqueles <u>sacos de cebola</u> que a gente ia atrás nos Supermercados, foi o <u>material que eu mais recolhi</u> junto de duas colegas que estavam comigo. Quanto ao que eu <u>aprendi</u> é que a gente pode <u>dar um bom uso as coisas que normalmente seriam jogados fora, como o entulho de construção</u> que foi utilizado, não é? Como base para a bioarquitetura, <u>o sacos de cebola</u> também foram utilizados como base e também <u>aprendi que é possível se fazer algo pras crianças aproveitarem pra comunidade aproveitar que é uma coisa mais ecológica.</u>	(1ª ideia) Realizou a construção da bioarquitetura, recolheu material (sacos de cebola) para a construção. A (2ª ideia) Aprendeu a dar um bom uso para coisas que normalmente seriam jogados fora, como o entulho de construção e sacos de cebola. B (3ª ideia) É possível fazer algo de forma mais ecológica para as crianças e a comunidade aproveitarem. C	
2 – B.A. - <u>Participei da vivência da praça cultura viva.</u> A gente <u>começou fazendo algumas reuniões com os interessados para poder saber um pouco do projeto, quais que eram as ideias.</u> Daí a gente também <u>fez algumas dinâmicas com argila para poder desenvolver um projeto de algum elemento recreativo pra praça,</u> alguma coisa que as crianças pudessem brincar, e tudo mais. Daí, <u>a gente chegou no projeto de uma tartaruga</u> que desse para subir nela. Era <u>uma tartaruga gigante feita com terra</u> daí a gente foi <u>correr atrás dos materiais</u> para poder fazer a construção e a gente <u>passou uns dias lá na praça fazendo a tartaruga,</u> depois <u>pintou e participou da inauguração da praça.</u> E nessa atividade a gente <u>aprendeu técnicas de bioconstrução.</u>	(1ª ideia) Participou da vivência da praça cultura viva, na qual participou das reuniões com os interessados para saber um pouco sobre o projeto, fez algumas dinâmicas com argila para desenvolver um projeto de algum elemento recreativo pra praça. Chegou-se no projeto de uma tartaruga gigante feita com terra que desse para subir nela. Buscou recolher materiais para fazer a construção, ajudou a fazer a tartaruga, participou da pintura e da inauguração da praça. A (2ª ideia) Aprendeu técnicas de bioconstrução. B	
3 – B.L. - <u>Na vivência da praça cultura viva (...)</u> <u>eu aprendi a fazer a estrutura lá com resíduos,</u> não é? Com <u>resto de construção, com entulho,</u> não é? E <u>fazer</u>	(1ª ideia) Participou das vivências da praça cultura viva. A (2ª ideia) Aprendeu a fazer a	

<u>todo o preenchimento com “COB” e depois o acabamento em “calfitice” também, não é? E a tinta natural.</u> Foi isso que eu aprendi e executei, não é?	estrutura com resíduos de construção (entulho), fazer todo o preenchimento com “COB”, o acabamento em “calfitice e pintura com tinta natural. B	
4 – C. -Eu <u>participei da segunda fase do projeto praça cultura viva, participei desde o começo, desde as reuniões pra fazer o conceito do projeto até a sua concretização.</u> Aprendi muita coisa, como era o começo da faculdade, <u>aprendi a lidar com a comunidade, a gente fez questionários, a gente perguntou o que eles precisavam, aprendi muito sobre bioconstrução, que eu não sabia nada sobre o assunto, (...) a trabalhar em grupo, conheci pessoas muito interessantes que tinham muito acrescentar.</u>	(1ª ideia) Participou do projeto praça cultura viva, desde o começo, desde as reuniões pra fazer o conceito do projeto até a sua concretização, fez questionários, perguntou o que eles precisavam. A (2ª ideia) Aprendeu muito sobre bioconstrução, que não sabia nada sobre o assunto, a trabalhar em grupo, a lidar com a comunidade. B (3ª ideia) Conheci pessoas muito interessantes que tinham muito acrescentar. D	
5 – E. - <u>Eu tive a iniciativa, não é? Junto com meu irmão (...)</u> A gente <u>começou fazer a frente aqui, umas arvoretinhas, não é?</u> Ai eu fui aprofundando, <u>foi aprofundando e tá esse espaço todo preenchido aí de árvore, não é?</u> E a iniciativa foi do meu irmão e <u>agora com o passar do tempo que já faz vinte anos</u> isso, não é? (...) então, <u>já havia esse bosque, não é? Realizado por mim que comecei que tive a iniciativa (...)</u> A gente <u>sempre está aprendendo, não é?</u> Porque a vida da gente é sempre aprender, não é? Então de princípio era plantar as árvores mas a gente vê que <u>a gente aprende assim conviver assim, que é coisas diferente, não é?</u> A gente <u>vai se deparando com essas situações assim, algumas agradáveis algumas não, não é?</u> (...) <u>a gente cuida, vê e às vezes impede alguma pessoa pra fazer algo...</u>	(1ª ideia) Já faz vinte anos, teve a iniciativa junto com o irmão de plantar umas arvoretinhas até ter esse espaço todo preenchido de árvore, formando esse bosque, cuidando e às vezes impedindo alguma pessoa pra fazer algo. A (2ª ideia) Aprendeu a conviver com o que é diferente, foi se deparando com situações agradáveis e outras não. B	
6 - J. – A <u>vivencia que eu participei, foi desde o começo, não é?</u> Desde <u>tirar a graminha ou os morros, vamos se dizer assim, até o fim, não é?</u> (...) <u>Participei de tudo (...)</u> Com a <u>mão de obra, com o material que a gente armazenou as coisas na escola, juntar o pessoal</u> pra poder trabalhar lá na praça, não é? Principalmente a comunidade, não é? Foi <u>feito com que a comunidade se envolvesse com a vontade, não é?</u> (...) <u>pisei no barro, ajudei vocês a pisarem no barro, a gente, não é?</u> <u>Tentou fazer o que podia, (...)</u> <u>tínhamos a intenção de querer melhorar o lugar, (...)</u> <u>eu percebi que foi muito além</u>	(1ª ideia) Participou da vivencia desde o começo até o fim, de tudo. Desde tirar a graminha ou os morros, Com a mão de obra, com o armazenamento de material na escola, juntar o pessoal, a comunidade, ajudei a pisar no barro. A (2ª ideia) Guardou todo o material na escola, fez a ponte, trouxe a comunidade e a escola pra participar, ia, junto com a equipe, de	

<u>daquilo que nós planejamos, eu aprendi que o trabalho em equipe dá certo, que a perseverança vai além do que a gente possa imaginar,(...) a gente fez um trabalho com a comunidade</u>, praticamente, <u>não foi só na escola conscientizando os alunos</u>, foi com a comunidade toda ali, <u>do prédio</u>, das <u>pessoas que morava no entorno</u>.(...) <u>Guardamos grama na escola</u>, era muito material, não é? (...) eu acho que a minha parte foi isso, foi <u>trazer a comunidade pra vocês</u>, foi <u>trazer a escola de alguma forma pra vocês</u>, não é? <u>Fiz a ponte</u> e tudo bem que você, a Regina e eu, <u>a gente ia de casa em casa, a gente conversava</u>, mas foi importante, acho que essa parte.	casa em casa, e conversava. Fez um trabalho com a comunidade pra que ela se envolvesse. Não só conscientizando os alunos na escola, mas a comunidade toda ali, do prédio, as pessoas que morava no entorno. Tentou fazer o que podia, tinha a intenção de melhorar o lugar, percebeu que foi muito além daquilo que foi planejado. A (3ª ideia) Aprendeu que o trabalho em equipe dá certo e que a perseverança vai além do que se pode imaginar. B	
7 – Jo. – Eu comecei então também a interagir mais com a praça, <u>comprei algumas mudas, trouxe mudas da chácara</u>, não é? Eu dou muito preferência pra frutíferas, não é? (...) <u>comecei a colocar também ali a minha mão a minha vontade</u> (...) achei que seria interessante ter uma ação mais... Assim, mais, com melhor resultado e foi quando manifestou em mim o <u>interesse de fazer um abaixo assinado</u> e como eu tenho comércio por muito tempo aqui perto, conheço muita gente, (...) eu <u>fui bastante colher assinatura</u>, cliente chegava e eu colocava pra ele, não é? (...) que eu me lembro, que a gente <u>amassava o barro com a mão</u>, não é? <u>Amassamos... Construímos aquelas esculturas lá em conjunto</u>, (...) já <u>cuidava ali antes da praça</u>, (...) eu <u>fui envolvido</u> lá que eu lembro <u>que botei a mão no barro lá</u>, não é?	(1ª ideia) Já cuidava ali antes da praça, comprou algumas mudas, trouxe mudas da chácara, fez um abaixo assinado, foi bastante colher assinatura, foi envolvido e botou a mão no barro, amassou o barro com a mão, construiu aquelas esculturas em conjunto. A	
8 - R. - Eu participei de <u>duas vivências</u>, uma com os <u>alunos de arquitetura da Unesp de Bauru</u> e <u>outra com estudantes de uma escola do Geisel</u>, umas crianças da escola. As duas a gente <u>utilizou argila no processo de construção da ideia da forma do banco</u> (...) participei de duas atividades na Praça Cultura Viva, uma delas foi a <u>elaboração da construção do banco</u> que a gente fez as vivências. Esse banco <u>tinha uma fundação de entulho envolvido com tela de galinheiro para dar o formato da tartaruga</u>, que foi a forma encontrada, e <u>pra revestir, foi utilizado uma técnica de construção com terra chamada calfitice</u>. O que eu aprendi é difícil dizer porque são muitas coisas, mas além de <u>novas técnicas de construção</u>, não é? Também a <u>convivência com as pessoas</u> e a <u>dividir opiniões, ideias</u>, acho que foram coisas importantes que eu retirei desse processo, e o <u>trabalho coletivo</u>, claro.	(1ª ideia) Participou de vivências que utilizam argila no processo de construção da ideia da forma do banco, uma com os alunos de arquitetura da Unesp de Bauru e outra com as crianças de uma escola do Geisel, participou da construção do banco em formato de tartaruga que tinha uma fundação de entulho envolvido com tela de galinheiro e revestimento de calfitice. A (2ª ideia) Aprendeu novas técnicas de construção, a dividir opiniões, ideias, sobre a convivência com as pessoas e, o trabalho coletivo. B	

9 – Re. – Eu <u>participei do projeto</u> que chama, (...) <u>“Praça Cultura Viva”</u> (...) A aprendizagem foi assim, conhecer, <u>primeiro conhecer aquele bolsão de entulhos</u>, porque ali era um bolsão de entulhos (...) Então, quanto mais entulho, mais as pessoas, elas ajudam a aumentar. Então, nós pensamos assim: o que que nós temos que fazer para diminuir isto e para as pessoas cuidarem? Foi onde <u>a gente começou a desenvolver um trabalho para que a população participasse</u> (...) Ai <u>nós fizemos um questionário, e nós visitamos de casa em casa pra ouvir</u>, (...) fomos ouvindo as pessoas (...) E para tudo isso ter acontecido, <u>nós tivemos vários passos</u> (...) <u>É um trabalho coletivo</u>, não é? (...) <u>tivemos que ter contato com a Secretaria de Cultura</u>, pra poder compreender o que era uma praça, onde que estava a cultura embutida nisto? A <u>dificuldade também que nós tivemos</u> porque esse projeto, só pra lembrar, <u>ele não foi aprovado na primeira instância</u>. E <u>nós tivemos que defender isto e mostrar pra Secretaria do Meio Ambiente a importância de uma praça, a importância da cultura presente</u> (...) E depois, <u>nós tivemos também com a Secretaria de Obras, e com o Prefeito Municipal</u>, (...) <u>a Secretaria de Agricultura</u> (...) eu <u>aprendi a amassar terra, aprendi a ver a importância da terra</u>.	(1ª ideia) Participou do “Praça Cultura Viva”. Foi um trabalho coletivo com vários passos. Primeiro, conhecer o bolsão de entulhos, começou a desenvolver um trabalho para que a população participasse, fez um questionário, visitou de casa em casa pra ouvir as pessoas, teve contato com a Secretaria de Cultura, a Secretaria de Agricultura, a Secretaria de Obras, e com o Prefeito Municipal, teve dificuldade porque esse projeto não foi aprovado na primeira instância, teve que defender o projeto e mostrar a importância de uma praça, a importância da cultura presente. A (2ª ideia) Aprendeu a amassar terra, a ver a importância da terra. B	

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD2

A – Para que a “Praça Cultura Viva” acontecesse, houve um trabalho coletivo com vários passos e atividades, desde reuniões pra o conceito do projeto até a sua concretização.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. - Em relação às atividades que eu participei foi principalmente ajudar na construção da bioarquitetura e pra adquirir os materiais para construção da própria bioarquitetura, não é? Principalmente aqueles sacos de cebola que a gente ia atrás nos Supermercados, foi o material que eu mais recolhi junto de duas colegas que estavam comigo. 2 – B.A. - Participei da vivência da praça cultura viva. A gente começou fazendo algumas reuniões com os interessados para poder saber um pouco do projeto, quais que eram as ideias. Daí a gente	Eu participei do projeto que chama, “Praça Cultura Viva”, desde o começo, desde as reuniões pra fazer o conceito do projeto até a sua concretização. É um trabalho coletivo, não é? E para tudo isso ter acontecido, nós tivemos vários passos porque esse projeto não foi aprovado na primeira instância, nós tivemos essa dificuldade. Tivemos que defender isto, ter contato com a Secretaria de Cultura, pra esta poder compreender o que era uma praça, onde que estava a cultura embutida nisto? Para a Secretaria do Meio Ambiente, a

também fez algumas dinâmicas com argila para poder desenvolver um projeto de algum elemento recreativo pra praça, alguma coisa que as crianças pudessem brincar, e tudo mais. Daí, a gente chegou no projeto de uma tartaruga que desse para subir nela. Era uma tartaruga gigante feita com terra daí a gente foi correr atrás dos materiais para poder fazer a construção e a gente passou uns dias lá na praça fazendo a tartaruga, depois pintou e participou da inauguração da praça.

3 – B.L. - Na vivência da praça cultura viva.

4 – C. -Eu participei da segunda fase do projeto praça cultura viva, participei desde o começo, desde as reuniões pra fazer o conceito do projeto até a sua concretização. (...) conheci pessoas muito interessantes que tinham muito acrescentar.

5 – E. - Eu tive a iniciativa, não é? Junto com meu irmão (...) A gente começou fazer a frente aqui, umas arvorezinhas, não é? Ai eu fui aprofundando, foi aprofundando e tá esse espaço todo preenchido aí de árvore, não é? E a iniciativa foi do meu irmão e agora com o passar do tempo que já faz vinte anos isso, não é? (...) então, já havia esse bosque, não é? Realizado por mim que comecei que tive a iniciativa.

6 - J. – A vivencia que eu participei, foi desde o começo, não é? Desde tirar a graminha ou os morros, vamos se dizer assim, até o fim, não é? (...) Participei de tudo (...) Com a mão de obra, com o material que a gente armazenou as coisas na escola, juntar o pessoal pra poder trabalhar lá na praça, não é? Principalmente a comunidade, não é? Foi feito com que a comunidade se envolvesse com a vontade, não é? (...) pisei no barro, ajudei vocês a pisarem no barro, a gente, não é? Tentou fazer o que podia, (...) tínhamos a intenção de querer melhorar o lugar, (...) eu percebi que foi muito além daquilo que nós planejamos (...) a gente fez um trabalho com a comunidade, praticamente, não foi só na escola conscientizando os alunos, foi com a comunidade toda ali, do prédio, das pessoas que morava no entorno. (...) Guardamos grama na escola, era muito material, não é? (...) eu acho que a minha parte foi isso, foi trazer a comunidade pra vocês, foi trazer a escola de alguma forma pra vocês, não é? Fiz a ponte e tudo bem que você, a Regina e eu, a gente ia de casa em casa, a gente conversava, mas foi importante, acho que essa parte.

7 – Jo. – Eu comecei então também a interagir mais com a praça, comprei algumas mudas, trouxe mudas da chácara, não é? Eu dou muito preferência pra frutíferas, não é? (...) comecei a colocar também ali a minha mão a minha vontade (...) achei que seria interessante ter uma ação mais... Assim, mais, com melhor resultado e foi quando manifestou em mim o interesse de fazer um abaixo assinado e como eu tenho comércio por muito tempo aqui perto, conheço muita gente, (...)

importância da cultura presente. E depois, nós estivemos também com a Secretaria de Obras, com o Prefeito Municipal e a Secretaria de Agricultura.

A aprendizagem foi assim, conhecer primeiro aquele bolsão de entulhos. Então, nós pensamos assim: o que que nós temos que fazer para diminuir isto e para as pessoas cuidarem? Foi onde a gente começou a desenvolver um trabalho para que a população participasse, juntar o pessoal, principalmente a comunidade, não é? Foi feito com que a comunidade se envolvesse com a vontade, não é? A gente tentou fazer o que podia, tínhamos a intenção de querer melhorar o lugar. Acho que a minha parte foi isso, foi trazer a comunidade, a escola de alguma forma pra vocês, não é? Nós fizemos um questionário, visitamos de casa em casa pra ouvir, fomos ouvindo as pessoas, a gente conversava, mas foi importante, acho que essa parte.

Percebi que foi muito além daquilo que nós planejamos, a gente fez um trabalho com a comunidade, praticamente, não foi só na escola conscientizando os alunos, foi com a comunidade toda ali, do prédio, das pessoas que morava no entorno.

Já cuidava ali antes da praça junto com meu irmão, começamos a fazer a frente aqui, umas arvorezinhas, não é? Ai eu fui aprofundando, foi aprofundando e tá esse espaço todo preenchido aí de árvore, não é? E agora com o passar do tempo que já faz vinte anos isso, não é? Então, já havia esse bosque, não é?

Comecei então também a interagir mais com a praça, comprei algumas mudas, trouxe mudas da chácara, não é? Eu dou muito preferência pra frutíferas, não é? Comecei a colocar também ali a minha mão, a minha vontade, achei que seria interessante ter uma ação mais... Assim, mais, com melhor resultado e foi quando manifestou em mim o interesse de fazer um abaixo assinado e como eu tenho comércio por muito tempo aqui perto, conheço muita gente, eu fui bastante colher assinatura, cliente chegava e eu colocava pra ele, não é?

A gente começou fazendo algumas reuniões com os interessados para poder saber um pouco do projeto, quais que eram as ideias. Daí a gente também fez algumas dinâmicas com argila, uma com os alunos de arquitetura da Unesp de Bauru e outra com estudantes de uma escola do Geisel, umas crianças da escola, para poder desenvolver um projeto de algum elemento recreativo pra praça, alguma coisa que as crianças pudessem brincar, e tudo mais. Daí, a gente chegou no projeto de uma tartaruga gigante feita com terra que desse para subir nela.

Recolhi os materiais junto de duas colegas que estavam comigo, principalmente aqueles sacos de

<i>eu fui bastante colher assinatura, cliente chegava e eu colocava pra ele, não é? (...) que eu me lembro, que a gente amassava o barro com a mão, não é? Amassamos... Construímos aquelas esculturas lá em conjunto, (...) já cuidava ali antes da praça, (...) eu fui envolvido lá que eu lembro que botei a mão no barro lá, não é?</i> <i>8 - R. - Eu participei de duas vivências, uma com os alunos de arquitetura da Unesp de Bauru e outra com estudantes de uma escola do Geisel, umas crianças da escola. As duas a gente utilizou argila no processo de construção da ideia da forma do banco (...) participei de duas atividades na Praça Cultura Viva, uma delas foi a elaboração da construção do banco que a gente fez as vivências. Esse banco tinha uma fundação de entulho envolvido com tela de galinheiro para dar o formato da tartaruga, que foi a forma encontrada, e pra revestir, foi utilizado uma técnica de construção com terra chamada calfitice.</i> <i>9 – Re. – Eu participei do projeto que chama, (...) “Praça Cultura Viva” (...) A aprendizagem foi assim, conhecer, primeiro conhecer aquele bolsão de entulhos, porque ali era um bolsão de entulhos (...) Então, nós pensamos assim: o que que nós temos que fazer para diminuir isto e para as pessoas cuidarem? Foi onde a gente começou a desenvolver um trabalho para que a população participasse (...) Ai nos fizemos um questionário, e nós visitamos de casa em casa pra ouvir, (...) fomos ouvindo as pessoas (...) E para tudo isso ter acontecido, nós tivemos vários passos (...) É um trabalho coletivo, não é? (...) tivemos que ter contato com a Secretaria de Cultura, pra poder compreender o que era uma praça, onde que estava a cultura embutida nisto? A dificuldade também que nós tivemos porque esse projeto, só pra lembrar, ele não foi aprovado na primeira instância. E nós tivemos que defender isto e mostrar pra Secretaria do Meio Ambiente a importância de uma praça, a importância da cultura presente (...) E depois, nós tivemos também com a Secretaria de Obras, e com o Prefeito Municipal, (...) a Secretaria de Agricultura.</i>	<i>cebola, que a gente ia atrás nos Supermercados. A gente armazenou as coisas na escola, guardamos grama, era muito material, não é?</i> <i>Ajudei na construção da bioarquitetura que tinha uma fundação de entulho envolvido com tela de galinheiro para dar o formato da tartaruga, e pra revestir, foi utilizado uma técnica de construção com terra chamada calfitice.</i> <i>Pisei no barro, fui envolvido, eu me lembro, que a gente amassava o barro com a mão, não é? Amassamos... Construímos aquelas esculturas lá em conjunto. Daí a gente passou uns dias lá na praça fazendo a tartaruga, depois pintou e participou da inauguração da praça.</i> <i>Conheci pessoas muito interessantes que tinham muito acrescentar.</i>

IAD2

B – Aprendeu-se muita coisa, desde técnicas de bioconstrução e aproveitamento de materiais até sobre trabalho em grupo e perseverança.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<i>1 – A. – Quanto ao que eu aprendi é que a gente pode dar um bom uso as coisas que normalmente seriam jogados fora, como o entulho de construção que foi utilizado, não é? Como base para a bioarquitetura, o sacos de cebola também foram utilizados como base e também aprendi que é</i>	<i>A gente sempre está aprendendo, porque a vida da gente é sempre aprender, não é?</i> <i>Então, aprendi muita coisa sobre bioconstrução, como fazer todo o preenchimento com “COB”, a amassar terra, a ver a importância da terra, o acabamento em “calfitice”, a tinta natural.</i>

<i>possível se fazer algo pras crianças aproveitarem pra comunidade aproveitar que é uma coisa mais ecológica.</i> <i>2 – B.A. – E nessa atividade a gente aprendeu técnicas de bioconstrução.</i> <i>3 – B.L. – eu aprendi a fazer a estrutura lá com resíduos, não é? Com resto de construção, com entulho, não é? E fazer todo o preenchimento com “COB” e depois o acabamento em “calfitice” também, não é? E a tinta natural. Foi isso que eu aprendi e executei, não é?</i> <i>4 – C. - Aprendi muita coisa, como era o começo da faculdade, aprendi a lidar com a comunidade, a gente fez questionários, a gente perguntou o que eles precisavam, aprendi muito sobre bioconstrução, que eu não sabia nada sobre o assunto, (...) a trabalhar em grupo.</i> <i>5 – E. - A gente sempre está aprendendo, não é? Porque a vida da gente é sempre aprender, não é? Então de princípio era plantar as árvores mas a gente vê que a gente aprende assim conviver assim, que é coisas diferente, não é? A gente vai se deparando com essas situações assim, algumas agradáveis (...) a gente cuida, vê e às vezes impede alguma pessoa pra fazer algo.</i> <i>6 – J. - Eu aprendi que o trabalho em equipe dá certo, que a perseverança vai além do que a gente possa imaginar.</i> <i>8 – R. - O que eu aprendi é difícil dizer porque são muitas coisas, mas além de novas técnicas de construção, não é? Também a convivência com as pessoas e a dividir opiniões, ideias, acho que foram coisas importantes que eu retirei desse processo, e o trabalho coletivo, claro.</i> <i>9 – Re. – Eu aprendi a amassar terra, aprendi a ver a importância da terra.</i>	<i>Que a gente pode dar um bom uso as coisas que normalmente seriam jogados fora, como o entulho de construção e os sacos de cebola também foram utilizados como base para a bioarquitetura, e que é possível se fazer algo pras crianças aproveitarem pra comunidade aproveitar que é uma coisa mais ecológica.</i> <i>A gente vai se deparando com essas situações, algumas agradáveis, algumas não, não é? Aprende a lidar com a comunidade, sobre a convivência com as pessoas, com coisas diferentes, a dividir opiniões, ideias, a trabalhar em grupo e que o trabalho em equipe dá certo, que a perseverança vai além do que a gente possa imaginar.</i>

DSC – PROJETO “PRAÇA CULTURA VIVA” – PRAÇA VAL RAI

Pergunta 2: O que você achou da experiência / vivência? Trouxe alguma reflexão? Qual?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
1 – A. – A <u>experiência também me ajudou a dar mais valor para o trabalho físico</u> não é? Porque <u>junto com o grupo dos colegas ali a gente fez isso, fez o esforço físico</u>, desenvolveu essa bioarquitetura junto e <u>percebeu o quanto é cansativo realizar um trabalho braçal</u>. Eu acho que isso ajuda a gente a <u>valorizar esse trabalho braçal exercido por outras pessoas normalmente</u>. (...) Acho que a principal reflexão que a realização dessa experiência, dessa vivência, trouxe para mim foi em relação a que <u>as pessoas viam aquele espaço que era totalmente desvalorizado</u> e ficavam falando "ai, vai construir para que?! <u>Um espaço para pessoa, pro pessoal usar drogas</u> e não sei o que" e <u>depois de construído a praça, de feita a bioarquitetura, as pessoas começaram a utilizar e mesmo depois de bastante tempo que eu voltei lá eles ainda utilizavam, então se tornou um espaço para a população e não como eles acreditavam que seria</u>. Então, <u>a criação desse espaço, eu creio que ele traz uma, um sentimento de identidade com o local da população, e isso faz com que a população cuide melhor do espaço e utilize o espaço pra eles mesmo</u>. (...) acho que a gente pôr a mão na massa a gente fazer lá esse trabalho braçal, esse esforço, <u>nem que fosse por poucas horas, já traz uma percepção diferente</u> do que é um trabalho braçal.	(1ª ideia) Desenvolver a bioarquitetura, colocar a mão na massa, trouxe uma percepção diferente sobre o trabalho braçal, o quanto é cansativo realiza-lo e passou a dar mais valor para o trabalho físico, exercido por outras pessoas normalmente. A (2ª ideia) Depois de construído a praça, de feita a bioarquitetura, as pessoas começaram a utilizar aquele espaço que era totalmente desvalorizado se tornando um espaço para a população, trazendo um sentimento de cuidado e identidade com o local e não como eles acreditavam que seria para o pessoal usar drogas. B	
2 – B.A. - <u>Eu gostei muito da vivência, da experiência de poder mexer com essas técnicas de bioconstrução</u>, quando eu participei eu estava no primeiro ano então <u>foi o primeiro contato que eu tive com algum tipo de construção</u>, e eu <u>achei muito legal</u>, e além disso a <u>reflexão que trouxe sobre bioconstrução em si</u>, de <u>usar materiais naturais pra construir</u>, porque <u>na faculdade tanto no primeiro ano quanto nos outros a gente estuda muito técnicas convencionais e</u>	(1ª ideia) Gostou muito da vivência, experiência, de poder mexer com essas técnicas de bioconstrução. Sendo seu primeiro contato que teve com algum tipo de construção. C (2ª ideia) Trouxe uma reflexão sobre bioconstrução em si, de usar materiais naturais pra construir.	

<u>não tem tanto contato com a bioconstrução</u>, e o que eu <u>achei legal foi isso de poder ter esse contato</u>, e <u>ainda por a mão na massa</u>, <u>fazer as coisas, saber na prática como tudo funciona</u>.	A (3ª ideia) Na faculdade se estuda muito técnicas convencionais e não tem tanto contato com a bioconstrução, e achou legal poder ter esse contato, por a mão na massa, fazer as coisas, saber na prática como tudo funciona. A	
3 – B.L. – <u>Foi muito enriquecedor</u>, não é? Tanto <u>como pessoa</u> que habita esse planeta e deixa um <u>impacto</u>, quanto <u>profissionalmente</u>, não é? Me fez <u>refletir muito no modo em que construímos e vivemos</u>, não é? Tanto <u>no modo de produção</u>, não é? Quanto <u>na escolha dos materiais</u> que é feita aí <u>na hora da gente construir</u>, não é? A <u>nossa moradia</u> ou na escolha, não é? Dos materiais que utilizamos pra construir a moradia, e também não só moradia mas os outros <u>ambientes de convívio como uma praça, um parquinho de diversão</u>, uma horta... é, tudo isso <u>me fez ver</u> que existem, não é? <u>Outras possibilidades</u>, e <u>que causam menos impacto</u>, não é? Que contribuem com uma vida mais sustentável, <u>menos impactante com relação aos recursos naturais</u>, e também, e <u>poder ter feito isso em lugares que vão ter utilidade, lugares públicos</u>, não é? Como <u>a praça</u> ou <u>na creche</u> que as crianças <u>vão utilizar</u>, então de certa maneira isso <u>impactou num social</u>, não é? <u>Num entorno</u>. E isso pra mim <u>foi muito gratificante</u> e também me <u>fez pensar em como que essas ações são importantes</u>, não é? Não só pra mim <u>como indivíduo</u> mas também pra <u>comunidade em que eu estou inserida</u>.	(1ª ideia) Foi muito enriquecedor como pessoa e profissionalmente. Foi muito gratificante e fez pensar em como que essas ações são importantes não só individualmente mas também pra comunidade em que está inserida. C (2ª ideia) Refletiu sobre o modo em que construímos e vivemos, modo de produção, na escolha dos materiais feita na hora de construir a nossa moradia ou os outros ambientes de convívio como uma praça, um parquinho de diversão, uma horta, fez ver outras possibilidades que causam menos impacto com relação aos recursos naturais. A (3ª ideia) Ter feito isso em lugares que vão ter utilidade, lugares públicos, que as pessoas vão utilizar, impactando num social, num entorno. B	
4 – C. – Então, <u>foi tudo muito novo e muito proveitoso</u> para o meu <u>conhecimento acadêmico</u> e <u>como pessoa</u> também, (...) Foi <u>uma vivência muito legal, uma experiência muito enriquecedora</u>, me provocou uma <u>reflexão muito grande sobre o espaço público</u>, porque era um <u>local em que a própria comunidade era responsável, cada morador tinha um pedaço para cuidar então foi muito bom ter contato com a própria comunidade</u>, tinha várias <u>crianças, cachorros, pais que passavam enquanto a gente estava lá fazendo a escultura</u>, então foi muito legal.	(1ª ideia) Foi tudo muito novo e muito proveitoso para o conhecimento acadêmico e como pessoa. Foi uma vivência muito legal, uma experiência muito enriquecedora. C (2ª ideia) Provocou uma reflexão muito grande sobre o espaço público porque a própria comunidade era responsável pelo local, ter contato com a própria comunidade enquanto a gente estava fazendo a escultura.	

5 – E. – Aqui, <u>de princípio</u>, não é? Aqui <u>era um lixão</u>, não é? (...) <u>aqui era um terreno vago, baldio</u>, não é? E <u>era só lixo, entulho</u> (...) Então, aí está esse <u>resultado de um bosque</u>, não é? <u>Maravilhoso</u>, não é? Apesar de que <u>falta ainda cuidados</u>, não é? Mas o <u>tempo não ajuda muito</u>, não é? <u>Porque eu trabalho</u>, não é? E então <u>o resultado foi excelente</u>, não é? (...) depois <u>vieram as moças da Unesp</u>, não é? <u>Que promoveram</u>, não é? <u>A praça, a outra parte</u>, não é? Que <u>teve o projeto do barro ali</u>, não é? Então <u>aí se fez a praça</u>, não é? <u>A praça se concretizou feita</u>, não é? <u>Ficou maravilhosa</u>, não é? <u>Com tudo que há nela agora</u>, não é? E <u>o resultado é bem satisfatório porque o pessoal frequenta</u>, não é? <u>O lugar ficou feito, concretizado</u>, não é? E a gente tem esse resultado aí... <u>as pessoas contentes, felizes</u> aí, não é? Na praça, não é? Isso aí. (...) E <u>é aquilo que a gente gosta de fazer</u>, não é? <u>É cuidar, é participar</u>, não é? <u>É agradável que deu resultado</u>, não é? Que <u>partiu da gente</u>, não é?	B (1ª ideia) Mesmo sendo, no princípio, um lixão, um terreno vago, baldio, com entulho, se fez a praça, se concretizou feita, com um resultado excelente, satisfatório, de um bosque maravilhoso, com tudo que há nela agora, tendo o projeto do barro ali e o pessoal feliz e contente frequentando a praça. E (2ª ideia) Apesar de não ter muito tempo porque trabalha e faltar ainda cuidados para a praça, é aquilo que gosta de fazer, de cuidar e participar. B	
6 - J. – (...) Porque a vontade não podia ser só nossa, não é? Porque ia acontecer o que aconteceu que <u>a gente veio embora, a gente saiu de lá e a praça continuou</u> (...) porque trabalhar num <u>lugar onde você não tinha nada</u>, em que <u>ninguém acreditava que você seria capaz</u>, não é? (...) <u>e quem olhava aquele terreno baldio do jeito que era cheio de entulho, cheio de lixo</u> (...) <u>logo acima</u> lá da praça nossa <u>tinha um campo de futebol</u> (...) e <u>eles jogavam lixo no entorno do campo e depois que nós fizemos o trabalho</u> (...) hoje em dia eu percebi que <u>está bem mais limpo</u> quando eu passo lá, que <u>não tem tanto entulho jogado como tinha antes</u> (...) <u>não foi só um material e o físico que foi construção de um coletivo</u> (...) quando eu olhava <u>naquele morro, naquele lixo todo dia</u> que eu chegava pra trabalhar (...) eu pensava assim - "eu posso deixar a escola melhor?" Posso! (...) mas <u>não adiantava deixar a escola melhor sendo que eu saía no portão e me deparava com aquilo, era horrível, desmotivava e eu olhava</u> isso aqui e <u>não tinha dimensão do tamanho daquela praça</u> porque eu não conseguia olhar pelo lado de lá, não é? (...) a gente <u>passava no meio no triozinho assim pra cortar caminho</u> (...) a gente tinha aula no noturno e eu <u>pedia muito pras meninas não passarem lá porque eu tinha medo</u> de algum ato acontecerem com elas porque <u>era escuro</u> (...) E que <u>era tanto os problemas</u>, não é? <u>Dentro da escola</u> que tudo que a gente propunha às vezes pra	(1ª ideia) A praça continuou mesmo depois do Projeto. A escola foi embora dali e a praça ficou. B (2ª ideia) O começo foi difícil, não tinha nada, era um terreno baldio, cheio de entulho, lixo, ninguém acreditava que seria capaz. E (3ª ideia) O campo de futebol ali perto, onde jogavam lixo antes, hoje em dia, está bem mais limpo. B (4ª ideia) Não foi só uma construção física, foi a construção de um coletivo. D (5ª ideia) Tinham muitos problemas dentro da escola, mas não adiantava melhorar só a escola e não ver aquele lixo todo lá fora, no entorno. E (6ª ideia) Tinha um triozinho pra cortar caminho que a noite era perigoso passar.	e voltou de novo na minha cabeça todas as memórias, me mostrou que eu sou capaz (...) Ali me mostra que não, ainda mais vendo aquele monte de criança brincando, a mulher chegou lá pra vender lanche. (...) Que gostoso! Qualquer dia venho comer e tal", aí ela - "tem mais barraquinha a noite, viu?", (...)

<u>melhorar o entorno</u>, (...) eles <u>negavam ajuda</u> (...) eu achava interessante, <u>a fala de vocês</u>, muitas vezes, não é? Que <u>aquilo não podia ser só nosso</u>, não é? Que a gente <u>tinha que fazer com aquelas crianças</u> (...) <u>que eles dessem valor naquilo, porque aquilo ia ficar pra eles</u>, não é? (...) Que <u>ninguém acreditava que barro iria virar alguma coisa</u>, não é? <u>Barro e feno</u>, não é? (...) não era só o meu sonho, <u>era o sonho de vocês</u>, não é? <u>Se juntando com o meu, e na hora que a escola começou a ver</u> (...) <u>o pessoal fazendo o teatro</u>, lembra? <u>Teve todo um trabalho com as crianças na escola</u>. Vocês não foram lá e fizeram a praça. Não! <u>Teve um trabalho, tinha um trabalho de conscientização dentro da escola, vocês fizeram peça de teatro com as crianças, levou o ator lá que ele passava de sala em sala e conversava com eles conscientizando, então teve um trabalho pedagógico também</u>, foi a hora que os professores começaram... <u>A comunidade escolar, vamos dizer assim, começou a enxergar aquilo com outros olhos, passou do sonho louco da J., para um sonho louco coletivo</u>, entendeu? <u>Tinha mais pessoas envolvidas</u>, só que pra gente, a gente ainda queria mais, <u>a gente queria a comunidade</u>, aquela comunidade que jogava o lixo ali, que enterrava os animais ali, não é? (...) mas <u>teve muita colaboração da direção da escola</u> (...) <u>Os alunos eles foram a partir do momento que vocês levaram as pessoas pra trabalhar a sustentabilidade com eles</u>, que foi <u>sendo inserido no cotidiano deles escolar</u>, eles foram <u>muitos participativos</u>, não é? Fizeram as <u>peças</u>, os <u>monólogos</u> (...) <u>no fim todos se envolveram</u>, então a reflexão geral é que <u>mesmo que a gente acha que não vai dar... se você acreditar, for perseverante naquilo, acontece!</u> (...) <u>porque a escola foi embora dali</u> (...) <u>e a praça está lá, a praça ficou</u> (...) <u>os alunos</u> que nós trabalhamos <u>não são mais</u> aquelas crianças ou aqueles <u>adolescente de 12, 13, 14 anos</u>, não são mais. Eles <u>já são homens</u>, hoje, <u>e mulheres</u> e a praça continua ali, já parou pra pensar nisso? (...) porque não era só importante pra nós limparmos aquele lugar, deixar um lugar agradável para que as pessoas pudessem usar, <u>era importante pra eles, só que eles não tinha essa consciência, e nós conseguimos de alguma forma conscientizá-los</u>(...) <u>não adianta só a gente montar projetos</u> e pensar - "não, vamos fazer um viaduto aqui, vamos fazer uma praça ali, vamos fazer uma viela, uma rua", sei lá, como fala, <u>a gente tem que ver o que realmente é importante para as pessoas, o que elas estão realmente precisando</u> (...) A	E (7ª ideia) Lembra do incentivo em trabalhar com as crianças o valor daquele espaço que ia ficar para elas. B (8ª ideia) Ninguém acreditava que barro e feno iria virar alguma coisa. A (9ª ideia) Foi um sonho que começou com um, foi juntando com outro até se tornar coletivo. A comunidade escolar começou a enxergar aquilo com outros olhos. Teve colaboração da direção da escola, os alunos foram participativos. No fim todos se envolveram. D (10ª ideia) Teve o trabalho de conscientização com as crianças na escola, eles fizeram peças de teatro, monólogos, ator passava de sala em sala, um trabalho pedagógico também. D (11ª ideia) Mesmo que a gente acha que não vai dar, quando se acredita, se é perseverante, acontece! C (12ª ideia) A maioria dos alunos que nós trabalhamos não morava ali, era de outros bairros, mesmo assim ajudaram, colaboraram. Hoje não são mais crianças ou adolescente, são homens e mulheres, hoje e a praça continua ali porque era importante pra eles, só que eles não tinha essa consciência, e nós conseguimos de alguma forma conscientizá-los. D (13ª ideia) Não adianta só montar projetos e não ver o que realmente é importante para as pessoas, o que elas estão realmente precisando. D (14ª ideia) Juntou várias pessoas	

<u>persistência, o carinho, o jeito que a gente tratava as pessoas</u> (...) juntou várias pessoas com <u>profissões diferentes</u>, não é? (...) mas <u>pessoas que tinham um objetivo comum</u>, e a mesma forma de pensar de <u>lidar com paciência, com carinho</u> (...) Porque os alunos mesmo (...) <u>a maioria deles não moram ali, eram de outros bairros</u>, (...) porque eles eram poucos os que eram ali do redor, mesmo <u>esses poucos ajudaram, colaboraram, mas foi o trabalho do vizinho vendo a gente limpar, do vizinho falando pra gente que não ia dar certo</u>, e a gente lá, não, vai dar certo, <u>o senhor tem que entender, não é porque vai limpar e vai virar ponto de droga</u>, não é? <u>Então, a nossa persistência</u>. E eu <u>levo um pouco disso até hoje comigo</u> (...) às vezes, eu corto ali pra ir no supermercado, e mais no entardecer (...) <u>tem crianças brincando nos brinquedos</u> que foram colocados depois (...) <u>os brinquedos estão lá, não foram quebrados</u>, ao contrário, <u>a iluminação da praça...</u> quantas praças por aí <u>a gente sabe que eles roubam fio, roubam lâmpadas, denigrem</u>, e está tudo lá... (...) A gente <u>não escuta nenhuma coisa assim, pegou fulano lá usando droga, prendeu não sei quem lá...</u> não se escuta isso, <u>já no bosque que é o que? Quatro quadras pra cima, o bosque está precário, destruído cheio de droga lá dentro</u> (...) e <u>se eles quisessem fazer do bosque, a praça eles tinham livre acesso</u> (...) e <u>não foi isso que aconteceu...</u> (...) foi <u>mostrando que aquilo era bonito além de tudo podia ser simples</u> (...) <u>Não é que era caro, é que aquilo era muito... Era muito grande, muito destruído, muito abandonado</u>, não é? (...) <u>ai um dia chegou lá e o trator...</u> Aí no outro dia que chego lá, ele já <u>está plainado</u>... (...) que <u>tudo que a gente faz com amor, que a gente persiste, por mais impossível que pareça, que possa ser, dá certo, fica</u>... (...) a gente <u>fez quantos metros de passarela</u> e ninguém, nem o passarinho sentou (...) <u>E ninguém mexeu...</u> Vocês <u>fizeram as "casinha de João de barro", as arquiteturas de vocês</u> lá, a gente <u>podia ter voltado no outro dia e não ter mais nada ali</u> porque a comunidade ali é daquele jeito, <u>a comunidade é destruição</u> (...) <u>porque estava mole e demorava-se dias pra secar</u> eu acho, e <u>estava intacto</u>. Intacto! Por quê? <u>Fizemos o que era necessário, com carinho, persistência a gente conseguiu, e eles conseguiram visualizar e eles fizeram... Eles fizeram!</u> (...) <u>eles cuidaram</u>, não é? (...) foi igual eu te falei, na verdade eu <u>acabei indo na escola depois</u> (...) parei embaixo de uma árvore que estava lá, <u>estava cheio de criança lá brincando</u>, do	com profissões diferentes mas que tinham um objetivo comum, e a mesma forma de pensar de lidar com paciência, com persistência. D (15ª ideia) Até hoje, lembra da persistência de explicar para os vizinhos que não é porque estava limpando que ia virar ponto de droga, quando este dizia que não ia dar certo. B (16ª ideia) Compara a praça, onde hoje as crianças brincam no final de tarde, os brinquedos não foram quebrados, a iluminação continua funcionando porque não roubaram os fios, não a denegriram, com o Bosque, que fica a poucas quadras dali, e está destruído e precário, cheio de drogas. B (17ª ideia) Ressalta que era uma ideia simples, não era caro e ficou bonito. A (18ª ideia) Num dia chegou o trator e no outro já estava plainado. E (19ª ideia) Tudo que a gente faz com amor, que a gente persiste, por mais impossível que pareça, que possa ser, dá certo. C (20ª ideia) Foram feitos muitos metros de passarela, as arquiteturas de vocês que demorava dias pra secar e ninguém mexeu porque eles fizeram e cuidaram. Podia ter voltado no outro dia e não ter mais nada ali porque a comunidade ali é destruição. B (21ª ideia) Foi na escola depois e pode ver o movimento de final de tarde na praça que estava cheia de crianças brincando, com mães, senhorzinho vendendo pipoca, mulher vendendo lanche e mais barraquinha à noite. E

prédio, sabe? E já era, assim, 17:30, 18:00 horas (...) <u>tinha mãe</u> junto, aí tinha o <u>senhorzinho vendendo pipoca</u> (...) <u>a mulher chegou lá pra vender lanche</u>. (...) Que gostoso! Qualquer dia venho comer e tal", aí ela - "<u>tem mais barraquinha a noite</u>, viu?" (...) <u>acho que 90% da escola é envolvida com droga</u>. Quando não era envolvida, eles eram fruto do tráfico, mãe que era do tráfico, pai que era do tráfico, tio, avô. (...) e <u>na hora que eu fui lá</u> (...) eu <u>caminhei naqueles trioziños</u> até chegar lá no portão e (...) <u>aquele lugar é um ponto pra mim que traz memórias boas</u>, me mostra <u>que, apesar de tudo, eu tenho a capacidade de sim</u> (...) Então, <u>quando eu voltei</u> (...) aí eu <u>sentei lá na tartaruga</u>. (...) <u>a tartaruga está lá!</u> Ninguém nem imaginava que a tartaruga ia ficar pronta em um dia...	(22ª ideia) Maioria da escola era envolvida com droga. B (23ª ideia) Voltou na praça e, sentada na tartaruga que foi feita coletivamente, percebeu que aquele lugar é um ponto que traz memórias boas, que mostra que tem capacidade. C	
7 – Jo. – Era um lugar que estava sem nenhum projeto <u>não tinha nada</u>, apenas um <u>espaço da prefeitura igual aos outros, em descaso</u>. E aí o sr. E., (...) <u>tinha já plantado algumas árvores</u> (...) Ele comentou que aquilo ali <u>era uma fuga para aliviar o “estresse” do trabalho</u> dele (...) Eu falei - "poxa, <u>também vou dar minha contribuição pra isso daqui</u>" (...) manifestou em mim o interesse de fazer um <u>abaixo assinado</u> (...) mas foi tão <u>rápido</u> (...) Acho que <u>deu mais de 500</u>, deu bastante, está lá na prefeitura, e aí nós ficamos no aguardo, não é? (...) pra nossa surpresa (...) <u>o prefeito</u>, (...) um dia ele <u>aparece do nada ali naquela praça</u>, não é? (...) ele veio ele falou – “não, aqui tem projeto pra calçar, pra asfaltar tudo ao redor”, que <u>nem era asfaltado</u> (...) ficamos aguardando, (...) veio vocês (...) com aquele <u>projeto maravilhoso que agregou</u>, não é? Foi de <u>bioarquitetura</u>, não é? (...) e foi legal porque <u>vocês também nos consultou</u>, não foi um projeto feito dentro de sala, eu notei que foi um projeto <u>onde tomou ciência ali da área e do pessoal que estava ali já em atividade</u> que tiveram contato com o E., no caso, depois chegaram a mim também, não é? Então, nesse momento aí, a gente viu que, poxa, aconteceu, <u>deu efeito nosso abaixo assinado</u>. E conclusão geral que <u>ficou muito linda a praça, a gente curte bastante</u> a praça, o E. também, e a gente ficou muito satisfeito com o resultado. (...) Então, <u>muito das coisas é dinheiro mas tem coisa que tem que ser dedicado e ir atrás</u>, então, não aconteceu tão rápido (...) eu via <u>várias pessoas</u> que era meu cliente <u>fazendo caminhada lá depois</u>, coisas que não faziam, não é? Então, tudo ao redor fazia caminhada, <u>levava os cachorrinhos pra passear, filhos brincando lá na pracinha</u>... É bem maior que isso daí... A família pôde estar lá, participando e todos	(1ª ideia) Era um espaço da prefeitura igual aos outros, em descaso, não tinha nada, nem era asfaltado. E (2ª ideia) Viu que já tinham plantado algumas árvores e resolveu dar uma fazendo um abaixo assinado que deu mais de 500 assinaturas fazendo com que o prefeito aparece um dia naquela praça e depois veio o projeto da bioarquitetura dando efeito o abaixo assinado. D (3ª ideia) Foi um projeto que tomou ciência da área e do pessoal que já estava ali, foram consultados, não foi um projeto feito dentro de sala. D (4ª ideia) Ficou muito linda a praça, a gente curte bastante, várias pessoas fazendo caminhada, levando os cachorrinhos pra passear, filhos brincando na pracinha, todos juntos tendo uma recreação à tarde, no sábado, domingo. E (5ª ideia) Muito das coisas depende de dinheiro mas tem coisa que precisa ser dedicado e ir atrás. C (6ª ideia) Foi um presente de	

juntos lá <u>tendo uma recreação à tarde, no sábado, domingo</u>, não é? (...) eu acho que foi <u>um presente de esforço em conjunto</u>, então, colhemos todos nós. (...) foi legal também que <u>a escola esteve participando</u>. Eu me lembro, não é? Foi muito bom o pessoalzinho ali da escola Brizola, escola tão de frente (...) aquela <u>criança que estava lá com seus dez anos tem quase dezessete já, está ciente já, está consciente</u> das coisas, não é? Então, ela <u>passa lá hoje e deve estar olhando com orgulho</u>, não é? Falar - "poxa coloquei minha mão nessa construção dessa tartaruga aí", que tem <u>a tartaruga gigante lá</u>, então eu acho que é isso, eu acho que essas coisas que a gente tem que valorizar, continuar dando valor e fazer com que a <u>comunidade participa porque ela vai poder cuidar, vai poder usufruir</u>, não é? <u>E passar pras gerações</u>. (...) não dá pra descrever em outra <u>palavra</u>, é, sem ser, acho que o amor, porque é <u>uma experiência maravilhosae o amor</u>, ele presente ele dá muito prazer na gente, <u>muita satisfação</u>, não é? Então é a experiência, foi mais <u>uma experiência muito boa que fica registrado na mente da gente</u>, não é? E <u>eu recomendo que faça...</u> que todos <u>passam por essa experiência</u> e que ela possa fazer parte da vida dela, e de <u>filhos também</u>, não é? (...) porque a gente vê que às vezes <u>uma coisa que estava em descaso você pode transformar</u>, então é, você se empenha e você começa a fazer reflexão das coisas, refletir muito desses resultados desses acontecimentos, não é? (...) eu acho que naqueles casos <u>se você envolver que nem eu fui envolvido lá</u> (...) eu acho que aquela <u>ideia ela poderia ser estendida para a escola</u>, trazer a escola mais perto dentro dessa proposta aí dessa ideia.	esforço em conjunto. Se a comunidade participa vai poder cuidar, vai poder usufruir e passar pras próximas gerações. D (7ª ideia) A Escola Brizola, em frente, participou também. Aquela criança que tinha dez anos tem quase dezessete e está consciente das coisas, passa lá hoje e deve estar olhando com orgulho de ter construído a tartaruga gigante. D (8ª ideia) Foi uma experiência que ficou registrado na mente, maravilhosa, de amor, de muita satisfação, recomenda que faça, que todos passem por essa experiência e que ela possa fazer parte da vida delas e de filhos também. C (9ª ideia) Quando você se empenha, uma coisa que estava em descaso pode ser transformada. C (10ª ideia) Estender a proposta para trazer a escola mais perto, envolver como foi envolvido. C	
8 - R. – <u>Utilizou argila no processo</u> (...) era uma forma de tirar a sensibilidade das crianças ou <u>de quem tem algum problema em tocar na terra</u> já com argila, porque no dia da atividade a pessoa teria que tocar na argila, não é? Na terra, no caso. (...) Eu <u>achei uma experiência ótima</u> trabalhar (...) <u>o local dela era um terreno baldio</u>, onde o pessoal jogava <u>entulho, lixo</u>, então também eu acho que o que <u>levou de importante</u> dessa praça, <u>não só a parte da construção</u>, a parte da <u>coletividade</u>, mas também que o <u>espaço público ele é cuidado pela população</u> também não só pelo poder público, mas o espaço público, principalmente, <u>tem que ser cuidado por quem vive nele, que é o povo do bairro</u>, não é? A população do bairro, da cidade e assim vai, mas eu acho que o <u>mais importante que eu tirei é o nosso papel dentro da comunidade mesmo, nossas</u>	(1ª ideia) Utilização da argila no processo para familiarizar as pessoas com a terra. A (2ª ideia) Achou uma experiência ótima. C (3ª ideia) O local era um terreno baldio, onde o pessoal jogava entulho e lixo. E (4ª ideia) Importância do espaço público cuidado pela população, valorizando não só a parte da construção, mas a parte da coletividade, o nosso papel dentro da comunidade mesmo, nossas ações.	

<u>ações...</u> (...) Como foi feito na Praça Cultura Viva, a prefeitura, na época, disponibilizou ferramentas, disponibilizou material para construção da praça. Eu acho que a prefeitura, o <u>poder público tem papel muito importante no auxílio</u>, nas ferramentas que ele pode dar e, além disso, <u>na ajuda técnica também</u>, não é?	B (5ª ideia) O poder público tem um papel muito importante no auxílio, fornecendo ferramentas e ajuda técnica. B	
9 – Re. – <u>A vida é uma aprendizagem</u>, eu aprendo sempre (...) e o que a gente aprende a gente tem por obrigação de passar, quando a gente diz ensinar, mas <u>a gente tem a obrigação de repassar</u>. (...) ali <u>era um bolsão de entulhos, tinha algumas árvores plantadas</u> no local no outro local era um bolsão de entulhos sem asfalto, <u>as ruas ao redor não tinha asfalto, não tinha guia, não tinha nada, era um bolsão de entulhos cheio de insetos</u>, não é? E <u>estava prejudicando toda comunidade mas eles também jogavam os próprios lixos ali desde sofás</u>, enfim... Preciso ser retirado <u>60 caminhões entulhos</u>. Infelizmente, isto acontece, não é? Então, <u>quanto mais entulho, mais as pessoas, elas ajudam a aumentar</u>. (...) porque <u>não era um trabalho que a gente chega, vamos fazer e tchau!</u> Não! Era um trabalho que <u>ele tinha que ter a participação de todas pessoas</u>. (...) nós <u>visitamos de casa em casa pra ouvir</u>, - "se ali fosse uma praça, o que a senhora acha que poderia? <u>É interessante ter uma praça aqui?</u>" (...) e ao mesmo tempo, quando nós iniciamos o nosso trabalho, <u>as pessoas começavam a passar por lá</u>, mesmo com aqueles entulhos aquelas coisas, as pessoas, as vezes, <u>paravam para observar</u>, então <u>elas participaram do processo</u> desde a retirada dos lixos dali. Então, <u>foi muito gratificante</u> (...) enquanto eles estavam reunindo aquelas terras que sobrou, aquela <u>terra vermelha</u>, uma terra que <u>a gente já começou imaginar</u> - "o que nós vamos plantar aqui?", sobre as árvores frutíferas e tal, então a gente <u>já estava com aquele sonho</u> que a princípio era sonho mas já estava tudo pra no papel que a gente ia realizar, não é? E aí, por causa dos insetos, <u>começou a aparecer alguns bem-te-vis</u>, e nesse momento (...) eu comecei a escrever alguma coisa, e <u>saiu um cordelzinho sobre o bem-te-vi</u>, e ele, eu <u>acabei colocando num livro</u> (...) essa poesia então que <u>chama "Bem-te-vi"</u>. (...) quando nós fomos desenvolver o projeto, nós pensamos <u>num projeto que ele fosse diferenciado</u> das outras praças existentes na cidade, que chegava lá era um banco de concreto, era... Nós queríamos <u>alguma coisa que realmente usasse da terra</u>, usasse a sustentabilidade.	(1ª ideia) A vida é uma aprendizagem, o que a gente aprende a gente tem por obrigação de repassar. C (2ª ideia) Tinham algumas árvores plantadas no local e no outro local era um bolsão de entulhos cheio de insetos sem asfalto nas ruas ao redor, não tinha guia, não tinha nada. A comunidade também jogava os próprios lixos ali precisando ser retirados 60 caminhões entulhos porque quanto mais entulho, mais as pessoas ajudam a aumentar. E (3ª ideia) Não era um trabalho que se chega pra fazer e vai embora, tinha a participação de todas pessoas. Visitaram de casa em casa pra ouvir se ali fosse uma praça, o que acha que poderia ter, se era interessante ter uma praça ali, e ao mesmo tempo, as pessoas começavam a passar por lá, às vezes, paravam para observar, participando do processo desde a retirada dos lixos dali. D (4ª ideia) Enquanto estavam reunindo aquelas terras, por causa dos insetos, começou a aparecer alguns bem-te-vis, e nesse momento começou a escrever alguma coisa, e saiu um cordelzinho que chama "Bem-te-vi". E (5ª ideia) Na elaboração do projeto, pensou-se em algo que fosse diferenciado das outras praças existentes na cidade, alguma coisa que realmente usasse da terra, usasse a	

<u>Foi quando a gente entrou em contato, quando a gente estava na elaboração do projeto</u> (...) então parece que houve uma <u>junção do universo da terra</u>, e falar assim, "eu estou presente". Então, onde as <u>coisas começaram acontecer, coisas lindas</u> e as pessoas paravam pra ver todo o processo, todo o início do processo, e o que que vai dar nisso daí? O que que vai acontecer? Então <u>as pessoas acompanhando</u> isso foi muito lindo e <u>eu tenho gratidão!</u> (...) como vivência até pelo fato da gente <u>conhecer outras pessoas</u>, a <u>associação de moradores que também se aproximou, pessoas ali do entorno</u>, a <u>escola</u> que nós participamos também da <u>escola da família, que abriu o espaço</u>, porque a <u>escola fica em frente a praça</u>, então a escola também ganhou este presente. Então <u>como vivência, isto é pra sempre, e como reflexão, é assim, é o nome de um artista</u>, era um artista <u>que morava ali no entorno</u> e que de repente ele <u>não ganhou só uma sala ou um nome em algum lugar na cidade</u>, ele <u>ganhou uma praça, uma praça viva, uma cultura viva</u>. (...) <u>Teve o meio que foi todo o processo</u>, desenvolvimento e tal, e <u>teve um fim e não teve fim, porque não tem fim</u>. Aquilo, ele <u>está lá</u>. Eu <u>não posso colocar como fim</u>, porque <u>é um processo</u>, ele <u>é vivo</u>, e ele <u>está vivo</u>. (...) que <u>bom seria se todos lugares estivesse uma marca de cultura</u> como se fosse <u>um carimbo da cultura</u>, em cada parte, em <u>cada espaço público</u>, em cada lugar que tivesse essa marca de cultura. <u>Quem sabe um dia...</u>	sustentabilidade. A (6ª ideia) Pode conhecer outras pessoas ali do entorno e a associação de moradores que também se aproximou. D (7ª ideia) A escola, em frente a praça, abriu o espaço, principalmente a Escola da Família. D (8ª ideia) Considera que como vivência, teve um fim e não teve fim, porque é um processo que continua vivo. O nome da Praça, Val Rai, é de um artista que morava ali no entorno que ganhou não só um nome em algum lugar na cidade, mas uma praça de cultura viva. B (9ª ideia) Gostaria que todos os lugares, cada parte, espaço publico, tivessem uma marca de cultura como se fosse um carimbo. B	

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD2

A - Trouxe uma reflexão sobre a bioconstrução em si.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. – A experiência também me ajudou a dar mais valor para o trabalho físico não é? Porque junto com o grupo dos colegas ali a gente fez isso, fez o esforço físico, desenvolveu essa bioarquitetura junto e percebeu o quanto é cansativo realizar um trabalho braçal. Eu acho que isso ajuda a gente a valorizar esse trabalho braçal exercido por outras pessoas normalmente. 2 – B.A. - E além disso a reflexão que trouxe sobre bioconstrução em si, de usar materiais naturais pra construir, porque na faculdade tanto no primeiro ano quanto nos outros a gente estuda muito técnicas convencionais e não tem tanto contato	Trouxe uma reflexão sobre a bioconstrução em si, de usar materiais naturais pra construir e o modo em que vivemos, não é? Tanto o modo de produção, quanto a escolha dos materiais que é feita na hora da gente construir a nossa moradia e os outros ambientes de convívio como uma praça, um parquinho de diversão, uma horta. Ver que existem outras possibilidades, e que causam menos impacto, não é? Que contribuem com uma vida mais sustentável, porque na faculdade a gente não tem tanto contato com a bioconstrução, e achei legal poder ter esse contato, e ainda por a mão na massa, fazer as

com a bioconstrução, e o que eu achei legal foi isso de poder ter esse contato, e ainda por a mão na massa, fazer as coisas, saber na prática como tudo funciona. 3 – B.L. – Me fez refletir muito no modo em que construímos e vivemos, não é? Tanto no modo de produção, não é? Quanto na escolha dos materiais que é feita aí na hora da gente construir, não é? A nossa moradia ou na escolha, não é? Dos materiais que utilizamos pra construir a moradia, e também não só moradia mas os outros ambientes de convívio como uma praça, um parquinho de diversão, uma horta... é, tudo isso me fez ver que existem, não é? Outras possibilidades, e que causam menos impacto, não é? Que contribuem com uma vida mais sustentável, menos impactante com relação aos recursos naturais. 6 – J. – Que ninguém acreditava que barro iria virar alguma coisa, não é? Barro e feno, não é? (...) foi mostrando que aquilo era bonito além de tudo podia ser simples (...) Não é que era caro, é que aquilo era muito... Era muito grande, muito destruído, muito abandonado, não é? 8 – R. – Utilizou argila no processo (...) era uma forma de tirar a sensibilidade das crianças ou de quem tem algum problema em tocar na terra já com argila, porque no dia da atividade a pessoa teria que tocar na argila, não é? Na terra, no caso. 9 – Re. – Quando nós fomos desenvolver o projeto, nós pensamos num projeto que ele fosse diferenciado das outras praças existentes na cidade, que chegava lá era um banco de concreto, era... Nós queríamos alguma coisa que realmente usasse da terra, usasse a sustentabilidade. Foi quando a gente entrou em contato, quando a gente estava na elaboração do projeto (...) então parece que houve uma junção do universo da terra, e falar assim, "eu estou presente". Então, onde as coisas começaram acontecer, coisas lindas e as pessoas paravam pra ver todo o processo, todo o início do processo, e o que que vai dar nisso daí? O que que vai acontecer? Então as pessoas acompanhando isso foi muito lindo e eu tenho gratidão!	coisas, saber na prática como tudo funciona. Quando nós fomos desenvolver o projeto, nós pensamos de forma que ele fosse diferenciado das outras praças existentes na cidade. Nós queríamos alguma coisa que realmente usasse da terra, usasse a sustentabilidade. Parece que houve uma junção do universo da terra, e falar assim, "eu estou presente". Então, onde as coisas começaram acontecer, coisas lindas e as pessoas paravam pra ver todo o processo, no qual se utilizou argila para que quem tem algum problema em tocar na terra, já se familiarizaria com ela. Ninguém acreditava que barro e feno iria virar alguma coisa, não é? Foi mostrando que aquilo era bonito além de tudo podia ser simples. Não é que era caro, é que aquilo era muito grande, muito destruído, muito abandonado, não é? Então, as pessoas acompanhando isso e se perguntando o que que vai dar nisso daí? O que que vai acontecer? Foi muito lindo e eu tenho gratidão! A experiência também me ajudou a dar mais valor para o trabalho físico não é? Porque junto com o grupo dos colegas ali a gente fez o esforço físico, desenvolveu essa bioarquitetura junto e percebeu o quanto é cansativo realizar um trabalho braçal. Eu acho que isso ajuda a gente a valorizar esse trabalho exercido por outras pessoas normalmente.

IAD2

B – Gerou uma reflexão sobre o espaço público, um sentimento de identidade com o local pela população do entorno, transformando um espaço desvalorizado em uma praça de cultura viva.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. – Acho que a principal reflexão que a realização dessa experiência, dessa vivência, trouxe para mim foi em relação a que as pessoas viam aquele espaço que era totalmente desvalorizado e ficavam falando "ai, vai construir	Me provocou uma reflexão muito grande sobre o espaço público, o nosso papel dentro da comunidade mesmo, nossas ações... Não só a parte da construção, da coletividade, mas também que o espaço público é cuidado, tem que ser

para que?! Um espaço para pessoa, pro pessoal usar drogas e não sei o que" e depois de construído a praça, de feita a bioarquitetura, as pessoas começaram a utilizar e mesmo depois de bastante tempo que eu voltei lá eles ainda utilizavam, então se tornou um espaço para a população e não como eles acreditavam que seria. Então, a criação desse espaço, eu creio que ele traz uma, um sentimento de identidade com o local da população, e isso faz com que a população cuide melhor do espaço e utilize o espaço pra eles mesmo. (...)

3 – B.L. – E poder ter feito isso em lugares que vão ter utilidade, lugares públicos, não é? Como a praça ou na creche que as crianças vão utilizar, então de certa maneira isso impactou num social, não é? Num entorno.

4 – C. – Me provocou uma reflexão muito grande sobre o espaço público, porque era um local em que a própria comunidade era responsável, cada morador tinha um pedaço para cuidar então foi muito bom ter contato com a própria comunidade, tinha várias crianças, cachorros, pais que passavam enquanto a gente estava lá fazendo a escultura, então foi muito legal.

5 – E. – Apesar de que falta ainda cuidados, não é? Mas o tempo não ajuda muito, não é? Porque eu trabalho, não é? (...) E é aquilo que a gente gosta de fazer, não é? É cuidar, é participar, não é?

6 – J. – Porque a vontade não podia ser só nossa, não é? Porque ia acontecer o que aconteceu que a gente veio embora, a gente saiu de lá e a praça continuou (...) porque trabalhar num lugar onde você não tinha nada, em que ninguém acreditava que você seria capaz, não é? (...) logo acima lá da praça nossa tinha um campo de futebol (...) e eles jogavam lixo no entorno do campo e depois que nós fizemos o trabalho (...) hoje em dia eu percebi que está bem mais limpo quando eu passo lá, que não tem tanto entulho jogado como tinha antes (...) eu achava interessante, a fala de vocês, muitas vezes, não é? Que aquilo não podia ser só nosso, não é? Que a gente tinha que fazer com aquelas crianças (...) que eles dessem valor naquilo, porque aquilo ia ficar pra eles, não é? (...) porque a escola foi embora dali (...) e a praça está lá, a praça ficou (...) mas foi o trabalho do vizinho vendo a gente limpar, do vizinho falando pra gente que não ia dar certo, e a gente lá, não, vai dar certo, o senhor tem que entender, não é porque vai limpar e vai virar ponto de droga, não é? Então, a nossa persistência. E eu levo um pouco disso até hoje comigo (...) às vezes, eu corto ali pra ir no supermercado, e mais no entardecer (...) tem crianças brincando nos brinquedos que foram colocados depois (...) os brinquedos estão lá, não foram quebrados, ao contrário, a iluminação da praça... quantas praças por aí a gente sabe que eles roubam fio, roubam lâmpadas, denigrem, e

cuidado, por quem vive nele, que é a população do bairro, da cidade, e não só pelo poder público,

Então, a própria comunidade era responsável, cada morador tinha um pedaço para cuidar. Foi muito bom ter contato com a própria comunidade, tinha várias crianças, cachorros, pais que passavam enquanto a gente estava lá fazendo a escultura. Foi muito legal.

A prefeitura, na época, disponibilizou ferramentas, disponibilizou material para construção da praça. O poder público tem um papel muito importante no auxílio, nas ferramentas que ele pode dar e, além disso, na ajuda técnica também, não é?

Eu achava interessante, a fala de vocês, muitas vezes, não é? Que aquilo não podia ser só nosso, não é? Que a gente tinha que fazer com que aquelas crianças dessem valor naquilo, porque aquilo ia ficar pra eles, não é?

No início, as pessoas, os vizinhos, que viam a gente limpar aquele espaço, que era totalmente desvalorizado, ficavam falando - "ai, vai construir para que?! Um espaço para pessoa, pro pessoal usar drogas e não sei o que"-, que não ia dar certo. Porque acho que 90% da escola era envolvida com droga. E a gente lá. Não, vai dar certo, o senhor tem que entender, não é porque vai limpar que vai virar ponto de droga, não é?

E depois de construído a praça, de feita a bioarquitetura, as pessoas começaram a utilizar e mesmo depois de bastante tempo que eu voltei lá eles ainda utilizavam, se tornou um espaço para a população e não como eles acreditavam que seria. A criação desse espaço, eu creio que ele traz um sentimento de identidade com o local da população, e isso faz com que a população cuide melhor do espaço e utilize o espaço pra eles mesmo.

Tanto que a escola foi embora dali e a praça está lá, a praça ficou. Então, a nossa persistência. E eu levo um pouco disso até hoje comigo. Às vezes, eu corto ali pra ir no supermercado, e mais no entardecer, tem crianças brincando nos brinquedos que foram colocados depois, os brinquedos estão lá, não foram quebrados, ao contrário.

E a iluminação da praça? Quantas praças por aí a gente sabe que eles roubam fio, roubam lâmpadas, denigrem, e está tudo lá. A gente não escuta nenhuma coisa assim, pegou fulano lá usando droga, prendeu não sei quem lá. Não se escuta isso, já no bosque que é o que? Quatro quadras pra cima, o bosque está precário, destruído cheio de droga lá dentro e se eles quisessem fazer do bosque, a praça eles tinham livre acesso e não foi isso que aconteceu. A gente fez quantos metros de passarela e ninguém mexeu, nem o passarinho sentou. Vocês fizeram as arquiteturas de vocês, a gente podia ter voltado

está tudo lá... (...) A gente não escuta nenhuma coisa assim, pegou fulano lá usando droga, prendeu não sei quem lá... não se escuta isso, já no bosque que é o que? Quatro quadras pra cima, o bosque está precário, destruído cheio de droga lá dentro (...) e se eles quisessem fazer do bosque, a praça eles tinham livre acesso (...) e não foi isso que aconteceu... (...) a gente fez quantos metros de passarela e ninguém, nem o passarinho sentou (...) E ninguém mexeu... Vocês fizeram as “casinha de João de barro”, as arquiteturas de vocês lá, a gente podia ter voltado no outro dia e não ter mais nada ali porque a comunidade ali é daquele jeito, a comunidade é destruição (...) porque estava mole e demorava-se dias pra secar eu acho, e estava intacto. Intacto! Por quê? Fizemos o que era necessário, com carinho, persistência a gente conseguiu, e eles conseguiram visualizar e eles fizeram... Eles fizeram! (...) eles cuidaram, não é? (...) acho que 90% da escola é envolvida com droga. Quando não era envolvida, eles eram fruto do tráfico, mãe que era do tráfico, pai que era do tráfico, tio, avô.

8 – R. – Então também eu acho que o que levou de importante dessa praça, não só a parte da construção, a parte da coletividade, mas também que o espaço público ele é cuidado pela população também não só pelo poder público, mas o espaço público, principalmente, tem que ser cuidado por quem vive nele, que é o povo do bairro, não é? A população do bairro, da cidade e assim vai, mas eu acho que o mais importante que eu tirei é o nosso papel dentro da comunidade mesmo, nossas ações... (...) Como foi feito na Praça Cultura Viva, a prefeitura, na época, disponibilizou ferramentas, disponibilizou material para construção da praça. Eu acho que a prefeitura, o poder público tem papel muito importante no auxílio, nas ferramentas que ele pode dar e, além disso, na ajuda técnica também, não é?

9 – Re. – Então como vivência, isto é pra sempre, e como reflexão, é assim, é o nome de um artista, era um artista que morava ali no entorno e que de repente ele não ganhou só uma sala ou um nome em algum lugar na cidade, ele ganhou uma praça, uma praça viva, uma cultura viva. (...) Teve o meio que foi todo o processo, desenvolvimento e tal, e teve um fim e não teve fim, porque não tem fim. Aquilo, ele está lá. Eu não posso colocar como fim, porque é um processo, ele é vivo, e ele está vivo. (...) que bom seria se todos lugares estivesse uma marca de cultura como se fosse um carimbo da cultura, em cada parte, em cada espaço público, em cada lugar que tivesse essa marca de cultura. Quem sabe um dia...

no outro dia e não ter mais nada ali porque a comunidade ali é daquele jeito, a comunidade é destruição, porque estava mole e demorava-se dias pra secar, e estava intacto. Intacto! Por quê? Fizemos o que era necessário, com carinho, persistência a gente conseguiu, e eles conseguiram visualizar e eles fizeram... Eles fizeram! Eles cuidaram, não é?

E poder ter feito isso em lugares públicos que vão ter utilidade, como a praça ou na creche, que as crianças vão utilizar. De certa maneira, isso impactou num social, não é? Num entorno.

Tinha um campo de futebol, logo acima lá da praça, e eles jogavam lixo no entorno do campo. Hoje em dia, depois que nós fizemos o trabalho, percebi que está bem mais limpo, que não tem tanto entulho jogado como tinha antes.

Apesar de que falta ainda cuidados, não é? Mas o tempo não ajuda muito, porque eu trabalho, não é? E é aquilo que a gente gosta de fazer, é cuidar, é participar, não é?

Então, como vivência, isto é pra sempre, e como reflexão, é o nome de um artista, era um artista que morava ali no entorno e que de repente ele não ganhou só uma sala ou um nome em algum lugar na cidade, ele ganhou uma praça, uma praça viva, uma cultura viva. Teve o meio que foi todo o processo, desenvolvimento e tal, e teve um fim e não teve fim, porque não tem fim. Aquilo, ele está lá. Eu não posso colocar como fim, porque é um processo, ele é vivo, e ele está vivo.

Que bom seria se todos os lugares estivessem uma marca de cultura como se fosse um carimbo da cultura, em cada parte, em cada espaço público, em cada lugar que tivesse essa marca de cultura. Quem sabe um dia...

IAD2

C – As vivências de bioconstrução trouxeram uma experiência nova, de crescimento pessoal e profissional, recomendada para outras pessoas e grupos.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
2 – B.A. - <i>Eu gostei muito da vivência, da experiência de poder mexer com essas técnicas de bioconstrução, quando eu participei eu estava no primeiro ano então foi o primeiro contato que eu tive com algum tipo de construção, e eu achei muito legal.</i> 3 – B.L. – <i>Foi muito enriquecedor, não é? Tanto como pessoa que habita esse planeta e deixa um impacto, quanto profissionalmente, não é? (...) E isso, pra mim, foi muito gratificante e também me fez pensar em como que essas ações são importantes, não é? Não só pra mim como indivíduo mas também pra comunidade em que eu estou inserida.</i> 4 – C. – <i>Então, foi tudo muito novo e muito proveitoso para o meu conhecimento acadêmico e como pessoa também, (...) Foi uma vivência muito legal, uma experiência muito enriquecedora.</i> 6 – J. – <i>Então a reflexão geral é que mesmo que a gente acha que não vai dar... se você acreditar, for perseverante naquilo, acontece! (...) que tudo que a gente faz com amor, que a gente persiste, por mais impossível que pareça, que possa ser, dá certo, fica... (...) e na hora que eu fui lá (...) eu caminhei naqueles triozinhos até chegar lá no portão e (...) aquele lugar é um ponto pra mim que traz memórias boas, me mostra que, apesar de tudo, eu tenho a capacidade de sim (...) Então, quando eu voltei (...) aí eu sentei lá na tartaruga. (...) a tartaruga está lá! Ninguém nem imaginava que a tartaruga ia ficar pronta um dia...</i> 7 – Jo. – <i>Então, muito das coisas é dinheiro mas tem coisa que tem que ser dedicado e ir atrás, então, não aconteceu tão rápido (...) não dá pra descrever em outra palavra, é, sem ser, acho que o amor, porque é uma experiência maravilhosa e o amor, ele presente ele dá muito prazer na gente, muita satisfação, não é? Então é a experiência, foi mais uma experiência muito boa que fica registrado na mente da gente, não é? E eu recomendo que faça... que todos passam por essa experiência e que ela possa fazer parte da vida dela, e de filhos também, não é? (...) porque a gente vê que às vezes uma coisa que estava em descaso você pode transformar, então é, você se empenha e você começa a fazer reflexão das coisas, refletir muito desses resultados desses acontecimentos, não é? (...) eu acho que naqueles casos se você envolver que nem eu fui envolvido lá (...) eu acho que aquela</i>	<i>Eu gostei muito da vivência, achei uma experiência ótima trabalhar, poder mexer com essas técnicas de bioconstrução, foi o primeiro contato que eu tive com algum tipo de construção, tudo muito novo, fui envolvido lá e acho que aquela ideia poderia ser estendida, trazendo a escola mais perto dentro dessa proposta aí.</i> <i>Foi muito enriquecedor, não é? Muito proveitoso tanto para o meu conhecimento acadêmico, profissional, quanto como pessoa que habita esse planeta e deixa um impacto, não é? E isso, pra mim, foi muito gratificante e também me fez pensar em como que essas ações são importantes, não é? Não só pra mim como indivíduo mas também pra comunidade em que eu estou inserida.</i> <i>Você se empenha e começa a fazer reflexão dos resultados desses acontecimentos, não é? Muito das coisas é dinheiro mas tem coisa que tem que ser dedicado e ir atrás, então, não aconteceu tão rápido. Às vezes uma coisa que estava em descaso você pode transformar. A vida é uma aprendizagem, e o que a gente aprende a gente tem por obrigação de repassar.</i> <i>Ninguém nem imaginava que a tartaruga ia ficar pronta um dia e na hora que eu fui lá, quando eu voltei, eu caminhei naqueles triozinhos, sentei lá na tartaruga. A tartaruga está lá! Aquele lugar trouxe memórias boas, é um ponto pra mim que me mostra que, apesar de tudo, eu tenho capacidade.</i> <i>Mesmo que a gente acha que não vai dar, se você acreditar, for perseverante naquilo, acontece! Que tudo que a gente faz com amor, que a gente persiste, por mais impossível que pareça, que possa ser, dá certo, fica...</i> <i>Fica registrado na mente da gente, não é? Achei muito legal. Uma experiência maravilhosa e o amor, ele presente ele dá muito prazer na gente, muita satisfação, não é? Recomendo que faça... que todos passam por essa experiência e que ela possa fazer parte da vida dela, e de filhos também, não é?</i>

<i>ideia ela poderia ser estendida para a escola, trazer a escola mais perto dentro dessa proposta aí dessa ideia.</i> <i>8 – R. – Eu achei uma experiência ótima trabalhar.</i> <i>9 – Re. – A vida é uma aprendizagem, eu aprendo sempre (...) e o que a gente aprende a gente tem por obrigação de passar, quando a gente diz ensinar, mas a gente tem a obrigação de repassar.</i>	

IAD2

D – Todos participaram de alguma forma, resultando em um presente de esforço em conjunto que todos puderam colher.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
6 – J. – Não foi só um material e o físico que foi construção de um coletivo (...) não era só o meu sonho, era o sonho de vocês, não é? Se juntando com o meu, e na hora que a escola começou a ver (...) o pessoal fazendo o teatro, lembra? Teve todo um trabalho com as crianças na escola. Vocês não foram lá e fizeram a praça. Não! Teve um trabalho, tinha um trabalho de conscientização dentro da escola, vocês fizeram peça de teatro com as crianças, levou o ator lá que ele passava de sala em sala e conversava com eles conscientizando, então teve um trabalho pedagógico também, foi a hora que os professores começaram... A comunidade escolar, vamos dizer assim, começou a enxergar aquilo com outros olhos, passou do sonho louco da J., para um sonho louco coletivo, entendeu? Tinha mais pessoas envolvidas, só que pra gente, a gente ainda queria mais, a gente queria a comunidade, aquela comunidade que jogava o lixo ali, que enterrava os animais ali, não é? (...) mas teve muita colaboração da direção da escola (...) Os alunos eles foram a partir do momento que vocês levaram as pessoas pra trabalhar a sustentabilidade com eles, que foi sendo inserido no cotidiano deles escolar, eles foram muitos participativos, não é? Fizeram as peças, os monólogos (...) no fim todos se envolveram, (...) os alunos que nós trabalhamos não são mais aquelas crianças ou aqueles adolescente de 12, 13, 14 anos, não são mais. Eles já são homens, hoje, e mulheres e a praça continua ali, já parou pra pensar nisso? (...) porque não era só importante pra nós limparmos aquele lugar, deixar um lugar agradável para que as pessoas pudessem usar, era importante pra eles, só que eles não tinha essa consciência, e nós conseguimos de alguma forma conscientizá-los (...) não adianta só a gente montar projetos e pensar - "não, vamos fazer um viaduto aqui, vamos fazer uma praça ali, vamos fazer uma viela, uma rua", sei lá, como fala, a gente tem que	O morador em frente à praça, tinha já plantado algumas árvores e comentou que aquilo ali era uma fuga para aliviar o "estresse" do trabalho dele. Eu falei - "poxa, também vou dar minha contribuição pra isso daqui". Daí, manifestou em mim o interesse de fazer um abaixo assinado, mas foi tão rápido, acho que deu mais de 500 assinaturas, deu bastante. Está lá, na prefeitura, e aí nós ficamos no aguardo, não é? Pra nossa surpresa, o prefeito, um dia aparece do nada ali naquela praça, não é? Ele veio e falou – "não, aqui tem projeto pra calçar, pra asfaltar tudo ao redor". Ficamos aguardando. Veio vocês, com aquele projeto maravilhoso que agregou, não é? Foi de bioarquitetura, não é? E foi legal porque vocês também nos consultou, não era um trabalho que a gente chega, vamos fazer e tchau! Um projeto feito dentro de sala. Não! Eu notei que foi um projeto que ele tinha a participação de todas pessoas, tomou ciência ali da área e do pessoal que estava ali já em atividade, a associação de moradores que também se aproximou, pessoas ali do entorno. Porque não adianta só a gente montar projetos e pensar - "não, vamos fazer um viaduto aqui, vamos fazer uma praça ali, vamos fazer uma viela, uma rua", sei lá, como fala, a gente tem que ver o que realmente é importante para as pessoas, o que elas estão realmente precisando. A gente queria aquela comunidade que jogava o lixo ali, que enterrava os animais ali, não é? Porque não era só importante pra nós limparmos aquele lugar, deixar um lugar agradável para que as pessoas pudessem usar. Era importante pra eles, só que eles não tinha essa consciência, e nós conseguimos de alguma forma conscientizá-los Não foi só o material, o físico, foi construção de um coletivo. Não era só o meu sonho, era o sonho

ver o que realmente é importante para as pessoas, o que elas estão realmente precisando (...) A persistência, o carinho, o jeito que a gente tratava as pessoas (...) juntou várias pessoas com profissões diferentes, não é? (...) mas pessoas que tinham um objetivo comum, e a mesma forma de pensar de lidar com paciência, com carinho (...) Porque os alunos mesmo (...) a maioria deles não moram ali, eram de outros bairros, (...) porque eles eram poucos os que eram ali do redor, mesmo esses poucos ajudaram, colaboraram.

7 – Jo. – E aí o sr. E., (...) tinha já plantado algumas árvores (...) Ele comentou que aquilo ali era uma fuga para aliviar o “estresse” do trabalho dele (...) Eu falei - “poxa, também vou dar minha contribuição pra isso daqui” (...) manifestou em mim o interesse de fazer um abaixo assinado (...) mas foi tão rápido (...) Acho que deu mais de 500, deu bastante, está lá na prefeitura, e aí nós ficamos no aguardo, não é? (...) pra nossa surpresa (...) o prefeito, (...) um dia ele aparece do nada ali naquela praça, não é? (...) ele veio ele falou – “não, aqui tem projeto pra calçar, pra asfaltar tudo ao redor”, (...) ficamos aguardando, (...) veio vocês (...) com aquele projeto maravilhoso que agregou, não é? Foi de bioarquitetura, não é? (...) e foi legal porque vocês também nos consultou, não foi um projeto feito dentro de sala, eu notei que foi um projeto onde tomou ciência ali da área e do pessoal que estava ali já em atividade que tiveram contato com o E., no caso, depois chegaram a mim também, não é? Então, nesse momento aí, a gente viu que, poxa, aconteceu, deu efeito nosso abaixo assinado. (...) eu acho que foi um presente de esforço em conjunto, então, colhemos todos nós. (...) foi legal também que a escola esteve participando. Eu me lembro, não é? Foi muito bom o pessoalzinho ali da escola Brizola, escola tão de frente (...) aquela criança que estava lá com seus dez anos tem quase dezessete já, está ciente já, está consciente das coisas, não é? Então, ela passa lá hoje e deve estar olhando com orgulho, não é? Falar - “poxa coloquei minha mão nessa construção dessa tartaruga aí”, que tem a tartaruga gigante lá, então eu acho que é isso, eu acho que essas coisas que a gente tem que valorizar, continuar dando valor e fazer com que a comunidade participa porque ela vai poder cuidar, vai poder usufruir, não é? E passar pras gerações.

9 – Re. – Porque não era um trabalho que a gente chega, vamos fazer e tchau! Não! Era um trabalho que ele tinha que ter a participação de todas pessoas. (...) nós visitamos de casa em casa pra ouvir, - “se ali fosse uma praça, o que a senhora acha que poderia? É interessante ter uma praça aqui?” (...) e ao mesmo tempo, quando nós iniciamos o nosso trabalho, as pessoas começavam a passar por lá, mesmo com aqueles entulhos aquelas coisas, as pessoas, as vezes, paravam para observar, então elas participaram do processo

de vocês, não é? Se juntando com o meu.

Então, juntou várias pessoas com profissões diferentes, não é? Mas pessoas que tinham um objetivo comum, e a mesma forma de pensar, de lidar com paciência, persistência, carinho, o jeito que a gente tratava as pessoas. Nós visitamos de casa em casa pra ouvir, - “se ali fosse uma praça, o que a senhora acha que poderia? É interessante ter uma praça aqui?”.

E ao mesmo tempo, as pessoas começavam a passar por lá, mesmo com aqueles entulhos aquelas coisas, as pessoas, às vezes, paravam para observar, então elas participaram do processo desde a retirada dos lixos dali. Foi muito gratificante.

Foi legal também que a escola esteve participando. A escola da família, que abriu o espaço, eu me lembro, não é? Foi muito bom o pessoalzinho ali da escola Brizola, de frente. Aqueles adolescente de 12, 13, 14 anos, já são homens e mulheres hoje, e a praça continua ali, já parou pra pensar nisso? Aquela criança que estava lá com seus dez anos tem quase dezessete já, está consciente das coisas, não é? Passam lá e devem estar olhando com orgulho, não é? Falar - “poxa coloquei minha mão nessa construção dessa tartaruga aí”, que tem a tartaruga gigante lá.

Teve todo um trabalho de conscientização com as crianças dentro da escola, um trabalho pedagógico também, sendo inserido no cotidiano deles escolar.

Teve muita colaboração da direção da escola e os alunos foram a partir do momento que vocês levaram as pessoas pra trabalhar a sustentabilidade com eles, o ator passava de sala em sala e conversava, fizeram as peças, os monólogos, no fim todos se envolveram. Eles foram muito participativos, não é? Mesmo com a maioria dos alunos morando em outros bairros, esses ajudaram, colaboraram.

Foi a hora que os professores, comunidade escolar começaram, vamos dizer assim, a enxergar aquilo com outros olhos. Tinha mais pessoas envolvidas, passou a ser um sonho louco coletivo, entendeu? A escola também ganhou este presente.

Então eu acho que é isso, eu acho que essas coisas que a gente tem que valorizar, continuar dando valor e fazer com que a comunidade participa porque ela vai poder cuidar, vai poder usufruir, não é? E passar pras gerações.

Nesse momento aí, a gente viu que, poxa, aconteceu, deu efeito nosso abaixo assinado. Eu acho que foi um presente de esforço em conjunto que colhemos todos nós.

desde a retirada dos lixos dali. Então, foi muito gratificante (...) como vivência até pelo fato da gente conhecer outras pessoas, a associação de moradores que também se aproximou, pessoas ali do entorno, a escola que nós participamos também da escola da família, que abriu o espaço, porque a escola fica em frente a praça, então a escola também ganhou este presente.

IAD2

E – No início, era um bolsão de entulhos, apenas um espaço igual aos outros, em descaso e depois que a praça se concretizou, o pessoal passou a frequentá-la com a família.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
5 – E. – Aqui, de princípio, não é? Aqui era um lixão, não é? (...) aqui era um terreno vago, baldio, não é? E era só lixo, entulho (...) Então, aí está esse resultado de um bosque, não é? Maravilhoso, não é? (...) E então o resultado foi excelente, não é? (...) depois vieram as moças da Unesp, não é? Que promoveram, não é? A praça, a outra parte, não é? Que teve o projeto do barro ali, não é? Então aí se fez a praça, não é? A praça se concretizou feita, não é? Ficou maravilhosa, não é? Com tudo que há nela agora, não é? E o resultado é bem satisfatório porque o pessoal frequenta, não é? O lugar ficou feito, concretizado, não é? E a gente tem esse resultado aí... as pessoas contentes, felizes aí, não é? Na praça, não é? Isso aí. (...) É agradável que deu resultado, não é? Que partiu da gente, não é? 6 – J. – E quem olhava aquele terreno baldio do jeito que era cheio de entulho, cheio de lixo. (...) quando eu olhava naquele morro, naquele lixo todo dia que eu chegava pra trabalhar (...) eu pensava assim - "eu posso deixar a escola melhor?" Posso! (...) mas não adiantava deixar a escola melhor sendo que eu saía no portão e me deparava com aquilo, era horrível, desmotivava e eu olhava isso aqui e não tinha dimensão do tamanho daquela praça porque eu não conseguia olhar pelo lado de lá, não é? (...) a gente passava no meio no trioquinho assim pra cortar caminho (...) a gente tinha aula no noturno e eu pedia muito pras meninas não passarem lá porque eu tinha medo de algum ato acontecer com elas porque era escuro (...) E que era tanto os problemas, não é? Dentro da escola que tudo que a gente propunha às vezes pra melhorar o entorno, (...) eles negavam ajuda (...) aí um dia chegou lá e o trator... Aí no outro dia que chego lá, ele já está plainado... (...) foi igual eu te falei, na verdade eu acabei indo na escola depois (...) parei embaixo de uma árvore que estava lá, estava cheio de criança lá brincando, do prédio, sabe? E já era, assim, 17:30, 18:00 horas (...) tinha	Aqui, de princípio tinha algumas árvores plantadas em um local e no outro era um bolsão de entulhos, cheio de insetos, não é? Era um terreno vago, baldio, onde o pessoal jogava entulho, lixo. Era um lugar que estava sem nenhum projeto não tinha nada, apenas um espaço da prefeitura igual aos outros, em descaso. As ruas ao redor não tinha asfalto, não tinha guia, não tinha nada, e estava prejudicando toda comunidade, mas eles também jogavam os próprios lixos ali desde sofás, enfim... Infelizmente, isto acontece, não é? Quanto mais entulho, mais as pessoas ajudam a aumentar. Quando eu olhava naquele morro, naquele lixo, todo dia que eu chegava pra trabalhar, eu pensava assim - "eu posso deixar a escola melhor?" Posso! Mas não adiantava deixar a escola melhor sendo que eu saía no portão e me deparava com aquilo, era horrível, desmotivava e eu olhava isso aqui e não tinha dimensão do tamanho daquela praça porque eu não conseguia olhar pelo lado de lá, não é? A gente passava no meio no trioquinho assim pra cortar caminho, e quando tinha aula no noturno, eu pedia muito pras meninas não passarem lá porque era escuro. Era tanto os problemas dentro da escola, que tudo que a gente propunha às vezes pra melhorar o entorno, eles negavam ajuda. Um dia chego lá, ele já está plainado... Precisou ser retirado sessenta caminhões de entulhos e enquanto eles estavam reunindo aquelas terras que sobrou, e por causa dos insetos, começou a aparecer alguns bem-te-vis, e nesse momento, eu comecei a escrever alguma coisa, e saiu um cordelzinho que chama "Bem-te-vi", que eu acabei colocando num livro. Depois vieram e promoveram a praça, a outra parte, não é? Que teve o projeto do barro ali, não é? Então, a praça se concretizou feita. Ficou

mãe junto, aí tinha o senhorzinho vendendo pipoca (...) a mulher chegou lá pra vender lanche. (...) "Que gostoso! Qualquer dia venho comer e tal", aí ela - "tem mais barraquinha a noite, viu?"

7 – Jo. – Era um lugar que estava sem nenhum projeto não tinha nada, apenas um espaço da prefeitura igual aos outros, em descaso. (...) nem era asfaltado (...) E conclusão geral que ficou muito linda a praça, a gente curte bastante a praça, o E. também, e a gente ficou muito satisfeito com o resultado. (...) eu via várias pessoas que era meu cliente fazendo caminhada lá depois, coisas que não faziam, não é? Então, tudo ao redor fazia caminhada, levava os cachorrinhos pra passear, filhos brincando lá na pracinha... É bem maior que isso daí... A família pôde estar lá, participando e todos juntos lá tendo uma recreação à tarde, no sábado, domingo, não é?

8 – R. – O local dela era um terreno baldio, onde o pessoal jogava entulho, lixo.

9 – Re. – Ali era um bolsão de entulhos, tinha algumas árvores plantadas no local e no outro local era um bolsão de entulhos sem asfalto, as ruas ao redor não tinha asfalto, não tinha guia, não tinha nada, era um bolsão de entulhos cheio de insetos, não é? E estava prejudicando toda comunidade mas eles também jogavam os próprios lixos ali desde sofás, enfim... Precisou ser retirado sessenta caminhões entulhos. Infelizmente, isto acontece, não é? Então, quanto mais entulho, mais as pessoas, elas ajudam a aumentar. (...) enquanto eles estavam reunindo aquelas terras que sobrou, aquela terra vermelha, uma terra que a gente já começou imaginar - "o que nós vamos plantar aqui?", sobre as árvores frutíferas e tal, então a gente já estava com aquele sonho que a princípio era sonho mas já estava tudo pra no papel que a gente ia realizar, não é? E aí, por causa dos insetos, começou a aparecer alguns bem-te-vis, e nesse momento (...) eu comecei a escrever alguma coisa, e saiu um cordelzinho sobre o bem-te-vi, e ele, eu acabei colocando num livro (...) essa poesia então que chama "Bem-te-vi".

maravilhosa. O resultado foi excelente. Com tudo que há nela agora, um bosque maravilhoso, um resultado bem satisfatório porque o pessoal frequente, não é?

As pessoas contentes, felizes na praça, várias pessoas fazendo caminhada lá depois, coisas que não faziam, não é? Então, tudo ao redor fazia caminhada, levava os cachorrinhos pra passear, filhos brincando lá na pracinha, mãe junto, senhorzinho vendendo pipoca, a mulher vendendo lanche. "Que gostoso! Qualquer dia venho comer e tal", aí ela - "tem mais barraquinha a noite, viu?"

É bem maior que isso daí... A família pôde estar lá, participando e todos juntos lá tendo uma recreação à tarde, no sábado, domingo, não é? Ficou muito linda a praça, a gente curte bastante, a gente ficou muito satisfeito com o resultado.

DSC – PROJETO “PRAÇA CULTURA VIVA” – PRAÇA VAL RAI

Pergunta 3: Depois dessa experiência, você mudou algo no seu dia-a-dia? O que?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
1 – A. - Acho que a mudança principal é sobre (...) sempre <u>valorizar mais as pessoas que realizam o trabalho braçal</u> , não que eu desvalorizasse antes mas eu creio que a gente só sabe realmente o que a pessoa passa se a gente realiza aquilo.	(1ª ideia) Passou a valorizar mais as pessoas que realizam o trabalho braçal. A	
2 – B.A. – Essa <u>visão</u> que eu tive <u>da arquitetura</u> , das <u>possibilidades construtivas</u> , da <u>utilização de materiais</u> porque eu percebi uma diferença de visão de construção a partir disso, <u>e não focar tanto em técnicas convencionais</u> , e <u>estudar, e procurar, saber mais, pesquisar, correr atrás de ver como funcionam esses outros tipos de construção</u> .	(1ª ideia) Mudou a Visão da arquitetura passando a estudar mais sobre como funcionam outros tipos de construção e não focar tanto em técnicas convencionais. B	
3 – B.L. – Depois dessas vivências, o que mais assim me fortaleceu foi pra <u>continuar nesse caminho</u> , nessa <u>busca de viver mais sustentável</u> , não é? De <u>viver com a permacultura</u> , de <u>implantar isso na minha casa</u> , de <u>levar esse conhecimento pra outras pessoas</u> , não é? <u>Mostrar que há outras possibilidades de habitação com menos impacto</u> , e de certa maneira foi isso que <u>mudou</u> assim sabe, essa <u>minha concepção de habitar, de viver na terra</u> , assim, é, isso me move até hoje, é, como <u>objetivo de vida</u> poder <u>disseminar mais esse conhecimento</u> e <u>viver de acordo com esses preceitos</u> que eu aprendi nessas experiências.	(1ª ideia) Mudou a concepção de habitar, de viver na terra, tendo como objetivo de vida disseminar mais esse conhecimento e viver de acordo com esses preceitos. C	
4 – C. – Depois dessa experiência, eu <u>comecei a me interessar mais por bioconstrução, sustentabilidade</u> , no meu dia a dia eu acho que <u>mudou mais coisas como não desperdiçar ou reaproveitar tudo que a gente pode</u> .	(1ª ideia) Começou a se interessar mais por bioconstrução e sustentabilidade, não desperdiçando e reaproveitando tudo o que pode. B	
5 – E. – Muda, não é? Porque até você... você tem que <u>empenhar naquilo que você faz</u> , não é? Então é sempre bom a gente <u>ter uma motivação, ter algo pra fazer</u> , não é? <u>Uma ocupação</u> , não é?	(1ª ideia) Ter uma motivação, uma ocupação, algo pra fazer e empenhar. D	

6 - J. – Depois daquilo e eu me vi capaz (...) me tira daquela neura que - "não, você não é capaz, e as coisas ruins acontecem e você não tem capacidade pra resolver os problemas", não. (...) mostrar que por mais difícil que seja, por mais que todos falem pra você que não vai dar certo. Que dá. Dá! Depende de você realmente e daqueles que se propõe a te ajudar, dá certo...	(1ª ideia) Por mais difícil que seja um problema e que as pessoas falem que não vai dar certo, se vê capaz de resolver as coisas ruins que acontecem. E	
7 – Jo. – Tem uma altura que o dinheiro já não fala muito, não é? Tem <u>que ter qualidade de vida</u>, então acho que é isso, foi ótimo consegui tirar boa experiência, bom conhecimento dessas coisas, me ajudou bastante e me <u>aproximou ainda mais da natureza</u>, não é? Porque a gente trabalhando, trabalhando, você enfiado dentro de uma loja, dentro de um estabelecimento, meio que tapa a gente você fica meio... fica sem graça, fica meio, o mundo começa a perder... ele é redondo mas acaba ficando meio chato, é verdade, e aí a gente começa a notar isso daí também, não é? Que você... Você vai ter <u>qualidade de vida e uma experiência maravilhosa</u>, não é?	(1ª ideia) Passou a dar mais valor a qualidade de vida e aproximou ainda mais da natureza. F	
8 - R. - Eu acho que o que mudou no meu dia-a-dia foi justamente isso, é... <u>observar o espaço público como um espaço de todo mundo</u>, um <u>espaço totalmente coletivo que a construção dele depende muito da gente e não só do poder público, mas sem tirar o papel do poder público</u> em auxiliar, em puxar a discussão e dar ferramentas pra que isso possa acontecer. (...) Mas o que eu aprendi, acho que levei pro meu dia-a-dia, é isso, é a construção do espaço público por mim também.	(1ª ideia) Passou a observar o espaço público como um espaço totalmente coletivo e que sua construção depende muito de nós mesmos também e não só do poder público. G	
9 – Re. – Eu <u>mudei a visão</u>. (...) cada <u>praça que eu visitava</u>, ou cada lugar, até hoje, que eu olho, um lugar que vai ser uma praça aqui, ou pode ser uma praça (...) hoje, eu paro nos lugares, <u>se tem lixo na praça, eu carrego</u> dentro comigo no carro, é, saco plástico, é, coisas pra <u>amarrar uma árvore que está caída</u>. Então, eu <u>já fazia isso, mas ficou mais forte isso em mim</u>, eu <u>sinto como uma obrigação</u>, eu tenho obrigação, se eu ver um galho caído de uma árvore, eu tenho uma <u>obrigação de cuidar</u>. É, se tem um <u>local com lixos</u> e tudo, eu tenho <u>obrigação de comunicar a Prefeitura, de fazer alguma coisa, de participar</u>, é a participação ativa, e isso <u>me fez ter mais responsabilidade</u> e talvez trouxe até mais rugas para mim...	(1ª ideia) Mudou a visão. Ficou mais forte em mim a obrigação de cuidar, de participar, me fez ter mais responsabilidade. G	

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD2

A – Passou a valorizar mais as pessoas que realizam o trabalho braçal.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. - <i>Acho que a mudança principal é sobre (...) sempre valorizar mais as pessoas que realizam o trabalho braçal, não que eu desvalorizasse antes mas eu creio que a gente só sabe realmente o que a pessoa passa se a gente realiza aquilo.</i>	<i>Acho que a mudança principal é sempre valorizar mais as pessoas que realizam o trabalho braçal, não que eu desvalorizasse antes, mas eu creio que a gente só sabe realmente o que a pessoa passa se a gente realiza aquilo.</i>

IAD2

B – Começou a se interessar e pesquisar mais sobre bioconstrução e sustentabilidade.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
2 – B.A. – <i>Essa visão que eu tive da arquitetura, das possibilidades construtivas, da utilização de materiais porque eu percebi uma diferença de visão de construção a partir disso, e não focar tanto em técnicas convencionais, e estudar, e procurar, saber mais, pesquisar, correr atrás de ver como funcionam esses outros tipos de construção.</i>	<i>Depois dessa experiência, eu comecei a me interessar mais por bioconstrução e sustentabilidade. Percebi uma diferença de visão de construção a partir disso, das possibilidades construtivas, da utilização de materiais, estudar, e procurar, saber mais, pesquisar, correr atrás de ver como funcionam esses outros tipos de construção e não focar tanto em técnicas convencionais.</i>
4 – C. – <i>Depois dessa experiência, eu comecei a me interessar mais por bioconstrução, sustentabilidade, no meu dia-a-dia eu acho que mudou mais coisas como não desperdiçar ou reaproveitar tudo que a gente pode.</i>	<i>No meu dia-a-dia eu acho que mudou mais coisas como não desperdiçar ou reaproveitar tudo que a gente pode.</i>

IAD2

C – Mudou a concepção de habitar, de viver na terra, tendo como objetivo de vida disseminar mais esse conhecimento e viver de acordo com esses preceitos.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
3 – B.L. – <i>Depois dessas vivências, o que mais assim me fortaleceu foi pra continuar nesse caminho, nessa busca de viver mais sustentável, não é? De viver com a permacultura, de implantar isso na minha casa, de levar esse conhecimento pra outras pessoas, não é? Mostrar que há outras possibilidades de habitação com menos impacto, e de certa maneira foi isso que mudou assim sabe, essa minha concepção de habitar, de viver na terra, assim, é, isso me move até hoje, é, como objetivo de vida poder disseminar mais esse conhecimento e viver de acordo com esses preceitos que eu aprendi nessas experiências.</i>	<i>Depois dessas vivências, mudou essa minha concepção de habitar, de viver na terra, como objetivo de vida, poder disseminar mais esse conhecimento e viver de acordo com esses preceitos, com a permacultura, de viver mais sustentável, continuar nesse caminho, nessa busca, de implantar isso na minha casa, de levar esse conhecimento pra outras pessoas, mostrar que há outras possibilidades de habitação com menos impacto. Isso me move até hoje.</i>

IAD2

D – Ter uma motivação, uma ocupação, algo pra fazer e empenhar.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
5 – E. – <i>Muda, não é? Porque até você... você tem que empenhar naquilo que você faz, não é? Então é sempre bom a gente ter uma motivação, ter algo pra fazer, não é? Uma ocupação, não é?</i>	<i>Muda, não é? A gente ter uma motivação, ter algo pra fazer, uma ocupação, se empenhar naquilo que você faz, não é?</i>

IAD2

E – Por mais difícil que seja um problema e que as pessoas falem que não vai dar certo, se vê capaz de resolver as coisas ruins que acontecem.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
6 - J. – <i>Depois daquilo e eu me vi capaz (...) me tira daquela neura que - "não, você não é capaz, e as coisas ruins acontecem e você não tem capacidade pra resolver os problemas", não. (...) mostrar que por mais difícil que seja, por mais que todos falem pra você que não vai dar certo. Que dá. Dá! Depende de você realmente e daqueles que se propõe a te ajudar, dá certo...</i>	<i>Eu me vi capaz, me tira daquela neura que - "não, você não é capaz, e as coisas ruins acontecem e você não tem capacidade pra resolver os problemas". Mostra que por mais difícil que seja, por mais que todos falem pra você que não vai dar certo. Que dá. Dá! Depende de você realmente e daqueles que se propõe a te ajudar.</i>

IAD2

F – Passou a dar mais valor à qualidade de vida e aproximou ainda mais da natureza.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
7 – Jo. – <i>Tem uma altura que o dinheiro já não fala muito, não é? Tem que ter qualidade de vida, então acho que é isso, foi ótimo consegui tirar boa experiência, bom conhecimento dessas coisas, me ajudou bastante e me aproximou ainda mais da natureza, não é? Porque a gente trabalhando, trabalhando, você enfiado dentro de uma loja, dentro de um estabelecimento, meio que tapa a gente você fica meio... fica sem graça, fica meio, o mundo começa a perder... ele é redondo mas acaba ficando meio chato, é verdade, e aí a gente começa a notar isso daí também, não é? Que você... Você vai ter qualidade de vida e uma experiência maravilhosa, não é?</i>	<i>Porque a gente trabalhando enfiado dentro de uma loja, meio que tapa a gente, você fica meio sem graça, o mundo é redondo, mas acaba ficando meio chato e aí tem uma altura que o dinheiro já não fala muito. Tem que ter qualidade de vida e uma experiência maravilhosa, não é? Consegui tirar boa experiência, bom conhecimento dessas coisas, me ajudou bastante e me aproximou ainda mais da natureza, não é? Foi ótimo.</i>

IAD2

G – Mudou a visão sobre o espaço público, tomando a responsabilidade de sua construção e manutenção para si.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
8 - R. - <i>Eu acho que o que mudou no meu dia-a-dia foi justamente isso, é... observar o espaço público como um espaço de todo mundo, um espaço totalmente coletivo que a construção dele depende muito da gente e não só do poder público, mas sem tirar o papel do poder público em auxiliar, em puxar a discussão e dar ferramentas pra que isso possa acontecer. (...) Mas o que eu aprendi, acho que levei pro meu dia-a-dia, é isso, é a construção do espaço público por mim também.</i> 9 – Re. – <i>Eu mudei a visão. (...) cada praça que eu visitava, ou cada lugar, até hoje, que eu olho, um lugar que vai ser uma praça aqui, ou pode ser uma praça (...) hoje, eu paro nos lugares, se tem lixo na praça, eu carrego dentro comigo no carro, é, saco plástico, é, coisas pra amarrar uma árvore que está caída. Então, eu já fazia isso, mas ficou mais forte isso em mim, eu sinto como uma obrigação, eu tenho obrigação, se eu ver um galho caído de uma árvore, eu tenho uma obrigação de cuidar. É, se tem um local com lixos e tudo, eu tenho obrigação de comunicar a Prefeitura, de fazer alguma coisa, de participar, é a participação ativa, e isso me fez ter mais responsabilidade e talvez trouxe até mais rugas para mim...</i>	<i>Eu mudei a visão, já fazia isso, mas ficou mais forte isso em mim. Cada praça que eu visitava, lugar que vai ser uma praça ou pode ser uma praça, se eu vejo um galho caído de uma árvore, carrego no carro coisas pra amarrar e tenho uma obrigação de cuidar. Se tiver um local com lixos e tudo, eu tenho obrigação de comunicar a Prefeitura, de fazer alguma coisa, é a participação ativa.</i> <i>Observo o espaço público como um espaço de todo mundo, um espaço totalmente coletivo porque a construção dele depende muito de mim também, e não só do poder público que pode também auxiliar, puxar a discussão e dar ferramentas pra que isso possa acontecer.</i> <i>E isso me fez ter mais responsabilidade e talvez trouxe até mais rugas para mim...</i>

DSC – PROJETO “PRAÇA CULTURA VIVA” – PRAÇA VAL RAI

Pergunta 4: Você gostaria de destacar algum momento da(s) vivencia(s) que tenha sido mais marcante pra você?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
1 – A. – O marcante foi quando nós estávamos fazendo uma parte da bio-arquitetura e <u>algumas crianças se interessaram e nos ajudaram a fazer</u> , e também ficou marcante que <u>tinha um garotinho que ia todos os dias ajudar a gente a fazer enquanto estávamos fazendo a bio-arquitetura</u> . E isso <u>é muito importante no meu ponto de vista porque cria mais ainda aquele sentimento de identidade com o local</u> , não é? Porque se a pessoa fez aquilo ela <u>cria, tem um certo amor por aquilo</u> , não é? Então ela tende <u>a cuidar melhor</u> porque ela sabe que <u>aquilo também foi fruto esforço dela</u> .	(1ª ideia) Quando algumas crianças se interessaram e começaram a ajudar a fazer a bio-arquitetura criando um sentimento de identidade com o local, e um cuidado por saber que aquilo foi fruto esforço dela. A	
2 – B.A. – O mais marcante pra mim, na vivência, foi a <u>reação das pessoas ao verem o resultado final</u> e como que ficou depois da intervenção, acho que é o mais marcante, é o que mais fica na memória é como <u>a gratidão das pessoas, como elas ficam felizes com o resultado</u> .	(1ª ideia) A reação das pessoas, como ficaram felizes ao verem o resultado final. A	
3 – B.L. – O momento mais marcante pra mim foi <u>as crianças vindo ajudar</u> , não é? Durante o processo, <u>tinha dois irmãozinhos</u> , eu não lembro o nome deles, que vinha todo sábado ajudar a gente, que <u>no dia da inauguração estavam cuidando da tartaruga para que ninguém estragasse</u> , não é? Eu acho que isso foi muito mais marcante pra mim, e <u>não só eles participarem</u> , não é? <u>Do processo todo, mas também de estarem cuidando para que ninguém estragasse o que eles tinham ajudado a construir</u> .	(1ª ideia) As crianças vindo ajudar e no dia da inauguração estarem cuidando da tartaruga para que ninguém estragasse. Elas não só participaram do processo todo, mas também estavam cuidando para que ninguém estragasse o que elas tinham ajudado a construir. A	
4 – C. – Foi <u>ver tudo acontecer e mesmo quando o projeto não estava pronto as pessoas começaram a utilizar</u> mais quando os caminhos que foram concretados, e <u>também a curiosidade das crianças, das pessoas que passavam para ver o que ia ser, o que ia acontecer, e também fazer parte, colocar a mão na massa, pisar na terra, todo mundo junto</u> , foi muito bom. Assim, <u>ver comprometimento deles com a praça e ver</u>	(1ª ideia) Ver tudo acontecer. Mesmo quando o projeto não estava pronto as pessoas começaram a utilizar os caminhos que foram concretados, a curiosidade das crianças, fazer parte, colocar a mão na massa, pisar na terra, todo mundo junto, ver comprometimento deles com a	

<u>que é um projeto que ia dar certo, ia adicionar ao local.</u>	praça e ver que é um projeto que ia dar certo, ia adicionar ao local. A	
5 – E. – O que <u>deixa marcado não é agradável</u>, algumas pessoas que <u>destroem</u>, não é? Tudo <u>aquilo que a gente ao longo do tempo faz</u>.. Então o que marca é isso aí, <u>as pessoas não preserva</u>, tá? (...) <u>não ter colaboração do próximo</u>, tá? Que só quer destruir, não é? E <u>a gente fica triste com isso</u>, mas por outro lado <u>a gente vê várias outras pessoas que usam</u>, não é? Que <u>aproveitam o ambiente, lugar</u>, não é? É isso aí, <u>tem o lado bom e o lado ruim</u>, não é?	(1ª ideia) Tem um lado ruim que não é agradável e é triste de pessoas que destroem, não preservam, não colaboram e um lado bom de várias outras pessoas que usam e aproveitam o ambiente. D	
6 - J. – No <u>dia do homem do cavalo</u>. (...) <u>a prefeitura foi, ela passou a máquina</u> (...) <u>Aí me sobe o homem com cavalo morto na carriola</u> (...) - "aonde você vai com esse cavalo?", e ele falou - "ah, <u>vou jogar ali</u>" (...) e <u>apontou pra praça</u>, o terreno já, não é? (...) aí eu <u>comecei a gritar</u>, e o povo ali, e mulherzinha da esquina começaram, a sair. Aí o homem, acho que ficou meio constrangido (...) o <u>homem voltou com o cavalo embora</u>, (...) <u>Quando vocês terminaram de fazer a tartaruga</u>, já era tarde da noite, não é? O Val Rai lá também, eu <u>achava que eles iam destruir aquelas coisas</u>, sabe? Pelo histórico deles, não é? E não... <u>Ficou intacto. Isso me o impressionou bastante também</u>, a força de vontade... (...) E vocês ali com todo o jeito de vocês, vocês fizeram todas as <u>arquiteturas</u>, tudo bem feito, muito bem trabalhado, as crianças participaram, <u>amassaram barro</u>, juntaram e tal, mas essencial o trabalho de vocês e, principalmente, <u>foi importante ver que não foi destruído</u>, não é? (...) Eu passei lá pra ver, foi logo que vocês <u>colocaram os brinquedos</u>. Eu mesma quando colocou pensei "iii", a gente tem esse preconceito, não é? Os <u>brinquedos muito bonitos, muito bem feitos</u>, falei - "hummm, <u>logo vão quebrar</u>...", o <u>histórico deles</u> é esse, gente! Aí você passa lá e eles tão lá brincando, os pontos de luz... (...) Eu não visualizava aquilo, eu <u>visualizava eles destruindo</u> as estacas lá, as arquiteturas, isso eu visualizava, tipo pelo histórico deles, entendeu? <u>Visualizava eles roubando fio</u>, não é? Então, eu acho que <u>o que me marcou bastante também assim, foi essa questão de eles estarem cuidando</u>, não é? De <u>estar tudo intacto, inteiro, eles estarem utilizando, isso é o que me deixa mais impressionada</u>...	(1ª ideia) O dia em que o homem subiu com um cavalo morto na carriola para jogar na praça. C (2ª ideia) Quando terminaram a tartaruga, as arquiteturas de barro, colocaram os brinquedos não quebraram, não destruíram, não roubaram fio. Ao invés disso, permaneceu tudo intacto, estavam cuidando, utilizando. Impressionou bastante. A	
7 – Jo. – Que por não ter conhecimento do <u>projeto de bio-arquitetura</u> foi uma coisa que me <u>chamou muito atenção</u>, porque eu sempre olhava assim as praças mas nunca tive prazer de participar, não é? De aqueles <u>brinquedos</u>	(1ª ideia) O projeto da bio-arquitetura chamou muito a atenção porque já gostava de brinquedos artesanais feitos de material rústico. Esperava que	

<u>feitos artesanal</u>, não é? (...) então <u>eu já via com muito apreço</u>, essas arte, não é? Que o pessoal fazia e os brinquedos com matéria... madeira, não é? <u>De material rústico</u>, não é? Isso é alguns projetos de bambu que já tinha visto, e então eu nunca tive nenhuma interação com isso, não é? (...) e essa daí é o destaque porque eu vejo que <u>essas esculturas estão lá, é muito proveitoso</u> e eu <u>esperava que até pudesse fazer mais</u>, não é? Ainda que <u>todas as praças pudessem ter mais daquela lá, (...) Então esse foi o ponto alto</u> lá que eu me lembre da construção, da praça e é um destaque que eu fazia assim que eu achei bastante proveitoso, não é?	fizessem mais e em outras praças. B	
8 - R. – Foram muitos momentos marcantes porque era, <u>cada dia era uma coisa diferente que acontecia nessa praça</u>. Mas eu acho que <u>o mais importante foi entender, ver, na verdade, a população passando pela praça e muitos deles se disponibilizando a ajudar no processo</u>, embora não tivesse, não fosse pessoas constantes sempre ajudando, mas mesmas pessoas, mas as pessoas que passavam, muitas delas paravam pra ajudar, <u>pra tentar entender, pra conversar</u>, não é? E <u>acabavam participando do processo também da maneira que podia</u>.	(1ª ideia) Ver a população passando pela praça e muitos deles se disponibilizando a ajudar no processo. Paravam para conversar, entender e acabavam participando da maneira que podiam. A	
9 – Re. – Muitos momentos. Muitos! Primeiro, de <u>me aproximar do Gugu, depois, da Eliane</u>. Então, foi assim, um começo de tudo, de <u>tirar os lixos e tudo como nós vamos iniciar isto?</u> Eu <u>aprendendo com é que nós vamos fazer com essa terra agora?</u> Que jeito que nós vamos fazer isso? <u>O que que é essa tal da bio-arquitetura?</u> Como é isso? <u>Como que isso vai durar?</u> De que jeito que nós vamos fazer? (...) <u>nós convivemos com alguns meninos que eles não viam a beleza na praça, não só nessa, nas outras... É onde eles destruíam</u>, onde eles... então estes meninos, aí nos <u>conversamos, e resolvemos trazer esses meninos pra nós ajudar, e foi a ideia mais brilhante que nós tivemos</u>. Uma das, não é? Que nós tivemos. Porque eles <u>acabaram ajudando</u> e eles, claro, que <u>eles não estragaram depois o que eles próprios ajudaram a construir</u>. E eles aprenderam isto, eles não só aprenderam que eles já faziam de coisas que eram pra estragar a própria natureza, a própria cidade, e <u>ali eles aprenderam o inverso, o que você pode contribuir?</u> De que jeito você pode fazer isto? Até <u>pra gente viver num mundo melhor, respirar melhor</u>.	(1ª ideia) Se aproximar do Gugu e da Eliane, aprender sobre a bio-arquitetura, tirar os lixos, iniciar tudo. B (2ª ideia) Quando conversamos e resolvemos trazer alguns meninos pra nos ajudar. Eles não viam a beleza na praça e destruíam. Foi uma ideia brilhante, acabaram ajudando e não estragaram depois o que eles próprios ajudaram a construir, aprenderam o inverso, como contribuir pra a gente viver num mundo melhor, respirar melhor. A	

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD2

A – A participação das pessoas.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. – O marcante foi quando nós estávamos fazendo uma parte da bioarquitetura e algumas crianças se interessaram e nos ajudaram a fazer, e também ficou marcante que tinha um garotinho que ia todos os dias ajudar a gente a fazer enquanto estávamos fazendo a bioarquitetura. E isso é muito importante no meu ponto de vista porque cria mais ainda aquele sentimento de identidade com o local, não é? Porque se a pessoa fez aquilo ela cria, tem um certo amor por aquilo, não é? Então ela tende a cuidar melhor porque ela sabe que aquilo também foi fruto esforço dela. 2 – B.A. – O mais marcante pra mim, na vivência, foi a reação das pessoas ao verem o resultado final e como que ficou depois da intervenção, acho que é o mais marcante, é o que mais fica na memória é como a gratidão das pessoas, como elas ficam felizes com o resultado. 3 – B.L. – O momento mais marcante pra mim foi as crianças vindo ajudar, não é? Durante o processo, tinha dois irmãozinhos, eu não lembro o nome deles, que vinha todo sábado ajudar a gente, que no dia da inauguração estavam cuidando da tartaruga para que ninguém estragasse, não é? Eu acho que isso foi muito mais marcante pra mim, e não só eles participarem, não é? Do processo todo, mas também de estarem cuidando para que ninguém estragasse o que eles tinham ajudado a construir. 4 – C. – Foi ver tudo acontecer e mesmo quando o projeto não estava pronto as pessoas começaram a utilizar mais quando os caminhos que foram concretados, e também a curiosidade das crianças, das pessoas que passavam para ver o que ia ser, o que ia acontecer, e também fazer parte, colocar a mão na massa, pisar na terra, todo mundo junto, foi muito bom. Assim, ver comprometimento deles com a praça e ver que é um projeto que ia dar certo, ia adicionar ao local. 6 – J - Quando vocês terminaram de fazer a tartaruga, já era tarde da noite, não é? O Val Rai lá também, eu achava que eles iam destruir aquelas coisas, sabe? Pelo histórico deles, não é? E não... Ficou intacto. Isso me o impressionou bastante também, a força de vontade... (...) E vocês ali com todo o jeito de vocês, vocês fizeram todas as arquiteturas, tudo bem feito, muito bem trabalhado, as crianças participaram, amassaram barro, juntaram e tal, mas essencial o trabalho de vocês e,	Acho que o mais importante foi ver a população passando pela praça e muitos deles se disponibilizando a ajudar, participando do processo também da maneira que podia. A curiosidade das crianças, colocar a mão na massa, pisar na terra, todo mundo junto, foi muito bom. Muitas das pessoas que passavam, paravam para tentar entender, para ver o que ia ser, o que ia acontecer, pra conversar e também fazer parte, não é? Ver o comprometimento deles com a praça e ver que é um projeto que ia dar certo, ia adicionar ao local. Quando os caminhos foram concretados, mas o projeto ainda não estava pronto, as pessoas começaram a utilizar também. Enquanto estávamos fazendo a bioarquitetura, tinham as crianças que vinham ajudar e no dia da inauguração estavam cuidando da tartaruga para que ninguém estragasse, não é? Então isso criou um sentimento de identidade com o local. Porque se a pessoa fez aquilo ela cria um certo amor por aquilo, não é? Eles não só participaram do processo todo, mas também estavam cuidando para que ninguém estragasse o que eles tinham ajudado a construir. Também convivemos com alguns meninos que eles não viam a beleza na praça, não só nessa, nas outras... É onde eles destruíam. Aí, nós conversamos, e resolvemos trazer esses meninos pra nos ajudar, e foi a ideia mais brilhante que nós tivemos. Porque eles acabaram ajudando e eles, claro, que eles não estragaram depois o que eles próprios ajudaram a construir. Eles já faziam coisas que eram pra estragar a própria natureza, a própria cidade, e ali eles aprenderam o inverso, o que você pode contribuir? De que jeito você pode fazer isto? Até pra gente viver num mundo melhor, respirar melhor. Quando vocês terminaram de fazer a tartaruga e o Val Rai também, já era tarde da noite. Eu achava que eles iam destruir aquelas coisas, sabe? Pelo histórico deles, não é? E não... Ficou intacto. Isso me impressionou bastante, a força de vontade... E vocês ali com todo o jeito de vocês, vocês fizeram todas as arquiteturas, as crianças participaram, amassaram barro, juntaram e tal. Depois colocaram os brinquedos muito bonitos e falei - "hummm, logo vão quebrar...". Aí você passa

<i>principalmente, foi importante ver que não foi destruído, não é? (...) Eu passei lá pra ver, foi logo que vocês colocaram os brinquedos. Eu mesma quando colocou pensei "iii", a gente tem esse preconceito, não é? Os brinquedos muito bonitos, muito bem feitos, falei - "hummm, logo vão quebrar...", o histórico deles é esse, gente! Aí você passa lá e eles tão lá brincando, os pontos de luz... (...) Eu não visualizava aquilo, eu visualizava eles destruindo as estacas lá, as arquiteturas, isso eu visualizava, tipo pelo histórico deles, entendeu? Visualizava eles roubando fio, não é? Então, eu acho que o que me marcou bastante também assim, foi essa questão de eles estarem cuidando, não é? De estar tudo intacto, inteiro, eles estarem utilizando, isso é o que me deixa mais impressionada...</i> <i>8 - R. – Foram muitos momentos marcantes porque era, cada dia, era uma coisa diferente que acontecia nessa praça. Mas eu acho que o mais importante foi entender, ver, na verdade, a população passando pela praça e muitos deles se disponibilizando a ajudar no processo, embora não tivesse, não fosse pessoas constantes sempre ajudando, mas mesmas pessoas, mas as pessoas que passavam, muitas delas paravam pra ajudar, pra tentar entender, pra conversar, não é? E acabavam participando do processo também da maneira que podia.</i> <i>9 - Re. – Nós convivemos com alguns meninos que eles não viam a beleza na praça, não só nessa, nas outras... É onde eles destruíam, onde eles... então estes meninos, aí nos conversamos, e resolvemos trazer esses meninos pra nós ajudar, e foi a ideia mais brilhante que nos tivemos. Uma das, não é? Que nós tivemos. Porque eles acabaram ajudando e eles, claro, que eles não estragaram depois o que eles próprios ajudaram a construir. E eles aprenderam isto, eles não só aprenderam que eles já faziam de coisas que eram pra estragar a própria natureza, a própria cidade, e ali eles aprenderam o inverso, o que você pode contribuir? De que jeito você pode fazer isto? Até pra gente viver num mundo melhor, respirar melhor.</i>	<i>lá e eles tão lá brincando. Então, eu acho que o que me marcou bastante também, foi essa questão de eles estarem cuidando, não é? De estar tudo intacto, inteiro, eles estarem utilizando, isso é o que me deixa mais impressionada...</i> <i>Fica na memória também, a reação das pessoas ao verem o resultado final, como que ficou depois da intervenção, a gratidão das pessoas, como elas ficam felizes com o resultado.</i>

IAD2

B – O contato com a bio-arquitetura.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<i>7 – Jo. – Que por não ter conhecimento do projeto de bio-arquitetura foi uma coisa que me chamou muito atenção, porque eu sempre olhava assim as praças mas nunca tive prazer de participar, não é? De aqueles brinquedos feitos artesanal, não é? (...) então eu já via com muito apreço, essas arte, não é? Que o pessoal fazia e os brinquedos com matéria... madeira, não é? De material rústico, não</i>	<i>O projeto de bio-arquitetura foi uma coisa que me chamou muito a atenção, porque eu já via com muito apreço, essas arte, aqueles brinquedos feitos artesanais, de material rústico, não é? Alguns projetos de bambu que já tinha visto, e então eu nunca tive nenhuma interação com isso, não é? Eu sempre olhava assim as praças, mas nunca tive prazer de participar.</i>

é? Isso é alguns projetos de bambu que já tinha visto, e então eu nunca tive nenhuma interação com isso, não é? (...) e essa daí é o destaque porque eu vejo que essas esculturas estão lá, é muito proveitoso e eu esperava que até pudesse fazer mais, não é? Ainda que todas as praças pudessem ter mais daquela lá, (...) Então esse foi o ponto alto lá que eu me lembro da construção, da praça e é um destaque que eu fazia assim que eu achei bastante proveitoso, não é? 9 – Re. – Muitos momentos. Muitos! Primeiro, de me aproximar do G., depois, da E.. Então, foi assim, um começo de tudo, de tirar os lixos e tudo como nós vamos iniciar isto? Eu aprendendo com é que nós vamos fazer com essa terra agora? Que jeito que nós vamos fazer isso? O que que é essa tal da bio-arquitetura? Como é isso? Como que isso vai durar? De que jeito que nós vamos fazer?	Então, foi assim, um começo de tudo. Me aproximar dos bio-arquitetos. Eu aprendendo como é que nós vamos fazer com essa terra agora? Que jeito que nós vamos fazer isso? O que que é essa tal da bio-arquitetura? Como é isso? Como que isso vai durar? De que jeito que nós vamos fazer? E essa daí é o destaque porque eu vejo que essas esculturas estão lá e eu esperava que até pudesse fazer mais, não é? Ainda que todas as praças pudessem ter mais daquela lá.

IAD2

C – O dia em que o homem subiu com um cavalo morto na carriola para jogar na praça.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
6 - J. – No dia do homem do cavalo. (...) a prefeitura foi, ela passou a máquina (...) Aí me sobe o homem com cavalo morto na carriola (...) - "aonde você vai com esse cavalo?", e ele falou - "ah, vou jogar ali" (...) e apontou pra praça, o terreno já, não é? (...) aí eu comecei a gritar, e o povo ali, e a mulherzinha da esquina começaram a sair. Aí o homem, acho que ficou meio constrangido (...) o homem voltou com o cavalo embora.	A prefeitura foi e passou a máquina. Aí me sobe o homem com cavalo morto na carriola e eu perguntei - "aonde você vai com esse cavalo?", e ele falou - "ah, vou jogar ali", e apontou pra praça, o terreno já, não é? Eu comecei a gritar, e o povo ali, a mulherzinha da esquina começaram a sair e o homem ficou meio constrangido e voltou com o cavalo embora.

IAD2

D – Tem um lado ruim de pessoas que destroem, não colaboram e um lado bom de pessoas que usam e aproveitam o ambiente.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
5 – E. – O que deixa marcado não é agradável, algumas pessoas que destroem, não é? Tudo aquilo que a gente ao longo do tempo faz... Então o que marca é isso aí, as pessoas não preserva, tá? (...) não ter colaboração do próximo, tá? Que só quer destruir, não é? E a gente fica triste com isso, mas por outro lado a gente vê várias outras pessoas que usam, não é? Que aproveitam o ambiente, lugar, não é? É isso aí, tem o lado bom e o lado ruim, não é?	O que deixa marcado não é agradável, algumas pessoas que destroem, não é? Tudo aquilo que a gente ao longo do tempo faz... Então o que marca é isso aí, as pessoas não preserva, tá? Não ter colaboração do próximo, tá? Que só quer destruir, não é? E a gente fica triste com isso, mas por outro lado a gente vê várias outras pessoas que usam, não é? Que aproveitam o ambiente, lugar, não é? É isso aí, tem o lado bom e o lado ruim, não é?

DSC – CEISA

Pergunta 1: De que vivência(s) você participou? Que atividade(s) realizou? Descreva, por favor, o que aprendeu e/ ou ensinou.

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
1 - T. - Eu <u>participei do projeto</u> , não é? E depois da construção do Projeto Apoená-Zaré que foi um <u>tanque de areia</u> de quatro por quatro em <u>calfitice</u> e depois <u>uma casa redonda</u> , não é? De <u>ferrocimento</u> . Foi muito interessante, nós <u>aprendemos essas duas técnicas</u> , não é? (...) O que eu aprendi bastante assim é a questão do <u>compartilhamento</u> , não é? <u>Da aprendizagem em conjunto</u> ali.	(1ª ideia) Participou do projeto, da vivência da casa redonda (casa azul), do tanque de areia. A (2ª ideia) Aprendeu duas técnicas (calfitice e ferrocimento). B (3ª ideia) Aprendeu a questão do compartilhamento e aprendizagem em conjunto. C	
2 - Je. - Eu lembro que a gente construiu tanto <u>o tanque de areia</u> , não é? E a <u>casa azul</u> . (...) eu lembro que a gente <u>fez uma equipe na época onde a gente se juntou que tinha o mesmo objetivo, que era construir esse tanque de areia com uma outra paisagem</u> . (...) E já na casa azul que foi meio oval, não é? Que a gente fez, eu lembro que foi um pouquinho mais difícil porque tinha que pôr uma tela, o outro tinha que colocar, não é? Então <u>precisava um do outro na construção</u> (...) Eu lembro que nós utilizamos também alguns pires que reflete a luz do sol, não é?	(1ª ideia) Participou das vivências do tanque de areia e da casa azul. A (2ª ideia) Formou-se uma equipe na qual um precisava do outro com o mesmo objetivo de construir o tanque de areia com uma outra paisagem. C (3ª ideia) Utilizou pires na construção para refletir a luz do sol. B	
3 - Ja. - Eu participei das duas construções, tanto a <u>casa azul quanto o tanque de areia</u> . (...) eu participei de todo o <u>processo, tanto o manual, a hora de enrolar</u> . (...) Eu lembro que chegou um momento também que a gente precisou <u>bater um pouco de massa, carregar areia, fazer uns rolinhos</u> . Do processo de que eu achei mais desafiador, não é? De <u>colar com o barro, de passar a massinha, colar</u> . Eu participei de tudo, de tudo, até das coisas que vocês foram orientando, do <u>porquê dos materiais serem utilizados</u> (...) não cheguei ensinar, mas <u>compartilhava de todo o processo, para as pessoas da minha casa</u> . Como eu falei, para <u>aqueles que vem visitar, a gente fala</u> , não é? <u>Da construção</u>	(1ª ideia) Participou das vivências do tanque de areia e da casa azul. A (2ª ideia) Participou de todo o processo: bater massa, carregar areia, fazer uns rolinhos, colar com barro, passar a massinha, o porquê dos materiais serem utilizados. B (3ª ideia) Compartilhava todo o processo com as pessoas da sua casa e para as pessoas que vão visitar, fala da construção sustentável.	

<u>sustentável</u> e fazemos questão de levar.	C	
4 – R. - Eu participei mais foi da <u>casa azul</u> , não é? Eu lembro que nós <u>montamos uma mesa comprida</u> , não é? Enorme, não é? (...) Assim aquela união <u>todo mundo ali mexendo na massa</u> , não é? Eu não lembro direito, eu lembro que era <u>uma massa que parecia uma argamassa que tinha uns “coisinhos” pra colocar pra dar liga</u> , (...) e depois que a <u>massa estava pronta ia tudo em equipe</u> , não é? Pra <u>erguer a parede</u> .	(1ª ideia) Participou da vivência da casa azul. A (2ª ideia) Montaram uma mesa comprida na qual todo mundo mexia na massa que tinha uns “coisinhos” pra dar liga. Quando massa ficava pronta, todos foram erguendo a parede em equipe. B	
5 - C. - Eu participei das duas, primeiro da <u>construção do tanque de areia</u> , não é? E depois <u>da casa azul</u> . E as atividades que eu realizei foram as duas, desde <u>convidar os pais para participarem, movimentar as meninas também</u> , não é? Por estar a frente da escola então você acaba tendo essa interação com público de chamar mesmo pra fazer e de participar ativamente (...) e até o <u>contato com os fornecedores, serralheiros</u> também, não é? (...) <u>Apreendi como fazia</u> , não lembro muito bem mas eu lembro de alguns detalhes, e da <u>importância da bioconstrução, quanta coisa quedá para fazer com coisas naturais</u> assim, não é? <u>Não precisa de muito</u> , e passar isso para os pais, não é?	(1ª ideia) Participou das vivências do tanque de areia e da casa azul. Convidou pais, professoras e fez contato com os fornecedores e serralheiros. A (2ª ideia) Aprendeu como faziam as técnicas construtivas e a importância da bioconstrução em relação a quanta coisa que é possível fazer com coisas naturais, não se precisando de muito. B	
6 - S. – Então, a vivência foi, não é? A <u>casa azul</u> . Nós <u>ajudamos a fazer, a amassar</u> , não é? A <u>fazer massa, ajudamos a colocar, fazer mesmo a casa</u> , não é? E foi isso daí...	(1ª ideia) Participou das vivências da casa azul. A (2ª ideia) Ajudou fazer a casa, a amassar, a fazer massa, a colocar. B	
7 - Sa. – Eu participei das duas atividades, <u>da casinha de boneca, do tanque de areia</u> . <u>Apreendi a fazer a massa, colocar liga, colocar aquele “algodãozinho”, cimento</u> , que ia. Aprendemos <u>enrolar a massa no saco pra poder enrolar em volta do arame</u> , (...) depois <u>colocamos os pratinhos</u> .	(1ª ideia) Participou das vivências do tanque de areia e da casa azul. A (2ª ideia) Aprendeu a fazer a massa, colocar liga, colocar aquele algodãozinho, cimento, enrolar a massa no saco pra enrolar em volta do arame e colocar os pratinhos. B	
8 – F. – Participei das duas, <u>do tanque de areia e da casinha de boneca</u> , e... Ah, a gente aprendeu muita coisa lá porque nunca imaginei pegar, <u>fazer massa, enrolar naqueles sacos feitos pra carregar cebola</u> , eu nunca imaginei, é... <u>Colocar liga no meio da massa</u> , nunca passou isso na minha cabeça também, de <u>ter colocado a liga no meio da massa</u> , é... <u>Colocar os pratinhos</u> .	(1ª ideia) Participou das vivências do tanque de areia e da casa azul. A (2ª ideia) Aprendeu a fazer a massa, enrolar sacos de cebola, colocar liga no meio da massa e colocar os pratinhos. B	

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD2

A – Participou das vivências da casa azul e tanque de areia.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 - T. - <i>Eu participei do projeto, não é? E depois da construção do Projeto Apoena-Zarê que foi um tanque de areia de quatro por quatro em calfitice e depois uma casa redonda, não é?</i> 2 - Je. - <i>Eu lembro que a gente construiu tanto o tanque de areia, não é? E a casa azul.</i> 3 – Ja. - <i>Eu participei das duas construções, tanto a casa azul quanto o tanque de areia.</i> 4 – R. - <i>Eu participei mais foi da casa azul, não é?</i> 5 - C. - <i>Eu participei das duas, primeiro da construção do tanque de areia, não é? E depois da casa azul. (...) convidar os pais para participarem, movimentar as meninas também, não é? (...) e até o contato com os fornecedores, serralheiros também, não é?</i> 6 - S. – <i>Então, a vivência foi, não é? A casa azul.</i> 7 - Sa. – <i>Eu participei das duas atividades, da casinha de boneca, do tanque de areia.</i> 8 – F. – <i>Participei das duas, do tanque de areia e da casinha de boneca.</i>	<i>Eu participei do projeto, não é? <u>E</u> das duas construções do Projeto Apoena-Zarê que foi primeiro um tanque de areia de quatro por quatro em calfitice e depois uma casa redonda (casa azul) de ferrocimento. Convidei também os pais para participarem, movimente as meninas, não é? E até fiz o contato com os fornecedores, serralheiros também, não é?</i>

IAD2

B – Aprendeu as técnicas e importância da bioconstrução.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 - T. - <i>nós aprendemos essas duas técnicas, não é?</i> 2 – Je - <i>Eu lembro que nós utilizamos também alguns pires que reflete a luz do sol, não é?</i> 3 – Ja. – <i>participei de todo o processo, tanto o manual, a hora de enrolar, (...) chegou um momento também que a gente precisou bater um pouco de massa, carregar areia, fazer uns rolinhos. (...) De colar com o barro, de passar a massinha, colar. Eu participei (...) das coisas que vocês foram orientando, do porquê dos materiais serem utilizados.</i> 4 – R. - <i>montamos uma mesa comprida, não é? Enorme, não é? (...) Assim aquela união todo mundo ali mexendo na massa, não é? (...) eu lembro que era uma massa que parecia uma argamassa que tinha uns “coisinhos” pra colocar pra dar liga, (...) e depois que a massa estava pronta ia tudo em equipe, não é? Pra erguer a parede.</i>	<i>Nós aprendemos essas duas técnicas, não é? Montamos uma mesa comprida, não é? Enorme, não é? Participei de todo o processo, tanto o manual, a hora de enrolar, bater um pouco de massa, amassar, carregar areia, colocamos os pratinhos, enrolar naqueles sacos feitos pra carregar cebola, eu nunca imaginei, enrolar em volta do arame, fazer uns rolinhos, de colar com o barro, de passar a massinha, fazer mesmo a casa. Assim, aquela união, todo mundo ali mexendo na massa, não é? Eu lembro que era uma massa que parecia uma argamassa que tinha uns “coisinhos”, “algodãozinho”, pra colocar pra dar liga e depois que a massa estava pronta ia tudo em equipe, não é? Pra erguer a parede.</i> <i>Também participei das coisas que vocês foram orientando, do porquê dos materiais serem utilizados. Lembro de alguns detalhes, e da importância da bioconstrução, quanta coisa que dá para fazer com coisas naturais assim, não é?</i>

5 - C. - <i>Aprendi como fazia, (...) lembro de alguns detalhes, e da importância da bioconstrução, quanta coisa que dá para fazer com coisas naturais assim, não é? Não precisa de muito.</i> 6 - S. - <i>ajudamos a fazer, a amassar, não é? A fazer massa, ajudamos a colocar, fazer mesmo a casa.</i> 7 - Sa. - <i>Aprendi a fazer a massa, colocar liga, colocar aquele “algodãozinho”, cimento, que ia. Aprendemos enrolar a massa no saco pra poder enrolar em volta do arame, (...) depois colocamos os pratinhos.</i> 8 - F. - <i>a gente aprendeu muita coisa lá porque nunca imaginei pegar, fazer massa, enrolar naqueles sacos feitos pra carregar cebola, eu nunca imaginei, é... Colocar liga no meio da massa, nunca passou isso na minha cabeça também, de ter colocado à liga no meio da massa, é... Colocar os pratinhos.</i>	<i>Não precisa de muito. Um exemplo, é que nós utilizamos também alguns pires que reflete a luz do sol, não é?</i>

IAD2

C – Formou-se uma equipe que tinha o objetivo de construir o tanque de areia havendo um aprendizado em conjunto e o compartilhamento.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 - T. - <i>O que eu aprendi bastante assim é a questão do compartilhamento, não é? Da aprendizagem em conjunto ali.</i> 2 - Je. - <i>eu lembro que a gente fez uma equipe na épocaondea gente se juntou que tinha o mesmo objetivo, que era construir esse tanque de areia com uma outra paisagem. (...) Então precisava um do outro na construção.</i> 3 - Ja. - <i>compartilhava de todo o processo, para as pessoas da minha casa. Como eu falei, para aqueles que vem visitar, a gente fala, não é? Da construção sustentável e fazemos questão de levar.</i>	<i>A gente fez uma equipe na épocaondea gente se juntou que tinha o mesmo objetivo, que era construir esse tanque de areia com uma outra paisagem. O que eu aprendi bastante é a questão do compartilhamento, não é? Da aprendizagem em conjunto ali. Compartilhava de todo o processo, para as pessoas da minha casa. Como eu falei, para aqueles que vem visitar, a gente fala, não é? Da construção sustentável.</i>

DSC - CEISA

Pergunta 2: O que você achou da experiência / vivência? Trouxe alguma reflexão? Qual?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
1 - T. – (...) a segunda delas (técnica do ferrocimento) a gente até chegou num senso crítico que <u>não era tão ecológica como a gente gostaria que tivesse sido</u>, não é? Usou muito cimento. (...) foi <u>algo super rico essa troca</u> essa possibilidade de <u>construção coletiva</u>, não é? De <u>trocadas de experiências</u>, enfim, <u>num ambiente colaborativo</u>, não é? Foi bem nesse sentido assim, teve o <u>conhecimento técnico agregado ao interpessoal</u>, não é? (...) existe a possibilidade de você <u>se capacitar tecnicamente e isso ser exercido de forma colaborativa</u>, de forma conjunta, não é? E foi a principal mudança, assim, que eu senti, não é? A <u>energia do ambiente é outra</u>, não é? Quando você coloca a participação, coletivo, não é? Então <u>foi muito bom</u>. (...) <u>nem sempre a gente consegue fazer diferente, não é? Por comodidade, por correria, não é? Por falta de disponibilidade de exercer de novo essa ação coletiva por que não é todo mundo que ainda está disposto, não é?</u> (...) Foi realmente uma <u>vivência de muita aprendizagem, muita, todas me marcaram sabe, o envolvimento a falta de envolvimento</u>, assim todas as possibilidades e <u>as dificuldades</u> que nós enfrentamos. Foi <u>bem marcante</u> para mim, eu <u>viveria tudo novamente com certeza</u>.	(1ª ideia) A técnica de ferrocimento não é tão ecológica como gostariam que tivesse sido por usar muito cimento. A (2ª ideia) Achou que a experiência da vivência foi muito boa, uma troca super rica, muita aprendizagem, envolvimento, falta de envolvimento, dificuldades e bem marcante. Viveria tudo novamente, com certeza B (3ª ideia) A energia do ambiente muda através da troca de experiências, construção/trabalho coletivo, participativo, colaborativo. C (4ª ideia) Nem sempre é possível fazer esse tipo de atividade diferente do usual seja por comodidade, correria, falta de disponibilidade e até por que não é todo mundo que está disposto. D	As vivências abordam o conhecimento técnico agregado ao interpessoal. C
2 - Je. - Eu lembro que no tanque de areia tem, acho que, as fases da lua, não é? <u>Tem as fases da lua por onde entra o sol para ficar, não é? Com esse ambiente acolhedor que o sol traz, não é? Esse aquecimento</u>. (...) E já na casa azul (...) <u>precisava um do outro na construção, não tinha como fazer sozinho</u>, não é? Tanto que as <u>crianças deram o nome de casa azul</u> porque a gente pintou de azul. (...) <u>Foi muito legal, assim, participar</u> (...) que a gente tinha o mesmo <u>objetivo que era ter um espaço diferente</u>, não é? Onde <u>todos podiam participar</u> nessa construção. (...) <u>a experiência foi maravilhosa</u>. De poder <u>participar de uma construção que vai ficar para sempre</u>, não é? <u>A qualquer momento eu posso vir, posso ver</u>	(1ª ideia) No tanque de areia tem as fases da lua por onde entra o sol que traz um aquecimento e torna o ambiente acolhedor. E (2ª ideia) Todos podiam participar, tinham o mesmo objetivo que era ter um espaço diferente para as crianças, mesmo que não soubessem como ia ficar, estavam todos envolvidos, não tinha como fazer sozinho, precisavam um do outro na construção. C (3ª ideia) Foram as crianças que	

porque foi construído por nós mesmo, não é? E foi assim, <u>uma experiência mesmo de acolhimento, de busca</u>, não é? Que a gente precisava um do outro para que aquilo fosse, não é? Construído, <u>mesmo que nós não soubéssemos</u>, não é? A fundo mesmo <u>como iria ficar</u> mas a gente estava <u>todo mundo envolvido</u>, então, assim, a gente queria fazer <u>algo diferente para as crianças</u>, não é? E aí, <u>tinha essa oportunidade</u>. Eu acho que ficou bem isso, assim, para mim, essa experiência, não é? <u>De construir algo que vai ficar para sempre</u>, não é? <u>É como plantar uma árvore</u>, não é? <u>Vai mudar totalmente o ambiente e vai ficar ali para sempre assim</u>. (...) <u>Não consigo hoje imaginar a escola sem aquele pedaço</u>, não é? A Casa Azul, o Tanque de areia, a parede pintada, <u>ficou um ambiente totalmente divertido, assim, ficou muito bom</u>. (...) Eu lembro que <u>ainda pintou a parede lá do fundo</u>, não é? Tinha os <u>desenhos que as crianças amam</u> aqueles desenhos. Então, assim, <u>tem um outro ambiente</u>, não é?	deram o nome de casa azul para o espaço construído. E (4ª ideia) Foi muito legal participar, foi uma experiência maravilhosa, de acolhimento, de busca, uma oportunidade. B (5ª ideia) A experiência de construir algo assim é como plantar uma árvore que muda totalmente o ambiente e fica ali para sempre podendo ser visitada a qualquer momento. A (6ª ideia) Foi pintada a parede do fundo com desenhos que as crianças amam. Não imagina a escola sem aquele ambiente, ficou divertido e muito bom. E	
3 – Ja. - Acho que <u>valorizar</u>, não é? <u>Tudo que é natural</u> mesmo, não é? No dia-a-dia realmente <u>reaproveitar do que a gente tem</u>, não é? Na questão assim de... até material, assim, não é? Esse <u>acúmulo de coisas</u> que a gente tem. (...) Então, <u>houve essa dedicação de empenhar</u>, como eu falei, <u>foi desafiador</u>, então, se você não tivesse em <u>contato com você mesmo</u> de, não, <u>eu vou conseguir, nós vamos conseguir</u> talvez não teria saído esse resultado, não é? (...) Que foi assim <u>grandioso, se tivesse mais dez construções assim eu participaria, porque é conexão com você mesmo</u>, não é? <u>E a matéria</u>, não é? <u>De você mexer, de você sentir</u>. Com <u>certeza todos os nossos sentimentos foram trabalhados ali, naquele momento, foi significativo</u>. (...) a gente se <u>apega tanto as coisas do que já é comum</u>, não é? E tem tantas <u>outras ideias sustentáveis</u> que nós poderíamos utilizar mais. Porque às vezes a gente <u>vai pro que é mais fácil</u>, não é? O que é <u>mais cômodo</u>, mas a ideia, assim, é sensorial, e talvez falta ainda, não é? Poxa, a gente passou por tudo isso e <u>precisa exercitar mais isso</u>, não é? (...) os pequenos, assim, que chegam na escola, <u>o ambiente que eles vão, que eles se sentem acolhidos é na areia</u>. Imagine com essa estrutura, não é? Que se que ficou e a gente até fala do tanque de areia, a gente fala que são as fases da lua então, as vezes, as crianças sentam e ficam olhando, não é? Por eles mesmos, tem crianças que já descobre o desenho. Então, <u>é muito rico</u> (...) Eu acho que <u>as crianças acabam vivenciando o que</u>	(1ª ideia) Passou a valorizar tudo que é natural, aproveitar o material que se tem e questionar o acúmulo de coisas. Apega-se as coisas que são mais comuns, mais fácil, mais cômodo, tendo tantas outras ideias sustentáveis concluindo que precisa exercitar mais isso. A (2ª ideia) Houve dedicação e empenho, conexão consigo mesmo, mexer e sentir a matéria todos os sentimentos foram trabalhados ali, naquele momento. C (3ª ideia) O sentimento que ficou foi grandioso, foi desafiador, foi significativo, muito rico, muito lindo. Se tivesse mais dez construções assim, participaria. B (5ª ideia) Acha que as crianças acabam vivenciando o que foi vivenciado ali, o contato consigo mesmo, utilizando a terra e sentindo essa energia dos materiais utilizados e energia que foram depositadas ali. É o espaço que as crianças mais gostam. O ambiente que elas	

<u>nós vivenciamos</u>, não é? De ter em <u>contato consigo mesmo</u>, <u>utilizando a terra</u> e já sentindo essa <u>energia dos materiais</u> que foram utilizados e <u>das energias que foram depositadas</u> ali, não é? Bem gostoso, <u>é o espaço que eles mais gostam</u>. (...) Acho que, tudo isso que foi depositado durante, não é? Esse fazer, está agora, não é? Está ali. Essa energia está ali. <u>Muito lindo!</u>	vão, que se sentem acolhidos é na areia. E	
4 – R. - Era <u>uma delícia</u>, porque <u>todo mundo ali, um conversava, um brincava</u>, não é? Então <u>foi muito gostoso</u> (...) <u>muito bom</u>. Foi uma <u>experiência diferente</u>, não é? Do que você <u>está habituada a fazer</u>, então eu acho que é uma experiência assim, muito gostosa, muito bom (...) o espaço do tanque de areia geralmente, é um <u>tanque de areia normal</u>, não é? E ali não, ali são <u>dois espaços diferentes</u>, não é? Então o dia que está mais <u>friozinho</u> a gente vai pra <u>casa azul que é mais aconchegante</u>, as crianças brincam ali, eles fazem castelo, fazem de tudo ali, e o dia que está aquele <u>solzinho</u> mais gostoso a gente <u>vai pro outro espaço que é mais aberto</u>, né? E ali também, ali eles criam.	(1ª ideia) Era uma delícia, muito gostoso, uma experiência diferente do que estava habituada a fazer. Foi muito bom porque estava todo mundo ali conversando e brincando. B (2ª ideia) São dois espaços de tanque de areia diferentes onde as crianças brincam, criam, fazem castelo. A casa azul que é mais aconchegante utilizada em dias mais frios e o outro espaço, mais aberto, em dias de mais sol. E	
5 - C. - Que eu acho que foi mais importante para mim para <u>que as famílias também possam reproduzir isso em casa</u>, não é? Porque é oportunidade que eles têm de <u>criar seja na própria casa ou qualquer outro tipo de estrutura sem precisar de tantos materiais</u>, não é? (...) <u>foi maravilhoso e divertido</u> porque a gente dava bastante risada, não é? Foi uma <u>interação de equipe</u> acho que isso também é bem legal pontuar porque <u>quem estava ali precisava da ajuda do outro</u>, (...) essa <u>interação em equipe</u> eu acho que <u>foi fundamental</u>, que aí <u>todos que participavam tinham que estar ligado</u>, não é? Isso foi bem legal, trouxe essa reflexão do <u>trabalho em equipe</u> e também da própria <u>bioconstrução de saber que com poucos materiais a gente consegue fazer estruturas grandiosas, sustentáveis e que podem contribuir com o meio ambiente com as próprias pessoas que utilizam dele</u>.	(1ª ideia) Observa a importância das vivências para as famílias podem reproduzir as técnicas em casa sem precisar de tantos materiais. A (2ª ideia) Foi maravilhoso e divertido B (3ª ideia) Houve uma interação de equipe que foi fundamental porque quem estava ali precisava da ajuda do outro. C (4ª ideia) Reflexão sobre a bioconstrução que possibilita construir estruturas grandiosas com poucos materiais, sustentáveis contribuindo com o meio ambiente e com as pessoas que utilizam dele. A	
6 - S. - Foi <u>muito bom</u>, não é? A gente acaba tendo experiências, não é? Foi assim mais pela <u>união</u> mesmo, não é? <u>Do momento</u>, não é? A gente estando <u>ali junto, rir juntos, brincar</u>, não é? É <u>muito gratificante a gente poder participar</u>. (...) Sempre está <u>buscando junto</u>, não é? E <u>aprendendo um com o outro</u>, não é? A gente precisa mesmo, não é? <u>Sozinha a gente não consegue nada</u>, não é?	(1ª ideia) Foi muito bom, muito gratificante a gente poder participar, muito prazeroso, principalmente para as crianças. B (2ª ideia) No momento da vivência, houve união, estando juntos, rindo, brincando,	Sozinha não se consegue nada. C

(...) <u>A gente vê eles (crianças) brincando lá, não é? Eles <i>vivenciando mesmo</i>, não é? Nos momentos quando eles brincam, <i>quando está mais friozinho eles gostam de ficar ali dentro</i>, não é? E a gente <i>passa aqui para almoçar e ver</i>, não é? Que <i>aquilo foi construído</i>, não é? <i>Com a nossa ajuda</i>, não é? É muito bom, sabe? É <i>muito prazeroso isso tudo, principalmente para as crianças</i>, não é?</u>	buscando, aprendendo um com o outro. C (3ª ideia) É muito bom passar por ali para almoçar e ver as crianças brincando, vivenciando no espaço que foi construído com a sua ajuda. E	
7 - Sa. - Achei que <u><i>nunca ia dar certo aquilo lá</i></u>, mas deu, encaixou. Aprendi isso, depois <u><i>colocamos os pratinhos</i></u> que eu também <u><i>achei que não ia ficar parado, mas ficou fixado</i></u>. (...) Eu <u><i>achei muito boa à experiência de ter aprendido</i></u> porque é <u><i>algo novo</i></u> assim que a gente nunca ia imaginar que a gente ia aprender a fazer isso, não é? <u><i>E a vivência com todos os colegas que a gente estava ali juntos, foi uma ótima coisa</i></u>, assim, que estava fazendo, porque eu não fazia nada, <u><i>só levava meus filhos pra creche</i></u> e deixava lá. <u><i>Ficava em casa, não fazia nada, e eu estava andando muito estressada, isso aí me desestressou bastante</i></u>, muito bom, <u><i>se eu pudesse fazia tudo de novo</i></u>. (...) <u><i>eu gostei muito</i></u>. Legal!	(1ª ideia) Colocou os pratinhos achando que não ia dar certo, que não ia ficar parado, mas ficou fixado. B (2ª ideia) Achou muito boa à experiência de ter aprendido algo novo, gostou muito, se pudesse faria tudo de novo. B (3ª ideia) Foi ótimo estar na vivência com todos os colegas, ali juntos. C (4ª ideia) Ajudou a aliviar o estresse que estava passando, mudando a rotina de só levar os filhos para a creche e ficar em casa. F	
8 - F. - essas coisas, <u><i>nunca imaginei mesmo, nem passava na minha cabeça, aprendemos muito lá, nunca sonhei de fazer aqueles negócios, diferente mesmo</i></u>, foi bom, <u><i>foi bom demais!</i></u> (...) <u><i>achei o máximo!</i></u> Trouxe sim, porque <u><i>igual uma terapia, igual tipo lá em casa, às vezes, a gente tá nervoso, não tem o que fazer, pra mim serviu como uma terapia porque eu fazia meu serviço correndo pra poder ir lá</i></u> (...) <u><i>Adorei!</i></u> Eu adorei mesmo! <u><i>Fazer as minhas coisas lá e servir como terapia</i></u>, porque quando eu estava lá fazendo aquele trabalho todo com vocês eu <u><i>ficava mais calma, ficava mais fixada lá no serviço, aprendendo as coisas que vocês passavam pra gente mesmo, foi bom</i></u>. (...) <u><i>Foi muito legal, foi muito bom</i></u>, por causa que pra mim <u><i>aqueles pratinhos mesmo não servia pra nada, as vezes a gente tem um, a gente joga</i></u>, “Ah! Não serve pra nada”, <u><i>mas pra vocês serve muita coisa</i></u>, não é? <u><i>Vocês fazer o trabalho todo, ficou iluminado em volta, ficou muito bom</i></u>, gostei sim.	(1ª ideia) Nunca sonhou fazer negócios tão diferentes assim, nem imaginava aprender tanta coisa lá. B (2ª ideia) Achou o máximo, bom demais, adorou, muito legal, ficou muito bom. B (3ª ideia) Serviu como terapia, porque, às vezes, ficava nervosa em casa, por não ter o que fazer e, quando estava participando das vivências, ficava mais calma, mais fixada no aprendizado das coisas que eram ensinadas lá. F (4ª ideia) Reflexão sobre os pratinhos que pareciam não servir pra nada, sendo jogados fora, as vezes, sendo utilizados para dar iluminação e fazer todo o trabalho. A	

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD2

A - As vivências de bioconstrução e aprendizado de técnicas construtivas causaram uma reflexão sobre uso dos materiais utilizados na construção.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – T. - A segunda delas (técnica do ferrocimento) a gente até chegou num senso crítico que não era tão ecológica como a gente gostaria que tivesse sido, não é? Usou muito cimento. 2 – Je. - De construir algo que vai ficar para sempre, não é? É como plantar uma árvore, não é? Vai mudar totalmente o ambiente e vai ficar ali para sempre assim. 3 – Já. - Acho que valorizar, não é? Tudo que é natural mesmo, não é? No dia-a-dia realmente reaproveitar do que a gente tem, não é? Na questão assim de... até material, assim, não é? Esse acúmulo de coisas que a gente tem. (...) a gente se apega tanto as coisas do que já é comum, não é? E tem tantas outras ideias sustentáveis que nós poderíamos utilizar mais. Porque às vezes a gente vai pro que é mais fácil, não é? O que é mais cômodo, mas a ideia, assim, é sensacional, e talvez falta ainda, não é? Poxa, a gente passou por tudo isso e precisa exercitar mais isso, não é? 5 – C. - Que eu acho que foi mais importante para mim para que as famílias também possam reproduzir isso em casa, não é? Porque é oportunidade que eles têm de criar seja na própria casa ou qualquer outro tipo de estrutura sem precisar de tantos materiais, não é? (...) Isso foi bem legal, trouxe essa reflexão do trabalho em equipe e também da própria bioconstrução de saber que com poucos materiais a gente consegue fazer estruturas grandiosas, sustentáveis e que podem contribuir com o meio ambiente com as próprias pessoas que utilizam dele. 8 – F. - Foi muito legal, foi muito bom, por causa que pra mim aqueles pratinhos mesmo não servia pra nada, às vezes a gente tem um, a gente joga, "Ah! Não serve pra nada", mas pra vocês serve muita coisa, não é? Vocês fazer o trabalho todo, ficou iluminado em volta, ficou muito bom, gostei sim.	Foi bem legal, trouxe essa reflexão do trabalho em equipe e também da própria bioconstrução de saber que com poucos materiais a gente consegue fazer estruturas grandiosas, sustentáveis e que podem contribuir com o meio ambiente com as próprias pessoas que utilizam dele. De construir algo que vai ficar para sempre, não é? É como plantar uma árvore, não é? Vai mudar totalmente o ambiente e vai ficar ali para sempre assim. E valorizar tudo que é natural mesmo, não é? No dia-a-dia realmente reaproveitar do que a gente tem na questão assim de material, acúmulo de coisas que a gente tem. A gente se apega tanto as coisas do que já é comum e tem tantas outras ideias sustentáveis que nós poderíamos utilizar mais. Por exemplo, pra mim, aqueles pratinhos mesmo não serviam pra nada, às vezes a gente tem um, a gente joga, mas serve pra muita coisa, não é? Pra fazer o trabalho todo, ficou iluminado, ficou muito bom. Às vezes a gente vai pro que é mais fácil, o que é mais cômodo, mas a ideia, assim, é sensacional, e talvez falta ainda, não é? Poxa, a gente passou por tudo isso e precisa exercitar mais isso, não é? A segunda delas (técnica do ferrocimento) a gente até chegou num senso crítico que não era tão ecológica como a gente gostaria que tivesse sido, não é? Usou muito cimento. Acho que foi mais importante que as famílias também possam reproduzir isso em casa, não é? Porque é uma oportunidade que eles têm de criar seja na própria casa ou qualquer outro tipo de estrutura sem precisar de tantos materiais, não é?

IAD2

B - As vivências de bioconstrução trouxeram aprendizado, desafios e alegrias.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – T. – Foi algo super rico essa troca (...) Então foi muito bom. (...) Foi realmente uma vivência de muita aprendizagem, muita, todas me marcaram sabe? O envolvimento, a falta de envolvimento, assim todas as possibilidades e as dificuldades que nós enfrentamos. Foi bem marcante para mim, eu viveria tudo novamente com certeza. 2 – Je. – Foi muito legal, assim, participar (...) a experiência foi maravilhosa. (...) E foi assim, uma experiência mesmo de acolhimento, de busca, não é? (...) fazer algo diferente para as crianças, não é? E aí, tinha essa oportunidade. 3 – Ja. – foi desafiador (...) Que foi assim grandioso, se tivesse mais dez construções assim eu participaria (...) Com certeza todos os nossos sentimentos foram trabalhados ali, naquele momento, foi significativo.(...) tem crianças que já descobre o desenho. Então, é muito rico. (...) Essa energia está ali. Muito lindo! 4 – R. - uma delícia, porque todo mundo ali, um conversava, um brincava, não é? Então foi muito gostoso (...) muito bom. Foi uma experiência diferente, não é? Do que você está habituada a fazer, então eu acho que é uma experiência assim, muito gostosa, muito bom 5 – C. – foi maravilhoso e divertido porque a gente dava bastante risada, não é? 6 – S. - Foi muito bom, não é? A gente acaba tendo experiências, não é? (...) É muito gratificante a gente poder participar. (...) ver, não é? Que aquilo foi construído, não é? Com a nossa ajuda, não é? É muito bom, sabe? É muito prazeroso isso tudo, principalmente para as crianças, não é? 7 - Sa. - Achei que nunca ia dar certo aquilo lá, mas deu, encaixou. Aprendi isso, depois colocamos os pratinhos que eu também achei que não ia ficar parado, mas ficou fixado. (...) Eu achei muito boa à experiência de ter aprendido porque é algo novo assim que a gente nunca ia imaginar que a gente ia aprender a fazer isso, não é? (...) muito bom, se eu pudesse fazia tudo de novo. (...) eu gostei muito. Legal! 8 - F. - essas coisas, nunca imaginei mesmo, nem passava na minha cabeça, aprendemos muito lá, nunca sonhei de fazer aqueles negócios, diferente mesmo, foi bom, foi bom demais! (...) achei o máximo!	Foi realmente uma vivência de muita aprendizagem, muita, todas me marcaram sabe? O envolvimento, a falta de envolvimento, assim, todas as possibilidades e as dificuldades que nós enfrentamos. Nunca sonhei em fazer aqueles negócios, nem passava na minha cabeça, algo novo, diferente mesmo, achei o máximo! Foi bem marcante para mim, super rico essa troca. Viveria tudo novamente com certeza, se tivesse mais dez construções assim eu participaria. Porque foi assim grandioso. Com certeza todos os nossos sentimentos foram trabalhados ali, naquele momento, foi significativo. Foi desafiador. Achei que nunca ia dar certo aquilo lá, mas deu, encaixou. Depois colocamos os pratinhos que eu também achei que não ia ficar parado, mas ficou fixado. Além disso, foi uma delícia, porque todo mundo ali, um conversava, um brincava, não é? Foi divertido porque a gente dava bastante risada, não é? Foi uma experiência diferente, não é? Do que você está habituada a fazer, então eu acho que é uma experiência assim, muito gostosa. Tinha essa oportunidade de fazer algo diferente para as crianças, não é? Foi assim, uma experiência maravilhosa, mesmo de acolhimento, de busca, não é? Foi muito legal, assim, participar. A gente acaba tendo experiências, não é? É muito gratificante a gente poder participar e ver, não é? Que aquilo foi construído, não é? Com a nossa ajuda, não é? É muito bom, sabe? É muito prazeroso isso tudo, principalmente para as crianças, não é? E essa energia está ali. Então, é muito rico para as crianças.

IAD2

D – Desafios de realizar uma ação coletiva novamente.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – T. – <i>Nem sempre a gente consegue fazer diferente, não é? Por comodidade, por correria, não é? Por falta de disponibilidade de exercer de novo essa ação coletiva por que não é todo mundo que ainda está disposto, não é?</i>	<i>Nem sempre a gente consegue fazer diferente, não é? Por comodidade, por correria, não é? Por falta de disponibilidade de exercer de novo essa ação coletiva por que não é todo mundo que ainda está disposto, não é?</i>

IAD2

C – Houve uma reflexão intrapessoal e interpessoal sobre o trabalho em equipe, colaborativo.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – T. – <i>Essa possibilidade de construção coletiva, não é? De trocas de experiências, enfim, num ambiente colaborativo, não é? Foi bem nesse sentido assim, teve o conhecimento técnico agregado ao interpessoal, não é? (...) existe a possibilidade de você se capacitar tecnicamente e isso ser exercido de forma colaborativa, de forma conjunta, não é? E foi a principal mudança, assim, que eu senti, não é? A energia do ambiente é outra, não é? Quando você coloca a participação, coletivo, não é?</i> 2 – Je. – <i>precisava um do outro na construção, não tinha como fazer sozinho, não é? (...) que a gente tinha o mesmo objetivo que era ter um espaço diferente, não é? Onde todos podiam participar nessa construção. (...) a experiência foi maravilhosa. (...) Que a gente precisava um do outro para que aquilo fosse, não é? Construído, mesmo que nós não soubéssemos, não é? A fundo mesmo como iria ficar mas a gente estava todo mundo envolvido, então, assim, a gente queria fazer algo diferente para as crianças, não é?</i> 3 – Ja. – <i>Então, houve essa dedicação de empenhar, como eu falei, foi desafiador, então, se você não tivesse em contato com você mesmo de, não, eu vou conseguir, nós vamos conseguir talvez não teria saído esse resultado, não é? (...) porque é conexão com você mesmo, não é? E a matéria, não é? De você mexer, de você sentir. Com certeza todos os nossos sentimentos foram trabalhados ali, naquele momento, foi significativo.</i> 5 – C. – <i>Foi uma interação de equipe acho que isso também é bem legal pontuar porque quem estava ali precisava da ajuda do outro, (...) essa interação em equipe eu acho que foi fundamental, que aí todos que participavam tinham que estar ligado, não é? Isso foi bem legal, trouxe essa reflexão do trabalho em equipe.</i>	<i>A gente tinha o mesmo objetivo que era ter um espaço diferente para as crianças, não é? Onde todos podiam participar nessa construção. A gente precisava um do outro para que aquilo fosse construído, não tinha como fazer sozinho.</i> <i>Então, houve essa dedicação de empenhar, como eu falei, foi desafiador, então, se você não tivesse em contato com você mesmo de, não, eu vou conseguir, nós vamos conseguir talvez não teria saído esse resultado, não é?</i> <i>Porque é conexão com você mesmo, não é? E a matéria, não é? De você mexer, de você sentir. Com certeza todos os nossos sentimentos foram trabalhados ali, naquele momento.</i> <i>Mesmo que nós não soubéssemos, não é? A fundo mesmo, como iria ficar mas a gente estava todo mundo envolvido.</i> <i>Foi assim mais pela união mesmo, não é? Do momento, não é? A gente estando ali junto, rir juntos, brincar, não é? É muito gratificante a gente poder participar. Sempre está buscando junto, não é? E aprendendo um com o outro, não é? A gente precisa mesmo, não é? Sozinha a gente não consegue nada, não é?</i> <i>Isso foi bem legal, trouxe essa reflexão do trabalho em equipe que eu acho que foi fundamental e bem legal pontuar porque todos que participavam tinham que estar ligado, não é? Quem estava ali precisava da ajuda do outro.</i> <i>Essa possibilidade de construção coletiva, não é? De trocas de experiências, num ambiente colaborativo, não é? Foi bem nesse sentido assim, teve o conhecimento técnico agregado ao interpessoal, não é? Existe a possibilidade de você se capacitar tecnicamente e isso ser exercido de forma colaborativa, de forma conjunta, não é? E foi a principal mudança, assim, que eu senti, não é? A energia do ambiente é outra, não</i>

6 – S. - Foi assim mais pela união mesmo, não é? Do momento, não é? A gente estando ali junto, rir juntos, brincar, não é? É muito gratificante a gente poder participar. (...) Sempre está buscando junto, não é? E aprendendo um com o outro, não é? A gente precisa mesmo, não é? Sozinha a gente não consegue nada, não é? 7 – Sa. - E a vivência com todos os colegas que a gente estava ali juntos, foi uma ótima coisa.	é? Quando você coloca a participação, coletivo, não é?

IAD2

E – Reflexões pós-ocupação do espaço construído.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
2 – Je. - Eu lembro que no tanque de areia tem, acho que, as fases da lua, não é? Tem as fases da lua por onde entra o sol para ficar, não é? Com esse ambiente acolhedor que o sol traz, não é? Esse aquecimento. (...) Tanto que as crianças deram o nome de casa azul porque a gente pintou de azul. (...) Não consigo hoje imaginar a escola sem aquele pedaço, não é? A Casa Azul, o Tanque de areia, a parede pintada, ficou um ambiente totalmente divertido, assim, ficou muito bom. (...) Eu lembro que ainda pintou a parede lá do fundo, não é? Tinha os desenhos que as crianças amam aqueles desenhos. Então, assim, tem um outro ambiente, não é? 3 – Ja. – os pequenos, assim, que chegam na escola, o ambiente que eles vão, que eles se sentem acolhidos é na areia. Imagine com essa estrutura, não é? Que se que ficou e a gente até fala do tanque de areia, a gente fala que são as fases da lua então, às vezes, as crianças sentam e ficam olhando, não é? Por eles mesmos, tem crianças que já descobre o desenho. Então, é muito rico (...) Eu acho que as crianças acabam vivenciando o que nós vivenciamos, não é? De ter em contato consigo mesmo, utilizando a terra e já sentindo essa energia dos materiais que foram utilizados e das energias que foram depositadas ali, não é? Bem gostoso, é o espaço que eles mais gostam. (...) Acho que, tudo isso que foi depositado durante, não é? Esse fazer, está agora, não é? Está ali. Essa energia está ali. Muito lindo! 4 – R. – o espaço do tanque de areia geralmente, é um tanque de areia normal, não é? E ali não, ali são dois espaços diferentes, não é? Então o dia que está mais friozinho a gente vai pra casa azul que é mais aconchegante, as crianças brincam ali, eles fazem castelo, fazem de tudo ali, e o dia que está aquele solzinho mais gostoso a gente vai pro outro espaço que é mais aberto, né? E ali também, ali eles criam. 6. – S. - A gente vê eles (crianças) brincando lá, não é? Eles vivenciando mesmo, não é? Nos	Os pequenos, assim, que chegam na escola, o ambiente que eles vão, que eles se sentem acolhidos é na areia. Imagine com essa estrutura, não é? Que se que ficou e a gente até fala do tanque de areia, a gente fala que são as fases da lua então, às vezes, as crianças sentam e ficam olhando, não é? Por eles mesmos, tem crianças que já descobre o desenho. Então, é muito rico. O espaço do tanque de areia, geralmente, é um tanque de areia normal, não é? E ali não, ali são dois espaços diferentes, não é? Então o dia que está mais friozinho a gente vai pra casa azul, eles gostam de ficar ali dentro, não é? Que é mais aconchegante, com esse ambiente acolhedor que o sol traz, não é? Esse aquecimento. As crianças brincam ali, eles fazem castelo, fazem de tudo ali, e o dia que está aquele solzinho mais gostoso a gente vai pro outro espaço que é mais aberto, não é? E ali também, ali eles criam. Tanto que as crianças deram o nome da casa azul porque a gente pintou de azul. E a gente passa aqui para almoçar e ver, não é? Que aquilo foi construído, não é? Com a nossa ajuda, não é? É muito bom, sabe? É muito prazeroso isso tudo, principalmente para as crianças, não é? Eu acho que as crianças acabam vivenciando o que nós vivenciamos, não é? De ter em contato consigo mesmo, utilizando a terra e já sentindo essa energia dos materiais que foram utilizados e das energias que foram depositadas ali, não é? Bem gostoso, é o espaço que eles mais gostam. Acho que, tudo isso que foi depositado durante, não é? Esse fazer, está agora, não é? Está ali. Essa energia está ali. Muito lindo! Eu lembro que ainda pintou a parede lá do fundo, não é? Tinha os desenhos que as crianças amam aqueles desenhos. Não consigo hoje imaginar a escola sem aquele pedaço, não é? A Casa Azul, o Tanque de areia, a parede pintada, ficou um ambiente totalmente divertido, assim, ficou muito bom.

momentos quando eles brincam, quando está mais friozinho eles gostam de ficar ali dentro, não é? E a gente passa aqui para almoçar e ver, não é? Que aquilo foi construído, não é? Com a nossa ajuda, não é? É muito bom, sabe? É muito prazeroso isso tudo, principalmente para as crianças, não é?

IAD2

F – As vivências ajudaram a aliviar o estresse.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
7 – Sa. - <i>Que estava fazendo, porque eu não fazia nada, só levava meus filhos pra creche e deixava lá. Ficava em casa, não fazia nada, e eu estava andando muito estressada, isso aí me desestressou bastante, muito bom, se eu pudesse fazia tudo de novo. (...) eu gostei muito. Legal!</i> 8 – F. - <i>Trouxe sim, porque igual uma terapia, igual tipo lá em casa, às vezes, a gente tá nervoso, não tem o que fazer, pra mim serviu como uma terapia porque eu fazia meu serviço correndo pra poder ir lá (...) Adorei! Eu adorei mesmo! Fazer as minhas coisas lá e servir como terapia, porque quando eu estava lá fazendo aquele trabalho todo com vocês eu ficava mais calma, ficava mais fixada lá no serviço, aprendendo as coisas que vocês passavam pra gente mesmo, foi bom.</i>	<i>Serviu como uma terapia. Eu fazia meu serviço correndo pra poder ir lá porque quando eu estava lá fazendo aquele trabalho todo com vocês eu ficava mais calma, ficava mais fixada lá no serviço, aprendendo as coisas que vocês passavam pra gente mesmo, foi bom. Antes eu não fazia nada, só levava meus filhos pra creche e ficava em casa, por isso, eu estava andando muito estressada e isso aí me desestressou bastante. Adorei!</i>

DSC – CEISA

Pergunta 3: Depois dessa experiência, você mudou algo no seu dia-a-dia? O que?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
1 - T. – A <u>consciência ambiental</u> , parar para <u>analisar cada ação nossa, cada escolha de consumo nossa</u> , o quanto isso <u>tem impacto ambiental</u> , o quanto poderia ser diferente (...) o que principal mudou foi essa consciência mesmo, essa consciência ambiental do <u>impacto das nossas ações e escolhas no meio ambiente</u> , não é? (...) acho que daí para frente, assim, <u>tipo uma nova visão</u> , não é?	(1ª ideia) Mudou a consciência ambiental, sobre o impacto das nossas ações e escolhas no meio ambiente, analisar cada ação, cada escolha de consumo, tendo uma nova visão daí para frente. A	
2 - Je. - Eu acho que sempre a gente tem que pensar na natureza, não é? O que eu posso fazer para transformar, pra modificar, não é? Então se eu consigo modificar isso no meu dia a dia para construir algo ou para deixar algo bonito, tem que começar por mim, não é? Se eu não fizer, como é que eu vou dar esse exemplo, não é? Construir algo com as crianças mesmo, não é? Eu acho que, no dia a dia, é o que eu posso fazer em relação ao outro? Como eu posso ajudar? De qual maneira? E como eu posso fazer pra ficar melhor? Porque tem que começar por mim, porque se eu não transformar eu não posso querer que o outro transforme primeiro. Eu acho que essa transformação tem que vir primeiramente de mim. Como eu estou fazendo, não é? No que eu posso ajudar? No que eu posso acrescentar? Acho que essa é, assim, o essencial para o dia a dia, não é? O que eu posso fazer para transformar? E não esperar do outro.	(1ª ideia) Pensando na natureza, o que se pode fazer para transformar e começar modificando o seu dia-a-dia, primeiro. Dando o exemplo, se perguntando o que se está fazendo, no que pode ajudar/acrescentar e não esperar que o outro transforme primeiro. A	
3 – Jaq. - Então, isso ficou bem forte mesmo após essa vivência, <u>de valorizar o que é da natureza</u> , assim, não é? Essa <u>questão da sustentabilidade</u> mesmo, de valorizar mais e até <u>aproveitar mais desse meio que a gente tem</u> , não é? (...) Esse <u>olhar para as coisas mais naturais</u> , esse <u>reaproveitamento de materiais</u> . Como eu falei também, a <u>questão emocional também</u> , não é? De você ter esse momento de <u>entrar em contato com você mesmo, se desafiar a fazer, não desistir já do primeiro momento</u> .	(1ª ideia) Mudou o olhar para as coisas mais naturais, valorizando a natureza, o reaproveitamento de materiais, a questão da sustentabilidade. A (2ª ideia) Mudou a questão emocional também, entrar em contato com você mesmo, se desafiar a fazer, não desistir já do primeiro momento. B	

4 - R. - Serviu pra gente sempre pensar que <u>nada é impossível</u> , não é? Quando a T. veio com o projeto e falou que você queria fazer o projeto, assim, <u>será que vai dar certo</u> , não é? <u>Negócio de barro</u> , assim, será que... Nossa! E <u>realmente funcionou</u> , foi muito gostoso mesmo.	(1ª ideia) Se perguntava se ia dar certo um negocio feito de barro e funcionou ajudando a sempre lembrar que nada é impossível. B	
5 - C. - Se <u>eu falar que eu mudei</u> , mudei, eu <u>vou estar mentindo</u> , porque a gente acaba, por falha mesmo, acaba <u>deixando passar</u> , não é? A gente vive o momento, mas acaba não levando por <u>não ser uma prática diária</u> , não é? Então, mudar algo no meu dia-a-dia, eu não mudei, é mais a maneira, talvez <u>a maneira de olhar as coisas</u> , e <u>saber que existem outras possibilidades</u> , mais uma coisa mental, assim, um <u>entendimento maior da situação</u> .	(1ª ideia) Não mudou nada no dia-a-dia por acabar deixar passar, mas talvez de uma maneira mental, o olhar para coisas, saber que existem outras possibilidades, tendo um entendimento maior da situação. C	
6 - S. - A gente está <u>sempre buscando</u> , não é? É... <u>Buscando coisas novas</u> , não é? E está sempre, cada dia que passa você está sempre <u>buscando e aprendendo</u> .	(1ª ideia) Sempre buscando e aprendendo coisas novas. B	
7 - Sa. - <u>Não era todo dia que a gente podia estar lá</u> , não é? Fazendo isso, então <u>o dia que não ia, eu ficava agitada em casa</u> , querendo sair pra algum lugar (...) Então era isso, <u>eu só queria sair toda hora pra poder ir lá fazer a atividade</u> .	(1ª ideia) Queria ir todos os dias lá participar das atividades mas não podia porque as vivências não aconteciam diariamente. D	
8 - F. - O meu dia-a-dia era sempre ficar lá em casa, ficava muito com os meus filhos, levava eles... Ficava sempre sozinha lá em casa, daí mudou porque tipo, <u>dava o horário de eu ir lá pra participar com vocês</u> , de fazer o tanque de areia, a casinha de boneca, <u>então, eu sempre estava, fazia as minhas obrigação e tipo a minha rotina mudou, não ficava mais lá em casa, eu tinha aquele compromisso</u> , sempre que dava a hora certa eu estava lá fazendo o trabalho com vocês mesmo.	(1ª ideia) Participar tornou-se um compromisso, mudando sua rotina, de ficar em casa com os filhos, fazia suas obrigações pra estar lá no horário e participar fazendo o trabalho com todos. D	

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD2

A – Mudou consciência ambiental.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – T. - A consciência ambiental, parar para analisar cada ação nossa, cada escolha de consumo nossa, o quanto isso tem impacto ambiental, o quanto poderia ser diferente (...) o que principal mudou foi essa consciência mesmo, essa consciência ambiental do impacto das nossas ações e escolhas no meio ambiente, não é? (...) acho que daí pra frente, assim, tipo uma nova visão, não é?	O que ficou bem forte mesmo após essa vivência, foi de valorizar o que é da natureza, assim, não é? Essa questão da sustentabilidade mesmo, de valorizar mais e até aproveitar mais desse meio que a gente tem, não é? Esse olhar para as coisas mais naturais, esse reaproveitamento de materiais. O que eu posso fazer para transformar, pra modificar, não é? Então se eu consigo

2 – Je. - <i>Eu acho que sempre a gente tem que pensar na natureza, não é? O que eu posso fazer para transformar, pra modificar, não é? Então se eu consigo modificar isso no meu dia a dia para construir algo ou para deixar algo bonito, tem que começar por mim, não é? Se eu não fizer, como é que eu vou dar esse exemplo, não é? (...) Como eu posso ajudar? De qual maneira? E como eu posso fazer pra ficar melhor? Porque tem que começar por mim, porque se eu não transformar eu não posso querer que o outro transforme primeiro.</i> 3 – Ja. - <i>Então, isso ficou bem forte mesmo após essa vivência, de valorizar o que é da natureza, assim, não é? Essa questão da sustentabilidade mesmo, de valorizar mais e até aproveitar mais desse meio que a gente tem, não é? (...) Esse olhar para as coisas mais naturais, esse reaproveitamento de materiais.</i>	<i>modificar isso no meu dia a dia para construir algo ou para deixar algo bonito, tem que começar por mim, não é? Não posso querer que o outro transforme primeiro. Se eu não fizer, como é que eu vou dar esse exemplo, não é?</i> <i>Portanto, o que principal mudou foi essa consciência ambiental do impacto das nossas ações e escolhas no meio ambiente, não é? Parar para analisar cada ação nossa, cada escolha de consumo nossa, o quanto isso tem impacto ambiental, o quanto poderia ser diferente. Acho que daí para frente, assim, tipo uma nova visão, não é?</i>

IAD2

B – Ao buscar-se o aprendizado de algo novo, deve-se persistir porque nada é impossível.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
3 – Ja. – <i>Como eu falei também, a questão emocional também, não é? De você ter esse momento de entrar em contato com você mesmo, se desafiar a fazer, não desistir já do primeiro momento.</i> 4 – R. – <i>Serviu pra gente sempre pensar que nada é impossível, não é? Quando a T. veio com o projeto e falou que você queria fazer o projeto, assim, será que vai dar certo, não é? Negócio de barro, assim, será que... Nossa! E realmente funcionou, foi muito gostoso mesmo.</i> 6 – S. - <i>A gente está sempre buscando, não é? É... Buscando coisas novas, não é? E está sempre, cada dia que passa você está sempre buscando e aprendendo.</i>	<i>A gente está sempre buscando coisas novas, não é? E está sempre, cada dia que passa você está sempre buscando e aprendendo.</i> <i>Então quando vocês vieram com o projeto, assim, será que vai dar certo, não é? Negócio de barro, assim, será que... Nossa! E realmente funcionou, foi muito gostoso mesmo. Serviu pra gente sempre pensar que nada é impossível, não é?</i> <i>E trabalhar a questão emocional também, não é? De você ter esse momento de entrar em contato com você mesmo, se desafiar a fazer, não desistir já do primeiro momento.</i>

IAD2

C – Não mudou no dia-a-dia, talvez em um nível mental.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
5 – C. - <i>Se eu falar que eu mudei, mudei, eu vou estar mentindo, porque a gente acaba, por falha mesmo, acaba deixando passar, não é? A gente vive o momento, mas acaba não levando por não ser uma prática diária, não é? Então, mudar algo no meu dia-a-dia, eu não mudei, é mais a maneira, talvez a maneira de olhar as coisas, e saber que existem outras possibilidades, mais uma coisa mental, assim, um entendimento maior da situação.</i>	<i>Então, mudar algo no meu dia-a-dia, eu não mudei, porque a gente acaba, por falha mesmo, acaba deixando passar, não é? A gente vive o momento, mas acaba não levando por não ser uma prática diária, não é? É talvez a maneira de olhar as coisas, e saber que existem outras possibilidades, mais uma coisa mental, assim, um entendimento maior da situação.</i>

IAD2

D – As vivências se tornaram um compromisso agradável que mudou a rotina de alguns participantes.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
7 - Sa. – Não era todo dia que a gente podia estar lá, não é? Fazendo isso, então o dia que não ia, eu ficava agitada em casa, querendo sair pra algum lugar (...) porque eu não fazia nada, só levava meus filhos pra creche (...) Então era isso, eu só queria sair toda hora pra poder ir lá fazer a atividade. 8 - F. - O meu dia-a-dia era sempre ficar lá em casa, ficava muito com os meus filhos, levava eles... Ficava sempre sozinha lá em casa, daí mudou porque tipo, dava o horário de eu ir lá pra participar com vocês, de fazer o tanque de areia, a casinha de boneca, então, eu sempre estava, fazia as minhas obrigação e tipo a minha rotina mudou, não ficava mais lá em casa, eu tinha aquele compromisso, sempre que dava a hora certa eu estava lá fazendo o trabalho com vocês mesmo.	O meu dia-a-dia era sempre ficar lá em casa, ficava muito com os meus filhos, levava eles pra creche e ficava sempre sozinha lá em casa. Então, o dia que não ia, eu ficava agitada, querendo sair pra algum lugar. Eu só queria ir lá fazer a atividade. Não era todo dia que a gente podia estar lá, não é? Daí, fazia as minhas obrigação e dava o horário de eu ir lá pra participar com vocês, de fazer o tanque de areia, a casinha de boneca, eu sempre estava, eu tinha aquele compromisso.

DSC – CEISA

Pergunta 4: Você gostaria de destacar algum momento da(s) vivencia(s) que tenha sido mais marcante pra você?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
1 - T. - Pra mim <u>foi do começo ao fim</u> , não é? Foi desde a hora que a gente se encontrou lá no <u>curso de permacultura</u> , quando a gente se reencontrou na escola, <u>cada encontro, cada momento, cada vitória, cada frustração</u> também que nós também tivemos nossos desafios, não é?	(1ª ideia) Foi marcante do começo ao fim: cada encontro, cada momento, cada vitória, cada frustração. A	
2 - Je. - Acho que ficou mais marcante, fora o <u>trabalho em equipe</u> , não é? (...) <u>todo mundo estava participando</u> , não é? Não foi nada obrigado, <u>participou quem quis</u> , não é? A gente tinha essa livre escolha, não é? De participar ou não. E também, assim, essa <u>ansiedade de como ia ficar</u> , não é? <u>Se ia dar certo</u> , se não ia, não é? Porque era muito diferente, porque o que a gente <u>estava acostumado era o cimento, o tijolo, a pedra</u> e não era, não é? Tinha na massa, alguns usava feltro, tinha aquele saco de batata que era trançado, não é? (...) participar do processo mas <u>querendo ver o final</u> , de como vai ficar. <u>Será que fica firme mesmo?</u> Então, assim, para mim foi essa curiosidade, de como iria ficar o resultado final.	(1ª ideia) O trabalho em equipe, todo mundo participando, participou quem quis. Ninguém foi obrigado. A (2ª ideia) A ansiedade de como ia ficar. Se ia ficar firme mesmo, se ia dar certo porque não foi feito com o cimento, o tijolo, a pedra, material que estava acostumada. B	
3 - Ja. - Dessa coisa, assim, de <u>persistir, a união no grupo foi super significativa</u> , onde praticamente toda equipe parou pra fazer, não é? Teve vocês quanto <u>mediadoras que foi também essencial, a paciência que vocês exercitaram também em ensinar</u> : “não, vamos fazer juntos, é isso, vai dar certo” e depois ver <u>o resultado final</u> , não é? Claro que o <u>processo foi muito mais importante</u> , se torna muito mais importante, mas acho que é isso, não é? Esse <u>fortalecimento da equipe</u> que trouxe, todas fazemos com <u>muita alegria, muita satisfação</u> e hoje <u>ver o resultado com as crianças</u> .	(1ª ideia) A persistência e união do grupo foi super significativa, o fortalecimento da equipe, fazendo com muita alegria, muita satisfação, o processo foi muito importante. E a paciência que vocês, como mediadoras, exercitaram em ensinar foi essencial. A (2ª ideia) Ver o resultado final, o resultado com as crianças. B	
4 - R. - O que ficou foi <u>a união</u> mesmo, não é? <u>Da equipe</u> , não é? <u>Um ajudando o outro</u> porque não podia parar ali senão não dava certo, então eu acho que o que ficou foi essa união, não é? <u>De todos trabalhando junto pra o mesmo propósito</u> . (...) foi essa interação, sabe? Estar	(1ª ideia) O momento mais marcante foi essa interação, união da equipe, um ajudando o outro e todos trabalhando juntos, colocando a mão na massa com o mesmo	

todo mundo ali junto <u>colocando a mão na massa</u>. Eu acho que ficaria isso, que marcou, não é? Eu lembro que <u>tinha a L. que estava grávida</u>. Nossa! Ela nem se importou com a gravidez, não é? <u>Ela foi, ela agachava, ela toda sorridente brincando e já estava no finalzinho</u>, não é? Já <u>estava no final da gravidez e mesmo assim ela também entrou na brincadeira</u>.	propósito. A (2ª ideia) A moça que mesmo estando no final da gravidez, entrou na brincadeira, foi toda sorridente. C	
5 - C. - <u>Mais marcante...</u> Eu acho que foi da <u>casa azul</u> porque foi um <u>mutirão</u>, não é? De gente, <u>todo mundo junto e o trabalho em equipe, ele é muito difícil</u>, não é? (...) E naquele momento eu vi todo mundo sendo um, não é? Todo mundo ajudando, <u>todo mundo disposto</u>, então, foi uma coisa que veio para <u>fortalecer a equipe do Ceisa naquele momento</u>, então o que marcou para mim foi esse aprendizado todo mundo junto, todo mundo <u>parando para descansar junto, pra comer junto e se ajudando</u>, como eu disse, não é? <u>Quem estava em cima precisava da ajuda do de baixo e sempre tendo essa empatia de se colocar no lugar do outro e auxiliar</u>, pra mim o que ficou <u>mais marcante</u> foi isso.	(1ª ideia) O que foi mais marcante foi o trabalho em equipe (muito difícil) no mutirão da casa azul. Todo mundo junto, todo mundo disposto, parando para descansar junto, pra comer junto, tendo essa empatia de se colocar no lugar do outro e auxiliar. Fortaleceu equipe do Ceisa naquele momento. A	
6 - S. - Estava um <u>dia muito quente muito calor</u>, sabe? E ao mesmo tempo que a gente estava ali <u>fazendo com aquela alegria</u>, não é? A gente <u>não via a hora de terminar para ver aquilo pronto</u> e a... como é que fala? <u>Como que ia ficar</u>, não é? E inclusive, até no nosso meio, se não me engano, <u>tinha a L., ela estava grávida ela também participou</u>.	(1ª ideia) Estava um dia muito quente, e ao mesmo tempo que estavam alegres, não viam a hora de terminar e ver pronto, como ia ficar. B (2ª ideia) A moça estava grávida e também participou. C	
7 - Sa. - Mais marcante foi no <u>último dia depois de ter secado, principalmente o tanque de areia</u>, quando ele secou, a gente limpou os pratos, tiramos as telas que cobriu por cima, assim, e <u>vimos o resultado</u>. Nossa! <u>O resultado foi a melhor dia, porque a gente fica na expectativa</u>, não é? Tipo - <u>"será que vai dar certo? Será que vai dar tempo de secar? Será que não? Aí vamos ver"</u>, <u>a hora que tirou tudo</u>, foi o melhor, <u>estava super lindo!</u>	(1ª ideia) O último dia, principalmente o tanque de areia, quando depois de ter secado, que limpou os pratos, tirou a cobertura que estava por cima e viram o resultado, estava super lindo! B (2ª ideia) Ficaram na expectativa se ia dar certo, se ia dar tempo de secar ou não. B	
8 - F. - Pra mim foi o mais marcante <u>a parte dos pratinho</u>, porque muita gente <u>via aqueles pratinho em casa e não tem serventia pra nada</u>, a gente <u>acabava jogando, colocando no lixo</u>, e eu <u>aprendi lá que tem serventia pra colar no trabalho todo, os pratinhos em volta do tanque de areia</u>. (...) <u>ficou iluminado em volta</u>, ficou muito bom.	(1ª ideia) Foi a parte de usar os pratinhos porque muita gente não vê serventia pra eles e acaba jogando no lixo e lá teve serventia pra colar no trabalho todo em volta do tanque de areia para entrada de luz. D	

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD2

A - A união de todos se ajudando, persistindo e superando os obstáculos juntos.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – T. - <i>Pra mim foi do começo ao fim, não é? Foi desde a hora que a gente se encontrou lá no curso de permacultura, quando a gente se reencontrou na escola, cada encontro, cada momento, cada vitória, cada frustração também que nós também tivemos nossos desafios, não é?</i> 2 – Je. – <i>Acho que ficou mais marcante, fora o trabalho em equipe, não é? (...) todo mundo estava participando, não é? Não foi nada obrigado, participou quem quis, não é? A gente tinha essa livre escolha, não é? De participar ou não.</i> 3 – Ja. – <i>Dessa coisa, assim, de persistir, a união no grupo foi super significativa, onde praticamente toda equipe parou pra fazer, não é? Teve vocês quanto mediadoras que foi também essencial, a paciência que vocês exercitaram também em ensinar: “não, vamos fazer juntos, é isso, vai dar certo”</i> 4 – R. – <i>Um ajudando o outro porque não podia parar ali senão não dava certo, então eu acho que o que ficou foi essa união, não é? De todos trabalhando junto pra o mesmo propósito. (...) foi essa interação, sabe? Estar todo mundo ali junto colocando a mão na massa. Eu acho que ficaria isso, que marcou, não é?</i> 5 – C. - <i>Mais marcante... Eu acho que foi da casa azul porque foi um mutirão, não é? De gente, todo mundo junto e o trabalho em equipe, ele é muito difícil, não é? (...) E naquele momento eu vi todo mundo sendo um, não é? Todo mundo ajudando, todo mundo disposto, então, foi uma coisa que veio para fortalecer a equipe do Ceisa naquele momento, então o que marcou para mim foi esse aprendizado todo mundo junto, todo mundo parando para descansar junto, pra comer junto e se ajudando, como eu disse, não é? Quem estava em cima precisava da ajuda do de baixo e sempre tendo essa empatia de se colocar no lugar do outro e auxiliar, pra mim o que ficou mais marcante foi isso.</i>	<i>Pra mim foi do começo ao fim, não é? Cada encontro, cada momento, cada vitória, cada frustração também que nós também tivemos nossos desafios, não é?</i> <i>Teve vocês quanto mediadoras que foi também essencial, a paciência que vocês exercitaram também em ensinar: “não, vamos fazer juntos, é isso, vai dar certo”.</i> <i>Praticamente toda equipe parou pra fazer, não é? Não foi nada obrigado, participou quem quis, não é? A gente tinha essa livre escolha, não é? De participar ou não.</i> <i>E a união mesmo, não é? Da equipe, não é? Dessa coisa, assim, de persistir. Um ajudando o outro porque não podia parar ali senão não dava certo, então eu acho que o que ficou foi essa união de todos trabalhando junto pra o mesmo propósito, foi essa interação, sabe? Estar todo mundo ali junto colocando a mão na massa. E naquele momento eu vi todo mundo sendo um, não é? Todo mundo ajudando, todo mundo disposto, então, foi uma coisa que veio para fortalecer a equipe do Ceisa naquele momento, então o que marcou para mim foi esse aprendizado todo mundo junto, todo mundo parando para descansar junto, pra comer junto e se ajudando, como eu disse, não é? Quem estava em cima precisava da ajuda do de baixo e sempre tendo essa empatia de se colocar no lugar do outro e auxiliar, pra mim o que ficou mais marcante foi isso.</i>

IAD2

B – Curiosidade e ansiedade de como ia ficar, se ia dar certo e a satisfação de ver o resultado.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
2 – Je. – <i>E também, assim, essa ansiedade de como ia ficar, não é? Se ia dar certo, se não ia, não é? Porque era muito diferente, porque o que a gente estava acostumado era o cimento, o tijolo, a pedra e não era, não é? Tinha na massa, alguns usava feltro, tinha aquele saco de batata que era trançado, não é? (...) participar do processo mas querendo ver o final, de como vai ficar. Será que fica firme mesmo? Então, assim, para mim foi essa curiosidade, de como iria ficar o resultado final.</i> 3 – Ja. – <i>e depois ver o resultado final, não é? Claro que o processo foi muito mais importante, se torna muito mais importante, mas acho que é isso, não é? Esse fortalecimento da equipe que trouxe, todas fazemos com muita alegria, muita satisfação e hoje ver o resultado com as crianças,</i> 6 – S. - <i>Estava um dia muito quente muito calor, sabe? E ao mesmo tempo que a gente estava ali fazendo com aquela alegria, não é? A gente não via a hora de terminar para ver aquilo pronto e a... como é que fala? Como que ia ficar, não é?</i> 7 - Sa. - <i>Mais marcante foi no último dia, depois de ter secado, principalmente o tanque de areia, quando ele secou, a gente limpou os pratos, tiramos as telas que cobriu por cima, assim, e vimos o resultado. Nossa! O resultado foi a melhor dia, porque a gente fica na expectativa, não é? Tipo - "será que vai dar certo? Será que vai dar tempo de secar? Será que não? Aí vamos ver", a hora que tirou tudo, foi o melhor, estava super lindo!</i>	<i>Claro que o processo foi muito mais importante, se torna muito mais importante, mas acho que é isso, não é? E ao mesmo tempo que a gente estava ali fazendo com aquela alegria, muita satisfação e o fortalecimento da equipe que trouxe, não é? A gente não via a hora de terminar para ver aquilo pronto.</i> <i>No último dia, depois de ter secado, principalmente o tanque de areia, quando ele secou, a gente limpou os pratos, tiramos as telas que cobriu por cima, assim, e vimos o resultado. Nossa! O resultado foi a melhor dia, porque a gente fica na expectativa, não é? Essa ansiedade de como ia ficar, não é? Participar do processo mas querendo ver o final. Será que vai dar certo? Será que vai dar tempo de secar? Será que fica firme mesmo? Então, assim, para mim foi essa curiosidade se ia dar certo, se não ia, não é? Aí vamos ver", a hora que tirou tudo, foi o melhor, estava super lindo!</i> <i>Porque era muito diferente, porque o que a gente estava acostumado era o cimento, o tijolo, a pedra e não era, não é? E hoje ver o resultado com as crianças.</i>

IAD2

C – A moça que estava grávida participou.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
4 – R. - <i>Eu lembro que tinha a L. que estava grávida. Nossa! Ela nem se importou com a gravidez, não é? Ela foi, ela agachava, ela toda sorridente brincando e já estava no finalzinho, não é? Já estava no final da gravidez e mesmo assim ela também entrou na brincadeira.</i> 6 – S. - <i>E inclusive, até no nosso meio, se não me engano, tinha a L., ela estava grávida ela também participou.</i>	<i>E inclusive, até no nosso meio, se não me engano, tinha a moça que estava grávida ela também participou. Nossa! Ela nem se importou com a gravidez, não é? Ela foi, ela agachava, ela toda sorridente brincando e já estava no final da gravidez e mesmo assim ela também entrou na brincadeira.</i>

IAD2

D – Reaproveitamento de pratos de cozinha, muitas vezes descartados, para entrada de luz.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
8 - F. - <i>Pra mim foi o mais marcante a parte dos pratinhos, porque muita gente via aqueles pratinhos em casa e não tem serventia pra nada, a gente acabava jogando, colocando no lixo, e eu aprendi lá que tem serventia pra colar no trabalho todo, os pratinhos em volta do tanque de areia. (...) ficou iluminado em volta, ficou muito bom.</i>	<i>O mais marcante foi a parte dos pratinhos, porque muita gente via aqueles pratinhos em casa e acabava jogando no lixo, e eu aprendi que tem serventia pra colar no trabalho todo, ficou iluminado em volta do tanque de areia, ficou muito bom.</i>

DSC – ECOCASA KRIPA MADHU – LONGA IMERSÃO – MORADORES

Pergunta 1: Como era a sua rotina na casa?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
1 – A. - Era uma coisa <u>bem livre</u> pelo que eu experienciei, não é? Foi bem livre e, ao mesmo tempo, <u>uma lição de auto responsabilidade</u> , assim, de saber que estávamos construindo, que <u>cada ação que a gente fazia</u> , não é? Que eu ia fazer, <u>estava relacionado com o fazer coletivo</u> , não é? Não era só pra mim, era <u>sempre a coletividade</u> , assim, que é uma das coisas, assim, que eu sinto muita saudade assim, (...) Que é isso, <u>por exemplo, de preparar um café da manhã todo mundo, de cozinhar pra todo mundo, de fazer compras coletivas</u> .	(1ª ideia) Era bem livre e uma lição de auto responsabilidade por cada ação estar relacionada com o fazer coletivo, como por exemplo, cozinhar para todos e fazer compras coletivas. A	
2 – Ga. - Eu <u>meditava</u> com o pessoal da casa, <u>acordava cedo</u> , a gente <u>cozinhas</u> , quando cozinhas junto, não é? (...) a gente tomava café da manhã junto, (...) cada um trabalhava nas suas atividades, não é? (...) e eu fazia... <u>dava aula, ia pras aulas do doutorado</u> , (...) no começo, a gente chamava várias pessoas pra meditar em casa, então sempre tinha essa coisa da meditação. Era a cola, não é? <u>O yoga e a meditação. Então, foram várias pessoas</u> , não é? (...) <u>era uma casa de encontros</u> , não é? Era muito legal porque várias pessoas de diferentes, assim lugares, acabavam se encontrando em casa e <u>todo mundo se sentia muito bem, e a gente sempre acolhia</u> , então tinha essa proposta. (...) E aí cada hora aparecia alguma coisa, e <u>a gente sempre celebrava as coisas que a gente tinha</u> , - "ah consegui não sei o que lá" (...) isso era uma coisa interessante. <u>A gente sempre estava planejando as coisas, a gente fez bastante trabalhos juntos até, no Carnaval a gente foi vender suco</u> , a gente produziu suco na casa juntos e a gente foi lá tudo com calças de palhaço, foi muito legal, a gente tinha umas propostas legais. (...) aí a gente <u>programou umas oficinas junto</u> , aí foi uma galera da PUC e outras pessoas de Barão Geraldo e a casa começou a ficar meio conhecida, não é? Foi bem legal assim, o tempo que eu vivi lá	(1ª ideia) Acordava cedo, meditava e cozinhas junto. A (2ª ideia) Dava aula e assistia aula no doutorado, B (3ª ideia) Era a casa dos encontros, foram varias pessoas meditar lá. A (4ª ideia) Todos que visitavam a casa se sentiam bem e acolhidos. A (5ª ideia) Os moradores celebravam as coisas que tinham na casa. A (6ª ideia) Sempre estavam planejando e fazendo as coisas juntos, como fazer e vender suco no carnaval. C (7ª ideia) Programaram oficinas juntos e fizeram um quatinho de pau-a-pique no quintal.	

gostei bastante... Ah, tinha essas intenções, <u>a gente fez um quartinho lá atrás de pau-a-pique</u>, tinha <u>essa proposta de permacultura bem forte e da espiritualidade também</u>, e do <u>vegetarianismo</u>, então a gente era bem ativista.	C (8ª ideia) A casa tinha uma proposta de Permacultura bem forte, espiritualidade e vegetarianismo. C	
3 – Gu. - Ah, eu <u>tinha uma série de tarefas que eram organizadas coletivamente e realizadas coletivamente</u> também. <u>Cada semana uma pessoa era destinada a cuidar de uma parte da casa</u>, então tinha diferentes seções, não é? Uma delas <u>era cuidar da composteira</u>, então, precisaria, por exemplo, uma semana alguém pra buscar serragem na serralheria e substituir o pote que era onde fica a serragem e coisa assim. Então, outra função era de <u>fazer as compras no mercado</u>, a outra, era de <u>limpar o banheiro seco</u>, a outra função era de <u>cuidar dos jardins</u>, aguar as plantas, fazer uma <u>manutenção nas hortas</u>, não é? Tudo isso. E assim funcionava a KripaMadhu. Acho que era mais ou menos por aí? E além disso, <u>tinha as funções de limpeza da casa</u> também, que era limpar o banheiro, limpar a frente, essa era a rotina na qual eu fazia parte também.	(1ª ideia) Tinham as tarefas organizadas e realizadas coletivamente e cada semana uma pessoa era destinada a cuidar de uma parte da casa. A (2ª ideia) As tarefas eram cuidar da composteira, fazer compras no mercado, limpar o banheiro seco, cuidar dos jardins e da horta e limpeza da casa. A	
4 – H. - A minha rotina na casa era acordar de manhã na <u>segunda-feira começar agilizar os posts que eu fazia para as compras do CEASA, compra coletiva</u>, não é? Que a gente da casa fazia compra coletiva pra casa e também para outras repúblicas (...) <u>fazia os posts lá, com o facebook da casa</u>, não é? E as pessoas viam, se interessavam pela idéia dos kits que as pessoas pagavam 20 reais antecipado, não é? (...) ou depois para as pessoas que quisessem pagar depois já com o kit montado, ou tinha semanas que era legumes e tinha semanas que era frutas, (...) aí, na <u>terça-feira eu já fazia as compras no CEASA, dividia, já abastecia a casa com os kits</u> (...) E também, <u>durante a semana, nós dividíamos as tarefas da casa</u>, não é? Desde <u>lavar a cozinha, sala, garagem, o quintal do fundo, até cuidar da composteira, cuidar da horta, cuidar do banheiro seco que a gente tinha lá no fundo</u>. Era estar mais dando a manutenção para que a casa funcionasse, não é? (...) e também, durante <u>o final do dia</u> era sempre <u>as horas que a gente se encontrava</u>, não é? Das 7 da noite em diante, <u>muitos da casa estudavam e tinha seus horários</u>, e (...) o meu horário era bem flexível, e assim, eu poderia estar dando mais atenção pra casa, não é? Para que as coisas acontecessem na casa e foi muito bom.	(1ª ideia) Na segunda-feira, fazia os posts das compras coletivas no CEASA e publicava com o facebook da casa. A (2ª ideia) Na terça-feira, fazia as compras no CEASA, dividia e abastecia a casa com os kits. A (3ª ideia) Durante a semana, dividiam as tarefas da casa entre limpeza e cuidados com o quintal. A (4ª ideia) No final do dia, era a hora que todos se encontravam, pois cada um tinha compromissos e horários diferentes. B	

5 – L. - A rotina na casa <u>era bem intensa</u>, a gente <u>sempre tentava fazer as refeições juntos</u>, não é? Então a gente <u>tinha a comida básica, assim, era coletiva</u> (...) Então, acabou que <u>a gente conseguia sobreviver comendo bem e de forma comunitária, com pouco dinheiro</u>, então isso, era muito bacana porque <u>proporcionava uma união, inclusive em torno da comida</u>, (...) então, <u>o café da manhã era normalmente coletivo</u>, quando não era coletivo, <u>sempre tinha alguma coisa no fogão de quem já tinha acordado antes</u>, já tinha um café pronto, já tinha mingau pronto, já tinha tapioca que já estava hidratada na geladeira. Então, a gente sempre <u>tinha esse cuidado de utilizar as coisas só que também de deixar a coisa utilizável para a próxima pessoa também</u>, não é? <u>Que ela não precisasse fazer tudo</u>. Então, essa era uma preocupação. <u>Almoço, a gente fazia bastante almoço coletivo</u>, (...) Era toda <u>alimentação vegetariana</u>, a gente dava preferência para ser <u>vegana</u>. (...) Teve uma época em que <u>a gente começou a servir almoços na Ecocasa e abrir pras outras pessoas irem também</u>, e aí <u>a rotina da casa deu uma mudada</u>, não é? Porque a gente <u>começou a fazer uma escala de almoços</u>, e tal. Então, a gente já começou a tentar estruturar um pouco mais, assim, essa parte, de almoço. Normalmente, <u>não tinha uma escala</u>, não é? <u>Antes da gente tentar esse formato com almoços abertos</u> ao público e cobrados. Era normalmente <u>quem estava com fome começava o almoço e as pessoas paravam o que estavam fazendo para ir ajudar e fazer também</u>, não é? <u>Na janta</u>, também <u>a gente acabava comendo alguma coisinha, assim, acho que eram os maiores momentos de encontro, assim, eram ao redor da cozinha nos momentos de alimentação</u>, não é? Existiam alguns momentos que a gente <u>meditava juntos</u>, e basicamente é isso, não é? Os momentos que a gente estava mais juntos, assim. <u>Aí cada um ficava bastante imerso nas suas próprias atividades</u>, assim não é? (...) Aí a gente <u>tentava fazer um mutirão</u>, (...) E aí, <u>quando ia ocorrer o mutirão a gente tinha que fazer compras, a gente tinha que preparar tudo para receber as pessoas</u>, não é? E aí, a gente normalmente deixava ver o que que ia acontecer, assim <u>durante o mutirão, a gente tentava adotar algumas práticas de inclusão e de formação de espírito de grupo</u>, assim mesmo, com <u>rodas de partilha, com rodas durante o almoço, atividades integradoras</u>, não é? (...) <u>E a</u>	(1ª ideia) A rotina era bem intensa, as refeições vegetarianas ou veganas eram coletivas, momentos de alimentação e de encontro, ao redor da cozinha. A (2ª ideia) A comida básica era coletiva, conseguindo sobreviver bem, de forma comunitária e com pouco dinheiro proporcionando uma união em torno da comida. A (3ª ideia) Quando não se comia junto procurava-se deixar alguma coisa pronta ou utilizável para a próxima pessoa. A (4ª ideia) A rotina mudou um pouco quando se começou a servir almoços na Ecocasa e seguir uma escala de almoços que antes não existia. A (5ª ideia) Antes dos almoços abertos, quem estava com fome começava o almoço e os outros ajudavam. A (6ª ideia) Existiam momentos de meditação juntos. A (7ª ideia) Existiam momentos que cada um ficava imerso nas suas próprias atividades. B (8ª ideia) Quando acontecia um mutirão, a rotina mudava um pouco, precisando-se preparar tudo para receber as pessoas. Havia uma divisão em frentes que se estabeleciam antes podendo-se ter uma ideia do que iria acontecer, mas o que realmente acontecia era decidido na hora, dependendo de quem chegasse. C	

<u>gente normalmente se dividia em algumas frentes que a gente tinha estabelecido antes. Então, a gente tinha uma ideia, mais ou menos do que iria acontecer, mas o que realmente acontecia, tipo a forma, o método e tal era bem na hora</u>, assim, <u>dependendo de quem chegasse</u>, não é? E a gente sempre se articulava para conseguir se revezar, pra ir fazer as <u>compras coletivas no mercadão, no CEASA</u> que a gente tentava comprar bastante coisa. Teve uma época que a <u>gente começou a fazer as cestas, e aí quem focalizava isso era mais o H.</u> e a I., e a gente acabava usufruindo também de uma cesta que viria, principalmente no CEASA.	(9ª ideia) Faziam as compras coletivas no mercadão e no CEASA, com as cestas que vinham pra casa também. A	
6 – M. – A gente tinha uma <u>rotina bem corrida na casa</u> porque <u>estava em transformação</u>, entrada e saída de gente, (...) então, era o tempo todo focado na casa, fazer desenvolver a casa. <u>Acordar cedo</u>, tinha as pessoas que <u>faziam yoga</u>, tinha as pessoas que <u>iam pra pracinha do lado correr, praticar capoeira, voltar tomar café todo mundo junto</u> e sentar pra <u>realizar alguma atividade, tanto arrumar o quintal</u>, depositar as coisas na <u>composteira</u>, arrumar a parte da frente, pensar em como ocupar a garagem. Vai ser só uma garagem ou se vai ser outro espaço de reuso? <u>Almoço coletivo, café da tarde</u>, sempre junto, também, quando dava, depois mais trabalho, mais pensamentos de como <u>desenvolver um projeto legal na casa. À noite, mais meditação, mais capoeira</u>, é isso.	(1ª ideia) A rotina era bem corrida porque era uma época de transformação na casa. A (2ª ideia) Acordar cedo, fazer yoga, praticar capoeira, correr, tomar café todo mundo junto, realizar alguma atividade, arrumar o quintal, cuidar da composteira, pensar em projetos para a casa, almoço coletivo, café da tarde, à noite, meditação e capoeira. A	
7 – P. – <u>Fazia muitas coisas coletivas</u>, isso nunca deixou de acontecer, <u>cafés da manhã juntos</u>, (...) lá eu <u>sempre almoçava em casa</u> que tinha essa troca, umas cozinhando para as outras e almoçava bem mais vezes lá. (...) tinha essa rotina de estar fazendo <u>trabalho dos almoços coletivos</u> que eram <u>abertos pras pessoas</u>. Que qualquer pessoa que fosse almoçar lá (...) Aí, <u>a tarde</u>, a minha rotina <u>era alguns dias eu trabalhava outros dias eu ficava pela casa mesmo estudando e fazendo as minhas coisas. No começo</u>, eu lembro que eu também <u>ajudei na divulgação, no trabalho do CEASA</u>, não é? Que a gente fazia as <u>compras coletivas lá no CEASA</u>, e fazia a distribuição de kits, não é? Para as pessoas estarem pagando um alimento mais barato do que no mercado. (...) Ah, aí e dentro das <u>atividades de cuidar da casa, de limpeza</u>, tinha as atividades de limpeza que qualquer casa tem em comum, não é? E tinha as <u>atividades do jardim, do quintal</u>.	(1ª ideia) Fazia muitas coisas coletivas, como café da manhã e almoço. A (2ª ideia) Tinham os almoços coletivos abertos pras pessoas. A (3ª ideia) À tarde, trabalhava e estudava e se dedicava a atividades pessoais. B (4ª ideia) No começo, ajudou na divulgação e distribuição de kits das compras coletivas no CEASA. A (5ª ideia) Atividades de cuidar da casa, como por exemplo, limpeza e jardim, quintal. A	

8 – R. – Eu vivi uma <u>rotina de práticas espirituais</u>, uma abertura muito pra isso, uma rotina do <u>comer coletivo</u>, do <u>comer juntos</u>, do <u>produzir pra você e para os outros</u>, de pensar no outro, de estar com outro, e no meio disso, tiveram <u>2 vivências</u>, <u>uma aberta, de construção</u> do (...) <u>telhado verde</u> que daí foi uma rotina de <u>trabalho, junto, coletivo, vivo, orgânico</u> e trabalhando no meio <u>com o mato</u>, com os <u>materiais da terra</u>, para produzir esse telhado verde e repaginar o jardim, (...) e eu tive uma outra rotina, um pouco mais alongada, que foi da <u>produção de cadernos</u> que foram feitos para custear uma viagem. Então, foi coletivamente, decidiu-se fazer uma produção de cadernos, e <u>fez-se coletivamente</u> também, (...) e a gente conseguiu se juntar pra fazer esses cadernos, <u>descobrimos juntos</u>, técnicas, <u>aprendendo através da internet</u>, <u>construindo juntos pra poder custear uma viagem para um retiro de yoga e meditação</u>. Então, a minha rotina foi específica, foi passageira, e foi esse momento assim, mas a <u>coletividade permeando</u>, pensar no outro, pra mim é permeando, <u>comer junto</u> é uma coisa que me marca.	(1ª ideia) Viveu uma rotina de práticas espirituais, coletividade permeando, comer juntos, produzir para você e para os outros. A (2ª ideia) Vivência aberta da construção do telhado verde com trabalho coletivo, vivo, orgânico, com o mato, materiais da terra. C (3ª ideia) Vivência de produção de cadernos, construindo juntos, descobrindo e aprendendo como fazer através da internet, para custear uma viagem para um retiro de yoga e meditação. C	
9 – T. – Eu <u>acordava, eu tomava um café</u>, fazia meu café, <u>dava bom dia pra todo mundo</u>, via todo mundo, às vezes já tinha alguma coisa pra comer, as vezes eu fazia alguma coisa, as vezes, eu deixava alguma coisa, depois que eu comia, aí eu <u>ia pra aula, aí voltava</u> e aí eu geralmente <u>ficava trabalhando bastante</u> no meu quarto <u>com a Internet, dando as minhas aulas por Skype</u> e não sei o que, e aí tem as tarefas que eu tinha que cuidar, isso que eu estou lembrando, que <u>cada um tinha as suas tarefas que ficavam mudando de semana pra semana</u>, (...) E aí... Bom, tinha minhas tarefas, mas tinha também <u>o tempo de encontrar os moradores</u>.	(1ª ideia) Acordava, tomava café, dava bom dia pra todo mundo, fazia as tarefas que cada um tinha e mudava toda semana. A (2ª ideia) Ia pra aula, voltava e ficava trabalhando com a internet, dava aulas por Skype, com um tempo para encontrar os moradores. B	
10 – V. – A rotina era meio que fazer tudo junto assim, óbvio que <u>cada um tinha tempo de fazer as suas coisas individuais</u>, mas era, eu <u>sentia que o meu tempo</u>, pelo menos, <u>era dividido entre as coisas que eu tinha que fazer na rua e as coisas que eu tinha que fazer na casa e o meu tempo pessoal acabava só se encaixando assim um pouquinho em cada lugar</u>, ou, às vezes, <u>eu ia pra outros lugares para ter o meu espaço pessoal mais aproveitado</u> assim, porque tudo era muito, sabe, <u>a casa tinha muitas demandas</u>, então não é era simplesmente estar lá e viver... não. Era	(1ª ideia) Cada um tinha seu tempo de fazer as suas coisas individuais, sendo com o tempo dividido entre o que se tinha que fazer na rua e na casa com o tempo pessoal se encaixando em cada lugar, ou indo pra outro lugar pra ter seu tempo pessoal mais aproveitado. B (2ª ideia) A casa tinha muitas demandas, limpeza, organização, manutenção, vivências. A	

pensar na casa antes e conciliar isso com a vida pessoal, então <u>desde a questão de limpeza, organização, principalmente na manutenção</u> porque a casa tinha muita manutenção para ser feita. Então, tinham <u>as vivências que exigia tipo “full time” da nossa atenção e dedicação</u>, e era como se a <u>Ecocasa fosse a mensagem em si</u> do que a gente <u>estava na nossa realidade</u>, que era <u>viver em conjunto, era meditar, era fazer bioconstrução</u>, e <u>mil coisas permeavam isso</u>, não é? <u>A reciclagem das coisas, a composteira</u>, então a rotina envolvia estar sempre em dia com todas essas <u>tarefas domésticas</u>, que eram às vezes mais difíceis de serem articuladas porque eram <u>todas feitas em conjunto</u>, mas, muitas vezes, traziam um <u>resultado muito maior do que se a gente fosse fazer as coisas cada um por si</u>, e <u>a rotina da casa nunca era a mesma assim</u>, não é? Ela <u>ia mudando conforme as pessoas iam vindo, indo e vindo dentro dela</u>, (...) Mas <u>ao mesmo tempo eu sentia que a rotina lá era viver um dia de cada vez</u>, a rotina <u>implicava em estar lá tipo ativamente, não passivamente</u>. <u>Estar sempre revendo</u>, não é? Os meus <u>conceitos de várias coisas</u>, e principalmente tipo <u>superando os desafios que é viver coletivamente</u>, não é? Nem sempre é fácil, mas é <u>sempre muito gostoso quando a gente sentia aquela união, aquele amor, quando a gente se reunia pra meditar</u>, (...) Eu sempre <u>cozinhas</u> quando tinha vivência, sempre <u>organizava coisa no facebook</u>, sempre <u>fotografava, fazia vídeos</u>, (...) mas não era uma rotina assim, era uma rotina muito mais digamos que <u>mão na massa do que intelectual</u> que é mais o meu dia a dia, sabe? Tipo mesmo que meu dia a dia envolva andar e trabalhar e fazer as coisas e tal eu sou muito mais mental, e lá na Ecocasa a rotina me fazia ser uma pessoa é... As vezes não exercer um outro lado de mim, que era... Ser mais tipo <u>pé no chão e mão na massa</u>.	(3ª ideia) A Ecocasa passava uma mensagem que estava na realidade das pessoas vivendo em conjunto, meditando, fazendo bioconstrução, reciclagem das coisas, composteira, tarefas domésticas feitas em conjunto. A (4ª ideia) Ao mesmo tempo, a rotina da casa nunca era a mesma, ia mudando conforme as pessoas iam vindo e indo. A (5ª ideia) A rotina era mais mão na massa do que intelectual, mais pé no chão e mão na massa, viver um dia de cada vez ativamente e não passivamente, revendo conceitos, superando os desafios de viver coletivamente, sentindo uma união ao sentar para meditar. A (6ª ideia) Cozinhas, organizava coisa no facebook, fotografava, fazia vídeos. A	

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD2

A – A rotina coletiva na casa era bem intensa, de superação dos desafios de viver coletivamente, mais mão na massa do que intelectual, mais ativa do que passiva, com compras, refeições, tarefas coletivas, de cuidados com a casa e com o outro, de muitos encontros e união. Bem livre e, ao mesmo tempo, uma lição de auto responsabilidade.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. - <i>Era uma coisa bem livre pelo que eu experienciei, não é? Foi bem livre e, ao mesmo tempo, uma lição de auto responsabilidade, assim, de saber que estávamos construindo, que cada ação que a gente fazia, não é? Que eu ia fazer, estava relacionado com o fazer coletivo, não é? Não era só pra mim, era sempre a coletividade, assim, que é uma das coisas, assim, que eu sinto muita saudade assim, (...) Que é isso, por exemplo, de preparar um café da manhã todo mundo, de cozinhar pra todo mundo, de fazer compras coletivas.</i> 2 – Ga. - <i>Eu meditava com o pessoal da casa, acordava cedo, a gente cozinhou, quando cozinhou junto, não é? (...) a gente tomava café da manhã junto (...) no começo, a gente chamava várias pessoas pra meditar em casa, então sempre tinha essa coisa da meditação. Era a cola, não é? O yoga e a meditação. Então, foram várias pessoas, não é? (...) era uma casa de encontros, não é? Era muito legal porque várias pessoas de diferentes, assim lugares, acabavam se encontrando em casa e todo mundo se sentia muito bem, e a gente sempre acolhia, então tinha essa proposta. (...) E aí cada hora aparecia alguma coisa, e a gente sempre celebrava as coisas que a gente tinha, - "ah consegui não sei o que lá" (...) isso era uma coisa interessante.</i> 3 – Gu. - <i>Ah, eu tinha uma série de tarefas que eram organizadas coletivamente e realizadas coletivamente também. Cada semana uma pessoa era destinada a cuidar de uma parte da casa, então tinha diferentes seções, não é? Uma delas era cuidar da composteira, então, precisaria, por exemplo, uma semana alguém pra buscar serragem na serralheria e substituir o pote que era onde fica a serragem e coisa assim. Então, outra função era de fazer as compras no mercado, a outra, era de limpar o banheiro seco, a outra função, era de cuidar dos jardins, aguar as plantas, fazer uma manutenção nas hortas, não é? Tudo isso. E assim funcionava a KripaMadhu. Acho que</i>	<i>A rotina, na casa, era bem intensa, era uma coisa bem livre e, ao mesmo tempo, uma lição de auto responsabilidade, assim, de saber que estávamos construindo, que cada ação que a gente fazia estava relacionada com o fazer coletivo, não é? Não era só pra mim, era sempre a coletividade, assim, que é uma das coisas que eu sinto muita saudade. De uma abertura muito pra isso, a coletividade permeando. De preparar um café da manhã, de cozinhar pra todo mundo, do comer coletivo, do comer juntos, do produzir pra você e para os outros, de fazer compras coletivas, de pensar no outro, de estar com outro, é uma coisa que me marca.</i> <i>Mas ao mesmo tempo eu sentia que a rotina lá era viver um dia de cada vez, a rotina implicava em estar lá tipo ativamente, não passivamente. Estar sempre revendo, os meus conceitos de várias coisas, e principalmente, tipo, superando os desafios que é viver coletivamente, não é?</i> <i>Nem sempre é fácil, mas é sempre muito gostoso quando a gente sentia aquela união, aquele amor, quando a gente se reunia pra meditar.</i> <i>Acordava cedo, dava bom dia pra todo mundo, via todo mundo, havia uma rotina de práticas espirituais, tinha as pessoas que faziam yoga, tinha as pessoas que iam pra pracinha do lado correr, praticar capoeira e alguns momentos que a gente meditava juntos.</i> <i>No começo, a gente chamava várias pessoas pra meditar em casa, então, sempre tinha essa coisa da meditação. Era a cola, não é? O yoga e a meditação. Então, foram várias pessoas, não é?</i> <i>Era uma casa de encontros, não é? Era muito legal porque várias pessoas, de diferentes lugares, acabavam se encontrando em casa e todo mundo se sentia muito bem, e a gente sempre acolhia, então, tinha essa proposta.</i> <i>A gente sempre tentava fazer as refeições juntos, não é? O café da manhã, normalmente, era todo mundo junto, quando não era, sempre tinha</i>

era mais ou menos por aí? E além disso, tinha as funções de limpeza da casa também, que era limpar o banheiro, limpar a frente, essa era a rotina na qual eu fazia parte também.

4 – H. - A minha rotina na casa era acordar de manhã na segunda-feira começar agilizar os posts que eu fazia para as compras do CEASA, compra coletiva, não é? Que a gente da casa fazia compra coletiva pra casa e também para outras repúblicas (...) fazia os posts lá, com o facebook da casa, não é? E as pessoas viam, se interessavam pela idéia dos kits que as pessoas pagavam 20 reais antecipado, não é? (...) ou depois para as pessoas que quisessem pagar depois já com o kit montado, ou tinha semanas que era legumes e tinha semanas que era frutas, (...) aí, na terça-feira eu já fazia as compras no CEASA, dividia, já abastecia a casa com os kits (...) E também, durante a semana, nós dividíamos as tarefas da casa, não é? Desde lavar a cozinha, sala, garagem, o quintal do fundo, até cuidar da composteira, cuidar da horta, cuidar do banheiro seco que a gente tinha lá no fundo. Era estar mais dando a manutenção para que a casa funcionasse, não é?

5 – L. - A rotina na casa era bem intensa, a gente sempre tentava fazer as refeições juntos, não é? Então a gente tinha a comida básica, assim, era coletiva (...) Então, acabou que a gente conseguia sobreviver comendo bem e de forma comunitária, com pouco dinheiro, então isso, era muito bacana porque proporcionava uma união, inclusive em torno da comida, (...) então, o café da manhã era normalmente coletivo, quando não era coletivo, sempre tinha alguma coisa no fogão de quem já tinha acordado antes, já tinha um café pronto, já tinha mingau pronto, já tinha tapioca que já estava hidratada na geladeira. Então, a gente sempre tinha esse cuidado de utilizar as coisas só que também de deixar a coisa utilizável para a próxima pessoa também, não é? Que ela não precisasse fazer tudo. Então, essa era uma preocupação. Almoço, a gente fazia bastante almoço coletivo, (...) Era toda alimentação vegetariana, a gente dava preferência para ser vegana. (...) Teve uma época em que a gente começou a servir almoços na Ecocasa e abrir pras outras pessoas irem também, e aí a rotina da casa deu uma mudada, não é? Porque a gente começou a fazer uma escala de almoços, e tal. Então, a gente já começou a tentar estruturar um pouco mais, assim, essa parte, de almoço. Normalmente, não tinha uma escala, não é? Antes da gente tentar esse formato com almoços abertos ao público e cobrados. Era normalmente quem estava com fome começava o almoço e as pessoas paravam o que estavam fazendo para ir ajudar e fazer também, não é? Na janta, também a gente acabava comendo alguma coisinha, assim, acho que eram os maiores momentos de encontro, assim, eram ao redor da cozinha nos momentos de alimentação, não é? Existiam alguns momentos

alguma coisa pra comer no fogão de quem já tinha acordado antes, já tinha um café pronto, já tinha mingau pronto, já tinha tapioca que já estava hidratada na geladeira.

Às vezes, se fazia alguma coisa, às vezes, se deixava alguma coisa. A gente sempre tinha esse cuidado de utilizar as coisas só que também de deixar a coisa utilizável para a próxima pessoa também, não é? Que ela não precisasse fazer tudo. Então, essa era uma preocupação.

A gente fazia bastante almoço coletivo, café da tarde, sempre junto, também, quando dava, eu sempre almoçava em casa que tinha essa troca, uns cozinhando para os outros e almoçava bem mais vezes lá.

A comida básica, assim, era coletiva. Toda a alimentação era vegetariana, a gente dava preferência para ser vegana. Então, acabou que a gente conseguia sobreviver comendo bem e de forma comunitária, com pouco dinheiro. Então, isso era muito bacana porque proporcionava uma união, inclusive em torno da comida.

A gente sempre se articulava para conseguir se revezar, pra ir fazer as compras coletivas no mercadão. No CEASA, quem focalizava isso era mais o H. e a L., e a gente acabava usufruindo também de uma cesta que viria para as pessoas estarem pagando um alimento mais barato do que no mercado.

Então, na segunda-feira, começava a agilizar os posts, no facebook, para as compras coletivas do CEASA, que eram pra casa e também para outras repúblicas. As pessoas viam e se interessavam pela ideia dos kits distribuídos por 20 reais, sendo semanas que eram legumes e semanas que eram frutas. Na terça-feira já fazia as compras no CEASA, dividia, e abastecia a casa.

A gente tinha uma rotina bem corrida na casa porque estava em transformação, entrada e saída de gente, então, era o tempo todo focado na casa, sentar pra realizar alguma atividade, pensamentos de como desenvolver um projeto legal na casa, arrumar a parte da frente, pensar em como ocupar a garagem. Vai ser só uma garagem ou se vai ser outro espaço de reuso?

E aí, cada hora aparecia alguma coisa, e a gente sempre celebrava as coisas que a gente tinha, - "ah consegui não sei o que lá". Isso era uma coisa interessante.

A rotina da casa nunca era a mesma, assim, não é? Ela ia mudando conforme as pessoas iam vindo, indo e vindo dentro dela, mas as coisas coletivas, isso nunca deixou de acontecer.

Teve uma época em que a gente começou a servir almoços coletivos na Ecocasa que eram abertos pra qualquer pessoa que fosse almoçar lá. E aí, a rotina da casa deu uma mudada, não é? Porque a gente começou a fazer uma escala de almoços, e

que a gente meditava juntos, e basicamente é isso, não é? Os momentos que a gente estava mais juntos, assim. (...) E a gente sempre se articulava para conseguir se revezar, pra ir fazer as compras coletivas no mercadão, no CEASA que a gente tentava comprar bastante coisa. Teve uma época que a gente começou a fazer as cestas, e aí quem focalizava isso era mais o H. e a I., e a gente acabava usufruindo também de uma cesta que viria, principalmente no CEASA.

6 – M. - A gente tinha uma rotina bem corrida na casa porque estava em transformação, entrada e saída de gente, (...) então, era o tempo todo focado na casa, fazer desenvolver a casa. Acordar cedo, tinha as pessoas que faziam yoga, tinha as pessoas que iam pra pracinha do lado correr, praticar capoeira, voltar tomar café todo mundo junto e sentar pra realizar alguma atividade, tanto arrumar o quintal, depositar as coisas na composteira, arrumar a parte da frente, pensar em como ocupar a garagem. Vai ser só uma garagem ou se vai ser outro espaço de reuso? Almoço coletivo, café da tarde, sempre junto, também, quando dava, depois mais trabalho, mais pensamentos de como desenvolver um projeto legal na casa. À noite, mais meditação, mais capoeira, é isso.

7 – P. - Fazia muitas coisas coletivas, isso nunca deixou de acontecer, cafés da manhã juntos, (...) lá eu sempre almoçava em casa que tinha essa troca, umas cozinhando para as outras e almoçava bem mais vezes lá. (...) Tinha essa rotina de estar fazendo trabalho dos almoços coletivos que eram abertos pras pessoas. Que qualquer pessoa que fosse almoçar lá. (...) No começo, eu lembro que eu também ajudei na divulgação, no trabalho do CEASA, não é? Que a gente fazia as compras coletivas lá no CEASA, e fazia a distribuição de kits, não é? Para as pessoas estarem pagando um alimento mais barato do que no mercado. (...) Ah, aí e dentro das atividades de cuidar da casa, de limpeza, tinha as atividades de limpeza que qualquer casa tem em comum, não é? E tinha as atividades do jardim, do quintal.

8 – R. - Eu vivi uma rotina de práticas espirituais, uma abertura muito pra isso, uma rotina do comer coletivo, do comer juntos, do produzir pra você e para os outros, de pensar no outro, de estar com outro. (...) Então, a minha rotina foi específica, foi passageira, e foi esse momento assim, mas a coletividade permeando, pensar no outro, pra mim é permeando, comer junto é uma coisa que me marca.

9 – T. - Eu acordava, eu tomava um café, fazia meu café, dava bom dia pra todo mundo, via todo mundo, às vezes já tinha alguma coisa pra comer, às vezes eu fazia alguma coisa, as vezes, eu deixava alguma coisa, (...) e aí tem as tarefas que eu tinha que cuidar, isso que eu estou lembrando,

tal. Então, a gente já começou a tentar estruturar um pouco mais, assim, essa parte, de almoço. Normalmente, não tinha uma escala, não é? Antes da gente tentar esse formato com almoços abertos ao público e cobrados. Era normalmente quem estava com fome começava o almoço e as pessoas paravam o que estavam fazendo para ir ajudar e fazer também, não é? Na janta, também a gente acabava comendo alguma coisinha, assim, acho que eram os maiores momentos de encontro, assim, eram ao redor da cozinha nos momentos de alimentação, não é?

Ao mesmo tempo, tinham as vivências que exigia tipo “full time” da nossa atenção e dedicação. Sempre cozinhou quando tinha vivência, sempre organizava coisa no facebook, sempre fotografava, fazia vídeos, e era como se a Ecocasa fosse a mensagem em si do que a gente estava na nossa realidade, que era viver em conjunto, era meditar, era fazer bioconstrução, e mil coisas permeavam isso, não é? A reciclagem das coisas, a composteira.

Então, a casa tinha muitas demandas, não era simplesmente estar lá e viver... não. Era pensar na casa antes e conciliar isso com a vida pessoal, desde a questão de limpeza, organização, principalmente na manutenção porque a casa tinha muita manutenção para ser feita. E estar sempre em dia com todas essas tarefas domésticas, que eram, às vezes, mais difíceis de serem articuladas porque eram todas organizadas e realizadas coletivamente, mas, muitas vezes, traziam um resultado muito maior do que se a gente fosse fazer as coisas cada um por si.

Assim, as tarefas eram divididas e cada semana, uma pessoa era destinada a cuidar de uma parte da casa, então, tinha diferentes seções, não é? Uma delas era cuidar da composteira que precisaria, por exemplo, uma semana alguém pra buscar serragem na serralheria e substituir o pote que era onde fica a serragem e coisa assim.

A outra função, era de cuidar o banheiro seco, que a gente tinha lá no fundo. A outra, era de cuidar dos jardins, do quintal, aguar as plantas, fazer uma manutenção nas hortas, não é?

Tudo isso. E assim funcionava a Kripa Madhu. Era mais para estar dando a manutenção para que a casa funcionasse, não é? Acho que era mais ou menos por aí? E, além disso, tinha as funções de limpeza que qualquer casa tem em comum, não é? Que era limpar o banheiro, limpar a frente, lavar a cozinha, sala, garagem, essa era a rotina da qual eu fazia parte também.

Era uma rotina muito mais digamos que mão na massa do que intelectual que é mais o meu dia-a-dia, sabe? Tipo, mesmo que meu dia-a-dia envolva andar e trabalhar e fazer as coisas e tal eu sou muito mais mental, e lá na Ecocasa, a rotina me fazia exercer um outro lado de mim, que

que cada um tinha as suas tarefas que ficavam mudando de semana pra semana. 10 – V. - Porque tudo era muito, sabe, a casa tinha muitas demandas, então não é era simplesmente estar lá e viver... não. Era pensar na casa antes e conciliar isso com a vida pessoal, então desde a questão de limpeza, organização, principalmente na manutenção porque a casa tinha muita manutenção para ser feita. Então, tinham as vivências que exigia tipo “full time” da nossa atenção e dedicação, e era como se a Ecocasa fosse a mensagem em si do que a gente estava na nossa realidade, que era viver em conjunto, era meditar, era fazer bioconstrução, e mil coisas permeavam isso, não é? A reciclagem das coisas, a composteira, então a rotina envolvia estar sempre em dia com todas essas tarefas domésticas, que eram às vezes mais difíceis de serem articuladas porque eram todas feitas em conjunto, mas, muitas vezes, traziam um resultado muito maior do que se a gente fosse fazer as coisas cada um por si, e a rotina da casa nunca era a mesma assim, não é? Ela ia mudando conforme as pessoas iam vindo, indo e vindo dentro dela, (...) Mas ao mesmo tempo eu sentia que a rotina lá era viver um dia de cada vez, a rotina implicava em estar lá tipo ativamente, não passivamente. Estar sempre revendo, não é? Os meus conceitos de várias coisas, e principalmente tipo superando os desafios que é viver coletivamente, não é? Nem sempre é fácil, mas é sempre muito gostoso quando a gente sentia aquela união, aquele amor, quando a gente se reunia pra meditar, (...) Eu sempre cozinhava quando tinha vivência, sempre organizava coisa no facebook, sempre fotografava, fazia vídeos, (...) mas não era uma rotina assim, era uma rotina muito mais digamos que mão na massa do que intelectual que é mais o meu dia a dia, sabe? Tipo mesmo que meu dia a dia envolva andar e trabalhar e fazer as coisas e tal eu sou muito mais mental, e lá na Ecocasa a rotina me fazia ser uma pessoa é... As vezes não exercer um outro lado de mim, que era... Ser mais tipo pé no chão e mão na massa.	era... ser uma pessoa é... mais tipo pé no chão e mão na massa.

IAD2

B – Além da rotina coletiva, cada morador tinha a sua rotina de atividades pessoais.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
2 – Ga. - Cada um trabalhava nas suas atividades, não é? (...) e eu fazia... dava aula, ia pras aulas do doutorado. 4 – H. - E também, durante o final do dia era sempre as horas que a gente se encontrava, não é? Das 7 da noite em diante, muitos da casa estudavam e tinha seus horários, e (...) o meu	A rotina era meio que fazer tudo junto assim, óbvio que cada um tinha tempo de fazer as suas coisas individuais, mas eu sentia que o meu tempo, pelo menos, era dividido entre as coisas que eu tinha que fazer na rua e as coisas que eu tinha que fazer na casa e o meu tempo pessoal acabava só se encaixando, assim, um pouquinho em cada lugar, ou, às vezes, eu ia pra outros lugares para

horário era bem flexível, e assim, eu poderia estar dando mais atenção pra casa, não é? Para que as coisas acontecessem na casa e foi muito bom. 5 – L. - Aí cada um ficava bastante imerso nas suas próprias atividades, assim, não é? 7 – P. - Aí, a tarde, a minha rotina era alguns dias eu trabalhava outros dias eu ficava pela casa mesmo estudando e fazendo as minhas coisas. 9 – T. - Depois que eu comia, aí eu ia pra aula, aí voltava e aí eu geralmente ficava trabalhando bastante no meu quarto com a Internet, dando as minhas aulas por Skype e não sei o que. (...) E aí... Bom, tinha minhas tarefas, mas tinha também o tempo de encontrar os moradores. 10 – V. - A rotina era meio que fazer tudo junto assim, óbvio que cada um tinha tempo de fazer as suas coisas individuais, mas era, eu sentia que o meu tempo, pelo menos, era dividido entre as coisas que eu tinha que fazer na rua e as coisas que eu tinha que fazer na casa e o meu tempo pessoal acabava só se encaixando assim um pouquinho em cada lugar, ou, às vezes, eu ia pra outros lugares para ter o meu espaço pessoal mais aproveitado, assim.	ter o meu espaço pessoal mais aproveitado, assim. Isso porque meu horário era bem flexível, e assim, eu poderia estar dando mais atenção pra que as coisas acontecessem na casa e foi muito bom. Mas muitos da casa estudavam e tinham seus horários, então, cada um trabalhava e ficava bastante imerso nas suas próprias atividades, assim, não é? Eu ia pra aula, dava aula, aí voltava e aí eu geralmente ficava trabalhando bastante no meu quarto com a Internet, dando as minhas aulas por Skype e não sei o que. À tarde, a minha rotina era alguns dias eu trabalhava, outros eu ficava pela casa mesmo, estudando e fazendo as minhas coisas. E aí... Bom, tinha minhas tarefas, mas tinha também o tempo de encontrar os moradores no final do dia, era sempre as horas que a gente se encontrava, não é? Das 7 da noite em diante.

IAD2

C – Eram bem ativistas, planejando muitos trabalhos juntos com a proposta de permacultura, espiritualidade e vegetarianismo.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
2 – Ga. - A gente sempre estava planejando as coisas, a gente fez bastante trabalhos juntos até, no Carnaval, a gente foi vender suco, a gente produziu suco na casa juntos e a gente foi lá tudo com calças de palhaço, foi muito legal, a gente tinha umas propostas legais.(...) aí, a gente programou umas oficinas junto, aí foi uma galera da PUC e outras pessoas de Barão Geraldo e a casa começou a ficar meio conhecida, não é? Foi bem legal assim, o tempo que eu vivi lá gostei bastante... Ah, tinha essas intenções, a gente fez um quartinho lá atrás de pau-a-pique, tinha essa proposta de permacultura bem forte e da espiritualidade também, e do vegetarianismo, então a gente era bem ativista. 5 – L. - Aí a gente tentava fazer um mutirão, (...) E aí, quando ia ocorrer o mutirão a gente tinha que fazer compras, a gente tinha que preparar tudo para receber as pessoas, não é? E aí, a gente normalmente deixava ver o que que ia acontecer, assim durante o mutirão, a gente tentava adotar algumas práticas de inclusão e de formação de espírito de grupo, assim mesmo, com rodas de partilha, com rodas durante o almoço, atividades integradoras, não é? (...) E a gente normalmente se	A gente sempre estava planejando as coisas e fez bastante trabalhos juntos até. Foi muito legal, a gente tinha umas propostas legais. No Carnaval, a gente foi vender suco, a gente produziu suco na casa juntos e foi lá tudo com calças de palhaço. A gente programou umas oficinas junto, foi uma galera da PUC e outras pessoas de Barão Geraldo e a casa começou a ficar meio conhecida, não é? E no meio disso, teve uma vivência, aberta, de construção do telhado verde que daí foi uma rotina de trabalho, junto, coletivo, vivo, orgânico e trabalhando no meio com o mato, com os materiais da terra, para produzir esse telhado verde e repaginar o jardim. E teve uma outra, um pouco mais alongada, que foi da produção de cadernos que foram feitos para custear uma viagem. Então, decidiu-se fazer uma produção de cadernos, a gente conseguiu se juntar e fez-se coletivamente também, descobrindo, construindo juntos, técnicas, aprendendo através da internet, juntos, pra poder custear uma viagem para um retiro de yoga e meditação.

dividia em algumas frentes que a gente tinha estabelecido antes. Então, a gente tinha uma ideia, mais ou menos do que iria acontecer, mas o que realmente acontecia, tipo a forma, o método e tal era bem na hora, assim, dependendo de quem chegasse, não é?

8 – R. - E no meio disso, tiveram 2 vivências, uma aberta, de construção do (...) telhado verde que daí foi uma rotina de trabalho, junto, coletivo, vivo, orgânico e trabalhando no meio com o mato, com os materiais da terra, para produzir esse telhado verde e repaginar o jardim. (...) e eu tive uma outra rotina, um pouco mais alongada, que foi da produção de cadernos que foram feitos para custear uma viagem. Então, foi coletivamente, decidiu-se fazer uma produção de cadernos, e fez-se coletivamente também, (...) e a gente conseguiu se juntar pra fazer esses cadernos, descobrindo juntos, técnicas, aprendendo através da internet, construindo juntos, pra poder custear uma viagem para um retiro de yoga e meditação.

Quando ia ocorrer o mutirão a gente tinha que fazer compras, a gente tinha que preparar tudo para receber as pessoas, não é? E aí, a gente normalmente deixava ver o que ia acontecer, assim durante o mutirão, a gente tinha uma ideia, mas tipo a forma, o método e tal era bem na hora, assim, dependendo de quem chegasse, não é?

A gente tentava adotar algumas práticas de inclusão e de formação de espírito de grupo, assim, mesmo, com rodas de partilha, com rodas durante o almoço, atividades integradoras, não é? E a gente normalmente se dividia em algumas frentes que a gente tinha estabelecido antes.

Foi bem legal assim, o tempo que eu vivi lá gostei bastante... Ah, tinha essas intenções, a gente fez um quartinho lá atrás de pau-a-pique, tinha essa proposta de permacultura bem forte, da espiritualidade também, e do vegetarianismo, então a gente era bem ativista.

DSC – ECOCASA KRIPA MADHU – LONGA IMERSÃO – MORADORES

Pergunta 2: Quais reflexões a vivência na casa trouxeram?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
1 – A - É dessa <u>comunicação constante</u>, não é? "está acontecendo alguma coisa <u>vamos resolver</u>, não é?" (...) eu via isso, esse tempo todo, de... "bom vamos <u>fazer as compras</u>, quem que vai? Como vamos fazer? Como <u>organizar os tempos</u>?", e essa comunicação, por exemplo, de ter <u>um banheiro em casa com várias pessoas</u>, como que a gente vai tomando essa <u>consciência</u>, não é? <u>De que a gente está vivendo com o outro</u>. (...) é bem marcante assim, que <u>essa reflexão</u> que você fez, que a gente conversou desde a primeira vez que eu sempre fiquei trazendo a tona, eu trago a tona assim, <u>pra minha vida</u>. <u>É isso de vamos fazer, de e não esperar, não esperar o tempo certo, o momento certo pra acontecer</u>, é tipo, também, não é? Mas assim, não esperar, <u>não deixar as coisas passarem, a vida passar</u>, é isso assim, <u>tem um sonho</u>, tem um projeto e vamos fazer, <u>vamos concretizar</u> e assim, como finalizo esse projeto, não é? Aconteceu, aconteceu muita coisa, e foi muito bonito. <u>Agora, não tem mais pessoas morando na Ecocasa, não existe a Ecocasa como um espaço físico, mas existe essa comunidade Ecocasa, existe essas vivências que eu acredito que para cada um foi importante</u>, assim... Então, essa reflexão é muito importante assim, de <u>fazer mesmo</u>, eu levo bastante... (...) outras reflexões porque não foi só uma, não é? Foram várias, e uma dessas é o aprendizado, sabe? Como <u>a gente se coloca em posição de aprender</u>. <u>Não é posição, é abertura</u>, não é? Como a gente se abre pra esse aprendizado acontecer? E esse <u>compartilhar constante</u>, esse <u>fluxo importante de pessoas</u>, não é? Que <u>estavam indo, entrando e saindo</u>, é... <u>Não só de pessoas, mas esse fluxo de energias, de perspectivas diferentes</u>, como a gente se coloca nessa abertura <u>de aprender e de ensinar também</u>. Então, como a gente <u>aprende a respeitar a diferença</u>, como <u>nos tornamos mais sinceros</u> também, sabe? De <u>saber respeitar, de saber escutar o outro</u>.	(1ª ideia) Existia uma comunicação constante para resolver coisas como fazer compras, organizar o tempo, ter um banheiro na casa para várias pessoas, trazendo uma consciência de que se está vivendo com o outro. A (2ª ideia) Não deixar as coisas passarem, a vida passar, não esperar o momento certo pra realizar um sonho e sim, fazer mesmo, concretizar. B (3ª ideia) Mesmo que a Ecocasa não exista mais fisicamente, ela existe como comunidade dessas pessoas que participaram das vivências. A (4ª ideia) Acredita que a vivência na Ecocasa proporcionou uma abertura para o aprendizado acontecer, através do compartilhar constante, da união, trabalhar juntos por um sonho, pôr em prática um ideal diferente, ir concretizando, essa liberdade e auto responsabilidade, compreender que as nossas ações estão afetando diretamente o outro, quebrar paradigmas internamente. A	

Bom, tem também muito... Está tudo meio que ligado, mas <u>tem muito a ver com essa coletividade</u>, com esse sentido de coletivo, com esse sentido de <u>união</u> assim, de <u>trabalharmos juntos por alguma coisa</u>, não é? <u>Que é um ideal, que é um sonho, talvez, pra muitos de nós</u>, e <u>ir concretizando</u> porque é louco que, hoje em dia, a sociedade fecha bastante, não é? Que as nossas perspectivas, assim, a educação e <u>a gente está meio que quebrando tudo isso</u>, não é? <u>Internamente, esses paradigmas, mas pôr em prática diferente</u>. E eu <u>acredito que a Ecocasa foi muito esse aprendizado assim de pôr em prática mesmo</u>, e aí, mais uma vez, eu me toquei assim pensando - "nossa tipo, eu <u>estou aqui nesse espaço convivendo e tanto faz que dia da semana é</u>, tanto faz se é segunda ou sexta, ou domingo ou terça. Tanto faz se é muito tarde muito cedo", tipo, você vai vivendo e a vida é isso. Então, <u>quebrar com esses paradigmas e por em prática essa liberdade, e muito também da auto-responsabilidade</u>, não é? De <u>compreender que as nossas ações estão afetando diretamente o outro</u>, e esse convívio coletivo faz com que a gente fique refletindo o tempo inteiro sobre isso, não é? E é bom, muito de sensações, eu trago a mim assim, sensações, momentos, como etapas assim, pra mim significou muito, etapas, (...) falando da <u>auto responsabilidade</u>, lembro do momento das <u>aulas de yoga</u>, assim, como cada um, cada um está praticando yoga, cada um está fazendo sua prática individual, não é? <u>Sua conexão, suas ligações internas, não é? Que o yoga traz, abre tanta coisa, e ao mesmo tempo, a gente está ali convivendo</u>, e depois disso, a gente <u>fazia café da manhã e cada um se encarregava de alguma coisa</u>, não é? - "vamos fazer isso aqui? Vamos fazer isso à cá", e essa <u>comunicação constante</u> que tem que existir <u>entre um grupo variado de pessoas</u>. (...) É porque a ecocasa foi assim <u>um projeto</u>, não é? <u>Um sonho</u>, mas foi <u>muito além pra mim</u>. Foi assim, <u>um início, um despertar, um espaço de encontros e reencontros, de coisas muito mágicas</u> assim, que meio que <u>não tem explicação</u>. Tipo um <u>entramado</u>, bem interessante assim, <u>de momentos importantes</u>.	(5ª ideia) As aulas de yoga com café da manhã trouxeram uma reflexão sobre a auto responsabilidade de estar fazendo suas conexões internas e convivendo com um grupo variado de pessoas fazendo o café da manhã juntos, com uma comunicação constante, cada um se encarregando de alguma coisa. A (6ª ideia) A Ecocasa foi muito além de um projeto, de um sonho, foi um início de um despertar, um espaço de encontros e reencontros, de coisas muito mágicas que não tem explicação, um entramado, de momentos importantes. C	
2 – Ga. - E <u>no começo não tinha nada</u>, não é? Na casa? Nada! Zero! A gente chegou assim (...) e aí aos pouquinhos a gente foi trazendo coisas pra casa e <u>aos poucos</u> a gente foi construindo ela e ela <u>foi ficando com cara de casa</u>. (...) <u>o projeto da casa no começo era "do nada ao tudo"</u>, e realmente foi do tudo pro nada depois porque tinha	(1ª ideia) O projeto da casa era "do nada ao tudo" e a casa que não tinha nada aos poucos foi ficando com cara de casa, ao ponto de, no final, não saber o que fazer com tanta coisa. C	

muita coisa no final, e <u>a gente não sabia o que fazer com tanta coisa</u>, mas foi muito legal assim, (...) Ah, O <u>viver em coletivo</u>, não é? Assim, morar junto, <u>aceitar as diferenças</u>, tipo sempre deixar muito claro os acordos porque eles podem mudar, mas sempre conversar pra sempre deixar claro pra que... Mesmo que mude as coisas é... Acho que <u>ter uma comunicação clara é importante</u> assim, então e <u>a vivência na casa me trouxe muito isso</u>, de <u>aceitar o limite das pessoas</u>, e acho que mais isso assim da convivência.	(2ª ideia) A vivência na casa trouxe uma reflexão sobre a importância de uma comunicação clara ao se viver em coletivo, aceitar as diferenças e os limites das pessoas. A	
3 – Gu. - Eu <u>pude praticar mais os conceitos</u> no que <u>eu acreditava</u>, assim, de <u>sustentabilidade</u>, não é? Em termos de... E ampliar, não é. Tinha coisas que eu não sabia e <u>aprendi</u> na casa que <u>em relação a materiais biodegradáveis</u>, não é? O <u>detergente que a gente não usava</u>, a <u>composteira</u> que eu não sabia como operar assim, (...) e ficou mais claro na <u>função prática</u>, a composteira. <u>Aprendi a biodinâmica das plantas</u>, como preparar o solo, como prover os nutrientes que precisa, o que precisa a planta, quais as condições e como fazer isso pra possibilitar um crescimento mais saudável da planta e respeitando a <u>dinâmica do ecossistema</u>, não é? Não só da planta, mas <u>também dos animais</u> que estão no mesmo sistema, os besouros, que também fazem parte, e tudo isso foi muito enriquecedor.	(1ª ideia) Pode praticar e ampliar mais os conceitos de sustentabilidade em que acreditava. D (2ª ideia) Aprendeu sobre materiais biodegradáveis como a não utilização de detergente, a função prática da composteira, a biodinâmica das plantas, dos animais e a dinâmica do ecossistema. D	
4 – H. - Essa <u>ideia do kit funcionava muito bem</u> e cada vez mais estava fluindo (...) Que por <u>20 reais</u>, um kit desse, <u>no mercado, você não compra nem a metade, porque vinha legumes e frutas</u>, (...) Me <u>trouxeram principalmente a essência de como é viver no coletivo</u>, desde <u>compras conjuntas</u>, <u>viver no mesmo espaço com pessoas que você nunca viu na vida</u> e está conhecendo lá, <u>imersamente</u>. Então, os 6 meses que eu morei na casa as amizades que eu fiz lá com as pessoas que eu morei <u>é muito mais intensa</u> do que qualquer amizade que eu conheço aí na minha vida, durante a vida inteira, só que lá era muito mais imerso, não é? Então, <u>o contato era muito mais forte</u>, não é? O carinho também de <u>estar podendo ajudar as pessoas numa conversa</u>, num conselho, e também <u>estar aberto para receber também</u>. Um <u>outro olhar de vida</u>, um outro jeito de fazer, qualquer outra coisa estava <u>aberto para aprender com os outros moradores</u> e isso foi muito bom. Também você <u>se auto conhecer melhor</u>, não é? Pois se sua vida... se <u>você sempre viveu no mesmo ambiente</u>, não é? Você <u>acaba não florescendo alguns pensamentos que poderiam vir quando você pudesse morar</u>	(1ª ideia) A ideia do kit de legumes e frutas por 20 reais funcionava muito bem porque com esse valor, no mercado, você não comprava nem metade da quantidade. A (2ª ideia) Trouxeram, principalmente, a essência de como é viver no coletivo, fazer compras conjuntas, viver imerso, no mesmo espaço, poder ajudar as pessoas estando aberto a receber também e fazendo amizades muito intensas com pessoas que nunca se viram na vida, trazendo um outro olhar de vida, aberto para aprender com outros moradores. A (3ª ideia) Trouxe autoconhecimento através de reflexões e pensamentos que vem quando você está em um	

<u>com pessoas que você nunca conheceu na vida</u>, não é? Porque aí vem outros pensamentos, não é? <u>Vem outras reflexões quando você está num momento mais introvertido</u>, não é? Poder pensar mais internamente, então <u>vem outras questões</u> que você acaba querendo abordar, não é? (...) e também com as <u>reflexões de principalmente também de sustentabilidade</u>, não é? (...) <u>evitando de jogar o máximo de material no lixo</u> que também é o <u>princípio da permacultura</u>, não é? Que a gente aborda, que a gente abordou lá, na casa, a <u>permacultura urbana</u>, que a permacultura <u>é não ter um fim</u>, não é? <u>O material não tem um fim que é o lixo</u>, não é? Sempre <u>manter um ciclo</u>, não é? <u>Um círculo de reaproveitamento</u>, então, <u>ele sempre vai ter um destino</u> e lá a gente usava muito isso e em <u>um belo exemplo é a composteira</u>, não é? Alimentos orgânicos crus principalmente a gente não jogava no lixo, não é? Desde ralar uma Cenoura, cortar uma berinjela, casca de banana, entre outras frutas e legumes nos jogávamos na composteira, jogávamos serragem no baldinho e o momento que o balde enchia a gente juntava com o restante da compostagem no fundo do quintal que tinha os pneus, e mais serragem, eram pilhas de 4 pneus e a gente tinha três pilhas. Então, enquanto enchia uma, a gente enchia a outra, depois enchia a terceira. Quando enchia a terceira, a gente voltava para a primeira pra poder <u>completar esse ciclo</u>, e quando voltava na primeira pilha, a gente já tinha <u>a terra composta, terra rica em nutrientes</u> (...) Então, <u>isso era muito rico</u>, não é? De <u>um alimento que a gente estaria fazendo na cozinha</u> a pequeno, longo prazo, a gente tinha, a gente <u>poderia estar dando ênfase na nossa horta</u>, não é? Com aquele próprio material, <u>ou seja, não tinha um fim</u>, não é? Não tinha um lixo que você jogava num saquinho e um caminhão passava, pegava... <u>A gente transformava aquele lixo em outros nutrientes, em outros frutos que a gente poderia estar colhendo</u> a pequeno, logo prazo, então, essa veio <u>a reflexão que me trouxe</u>, não é? E essa <u>essência da permacultura e da sustentabilidade e da resiliência</u>, de tudo. (...) e o dinheiro dos almoços nós juntávamos e no final do mês a gente abatia no aluguel, (...) Todo mundo fazia <u>os almoços na casa e ajudava no aluguel</u>, ou seja, <u>a casa estava se auto-sustentando</u>, não é? Com os almoços, então, já é <u>aquele olhar de ciclo</u>, não é? <u>Tudo que a casa fazia, reverberava pra ela</u>, não é? Na ideologia da casa, nas coisas que acontecia na casa	momento mais introvertido e muda de um ambiente que sempre viveu para morar com pessoas que nunca viu na vida. B (4ª ideia) Trouxe reflexões sobre a permacultura, sustentabilidade e resiliência, em relação a manter um ciclo dos materiais, não tendo o lixo como um fim, dando como exemplo, a composteira que transforma o lixo orgânico em nutrientes para as plantas da horta, gerando frutos para serem colhidos. D (5ª ideia) O dinheiro arrecadado nos almoços servidos na casa ajudava no aluguel, trazendo uma reflexão sobre como as atividades que eram realizadas na casa, como, por exemplo, as compras coletivas, reverberavam em um ciclo que retornava pra ela de forma auto-sustentada. C	

<u>desde as compras coletivas.</u>		
5 – L. – A vivência na casa me trouxe bastante reflexão. Foi bem interessante a observação, <u>a confirmação daquela ideia de que quando chega a hora da pessoa sair da casa, ela sai, quando ela já finalizou aquele ciclo</u>, não é? Ela acaba saindo. Então, <u>ver as pessoas saindo</u>, e indo para outras histórias, e <u>continuar na casa por mais tempo</u> do que eu tinha definido previamente por “N” fatores, não é? Foi muito interessante assim, de <u>respeitar os meus próprios processos assim, de chegada e saída</u>. É, foi na casa que eu <u>percebi que eu estava com muitos processos de despedida e que eu não queria mais isso</u>, não é? (...) e aí quando eu estava aí já com um cantinho que era mais meu assim, já não quis mais sair no momento que eu tinha planejado, (...) porque eu <u>queria realmente construir raízes mesmo</u>, não é? Um pouco mais de tempo num lugar. E foi um <u>lugar bem importante assim, pra introspecção</u>, então, acho que foi o <u>momento mais introspectivo da minha vida</u>, assim, <u>de estar num lugar de estar refletindo</u>, refletindo, refletindo <u>sobre os processos, sobre as dúvidas, e de ter bastante tempo livre</u>, não é? E de <u>se permitir mesmo viver nesse tempo livre</u>, não é? Que pra mim é bem difícil, não é? Parece que eu me sinto mais à vontade, mais tranquila, se estou com o dia bem cheio. (...) E depois veio uma <u>grande transformação que a vivência da casa me trouxe foi estar junto com pessoas que tinha, uma filosofia muito parecida</u>, ao ponto de uma conversa com a Ga. ter sido feito o convite pra eu ir <u>conhecer o movimento do Oasis lá no Sirius</u>, e desse movimento do Oasis no Sirius <u>mudou completamente o rumo do meu ano</u>, assim não é? Porque aí <u>a partir de fevereiro meu foco se transformou em entrar no Guerreiro sem Armas</u>. (...) teve o <u>momento de transformação</u>, momento de transição entre morar aí e <u>sair daí</u>, (...) <u>Saí daquele momento introspectivo que eu tinha me permitido ficar</u>. (...) Uma reflexão bem interessante que ainda não está concluída é (...) <u>diferentes dos ambientes que eu tinha morado</u>, que <u>eu sempre começava o ambiente junto com as outras pessoas</u>. (...) e foi interessante <u>viver uma outra situação em que as coisas estavam rodando</u>, não é? E eu entrei numa comunidade que já estava iniciada e experienciando a rotina que essa casa já tinha, não é? <u>A identidade que essa casa já trazia</u>, e isso foi bem interessante, assim, de refletir, não é? Em <u>qual desses modelos que eu exerço determinados comportamentos e pra autoconhecimento</u>,	(1ª ideia) Trouxe uma reflexão sobre respeitar mais seus próprios processos de chegada e saída, ver as pessoas saído e continuar na casa fez refletir sobre a ideia de que as pessoas saiam da casa quando seu ciclo nela, já tinham se finalizado. B (2ª ideia) Percebeu que estava com muitos processos de despedida e queria construir raízes e ficar um pouco mais de tempo num lugar. B (3ª ideia) Foi o momento mais introspectivo da minha vida, no qual pode refletir sobre os processos, sobre as dúvidas. B (4ª ideia) Estar junto de pessoas com filosofia parecida mudou o rumo do seu ano, trazendo um momento de transformação de introspecção para a saída da casa e a ida para o Guerreiros Sem Armas. A (5ª ideia) Analisou dois modelos que vivenciou, um no qual <u>começava o ambiente junto com as outras pessoas</u> e outro <u>em que as coisas estavam rodando</u>, já trazia uma identidade. A	

não é? E para planos futuros também, não é? Então, foi bem interessante, assim, de <u>analisar isso</u>, e de analisar também os momentos de cada um, não é? Porque uma análise bem interessante que ficou pra mim, foi que se a gente não tenha a <u>questão da sobrevivência básica</u>, assim, <u>suprida, a gente não consegue ter uma evolução</u>, não sei se chamaria de espiritual, <u>mas uma evolução a ponto de viver realmente de forma cooperativa</u>, e tal. Então, em alguns momentos, eu <u>percebi que a questão da sobrevivência estava muito sendo trabalhada pelas pessoas, por mim também</u>. Então, que <u>as questões mais derivadas</u>, assim, não é? <u>Mais decorrentes disso, acabavam que tinham maior dificuldade de serem alcançadas</u>, não é? (...) a minha impressão, principalmente <u>quando a casa aumentou o número de pessoas, que a gente deu uma reestruturada</u>, e que aí a gente teve que <u>dar uma ordenada</u>, assim, não é? A gente teve que <u>colocar uma escala de limpeza</u>, a gente teve que ter várias conversas (...) Então, nesse momento, eu senti que a <u>questão estava uma questão mais inicial</u>, (...) <u>pra depois chegar em outro nível em que a gente evoluiria com aquilo que a gente vivia, dê fora da casa</u>, não é? (...) Então, às vezes, eu via muitos padrões <u>de fora da casa, daquela sociedade que a gente tentava não reproduzir</u>, mas eu via esses <u>padrões sendo reproduzidos dentro da casa</u>. E eu interpreto isso como realmente uma <u>tentativa de sobrevivência dentro da casa</u>, assim, como uma tentativa de sobrevivência com questões básicas fora da casa, e <u>uma falta de energia</u>, assim, naquele momento <u>pra realmente sobrepor e construir uma realidade realmente diferente</u>, não é? E isso foi um momento curto assim, da estadia na casa, mas foi um momento que me trouxe bastante reflexão, assim.	(6ª ideia) Reflexão sobre a necessidade de suprir a questão da sobrevivência básica para conseguir trabalhar questões e alcançar um viver realmente de forma cooperativa. A (7ª ideia) Quando a casa aumentou o número de pessoas e houve uma reestruturação, viu padrões da sociedade que se tentava não reproduzir sendo reproduzidos dentro da casa e sentiu que a questão estava mais inicial, por uma falta de energia e questões de sobrevivência sendo trabalhada por todos, pra depois, construir uma realidade diferente e chegar a uma evolução maior. A	
6 – M. – Viver na casa foi um <u>período curto</u> pra mim mas de <u>muita bagagem</u>, porque eu tive que ter <u>muita paciência</u>, além de tudo, <u>resistência</u> pra enfrentar algumas coisas dentro da casa pra poder ter mudanças pra melhor, então foi <u>uma experiência</u>, tipo uma reflexão, de paciência de ter que <u>saber, de ter que lidar com o ser humano</u> que as suas ideias não batem.	(1ª ideia) Foi um período curto, de muita bagagem, paciência, resistência, uma experiência de saber lidar com o ser humano. A	
7 – P. – Ah, primeiro, acho que essa questão <u>do convívio com outras pessoas que tem outras faixas etárias e estão em processos, caminhos de vida diferentes do seu</u>, e são <u>pessoas diferentes, criadas de forma diferente</u>, mas a convivência já é uma coisa muito significativa, não é? Você <u>aprender a lidar com os outros, consigo mesmo e se</u>	(1ª ideia) Sobre a proposta da casa, do viver coletivo, intenso, com pessoas de faixas etárias, processos, caminhos de vida, criação diferentes, aprendendo a lidar com os outros, consigo mesmo e se harmonizar.	

<u>harmonizar no meio de tudo isso</u>, e como <u>a proposta da casa</u> era isso, não é? Você se aproximar do outro e mais assim, comum até, pela questão de <u>viver o coletivo e isso se ficava mais intenso ainda assim</u>, tem alguns momentos na memória que isso fica mais forte assim, tanto <u>momentos muito bons</u>, como <u>momentos ruins</u> que fazem parte também, não é? Assim, que depois fica bom porque <u>se torna oportunidade de você estar olhando pra você mesmo e ver o que você precisa melhorar</u>, e como que você pode se colocar, assim, no espaço, na casa, de <u>uma forma que gere mais harmonia e bem estar para todo mundo</u>, assim, mesmo quando o <u>outro está te incomodando, como fazer, como harmonizar essa relação, ter um jogo de cintura</u>. Foi muito bom assim, era uma coisa que eu queria, e aí eu tive isso, foi o <u>contato com essa questão da sustentabilidade que a casa tinha, promovia</u>, do trabalho que se envolve, não é? <u>Da luta diária de manter esse propósito assim</u>, porque quando a vida aperta assim pra todo mundo tem que fazer suas coisas da vida pessoal, aí é um esforço a mais, não é? Você manter o <u>zelo pra manter as atividades certinhas e tal</u>, que sustentando a casa quanto o aspecto orgânico assim, o aspecto de produção de lixo e produção de material <u>pra se plantar comida, do que tanto na questão financeira</u>, não é? Dos <u>projetos que a gente levantava</u>, então, isso daí era sempre uma coisa que apertava assim, esse <u>conflito entre a sua vida pessoal e o coletivo</u>, não é? Você <u>se sacrificar pelo coletivo</u>, então, isso de eu <u>viver nessa casa com certeza me tornou uma pessoa menos egoísta</u>. E, ah, foi muito bom assim aprender algumas coisas que eu pude <u>aprender com pessoas de diferentes salas</u>, a L. que é bióloga, a I. e o H. que é arquiteto, o Gu., músico a T., também música, <u>pessoas que passaram por lá</u>, assim, sem falar <u>das vivências</u> que a gente teve, não é? Que a gente fazia lá, que isso somava <u>um monte de gente de fora com coisas diferentes</u>, com <u>personalidades</u> diferentes, <u>habilidades e conhecimentos</u> diferentes isso era muito bom.	A (2ª ideia) Foram momentos bons e ruins que se tornaram uma oportunidade de olhar para si mesmo, vendo o que se precisa melhorar e tendo jogo de cintura pra gerar harmonia para todos e em uma relação com alguém que está te incomodando. A (3ª ideia) O contato com a sustentabilidade que a casa tinha e promovia, a luta diária de manter esse propósito, as atividades, plantar comida, questão financeira, projetos. D (4ª ideia) A vivência na casa trouxe um conflito entre a vida pessoal e o coletivo, uma reflexão sobre se sacrificar pelo coletivo se tornando uma pessoa menos egoísta. A (5ª ideia) Trouxe um aprendizado com pessoas de diferentes áreas, personalidades, habilidades, conhecimentos que passaram pela casa. A	
8 – R. – Ela me trouxe muito, muito a <u>questão da coletividade</u>, desse <u>morar</u>, desse <u>estar junto</u>, de <u>cuidar de si e do outro</u>. Me vem muito a ideia da comida, do <u>comer junto</u>, do <u>cuidar juntos do alimento</u>, do <u>produzir o alimento</u>, do <u>comprar o alimento</u>, do <u>cozinhar</u>, e me vem também bastante as <u>reflexões trazidas pela permacultura</u>, não é? Então, <u>reflexões sustentáveis, ecológicas, de modos de vida mais ligados</u>, e perto da	(1ª ideia) A questão da coletividade, morar, estar, cuidar, plantar, cozinhar, comer juntos. A (2ª ideia) E da permacultura, que abriu horizontes de possibilidades, reflexões sobre construir literalmente ou não	

natureza, <u>próximos da natureza</u>, pra fazer, pra <u>criar modos de vidas mais sustentáveis</u>, não é? Então, <u>bioconstrução no quartinho</u>, o <u>telhado verde</u>, a <u>permacultura no jardim</u>, tudo <u>me abriu os horizontes dessas possibilidades</u>, dessas <u>possibilidades de técnicas</u>, e desse <u>mundo da permacultura que eu não conhecia e me abriu bastante</u>. Então, a <u>questão da coletividade e da permacultura</u> com certeza foram reflexões que me vieram assim de como <u>conviver juntos</u>, como <u>estar juntos</u>, como se <u>cuidar juntos</u>, e como <u>construir literalmente ou, não só literalmente, novos modos de vida ecológicos e sustentáveis</u>.	literalmente novos modos de vida ecológicos e sustentáveis. D	
9 – T. – E de um modo mais geral assim, eu sinto que <u>a casa me tomava algum tempo</u>, mas é uma reflexão até que eu ando fazendo porque agora eu estou numa outra casa, podendo comparar as coisas. Então, eu acho que a Ecocasa me <u>tomava mais tempo, mais de mim, mas ao mesmo tempo ela me trazia mais coisas</u> do que essa casa que não toma tempo de mim mas que também não me traz muitas coisas. (...) Acho que tem muito haver com o meu momento pessoal que eu estava assim também, que é <u>uma dificuldade que eu mesma tinha com mudanças em geral</u>, e aí foi super positivo pra mim <u>encontrar um lugar onde isso estava "ok", eu ter essas dificuldades e conversar sobre ambas e expor elas, e tudo bem</u>, que eu estou ainda cuidando disso em mim para que isso não seja alguma coisa que atrapalhe a minha vida, mas eu me senti que eu <u>tinha um lugar pra expor até isso</u>, assim. E aí <u>a dificuldade que eu tive no início assim, de criar os laços</u>, aí depois, <u>o momento, em que estava tudo "ok"</u>, aí depois a L. <u>resolveu que ia embora</u>, aí eu tipo - "não! Agora que eu criei os laços...", <u>esse tipo de reflexão acho que foi bem forte</u>, foi mais uma alegria assim, de <u>ter encontrado um lugar como eu gostaria que fosse</u>, que <u>tivesse espaço pras pessoas serem o que são</u>, mas que a gente <u>também pudesse, tivesse liberdade de tentar ajudar as outras pessoas a melhorarem, pessoas soubessem ouvir</u>. E acho que <u>a gente tentou fazer isso</u>, não acho que isso <u>aconteceu todas as vezes</u>, mas a gente, pelo menos, tentou e isso, por isso, já fico muito feliz, não é? Fico bem alegre.	(1ª ideia) A casa tomava algum tempo, mas trazia muitas coisas. C Foi positivo encontrar um lugar onde pode expor dificuldades, criar laços, conversar sobre e tudo bem. B Era um lugar como gostaria que fosse, com espaço pras pessoas serem o que são, mas também com liberdade de tentar ajudar as outras pessoas a melhorarem, onde as pessoas soubessem ouvir. C	
10 – V. – A gente vê <u>que a gente atingiu coisas</u> que realmente só foram possíveis (...) tipo, pra construir um prédio e se tiver mil pessoas e duas, não é? Os <u>resultados com mil pessoas vão ser melhores se as pessoas souberem colaborar e trabalharem juntas</u>, não é? E meio que cada um na sua especialidade não é? (...) Eu <u>tinha essa</u>	(1ª ideia) O trabalho em conjunto atinge resultados melhores. A (2ª ideia) Tinha uma sensação de serviço, de responsabilidade que nem sempre era uma coisa	

<u>sensação de serviço, de responsabilidade, sabe? <i>Nem sempre era uma coisa leve</i>, não é? Mas não quer dizer que não era uma <i>coisa boa</i> e não quer dizer que não <i>valeu a pena</i> que eu <i>gostei demais</i>, (...) eu <i>acredito demais na bioconstrução, na permacultura como uma resposta a esse velho paradigma que está se desconstituindo</i>. Isso, mesmo antes de ir pra casa, já tinha essas concepções, e <i>quando eu vi aquilo em prática, quando eu vi a possibilidade de fazer aquilo dentro da cidade e a maneira como a coisa era feita</i>, aquilo <i>me preenchia</i> e <i>me inspirava muito</i>. E <i>me atraía muito</i>, não é? Porque eu tenho certeza que as coisas que eu aprendi ali vão ser muito úteis no futuro. E mais que isso, sabe? Não sei se eu tive grandes reflexões sobre isso, até porque a <i>minha cabeça já estava meio feita em relação a essas questões</i> (...) era <i>mais um senso de realização muito grande poder participar disso, poder vivenciar essas coisas</i>, porque, velho, não é? (...) Então, as reflexões assim, que me vieram juntos com os aprendizados, eram - "velho, como é que eu vou <i>usar coisas que estão aqui ao meu alcance pra construir...</i>", então o negócio <i>das garrafas pra fazer o piso</i> (...) <i>quanta coisa foi reutilizada ali?</i> Quanta coisa ali foi feita <i>sem dinheiro nenhum?</i> A própria coisa assim, da gente <i>pegar a jaca do lado, na praça</i>, pra fazer a comida do <i>almoço</i>. Meu, isso tudo é mais que uma reflexão, sabe? <i>É uma experiência concreta de transformação positiva</i>. Então, tanto que... eu acho que isso era tão forte, tão latente, pelo menos em mim, que eu relevei muita coisa. <i>Por exemplo, eu sempre fui uma pessoa assim meio "noiada" com limpeza</i>, assim e tal, e, muitas vezes, <i>a casa não conseguia ficar limpa</i>, velho, não é? Porque a gente era só ali o número reduzido de pessoas e tinha muita coisa pra fazer e algumas ficavam de lado, mas aquilo não me importava, aquilo não me incomodava. Então, foi realmente <i>um processo assim de reviver, de rever alguns conceitos e algumas prioridades e de descobertas</i>. (...) <i>descobrir um mundo possível</i> e um mundo que meio que <i>já morava dentro de mim</i>, no meu coração, na minha cabeça, na minha imaginação e o tempo todo, a gente estava testando, eu pelo menos, <i>sentia que eu estava testando a viabilidade desse sonho</i>, ali no dia a dia, então nas pequenas coisas, sabe? <i>As doações que a gente recebeu pra construir o resto da casa, pra mobiliar a casa</i>, e as próprias mobilizações, nas <i>pessoas que vinham conhecer a casa</i>. Então eram reflexões assim, <i>de que maneira eu deixava</i></u>	leve, mas valeu a pena e gostou demais. A (3ª ideia) A possibilidade de vivenciar, realizar, praticar a permacultura e a bioconstrução dentro da cidade, da maneira como estava sendo feita, a atraiu, inspirou e preencheu muito. D (4ª ideia) Refletiu em como pensar sobre e coisas que estão ao seu alcance e que poderiam ser reutilizadas para construir. D (5ª ideia) Foi uma experiência concreta de transformação positiva, um processo de reflexões profundas, de descoberta de um mundo possível dentro de si, de rever conceitos e prioridades, testando a viabilidade desse sonho e muito conectada com as pessoas que estavam na casa, do Mantra, das vivências. B (6ª ideia) Foi uma experiência nova, abandonar o carro, andar a pé ou de transporte público, não ter emprego mas se manter junto com as atividades da casa, sem	

<u>a casa me tocar e eu tocava a casa?</u> Tocava as pessoas por meio do que acontecia lá dentro, sabe? E foi um momento, assim, que eu me senti ao mesmo tempo <u>muito conectada com as pessoas que estavam na casa</u>, as pessoas <u>do Mantra</u>, as pessoas <u>das vivências</u>. (...) Foi realmente <u>uma experiência nova</u>, desde <u>abandonar o carro</u>, não é? Eu larguei o carro com a minha mãe, fui morar lá e fiquei a pé ou usando o transporte público... A história de <u>não ter um emprego mas de conseguir me manter junto com a manutenção da casa</u>. Então, <u>por isso</u>, que eu falei no começo, <u>que era trabalhoso</u>, assim, <u>tinha um senso de responsabilidade</u>, porque eu sabia que <u>se a casa funcionasse</u>, a casa prosperasse, <u>eu conseguiria sobreviver, pagar o aluguel, comprar comida</u>, não é? Foi uma época <u>sem nenhum tipo de ostentação na minha vida</u>, muito pelo contrário, e foi muito bom assim, meu. Eu falo pras pessoas que eu passei 6 meses <u>imersa na espiritualidade</u>, e nessas vivências. Então, as reflexões, que eu tive assim, foram muito <u>em relação a quem sou eu? O que eu quero fazer no mundo?</u> De que maneira eu vou <u>alinhar os meus sonhos com as coisas que eu estou fazendo?</u> <u>Foi um momento</u> que eu estava bastante distante da minha profissão, bastante <u>distante do meu senso de propósito, alinhada a minha profissão</u>, que é uma coisa que <u>eu recuperei agora</u>. E <u>não significa</u> que o fato de eu estar alinhada com a minha profissão e o meu senso de proposta <u>que necessariamente eu abandonei o meu senso de propósito ligado com as coisas que eu fazia na casa</u>.. Que era estar lá, plantar, construir, cozinhar não é? Como que eu falei, <u>as coisas mais práticas</u>. Mas são momentos, não é? E eu sentia esses momentos lá na casa assim... Sem falar nas <u>reflexões sobre espiritualidade</u>, tipo quando a gente pensa em reflexão, acho que é uma coisa mais mental, não é? Mas o meu coração, <u>foi uma experiência de muito deixar o meu coração guiar</u>. (...) Então, foi um pouco da coisa, tipo - "<u>meu, vamos fazer dar certo</u>", (...) Acho que uma coisa que eu não sei se eu posso falar porque eu não vivi nos últimos meses da casa, mas era que... <u>Eu acho que o ideal seria todo mundo ser pilar</u>, não é? <u>Para que a coisa andasse e ao mesmo tempo não sobrecarregasse ninguém</u>. Então, <u>por exemplo, aquele negócio do CEASA</u>, meu. Nossa, tinha que ir, tinha que vender, tinha que tirar as fotos, tinha que fazer isso, fazer aquilo, carregar caixa... Que era uma coisa que se fosse feita, por exemplo, em cinco pessoas e a	nenhum tipo de ostentação e imersa na espiritualidade. B (7ª ideia) Reflexões sobre quem se é, o que veio fazer no mundo e como. B (8ª ideia) Foi um momento distante do senso de propósito alinhado ao profissional que agora recuperou, mas também não abandonou as coisas práticas que fazia na casa. B (9ª ideia) Houve reflexões sobre espiritualidade, de deixar o coração guiar e fazer dar certo. B (10ª ideia) O ideal seria que todos fossem pilar, tivessem envolvidos e sonhando juntos para que ninguém se sobrecarregasse, como por exemplo, se acontecesse uma rotatividade nas compras do CEASA. A (11ª ideia) Todos se testaram muito porque se tinha muito pouco em termos de recursos e tempo, se perguntando até que ponto vai se conseguir fazer com o que se tem? D (12ª ideia) Foi um grande aprendizado, cresceu muito, se	

<u>gente fosse tendo uma rotatividade, não ia pesar pra ninguém</u> (...) eu fiquei pensando assim... "como que se dá a constituição desse sonho, não é?", ele tem que <u>ser um sonho sonhado junto, para que todos estejam envolvidos</u>. (...) uma coisa que todos nós ficávamos refletindo muito, lá, eram essa balança assim - "ah, <u>até que ponto a gente consegue fazer, com o que a gente tem?</u>", e a gente <u>tinha muito pouco em termos de recursos</u>, não é? Às vezes, <u>tempo mais escasso</u>, (...) <u>todo mundo se testou</u> muito, não é? (...) Então, assim, <u>me permiti ter essas vivências foi um grande aprendizado</u>, sabe? Grande aprendizado mesmo. (...) mas o principal assim pra mim, da <u>minha experiência pessoal</u>, (...) <u>Estar na casa foi um chamado</u>, tanto que eu <u>fui completamente, entre aspas, cega pra lá</u>, como eu falei, <u>sem nada no bolso, só com o meu coração dizendo - "fica aqui"</u> (...) eu <u>me senti bem livre</u> assim, <u>de julgamentos</u>, apesar de eu ter <u>me afastado das pessoas porque eu tinha medo do que elas iriam falar</u> porque elas talvez <u>não fossem compreender minha necessidade de estar ali</u>, naquele meu momento, não é? Me afastei de muita gente... É, então, assim, <u>eu me permiti muito. Cresci muito e aprendi muito</u>.	permitindo ter essas vivências, se sentindo livre de julgamentos, acabando se afastando das pessoas com medo do que iam falar por não compreenderem sua necessidade de estar ali naquele momento. B	

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD2

A – A vivência na Ecocasa trouxe muitas reflexões sobre o convívio coletivo, com pessoas diferentes e, também, parecidas, cuidar de si e do outro, plantar, cozinhar, enfrentar conflitos, fazer amizades, passar por questionamentos, mudanças, transformações.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. - É dessa comunicação constante, não é? "está acontecendo alguma coisa vamos resolver, não é?" (...) eu via isso, esse tempo todo, de... "bom vamos fazer as compras, quem que vai? Como vamos fazer? Como organizar os tempos?", e essa comunicação, por exemplo, de ter um banheiro em casa com várias pessoas, como que a gente vai tomando essa consciência, não é? De que a gente está vivendo com o outro. (...) Aconteceu, aconteceu muita coisa, e foi muito bonito. Agora, não tem mais pessoas morando na Ecocasa, não existe a Ecocasa como um espaço físico, mas existe essa comunidade Ecocasa, existe essas vivências que eu acredito que para cada um foi importante, assim... Então, essa reflexão é muito	Porque não foi só uma reflexão, não é? Foram várias, e uma dessas é o aprendizado, sabe? Como a gente se abre pra esse aprendizado acontecer? Se coloca nessa abertura de aprender e de ensinar. Esse compartilhar constante, esse fluxo importante de pessoas, de energias, de perspectivas diferentes, indo, entrando e saindo. Como a gente aprende a respeitar a diferença, como nos tornamos mais sinceros também, sabe? De saber respeitar, de saber escutar o outro. Porque, hoje em dia, a sociedade fecha bastante as nossas perspectivas, assim, a educação. E a gente está meio que quebrando esses paradigmas

importante assim, de fazer mesmo, eu levo bastante... (...) outras reflexões porque não foi só uma, não é? Foram várias, e uma dessas é o aprendizado, sabe? Como a gente se coloca em posição de aprender. Não é posição, é abertura, não é? Como a gente se abre pra esse aprendizado acontecer? E esse compartilhar constante, esse fluxo importante de pessoas, não é? Que estavam indo, entrando e saindo, é... Não só de pessoas, mas esse fluxo de energias, de perspectivas diferentes, como a gente se coloca nessa abertura de aprender e de ensinar também. Então, como a gente aprende a respeitar a diferença, como nos tornamos mais sinceros também, sabe? De saber respeitar, de saber escutar o outro. Bom, tem também muito... Está tudo meio que ligado, mas tem muito a ver com essa coletividade, com esse sentido de coletivo, com esse sentido de união assim, de trabalharmos juntos por alguma coisa, não é? Que é um ideal, que é um sonho, talvez, pra muitos de nós, e ir concretizando porque é louco que, hoje em dia, a sociedade fecha bastante, não é? Que as nossas perspectivas, assim, a educação e a gente está meio que quebrando tudo isso, não é? Internamente, esses paradigmas, mas pôr em prática diferente. E eu acredito que a Ecocasa foi muito esse aprendizado assim de pôr em prática mesmo, e aí, mais uma vez, eu me toquei assim pensando - "nossa tipo, eu estou aqui nesse espaço convivendo e tanto faz que dia da semana é, tanto faz se é segunda ou sexta, ou domingo ou terça. Tanto faz se é muito tarde muito cedo", tipo, você vai vivendo e a vida é isso. Então, quebrar com esses paradigmas e por em prática essa liberdade, e muito também da auto-responsabilidade, não é? De compreender que as nossas ações estão afetando diretamente o outro, e esse convívio coletivo faz com que a gente fique refletindo o tempo inteiro sobre isso, não é? E é bom, muito de sensações, eu trago a mim assim, sensações, momentos, como etapas assim, pra mim significou muito, etapas, (...) falando da auto responsabilidade, lembro do momento das aulas de yoga, assim, como cada um, cada um está praticando yoga, cada um está fazendo sua prática individual, não é? Sua conexão, suas ligações internas, não é? Que o yoga traz, abre tanta coisa, e ao mesmo tempo, a gente está ali convivendo, e depois disso, a gente fazia café da manhã e cada um se encarregava de alguma coisa, não é? - "vamos fazer isso aqui? Vamos fazer isso à cá", e essa comunicação constante que tem que existir entre um grupo variado de pessoas.

2 – Ga. - Ah, O viver em coletivo, não é? Assim, morar junto, aceitar as diferenças, tipo sempre deixar muito claro os acordos porque eles podem mudar, mas sempre conversar pra sempre deixar claro pra que... Mesmo que mude as coisas é... Acho que ter uma comunicação clara é importante assim, então e a vivência na casa me trouxe muito isso, de aceitar o limite das pessoas, e acho que mais isso assim da convivência.

4 – H. - Essa ideia do kit funcionava muito bem e cada vez mais estava fluindo (...) Que por 20 reais, um kit

internamente. Está tudo meio que ligado, mas tem muito a ver com essa coletividade, com esse sentido de coletivo, de união assim, de trabalharmos juntos por alguma coisa, não é? Que é um ideal, que é um sonho, talvez, pra muitos de nós, e ir concretizando, pôr em prática diferente.

E eu acredito que a Ecocasa foi muito esse aprendizado assim de pôr em prática mesmo, e aí, mais uma vez, eu me toquei assim pensando - "nossa tipo, eu estou aqui nesse espaço convivendo e tanto faz que dia da semana é, tanto faz se é segunda ou sexta, ou domingo ou terça. Tanto faz se é muito tarde, muito cedo", tipo, você vai vivendo e a vida é isso.

Lembro do momento das aulas yoga, cada um praticando yoga, fazendo sua prática individual, sua conexão, suas ligações internas, não é? Que o yoga traz, abre tanta coisa e, ao mesmo tempo, a gente está ali convivendo. E depois disso, a gente fazia café da manhã e cada um se encarregava de alguma coisa, não é? - "vamos fazer isso aqui? Vamos fazer isso à cá", e, por exemplo, de ter um banheiro em casa com várias pessoas, como que a gente vai tomando essa consciência, não é? De que a gente está vivendo com o outro. Dessa comunicação constante que tem que existir entre um grupo variado de pessoas, não é? "está acontecendo alguma coisa, vamos resolver, não é?" Eu via isso, esse tempo todo, de... "bom vamos fazer as compras, quem que vai? Como vamos fazer? Como organizar os tempos?".

Então, quebrar com esses paradigmas e pôr em prática essa liberdade, a auto responsabilidade, não é? A essência de como é viver no coletivo, a questão da coletividade e da permacultura. de fazer compras conjuntas, do morar, do estar junto, de viver no mesmo espaço com pessoas que você nunca viu na vida e está conhecendo lá, imersamente, de cuidar de si e do outro, do cuidar juntos do alimento, do comprar o alimento, do produzir o alimento, do cozinhar, do comer junto.

Então, o tempo que eu morei na casa as amizades que eu fiz lá com as pessoas que eu morei é muito mais intensa do que qualquer amizade que eu conheço aí na minha vida, durante a vida inteira, só que lá era muito mais imerso, não é? Então, o contato era muito mais forte, não é? O carinho também de estar podendo ajudar as pessoas numa conversa, num conselho, e também estar aberto para receber um outro olhar de vida, um outro jeito de fazer qualquer outra coisa. Estava aberto para aprender com os outros moradores e isso foi muito bom.

desse, no mercado, você não compra nem a metade, porque vinha legumes e frutas, (...) Me trouxeram principalmente a essência de como é viver no coletivo, desde compras conjuntas, viver no mesmo espaço com pessoas que você nunca viu na vida e está conhecendo lá, imersamente. Então, os 6 meses que eu morei na casa as amizades que eu fiz lá com as pessoas que eu morei é muito mais intensa do que qualquer amizade que eu conheço aí na minha vida, durante a vida inteira, só que lá era muito mais imerso, não é? Então, o contato era muito mais forte, não é? O carinho também de estar podendo ajudar as pessoas numa conversa, num conselho, e também estar aberto para receber também. Um outro olhar de vida, um outro jeito de fazer, qualquer outra coisa estava aberto para aprender com os outros moradores e isso foi muito bom.

5 – L. - E depois veio uma grande transformação que a vivência da casa me trouxe foi estar junto com pessoas que tinha, uma filosofia muito parecida, ao ponto de uma conversa com a Ga. ter sido feito o convite pra eu ir conhecer o movimento do Oasis lá no Sirius, e desse movimento do Oasis no Sirius mudou completamente o rumo do meu ano, assim não é? Porque aí a partir de fevereiro meu foco se transformou em entrar no Guerreiro sem Armas. (...) teve o momento de transformação, momento de transição entre morar aí e sair daí, (...) Saí daquele momento introspectivo que eu tinha me permitido ficar. (...) Uma reflexão bem interessante que ainda não está concluída é (...) diferentes dos ambientes que eu tinha morado, que eu sempre começava o ambiente junto com as outras pessoas. (...) e foi interessante viver uma outra situação em que as coisas estavam rodando, não é? E eu entrei numa comunidade que já estava iniciada e experienciando a rotina que essa casa já tinha, não é? A identidade que essa casa já trazia, e isso foi bem interessante, assim, de refletir, não é? Em qual desses modelos que eu exerço determinados comportamentos e pra autoconhecimento, não é? E para planos futuros também, não é? Então, foi bem interessante, assim, de analisar isso, e de analisar também os momentos de cada um, não é? Porque uma análise bem interessante que ficou pra mim, foi que se a gente não tenha a questão da sobrevivência básica, assim, suprida, a gente não consegue ter uma evolução, não sei se chamaria de espiritual, mas uma evolução a ponto de viver realmente de forma cooperativa, e tal. Então, em alguns momentos, eu percebi que a questão da sobrevivência estava muito sendo trabalhada pelas pessoas, por mim também. Então, que as questões mais derivadas, assim, não é? Mais decorrentes disso, acabavam que tinham maior dificuldade de serem alcançadas, não é? (...) a minha impressão, principalmente quando a casa aumentou o número de pessoas, que a gente deu uma reestruturada, e que aí a gente teve que dar uma ordenada, assim, não é? A gente teve que colocar uma escala de limpeza, a gente teve que ter várias

Pude aprender com pessoas de diferentes áreas, com biólogos, arquitetos, músicos, pessoas que passaram por lá, assim, sem falar das vivências que a gente teve, não é? Que a gente fazia lá, que isso somava um monte de gente de fora, com personalidades diferentes, habilidades e conhecimentos diferentes e isso era muito bom.

A gente vê que a gente atingiu coisas que realmente só foram possíveis porque as pessoas souberam colaborar e trabalhar juntas. Pra construir um prédio, se tiver mil pessoas e duas, os resultados com mil pessoas vão ser melhores, não é? Eu tinha essa sensação de serviço, de responsabilidade, sabe? Nem sempre era uma coisa leve, não é? Mas não quer dizer que não era uma coisa boa e não quer dizer que não valeu a pena porque eu gostei demais.

O negócio do CEASA, por exemplo, a ideia do kit, funcionava muito bem e, cada vez mais, estava fluindo. Que por 20 reais, um kit desse, no mercado, você não compra nem a metade, porque vinha legumes e frutas. Mas nossa! Tinha que ir, vender, tirar as fotos, fazer isso, fazer aquilo, carregar caixa... Que era uma coisa que se fosse feita, por exemplo, em cinco pessoas e a gente fosse tendo uma rotatividade, não ia pesar pra ninguém.

E eu entrei numa comunidade que já estava iniciada e experienciando a rotina que essa casa já tinha, não é? A identidade que essa casa já trazia, e foi bem interessante, viver uma outra situação em que as coisas estavam rodando, não é? Porque em diferentes dos ambientes que eu tinha morado, eu sempre começava o ambiente junto com as outras pessoas. Então, uma reflexão bem interessante, que ainda não está concluída, é em qual desses modelos que eu exerço determinados comportamentos pra autoconhecimento e para planos futuros também, não é?

Eu acho que o ideal seria todo mundo ser pilar, não é? Para que a coisa andasse e ao mesmo tempo não sobrecarregasse ninguém. É uma coisa que eu não sei se eu posso falar porque eu não vivi nos últimos meses da casa. Mas eu fiquei pensando assim: "como que se dá a constituição desse sonho, não é?". Ele tem que ser um sonho sonhado junto, para que todos estejam envolvidos.

Depois, quando a casa aumentou o número de pessoas, que a gente deu uma reestruturada, e que aí a gente teve que dar uma ordenada, assim, não é? A gente teve que colocar uma escala de limpeza, a gente teve que ter várias conversas. Então, a minha impressão, principalmente nesse momento, foi que a

conversas (...) Então, nesse momento, eu senti que a questão estava uma questão mais inicial, (...) pra depois chegar em outro nível em que a gente evoluiria com aquilo que a gente vivia, dê fora da casa, não é? (...) Então, às vezes, eu via muitos padrões de fora da casa, daquela sociedade que a gente tentava não reproduzir, mas eu via esses padrões sendo reproduzidos dentro da casa. E eu interpreto isso como realmente uma tentativa de sobrevivência dentro da casa, assim, como uma tentativa de sobrevivência com questões básicas fora da casa, e uma falta de energia, assim, naquele momento pra realmente sobrepor e construir uma realidade realmente diferente, não é? E isso foi um momento curto assim, da estadia na casa, mas foi um momento que me trouxe bastante reflexão, assim.

6 – M. - Viver na casa foi um período curto pra mim mas de muita bagagem, porque eu tive que ter muita paciência, além de tudo, resistência pra enfrentar algumas coisas dentro da casa pra poder ter mudanças pra melhor, então foi uma experiência, tipo uma reflexão, de paciência de ter que saber, de ter que lidar com o ser humano que as suas ideias não batem.

7 – P. - Ah, primeiro, acho que essa questão do convívio com outras pessoas que tem outras faixas etárias e estão em processos, caminhos de vida diferentes do seu, e são pessoas diferentes, criadas de forma diferente, mas a convivência já é uma coisa muito significativa, não é? Você aprender a lidar com os outros, consigo mesmo e se harmonizar no meio de tudo isso, e como a proposta da casa era isso, não é? Você se aproximar do outro e mais assim, comum até, pela questão de viver o coletivo e isso se ficava mais intenso ainda assim, tem alguns momentos na memória que isso fica mais forte assim, tanto momentos muito bons, como momentos ruins que fazem parte também, não é? Assim, que depois fica bom porque se torna oportunidade de você estar olhando pra você mesmo e ver o que você precisa melhorar, e como que você pode se colocar, assim, no espaço, na casa, de uma forma que gere mais harmonia e bem estar para todo mundo, assim, mesmo quando o outro está te incomodando, como fazer, como harmonizar essa relação, ter um jogo de cintura. (...) Dos projetos que a gente levantava, então, isso daí era sempre uma coisa que apertava assim, esse conflito entre a sua vida pessoal e o coletivo, não é? Você se sacrificar pelo coletivo, então, isso de eu viver nessa casa com certeza me tornou uma pessoa menos egoísta. E, ah, foi muito bom assim aprender algumas coisas que eu pude aprender com pessoas de diferentes salas, a L. que é bióloga, a I. e o H. que é arquiteto, o Gu., músico a T., também música, pessoas que passaram por lá, assim, sem falar das vivências que a gente teve, não é? Que a gente fazia lá, que isso somava um monte de gente de fora com coisas diferentes, com personalidades diferentes, habilidades e conhecimentos diferentes isso era muito bom.

questão estava mais inicial. Às vezes, eu via muitos padrões de fora da casa, daquela sociedade que a gente tentava não reproduzir, sendo reproduzidos dentro da casa. E eu interpreto isso dentro daquela análise de que se a gente não tem a questão da sobrevivência básica suprida, a gente não consegue ter uma evolução a ponto de viver realmente de forma cooperativa. Então, em alguns momentos, eu percebi que a questão da sobrevivência estava muito sendo trabalhada pelas pessoas, por mim também. E que as questões mais derivadas, decorrentes disso, acabavam que tinham maior dificuldade de serem alcançadas, não é? Talvez por uma falta de energia, assim, naquele momento, pra sobrepor e construir uma realidade realmente diferente, não é? E isso foi um momento curto assim, da estadia na casa, mas foi um momento que me trouxe bastante reflexão.

Foi bem interessante, assim, de analisar isso, e de analisar também os momentos de cada um, não é? De aceitar o limite das pessoas, as diferenças, da convivência com pessoas diferentes, de outras faixas etárias, criadas de forma diferente e em processos, caminhos de vida diferentes do seu e ter uma comunicação clara assim, tipo sempre conversar pra deixar muito claro os acordos porque eles podem mudar.

Tive que ter muita paciência, além de tudo, resistência pra enfrentar algumas coisas dentro da casa pra poder ter mudanças pra melhor. Aprender a lidar com os outros, ter que lidar com o ser humano que as suas ideias não batem e se harmonizar no meio de tudo isso. Compreender que as nossas ações estão afetando diretamente o outro, e esse convívio coletivo faz com que a gente fique refletindo o tempo inteiro sobre isso, não é? E é muito de sensações, momentos, como etapas assim, pra mim significou muito, etapas. Foi um período curto pra mim, mas de muita bagagem.

E como a proposta da casa era isso, não é? Você se aproximar do outro, viver o coletivo, isso ficava mais intenso ainda. Tem alguns momentos na memória que isso fica mais forte, assim, tanto momentos muito bons, como momentos ruins que fazem parte também, não é? Que depois se torna oportunidade de você estar olhando pra você mesmo e ver o que você precisa melhorar, como que você pode se colocar, no espaço, na casa, de uma forma que gere mais harmonia e bem estar para todo mundo, como harmonizar essa relação, ter um jogo de cintura, mesmo quando o outro está te incomodando.

Então, esse conflito entre a sua vida pessoal e o coletivo, isso daí era sempre uma coisa que

8 – R. - Ela me trouxe muito, muito a questão da coletividade, desse morar, desse estar junto, de cuidar de si e do outro. Me vem muito a ideia da comida, do comer junto, do cuidar juntos do alimento, do produzir o alimento, do comprar o alimento, do cozinhar, (...) Então, a questão da coletividade e da permacultura com certeza foram reflexões que me vieram assim de como conviver juntos, como estar juntos, como se cuidar juntos. 10 – V. - A gente vê que a gente atingiu coisas que realmente só foram possíveis (...) tipo, pra construir um prédio e se tiver mil pessoas e duas, não é? Os resultados com mil pessoas vão ser melhores se as pessoas souberem colaborar e trabalharem juntas, não é? E meio que cada um na sua especialidade não é? (...) Eu tinha essa sensação de serviço, de responsabilidade, sabe? Nem sempre era uma coisa leve, não é? Mas não quer dizer que não era uma coisa boa e não quer dizer que não valeu a pena que eu gostei demais. (...) Acho que uma coisa que eu não sei se eu posso falar porque eu não vivi nos últimos meses da casa, mas era que... Eu acho que o ideal seria todo mundo ser pilar, não é? Para que a coisa andasse e ao mesmo tempo não sobrecarregasse ninguém. Então, por exemplo, aquele negócio do CEASA, meu. Nossa, tinha que ir, tinha que vender, tinha que tirar as fotos, tinha que fazer isso, fazer aquilo, carregar caixa... Que era uma coisa que se fosse feita, por exemplo, em cinco pessoas e a gente fosse tendo uma rotatividade, não ia pesar pra ninguém (...) eu fiquei pensando assim... "como que se dá a constituição desse sonho, não é?", ele tem que ser um sonho sonhado junto, para que todos estejam envolvidos.	apertava assim, não é? Você se sacrificar pelo coletivo, então, isso de eu viver nessa casa com certeza me tornou uma pessoa menos egoísta. Ao mesmo tempo, a vivência da casa, era estar junto com pessoas que tinham uma filosofia muito parecida, o que me trouxe uma grande transformação, ao ponto de em uma conversa ter sido feito o convite pra eu ir conhecer o movimento do Oasis lá no Sirius, e esse movimento mudou completamente o rumo do meu ano, assim não é? Porque aí, a partir de fevereiro, meu foco se transformou em entrar no Guerreiro sem Armas. Então, teve o momento de transformação, momento de transição entre morar aí e sair daí. Foi então, quando saí daquele momento introspectivo que eu tinha me permitido ficar. Aconteceu muita coisa, e foi muito bonito. Agora, não tem mais pessoas morando na Ecocasa, não existe a Ecocasa como um espaço físico, mas existe essa comunidade Ecocasa, existem essas vivências que eu acredito que para cada um foi importante, assim...

IAD2

B – A vivência na Ecocasa trouxe momentos de introspecção e reflexões pessoais que proporcionaram autoconhecimento através de experiências novas.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. - É bem marcante assim, que essa reflexão que você fez, que a gente conversou desde a primeira vez que eu sempre fiquei trazendo a tona, eu trago a tona assim, pra minha vida. É isso de vamos fazer, de e não esperar, não esperar o tempo certo, o momento certo pra acontecer, é tipo, também, não é? Mas assim, não esperar, não deixar as coisas passarem, a vida passar, é isso assim, tem um sonho, tem um projeto e vamos fazer, vamos concretizar e assim, como finalizo esse projeto, não é? 4 – H. - Também você se auto conhecer melhor, não é? Pois se sua vida... se você sempre viveu no mesmo ambiente, não é? Você acaba não florescendo alguns pensamentos que poderiam vir quando você pudesse morar com pessoas que você nunca conheceu na vida, não é? Porque aí vem outros pensamentos, não é? Vem	A vivência na casa me trouxe bastantes reflexões, sobre autoconhecimento, sobre quem sou eu, o que eu quero fazer no mundo, de que maneira eu vou alinhar os meus sonhos com as coisas que eu estou fazendo? O tempo todo, sentia que eu estava testando a viabilidade desse sonho, ali no dia-a-dia, nas pequenas coisas, sabe? As doações que a gente recebeu pra construir, mobiliar o resto da casa, as pessoas que vinham conhecer a casa. Então, eram reflexões assim, de que maneira eu deixava a casa me tocar e eu tocava a casa? Se você sempre viveu a sua vida no mesmo

outras reflexões quando você está num momento mais introvertido, não é? Poder pensar mais internamente, então vem outras questões que você acaba querendo abordar, não é?

5 – L. - A vivência na casa me trouxe bastante reflexão. Foi bem interessante a observação, a confirmação daquela ideia de que quando chega a hora da pessoa sair da casa, ela sai, quando ela já finalizou aquele ciclo, não é? Ela acaba saindo. Então, ver as pessoas saindo, e indo para outras histórias, e continuar na casa por mais tempo do que eu tinha definido previamente por “N” fatores, não é? Foi muito interessante assim, de respeitar os meus próprios processos assim, de chegada e saída. É, foi na casa que eu percebi que eu estava com muitos processos de despedida e que eu não queria mais isso, não é? (...) e aí quando eu estava aí já com um cantinho que era mais meu assim, já não quis mais sair no momento que eu tinha planejado, (...) porque eu queria realmente construir raízes mesmo, não é? Um pouco mais de tempo num lugar. E foi um lugar bem importante assim, pra introspecção, então, acho que foi o momento mais introspectivo da minha vida, assim, de estar num lugar de estar refletindo, refletindo, refletindo sobre os processos, sobre as dúvidas, e de ter bastante tempo livre, não é? E de se permitir mesmo viver nesse tempo livre, não é? Que pra mim é bem difícil, não é? Parece que eu me sinto mais à vontade, mais tranquila, se estou com o dia bem cheio.

9 – T. - Acho que tem muito haver com o meu momento pessoal que eu estava assim também, que é uma dificuldade que eu mesma tinha com mudanças em geral, e aí foi super positivo pra mim encontrar um lugar onde isso estava “ok”, eu ter essas dificuldades e conversar sobre ambas e expor elas, e tudo bem, que eu estou ainda cuidando disso em mim para que isso não seja alguma coisa que atrapalhe a minha vida, mas eu me senti que eu tinha um lugar pra expor até isso, assim. E aí a dificuldade que eu tive no início assim, de criar os laços, aí depois, o momento, em que estava tudo “ok”, aí depois a L. resolveu que ia embora, aí eu tipo - “não! Agora que eu criei os laços...”.

10 – V. - Meu, isso tudo é mais que uma reflexão, sabe? É uma experiência concreta de transformação positiva. Então, tanto que... eu acho que isso era tão forte, tão latente, pelo menos em mim, que eu relevei muita coisa. Por exemplo, eu sempre fui uma pessoa assim meio “noiada” com limpeza, assim e tal, e, muitas vezes, a casa não conseguia ficar limpa, velho, não é? Porque a gente era só ali o número reduzido de pessoas e tinha muita coisa pra fazer e algumas ficavam de lado, mas aquilo não me importava, aquilo não me incomodava. Então, foi realmente um processo assim de reviver, de rever alguns conceitos e algumas prioridades e de descobertas. (...) descobrir um mundo possível e um mundo que meio que já morava dentro de mim, no meu coração, na minha cabeça, na minha imaginação e o tempo todo, a gente estava testando, eu pelo menos, sentia que eu estava testando a viabilidade desse sonho, ali no dia a dia, então nas pequenas coisas, sabe? As doações que a gente recebeu pra construir o resto da

ambiente, você acaba não florescendo alguns pensamentos, questões e reflexões que você acaba querendo abordar, num momento mais introvertido, quando você mora com pessoas que você nunca conheceu na vida, não é?

Me afastei de muita gente porque eu tinha medo do que elas iriam falar porque, talvez, não fossem compreender minha necessidade de estar ali, naquele momento, não é? E ao mesmo tempo, eu me senti bem livre assim, de julgamentos e muito conectada com as pessoas que estavam na casa, do Mantra, das vivências.

Foi uma experiência concreta de transformação positiva. Tudo isso era tão forte, tão latente, pelo menos em mim, que eu relevei muita coisa. A gente era um número reduzido de pessoas, tinha muita coisa pra fazer e algumas ficavam de lado, como a limpeza da casa. Mesmo eu sendo meio “noiada” com limpeza, assim e tal, aquilo não me incomodava. Então, foi realmente um processo assim de reviver, de rever alguns conceitos e algumas prioridades, de descobrir um mundo possível e um mundo que meio que já morava dentro de mim, no meu coração, na minha cabeça, na minha imaginação.

Como essa reflexão que a gente conversou desde a primeira vez, que eu sempre trago a tona pra minha vida. Que é isso de não esperar o tempo certo, o momento certo pra acontecer, pra fazer as coisas, não deixar a vida passar. É isso assim, tem um sonho, tem um projeto, vamos fazer, vamos concretizar e como finalizo esse projeto, não é?

Foi uma experiência de muito deixar o meu coração guiar, tanto que eu fui completamente, entre aspas, cega pra lá, sem nada no bolso, só com o meu coração dizendo - “fica aqui”. Foi um pouco da coisa, tipo - “meu, vamos fazer dar certo”. Então, assim, eu me permiti muito, cresci muito e aprendi muito.

Não ter um emprego, mas conseguir me manter junto com a manutenção da casa era trabalhoso, assim, tinha um senso de responsabilidade, porque eu sabia que se a casa funcionasse, a casa prosperasse, eu conseguiria sobreviver, pagar o aluguel, comprar comida, não é?

Foi realmente uma experiência nova, sem nenhum tipo de ostentação na minha vida, muito pelo contrário, e foi muito bom assim, meu. Desde abandonar o carro, não é? Eu larguei o carro com a minha mãe, fui morar lá e fiquei a pé ou usando o transporte

casa, pra mobiliar a casa, e as próprias mobilizações, nas pessoas que vinham conhecer a casa. Então eram reflexões assim, de que maneira eu deixava a casa me tocar e eu tocava a casa? Tocava as pessoas por meio do que acontecia lá dentro, sabe? E foi um momento, assim, que eu me senti ao mesmo tempo muito conectada com as pessoas que estavam na casa, as pessoas do Mantra, as pessoas das vivências. (...) Foi realmente uma experiência nova, desde abandonar o carro, não é? Eu larguei o carro com a minha mãe, fui morar lá e fiquei a pé ou usando o transporte público... A história de não ter um emprego mas de conseguir me manter junto com a manutenção da casa. Então, por isso, que eu falei no começo, que era trabalhoso, assim, tinha um senso de responsabilidade, porque eu sabia que se a casa funcionasse, a casa prosperasse, eu conseguiria sobreviver, pagar o aluguel, comprar comida, não é? Foi uma época sem nenhum tipo de ostentação na minha vida, muito pelo contrário, e foi muito bom assim, meu. Eu falo pras pessoas que eu passei 6 meses imersa na espiritualidade, e nessas vivências. Então, as reflexões, que eu tive assim, foram muito em relação a quem sou eu? O que eu quero fazer no mundo? De que maneira eu vou alinhar os meus sonhos com as coisas que eu estou fazendo? Foi um momento que eu estava bastante distante da minha profissão, bastante distante do meu senso de propósito, alinhada a minha profissão, que é uma coisa que eu recuperei agora. E não significa que o fato de eu estar alinhada com a minha profissão e o meu senso de proposta que necessariamente eu abandonei o meu senso de propósito ligado com as coisas que eu fazia na casa... Que era estar lá, plantar, construir, cozinhar não é? Como que eu falei, as coisas mais práticas. Mas são momentos, não é? E eu sentia esses momentos lá na casa assim... Sem falar nas reflexões sobre espiritualidade, tipo quando a gente pensa em reflexão, acho que é uma coisa mais mental, não é? Mas o meu coração, foi uma experiência de muito deixar o meu coração guiar. (...) Então, foi um pouco da coisa, tipo - "meu, vamos fazer dar certo", (...) Então, assim, me permiti ter essas vivências foi um grande aprendizado, sabe? Grande aprendizado mesmo. (...) mas o principal assim pra mim, da minha experiência pessoal, (...) Estar na casa foi um chamado, tanto que eu fui completamente, entre aspas, cega pra lá, como eu falei, sem nada no bolso, só com o meu coração dizendo - "fica aqui" (...) eu me senti bem livre assim, de julgamentos, apesar de eu ter me afastado das pessoas porque eu tinha medo do que elas iriam falar porque elas talvez não fossem compreender minha necessidade de estar ali, naquele meu momento, não é? Me afastei de muita gente... É, então, assim, eu me permiti muito. Cresci muito e aprendi muito.

público... Eu falo pras pessoas que eu passei 6 meses imersa na espiritualidade, e nessas vivências.

Foi um momento que eu estava bastante distante do meu senso de propósito, alinhado a minha profissão, que é uma coisa que eu recuperei agora. E mais próxima do meu senso de propósito ligado com as coisas que eu fazia na casa... Que era estar lá, plantar, construir, cozinhar, não é? Como eu falei, as coisas mais práticas. Mas são momentos, não é? E eu sentia esses momentos lá na casa assim...

Foi super positivo pra mim, e tem muito haver com o meu momento pessoal também, encontrar um lugar onde estava "ok" uma dificuldade, que eu estava no início, com mudanças em geral, de criar laços. Senti que eu tinha um lugar pra expor até isso, essas dificuldades, conversar e tudo bem. Aí depois, a L. resolveu que ia embora, e eu tipo - "não! Agora que eu criei os laços...".

E teve também a confirmação daquela ideia, de que quando chega a hora da pessoa sair da casa, ela sai, quando ela já finalizou aquele ciclo, não é? Ela acaba saindo.

Então, foi muito interessante assim, ver as pessoas saindo, e indo para outras histórias, e continuar na casa por mais tempo do que eu tinha definido previamente, não é? De respeitar os meus próprios processos assim, de chegada e saída. Percebi que eu estava com muitos processos de despedida e que eu não queria mais isso, queria realmente construir raízes, não é? E aí, quando eu estava já com um cantinho que era mais meu, assim, já não quis mais sair. Acho que foi o momento mais introspectivo da minha vida, assim, de estar num lugar, de estar refletindo, refletindo, refletindo sobre os processos, sobre as dúvidas, e de ter bastante tempo livre, não é? E de se permitir mesmo viver nesse tempo livre, não é? Que pra mim é bem difícil, não é? Parece que eu me sinto mais à vontade, mais tranquila, se estou com o dia bem cheio.

IAD2

C – Trouxe reflexões sobre a própria Ecocasa como espaço e seus desdobramentos.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. - <i>É porque a ecocasa foi assim um projeto, não é? Um sonho, mas foi muito além pra mim. Foi assim, um início, um despertar, um espaço de encontros e reencontros, de coisas muito mágicas assim, que meio que não tem explicação. Tipo um entramado, bem interessante assim, de momentos importantes.</i> 2 – Ga. - <i>E no começo não tinha nada, não é? Na casa? Nada! Zero! A gente chegou assim (...) e aí aos pouquinhos a gente foi trazendo coisas pra casa e aos poucos a gente foi construindo ela e ela foi ficando com cara de casa. (...) o projeto da casa no começo era “do nada ao tudo”, e realmente foi do tudo pro nada depois porque tinha muita coisa no final, e a gente não sabia o que fazer com tanta coisa, mas foi muito legal assim.</i> 4 – H. - <i>E o dinheiro dos almoços nós juntávamos e no final do mês a gente abatia no aluguel, (...) Todo mundo fazia os almoços na casa e ajudava no aluguel, ou seja, a casa estava se auto sustentando, não é? Com os almoços, então, já é aquele olhar de ciclo, não é? Tudo que a casa fazia, reverberava pra ela, não é? Na ideologia da casa, nas coisas que acontecia na casa desde as compras coletivas.</i> 9 – T. - <i>E de um modo mais geral assim, eu sinto que a casa me tomava algum tempo, mas é uma reflexão até que eu ando fazendo porque agora eu estou numa outra casa, podendo comparar as coisas. Então, eu acho que a Ecocasa me tomava mais tempo, mais de mim, mas ao mesmo tempo ela me trazia mais coisas do que essa casa que não toma tempo de mim mas que também não me traz muitas coisas. (...) esse tipo de reflexão acho que foi bem forte, foi mais uma alegria assim, de ter encontrado um lugar como eu gostaria que fosse, que tivesse espaço pras pessoas serem o que são, mas que a gente também pudesse, tivesse liberdade de tentar ajudar as outras pessoas a melhorarem, pessoas soubessem ouvir. E acho que a gente tentou fazer isso, não acho que isso aconteceu todas as vezes, mas a gente, pelo menos, tentou e isso, por isso, já fico muito feliz, não é? Fico bem alegre.</i>	<i>O projeto da casa era “do nada ao tudo”. No começo, não tinha nada, não é? Na casa? Nada! Zero! A gente chegou assim e aí aos pouquinhos a gente foi trazendo coisas pra casa e aos poucos a gente foi construindo ela e ela foi ficando com cara de casa. E realmente, depois, foi do tudo pro nada porque tinha muita coisa no final, e a gente não sabia o que fazer com tanta coisa.</i> <i>Uma reflexão até que eu ando fazendo agora, que eu estou numa outra casa, podendo comparar as coisas, de um modo mais geral assim, eu sinto que a Ecocasa me tomava algum tempo, mais tempo, mais de mim, mas ao mesmo tempo ela me trazia mais coisas do que essa casa que não toma tempo de mim, mas que também não me traz muitas coisas.</i> <i>Como os almoços na casa que todo mundo fazia e nós juntávamos o dinheiro, que no final do mês ajudava no aluguel. Ou seja, a casa estava se auto sustentando com os almoços, não é? Já é aquele olhar de ciclo, não é? Tudo que a casa fazia, reverberava pra ela. Na ideologia da casa, nas coisas que acontecia na casa desde as compras coletivas.</i> <i>Porque a ecocasa foi muito além de um projeto, de um sonho, pra mim. Foi assim, um início, um despertar, um espaço de encontros e reencontros, de coisas muito mágicas, que meio que não tem explicação. Tipo um entramado, bem interessante assim, de momentos importantes.</i> <i>Esse tipo de reflexão acho que foi bem forte, foi uma alegria ter encontrado um lugar como eu gostaria que fosse, que tivesse espaço pras pessoas serem o que são, mas que a gente também pudesse, tivesse liberdade de tentar ajudar as outras pessoas a melhorarem, onde as pessoas soubessem ouvir. E acho que a gente tentou fazer isso, não acho que isso aconteceu todas às vezes, mas a gente, pelo menos, tentou e isso, por isso, já fico muito feliz, não é? Fico bem alegre. Foi muito legal, assim.</i>

IAD2

D – Trouxe uma reflexão sobre sustentabilidade e resiliência, através do aprendizado e práticas de conceitos relacionados à permacultura.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
3 – Gu. - <i>Eu pude praticar mais os conceitos no que eu acreditava, assim, de sustentabilidade, não é? Em termos de... E ampliar, não é. Tinha coisas que eu não sabia e aprendi na casa que em relação a materiais biodegradáveis, não é? O detergente que a gente não usava, a composteira que eu não sabia como operar assim, (...) e ficou mais claro na função prática, a composteira. Aprendi a biodinâmica das plantas, como preparar o solo, como prover os nutrientes que precisa, o que precisa a planta, quais as condições e como fazer isso pra possibilitar um crescimento mais saudável da planta e respeitando a dinâmica do ecossistema, não é? Não só da planta, mas também dos animais que estão no mesmo sistema, os besouros, que também fazem parte, e tudo isso foi muito enriquecedor.</i> 4 – H. - <i>E também com as reflexões de principalmente também de sustentabilidade, não é? (...) evitando de jogar o máximo de material no lixo que também é o princípio da permacultura, não é? Que a gente aborda, que a gente abordou lá, na casa, a permacultura urbana, que a permacultura é não ter um fim, não é? O material não tem um fim que é o lixo, não é? Sempre manter um ciclo, não é? Um círculo de reaproveitamento, então, ele sempre vai ter um destino e lá a gente usava muito isso e em um belo exemplo é a composteira, não é? Alimentos orgânicos crus principalmente a gente não jogava no lixo, não é? Desde ralar uma Cenoura, cortar uma berinjela, casca de banana, entre outras frutas e legumes nos jogávamos na composteira, jogávamos serragem no baldinho e o momento que o balde enchia a gente juntava com o restante da compostagem no fundo do quintal que tinha os pneus, e mais serragem, eram pilhas de 4 pneus e a gente tinha três pilhas. Então, enquanto enchia uma, a gente enchia a outra, depois enchia a terceira. Quando enchia a terceira, a gente voltava para a primeira pra poder completar esse ciclo, e quando voltava na primeira pilha, a gente já tinha a terra composta, terra rica em nutrientes (...) Então, isso era muito rico, não é? De um alimento que a gente estaria fazendo na cozinha a pequeno, longo prazo, a gente tinha, a gente poderia estar dando ênfase na nossa horta, não é? Com aquele próprio material, ou seja, não tinha um fim, não é? Não tinha um lixo que você jogava num saquinho e um caminhão passava, pegava... A gente transformava aquele lixo em outros nutrientes, em outros frutos que a gente poderia estar colhendo a pequeno, logo prazo, então, essa veio a reflexão que me trouxe, não é? E essa essência da permacultura e da sustentabilidade e da resiliência, de tudo.</i> 7 – P. - <i>Foi muito bom assim, era uma coisa que eu queria, e aí eu tive isso, foi o contato com essa questão</i>	<i>Me trouxe, principalmente, essa reflexão sobre essa essência da sustentabilidade, da resiliência, da permacultura urbana, de tudo, que a gente abordou lá, na casa, não é? De sempre manter um ciclo, não é? Um círculo de reaproveitamento, evitando de jogar o máximo de material no lixo. Ele sempre vai ter um destino. E lá, a gente usava muito isso, e um belo exemplo é a composteira, não é? Que eu não sabia como operar e ficou mais claro na função prática.</i> <i>Então, quando se ralava uma Cenoura, cortava uma berinjela, a casca de banana, entre outras frutas e legumes, alimentos orgânicos crus, principalmente, a gente não jogava no lixo, não é? Ia pra composteira, com serragem, no baldinho e o momento que o balde enchia a gente juntava com o restante da compostagem e mais serragem, dentro das pilhas de 4 pneus no fundo do quintal. Então, quando enchia a terceira pilha, a gente voltava para a primeira, onde já tinha a terra composta, terra rica em nutrientes, completando esse ciclo. Isso era muito rico, não é? A gente transformava restos de alimento, lixo, em outros nutrientes, em outros frutos que a gente poderia estar colhendo a pequeno, logo prazo e dando ênfase na nossa horta, com aquele próprio material, ou seja, não tinha um fim, não é? Não tinha um lixo que você jogava num saquinho e um caminhão passava, pegava.</i> <i>Eu acredito demais na bioconstrução, na permacultura como uma resposta a esse velho paradigma que está se desconstituindo. Isso, mesmo antes de ir pra casa, já tinha essas concepções, e quando eu vi aquilo em prática, quando eu vi a possibilidade de fazer aquilo dentro da cidade e a maneira como a coisa era feita, aquilo me preenchia e me inspirava muito. E me atraía muito, não é? Porque eu tenho certeza que as coisas que eu aprendi ali vão ser muito úteis no futuro. E mais que isso, sabe? Não sei se eu tive grandes reflexões sobre isso, até porque a minha cabeça já estava meio feita em relação a essas questões, era mais um senso de realização muito grande de poder participar disso, vivenciar essas coisas. Então, as reflexões assim, que me vieram junto com os aprendizados, eram - "velho, como é que eu vou usar coisas que estão aqui ao meu</i>

da sustentabilidade que a casa tinha, promovia, do trabalho que se envolve, não é? Da luta diária de manter esse propósito assim, porque quando a vida aperta assim pra todo mundo tem que fazer suas coisas da vida pessoal, aí é um esforço a mais, não é? Você manter o zelo pra manter as atividades certinhas e tal, que sustentando a casa quanto o aspecto orgânico assim, o aspecto de produção de lixo e produção de material pra se plantar comida, do que tanto na questão financeira, não é?

8 – R. - E me vem também bastante as reflexões trazidas pela permacultura, não é? Então, reflexões sustentáveis, ecológicas, de modos de vida mais ligados, e perto da natureza, próximos da natureza, pra fazer, pra criar modos de vidas mais sustentáveis, não é? Então, bioconstrução no quatinho, o telhado verde, a permacultura no jardim, tudo me abriu os horizontes dessas possibilidades, dessas possibilidades de técnicas, e desse mundo da permacultura que eu não conhecia e me abriu bastante. (...) e como construir literalmente ou, não só literalmente, novos modos de vida ecológicos e sustentáveis.

10 – V. - Eu acredito demais na bioconstrução, na permacultura como uma resposta a esse velho paradigma que está se desconstituindo. Isso, mesmo antes de ir pra casa, já tinha essas concepções, e quando eu vi aquilo em prática, quando eu vi a possibilidade de fazer aquilo dentro da cidade e a maneira como a coisa era feita, aquilo me preenchia e me inspirava muito. E me atraía muito, não é? Porque eu tenho certeza que as coisas que eu aprendi ali vão ser muito úteis no futuro. E mais que isso, sabe? Não sei se eu tive grandes reflexões sobre isso, até porque a minha cabeça já estava meio feita em relação a essas questões (...) era mais um senso de realização muito grande poder participar disso, poder vivenciar essas coisas, porque, velho, não é? (...) Então, as reflexões assim, que me vieram juntos com os aprendizados, eram - "velho, como é que eu vou usar coisas que estão aqui ao meu alcance pra construir...", então o negócio das garrafas pra fazer o piso (...) quanta coisa foi reutilizada ali? Quanta coisa ali foi feita sem dinheiro nenhum? A própria coisa assim, da gente pegar a jaca do lado, na praça, pra fazer a comida do almoço. (...) uma coisa que todos nós ficávamos refletindo muito, lá, eram essa balança assim - "ah, até que ponto a gente consegue fazer, com o que a gente tem?", e a gente tinha muito pouco em termos de recursos, não é? Às vezes, tempo mais escasso, (...) todo mundo se testou muito, não é?

alcance pra construir...", então o negócio das garrafas pra fazer o piso, quanta coisa foi reutilizada ali? Quanta coisa ali foi feita sem dinheiro nenhum? A bioconstrução no quatinho, o telhado verde, a permacultura no jardim, a própria coisa assim, da gente pegar a jaca do lado, na praça, pra fazer a comida do almoço. Tudo me abriu bastante os horizontes dessas possibilidades de técnicas, e desse mundo da permacultura que eu não conhecia. E como construir literalmente ou, não só literalmente, novos modos de vida ecológicos e sustentáveis, mais ligados, e próximos da natureza.

Todos nós ficávamos refletindo muito, lá, sobre essa balança assim - "ah, até que ponto a gente consegue fazer, com o que a gente tem?", e a gente tinha muito pouco em termos de recursos, não é? O trabalho, a luta diária de manter esse propósito assim, o zelo pra manter as atividades certinhas e tal, tanto o aspecto orgânico assim, o aspecto de produção de lixo e produção de material pra se plantar comida, quanto na questão financeira sustentando a casa, não é? Às vezes, tempo mais escasso. Porque quando a vida aperta e se tem que fazer suas coisas da vida pessoal, aí é um esforço a mais, não é? Então, todo mundo se testou muito, não é?

Ao mesmo tempo, foi muito bom assim, porque eu tive mais o contato e pude praticar, ampliar os conceitos que eu creditava, assim, da sustentabilidade, que a casa tinha e promovia e que eu queria ter. Tinha coisas que eu não sabia e aprendi na casa em relação a materiais biodegradáveis, não é? O detergente que a gente não usava. Aprendi a biodinâmica das plantas, como preparar o solo, como prover os nutrientes, o que precisa a planta, quais as condições e como fazer pra possibilitar um crescimento mais saudável da planta e respeitando a dinâmica do ecossistema, não é? Não só da planta, mas também dos animais que estão no mesmo sistema, os besouros, que também fazem parte, e tudo isso foi muito enriquecedor.

DSC – ECOCASA KRIPA MADHU – LONGA IMERSÃO – MORADORES

Pergunta 3: Depois de sair dela, você incorporou e/ou mudou algo no seu dia-a-dia? O que ?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
1 – A. - Principalmente, essa questão que eu falei, bem importante, do fazer assim, <u>de não esperar o dia de amanhã</u>. Que será melhor pra eu conseguir começar fazer o que eu espero fazer, ou que ter a certeza de que aqui, esse aqui é meu chão pra conseguir construir, pra conseguir levantar alguma coisa, não é? <u>Hoje em dia, eu acredito que isso é uma das coisas que eu pratico</u>, não é? Que lógico, se junta com outras vivências que eu tive na minha vida, no meu cotidiano, mas assim eu vou, <u>pôr um exemplo, bem prático</u>. (...) estou <u>morando numa</u> outra casa, (...) que é uma <u>república</u> bem nesse sentido de república, não é? Cada um no seu quarto, cada um com sua comida. Totalmente o contrário, e aí, <u>do lado do meu quarto tem um quintal</u>, não é? (...) eu cheguei, no começo, sempre com a visão, não é? A perspectiva que <u>ia passar só um tempo aqui</u>, porque não diz relação com o meu estilo, não me sinto muito em casa. (...) E aí, eu deixei esse espaço de terra assim por um tempo sem mexer nele, (...) o dia que eu decidi entrar dentro, tipo, começar a ver o que que é essa terra. <u>Começar a mexer nessa terra</u>, começar (...) <u>a trabalhar com esse lixo orgânico</u>, não é? Não jogar com lixo só. Como não é o lixo, na verdade, é um ciclo, volta pra terra. E aí, eu comecei a mexer na terra, comecei a <u>esperar as chuvas, plantei meu girassol</u>, e começou a mudar, <u>ai veio muitas reflexões, o tempo inteiro, assim, vinha</u>. É, tudo bem, eu sei que eu <u>vou sair</u>, (...) <u>mas não vou deixar de fazer</u>, agora sou aqui, moro aqui e vou fazer o que é pra ser feito, porque faz bem pra mim, <u>porque dessa forma eu também estou ajudando, não só pra mim</u>, sabe? Estou ajudando a terra, estou ajudando, estou <u>fazendo a minha parte</u>. É, e aí eu comprei as minhas primeiras plantinhas, aí hoje, já tenho uma rotina de trabalho com o orgânico, não é? Já fiz, estou num trabalho, aí, <u>começado uma horta</u>, já tenho minhas matinhas, meus	(1ª ideia) Passou a dar mais atenção para viver o presente, o aqui e agora, como o dia mais especial desta vida, um chamado para fazer ações com sentido, encarar a vida de uma forma diferente, acordar e caminhar. Como, por exemplo, cuidar das plantas mesmo sabendo que mudará de casa em breve ou vestir um vestido lindo e não esperar o dia mais especial chegar para fazer as coisas. A (2ª ideia) Começou a trabalhar com o lixo orgânico e fazer uma horta. C	

temperos e uma reflexão que volta constantemente, não é? (...) <u>não vou deixar de construir, é um chamado para viver aqui, agora</u>. É isso, é um chamado <u>pra fazer, para ação</u>, mas não ação pra ação, é uma ação <u>com sentido</u>. (...) é saber que hoje eu <u>vou vestir o vestido que eu quero, que eu acho lindo</u> porque <u>eu não vou esperar o dia mais especial chegar, porque hoje é o dia mais especial na minha vida</u>. Então, hoje eu vou viver esse dia maravilhoso que ele é, e <u>esse dia se faz maravilhoso</u>. Tem momentos, claro, que eu não consigo, tipo, levar isso constantemente na minha vida, mas <u>é uma mudança que está acontecendo, e que tem se apresentado bastante</u>. Eu tenho conseguido bastante levar isso na minha vida, e é uma mudança que eu não sei muito explicar assim, <u>é muito profunda</u>, parece superficial, parece bobagem, mas é muito profunda, porque <u>é uma forma diferente de encarar o dia-a-dia, encarar a vida</u>, é uma forma diferente <u>de você acordar, e de você caminhar</u>, e é isso.		
2 – Ga. - Eu incorporei sim. Assim, (...) a gente sempre olha pro outro e vai pegando coisas que você quer ter pra você, então a <u>convivência com vocês me trouxe vários amadurecimentos</u>, em vários sentidos, assim, que eu trago comigo até hoje, (...) não só em questões <u>profissionais, pessoais, mas também, de ecológicas</u>, não é? (...) sempre tive, mas em algumas fases da minha vida não, mas eu <u>voltei a ter o minhocario, quero ter uma horta</u>, o P. vai vir aí fazer a horta então, <u>está tudo meio que ligado assim, não só a casa mas os propósitos de vida</u>, não é? Então, é sempre <u>conectar assim com pessoas que tenham afinidade, tenham o mesmo pensamento assim, de propósito de vida mesmo</u>.	(1ª ideia) O amadurecimento não só profissional e pessoal, mas ecológico adquirido através da convivência e conexão com pessoas que tenham afinidade, o mesmo pensamento e propósito de vida. B (2ª ideia) Voltou a ter o minhocario e quer ter uma horta. C	
3 – Gu. – <u>Aprendi sobre a biodinâmica das plantas</u> (..) <u>o que precisa a planta</u>, (...) assim, como experiência, eu já tenho uma informação e felizmente eu já estou <u>colocando em prática um pouco na minha casa</u>, mas como a gente <u>não tem um solo</u>, é tudo cimentado, e <u>a gente esta fazendo com vaso, então escala dele é menor</u>, não é? (...) O que mais <u>mudou foi uma questão do aprendizado da prática, da permacultura, bioconstrução</u> também, mas aprendi pouco, em relação a termos de construção, mas acho que é isso, eu acho que o que <u>mais mudou foi essa necessidade por verde</u>, aí <u>comecei a ter condições decolocar em prática, a consciência eu já tinha</u>, não é? E aí, talvez, isso me motive a ter uma postura mais ativista, no futuro, talvez, mas isso não está acontecendo ainda.	(1ª ideia) Incorporou e colocou em prática o aprendizado sobre a biodinâmica das plantas, mesmo que hoje em uma escala menor, em vasos. C (2ª ideia) Mudou a necessidade por verde, começou a ter condições de colocar a consciência que tinha em prática através do aprendizado da permacultura e bioconstrução. C	

4 – H. - Hoje em dia, fora da casa, eu ainda <u>tenho a composteira no meu dia-a-dia</u>, eu uso ela, foi uma idéia incrível, assim que eu... é uma ideia muito acessível à todos, não é? Desde você coletar pneu em qualquer mecânica por aí da cidade que você já estaria ajudando a estar meio que reciclando o pneu, (...) e desde você ir em qualquer marcenaria da cidade e ir coletando serragem que também é algo que eles têm muito em excesso, e eles acabam distribuindo facilmente a serragem, e desde você ter um espaço em seu quintal e poder estar fazendo isso e é muito simples, então <u>a composteira eu acabei incorporando do mesmo no dia-a-dia</u>, desde na <u>minha alimentação</u> também, não é? Que até antes de eu entrar na Ecocasa eu comia carne, fui criado comendo carne, em casa com meus pais, e lá eu tive a oportunidade de estar aberto a receber, de estar vivenciando outro, um tipo de alimentação, não é? Que é você dar mais ênfase nos nutrientes, legumes e frutas, de ervas e sementes, e estar abolindo a carne da sua alimentação, e já fazem 8 meses já que eu estou numa alimentação sem carne, e pretendo continuar, não sei se vai ser pra sempre, mas a ideia, pelo menos hoje, me sinto bem, com o corpo muito mais leve, e foi uma grande mudança na minha vida, pois mudar a alimentação é uma mudança muito forte e foi a casa que me trouxe essa mudança, não é? Não só essa, <u>desde pensar nos materiais</u>, não é? Deles <u>não terem um fim e sim um ciclo</u>, e muitas outras coisas, não é? Desde <u>a prática de meditação</u> também que nós praticávamos na casa que era uma ideologia da <u>meditação e do yoga</u>, e hoje também já está no meu dia-a-dia também, então, a casa foi muito forte pra mim, assim, nas mudanças... era uma mudança que eu já estava procurando, conhecendo antes de entrar na casa, como uma curiosidade, e quando eu entrei na casa foi, eu pensei que, nossa, era isso mesmo que eu estava procurando, só que até então eu não conhecia de perto pessoas que estavam vivendo aquilo que eu queria viver, não é? E quando eu conheci isso na prática mesmo, no dia-a-dia, eu acabei vendo que era isso mesmo e acabei gostando mais ainda.	(1ª ideia) Incorporou a composteira no dia-a-dia. C (2ª ideia) Incorporou a alimentação sem carne. D (3ª ideia) O conceito de que os materiais não tem um fim e sim um ciclo. C (4ª ideia) A prática da meditação e do yoga. A	
5 – L. - Depois de sair da casa eu incorporei algumas coisas no meu dia-a-dia, várias coisas mudaram sim, acho que principalmente com relação a <u>saber como dá para sobreviver em comunidade, fazendo compras coletivas e criando estratégias de economia criativa</u>, colaborativa pra que <u>pessoas de diversas realidades possam</u>	(1ª ideia) Saber que é possível viver em comunidade, com pessoas de diversas realidades, convivendo juntas, fazendo compras coletivas e criando estratégias de economia criativa. B	

<u>conviver juntas</u>. Acho que esse foi o maior aprendizado assim, e o que eu trago como uma realidade possível, não é? (...) muito das <u>coisas que a gente cozinhava</u>, não é? Tipo realmente, não comprar tapioca hidratada, tipo, <u>hidratar a tapioca</u>, não é? (...) Então, isso para mim, faz toda a diferença, assim, e todas as <u>estratégias de reduzir o nível de consumo e de viver com menos</u>, eu acho que são muito eficientes e muito importantes pra isso.	(2ª ideia) Incorporou estratégias de reduzir o nível de consumo e de viver com menos, como por exemplo, ao cozinhar, hidratar a tapioca ao invés de comprar já hidratada. C	
6 – M. – Saindo da casa, eu <u>mudei o meu posicionamento de como interagir com o ser humano, saber falar não, entender melhor uma pessoa antes de convidá-la pra entrar em casa</u>. Eu <u>comecei a separar lixo</u> também, <u>lixo orgânico</u>, não é? Tipo eu <u>já separava</u>, mas eu <u>não tinha composteira</u>, eu não depositava na composteira, eu só separava o limpo do molhado, e foi <u>a rotina que eu comecei a ter depois da vivência na casa</u>.	(1ª ideia) Mudou o posicionamento de como interagir com o ser humano. B (2ª ideia) Começou a depositar o lixo orgânico na composteira. C	
7 – P. – Bom, <u>continuo comendo muito tahine</u>. (...) com certeza, minha alimentação mudou, <u>peguei muitos hábitos alimentares na casa que permanecem</u>. Agora mesmo, (...) eu estava criando um evento aqui, pra divulgar de <u>yoga e café da manhã</u>, não é? Pro pessoal vir aí numa <u>aula de Yoga e em seguida um café da manhã</u>. Isso daí, a primeira vez que eu fiz, foi na casa, não é? Então eu estou trazendo isso lá da casa pra minha vida. <u>Até pra minha vida profissional</u>, não é? (...) Uma coisa que fica assim, de você <u>querer cultivar também e saber</u>. Esse negócio de você, assim, as vezes, é um processo mais natural, não é? <u>Você vai construindo</u> tipo, <u>até você chegar numa convivência intensa, forte, você constrói</u>, às vezes não, não é? Às vezes você cai de para quedas num lugar e você tem que construir, e aí <u>fica a sua disposição</u> assim, o quanto você quer construir, e lá a proposta era construir bastante, então, pôr isso é massa, não é? Você <u>trazer pra sua vida também, onde você está e todo lugar</u>, que você está, você está <u>querendo construir, conhecer</u>, não é? <u>Quem está com você</u>. Acho que isso daí é uma coisa que ficou também (...) me ajudou a mudar uma coisa em mim de <u>saber ouvir mais</u>, assim. <u>Não só ele</u>, não é? <u>Outras pessoas da vida</u> mesmo, veio mostrando, mas com ele também pude aprender isso aí. De, às vezes, <u>ouvir mais e ver que bater de frente não adianta</u>, não é? Então, melhor você aceitar e saber ir pelas beiradinhas... Isso daí é uma coisa boa, ainda tenho que mudar bastante, mas já mudei um pouco.	(1ª ideia) Incorporou hábitos alimentares como o tahine. D (2ª ideia) Incorporou a atividade de dar aula de yoga seguida de café da manhã A (3ª ideia) Em todo lugar, trazer pra sua vida, querer conhecer quem está com você, tendo a disposição de cultivar, construir uma convivência intensa e forte. B (4ª ideia) Saber ouvir mais e ver que bater de frente não adianta. B	
8 – R. – Quando eu saí da casa eu acho que o que ficou aí de aprendizado, de uma	(1ª ideia) A questão da coletividade.	

mudança, mais um aprendizado mesmo, é <u>a questão da coletividade</u>, cuidar do outro, estar com o outro, se preocupar com o outro, foi uma coisa que eu fui pra lá buscando isso e eu acho que ficou dentro de mim assim, ficou essa questão.	B	
9 – T. – É mais ou menos que eu falei na pergunta anterior assim, eu <u>cheguei em um espaço onde eu me sentia bastante confortável</u>, assim, que <u>era como eu gostaria de viver</u>, e aí eu, <u>não é que eu mudei</u>, assim mas <u>é que os espaços que eu estou frequentando agora, eles não permitem que eu seja como eu era, lá na Ecocasa</u>, que eu queria ser, queria que fosse... (...) ontem mesmo que eu estava falando com um menino daqui <u>da casa nova</u>, estava falando pra ele que fazia uns dias que eu estava sentindo um negócio que eu <u>chegava em casa e não tinha uma coisa</u>, e aí eu <u>estava me analisando, sabendo o que que era isso que não estava, pensando sobre isso</u>. (...) aí é <u>uma coisa que eu notei</u>, que talvez seja pessoal minha assim, mas eu notei que aqui <u>as pessoas se encostam menos</u>, (...) assim <u>não chego em casa e sou recebida com um abraço, como era na Ecocasa</u>. Isso, pra mim, é uma coisa que pesa, assim, não é que aqui eu não posso abraçar ninguém, não é isso, mas <u>é diferente</u>, assim, <u>a receptividade é outra</u>. É o mesmo abraço do bom dia, aquele que eu falei que gostava, coisa assim que pra mim <u>isso é importante e isso não tem aqui, e não tem nos outros espaços</u>. Sempre <u>teve acho que na minha casa, na minha criação</u> e aí eu estava encontrando isso na Ecocasa também.	(1ª ideia) Mudou a percepção da importância da receptividade em relação ao sentimento de conforto onde se vive, comparando e percebendo a diferença entre a casa nova, onde as pessoas se encostam menos, e a Ecocasa, onde era recebida com um abraço ao chegar, como era em sua casa, na sua criação. B	
10 – V. – Uma das grandes contribuições que a casa trouxe pra mim foi o <u>tahine</u>. Eu <u>incorporei ele na minha dieta</u>, não abro mão, sinto falta do balde de 11kg. <u>A meditação com certeza, não é?</u> (...) Tenho voltado a meditar, tenho voltado a entrar em contato com a minha espiritualidade.	(1ª ideia) Incorporou o tahine em sua dieta. D (2ª ideia) Incorporou a meditação. A	

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD2

A – Incorporou a pratica do yoga e meditação e passou a dar mais valor para viver o presente.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. - <i>Principalmente, essa questão que eu falei, bem importante, do fazer assim, de não esperar o dia de amanhã. Que será melhor pra eu conseguir começar fazer o que eu espero fazer, ou que ter a certeza de que aqui, esse aqui é meu chão pra conseguir construir, pra conseguir levantar alguma coisa, não é? Hoje em dia, eu acredito que isso é uma das coisas que eu pratico, não é? Que lógico, se junta com outras vivências que eu tive na minha vida, no meu cotidiano, mas assim eu vou, pôr um exemplo, bem prático. (...) estou morando numa outra casa, (...) que é uma república bem nesse sentido de república, não é? Cada um no seu quarto, cada um com sua comida. Totalmente o contrário, e aí, do lado do meu quarto tem um quintal, não é? (...) eu cheguei, no começo, sempre com a visão, não é? A perspectiva que ia passar só um tempo aqui, porque não diz relação com o meu estilo, não me sinto muito em casa. (...) E aí, eu deixei esse espaço de terra assim por um tempo sem mexer nele, (...) o dia que eu decidi entrar dentro, tipo, começar a ver o que que é essa terra. Começar a mexer nessa terra, começar. (...) comecei a esperar as chuvas, plantei meu girassol, e começou a mudar, aí veio muitas reflexões, o tempo inteiro, assim, vinha. É, tudo bem, eu sei que eu vou sair, (...) mas não vou deixar de fazer, agora sou aqui, moro aqui e vou fazer o que é pra ser feito, porque faz bem pra mim, porque dessa forma eu também estou ajudando, não só pra mim, sabe? Estou ajudando a terra, estou ajudando, estou fazendo a minha parte. (...) e uma reflexão que volta constantemente, não é? (...) não vou deixar de construir, é um chamado para viver aqui, agora. É isso, é um chamado pra fazer, pra ação, mas não ação pra ação, é uma ação com sentido. (...) é saber que hoje eu vou vestir o vestido que eu quero, que eu acho lindo porque eu não vou esperar o dia mais especial chegar, porque hoje é o dia mais especial na minha vida. Então, hoje eu vou viver esse dia maravilhoso que ele é, e esse dia se faz maravilhoso. Tem momentos, claro, que eu não consigo, tipo, levar isso constantemente na minha vida, mas é uma mudança que está acontecendo, e que tem se apresentado bastante. Eu tenho conseguido bastante levar isso na minha vida, e é uma mudança que eu não sei muito explicar assim, é muito profunda, parece superficial, parece bobagem, mas é muito profunda, porque é uma forma diferente de encarar o dia-a-dia, encarar a vida, é uma forma diferente de você acordar, e de você caminhar, e é isso.</i> 4 – H. - <i>Desde a prática de meditação também que nós praticávamos na casa que era uma ideologia da</i>	<i>Incorporei a prática de meditação que nós praticávamos na casa. Tenho voltado a meditar, tenho voltado a entrar em contato com a minha espiritualidade. A casa foi muito forte pra mim, assim, era uma mudança que eu já estava procurando, e quando eu conheci isso na prática, no dia-a-dia, eu vi que era isso mesmo e acabei gostando mais ainda.</i> <i>Agora mesmo, eu estava criando um evento aqui, pra divulgar pro pessoal vir aí numa aula de Yoga e em seguida um café da manhã. Isso daí, a primeira vez que eu fiz, foi na casa, não é? Então, eu estou trazendo isso lá da casa pra minha vida. Até pra minha vida profissional, não é?</i> <i>Outra coisa, é essa questão de fazer e não esperar o dia de amanhã. Hoje, estou morando numa outra casa que é bem nesse sentido de república, não é? Cada um no seu quarto, cada um com sua comida. Totalmente o contrário. E eu cheguei com a visão que ia passar só um tempo aqui porque não diz relação com o meu estilo, não me sinto muito em casa. E aí, do lado do meu quarto tem um quintal e quando comecei a esperar as chuvas, plantei meu girassol, e começou a mudar, veio muitas reflexões, o tempo inteiro, assim, vinha. Tudo bem que eu vou sair, mas não vou deixar de fazer. Agora moro aqui e vou fazer o que é pra ser feito, porque faz bem pra mim, porque dessa forma eu também estou ajudando a terra, estou fazendo a minha parte. É um chamado para viver aqui, agora, pra fazer, para a ação, mas com sentido. É saber que hoje eu vou vestir o vestido que eu quero, que eu acho lindo. Não vou esperar o dia mais especial chegar, porque hoje é o dia mais especial na minha vida. Então, hoje eu vou viver esse dia maravilhoso que ele é, e esse dia se faz maravilhoso. Claro que eu não consigo, levar isso constantemente na minha vida, mas é uma mudança que está acontecendo, e que tem se apresentado bastante. Eu tenho conseguido levar isso na minha vida, e é uma mudança que é muito profunda,</i>

meditação e do yoga, e hoje também já está no meu dia-a-dia também, então, a casa foi muito forte pra mim, assim, nas mudanças... era uma mudança que eu já estava procurando, conhecendo antes de entrar na casa, como uma curiosidade, e quando eu entrei na casa foi, eu pensei que, nossa, era isso mesmo que eu estava procurando, só que até então eu não conhecia de perto pessoas que estavam vivendo aquilo que eu queria viver, não é? E quando eu conheci isso na prática mesmo, no dia-a-dia, eu acabei vendo que era isso mesmo e acabei gostando mais ainda. 7 – P. - Agora mesmo, (...) eu estava criando um evento aqui, pra divulgar de yoga e café da manhã, não é? Pro pessoal vir aí numa aula de Yoga e em seguida um café da manhã. Isso daí, a primeira vez que eu fiz, foi na casa, não é? Então eu estou trazendo isso lá da casa pra minha vida. Até pra minha vida profissional, não é? 10 – V. - A meditação com certeza, não é? (...) Tenho voltado a meditar, tenho voltado a entrar em contato com a minha espiritualidade.	parece superficial, parece bobagem, não sei muito explicar, mas é muito profunda. Porque é uma forma diferente de encarar o dia-a-dia, encarar a vida, de você acordar e de você caminhar, é isso.

IAD2

B – Mudou a forma de lidar com o outro.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
2 – Ga. - Eu incorporei sim. Assim, (...) a gente sempre olha pro outro e vai pegando coisas que você quer ter pra você, então a convivência com vocês me trouxe vários amadurecimentos, em vários sentidos, assim, que eu trago comigo até hoje, (...) não só em questões profissionais, pessoais, mas também, de ecológicas, não é? (...) então, está tudo meio que ligado assim, não só a casa mas os propósitos de vida, não é? Então, é sempre conectar assim com pessoas que tenham afinidade, tenham o mesmo pensamento assim, de propósito de vida mesmo. 5 – L. - Depois de sair da casa eu incorporei algumas coisas no meu dia-a-dia, várias coisas mudaram sim, acho que principalmente com relação a saber como dá para sobreviver em comunidade, fazendo compras coletivas e criando estratégias de economia criativa, colaborativa pra que pessoas de diversas realidades possam conviver juntas. Acho que esse foi o maior aprendizado assim, e o que eu trago como uma realidade possível, não é? 6 – M. - Saindo da casa, eu mudei o meu posicionamento de como interagir com o ser humano, saber falar não, entender melhor uma pessoa antes de convidá-la pra entrar em casa. 7 – P. - Uma coisa que fica assim, de você querer cultivar também e saber. Esse negócio de você, assim, as vezes, é um processo mais natural, não é? Você vai construindo tipo, até você chegar numa convivência intensa, forte, você constrói, às vezes não, não é? Às vezes você cai de para quedas num lugar e você tem que construir, e aí fica a sua disposição assim, o quanto	Quando eu saí da casa eu acho que o que ficou aí de uma mudança, mais um aprendizado mesmo, é a questão da coletividade, cuidar do outro, estar com o outro, se preocupar com o outro, foi uma coisa que eu fui pra lá buscando isso e eu acho que ficou dentro de mim assim, ficou essa questão. A convivência com vocês me trouxe vários amadurecimentos, em vários sentidos, assim, que eu trago comigo até hoje, não só em questões profissionais, pessoais, mas também, de ecológicas, não é? A gente sempre olha pro outro e vai pegando coisas que você quer ter pra você. Então, é sempre conectar assim com pessoas que tenham afinidade, tenham o mesmo pensamento assim, de propósito de vida mesmo. E também saber como dá para sobreviver em comunidade, fazendo compras coletivas e criando estratégias de economia criativa, colaborativa pra que pessoas de diversas realidades possam conviver juntas. Acho que esse foi o maior aprendizado assim, e o que eu trago como uma realidade possível, não é? Então, não é que eu mudei, assim mas é que os espaços que eu estou frequentando agora, eles não permitem que eu seja como eu era, lá na Ecocasa, que eu queria ser, queria que fosse, um espaço onde eu me sentia bastante

<i>...você quer construir, e lá a proposta era construir bastante, então, pôr isso é massa, não é? Você trazer pra sua vida também, onde você está e todo lugar, que você está, você está querendo construir, conhecer, não é? Quem está com você. Acho que isso daí é uma coisa que ficou também (...) me ajudou a mudar uma coisa em mim de saber ouvir mais, assim. Não só ele, não é? Outras pessoas da vida mesmo, veio mostrando, mas com ele também pude aprender isso aí. De, às vezes, ouvir mais e ver que bater de frente não adianta, não é? Então, melhor você aceitar e saber ir pelas beiradinhas... Isso daí é uma coisa boa, ainda tenho que mudar bastante, mas já mudei um pouco.</i> <i>8 – R. - Quando eu saí da casa eu acho que o que ficou aí de aprendizado, de uma mudança, mais um aprendizado mesmo, é a questão da coletividade, cuidar do outro, estar com o outro, se preocupar com o outro, foi uma coisa que eu fui pra lá buscando isso e eu acho que ficou dentro de mim assim, ficou essa questão.</i> <i>9 – T. - É mais ou menos que eu falei na pergunta anterior assim, eu cheguei em um espaço onde eu me sentia bastante confortável, assim, que era como eu gostaria de viver, e aí eu, não é que eu mudei, assim mas é que os espaços que eu estou frequentando agora, eles não permitem que eu seja como eu era, lá na Ecocasa, que eu queria ser, queria que fosse... (...) ontem mesmo que eu estava falando com um menino daqui da casa nova, estava falando pra ele que fazia uns dias que eu estava sentindo um negócio que eu chegava em casa e não tinha uma coisa, e aí eu estava me analisando, sabendo o que que era isso que não estava, pensando sobre isso. (...) aí é uma coisa que eu notei, que talvez seja pessoal minha assim, mas eu notei que aqui as pessoas se encostam menos, (...) assim não chego em casa e sou recebida com um abraço, como era na Ecocasa. Isso, pra mim, é uma coisa que pesa, assim, não é que aqui eu não posso abraçar ninguém, não é isso, mas é diferente, assim, a receptividade é outra. É o mesmo abraço do bom dia, aquele que eu falei que gostava, coisa assim que pra mim isso é importante e isso não tem aqui, e não tem nos outros espaços. Sempre teve acho que na minha casa, na minha criação e aí eu estava encontrando isso na Ecocasa também.</i>	<i>confortável, assim, que era como eu gostaria de viver. Ontem mesmo eu estava falando com um menino daqui da casa nova, estava falando pra ele que fazia uns dias que eu estava sentindo um negócio que eu chegava em casa e não tinha uma coisa, e aí eu estava me analisando, pensando o que que era isso. E aí, é uma coisa que talvez seja pessoal minha assim, mas eu notei que aqui as pessoas se encostam menos. Assim, não chego em casa e sou recebida com um abraço, como era na Ecocasa. Isso, pra mim, é uma coisa que pesa, assim, não é que aqui eu não posso abraçar ninguém, não é isso, mas é diferente, assim, a receptividade é outra. É o mesmo abraço do bom dia, aquele que eu falei que gostava e sempre teve acho que na minha casa, na minha criação e aí eu estava encontrando isso na Ecocasa também.</i> <i>Então, mudou esse negócio de você querer cultivar, trazer pra sua vida, a disposição de estar querendo construir, conhecer quem está com você e ir construindo até você chegar numa convivência intensa, forte. Às vezes, é um processo mais natural, não é? E às vezes você cai de para quedas num lugar e daí, você constrói e às vezes não, não é? Aí fica a sua disposição assim, o quanto você quer construir, e lá a proposta era construir bastante, então, pôr isso é massa, não é?</i> <i>Isso daí é uma coisa que me ajudou a mudar uma coisa em mim de saber ouvir mais e ver que bater de frente não adianta, não é? Então, melhor você aceitar e saber ir pelas beiradinhas... Também mudou o meu posicionamento de como interagir com o ser humano, saber falar não, entender melhor uma pessoa antes de convidá-la pra entrar em casa. Ainda tenho que mudar bastante, mas já mudei um pouco.</i>

IAD2

C – Incorporou algumas práticas da rotina da casa relacionadas à permacultura no seu dia-a-dia.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<i>1 – A. - A trabalhar com esse lixo orgânico, não é? Não jogar com lixo só. Como não é o lixo, na verdade, é um ciclo, volta pra terra. E aí, eu comecei a mexer na terra, (...) É, e aí eu comprei as minhas primeiras plantinhas, aí hoje, já tenho uma</i>	<i>Eu já separava o lixo limpo do molhado, orgânico, mas depois da vivência na casa, comecei a usar a composteira, no meu dia-a-dia, a trabalhar com esse lixo orgânico, que não é o lixo, na verdade, é um ciclo, volta pra terra. Foi uma ideia incrível,</i>

rotina de trabalho com o orgânico, não é? Já fiz, estou num trabalho, aí, começado uma horta, já tenho minhas matinhas, meus temperos.

2 – Ga. - Sempre tive, mas em algumas fases da minha vida não, mas eu voltei a ter o minhocário, quero ter uma horta, o P. vai vir aí fazer a horta.

3 – Gu. - Aprendi sobre a biodinâmica das plantas (...) o que precisa a planta, (...) assim, como experiência, eu já tenho uma informação e felizmente eu já estou colocando em prática um pouco na minha casa, mas como a gente não tem um solo, é tudo cimentado, e a gente esta fazendo com vaso, então escala dele é menor, não é? (...) O que mais mudou foi uma questão do aprendizado da prática, da permacultura, bioconstrução também, mas aprendi pouco, em relação a termos de construção, mas acho que é isso, eu acho que o que mais mudou foi essa necessidade por verde, aí comecei a ter condições de colocar em prática, a consciência eu já tinha, não é? E aí, talvez, isso me motive a ter uma postura mais ativista, no futuro, talvez, mas isso não está acontecendo ainda.

4 – H. - Hoje em dia, fora da casa, eu ainda tenho a composteira no meu dia-a-dia, eu uso ela, foi uma idéia incrível, assim que eu... é uma ideia muito acessível a todos, não é? Desde você coletar pneu em qualquer mecânica por aí da cidade que você já estaria ajudando a estar meio que reciclando o pneu, (...) e desde você ir em qualquer marcenaria da cidade e ir coletando serragem que também é algo que eles têm muito em excesso, e eles acabam distribuindo facilmente a serragem, e desde você ter um espaço em seu quintal e poder estar fazendo isso e é muito simples, então a composteira eu acabei incorporando do mesmo no dia-a-dia, (...) desde pensar nos materiais, não é? Deles não terem um fim e sim um ciclo, e muitas outras coisas, não é?

5 – L. - Muito das coisas que a gente cozinhava, não é? Tipo realmente, não comprar tapioca hidratada, tipo, hidratar a tapioca, não é? (...) Então, isso para mim, faz toda a diferença, assim, e todas as estratégias de reduzir o nível de consumo e de viver com menos, eu acho que são muito eficientes e muito importantes pra isso.

6 – M. - Eu comecei a separar lixo também, lixo orgânico, não é? Tipo eu já separava, mas eu não tinha composteira, eu não depositava na composteira, eu só separava o limpo do molhado, e foi a rotina que eu comecei a ter depois da vivência na casa.

muito acessível a todos, não é? Desde você coletar pneu em qualquer mecânica por aí da cidade que você já estaria ajudando a estar meio que reciclando o pneu, ir em qualquer marcenaria da cidade e coletar serragem, algo que eles têm muito em excesso, sendo distribuído facilmente, e você ter um espaço em seu quintal e poder estar fazendo isso que é muito simples. E também pensar nos materiais, não é? Deles não terem um fim e sim um ciclo, e muitas outras coisas, não é?

Também voltei a ter o minhocário, sempre tive, mas em algumas fases da minha vida não. Comecei a mexer na terra, comprei as minhas primeiras plantinhas, e hoje, já tenho uma rotina de trabalho com o orgânico, não é? Já fiz, estou num trabalho, aí, começado uma horta, já tenho minhas matinhas, meus temperos.

Então, o que mais mudou foi essa necessidade por verde, uma questão de começar a ter condições de colocar em prática, a consciência que eu já tinha, através do aprendizado da permacultura. Então, como experiência, felizmente, eu já estou colocando em prática um pouco na minha casa, como a biodinâmica das plantas, o que precisa a planta, mas como a gente não tem um solo, é tudo cimentado, a gente esta fazendo com vaso, então escala dele é menor, não é? Talvez, isso me motive a ter uma postura mais ativista, no futuro, talvez, mas isso não está acontecendo ainda.

Incorporei também, muito das coisas que a gente cozinhava, não é? Tipo realmente, não comprar tapioca hidratada, hidratar a tapioca, não é? Então, isso para mim, faz toda a diferença, assim, e todas as estratégias de reduzir o nível de consumo e de viver com menos, eu acho que são muito eficientes e muito importantes pra isso.

IAD2

D – Mudou a alimentação e incorporou hábitos alimentares que tinha na casa.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
4 – H. - Desde na minha alimentação também, não é? Que até antes de eu entrar na Ecocasa eu comia carne, fui criado comendo carne, em casa com meus pais, e lá eu tive a oportunidade de estar aberto a receber, de estar vivenciando outro, um tipo de alimentação, não é? Que é você dar mais ênfase nos nutrientes, legumes e frutas, de ervas e sementes, e estar abolindo a carne da sua alimentação, e já fazem 8 meses já que eu estou numa alimentação sem carne, e pretendo continuar, não sei se vai ser pra sempre, mas a ideia, pelo menos hoje, me sinto bem, com o corpo muito mais leve, e foi uma grande mudança na minha vida, pois mudar a alimentação é uma mudança muito forte e foi a casa que me trouxe essa mudança, não é? Não só essa. 7 – P. - Bom, continuo comendo muito tahine. (...) com certeza, minha alimentação mudou, peguei muitos hábitos alimentares na casa que permanecem. 10 – V. - Uma das grandes contribuições que a casa trouxe pra mim foi o tahine. Eu incorporei ele na minha dieta, não abro mão, sinto falta do balde de 11kg.	Com certeza, minha alimentação mudou, peguei muitos hábitos alimentares na casa que permanecem. Antes de eu entrar na Ecocasa eu comia carne, fui criado comendo carne, em casa com meus pais, e lá eu tive a oportunidade de estar vivenciando outro tipo de alimentação, não é? Que é você dar mais ênfase nos nutrientes, legumes e frutas, de ervas e sementes, e estar abolindo a carne da sua alimentação. Já fazem 8 meses que eu estou numa alimentação sem carne, e pretendo continuar, não sei se vai ser pra sempre, mas a ideia, pelo menos hoje, me sinto bem, com o corpo muito mais leve, e foi uma grande mudança na minha vida, pois mudar a alimentação é uma mudança muito forte e foi a casa que me trouxe essa mudança, não é? E uma das grandes contribuições que a casa trouxe pra mim foi o tahine. Eu incorporei ele na minha dieta, não abro mão, sinto falta do balde de 11kg.

DSC – ECOCASA KRIPA MADHU – LONGA IMERSÃO – MORADORES

Pergunta 4: Você gostaria de destacar algum momento da vivência que tenha sido mais marcante pra você?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
1 – A. - Momentos marcantes, eu acho que foram todos. (...) <u>mais que momentos, são os relacionamentos assim, relacionamentos bem profundos</u>, assim, sabe? <u>De coisas, de pessoas, de sentimentos que eu levo comigo</u>, que eu vou levar sempre, independente de qualquer coisa, de distâncias de caminhos. (...) a <u>vivência</u> foi um momento maravilhoso, <u>as aulas de yoga com café da manhã</u>, eu lembro, certo tempo, bate uma saudade muito grande. <u>A fogueira, as meditações</u>. Foi <u>meu primeiro açaí de verdade</u>. Momento foi <u>quando eu taquei água lá na cozinha e mexi tudo</u>, nossa, foi um movimento muito importante assim, internamente, <u>movimento interno muito importante</u>, e a festa da V., assim <u>a despedida da V. foi um momentáço</u>, assim, <u>a dança, a música, a conexão de todas as pessoas, todos, é sério, assim, envolvidos</u>. Ah, é isso, eu acho que todos os momentos foram tremendamente importantes, marcantes assim.	(1ª ideia) Mais que momentos, são os relacionamentos bem profundos de coisas, de pessoas, de sentimentos que leva com ela. A (2ª ideia) Todos os momentos foram marcantes, a vivência, as aulas de yoga com café da manhã, a fogueira, as meditações, meu primeiro açaí de verdade. B (3ª ideia) Quando tacou água na cozinha e mexeu tudo, sendo um movimento interno muito importante. C (4ª ideia) A despedida da V, com dança, música, a conexão de todas as pessoas, todos, envolvidos. D	
2 – Ga. – Acho que <u>as vivências</u>, As vivências eram <u>sempre mágicas</u>, assim, as vivências era assim um momento de... Que a <u>gente abria a casa e ela ficava imunda, completamente fora de controle</u>, mas eram momentos assim, que a gente, de <u>convivência máxima com várias pessoas diferentes</u>, e pra mim foi muito forte, <u>porque eu estava com alunos meus</u>, não é? (...) “deixa a professora em Poços de Caldas”, aqui todo mundo é igual, de igual pra igual, assim. <u>Foi bem interessante, assim, ter essa proximidade com eles</u>, muito bom. Mas eu acho que esses momentos, <u>das vivências, foram os mais marcantes</u>. Cada um <u>dividia</u>, não é? Um fazia o almoço, outro faz não sei o que lá, outro toca a oficina de barro, então, a gente <u>sempre se organizava muito bem</u>.	(1ª ideia) As vivências foram os momentos mais marcantes e sempre mágicos porque havia uma convivência máxima com várias pessoas diferentes e no qual pode ter uma proximidade com seus alunos de Poços de Caldas. B	

3 – Gu. - <u>As vivências são os momentos que a ideia do que era a casa, acho que tudo isso se materializava, não é? Não ficava só nos planos das ideias</u>, e tanto na <u>questão de materializar</u>, em que sentido? Tanto <u>no espaço</u>, não é? <u>Trabalho coletivo</u> deixava os seus resultados na casa, uma transformação em si já clara, não é? Obvia, não é? E também a <u>questão das experiências pessoais de relações</u>, não é? Que tudo isso acho que convém criar o sentido e <u>pôr em prática não só material, como emocional</u> também, e tudo isso faz parte... <u>Se tornava</u> evidentemente, mais <u>explícito</u>, mais tenso, não é? Nas vivências.	(1ª ideia) Nas vivências, a ideia do que era a casa se tornava explícito, no trabalho coletivo, não ficava só no plano das ideias, colocava em prática não só se materializava no espaço, mas na questão das experiências pessoais de relações. B	
4 – H. - Foi da <u>união de nós moradores (...)</u> <u>nos almoços vegetariano/ vegano na casa</u>, (...) <u>a gente abria a casa pra cidade</u>, para estar vindo comer dos almoços que a gente fazia. Então, a gente morava em seis e nós <u>dividíamos em duplas</u>. Então, cada dia era uma dupla que fazia o almoço, assim, então <u>não ficava pesado pra ninguém</u>. E como nós tínhamos alimentos em abundância, não é? Desde frutas pra poder fazer alguma sobremesa ou suco, até os legumes que a gente preparava as comidas, não é? Pois as compras, a gente fazia no mercadão, então, tínhamos uma quantidade excessiva e fazíamos compra uma vez por semana. Então, a gente conseguia dar conta de estar fazendo o almoço na casa. A gente também fazia a cada dia, não é? A dupla ficava responsável pela <u>publicação dos posts no facebook</u>, nos grupos da Unicamp, não é? Então, a gente comentava - "almoço vegano na Ecocasa (...)" as pessoas gostavam, não é? Porque era uma coisa diferente que não rolava em Barão Geraldo, não é? Então, a gente abria vagas para 10 pessoas, pois a gente também não tinha espaço e também fogão, panela para estar abrindo para mais pessoas (...) e nisso, eu acho que sempre no final dos almoços, isso <u>era muito marcante porque a gente almoçava todos juntos, entre os moradores</u>, depois das 2:00, não é? Que todo mundo foi embora, e <u>o dinheiro dos almoços nós juntávamos e no final do mês a gente abatia no aluguel</u>, (...) <u>das vivências que a gente fazia</u> também, a ideia era fazer 1 vez por mês na casa, e as vivências também <u>a gente abria para as pessoas como contribuição voluntária</u> e começava na sexta-feira à noite, era uma vivência mais de conhecimento do grupo das pessoas que estavam lá, mais uma <u>roda de conversa</u>, na fogueira, e no sábado e no domingo a gente focava no quintal de estar <u>fazendo as práticas no quintal</u> desde estar <u>cuidando da horta</u>, cuidando da... dando ênfase na <u>bioconstrução</u> do quintal, que tinha o quartinho e tinha o banheiro seco, e também isso, <u>fortalecia muito a casa, as pessoas que visitavam lá, que estavam lá na vivência</u>, a cada pessoa que acrescentava muito pra mim e pra casa, não é?	(1ª ideia) A união dos moradores nos almoços vegetariano/ vegano abertos, servidos na casa, faziam a publicação dos posts no facebook e como se dividiam em duplas não ficava pesado pra ninguém. Ao final, os moradores almoçavam todos juntos e o dinheiro que juntavam abatia-se do aluguel, no final do mês. B (2ª ideia) A energia da galera, nas vivências, fortaleciam muito os moradores da casa porque era os dias que tinha mesmo uma irmandade, uma união, uma família. Eram abertas com contribuição voluntária, tinha roda de conversa, bioconstrução no quintal, cuidados com a horta. B	

Era muito importante também <u>no final da vivência nós moradores a energia da galera</u> que ia pra lá <u>fortalecia muito</u> a gente, então nós moradores também a vivência que a gente estava trabalhando junto também em equipe que também no dia-a-dia da casa era meio difícil, não é? Porque cada um estava fazendo seus corres estudando, trabalhando e <u>nos dias da vivência eram os dias quetinha mesmo uma irmandade, uma união, uma família</u> assim, bem forte trabalhando na casa que era o interesse de todo mundo, não é? E estava todo mundo depositando ali, uma energia boa, (...) mas <u>depois dos almoços, também acontecia isso</u>, não é? Meio que a cada, dia era uma <u>missão completa</u> que a gente tinha de estar <u>recebendo as pessoas de fora, de estar abrindo a casa, da galera estar comendo a nossa comida vegetariana/ vegana</u>, na maioria dos dias era vegano, e depois dos almoços <u>a união entre os moradores ficava muito forte</u> e isso <u>pra mim era muito marcante</u>, não é?	(3ª ideia) Depois dos almoços, de receber as pessoas, havia também um sentimento de missão completa que unia os moradores e era muito marcante B	
5 – L. - Bom os momentos mais marcantes <u>foram com as conversas, as pessoas e os aprendizados, as auto reflexões</u>, não é? Isso, acho que foram muito interessantes, e <u>a forma de resolução de conflitos também</u>, não é? Isso sempre foi muito lindo assim, não é? E eu trago essa observação de que foi muito linda pensando <u>naquele diálogo</u> que a gente teve um pouquinho antes de eu sair, não é? De realmente decidir sair, de ver que olha, <u>as prioridades estavam diferentes e a gente colocou simplesmente tudo o que estava acontecendo, dos sentimentos mais profundos na mesa</u> literalmente, porque a gente estava sentada na mesa da cozinha, e aí a gente <u>chegou a conclusões iguais</u> que, na verdade, a gente talvez <u>nem tivesse chegado em um consenso</u> sobre motivos e tal a gente <u>não precisou concordar com tudo</u> mas a gente <u>entendeu o que que as outras pessoas estavam sentindo</u>, e aí agente chegou numa <u>solução tranquila</u>, de uma <u>forma harmônica</u>, e ficou tudo bem, não é? Então, uma <u>forma de resolução de conflitos que deu muito certo</u>, não é? Então, acho que isso eu levo como uma experiência marcante, não é? Um momento marcante, assim.	(1ª ideia) Foram as pessoas, os aprendizados, as auto reflexões, as conversas, resolução de conflitos. Mesmo com prioridades diferentes, naquele diálogo, entendeu-se o que as outras pessoas estavam sentindo sem precisar concordar com tudo, de forma harmônica e tranquila. A	
6 – M. – Que eu mais gostava na casa, era quando a gente <u>terminava um trabalho e juntava todo mundo no quintal pra fazer pizza</u>, pra <u>conversar</u>, e, o melhor de tudo, pra <u>fazer fogueira, pra queimar tudo o que a gente não ia precisava usar</u> ali, <u>o que estava sobrando e não tinha utilidade</u>, ia tudo pro fogo, esse ritual foi o mais marcante pra mim, ali, dentro da casinha. O que me marcou <u>nas vivências foi mais na primeira</u>, que a gente <u>chegou com pensamento - "nossa, vamos ajudar eles a construir aqui o quintal deles"</u>, mas a gente tá pagando e <u>não</u>	(1ª ideia) Era fazer fogueira pra queimar tudo o que a gente não ia precisava usar, que estava sobrando e não tinha utilidade B (2ª ideia) A primeira vivência marcou porque chegou com o pensamento de que ia ajudar, mas não ia receber nada em	

<u>estamos recebendo nada</u>", foi primeiro dia foi o nosso pensamento, e depois no domingo quando acabou a vivência a gente juntou nossos amigos que a gente foi e <u>conversamos de novo, nossa a gente recebeu muito, não foi em forma de papel, mas foi em forma de muito conhecimento</u>, eles não deram dinheiro pra gente, mas deram <u>muita experiência</u> que a gente pode <u>aplicar em muitos lugares</u>, essa foi minha... acho que foi o meu momento marcante assim da primeira vivência. E a partir daí, desse pensamento, que eu mudei muita coisa na minha vida, o que doar, como doar, e o que receber.	troca. E ao final, esse pensamento mudou percebendo que recebeu muito em forma de conhecimento e experiência que poderiam ser aplicados em outros lugares. B	
7 – P. – Teve momentos lá que a gente, <u>da gente na fogueira</u>, esse momento foi assim, <u>após eventos, após mutirão, após a gente sair junto</u>, sempre nós três assim, <u>momentos de sentimento muito forte de gratidão e de amor</u> assim pelo outro, e eu pude sentir isso, no momento, forte, e isso foi o que ficou mais marcado. E com a T., também, <u>conversas que tive</u> com ela assim <u>de me abrir profundamente</u>, assim, de falar coisas bem íntimas, bem isso daí é uma coisa muito legal, não é? De você <u>saber que você pode assim mudar</u> coisas profundas, assim, das pessoas e <u>que elas realmente estão te ouvindo</u> e aí esses momentos foi muito especial pra mim. Às vezes, (...) eu falava, contava umas coisas nada a ver pra mim, inventava umas presepadas pra minha vida, <u>e ela ficava ouvindo, dava opinião ainda, dava risada junto</u>, enfim, <u>essa relação pessoal foi a coisa mais marcante pra mim</u>.	(1ª ideia) A relação pessoal foi a coisa mais marcante pra mim. Na fogueira, após eventos, conversas profundas, ser ouvido realmente pelas pessoas. A	
8 – R. – Acho que o que eu destacaria, momentos que mais ficaram, foram <u>as duas vivências</u> que eu citei na primeira pergunta, que foi a <u>vivência do telhado verde</u> que daí me marcou por eu <u>ver na prática a permacultura</u>, o cuidado com o jardim, e o mutirão, não é? <u>Estar juntos e fazendo uma coisa juntos</u> e as pessoas que passam, chegam e vão e você continua ali e tudo termina... e essa vivência <u>terminou com uma meditação que fazia parte do Sarau no Mantra</u>. Então, isso me marcou bastante, bastante. E me marcou <u>também a vivência dos cadernos</u>, pra se fazer os cadernos, porque ali foi o momento de <u>juntar energia coletiva pra realizar um trabalho que permitiu um barateamento nos custos de uma viagem</u>, e o <u>custeio de uma viagem</u>. Então, esses dois momentos me marcaram bastante assim, bastante, vão ficar na minha memória, os dois por motivos diferentes e os dois trazendo emoções e momentos diferentes, mas muito importantes.	(1ª ideia) Destacaria duas vivências marcantes. Uma do telhado verde que acabou com uma meditação e o Sarau no Mantra por ver na prática a permacultura, fazendo uma coisa juntos. E a outra, de fazer os cadernos juntos para o custeio de uma viagem. B	
9 – T. – O <u>café da manhã era um momento marcante</u>, porque eu almoçava em casa não muitos dias, mas tinha o dia da semana que eu fazia o almoço com o Gui também e era bom, mas isso foi só no final, nos últimos meses (...) <u>O</u>	(1ª ideia) O café da manhã era um momento marcante, ver as pessoas e dizer bom dia. A	

<u>dia da pizza eu achei legal</u>, achei que foi um dia que a gente <u>conseguiu se divertir mas a gente também não estava cuidando de tudo como sempre</u>. Nas vivências, a gente consegue fazer coisas, se diverte, não sei o que, mas a gente está sempre prestando a atenção em tudo, tentando cuidar de tudo que estava acontecendo, das pessoas, se as pessoas estão bem, se elas precisam de ajuda... E aquele dia, sinto como <u>um pouco mais relaxada</u>, assim, um pouco <u>mais leve</u>, <u>a gente conseguiu conviver, sem estar cuidando de tudo</u>, mas eu acho que os inícios dos dias também são marcantes pra mim, na hora de levantar, assim, <u>tomar café, e ver, bom dia</u>. Acho que isso é importante também.	(2ª ideia) Achou legal o dia da pizza porque conseguiu se divertir, relaxar, conviver, sem ter que cuidar de tudo como sempre. D	
10 – V. – Acho que <u>o começo foi muito marcante</u>, como eu falei, <u>aquela história do meu coração ter pulsado muito forte em relação à casa</u>, e querer estar lá, a embarcar nessa jornada. Então, isso me marcou muito, marcou novamente <u>a certeza que eu tenho de que só o nosso coração pode guiar a gente rumo às lições que a gente precisa aprender, e no nosso objetivo</u>, no nosso <u>propósito na vida</u> mesmo, acho que isso foi bem marcante. <u>A cura que a casa e a vivência lá pôde dar a minha mãe</u>. Acho que aquele ambiente foi pra ela também, muito importante. Ela ter ficado amiga dos meus amigos, ela ter conseguido demonstrar todo o valor que ela tem, participado, construído junto, ensinado um monte pra gente, sabe? Acho que o fato dela poder ter interagido com todo mundo lá de uma maneira muito legal, um negócio que me trouxe muita felicidade, que me marcou muito. Meu, com certeza <u>a paz que eu tinha quando eu estava lá</u>, desde, assim, da <u>não preocupação com o resto</u>, acho que <u>a prática da meditação intensa</u> era algo que <u>fortalecia muito isso</u>. Mas assim, estar lá me trazia muita paz, eu <u>pude ser eu mesma</u>, sabe? Não foi nenhum pouco um ambiente assim opressor, e isso, acho que me trouxe muita coisa boa. Os <u>encontros com as pessoas que moraram lá</u>, que <u>não moraram lá, que passaram por lá</u>. Então, essa coisa de poder, <u>com cada um, reverberar sonhos em conjunto</u>, sabe? Mesmo que por uma tarde, ou outras pessoas por 6 meses que eu sei que são pessoas que vão permanecer na minha vida, não é? E acho que isso assim, de dar tudo o que remetia <u>ao fato da casa ser um ponto focal desses sonhos conjuntos de transformação pela bioconstrução, pela vivência em comunidade, pela permacultura</u>, todos esses encontros foram muito ricos pra mim, independente de com quem. (...) <u>A localização da casa</u> foi uma coisa que me marcou muito, tipo de estar do lado da praça, do lado de tudo, sabe? <u>Do Mantra</u>, então assim, meu, <u>poder sair lá na praça era muito gostoso</u>. <u>Sentir que aquilo era uma extensão do nosso quintal</u>, poder ficar ali, aquela rua, era muito bom. <u>A Dorinha</u>, não é? Que <u>era incrível, maravilhosa e</u>	(1ª ideia) O <u>começo foi muito marcante, o coração pulsando muito forte em relação à casa</u>, guiando rumo as lições e aprendizados. C (2ª ideia) A cura que a casa e a vivência lá pôde dar a minha mãe. B (3ª ideia) A paz que tinha quando estava lá, tendo uma prática da meditação intensa e podendo ser ela mesma, não se preocupando com o resto. C (3ª ideia) Os encontros com as pessoas que moraram, não moraram, passaram por lá, reverberar com cada um, sonhos em conjunto de pela bioconstrução, vivência em comunidade, permacultura. A (4ª ideia) A localização da casa, próximo do Mantra e do lado de uma praça. B (5ª ideia) A Dorinha que era	Só o nosso coração pode guiar a gente rumo às lições que a gente precisa aprender. C

<u>me apaixonei demais por ela</u>. Então, ela também, assim, fez parte dessa história, ela é, tipo, <u>inesquecível</u>. Teve <u>aquele dia que a gente ficou na cozinha fazendo um balacobaco com as músicas, com todos os instrumentos, fazendo o chapat com molho de tahine, e todo mundo cantando, e tocando e fazendo aquele auê</u> assim. Nossa, aquele dia foi muito gostoso! Ah véio, e <u>Bábá</u>, não é? Assim, desde te ido pro parque, e ter ido pro retiro, (...) <u>virou meu Guru</u> (...) foi se chegando, chegou de mansinho e ficou. Então, isso é muito memorável, isso é muito lindo, isso é muito mágico, e eu nunca quis deixar de acreditar que a vida pode ser mágica, sabe? E acho que por isso a vida nunca deixou de ser mágica pra mim. Então a vivência da casa foi muito mágica, meu, quanta coisa que aconteceu na sorte e quantos encontros aconteceram de maneira absurda, sabe? Isso tudo porque a gente esta aberto pra magia, e, sei lá, muita coisa, não é?	incrível, maravilhosa e inesquecível. B (6ª ideia) Aquele dia, na cozinha, todo mundo fazendo música, cantando e tocando todos os instrumentos e comendo o chapat. D (7ª ideia) Bábá que se tornou seu Guru (mestre). C	

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD2

A – Mais que momentos marcantes, foram os encontros, as conversas, as pessoas que construíram relacionamentos profundos que marcaram.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. - <i>Momentos marcantes, eu acho que foram todos. (...) mais que momentos, são os relacionamentos assim, relacionamentos bem profundos, assim, sabe? De coisas, de pessoas, de sentimentos que eu levo comigo, que eu vou levar sempre, independente de qualquer coisa, de distâncias de caminhos.</i> 5 – L. - <i>Bom os momentos mais marcantes foram com as conversas, as pessoas e os aprendizados, as auto reflexões, não é? Isso, acho que foram muito interessantes, e a forma de resolução de conflitos também, não é? Isso sempre foi muito lindo assim, não é? E eu trago essa observação de que foi muito linda pensando naquele diálogo que a gente teve um pouquinho antes de eu sair, não é? De realmente decidir sair, de ver que olha, as prioridades estavam diferentes e a gente colocou simplesmente tudo o que estava acontecendo, dos sentimentos mais profundos na mesa literalmente, porque a gente estava sentada na mesa da cozinha, e aí a gente chegou a conclusões iguais que, na verdade, a gente talvez nem tivesse chegado em um consenso sobre motivos e tal a gente não precisou concordar com tudo mas a gente entendeu o que que as outras pessoas estavam sentindo, e aí agente chegou numa solução tranquila, de uma forma harmônica, e ficou tudo bem, não é? Então, uma forma de resolução de conflitos que deu muito certo, não é? Então, acho</i>	<i>Momentos marcantes, eu acho que foram todos. Mais que momentos, são as conversas, as pessoas, os aprendizados, as auto reflexões, os relacionamentos bem profundos, assim, sabe? De coisas, de pessoas, de sentimentos que eu levo comigo, que eu vou levar sempre, independente de qualquer coisa, de distâncias, de caminhos.</i> <i>Conversas que tive de me abrir profundamente, assim, de falar coisas bem íntimas, isso daí é uma coisa muito legal, não é? De você saber que pode mudar coisas profundas das pessoas e que elas realmente estão te ouvindo. Esses momentos foram muito especiais pra mim.</i> <i>E às vezes, eu falava, contava umas coisas nada a ver, inventava umas presepadas pra minha vida, e ela ficava ouvindo, dava opinião ainda, dava risada junto, enfim, essa relação pessoal foi a coisa mais marcante pra mim.</i> <i>A forma de resolução de conflitos também, não é? Isso sempre foi muito lindo assim, não é? Mesmo com prioridades diferentes e sem concordar com tudo, conseguir chegar a um consenso sobre motivos e tal, a gente</i>

que isso eu levo como uma experiência marcante, não é? Um momento marcante, assim. 7 – P. - Teve momentos lá que a gente, da gente na fogueira, esse momento foi assim, após eventos, após mutirão, após a gente sair junto, sempre nós três assim, momentos de sentimento muito forte de gratidão e de amor assim pelo outro, e eu pude sentir isso, no momento, forte, e isso foi o que ficou mais marcado. E com a T., também, conversas que tive com ela assim de me abrir profundamente, assim, de falar coisas bem íntimas, bem isso daí é uma coisa muito legal, não é? De você saber que você pode assim mudar coisas profundas, assim, das pessoas e que elas realmente estão te ouvindo e aí esses momentos foi muito especial pra mim. Às vezes, (...) eu falava, contava umas coisas nada a ver pra mim, inventava umas presepadas pra minha vida, e ela ficava ouvindo, dava opinião ainda, dava risada junto, enfim, essa relação pessoal foi a coisa mais marcante pra mim. 9 – T. - O café da manhã era um momento marcante, porque eu almoçava em casa não muitos dias, mas tinha o dia da semana que eu fazia o almoço com o Gui também e era bom, mas isso foi só no final, nos últimos meses. (...) mas eu acho que os inícios dos dias também são marcantes pra mim, na hora de levantar, assim, tomar café, e ver, bom dia. Acho que isso é importante também. 10 – V. - Os encontros com as pessoas que moraram lá, que não moraram lá, que passaram por lá. Então, essa coisa de poder, com cada um, reverberar sonhos em conjunto, sabe? Mesmo que por uma tarde, ou outras pessoas por 6 meses que eu sei que são pessoas que vão permanecer na minha vida, não é? E acho que isso assim, de dar tudo o que remetia ao fato da casa ser um ponto focal desses sonhos conjuntos de transformação pela bioconstrução, pela vivência em comunidade, pela permacultura, todos esses encontros foram muito ricos pra mim, independente de com quem.	colocou simplesmente tudo o que estava acontecendo, dos sentimentos mais profundos na mesa literalmente, porque a gente estava sentada na mesa da cozinha, e chegou a conclusões iguais, entendeu o que as outras pessoas estavam sentindo, e aí agente chegou numa solução tranquila, de uma forma harmônica, e ficou tudo bem, não é? Então, acho que isso eu levo como uma experiência marcante, não é? Um momento marcante, assim. O café da manhã era um momento marcante, porque eu almoçava em casa não muitos dias, eu acho que os inícios dos dias, na hora de levantar, assim, tomar café, e ver, bom dia. Os encontros com as pessoas que moraram lá, que não moraram lá, que passaram por lá. Então, essa coisa de poder, com cada um, reverberar sonhos em conjunto, sabe? Mesmo que por uma tarde, ou outras pessoas por 6 meses que eu sei que são pessoas que vão permanecer na minha vida, não é? E acho que isso assim, de dar tudo o que remetia ao fato da casa ser um ponto focal desses sonhos conjuntos de transformação pela bioconstrução, pela vivência em comunidade, pela permacultura, todos esses encontros foram muito ricos pra mim, independente de com quem. Momentos da gente na fogueira, após eventos, após mutirão, após a gente sair junto, momentos de sentimento muito forte de gratidão e de amor assim pelo outro, e eu pude sentir isso, no momento, forte, e isso foi o que ficou mais marcado.

IAD2

B – As vivências coletivas foram momentos muito marcantes.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. - A vivência foi um momento maravilhoso, as aulas de yoga com café da manhã, eu lembro, certo tempo, bate uma saudade muito grande. A fogueira, as meditações. Foi meu primeiro açai de verdade. 2 – Ga. - Acho que as vivências, As vivências eram sempre mágicas, assim, as vivências era assim um momento de... Que a gente abria a casa e ela ficava imunda, completamente fora de controle, mas eram momentos assim, que a gente, de convivência máxima com várias pessoas diferentes, e pra mim foi muito forte, porque eu estava com alunos meus, não é? (...) “deixa a professora em Poços de Caldas”, aqui todo mundo é igual, de igual pra igual, assim. Foi bem interessante, assim, ter essa proximidade com eles, muito bom. Mas	As vivências eram sempre mágicas, era assim um momento que a gente abria a casa para as pessoas como contribuição voluntária e ela ficava imunda, completamente fora de controle. Começava na sexta-feira à noite, com uma roda de conversa mais de conhecimento do grupo, das pessoas que estavam lá, na fogueira. No sábado e no domingo a gente focava no quintal, nas práticas de cuidado da horta, dando ênfase na bioconstrução do quintal, que tinha o quartinho e o banheiro seco. Um fazia o almoço, outro tocava a oficina de barro, outro fazia não sei o que lá, então, a gente sempre

eu acho que esses momentos, das vivências, foram os mais marcantes. Cada um dividia, não é? Um fazia o almoço, outro faz não sei o que lá, outro toca a oficina de barro, então, a gente sempre se organizava muito bem.

3 – Gu. - As vivências são os momentos que a ideia do que era a casa, acho que tudo isso se materializava, não é? Não ficava só nos planos das ideias, e tanto na questão de materializar, em que sentido? Tanto no espaço, não é? Trabalho coletivo deixava os seus resultados na casa, uma transformação em si já clara, não é? Obvia, não é? E também a questão das experiências pessoais de relações, não é? Que tudo isso acho que convém criar o sentido e pôr em prática não só material, como emocional também, e tudo isso faz parte... Se tornava evidentemente, mais explícito, mais tenso, não é? Nas vivências.

4 – H. - Foi da união de nós moradores (...) nos almoços vegetariano/ vegano na casa, (...) a gente abria a casa pra cidade, para estar vindo comer dos almoços que a gente fazia. Então, a gente morava em seis e nós dividíamos em duplas. Então, cada dia era uma dupla que fazia o almoço, assim, então não ficava pesado pra ninguém. E como nós tínhamos alimentos em abundância, não é? Desde frutas pra poder fazer alguma sobremesa ou suco, até os legumes que a gente preparava as comidas, não é? Pois as compras, a gente fazia no mercadão, então, tínhamos uma quantidade excessiva e fazíamos compra uma vez por semana. Então, a gente conseguia dar conta de estar fazendo o almoço na casa. A gente também fazia a cada dia, não é? A dupla ficava responsável pela publicação dos posts no facebook, nos grupos da Unicamp, não é? Então, a gente comentava - "almoço vegano na Ecocasa (...) as pessoas gostavam, não é? Porque era uma coisa diferente que não rolava em Barão Geraldo, não é? Então, a gente abria vagas para 10 pessoas, pois a gente também não tinha espaço e também fogão, panela para estar abrindo para mais pessoas (...) e nisso, eu acho que sempre no final dos almoços, isso era muito marcante porque a gente almoçava todos juntos, entre os moradores, depois das 2:00, não é? Que todo mundo foi embora, e o dinheiro dos almoços nós juntávamos e no final do mês a gente abatia no aluguel, (...) das vivências que a gente fazia também, a ideia era fazer 1 vez por mês na casa, e as vivências também a gente abria para as pessoas como contribuição voluntária e começava na sexta-feira à noite, era uma vivência mais de conhecimento do grupo das pessoas que estavam lá, mais uma roda de conversa, na fogueira, e no sábado e no domingo a gente focava no quintal de estar fazendo as práticas no quintal desde estar cuidando da horta, cuidando da... dando ênfase na bioconstrução do quintal, que tinha o quatinho e tinha o banheiro seco, e também isso, fortalecia muito a casa, as pessoas que visitavam lá, que estavam lá na vivência, a cada pessoa que acrescentava muito pra mim e pra casa, não é? Era muito importante também no final da vivência nós moradores a energia da galera que ia pra lá fortalecia

se organizava muito bem.

Eram momentos assim, de convivência máxima com várias pessoas diferentes, e pra mim foi muito forte, porque eu estava com os meus alunos, não é? Então, "deixa a professora em Poços de Caldas", aqui é todo mundo de igual pra igual. Foi bem interessante, assim, ter essa proximidade com eles, muito bom.

A ideia do que era a casa, se materializava, não é? Não ficava só nos planos das ideias, tanto no espaço, no trabalho coletivo que deixava os seus resultados na casa, uma transformação em si já clara, obvia, não é? E também a questão das experiências pessoais de relações, não é? Que acho que convém pôr em prática não só material, como emocional também, e tudo isso faz parte... Se tornava evidentemente, mais explícito, mais tenso nas vivências.

No primeiro dia da primeira vivência, a gente chegou com pensamento - "nossa, vamos ajudar eles a construir aqui o quintal deles, mas a gente tá pagando e não estamos recebendo nada", e depois no domingo quando acabou a vivência a gente juntou nossos amigos que a gente foi e conversamos de novo. Nossa a gente recebeu muito, eles não deram dinheiro pra gente, mas deram muita experiência que a gente pôde aplicar em muitos lugares. E a partir daí, desse pensamento, que eu mudei muita coisa na minha vida, o que doar, como doar, e o que receber.

Teve também a vivência do telhado verde que daí me marcou por eu ver na prática a permacultura, o cuidado com o jardim, e o mutirão, não é? Estar juntos e fazendo uma coisa juntos e as pessoas que passam, chegam e vão e você continua ali e tudo termina... e essa vivência terminou com uma meditação que fazia parte do Sarau no Mantra. Então, isso me marcou bastante. E também a vivência pra se fazer os cadernos que foi o momento de juntar energia coletiva pra realizar um trabalho que permitiu o custeio de uma viagem. Então, esses dois momentos me marcaram bastante assim, bastante, vão ficar na minha memória, os dois por motivos diferentes e os dois trazendo emoções e momentos diferentes, mas muito importantes.

Cada pessoa que visitava a casa, que estavam lá na vivência, a energia da galera que ia pra lá, acrescentava muito pra mim e pra casa, não é? Isso era muito importante, fortalecia muito a casa, os moradores. E também, nos dias da vivência, eram os dias que tinha mesmo uma irmandade, uma união,

muito a gente, então nós moradores também a vivência que a gente estava trabalhando junto também em equipe que também no dia-a-dia da casa era meio difícil, não é? Porque cada um estava fazendo seus corres estudando, trabalhando e nos dias da vivência eram os dias que tinha mesmo uma irmandade, uma união, uma família assim, bem forte trabalhando na casa que era o interesse de todo mundo, não é? E estava todo mundo depositando ali, uma energia boa, (...) mas depois dos almoços, também acontecia isso, não é? Meio que a cada, dia era uma missão completa que a gente tinha de estar recebendo as pessoas de fora, de estar abrindo a casa, da galera estar comendo a nossa comida vegetariana/ vegana, na maioria dos dias era vegano, e depois dos almoços a união entre os moradores ficava muito forte e isso pra mim era muito marcante, não é?

6 – M. - Que eu mais gostava na casa, era quando a gente terminava um trabalho e juntava todo mundo no quintal pra fazer pizza, pra conversar, e, o melhor de tudo, pra fazer fogueira, pra queimar tudo o que a gente não ia precisava usar ali, o que estava sobrando e não tinha utilidade, ia tudo pro fogo, esse ritual foi o mais marcante pra mim, ali, dentro da casinha. O que me marcou nas vivências foi mais na primeira, que a gente chegou com pensamento - "nossa, vamos ajudar eles a construir aqui o quintal deles, mas a gente tá pagando e não estamos recebendo nada", foi primeiro dia foi o nosso pensamento, e depois no domingo quando acabou a vivência a gente juntou nossos amigos que a gente foi e conversamos de novo, nossa a gente recebeu muito, não foi em forma de papel, mas foi em forma de muito conhecimento, eles não deram dinheiro pra gente, mas deram muita experiência que a gente pode aplicar em muitos lugares, essa foi minha... acho que foi o meu momento marcante assim da primeira vivência. E a partir daí, desse pensamento, que eu mudei muita coisa na minha vida, o que doar, como doar, e o que receber.

8 – R. - Acho que o que eu destacaria, momentos que mais ficaram, foram as duas vivências que eu citei na primeira pergunta, que foi a vivência do telhado verde que daí me marcou por eu ver na prática a permacultura, o cuidado com o jardim, e o mutirão, não é? Estar juntos e fazendo uma coisa juntos e as pessoas que passam, chegam e vão e você continua ali e tudo termina... e essa vivência terminou com uma meditação que fazia parte do Sarau no Mantra. Então, isso me marcou bastante, bastante. E me marcou também a vivência dos cadernos, pra se fazer os cadernos, porque ali foi o momento de juntar energia coletiva pra realizar um trabalho que permitiu um barateamento nos custos de uma viagem, e o custeio de uma viagem. Então, esses dois momentos me marcaram bastante assim, bastante, vão ficar na minha memória, os dois por motivos diferentes e os dois trazendo emoções e momentos diferentes, mas muito importantes.

10 – V. - A cura que a casa e a vivência lá pôde dar a minha mãe. Acho que aquele ambiente foi pra ela também, muito importante. Ela ter ficado amiga dos

uma família assim, bem forte trabalhando na casa que era o interesse de todo mundo, não é? A gente estava trabalhando junto, em equipe, depositando ali, uma energia boa. Porque no dia-a-dia da casa era meio difícil, não é? Cada um estava fazendo seus corres, estudando, trabalhando.

Nos almoços coletivos também acontecia isso, não é? Meio que a cada dia era uma missão completa. A gente abria vagas para 10 pessoas e tinha de estar recebendo as pessoas de fora, estar abrindo a casa pra galera estar comendo a nossa comida vegetariana/ vegana, e depois dos almoços a união entre os moradores ficava muito forte também e isso, pra mim, era muito marcante, não é? Então, a gente morava em seis e nós dividíamos em duplas, então, não ficava pesado pra ninguém. Cada dia era uma dupla que fazia o almoço e ficava responsável pela publicação dos posts no facebook, nos grupos da Unicamp, não é? A gente comentava - "almoço vegano na Ecocasa" e as pessoas gostavam porque era uma coisa diferente que não rolava em Barão Geraldo, não é? Nós tínhamos alimentos em abundância, desde frutas pra poder fazer alguma sobremesa ou suco, até os legumes que a gente preparava as comidas, não é? Depois das 2:00, no final dos almoços, quando todo mundo tinha ido embora, era muito marcante porque a gente almoçava todos juntos, entre os moradores, e o dinheiro dos almoços nós juntávamos e no final do mês a gente abatia no aluguel.

Teve também as aulas de yoga com café da manhã, eu lembro, certo tempo, bate uma saudade muito grande. A fogueira, as meditações. Foi meu primeiro açaí de verdade.

Que eu mais gostava na casa, era quando a gente terminava um trabalho e juntava todo mundo no quintal pra fazer pizza, pra conversar, e, o melhor de tudo, pra fazer fogueira, pra queimar tudo o que a gente não ia precisava usar ali, o que estava sobrando e não tinha utilidade, ia tudo pro fogo, esse ritual foi o mais marcante pra mim, ali, dentro da casinha.

A cura que a casa e a vivência lá pôde dar a minha mãe. Acho que aquele ambiente foi pra ela também, muito importante. Ela ter ficado amiga dos meus amigos, ela ter conseguido demonstrar todo o valor que ela tem, participado, construído junto, ensinado um monte pra gente, sabe? Acho que o fato dela poder ter interagido com todo mundo lá de uma maneira muito legal, um negócio que me trouxe muita felicidade, que me marcou

meus amigos, ela ter conseguido demonstrar todo o valor que ela tem, participado, construído junto, ensinado um monte pra gente, sabe? Acho que o fato dela poder ter interagido com todo mundo lá de uma maneira muito legal, um negócio que me trouxe muita felicidade, que me marcou muito. (...) A localização da casa foi uma coisa que me marcou muito, tipo de estar do lado da praça, do lado de tudo, sabe? Do Mantra, então assim, meu, poder sair lá na praça era muito gostoso. Sentir que aquilo era uma extensão do nosso quintal, poder ficar ali, aquela rua, era muito bom. A Dorinha, não é? Que era incrível, maravilhosa e me apaixonei demais por ela. Então, ela também, assim, fez parte dessa história, ela é, tipo, inesquecível.	muito. Além da localização da casa que foi uma coisa que me marcou muito, ser do lado da praça, do lado de tudo, sabe? Do Mantra. Poder sair lá na praça era muito gostoso. Sentir que aquilo era uma extensão do nosso quintal, poder ficar ali, aquela rua, era muito bom. E a Dorinha que era incrível, maravilhosa, inesquecível e me apaixonei demais por ela, fez parte dessa história.

IAD2

C – Os momentos de reflexão/ movimentos internos foram muito marcantes e trouxeram muita paz.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. - Momento foi quando eu taquei água lá na cozinha e mexi tudo, nossa, foi um movimento muito importante assim, internamente, movimento interno muito importante. 10 – V. - Acho que o começo foi muito marcante, como eu falei, aquela história do meu coração ter pulsado muito forte em relação à casa, e querer estar lá, a embarcar nessa jornada. Então, isso me marcou muito, marcou novamente a certeza que eu tenho de que só o nosso coração pode guiar a gente rumo às lições que a gente precisa aprender, e no nosso objetivo, no nosso propósito na vida mesmo, acho que isso foi bem marcante. (...) Meu, com certeza a paz que eu tinha quando eu estava lá, desde, assim, da não preocupação com o resto, acho que a prática da meditação intensa era algo que fortalecia muito isso. Mas assim, estar lá me trazia muita paz, eu pude ser eu mesma, sabe? Não foi nenhum pouco um ambiente assim opressor, e isso, acho que me trouxe muita coisa boa. (...) Ah véio, e Bábá, não é? Assim, desde ter ido pro parque, e ter ido pro retiro, (...) virou meu Guru (...) foi se chegando, chegou de mansinho e ficou. Então, isso é muito memorável, isso é muito lindo, isso é muito mágico, e eu nunca quis deixar de acreditar que a vida pode ser mágica, sabe? E acho que por isso a vida nunca deixou de ser mágica pra mim. Então a vivência da casa foi muito mágica, meu, quanta coisa que aconteceu na sorte e quantos encontros aconteceram de maneira absurda, sabe? Isso tudo porque a gente esta aberto pra magia, e, sei lá, muita coisa, não é?	Acho que o começo foi muito marcante, como eu falei, aquela história do meu coração ter pulsado muito forte em relação à casa, e querer estar lá, a embarcar nessa jornada. Então, isso me marcou muito, marcou novamente a certeza que eu tenho de que só o nosso coração pode guiar a gente rumo às lições que a gente precisa aprender, e no nosso objetivo, no nosso propósito na vida mesmo, acho que isso foi bem marcante. O momento quando eu taquei água lá na cozinha e mexi tudo, nossa, foi um movimento muito importante assim, internamente, movimento interno muito importante. E também, com certeza a paz que eu tinha quando eu estava lá, a não preocupação com o resto, podendo ser eu mesma, sabe? Não foi nem um pouco um ambiente assim opressor, e isso, acho que me trouxe muita coisa boa. Acho que a prática da meditação intensa era algo que fortalecia muito isso. Então, isso é muito memorável, isso é muito lindo, isso é muito mágico, e eu nunca quis deixar de acreditar que a vida pode ser mágica, sabe? E acho que por isso a vida nunca deixou de ser mágica pra mim. Então a vivência da casa foi muito mágica. Quanta coisa que aconteceu na sorte e quantos encontros aconteceram de maneira absurda, sabe? Isso tudo porque a gente esta aberto pra magia, e, sei lá, muita coisa, não é?

IAD2

D – Momentos marcantes de celebração e descontração.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. - <i>E a festa da V., assim a despedida da V., foi um momentáso, assim, a dança, a música, a conexão de todas as pessoas, todos, é sério, assim, envolvidos. Ah, é isso, eu acho que todos os momentos foram tremendamente importantes, marcantes assim.</i> 9 – T. - <i>O dia da pizza eu achei legal, achei que foi um dia que a gente conseguiu se divertir mas a gente também não estava cuidando de tudo como sempre. Nas vivências, a gente consegue fazer coisas, se diverte, não sei o que, mas a gente está sempre prestando a atenção em tudo, tentando cuidar de tudo que estava acontecendo, das pessoas, se as pessoas estão bem, se elas precisam de ajuda... E aquele dia, sinto como um pouco mais relaxada, assim, um pouco mais leve, a gente conseguiu conviver, sem estar cuidando de tudo.</i> 10 – V. - <i>Teve aquele dia que a gente ficou na cozinha fazendo um balacobaco com as músicas, com todos os instrumentos, fazendo o chapat com molho de tahine, e todo mundo cantando, e tocando e fazendo aquele auê assim. Nossa, aquele dia foi muito gostoso!</i>	<i>E a festa de despedida da V., foi um momentáso, assim, a dança, a música, a conexão de todas as pessoas, todos, é sério, assim, envolvidos.</i> <i>Teve aquele dia que a gente ficou na cozinha fazendo um balacobaco com as músicas, com todos os instrumentos, fazendo o chapat com molho de tahine, e todo mundo cantando, e tocando e fazendo aquele auê assim. Nossa, aquele dia foi muito gostoso!</i> <i>O dia da pizza eu achei legal, também, que foi um dia que a gente conseguiu se divertir, conviver, mas a gente também não estava cuidando de tudo como sempre. Porque nas vivências, a gente consegue fazer coisas, se diverte, não sei o que, mas a gente está sempre prestando a atenção em tudo, tentando cuidar de tudo que estava acontecendo, das pessoas, se as pessoas estão bem, se elas precisam de ajuda. E aquele dia, sinto como um pouco mais relaxada, assim, um pouco mais leve.</i>

DSC – ECOCASA KRIPA MADHU – CURTA IMERSÃO

Pergunta 1: De que vivência(s) você participou? Que atividade(s) realizou?

Descreva, por favor, o que aprendeu e/ ou ensinou.

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
1 – A. - Eu <u>participei</u> muito <u>da rotina da casa</u> , almoço, café da manhã, janta, das meditações. <u>Nos mutirões</u> , eu acabei indo na <u>pizzada</u> , o que eu <u>participei</u> , alguma coisa de trabalho, foi quando teve a <u>reforma que instalou as divisórias</u> .	(1ª ideia) Participou da rotina da casa. A (2ª ideia) Participou dos mutirões, pizzada e da reforma que instalou as divisórias. B	
2 – C. - Eu <u>participei da décima vivência</u> . Então, <u>no primeiro dia</u> , eu fiquei <u>lá no fundo</u> porque eu queria dar uma olhada em como era essa distribuição de <u>hortaliças mesmo</u> , a <u>organização do laguinho</u> . Como que a dinâmica ia se dar? Porque eu estava indo pra essa vivência, muito porque eu tinha entrado no escritório do F., e o L. tinha comentado sobre uma atividade que ia falar de <u>banheiro seco</u> e que era justamente isso que eu precisava aprender. Então, eu acabei ficando no espaço, de forma a absorver tudo que eu podia assim. Que nem, tanto no <u>segundo dia</u> , eu acabei indo pra <u>parte da frente</u> , não ficando lá no fundo, pra ter também um outro tipo de <u>experiência</u> , que era uma <u>questão de material, a madeira, o corte, a furadeira</u> que não era tão necessariamente em contato com a terra.	(1ª ideia) Participou da décima vivência que teve atividades, no fundo da casa, com hortaliças, laguinho e banheiro seco e, na frente da casa, uma experiência com os materiais como a madeira, o corte, a furadeira. B	
3 – Ce. - Eu <u>participei de uma vivência</u> onde foi feito o <u>reboco interno, reboco externo do quarto que estava sendo construído</u> , não é? E <u>aprendi técnicas</u> , não é? Que eu <u>não conhecia, e de acabamento, de bioconstrução</u> , e também tive a oportunidade de <u>conhecer um espaço de prática de permacultura urbana</u> , não é? Que <u>é uma coisa pouco comum</u> , não é? Pelo menos, pelo o que eu vejo assim, eu vejo até em alguns lugares, está crescendo um pouco, mas ainda <u>pouco divulgado</u> , pouco comum, acho que <u>a bioconstrução dentro da cidade</u> e tudo o mais.	(1ª ideia) Participou de uma vivência de reboco interno e reboco externo do quarto que estava sendo construído. B (2ª ideia) Aprendeu técnicas que eu não conhecia de acabamento e de bioconstrução. B (3ª ideia) Conheceu um espaço de prática de permacultura urbana, uma coisa pouco comum, pouco divulgada, a bioconstrução dentro da cidade. B	

4 – D. - Eu <u>participei de duas vivências na Kripa Madhu</u>, (...) a primeira vivência (...) <u>era de bioconstrução</u>. Na vivência, <u>de acordo com o cronograma</u>, a gente aprendeu a fazer <u>reboco natural pro quartinho</u> que já estava com as paredes bioconstruídas, assim, e a gente também ia <u>usar azulejos</u>, reutilizando eles e quebrando eles em pequenos pedaços pra <u>fazer mosaicos</u>, pra colocar no chão do quartinho, pra fazer o piso dele, e era basicamente isso, <u>mas</u> naquele dia, <u>naquele fim de semana</u>, eu lembro que <u>choveu</u>, então é... Inclusive essa também foi uma das coisas que eu <u>aprendi</u>. Eu lembro das meninas da casa comentando, que de acordo com a <u>filosofia da permacultura</u>, <u>dia de chuva é dia de plantar</u>, não é? Então, tudo bem que <u>a gente acabou não plantando</u> também, <u>mas não era um dia adequado para fazer o reboco natural</u> nas paredes do quartinho, então, esse aprendizado ficou pra depois, mas a gente realmente <u>realizou os mosaicos</u> e foi uma coisa que eu <u>gostei bastante de aprender</u>. (...) Além disso, ainda nessa vivência, apesar de não estar no cronograma, <u>a gente fez uma força-tarefa pra reorganizar o fundo da casa e reorganizar a composteira</u>. Ela estava meio espalhada, então, a gente deu uma juntada, assim, na matéria orgânica, toda a palha que estava em cima dela e tal, e a gente usou alguns pneus, que estavam no fundo da casa, pra organizar ela dentro deles, não é? (...) Foi <u>outro aprendizado</u> assim, também, com o <u>conceito da reutilização de materiais</u>, não é? Para <u>dar um novo sentido</u> pra isso, um sentido <u>sustentável</u>. Então, foi bem legal essa primeira vivência. <u>A segunda</u> foi meses depois, (...) a gente ia <u>aprender a fazer canteiro de horta e telhado verde</u>, e diferente da outra vivência, nessa não choveu, então, a gente conseguiu realizar o cronograma normalmente. Tinha várias pessoas, nesse dia, mais do que na primeira vez, então, foi mais fácil dividir as tarefas. Deu pra transitar, assim, entre um núcleo de trabalho na horta e outro núcleo no telhado, e foi bem legal, também. <u>Eu consegui aprender bem essas duas coisas</u>. Não tinha a menor ideia de como plantar numa horta, de como delimitar o canteiro, e mesmo de cercar o canteiro, então, pra mim, isso foi incrível, <u>como eu consegui aprender em tão pouco tempo assim, de uma forma tão didática, plantando em grupo</u>, com pessoas que sabiam um pouquinho mais e puderam dar esse conhecimento. A gente tinha algumas	(1ª ideia) A primeira vivência que participou era de bioconstrução e estava programado para fazer o reboco natural do quartinho e usar pedaços de azulejos para fazer mosaicos. Mas como choveu, só fizeram mosaico que gostou bastante de aprender. B (2ª ideia) Aprendeu que de acordo com a filosofia da permacultura, dia de chuva é dia de plantar e não era um dia adequado para fazer o reboco natural. B (3ª ideia) Fizeram uma força-tarefa pra reorganizar o fundo da casa e a composteira, tendo um aprendizado sobre o conceito da reutilização de materiais, dando um novo sentido (sustentável) para esse material. B (4ª ideia) Na segunda vivência que participou, aprendeu a fazer canteiro de horta e telhado verde, conseguindo aprender bem as duas coisas de uma forma muito didática e em pouco tempo, como por exemplo, onde deveriam ser plantadas as mudinhas pra espantar pragas e formigas e proteger as plantas mais sensíveis. B (5ª ideia) Sua participação era na	

mudinhas, e as meninas, a L., não é? Ela foi ensinando <u>quais deviam ficar no centro do canteiro, quais deviam ficar nas áreas periféricas do canteiro pra espantar as pragas, as formigas</u>, não é? E <u>deixar elas longe das plantas mais sensíveis</u>, das mudas mais sensíveis, então, foi bem interessante. E o telhado verde, eu mais acompanhei observando o pessoal que estava mais envolvido fazer ele, mas deu pra aprender bastante também. Eu sempre sinto que eu ia lá pra mais observar e aprender do que realmente dar algum conhecimento. Eu acho que a <u>minha participação</u> sempre ficou mais na parte de <u>confraternizar e trocar experiências mais</u>, sei lá, experiências <u>humanas</u> mesmo, <u>a companhia, conversas que não deixam de ser conhecimentos também</u>. Isso <u>é tão importante quanto aprender técnicas de plantio</u> ou, enfim, <u>de bioconstrução</u>.	parte de confraternizar e trocar experiências humanas, a companhia, conversas que não deixam de ser conhecimentos sendo tão importantes quanto aprender técnicas de plantio ou de bioconstrução. A	
5 – L. - Então, eu <u>participei de 2 vivências</u> que foi uma no meio de <u>abril</u>, mais ou menos(...) e a outra nas férias em <u>julho</u> (...) <u>Aprendi sobre coisas que eu não imaginava nem que existia</u>, não é? Eu <u>aprendi sobre comida crudívora</u>, aprendi sobre <u>refeições vegetarianas</u>, refeições <u>vegan</u>as, aprendi sobre tudo, <u>uma cultura, um estilo de vida diferente</u>, um estilo de vida que vai contra isso que acontece, não é? Que é diferente disso que acontece normalmente na nossa sociedade, aprendi muito sobre <u>meditação</u>, sobre <u>cultura indiana</u>, não é? Sem levar em conta <u>o aprendizado com bio-arquitetura</u> mesmo, não é? A gente aprendeu técnicas de <u>construção com pneu</u>, é... Aprendemos a fazer um <u>forno de pizza</u>, que foi incrível, nessa primeira vivência também aprendemos a fazer <u>um laguinho</u>, fizemos também uma <u>espiral de ervas</u>, que eu achei muito legal, que você coloca as ervas que precisa de menos água no topo da espiral e as que precisa de mais água você coloca perto desse laguinho que a gente tinha feito também, não é? E tudo muito legal, muito colaborado, todo mundo muito empenhado em participar, foi realmente uma experiência incrível, não é? (...) Na segunda vez, eu fui com alguns amigos que, hoje em dia, eu moro com eles, então, a gente acabou ficando muito próximo. E, enfim, foi uma experiência muito boa. Na <u>segunda vez</u>, a gente aprendeu a construir com pau-a-pique que foi muito legal, não é? A gente construiu um quartinho lá atrás, é... Também, o laguinho tinha dado um probleminha e a gente <u>terminou o laguinho</u>, não é? Mas o foco <u>principal era o pau-a-pique lá, pra fazer o quartinho</u>, que ficou	(1ª ideia) Participou de 2 vivências, uma em abril e outra em julho. B (2ª ideia) Aprendeu sobre coisas que não imaginava que existia, como comida crudívora, refeições vegetarianas e veganas, meditação, cultura indiana, uma cultura, um estilo de vida diferente, sobre bio-arquitetura, construção com pneu, forno de pizza, laguinho, espiral de ervas. B (3ª ideia) Na segunda vez, aprendeu terminou o laguinho, mas o foco principal era o pau-a-pique pra fazer o quartinho, fizeram pizzada, feito por todo mundo, todo mundo colaborando. B	

incrível, ficou muito bacana mesmo, é... Nessa vez, também e na outra, <u>fizemos pizzada</u>, então, foi demais a pizzada, foi muito gostoso, comemos pizzas deliciosas e incrível, feito por todo mundo, <u>todo mundo colaborando</u>.		
6 – Lc. - Eu <u>participei da vivência de construção da Ecocasa Kripa Madhu</u>, e a <u>principal atividade</u> que eu <u>realizei</u> lá, foi a <u>documentação dessa</u>, da construção <u>através de fotografia</u>, e também pude <u>participar em bioconstrução produzindo a massa pra ser usada no revestimento das paredes</u>.	(1ª ideia) Participou da vivência de construção da Ecocasa Kripa Madhu, na bioconstrução produzindo a massa pra ser usada no revestimento das paredes. B (2ª ideia) Realizou a documentação através de fotografia. B	
7 – Lz - Eu <u>participei</u> um pouquinho do <u>pau-a-pique</u>, (...) <u>o reboco</u>, que foi uma delícia, e quando a gente fez <u>jardim da permacultura</u>, não é? Um pouquinho do <u>telhado verde</u>, consegui participar de algumas coisas, não tanto... (...) Deu pra participar de algumas coisas não tanto quanto eu gostaria... É, de ensinar eu não sei, mas <u>de aprender</u>, pra mim foi <u>muita coisa</u>, assim, desde <u>pequenos detalhes, do jeito de lidar com as coisas e de ver todos os animais, quanto as plantas, quanto os materiais mesmo, de uma nova maneira</u>, de ter um pouco <u>mais de respeito com tudo</u>, e <u>com as pessoas</u> também, aprender muito mais, a <u>questão de questionar, porque as coisas são utilizadas do jeito que elas são utilizadas, porque que a gente saiu do barro e, hoje em dia, é concreto, e, realmente, de que forma a gente acaba impactando o mundo da maneira que a gente utiliza as coisas</u>, muitas vezes, <u>sem pensar</u>, então, foram <u>grandes aprendizados</u>.	(1ª ideia) Participou do pau-a-pique, o reboco, o jardim da permacultura e do telhado verde. B (2ª ideia) Aprendeu muita coisa, desde pequenos detalhes, quanto os materiais mesmo, a questão de questionar porque as coisas são utilizadas do jeito que são utilizadas, de que maneira as coisas que a gente utiliza acaba impactando o mundo. B	
8 – M. - Eu <u>aprendi a mexer, fazer, parede de Adobe</u>. (...) e eu <u>pude aprender o mosaico</u>, (...) <u>Mosaico pro chão</u>, e a parede da massa de Adobe, e o <u>banheiro seco</u> construído no seu projeto, que são ferramentas importantíssimas para a nosso espaço cultural, nossa universidade.	(1ª ideia) Aprendeu a fazer parede de Adobe, mosaico para o chão e o banheiro seco. B	
9 – M.E. - A <u>minha participação maior</u>, na Ecocasa, <u>foi no jardim, com as plantas</u> que é uma coisa assim que eu gosto muito, e também, na <u>vivência com o próprio pessoal, no dia-a-dia</u>, e isso trouxe pra mim um... <u>Acrescentou</u> muito na minha vida, <u>uma outra forma de ver a vida</u>, com essas pessoas novas e passando, assim, uma série de <u>novidades</u>, e ao, mesmo tempo, eu também podendo <u>transmitir alguma coisa</u> daquilo que eu aprendi durante os anos da	(1ª ideia) Participou no jardim com as plantas, ajudou na colocação de prateleiras na parede e na parte também de marcenaria. B (1ª ideia) A vivência com o pessoal, no dia-a-dia, acrescentou uma outra forma de ver a vida, com essas pessoas novas, uma série de novidades e podendo transmitir alguma coisa daquilo que aprendeu	

minha vida, e foi... Pra mim, foi uma coisa muito, muito boa, porque foi uma <u>troca muito gostosa, sem conflito</u>, muita <u>harmonia</u>, <u>ajudei também na colocação de prateleiras na parede</u>, quando a I. quis fazer uma repartição, então, essa parte também de <u>marcenaria</u>, eu também ajudei bastante, dentro dos meus limites, e então, foi isso, foi uma troca muito gostosa. Só tenho a agradecer por isso.	durante os anos da sua vida, sendo uma troca muito gostosa, sem conflito e muita harmonia. A	
10 – P. - <u>Participei na vivência localizada na Ecocasa Kripa Madhu, em Campinas</u>. As atividades que eu <u>realizei</u> foi <u>auxílio na montagem do contra piso de garrafas do quarto</u> que estava sendo feito, no <u>auxílio da colagem do piso com cerâmica quebrada</u>, participei também das <u>atividades com yoga e meditação</u>. O que eu pude <u>aprender</u>, foi o <u>nivelamento no terreno</u>, o <u>uso de materiais recicláveis da construção</u> de um cômodo no caso, não é? Aprendi também, eu não sei o nome exato disso, mas é <u>escoamento, eu diria, da água pra bananeira</u>, lá, que vinha dos banheiros e do chuveiro que estava fazendo. Aprendi também, <u>técnicas de respiração no yoga e na meditação, tanto a respiração, quanto alongamento</u>. Aprendi também sobre <u>alguns meios de se realizar bioconstrução</u>, bem como <u>diversos materiais para fazer o mesmo</u> e a <u>palestra</u> que foi realizada.	(1ª ideia) Participou da vivência na Ecocasa, onde realizou auxílio na montagem do contra piso de garrafas do quarto, auxílio da colagem do piso com cerâmica quebrada. B (2ª ideia) Participou das atividades com yoga e meditação e da palestra. B (3ª ideia) Aprendeu sobre o nivelamento no terreno, o uso de materiais recicláveis da construção escoamento da água pra bananeira, técnicas de respiração no yoga e na meditação, tanto a respiração, quanto alongamento, sobre alguns meios de se realizar bioconstrução, bem como diversos materiais para fazer o mesmo. B	
11 – R. - Bom, <u>eu participei da vivência</u> cuja finalidade era pra construção do <u>telhado verde</u>. Eu acabei ficando na atividade de fazer a <u>manutenção da horta</u>, porque também foi uma atividade que foi realizada nessa vivência, e eu <u>aprendi</u> muita coisa, é, relacionada a <u>manejo da terra, manejo de plantas</u>, vários ensinamentos, assim, que eu não fazia ideia que eu <u>nunca tinha tido esse tipo de experiência com a terra, e com as plantas</u>, e que eu nunca vou esquecer, não é? Por exemplo, <u>plantar cebolinha e salsinha ao redor das hortas pra evitar que os animais ataquem, que os insetos ataquem as plantas</u>, não é? Da sua horta. Então, isso é uma coisa que espanta os insetos, os bichinhos. Entre outras coisas, foi uma experiência muito legal, além da <u>vivência na casa</u>, não é? <u>Conhecendo pessoas diferentes com um ideal em comum, trabalhando duro pra fazer aquilo acontecer</u> de fato.	(1ª ideia) Participou da vivência do telhado verde e da manutenção da horta. B (2ª ideia) Aprendeu sobre o manejo da terra, de plantas, nunca tinha tido esse tipo de experiência com a terra, e com as plantas, como plantar cebolinha e salsinha ao redor das hortas pra evitar os insetos ataquem as plantas. B (3ª ideia) Conheceu pessoas diferentes com um ideal em comum, trabalhando duro pra fazer aquilo acontecer de fato. A	

12 – Rb. – <u>Participei da vivência</u> aí, meu, com um <u>aprendizado</u> , (...) na casa, a gente <u>fez essa obra</u> aí, (...) E, hoje, eu <u>posso dizer que entendo um pouco, aprendi um pouco de bioconstrução</u> .	(1ª ideia) Participou da vivência fazendo essa obra, com um aprendizado sobre bioconstrução. B	
13 – Rd. - A <u>vivência que eu participei</u> foi aquela aí na sua casa com a G., que a gente <u>fez o quartinho de pau-a-pique, com as garrafas de cerveja</u> , e a gente <u>fez uma fossa lá do banheiro</u> . E foi quando a gente, nesse dia, <u>eu aprendi a pintar com terra</u> , que foi o que eu mais gostei, que eu <u>pinte a frente da casa toda</u> , a muretinha, em frente a casa, toda de terra e tal, e foi o que eu mais aprendi, assim, que eu mais levei depois da vivência, foi pintar.	(1ª ideia) Participou da vivência que fez o quartinho de pau-a-pique com as garrafas de cerveja e também fez uma fossa lá do banheiro. B (2ª ideia) Aprendeu a pintar com terra, pintando a frente da casa toda. B	

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD2

A – As vivências na casa, além dos aprendizados com bioconstrução trouxeram uma troca de experiências humanas.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. - <i>Eu participei muito da rotina da casa, almoço, café da manhã, janta, das meditações.</i> 4 – D. - <i>Eu sempre sinto que eu ia lá pra mais observar e aprender do que realmente dar algum conhecimento. Eu acho que a minha participação sempre ficou mais na parte de confraternizar e trocar experiências mais, sei lá, experiências humanas mesmo, a companhia, conversas que não deixam de ser conhecimentos também. Isso é tão importante quanto aprender técnicas de plantio ou, enfim, de bioconstrução.</i> 9 – M.E. – <i>E também, na vivência com o próprio pessoal, no dia-a-dia, e isso trouxe pra mim um... Acrescentou muito na minha vida, uma outra forma de ver a vida, com essas pessoas novas e passando, assim, uma série de novidades, e, ao mesmo tempo, eu também podendo transmitir alguma coisa daquilo que eu aprendi durante os anos da minha vida, e foi... Pra mim, foi uma coisa muito, muito boa, porque foi uma troca muito gostosa, sem conflito, muita harmonia.</i> 11 – R. – <i>Entre outras coisas, foi uma experiência muito legal, além da vivência na casa, não é? Conhecendo pessoas diferentes com um ideal em comum, trabalhando duro pra fazer aquilo acontecer de fato.</i>	<i>Eu participei muito da rotina da casa, na vivência com o próprio pessoal, no dia-a-dia, almoço, café da manhã, janta, das meditações e sinto que eu ia lá mais observar e aprender do que realmente dar algum conhecimento. Eu acho que a minha participação sempre ficou mais na parte de confraternizar e trocar experiências humanas mesmo, conhecendo pessoas diferentes com um ideal em comum, trabalhando duro pra fazer aquilo acontecer de fato, a companhia, conversas que não deixam de ser conhecimentos também. Acrescentou muito na minha vida, uma outra forma de ver a vida, com essas pessoas novas passando uma série de novidades, e, ao mesmo tempo, eu também podendo transmitir alguma coisa daquilo que eu aprendi durante os anos da minha vida. Isso é tão importante quanto aprender técnicas de plantio ou, enfim, de bioconstrução e foi, pra mim, uma coisa muito boa, porque foi uma troca muito gostosa, com muita harmonia e sem conflito.</i>

IAD2

B – As vivências possibilitaram um aprendizado não só em bioconstrução, permacultura, cultura e estilo de vida diferente, mas também um questionamento sobre a forma como ver e lidar com os materiais, animais e plantas.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. - Nos mutirões, eu acabei indo na pizzada, o que eu participei, alguma coisa de trabalho, foi quando teve a reforma que instalou as divisórias. 2 – C. - Eu participei da décima vivência. Então, no primeiro dia, eu fiquei lá no fundo porque eu queria dar uma olhada em como era essa distribuição de hortaliças mesmo, a organização do laguinho. Como que a dinâmica ia se dar? Porque eu estava indo pra essa vivência, muito porque eu tinha entrado no escritório do F., e o L. tinha comentado sobre uma atividade que ia falar de banheiro seco e que era justamente isso que eu precisava aprender. Então, eu acabei ficando no espaço, de forma a absorver tudo que eu podia assim. Que nem, tanto no segundo dia, eu acabei indo pra parte da frente, não ficando lá no fundo, pra ter também um outro tipo de experiência, que era uma questão de material, a madeira, o corte, a furadeira que não era tão necessariamente em contato com a terra 3 – Ce. - Eu participei de uma vivência onde foi feito o reboco interno, reboco externo do quarto que estava sendo construído, não é? E aprendi técnicas, não é? Que eu não conhecia, e de acabamento, de bioconstrução, e também tive a oportunidade de conhecer um espaço de prática de permacultura urbana, não é? Que é uma coisa pouco comum, não é? Pelo menos, pelo o que eu vejo assim, eu vejo até em alguns lugares, está crescendo um pouco, mas ainda pouco divulgado, pouco comum, acho que a bioconstrução dentro da cidade e tudo o mais. 4 – D. - Eu participei de duas vivências na Kripa Madhu, (...) a primeira vivência (...) era de bioconstrução. Na vivência, de acordo com o cronograma, a gente aprendeu a fazer reboco natural pro quartinho que já estava com as paredes bioconstruídas, assim, e a gente também ia usar azulejos, reutilizando eles e quebrando eles em pequenos pedaços pra fazer mosaicos, pra colocar no chão do quartinho, pra fazer o piso dele, e era basicamente isso, mas naquele dia, naquele fim de semana, eu lembro que choveu, então é... Inclusive essa também foi uma das coisas que eu aprendi. Eu lembro das meninas da casa comentando, que de acordo com a filosofia da permacultura, dia de chuva é dia de plantar, não é? Então, tudo bem que a gente acabou não plantando também, mas não era um dia adequado para fazer o reboco natural nas paredes do quartinho, então, esse aprendizado ficou pra depois, mas a gente realmente realizou os	Então, eu participei das vivências na Ecocasa Kripa Madhu, em Campinas que aconteceram de abril de 2016 a abril de 2017, mais ou menos. Aprendi sobre coisas que eu não imaginava nem que existia, não é? Eu aprendi sobre comida crudívora, sobre refeições vegetarianas, veganas, aprendi sobre tudo, uma cultura, um estilo de vida diferente, um estilo de vida que é diferente disso que acontece normalmente na nossa sociedade. Aprendi muito sobre cultura indiana, não é? Participei das atividades com yoga e meditação e aprendi técnicas tanto de respiração, quanto alongamento. Sem levar em conta o aprendizado com bio-arquitetura mesmo, não é? Sobre alguns meios de se realizar bioconstrução, bem como diversos materiais para fazer o mesmo e a palestra que foi realizada. A gente aprendeu técnicas de construção com pneu, a fazer um forno de pizza, que foi incrível, a fazer um laguinho, uma espiral de ervas, que eu achei muito legal, que você coloca as ervas que precisa de menos água no topo da espiral e as que precisa de mais água você coloca perto desse laguinho que a gente tinha feito também, não é? E tudo muito legal, muito colaborado, todo mundo muito empenhado em participar, foi realmente uma experiência incrível, não é? Em uma das vivências, eu fui com alguns amigos que, hoje em dia, eu moro com eles, então, a gente acabou ficando muito próximo. E, enfim, foi uma experiência muito boa. A gente fez a massa pra ser usada no revestimento das paredes do quartinho de pau-a-pique e garrafas, lá atrás, que era o foco principal, e uma fossa lá do banheiro. Também, o laguinho tinha dado um probleminha e a gente terminou ele, não é? Além da documentação dessa construção através de fotografia. Nessa vez, também e na outra, fizemos pizzada, então, foi demais, foi muito gostoso, comemos pizzas deliciosas e incríveis, feitas por todo mundo, todo mundo colaborando. E foi quando eu aprendi a pintar com terra, que foi o que eu mais gostei, que eu pintei a frente da casa toda, a muretinha, em frente à casa, toda de terra e tal, e foi o que eu mais aprendi, assim, que eu mais levei depois da vivência, foi pintar. Depois, em outra vivência, auxiliei na montagem

mosaicos e foi uma coisa que eu gostei bastante de aprender. (...) Além disso, ainda nessa vivência, apesar de não estar no cronograma, a gente fez uma força-tarefa pra reorganizar o fundo da casa e reorganizar a composteira. Ela estava meio espalhada, então, a gente deu uma juntada, assim, na matéria orgânica, toda a palha que estava em cima dela e tal, e a gente usou alguns pneus, que estavam no fundo da casa, pra organizar ela dentro deles, não é? (...) Foi outro aprendizado assim, também, com o conceito da reutilização de materiais, não é? Para dar um novo sentido pra isso, um sentido sustentável. Então, foi bem legal essa primeira vivência. A segunda foi meses depois, (...) a gente ia aprender a fazer canteiro de horta e telhado verde, e diferente da outra vivência, nessa não choveu, então, a gente conseguiu realizar o cronograma normalmente. Tinha várias pessoas, nesse dia, mais do que na primeira vez, então, foi mais fácil dividir as tarefas. Deu pra transitar, assim, entre um núcleo de trabalho na horta e outro núcleo no telhado, e foi bem legal, também. Eu consegui aprender bem essas duas coisas. Não tinha a menor ideia de como plantar numa horta, de como delimitar o canteiro, e mesmo de cercar o canteiro, então, pra mim, isso foi incrível, como eu consegui aprender em tão pouco tempo assim, de uma forma tão didática, plantando em grupo, com pessoas que sabiam um pouquinho mais e puderam dar esse conhecimento. A gente tinha algumas mudinhas, e as meninas, a L., não é? Ela foi ensinando quais deviam ficar no centro do canteiro, quais deviam ficar nas áreas periféricas do canteiro pra espantar as pragas, as formigas, não é? E deixar elas longe das plantas mais sensíveis, das mudas mais sensíveis, então, foi bem interessante. E o telhado verde, eu mais acompanhei observando o pessoal que estava mais envolvido fazer ele, mas deu pra aprender bastante também.

5 – L. - Então, eu participei de 2 vivências que foi uma no meio de abril, mais ou menos, (...) e a outra nas férias em julho (...) Aprendi sobre coisas que eu não imaginava nem que existia, não é? Eu aprendi sobre comida crudívora, aprendi sobre refeições vegetarianas, refeições veganas, aprendi sobre tudo, uma cultura, um estilo de vida diferente, um estilo de vida que vai contra isso que acontece normalmente na nossa sociedade, aprendi muito sobre meditação, sobre cultura indiana, não é? Sem levar em conta o aprendizado com bio-arquitetura mesmo, não é? A gente aprendeu técnicas de construção com pneu, é... Aprendemos a fazer um forno de pizza, que foi incrível, nessa primeira vivência também aprendemos a fazer um lagunho, fizemos também uma espiral de ervas, que eu achei muito legal, que você coloca as ervas que precisa de menos água no topo da espiral e as que precisa de mais água você coloca perto desse

do contra piso de garrafas do quarto que estava sendo feito e na colagem do piso com cerâmica quebrada. Pude aprender o nivelamento no terreno, o uso de materiais recicláveis da construção de um cômodo no caso, não é? Aprendi também, eu não sei o nome exato disso, mas é escoamento, eu diria, da água pra bananeira, lá, que vinha dos banheiros e do chuveiro que estava fazendo.

Teve também, uma vivência que, de acordo com o cronograma, a gente ia aprender a fazer reboco natural pro quatinho que já estava com as paredes bioconstruídas, assim, e a gente também ia usar azulejos, reutilizando eles e quebrando eles em pequenos pedaços pra fazer mosaicos, pra colocar no chão do quatinho e fazer o piso dele, e era basicamente isso, mas naquele dia, naquele fim de semana, eu lembro que choveu, inclusive essa também foi uma das coisas que eu aprendi. Eu lembro das meninas da casa comentando, que de acordo com a filosofia da permacultura, dia de chuva é dia de plantar, não é? Então, tudo bem que a gente acabou não plantando também, mas não era um dia adequado para fazer o reboco natural nas paredes do quatinho, então, esse aprendizado ficou pra depois, mas a gente realmente realizou os mosaicos e foi uma coisa que eu gostei bastante de aprender. Além disso, ainda nessa vivência, apesar de não estar no cronograma, a gente fez uma força-tarefa pra reorganizar o fundo da casa e reorganizar a composteira. Ela estava meio espalhada, então, a gente deu uma juntada, assim, na matéria orgânica, toda a palha que estava em cima dela e tal, e a gente usou alguns pneus, que estavam no fundo da casa, pra organizar ela dentro deles, não é? Foi outro aprendizado assim, também, com o conceito da reutilização de materiais, não é? Para dar um novo sentido pra isso, um sentido sustentável. Então, foi bem legal essa vivência.

Participei também, da vivência onde foi feito o reboco interno, reboco externo do quarto que estava sendo construído, não é? E aprendi técnicas que eu não conhecia de acabamento, de bioconstrução. E também tive a oportunidade de conhecer um espaço de prática de permacultura urbana que é uma coisa pouco comum, não é? Pelo menos, pelo o que eu vejo em alguns lugares, assim, a bioconstrução dentro da cidade, está crescendo um pouco, mas ainda pouco divulgado, pouco comum.

Outra vivência foi pra aprender a fazer canteiro de horta e o telhado verde, e diferente daquela outra vivência, nessa não choveu, então, a gente conseguiu realizar o cronograma normalmente. Tinha várias pessoas, nesse dia, então, foi mais fácil dividir as tarefas. Deu pra transitar, assim, entre um núcleo de trabalho na horta e outro núcleo no telhado, e foi bem legal, também. Eu

laguinho que a gente tinha feito também, não é? E tudo muito legal, muito colaborado, todo mundo muito empenhado em participar, foi realmente uma experiência incrível, não é? (...) Na segunda vez, eu fui com alguns amigos que, hoje em dia, eu moro com eles, então, a gente acabou ficando muito próximo. E, enfim, foi uma experiência muito boa. Na segunda vez, a gente aprendeu a construir com pau-a-pique que foi muito legal, não é? A gente construiu um quartinho lá atrás, é... Também, o laguinho tinha dado um probleminha e a gente terminou o laguinho, não é? Mas o foco principal era o pau-a-pique lá, pra fazer o quartinho, que ficou incrível, ficou muito bacana mesmo, é... Nessa vez, também e na outra, fizemos pizzada, então, foi demais a pizzada, foi muito gostoso, comemos pizzas deliciosas e incrível, feito por todo mundo, todo mundo colaborando.

6 – Lc. – Eu participei da vivência de construção da Ecocasa KripaMadhu, e a principal atividade que eu realizei lá, foi a documentação dessa, da construção através de fotografia, e também pude participar em bioconstrução produzindo a massa pra ser usada no revestimento das paredes.

7 – Lz. – Eu participei um pouquinho do pau-a-pique, (...) o reboco, que foi uma delícia, e quando a gente fez jardim da permacultura, não é? Um pouquinho do telhado verde, consegui participar de algumas coisas, não tanto... (...) Deu pra participar de algumas coisas não tanto quanto eu gostaria... É, de ensinar eu não sei, mas de aprender, pra mim foi muita coisa, assim, desde pequenos detalhes, do jeito de lidar com as coisas e de ver todos os animais, quanto as plantas, quanto os materiais mesmo, de uma nova maneira, de ter um pouco mais de respeito com tudo, e com as pessoas também, aprender muito mais, a questão de questionar, porque as coisas são utilizadas do jeito que elas são utilizadas, porque que a gente saiu do barro e, hoje em dia, é concreto, e, realmente, de que forma a gente acaba impactando o mundo da maneira que a gente utiliza as coisas, muitas vezes, sem pensar, então, foram grandes aprendizados.

8 – M. – Eu aprendi a mexer, fazer, parede de Adobe. (...) e eu pude aprender o mosaico, (...) Mosaico pro chão, e a parede da massa de Adobe, e o banheiro seco construído no seu projeto, que são ferramentas importantíssimas para a nosso espaço cultural, nossa universidade.

9 – M.E – A minha participação maior, na Ecocasa, foi no jardim, com as plantas que é uma coisa assim que eu gosto muito, (...) ajudei também na colocação de prateleiras na parede, quando a I. quis fazer uma repartição, então, essa parte também de marcenaria, eu também ajudei bastante, dentro dos meus limites, e então, foi isso, foi uma troca muito gostosa. Só tenho a agradecer por isso.

consegui aprender bem essas duas coisas. O telhado verde, eu mais acompanhei observando o pessoal que estava mais envolvido fazer ele, mas deu pra aprender bastante também.

Acabei ficando mais na atividade de fazer a manutenção da horta, e eu aprendi muita coisa relacionada a manejo da terra, manejo de plantas, vários ensinamentos, assim, que eu não fazia ideia que eu nunca tinha tido esse tipo de experiência com a terra, e com as plantas, e que eu nunca vou esquecer, não é? Não tinha a menor ideia de como plantar numa horta, de como delimitar o canteiro, e mesmo de cercar o canteiro, então, pra mim, isso foi incrível, como eu consegui aprender em tão pouco tempo assim, de uma forma tão didática, plantando em grupo, com pessoas que sabiam um pouquinho mais e puderam dar esse conhecimento.

A gente tinha algumas mudinhas, e as meninas foram ensinando quais deviam ficar no centro do canteiro, quais deviam ficar nas áreas periféricas do canteiro pra espantar as pragas, as formigas, os bichinhos, não é? E deixar elas longe das plantas mais sensíveis, das mudas mais sensíveis, por exemplo, plantar cebolinha e salsinha ao redor das hortas pra evitar que os insetos ataquem as plantas da sua horta. Então, foi bem interessante.

Teve uma vivência que eu fiquei lá no fundo porque eu queria dar uma olhada em como era essa distribuição de hortalças mesmo, a organização do laguinho. Como que a dinâmica ia se dar? Porque eu estava indo pra essa vivência, muito pela atividade que ia falar de banheiro seco e que era justamente isso que eu precisava aprender. Então, eu acabei ficando no espaço, de forma a absorver tudo que eu podia assim. Depois, eu acabei indo pra parte da frente, não ficando lá no fundo, pra ter também, um outro tipo de experiência, que era uma questão de material, a madeira, o corte, a furadeira que não era tão necessariamente em contato com a terra, era uma reforma para a instalação das divisórias.

Então, tive uma participação no jardim, com as plantas que é uma coisa assim que eu gosto muito e também na colocação de prateleiras na parede e nessa parte de marcenaria eu ajudei bastante, dentro dos meus limites. Aprendi a fazer parede de Adobe, o mosaico pro chão, o banheiro seco, que são ferramentas importantíssimas. Deu pra participar de algumas coisas, mas não tanto quanto eu gostaria...

De ensinar eu não sei, mas de aprender, pra mim foi muita coisa, assim, desde pequenos detalhes, do jeito de lidar com as coisas e de ver todos os animais, quanto as plantas, quanto os materiais mesmo, de uma nova maneira, de ter um pouco mais de respeito com tudo, e com as pessoas também, aprender muito mais, a questão de

10 – P. – Participei na vivência localizada na Ecocasa Kripa Madhu, em Campinas. As atividades que eu realizei foi auxílio na montagem do contra piso de garrafas do quarto que estava sendo feito, no auxílio da colagem do piso com cerâmica quebrada, participei também das atividades com yoga e meditação. O que eu pude aprender, foi o nivelamento no terreno, o uso de materiais recicláveis da construção de um cômodo no caso, não é? Aprendi também, eu não sei o nome exato disso, mas é escoamento, eu diria, da água pra bananeira, lá, que vinha dos banheiros e do chuveiro que estava fazendo. Aprendi também, técnicas de respiração no yoga e na meditação, tanto a respiração, quanto alongamento. Aprendi também sobre alguns meios de se realizar bioconstrução, bem como diversos materiais para fazer o mesmo e a palestra que foi realizada.

11 – R. – Bom, eu participei da vivência cuja finalidade era pra construção do telhado verde. Eu acabei ficando na atividade de fazer a manutenção da horta, porque também foi uma atividade que foi realizada nessa vivência, e eu aprendi muita coisa, é, relacionada a manejo da terra, manejo de plantas, vários ensinamentos, assim, que eu não fazia ideia que eu nunca tinha tido esse tipo de experiência com a terra, e com as plantas, e que eu nunca vou esquecer, não é? Por exemplo, plantar cebolinha e salsinha ao redor das hortas pra evitar que os animais ataquem, que os insetos ataquem as plantas, não é? Da sua horta. Então, isso é uma coisa que espanta os insetos, os bichinhos.

12 – Rb. – Participei da vivência aí, meu, com um aprendizado, (...) na casa, a gente fez essa obra aí, (...) E, hoje, eu posso dizer que entendo um pouco, aprendi um pouco de bioconstrução.

13 – Rd. - A vivência que eu participei foi aquela aí na sua casa com a G., que a gente fez o quartinho de pau-a-pique, com as garrafas de cerveja, e a gente fez uma fossa lá do banheirinho. E foi quando a gente, nesse dia, eu aprendi a pintar com terra, que foi o que eu mais gostei, que eu pinteí a frente da casa toda, a muretinha, em frente a casa, toda de terra e tal, e foi o que eu mais aprendi, assim, que eu mais levei depois da vivência, foi pintar.

questionar, porque as coisas são utilizadas do jeito que elas são utilizadas, porque que a gente saiu do barro e, hoje em dia, é concreto, e, realmente, de que forma a gente acaba impactando o mundo da maneira que a gente utiliza as coisas, muitas vezes, sem pensar, então, foram grandes aprendizados. E, hoje, eu posso dizer que entendo um pouco, aprendi um pouco de bioconstrução. Então, foi isso, foi uma troca muito gostosa. Só tenho a agradecer por isso.

DSC – ECOCASA KRIPA MADHU – CURTA IMERSÃO

Pergunta 2: O que você achou da experiência / vivência? Trouxe alguma reflexão?

Qual?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
1 – A. - Eu acredito que tanto <u>a casa</u> quanto os trabalhos (...) acho que ele <u>não diz somente sobre a relação ser humano com natureza</u> , sobre <u>questões ecológicas</u> , mas ele diz <u>como as relações entre seres humanos</u> , assim é... Sobre <u>o trato que a gente tem um e o outro</u> e sobre como podemos ir além, assim, quando <u>somamos forças</u> . Foi muito bonito, apesar de não ter participado dos <u>mutirões do quartinho</u> , eu <u>acompanhei</u> . Eu <u>sempre fui olhando, assim, o processo de evolução</u> , e pra mim foi muito bonito <u>ver ele se erguer nos mutirões</u> , assim, como também foi legal, assim, <u>ver a força das pessoas</u> , assim, como juntando a <u>força de cada um</u> também. A gente conseguiu <u>levantar a parede, construir um telhado</u> . (...) pontos de reflexão, a <u>questão da autonomia, da organização comunitária, da auto suficiência</u> e vejo todas as práticas, nesse sentido, como uma <u>proposta de alternativa</u> , assim, <u>ao sistema, ao modelo de como as coisas estão organizadas</u> , tanto em <u>questão econômica</u> como em relação ao próprio <u>meio ambiente</u> . Eu moro há bastante tempo em Barão Geraldo, conheço muitas repúblicas, propostas de repúblicas alternativas, e eu <u>nunca tinha visto uma proposta de casa que fosse tão completo</u> , no sentido de tentar <u>abarcas os vários ideais</u> , assim, <u>de transformação que a gente quer ver na sociedade</u> , e a Ecocasa, ela fazia isso. Desde <u>pensar em como suste, sustentar a casa</u> e também sobre a <u>manutenção</u> , como a <u>questão econômica. Dos moradores</u> , também, era encarado, existia propostas pra se <u>encarar de modo coletivo</u> . E, também, outras <u>práticas de cuidado</u> , como, além de <u>redução dos impactos ambientais</u> , também cuidado <u>com as próprias pessoas</u> , seja nas práticas <u>da yoga, na meditação</u> . (...) mas acredito que a casa, é um <u>modelo</u> , sim, pra outros grupamentos de jovens, de <u>pessoas que vão dividir espaço</u> . É <u>uma casa coletiva</u> , acho que a casa poderia ser usada como modelo, sim. Os <u>projetos que foram germinados</u> na casa, assim, eles <u>poderiam ser resgatados</u> em vários <u>outros espaços</u> , e penso que a <u>experiência com bioconstrução é uma coisa bastante marcante</u> , assim, pra quem participa do processo e quando tiver oportunidade de construir uma casa, de construir um espaço, vai ser um dos projetos que vou levar bastante em consideração.	(1ª ideia) A casa não tratava somente a relação ser humano com natureza, mas as relações entre seres humanos. A (2ª ideia) Acompanhou o processo de evolução do quartinho, o vendo ser erguido nos mutirões através da junção da força das pessoas. B (3ª ideia) Nunca tinha visto uma proposta alternativa ao sistema que fosse tão completa como a da casa, abarcando vários ideais como autonomia, organização comunitária, autossuficiência, questão econômica, meio ambiente e redução de impactos ambientais, manutenção, cuidado com as próprias pessoas com praticas de yoga e meditação. C (4ª ideia) Chega à conclusão de que a casa pode ser vista como modelo de casa coletiva e que os projetos que germinaram lá, poderiam ser resgatados para outros espaços, sendo a experiência em bioconstrução bastante marcante. C	

2 – C. - Eu acredito que nos dois dias, principalmente, no último dia, tendo como encerramento, assim, sabe? Uma forma de refletir internamente, não tendo mais o contato com as pessoas que estavam lá, eu acho que muitos, muitos dos meus próprios pensamentos individuais, assim, que eu não externalizo, é... Eles foram se concretizando, se transformando ao longo que esses dois dias passaram. Eu acho que <u>a consciência que eu estava tendo</u>, um pouco, do que é essa <u>questão de coletivo</u>, que é essa <u>questão de cooperar</u>, sabe? Do que é a comunidade em si, porque uma coisa é eu estar fazendo arquitetura e defender uma comunidade, e as <u>minhas poucas vivências em comunidades</u>, não necessariamente elas sendo grandes ou pequenas, sempre foram muito breves e <u>mesmo esses dois dias sendo muito curto, foi uma dinâmica diferente</u> do que eu já tinha passado. E <u>agregou outros valores...</u> Foi agregando outros valores que é a <u>questão do compartilhar</u>, questão da <u>energização do ambiente</u>, e isso foi muito importante para mim, porque me <u>abriu os olhos pra outros sentidos</u>, que até então, <u>não estavam aflorados</u>, (...) E eu só tenho a agradecer, sabe? Muita gratidão pelo o que eu vivi, que <u>quero viver mais isso</u> (...) E é uma <u>metodologia maravilhosa</u>, não é? Pensar que você <u>abre o seu espaço</u>, suas intimidades, <u>pra receber pessoas</u> que elas estão ali, presentes, <u>pra tentar aprender tudo e a todo momento</u>, então, parabéns e gratidão!	(1ª ideia) Refletiu sobre a consciência que estava tendo sobre a questão de cooperar e que a vivência e a dinâmica diferentes que teve na casa, mesmo que tenham sido curtas, agregaram outros valores que não tinha tido em outras vivências em comunidades. A (2ª ideia) A metodologia utilizada abriu seus olhos pra outros sentidos, que até então, não estavam aflorados, fazendo com que tenha vontade de viver mais isso. A	
3 – Ce. - Eu <u>gostei bastante</u>, não é? <u>Não só pela parte técnica</u>, das técnicas que a gente aprendeu e praticou, não é? Mas também, pela <u>experiência de ver um coletivo funcionando</u>, não é? Mesmo que fosse <u>não muito grande</u>, pequeno, não é? <u>E urbano</u>. De ver como isso funcionava, até porque, na época eu estava, minha ideia era, eu tinha um foco em partir pra uma ecovila, não é? Tinha um grupo que queria fazer uma ecovila e tal, um grupo de amigos, não é? Então, foi bastante enriquecedor nesse ponto também, de <u>ver como funcionava essa questão do coletivo, das atividades de prática de permacultura urbana</u>.	(1ª ideia) Gostou bastante, não só pela parte técnica, mas pela experiência de ver um coletivo urbano funcionando, mesmo que não muito grande e das atividades de prática de permacultura urbana. C	
4 – D. – Mas a gente realmente realizou os <u>mosaicos</u> e foi uma coisa que eu <u>gostei bastante de aprender</u>. E geralmente, é um <u>material que vira lixo</u>, não é? <u>Resto de azulejos</u>, então, foi bastante interessante, principalmente pra mim, que sou da área de artes. E eu lembro, que logo no primeiro momento, na apresentação dessa vivência, eu já tinha comentado isso, não é? Que <u>por ser da área de artes eu queria, na minha vida profissional, conseguir fazer um elo com a filosofia da permacultura, e de práticas mais sustentáveis pro planeta, e descobrir como que, a área de artes pode dialogar com isso</u>. Então, de cara já foi um aprendizado bastante relevante pra mim, (...) Eu gostei bastante de participar das duas vivências,	(1ª ideia) Queria conseguir fazer um elo na sua vida profissional (área de artes) com a filosofia da permacultura, e de práticas mais sustentáveis pro planeta, e através do aprendizado e da realização dos mosaicos com resto de azulejos, que é um material que viraria lixo, descobriu como a área de artes pode dialogar com isso. B	

pra mim <u>foi uma oportunidade incrível, eu gostaria de ter participado de muito mais</u>, só que, nesse momento de vida, eu não tenho os fins de semana sempre livres, não é? Então, foi uma coisa que eu tive que lidar e tentar ir quando realmente fosse possível. De qualquer forma, pra mim, foi muito proveitoso, eu aprendi bastante e me trouxe realmente muita reflexão, não só sobre as técnicas e os conceitos que eu aprendi, mas eu também <u>refleti muito</u>, por exemplo, <u>sobre práticas em grupo</u>, como, na casa, a gente <u>conseguia em um fim de semana ter uma convivência absolutamente harmoniosa</u> com as pessoas. <u>Independente</u>, assim, de qual fosse o <u>número de pessoas</u> presentes e de <u>onde elas vinham</u>, a gente conseguia entrar numa sintonia muito boa, <u>tanto pra realizar os trabalhos</u> do cronograma proposto, quanto pra <u>ter um momento de conversa</u> e <u>cozinhar</u> juntos, e depois <u>limpar a cozinha juntos</u>, e durante a noite <u>fazer música juntos</u> e <u>conversar e rir</u>, e <u>assistir um documentário</u>, o que seja, sabe? Eu refleti muito sobre isso, no sentido de pensar que realmente, a bioconstrução, a agroecologia, yoga, etc. A yoga, que também foi uma experiência que a gente fez nas duas vivências que eu compareci, durante a manhã, não é? Enfim, <u>todas as práticas que a gente realizou lá</u>, e que eu tive a oportunidade de me aprofundar, elas <u>são, de certa forma, independentes entre si, mas elas juntas se tornam muito mais potentes</u> quando <u>você olha pra elas como um estilo de vida</u>, que é um estilo de vida mais saudável, e é um estilo de vida que eu entendo <u>que nós deveríamos adotar</u>, se a gente quer um <u>planeta</u> que seja <u>saudável</u>. E isso pra mim <u>é a permacultura</u>, não é? A permacultura, como eu vejo hoje, ela é uma filosofia e dentro dela existem várias, digamos, vertentes e a gente pode aprender muito sobre várias frentes dessa filosofia. E no fim, todas <u>se tornam mais potentes quando elas, de certa forma, se conectam</u>. E esse foi o tipo de reflexão que essas vivências, em alguma escala, me proporcionaram, porque eu percebi que a gente convivendo ali, todos juntos, sabe? Querendo aprender, querendo ensinar, <u>a gente não estava só atrás de informações e técnicas pra aplicar na nossa vida profissional</u>. Enfim, apesar de muitos também terem esse objetivo lá, a gente <u>estava atrás em realmente experienciar algo maior juntos que era esse tipo de união</u>. Então, eu tenho certeza que todo mundo aprendeu bastante, mas a reflexão principal, pra mim, foi essa, o como, é muito, <u>foi muito mais grandioso, ter acesso a esses conhecimentos de maneira coletiva, coletiva e harmoniosa</u>. Outra coisa, que eu também penso, que eu acho muito legal nas vivências, que foram oferecidas pela casa, é o lance da <u>contribuição consciente</u>, não é? Você <u>contribuir financeiramente com a vivência com o quanto você pode dar, com o quanto você acha que é justo você dar</u>, pela <u>alimentação</u>, que era vegana, pelo que eu lembro,	(2ª ideia) Foi uma oportunidade incrível e gostaria de ter participado mais vezes. B (3ª ideia) Refletiu sobre práticas em grupo, como se conseguia ter uma convivência absolutamente harmoniosa, tanto pra realizar os trabalhos quanto pra ter um momento de conversa, para cozinhar, limpar a cozinha, fazer música, conversar e rir, assistir um documentário, independente do número de pessoas presentes e de onde elas vinham. A (4ª ideia) As práticas, que foram realizadas lá, são independentes entre si, mas juntas se tornam muito mais potentes quando se conectam e são vistas como um estilo de vida, que deveríamos adotar para um planeta saudável. C (5ª ideia) Não estava só atrás de informações e técnicas pra aplicar na sua vida profissional, mas para realmente experienciar esse tipo de união. Sendo muito mais grandioso, ter acesso a esses conhecimentos de maneira coletiva e harmoniosa. C	

das vezes que eu fui, e orgânica. Bom, pelo <u>gás</u>, não é? Pra fazer a comida. Pela <u>estadia</u>, não é? Pra quem dormiu lá, no caso eu acabei dormindo as duas vezes. Esse lance da contribuição espontânea é muito legal porque, <u>facilita o acesso das pessoas</u>, não é? A esse tipo de experiência, e é uma coisa que eu nem sempre vejo em <u>outros lugares</u> que oferecem essas vivências de bioconstrução, permacultura. Muitas vezes, são <u>preços bastante inacessíveis</u>, e, isso faz com que só pessoas com padrão de vida muito alto consigam ir. Não necessariamente um padrão de vida muito alto, mas enfim, alguém que realmente tenha bastante dinheiro, pra investir nisso, alguém que já esteja, com uma estabilidade financeira bastante considerável, e, infelizmente, não é o caso de muita gente, não é o caso de muitos estudantes. Então, nesse sentido, isso também se tornou uma reflexão pra mim.	(6ª ideia) A contribuição consciente, oferecida pela casa como opção, para contribuir financeiramente com a vivência com o quanto você pode dar, com o quanto você acha que é justo, pela alimentação, gás, estadia, facilita o acesso das pessoas a esse tipo de atividade porque, em outros lugares, que oferecem essas vivências de bioconstrução e permacultura é cobrado preços bastante inacessíveis. C	
5 – L. - Ah, <u>foi uma experiência incrível</u>, não é? Eu <u>nunca tinha tido contato com bioconstrução</u>, bio-arquitetura, e eu soube da Ecocasa através da minha professora, que foi minha professora, (...) e ela falou que ia ter uma vivência na casa que ela morava, (...) E <u>na segunda</u>, como eu já conhecia a casa, <u>já conhecia o pessoal</u>, <u>foi mais legal ainda</u>, porque a gente já tinha um contato mais legal, não é? Já tinha uma intimidade que você conseguia fazer as coisas com mais rapidez, e ao mesmo tempo uma amizade maior, não é? Que acho <u>que isso é o mais importante</u>, não é? <u>A amizade que eu fiz, e as pessoas que eu conheci</u> também, não é? Na segunda vez, eu <u>fui com alguns amigos que, hoje em dia, eu moro com eles</u>, então, a gente se, acabou ficando muito próximo. E enfim, foi uma experiência muito boa. (...) assim, uma experiência que, com certeza, eu vou contar para os meus filhos, para os meus netos, não é? Que eu quero que muitas pessoas possam fazer, também, um dia, e que eu pessoalmente espero poder fazer logo menos, não é? Realmente, pra mim, <u>o que mais significou foi todo o aprendizado que eu tive com relação a tudo</u>, não é? Ah, toda a <u>cultura nova</u> que eu conheci, que adquiri, e meus amigos, não é? Os <u>amigos que fiz, as pessoas que eu conheci</u>. Realmente, acho que isso <u>vai ficar pra sempre</u>, são pessoas que realmente são incríveis, eu espero que façam parte da minha vida pra sempre. (...) A <u>oportunidade de ficar imerso, numa casa</u>, e de <u>conhecer pessoas</u>, assim, por um lado <u>que você, normalmente, não conheceria</u>, não é? E ter esse acesso a toda essa cultura, a todo esse meio ali naquele processo que a gente fazia todo junto, era <u>muita gente pra comer</u>, e muita gente pra <u>tomar banho</u>, e tudo <u>funcionava muito bem</u>, não é? Foi uma <u>experiência, assim, de integração e respeito mútuo, muito grande</u>, não é? Eu, realmente, ali, <u>não tinha nenhuma intriga, tudo acontecia naturalmente</u>, assim, uma coisa realmente <u>surreal comparado com o mundo que a gente vive</u>	(1ª ideia) Foi uma experiência incrível. Nunca tinha tido contato com bioconstrução. B (2ª ideia) Na segunda vivência, já conhecia o pessoal e foi mais legal ainda pelas amizades que fez e pessoas que conheceu lá e que mora hoje. A (3ª ideia) O que mais significou foi todo o aprendizado que teve sobre uma cultura nova, amigos que fez, a oportunidade de ficar imerso, numa casa, e de conhecer pessoas que você, normalmente, não conheceria, vai ficar pra sempre. A (4ª ideia) Foi uma experiência de integração, respeito, consideração mútua, uns pelos outros, pela natureza. Tinha muita gente pra comer, tomar banho, e tudo funcionava muito bem, não tinha nenhuma intriga, tudo	

<u>normalmente</u>, não é? Era como se <u>entrasse numa bolha de respeito e de consideração mútua</u>, não é? <u>Pela natureza, uns pelos outros</u>, enfim, não é? (...) <u>Sobre o que é fé</u>, sobre o que é <u>meditação</u>, que eu não conhecia, <u>sobre a nossa capacidade de transcender</u>. Reflexão sobre <u>o que é arquitetura</u>, <u>até que ponto que a gente está fazendo uma boa arquitetura no mundo</u>, não é? Me fez <u>perceber</u> que existem diversos <u>outros viés</u> que a gente pode seguir dentro da arquitetura, não é? Como, por exemplo, a <u>bio-arquitetura</u>, a <u>bioconstrução</u> que podem vir a <u>ajudar</u> muito na <u>nossa vida e no mundo</u>, não é? E dos nossos filhos e enfim, a gente <u>aprender a respeitar a natureza</u>, aprender a <u>ser parte</u> da natureza, e <u>não simplesmente consumir dela</u>, e isso tudo, tudo me veio como <u>reflexão posterior das duas vivências</u> que eu participei, e foi incrível, não é? (...) Quando a <u>gente meditava</u>, lá na Ecocasa, a gente meditava <u>em conjunto</u>, e aquilo, pra mim, era incrível, você atingia um nível de paz, enfim, era incrível a gente <u>acordar todos os dias com a G. tocando violão e aquela música linda</u>, e você realmente <u>sentia muita paz</u>, muita. Se sentia muito bem, não é? Aquilo fazia muito bem pra gente e <u>fazia com que a gente se sentisse bem para poder fazer bem ao mundo</u> e era uma coisa que você realmente <u>sentia isso como um ciclo que não acaba</u>, não é? Que realmente é uma coisa que fazia muito bem pra todo mundo que estava ali.	acontecia naturalmente, era surreal comparado com o mundo em que se vive normalmente. A (5ª ideia) Uma reflexão sobre o que é arquitetura, até que ponto que se está fazendo uma boa arquitetura no mundo, percebendo outros viés como a bio-arquitetura, aprendendo a respeitar a natureza, a ser parte e não simplesmente consumir dela. B (5ª ideia) Uma reflexão sobre o que é fé, meditação, que não conhecia, sobre a nossa capacidade de transcender e quando meditava em conjunto sentia muita paz, fazia com que se sentisse bem para poder fazer bem ao mundo e sentia isso como um ciclo que não acaba. C	
6 – Lc. – E <u>foi uma experiência única, muito incrível, foi um aprendizado</u>. Acho que foi a <u>primeira vez que eu tive contato</u> com, realmente, <u>com a construção</u>. Eu acredito que a <u>bioconstrução, ela aproxima o arquiteto</u>, urbanista, ou quem for, <u>dos métodos construtivos</u>. Você tem a <u>possibilidade de estar colocando a mão na massa</u>, realmente. (...) A <u>integração entre as pessoas</u>, também, é sensacional, foi uma <u>experiência muito democrática, a relação de trabalho muito de igual pra igual</u>. Isso eu achei incrível, e enfim, eu achei importantíssimo participar de uma vivência dessa. Depois eu <u>fiquei motivado a participar de mais vivências</u>, inclusive. Bom, a <u>reflexão (...) quanto ao uso dos materiais</u>, ou um questionamento, quanto se é <u>válido</u> realmente, inclusive num futuro próximo, <u>os métodos construtivos que a gente tem utilizado</u>. E eu acho que o <u>mais importante de tudo</u>, (...) a minha principal reflexão pessoal, foi a <u>respeito das relações de trabalho, a forma com que o trabalho é exercido numa vivência de bioconstrução é completamente diferente da forma de trabalho hierarquizada e árdua que a gente tem no cotidiano tradicional urbano</u>.	(1ª ideia) Foi uma experiência única, um aprendizado incrível, foi a primeira vez que teve contato com uma construção. B (2ª ideia) Acha que a bioconstrução aproxima o arquiteto dos métodos construtivos, com a possibilidade de estar colocando a mão na massa, realmente, sendo uma experiência muito democrática, com uma relação de trabalho de igual pra igual e integração entre as pessoas. B (3ª ideia) Questionamento quanto ao uso dos materiais, se são válidos os métodos construtivos que se tem utilizado. B	

	(4ª ideia) Gerou uma reflexão a respeito das relações de trabalho, a forma com que o trabalho é exercido numa vivência de bioconstrução é completamente diferente da forma de trabalho hierarquizada e árdua que se tem no cotidiano tradicional urbano. B	
7 – Lz. – Bom, <u>eu amei a experiência</u> de vivências, era sempre <u>uma delícia participar</u>, a <u>energia era incrível</u>. Não sei se você lembra, mas eu estava com, eu <u>fiz a cirurgia no rim</u> pra tirar algumas pedras, e <u>estava com cateter interno</u>, <u>teve alguns dias que eu não consegui participar direito</u>, mas de qualquer forma, <u>eu queria estar lá</u>. E, <u>a comida</u> também, <u>era uma delícia</u> sinto saudades. Mas, de fato, foi uma coisa maravilhosa, realmente espero que eu possa, em breve, passando essa loucura de pra lá e pra cá e viajar, que eu consiga voltar, participar onde quer que seja, entrar em contato com isso, mais a fundo dessa vez. Trouxe, assim, <u>várias reflexões</u>, eu <u>trabalho com design de móveis</u>, hoje em dia, realmente, fui pra essa área, então, na <u>questão dos materiais</u> e de <u>parar</u> um pouco e <u>repensar</u>, voltar às origens e <u>tentar usar as coisas da maneira mais consciente possível</u>, eu tenho a <u>vontade</u> de realmente começar <u>integrar</u> um pouco mais essa questão de <u>sustentabilidade</u>, de <u>materiais da bioconstrução</u>, e tudo mais, <u>dentro do mobiliário</u>. Isso, pra mim, é uma <u>coisa grande</u> ainda pra <u>estudar</u>, por exemplo, <u>o bambu</u> que é muito usado, enfim, tem muita área aí pra ser descoberta ainda, então, trouxe muitas reflexões, assim, <u>tanto</u>... Estou falando umas coisas mais <u>profissionais, mas pra tudo</u>... Foi uma experiência incrível.	(1ª ideia) Foi uma delícia participar, energia era incrível, a comida era uma delícia, amou a experiência. B (2ª ideia) Tinha feito uma cirurgia no rim e estava com cateter interno, então, teve alguns dias que não conseguiu participar direito, mas queria estar lá. B (3ª ideia) Trouxe reflexões, tanto profissionais como de tudo. Como trabalha com design de móveis, começou a a repensar, a questão dos materiais e tentar usar as coisas da maneira mais consciente possível, tendo a vontade de começar a integrar essa questão de sustentabilidade de materiais da bioconstrução dentro do mobiliário. Sendo uma coisa grande pra estudar. B	
8 – M. – Foi <u>muito importante pra mim</u> (...) Ter um <u>trabalho de educação, de cultura e de arte, aliado a um trabalho sustentável</u>. Eu só posso dizer, <u>como reflexão</u>, que tenho, que eu <u>acho que isso é imprescindível, não combina atividades culturais, atividades artísticas e educacionais numa arquitetura que não fosse nesse propósito</u>, nessa linha, nesse perfil.	(1ª ideia) Foi muito importante por ter um trabalho de educação, de cultura e de arte, aliado a um trabalho sustentável. Julgando essa combinação imprescindível, por achar que atividades culturais, atividades artísticas e educacionais não combinam numa arquitetura que não seja nesse propósito. B	
9 – M.E – Muitas reflexões, é... <u>A vida em conjunto, em comunidade</u>. Reafirmo, <u>peças novas, cabeças novas, e todo mundo vivendo ali com o mesmo objetivo, com harmonia</u>, o <u>mesmo propósito, um respeitando o outro</u> de uma forma, assim, muito bonita, e foi uma coisa que <u>eu nunca tinha feito na minha vida</u>, e eu <u>gostei demais</u>, isso	(1ª ideia) Sobre a vida em conjunto, em comunidade, com pessoas novas, cabeças novas, vivendo ali com o mesmo objetivo, em harmonia, com o mesmo propósito, um respeitando o	

<u>me fez crescer como ser humano, e aprendi muita coisa.</u>	outro fazendo com que crescesse como ser humano e aprendesse muita coisa. A	
10 – P. – Ah mano, <u>eu ameí</u>, assim, <u>a experiência, deu até vontade de morar lá na casa</u>, mas foi uma <u>experiência muito boa</u>, assim, <u>boas lembranças e válido</u>, que vou levar o resto da vida, assim. Quanto as reflexões, tive algumas sim, principalmente relacionadas <u>a maneira de se estabelecer relações sociais</u>, no caso, (...) enquanto o <u>cuidado coletivo</u>, que, <u>ao mesmo tempo</u>, é um <u>cuidado individual</u>. A <u>questão do respeito, do espaço, e do tempo de cada um</u>, por mais que tenha sido uma experiência num espaço de tempo relativamente curto, foi algo que eu pensei, assim, bastante. Diria também a, me fugiu a palavra, <u>empatia</u>, empatia também. (...) Acho um lance interessante assim, de comentar, foi um lance que foi a primeira vez assim que eu fiz algo semelhante, não é? <u>Não tinha tido nenhuma experiência prática com bioconstrução</u> ainda. Eu fui meio assim, sem <u>saber o que ia acontecer</u>, porque eu <u>não conhecia o pessoal aí</u>, só a M., não é? (...) e isso foi algo bom, eu acho, lógico, porque <u>eu não criei muitas expectativas</u>, assim, no primeiro momento. Outra coisa, (...) é que <u>eu sou mais quieto</u>, digamos, sou <u>mais introspectivo</u> e o que eu percebi, <u>quando eu cheguei</u>, lá na casa, foi que <u>eu me senti</u>, digamos, <u>um pouco mais à vontade</u>, assim, pra estar falando, <u>como se as relações</u>, ali dentro, <u>fluisse de uma maneira muito natural</u>. Então, o fato de eu ser um pouco mais quieto, talvez, não foi tão empecilho, assim, acho que nos dias que eu passei lá, principalmente, pelo fato das coisas acabarem fluindo de uma maneira naturalmente, não é? <u>Como se cada um respeitasse o tempo e o lugar do outro</u>. Assim, foi acho que <u>o que mais me chamou a atenção, foi as relações</u>, assim, <u>que foram estabelecidas lá</u>, que, mano, é como se surgisse, assim, sabe? Tinha aquele, <u>um propósito</u>, assim, da gente lá, de vocês <u>estarem passando</u> um pouco do <u>conhecimento de vocês em relação a bioconstrução</u>. <u>Não foi só isso</u>, tá ligado? Foi, teve toda a <u>questão da alimentação</u>, do <u>cuidado consigo</u> mesmo, e ao mesmo tempo esse <u>cuidado é coletivo</u>, saca? Foi algo <u>bem diferente</u>, assim, <u>pra mim</u>, e <u>bem proveitoso</u>, eu diria, bem, assim, uma <u>questão de mini comunidade</u>, assim, a impressão que dá, assim. É muito da hora. <u>Aprendi bastante</u> também em relação <u>a bioconstrução</u>, eu diria que fiquei um pouco <u>mais sensível no sentido de estar atento ao que está acontecendo a minha volta</u> assim, (...) talvez a questão da bioconstrução, da <u>vivência em bioconstrução seja justamente todos esses pontos</u>, assim, eu acho, <u>da relação, da fala com o outro, da maneira com que você vai estar exercendo aquela função</u>, não é? Não sei... Acho que seria isso (...) Foi uma experiência muito válida, faria de novo,	(1ª ideia) Amou a experiência, foi uma experiência muito boa, válida, deixou boas lembranças dando até vontade de morar na casa. A (2ª ideia) A maneira de se estabelecer relações sociais, o cuidado coletivo, ao mesmo tempo, sendo um cuidado individual. A questão do respeito, do espaço, e do tempo de cada um e a empatia. A (3ª ideia) O que mais chamou sua atenção, foram as relações que foram estabelecidas. Não tinha tido nenhuma experiência prática com bioconstrução, indo sem saber o que ia acontecer e sem conhecer o pessoal, e como é mais quieto, mais introspectivo, percebeu que quando chegou, se sentiu um pouco mais à vontade, como se as relações fluíssem de uma maneira muito natural. Como se cada um respeitasse o tempo e o lugar do outro. A (4ª ideia) Foi bem diferente, bem proveitoso, tendo um propósito de estar passando um pouco do conhecimento em relação à bioconstrução, mas também teve a alimentação, o cuidado consigo mesmo que, ao mesmo tempo, é coletivo, como uma mini comunidade. C (5ª ideia) A vivência em bioconstrução fez com que ficasse mais sensível no sentido de estar atento ao que está acontecendo a sua	

com certeza, assim, sem pensar duas vezes.	volta, da relação, da fala com o outro, da maneira com que se vai estar exercendo aquela função. C	
11 – R. – <u>A vivência foi uma das experiências mais interessantes que eu já participei</u>, e a maior reflexão que eu tive foi que <u>a gente não precisa de muito pra viver</u>. Se a gente tiver em <u>harmonia com a terra</u>, o resto, é muito mais <u>fácil do resto entrar em harmonia</u> também. E eu acho que <u>juntos a gente consegue fazer coisas incríveis</u>. Foi isso que eu vi na Ecocasa, assim, que eram muitas pessoas diferentes, mas sempre que estavam presentes ali, estavam com um mesmo propósito e davam o melhor de si. E, no final, aquele lugar ficava lindo em poucas horas, totalmente transformado, e é justamente isso, <u>o ser humano é capaz de fazer transformações</u>, e <u>de transformar ambientes</u>, transformar <u>vidas</u>, também, <u>através das suas ações</u>.	(1ª ideia) A vivência foi uma das experiências mais interessantes que já participou trazendo a reflexão de que a gente não precisa de muito pra viver. Se tiver harmonia com a terra, é mais fácil do resto entrar em harmonia. C (2ª ideia) Acha que juntos a gente consegue fazer coisas incríveis e que o ser humano é capaz de transformar não só ambientes, mas também, vidas, através das suas ações. C	
12 – Rb. – <u>Foi maravilhoso</u> e tal, (...) Então, a reflexão, que eu tive nisso, foi um <u>aprendizado muito grande</u>, um <u>outro tipo de cultura</u>, não é, meu? Tipo, <u>fora da minha realidade</u>. Eu viajo o Brasil com artesanato, não é, meu? E a <u>reflexão</u> que eu tive <u>foi o aprender</u>, não é? <u>Envolvido a arte</u>, não é, meu? E pô! Foi muito legal, <u>uma experiência nova pra mim</u>, não é, meu? E pô! <u>Só veio a agregar</u> na minha bagagem, <u>o ensinamento</u> e tal, e <u>poder levar isso aí pra todo mundo</u>, não é? A gente <u>poder fazer</u>, <u>trabalhar com essa bioconstrução que tem tudo a ver com a arte</u>, não é? A arte é a minha vida, não é? (...) Tipo, não só, tipo, estar de cidade em cidade com a minha arte, não é? Eu trabalho com artesanato, arte de rua, não é? Arte e cultura de rua, e pô! É, sem palavras, não é, meu? Foi um... É muito doido isso mano... Até, <u>não tenho nem como</u>, tipo, <u>explicar diretamente porque é uma coisa que, tipo, sai do coração</u>, não é, meu? Tipo, uma coisa muito doida e só tenho a agradecer a tudo isso e vou levar, assim, pro resto da minha vida, não é, meu? (...) e <u>quero estar presente em todas as obras que tiver condição de estar aí</u>, por São Paulo, <u>pra fazer os cursos</u>, <u>a gente poder fazer os cursos aqui no Paraná</u>, aqui também, que eu sou paranaense.	(1ª ideia) Foi maravilhoso, um aprendizado muito grande, um outro tipo de cultura fora da sua realidade, o aprender, envolvendo a arte foi uma experiência nova que só veio a agregar na sua bagagem, uma experiência que <u>não tenho como explicar porque é uma coisa que sai do coração</u>. B (2ª ideia) Quer estar presente em todas as obras, cursos que tiver condição por São Paulo, levar cursos para o Paraná, de onde veio, e pra todo mundo e trabalhar com essa bioconstrução que tem tudo a ver com a arte. B	
13 – Rd. - O que eu levei mesmo da vivência, o que eu aprendi com <u>a vivência</u> foi, na verdade, eu <u>fui procurar como um formando de arquitetura</u>, não é? A gente vai procurar essa <u>vida mais ecologicamente correto</u>, <u>tanto na construção</u>, <u>como o modo de viver mesmo</u>, e eu fui procurar isso lá, e o que eu achei legal lá, <u>mais do que a construção em si</u>, foi <u>a experiência de conviver em meio desse ambiente</u>, <u>em pessoas que querem viver de modo</u>	(1ª ideia) Foi para a vivência procurar uma forma de arquitetura, uma vida mais ecologicamente correta e acabou tendo uma experiência de conviver com pessoas, em meio desse ambiente, com energia muito boa, reuniões, simpatia de	

<u>melhor, ecologicamente falando.</u> Foi mais legal, foram <u>as reuniões</u> , a <u>simpatia</u> de todo mundo, <u>todo mundo bem</u> , <u>uma energia muito boa</u> , as <u>refeições eram deliciosas</u> , sabe? O trabalho também era muito gostoso, essa foi a parte mais gostosa, sem dúvida! Realmente conviver com as pessoas. <u>A construção em si, entra em segundo plano na minha opinião.</u>	todos, refeições deliciosas, e a construção em si, acabou ficando em segundo plano. A	

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD2

A – A experiência de conviver com pessoas diferentes e em harmonia, trouxe reflexões sobre as relações entre seres humanos e o viver em comunidade.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. - <i>Eu acredito que tanto a casa quanto os trabalhos (...) acho que ele não diz somente sobre a relação ser humano com natureza, sobre questões ecológicas, mas ele diz como as relações entre seres humanos, assim é... Sobre o trato que a gente tem um e o outro e sobre como podemos ir além, assim, quando somamos forças.</i> 2 – C. - <i>Eu acredito que nos dois dias, principalmente, no último dia, tendo como encerramento, assim, sabe? Uma forma de refletir internamente, não tendo mais o contato com as pessoas que estavam lá, eu acho que muitos, muitos dos meus próprios pensamentos individuais, assim, que eu não externalizo, é... Eles foram se concretizando, se transformando ao longo que esses dois dias passaram. Eu acho que a consciência que eu estava tendo, um pouco, do que é essa questão de coletivo, que é essa questão de cooperar, sabe? Do que é a comunidade em si, porque uma coisa é eu estar fazendo arquitetura e defender uma comunidade, e as minhas poucas vivências em comunidades, não necessariamente elas sendo grandes ou pequenas, sempre foram muito breves e mesmo esses dois dias sendo muito curto, foi uma dinâmica diferente do que eu já tinha passado. E agregou outros valores... Foi agregando outros valores que é a questão do compartilhar, questão da energização do ambiente, e isso foi muito importante para mim, porque me abriu os olhos pra outros sentidos, que até então, não estavam aflorados, (...) E eu só tenho a agradecer, sabe? Muita gratidão pelo o que eu vivi, que quero viver mais isso (...) E é uma metodologia maravilhosa, não é? Pensar que você abre o seu espaço, suas intimidades, pra receber pessoas que elas estão ali, presentes, pra tentar aprender tudo e a todo momento, então, parabéns e gratidão!</i> 4 – D. - <i>Mas eu também refleti muito, por exemplo, sobre práticas em grupo, como, na casa, a gente</i>	<i>Eu acredito que tanto a casa quanto os trabalhos não dizem somente sobre a relação ser humano com natureza, questões ecológicas, mas sobre as relações entre seres humanos. Sobre o trato que a gente tem um com o outro e sobre como podemos ir além, quando somamos forças.</i> <i>Por exemplo, na casa, a gente conseguia, em um fim de semana, ter uma convivência absolutamente harmoniosa com as pessoas. Independente, assim, de qual fosse o número de pessoas presentes e de onde elas vinham. A gente conseguia entrar numa sintonia muito boa, tanto pra realizar os trabalhos do cronograma proposto, quanto pra ter um momento de conversa, cozinhar juntos, depois limpar a cozinha. Durante a noite, fazer música, conversar, rir, assistir um documentário juntos, o que seja, sabe?</i> <i>E mais do que a construção em si, foi a experiência de conviver em meio desse ambiente, com pessoas que querem viver de modo melhor, ecologicamente falando. As reuniões, a simpatia de todo mundo, todo mundo bem, uma energia muito boa, as refeições eram deliciosas, o trabalho também era muito gostoso, essa foi a parte mais gostosa, sem dúvida! Realmente conviver com as pessoas. Era muita gente pra comer, muita gente pra tomar banho e tudo funcionava muito bem, não é? Foi uma experiência, assim, de integração e respeito mútuo, muito grande, não tinha nenhuma intriga, tudo acontecia naturalmente, assim, uma coisa realmente surreal comparado com o mundo que a gente vive normalmente, não é? Era como se entrasse numa bolha de respeito e de consideração mútua pela natureza, uns pelos outros, enfim.</i> <i>Outra coisa, é que eu sou mais quieto, digamos,</i>

conseguia, em um fim de semana, ter uma convivência absolutamente harmoniosa com as pessoas. Independente, assim, de qual fosse o número de pessoas presentes e de onde elas vinham, a gente conseguia entrar numa sintonia muito boa, tanto pra realizar os trabalhos do cronograma proposto, quanto pra ter um momento de conversa e cozinhar juntos, e depois limpar a cozinha juntos, e durante a noite fazer música juntos e conversar e rir, e assistir um documentário, o que seja, sabe?

5 – L. - E na segunda, como eu já conhecia a casa, já conhecia o pessoal, foi mais legal ainda, porque a gente já tinha um contato mais legal, não é? Já tinha uma intimidade que você conseguia fazer as coisas com mais rapidez, e ao mesmo tempo uma amizade maior, não é? Que acho que isso é o mais importante, não é? A amizade que eu fiz, e as pessoas que eu conheci também, não é? Na segunda vez, eu fui com alguns amigos que, hoje em dia, eu moro com eles, então, a gente se, acabou ficando muito próximo. E enfim, foi uma experiência muito boa. (...) assim, uma experiência que, com certeza, eu vou contar para os meus filhos, para os meus netos, não é? Que eu quero que muitas pessoas possam fazer, também, um dia, e que eu pessoalmente espero poder fazer logo menos, não é? Realmente, pra mim, o que mais significou foi todo o aprendizado que eu tive com relação a tudo, não é? Ah, toda a cultura nova que eu conheci, que adquiri, e meus amigos, não é? Os amigos que fiz, as pessoas que eu conheci. Realmente, acho que isso vai ficar pra sempre, são pessoas que realmente são incríveis, eu espero que façam parte da minha vida pra sempre. (...) A oportunidade de ficar imerso, numa casa, e de conhecer pessoas, assim, por um lado que você, normalmente, não conheceria, não é? E ter esse acesso a toda essa cultura, a todo esse meio ali naquele processo que a gente fazia todo junto, era muita gente pra comer, e muita gente pra tomar banho, e tudo funcionava muito bem, não é? Foi uma experiência, assim, de integração e respeito mútuo, muito grande, não é? Eu, realmente, ali, não tinha nenhuma intriga, tudo acontecia naturalmente, assim, uma coisa realmente surreal comparado com o mundo que a gente vive normalmente, não é? Era como se entrasse numa bolha de respeito e de consideração mútua, não é? Pela natureza, uns pelos outros, enfim, não é?

9 – M.E – Muitas reflexões, é... A vida em conjunto, em comunidade. Reafirmo, pessoas novas, cabeças novas, e todo mundo vivendo ali com o mesmo objetivo, com harmonia, o mesmo propósito, um respeitando o outro de uma forma, assim, muito bonita, e foi uma coisa que eu nunca tinha feito na minha vida, e eu gostei demais, isso me fez crescer como ser humano, e aprendi muita coisa.

10 – P. – Ah mano, eu amei, assim, a experiência,

sou mais introspectivo e o que eu percebi, quando eu cheguei, lá na casa, foi que eu me senti, digamos, um pouco mais à vontade, assim, pra estar falando. Como se as relações, ali dentro, flussem de uma maneira muito natural. Então, o fato de eu ser um pouco mais quieto, talvez, não foi tão empecilho, assim, acho que nos dias que eu passei lá, principalmente, pelo fato das coisas acabarem fluindo naturalmente, não é? Como se cada um respeitasse o tempo e o lugar do outro.

Assim, foi o que mais me chamou a atenção, as relações que foram estabelecidas lá. E, também, foi a primeira vez que eu fiz algo semelhante, não é? Não tinha tido nenhuma experiência prática com bioconstrução ainda. Eu fui meio assim, sem saber o que ia acontecer, porque eu não conhecia o pessoal e isso foi algo bom, eu acho, porque eu não criei muitas expectativas no primeiro momento.

Por mais que tenha sido uma experiência num espaço de tempo relativamente curto, foi algo que eu pensei, assim, bastante. Foi uma dinâmica diferente do que eu já tinha passado nas minhas poucas vivências em comunidades. Tive muitas reflexões sobre a vida em conjunto, do que é essa questão de coletivo, de cooperar, sabe? Sobre a maneira de se estabelecer relações sociais enquanto o cuidado coletivo, que, ao mesmo tempo, é um cuidado individual e agregando outros valores que é a questão do compartilhar, questão da energização do ambiente, e isso foi muito importante para mim, porque me abriu os olhos pra outros sentidos, que até então, não estavam aflorados.

Depois, nas outras vivências, eu já conhecia a casa, já conhecia o pessoal, e foi mais legal ainda, porque a gente já tinha um contato, não é? Já tinha uma intimidade que você conseguia fazer as coisas com mais rapidez, e ao mesmo tempo uma amizade maior, não é? A gente acabou ficando muito próximo, e, hoje em dia, eu moro com alguns amigos com quem eu fui em uma das vezes.

Então, toda a cultura nova que eu conheci, que adquiri, e os amigos que fiz, as pessoas novas que eu conheci, cabeças novas, a oportunidade de ficar imerso, numa casa, e de conhecer pessoas que normalmente, não conheceria, não é? E todo mundo vivendo ali com o mesmo objetivo, em harmonia, o mesmo propósito, um respeitando o outro de uma forma, assim, muito bonita, e foi uma coisa que eu nunca tinha feito na minha vida, e eu gostei demais, isso me fez crescer como ser humano, e aprendi muita coisa. Realmente, acho que isso vai ficar pra sempre, são pessoas que realmente são incríveis e eu espero que façam parte da minha vida pra sempre.

Eu amei a experiência, deu até vontade de morar

deu até vontade de morar lá na casa, mas foi uma experiência muito boa, assim, boas lembranças e válido, que vou levar o resto da vida, assim. Quanto as reflexões, tive algumas sim, principalmente relacionadas a maneira de se estabelecer relações sociais, no caso, (...) enquanto o cuidado coletivo, que, ao mesmo tempo, é um cuidado individual. A questão do respeito, do espaço, e do tempo de cada um, por mais que tenha sido uma experiência num espaço de tempo relativamente curto, foi algo que eu pensei, assim, bastante. Diria também a, me fugiu a palavra, empatia, empatia também. (...) Acho um lance interessante assim, de comentar, foi um lance que foi a primeira vez assim que eu fiz algo semelhante, não é? Não tinha tido nenhuma experiência prática com bioconstrução ainda. Eu fui meio assim, sem saber o que ia acontecer, porque eu não conhecia o pessoal aí, só a M., não é? (...) e isso foi algo bom, eu acho, lógico, porque eu não criei muitas expectativas, assim, no primeiro momento. Outra coisa, (...) é que eu sou mais quieto, digamos, sou mais introspectivo e o que eu percebi, quando eu cheguei, lá na casa, foi que eu me senti, digamos, um pouco mais à vontade, assim, pra estar falando, como se as relações, ali dentro, fluísse de uma maneira muito natural. Então, o fato de eu ser um pouco mais quieto, talvez, não foi tão empecilho, assim, acho que nos dias que eu passei lá, principalmente, pelo fato das coisas acabarem fluindo de uma maneira naturalmente, não é? Como se cada um respeitasse o tempo e o lugar do outro. Assim, foi acho que o que mais me chamou a atenção, foi as relações, assim, que foram estabelecidas lá, que, mano, é como se surgisse, assim, sabe?

13 – Rd. - O que eu levei mesmo da vivência, o que eu aprendi com a vivência foi, na verdade, eu fui procurar como um formando de arquitetura, não é? A gente vai procurar essa vida mais ecologicamente correto, tanto na construção, como o modo de viver mesmo, e eu fui procurar isso lá, e o que eu achei legal lá, mais do que a construção em si, foi a experiência de conviver em meio desse ambiente, em pessoas que querem viver de modo melhor, ecologicamente falando. Foi mais legal, foram as reuniões, a simpatia de todo mundo, todo mundo bem, uma energia muito boa, as refeições eram deliciosas, sabe? O trabalho também era muito gostoso, essa foi a parte mais gostosa, sem dúvida! Realmente conviver com as pessoas. A construção em si, entra em segundo plano, na minha opinião.

lá na casa, mas foi uma experiência muito boa, assim, boas lembranças e válida. Com certeza, eu vou contar para os meus filhos, para os meus netos, não é? Só tenho a agradecer, sabe? Muita gratidão pelo o que eu vivi, que quero viver mais isso. E é uma metodologia maravilhosa, não é? Que eu quero que muitas pessoas possam fazer, também, um dia. Pensar que você abre o seu espaço, suas intimidades, pra receber pessoas que elas estão ali, presentes, pra tentar aprender tudo, a todo o momento.

IAD2

B – Trouxeram uma reflexão sobre a forma como a bio-arquitetura atua em relação à utilização de materiais, as relações de trabalho e uma integração entre arte, cultura e práticas sustentáveis para o planeta.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. - Foi muito bonito, apesar de não ter participado dos mutirões do quartinho, eu acompanhei. Eu sempre fui olhando, assim, o processo de evolução, e pra mim foi muito bonito ver ele se erguer nos mutirões, assim, como também foi legal, assim, ver a força das pessoas, assim, como juntando a força de cada um também. A gente conseguiu levantar a parede, construir um telhado. 4 – D. - Mas a gente realmente realizou os mosaicos e foi uma coisa que eu gostei bastante de aprender. E geralmente, é um material que vira lixo, não é? Resto de azulejos, então, foi bastante interessante, principalmente pra mim, que sou da área de artes. E eu lembro, que logo no primeiro momento, na apresentação dessa vivência, eu já tinha comentado isso, não é? Que por ser da área de artes eu queria, na minha vida profissional, conseguir fazer um elo com a filosofia da permacultura, e de práticas mais sustentáveis pro planeta, e descobrir como que, a área de artes pode dialogar com isso. Então, de cara já foi um aprendizado bastante relevante pra mim, (...) Eu gostei bastante de participar das duas vivências, pra mim foi uma oportunidade incrível, eu gostaria de ter participado de muito mais, só que, nesse momento de vida, eu não tenho os fins de semana sempre livres, não é? Então, foi uma coisa que eu tive que lidar e tentar ir quando realmente fosse possível. De qualquer forma, pra mim, foi muito proveitoso, eu aprendi bastante e me trouxe realmente muita reflexão, não só sobre as técnicas e os conceitos que eu aprendi. 5 – L. - Ah, foi uma experiência incrível, não é? Eu nunca tinha tido contato com bioconstrução, bio-arquitetura, e eu soube da Ecocasa através da minha professora, que foi minha professora, (...) e ela falou que ia ter uma vivência na casa que ela morava, (...) Reflexão sobre o que é arquitetura, até que ponto que a gente está fazendo uma boa arquitetura no mundo, não é? Me fez perceber que existem diversos outros viés que a gente pode seguir dentro da arquitetura, não é? Como, por exemplo, a bio-arquitetura, a bioconstrução que podem vir a ajudar muito na nossa vida e no mundo, não é? E dos nossos filhos. 6 – Lc. – E foi uma experiência única, muito incrível, foi um aprendizado. Acho que foi a primeira vez que eu tive contato com, realmente, com a construção. Eu acredito que a bioconstrução, ela aproxima o	Eu nunca tinha tido contato com bioconstrução e eu soube da Ecocasa através da minha professora, que falou que ia ter uma vivência na casa que ela morava. Foi uma experiência incrível, me despertou uma reflexão sobre o que é arquitetura, sobre diversos outros viés que a gente pode seguir dentro dela e um questionamento sobre até que ponto que a gente está fazendo uma boa arquitetura no mundo e como, por exemplo, a bio-arquitetura pode vir a ajudar na nossa vida e no mundo, não é? E eu lembro, que logo no primeiro momento, na apresentação da vivência, eu já tinha comentado que por ser da área de artes eu queria conseguir fazer um elo na minha vida profissional com a filosofia da permacultura e de práticas mais sustentáveis pro planeta. E quando a gente realmente realizou os mosaicos, descobri como que a área de artes pode dialogar com isso. Porque, geralmente, resto de azulejos é um material que vira lixo, não é? Então, foi bastante interessante, de cara já foi um aprendizado bastante relevante pra mim, uma coisa que eu gostei bastante de aprender. Eu trabalho com artesanato, arte e cultura de rua e foi muito importante, pra mim, ter um trabalho de educação, de cultura e de arte, aliado a um trabalho sustentável. Eu só posso dizer, como reflexão, que isso é imprescindível. Não combina atividades culturais, atividades artísticas e educacionais numa arquitetura que não fosse nesse propósito, nessa linha, nesse perfil. Então, só veio a agregar na minha bagagem, o ensinamento e tal, poder levar isso aí pra todo mundo, não é? A gente poder trabalhar com essa bioconstrução que tem tudo a ver com a arte, que é a minha vida, não é? Também trouxe um questionamento quanto ao uso dos materiais, ou quanto se é válido realmente, inclusive num futuro próximo, os métodos construtivos que a gente tem utilizado. De parar um pouco e repensar, voltar às origens e tentar usar as coisas da maneira mais consciente possível. Eu tenho a vontade de realmente começar a integrar um pouco mais essa questão de sustentabilidade, de materiais da bioconstrução, e tudo mais, dentro do mobiliário. Isso, pra mim, é uma coisa grande ainda pra estudar, por exemplo, o bambu que é muito

arquiteto, urbanista, ou quem for, dos métodos construtivos. Você tem a possibilidade de estar colocando a mão na massa, realmente. (...) A integração entre as pessoas, também, é sensacional, foi uma experiência muito democrática, a relação de trabalho muito de igual pra igual. Isso eu achei incrível, e enfim, eu achei importantíssimo participar de uma vivência dessa. Depois eu fiquei motivado a participar de mais vivências, inclusive. Bom, a reflexão (...) quanto ao uso dos materiais, ou um questionamento, quanto se é válido realmente, inclusive num futuro próximo, os métodos construtivos que a gente tem utilizado. E eu acho que o mais importante de tudo, (...) a minha principal reflexão pessoal, foi a respeito das relações de trabalho, a forma com que o trabalho é exercido numa vivência de bioconstrução é completamente diferente da forma de trabalho hierarquizada e árdua que a gente tem no cotidiano tradicional urbano.

7 – Lz. – Bom, eu amei a experiência de vivências, era sempre uma delícia participar, a energia era incrível. Não sei se você lembra, mas eu estava com, eu fiz a cirurgia no rim pra tirar algumas pedras, e estava com cateter interno, teve alguns dias que eu não consegui participar direito, mas de qualquer forma, eu queria estar lá. E, a comida também, era uma delícia sinto saudades. Mas, de fato, foi uma coisa maravilhosa, realmente espero que eu possa, em breve, passando essa loucura de pra lá e pra cá e viajar, que eu consiga voltar, participar onde quer que seja, entrar em contato com isso, mais a fundo dessa vez. Trouxe, assim, várias reflexões, eu trabalho com design de móveis, hoje em dia, realmente, fui pra essa área, então, na questão dos materiais e de parar um pouco e repensar, voltar às origens e tentar usar as coisas da maneira mais consciente possível, eu tenho a vontade de realmente começar integrar um pouco mais essa questão de sustentabilidade, de materiais da bioconstrução, e tudo mais, dentro do mobiliário. Isso, pra mim, é uma coisa grande ainda pra estudar, por exemplo, o bambu que é muito usado, enfim, tem muita área aí pra ser descoberta ainda, então, trouxe muitas reflexões, assim, tanto... Estou falando umas coisas mais profissionais, mas pra tudo... Foi uma experiência incrível.

8 – M. – Foi muito importante pra mim (...) Ter um trabalho de educação, de cultura e de arte, aliado a um trabalho sustentável. Eu só posso dizer, como reflexão, que tenho, que eu acho que isso é imprescindível, não combina atividades culturais, atividades artísticas e educacionais numa arquitetura que não fosse nesse propósito, nessa linha, nesse perfil.

12 – Rb. – Foi maravilhoso e tal, (...) Então, a reflexão, que eu tive nisso, foi um aprendizado muito grande, um outro tipo de cultura, não é, meu? Tipo, fora da minha realidade. Eu viajo o Brasil com

usado, enfim, tem muita área aí pra ser descoberta ainda.

Mas eu acho que o mais importante de tudo, a minha principal reflexão pessoal, foi a respeito das relações de trabalho, a forma com que o trabalho é exercido numa vivência de bioconstrução é completamente diferente da forma de trabalho hierarquizada e árdua que a gente tem no cotidiano tradicional urbano, aproximando o arquiteto, urbanista, ou quem for, dos métodos construtivos. Você tem a possibilidade de estar colocando a mão na massa, realmente.

A integração entre as pessoas, também, foi sensacional, foi uma experiência muito democrática, a relação de trabalho muito de igual pra igual. Isso eu achei incrível, e enfim, eu achei importantíssimo participar de uma vivência dessa. Depois eu fiquei motivado a participar de mais vivências, inclusive.

Era sempre uma delícia participar, a energia era incrível, eu amei a experiência. Não sei se você lembra, mas eu fiz a cirurgia no rim pra tirar algumas pedras, e estava com cateter interno, teve alguns dias que eu não consegui participar direito, mas de qualquer forma, eu queria estar lá.

Foi muito bonito, apesar de não ter participado dos mutirões do quartinho, eu acompanhei. Eu sempre fui olhando, assim, o processo de evolução, e pra mim foi muito bonito ver ele se erguer nos mutirões, como também foi legal, ver a força das pessoas, juntando a força de cada um também. A gente conseguiu levantar a parede, construir um telhado.

Pra mim foi uma oportunidade incrível, eu gostaria de ter participado de muito mais, só que, nesse momento de vida, eu não tenho os fins de semana sempre livres, não é? Então, foi uma coisa que eu tive que lidar e tentar ir quando realmente fosse possível. De qualquer forma, pra mim, foi muito proveitoso, eu aprendi bastante e me trouxe realmente muita reflexão e a comida também, era uma delícia, sinto saudades.

Não tenho nem como explicar diretamente. É, sem palavras, não é, meu? É muito doido isso mano, porque é uma coisa que sai do coração, não é, meu? E só tenho a agradecer a tudo isso e vou levar, assim, pro resto da minha vida, não é, meu? Foi uma coisa maravilhosa, realmente espero que eu possa, em breve, participar onde quer que seja, entrar em contato com isso, mais a fundo dessa vez estando presente em todas as obras que tiver condição de estar.

artesanato, não é, meu? E a reflexão que eu tive foi o aprender, não é? Envolvido a arte, não é, meu? E pô! Foi muito legal, uma experiência nova pra mim, não é, meu? E pô! Só veio a agregar na minha bagagem, o ensinamento e tal, e poder levar isso aí pra todo mundo, não é? A gente poder fazer, trabalhar com essa bioconstrução que tem tudo a ver com a arte, não é? A arte é a minha vida, não é? (...) Tipo, não só, tipo, estar de cidade em cidade com a minha arte, não é? Eu trabalho com artesanato, arte de rua, não é? Arte e cultura de rua, e pô! É, sem palavras, não é, meu? Foi um... É muito doido isso mano... Até, não tenho nem como, tipo, explicar diretamente porque é uma coisa que, tipo, sai do coração, não é, meu? Tipo, uma coisa muito doida e só tenho a agradecer a tudo isso e vou levar, assim, pro resto da minha vida, não é, meu? (...) e quero estar presente em todas as obras que tiver condição de estar aí, por São Paulo, pra fazer os cursos, a gente poder fazer os cursos aqui no Paraná, aqui também, que eu sou paranaense.	

IAD2

C – Refletiu sobre a permacultura como um estilo de vida que a Ecocasa tinha como projeto experimentar.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. - Pontos de reflexão, a questão da autonomia, da organização comunitária, da auto suficiência e vejo todas as práticas, nesse sentido, como uma proposta de alternativa, assim, ao sistema, ao modelo de como as coisas estão organizadas, tanto em questão econômica como em relação ao próprio meio ambiente. Eu moro há bastante tempo em Barão Geraldo, conheço muitas repúblicas, propostas de repúblicas alternativas, e eu nunca tinha visto uma proposta de casa que fosse tão completo, no sentido de tentar abarcar os vários ideais, assim, de transformação que a gente quer ver na sociedade, e a Ecocasa, ela fazia isso. Desde pensar em como sustentar a casa e também sobre a manutenção, como a questão econômica. Dos moradores, também, era encarado, existia propostas pra se encarar de modo coletivo. E, também, outras práticas de cuidado, como, além de redução dos impactos ambientais, também cuidado com as próprias pessoas, seja nas práticas da yoga, na meditação. (...) mas acredito que a casa, é um modelo, sim, pra outros grupamentos de jovens, de pessoas que vão dividir espaço. É uma casa coletiva, acho que a casa poderia ser usada como modelo, sim. Os projetos que foram germinados na casa, assim, eles poderiam ser resgatados em vários outros espaços, e penso que a experiência com bioconstrução é uma coisa bastante marcante, assim, pra quem participa do processo e quando tiver oportunidade de construir	Tinha um propósito de vocês estarem passando um pouco do conhecimento de vocês em relação à bioconstrução e eu aprendi bastante, mas não foi só isso, tá ligado? Teve toda a questão da alimentação, do cuidado consigo mesmo, e ao mesmo tempo esse cuidado é coletivo, saca? Foi algo bem diferente pra mim e bem proveitoso, eu diria, bem, assim, uma questão de mini comunidade. Eu diria que fiquei um pouco mais sensível no sentido de estar atento ao que está acontecendo a minha volta, da relação, da fala com o outro, da maneira com que você vai exercer aquela função, não é? Gostei bastante, não é? Não só pela parte das técnicas que a gente aprendeu e praticou, mas também, pela experiência de ver um coletivo funcionando. Mesmo que fosse não muito grande, pequeno, não é? E urbano. Até porque, na época, eu tinha um foco em partir pra uma ecovila, não é? Então, foi bastante enriquecedor nesse ponto também, de ver como funcionava essa questão do coletivo, das atividades de prática de permacultura urbana. Foi uma experiência muito válida, faria de novo, com certeza, sem pensar duas vezes. Eu refleti muito sobre isso, no sentido de pensar que realmente, a bioconstrução, a agroecologia, yoga, etc. Enfim, todas as práticas que a gente realizou lá, e que eu tive a oportunidade de me aprofundar são, de certa forma, independentes

uma casa, de construir um espaço, vai ser um dos projetos que vou levar bastante em consideração.

3 – Ce. - Eu gostei bastante, não é? Não só pela parte técnica, das técnicas que a gente aprendeu e praticou, não é? Mas também, pela experiência de ver um coletivo funcionando, não é? Mesmo que fosse não muito grande, pequeno, não é? E urbano. De ver como isso funcionava, até porque, na época eu estava, minha ideia era, eu tinha um foco em partir pra uma ecovila, não é? Tinha um grupo que queria fazer uma ecovila e tal, um grupo de amigos, não é? Então, foi bastante enriquecedor nesse ponto também, de ver como funcionava essa questão do coletivo, das atividades de prática de permacultura urbana.

4 – D. - Eu refleti muito sobre isso, no sentido de pensar que realmente, a bioconstrução, a agroecologia, yoga, etc. A yoga, que também foi uma experiência que a gente fez nas duas vivências que eu compareci, durante a manhã, não é? Enfim, todas as práticas que a gente realizou lá, e que eu tive a oportunidade de me aprofundar, elas são, de certa forma, independentes entre si, mas elas juntas se tornam muito mais potentes quando você olha pra elas como um estilo de vida, que é um estilo de vida mais saudável, e é um estilo de vida que eu entendo que nós deveríamos adotar, se a gente quer um planeta que seja saudável. E isso pra mim é a permacultura, não é? A permacultura, como eu vejo hoje, ela é uma filosofia e dentro dela existem várias, digamos, vertentes e a gente pode aprender muito sobre várias frentes dessa filosofia. E no fim, todas se tornam mais potentes quando elas, de certa forma, se conectam. E esse foi o tipo de reflexão que essas vivências, em alguma escala, me proporcionaram, porque eu percebi que a gente convivendo ali, todos juntos, sabe? Querendo aprender, querendo ensinar, a gente não estava só atrás de informações e técnicas pra aplicar na nossa vida profissional. Enfim, apesar de muitos também terem esse objetivo lá, a gente estava atrás em realmente experienciar algo maior juntos que era esse tipo de união. Então, eu tenho certeza que todo mundo aprendeu bastante, mas a reflexão principal, pra mim, foi essa, o como, é muito, foi muito mais grandioso, ter acesso a esses conhecimentos de maneira coletiva, coletiva e harmoniosa. Outra coisa, que eu também penso, que eu acho muito legal nas vivências, que foram oferecidas pela casa, é o lance da contribuição consciente, não é? Você contribuir financeiramente com a vivência com o quanto você pode dar, com o quanto você acha que é justo você dar, pela alimentação, que era vegana, pelo que eu lembro, das vezes que eu fui, e orgânica. Bom, pelo gás, não é? Pra fazer a comida. Pela estadia, não é? Pra quem dormiu lá, no caso eu acabei dormindo as duas vezes. Esse lance da contribuição espontânea é muito legal porque, facilita o acesso

entre si, mas juntas se tornam muito mais potentes quando você olha pra elas como um estilo de vida, que é um estilo de vida mais saudável, e é um estilo de vida que eu entendo que nós deveríamos adotar, se a gente quer um planeta que seja saudável. E isso pra mim é a permacultura, não é? A permacultura, como eu vejo hoje, ela é uma filosofia e dentro dela existem várias, digamos, vertentes e a gente pode aprender muito sobre várias frentes dessa filosofia. E no fim, todas se tornam mais potentes quando elas, de certa forma, se conectam. E esse foi o tipo de reflexão que essas vivências, em alguma escala, me proporcionaram, porque eu percebi que a gente convivendo ali, todos juntos, sabe? Querendo aprender, querendo ensinar, a gente não estava só atrás de informações e técnicas pra aplicar na nossa vida profissional. A gente estava atrás de realmente experienciar algo maior juntos que era esse tipo de união. Então, eu tenho certeza que todo mundo aprendeu bastante, mas a reflexão principal, pra mim, foi essa, o como foi muito mais grandioso, ter acesso a esses conhecimentos de maneira coletiva e harmoniosa.

A gente não precisa de muito pra viver. Se a gente tiver em harmonia com a terra, é muito mais fácil do resto entrar em harmonia também. E eu acho que juntos a gente consegue fazer coisas incríveis. Foi isso que eu vi na Ecocasa, assim, que eram muitas pessoas diferentes, mas sempre que estavam presentes ali, estavam com um mesmo propósito e davam o melhor de si. E, no final, aquele lugar ficava lindo em poucas horas, totalmente transformado, e é justamente isso, o ser humano é capaz de fazer transformações, e de transformar ambientes, transformar vidas, também, através das suas ações.

Era incrível a gente acordar todos os dias com alguém tocando aquela música linda no violão, e você realmente sentia muita paz, muita. Se sentia muito bem, não é? Aquilo fazia muito bem pra gente, fazia com que a gente se sentisse bem para poder fazer bem ao mundo e era uma coisa que você realmente sentia isso como um ciclo que não acaba, não é? Que realmente é uma coisa que fazia muito bem pra todo mundo que estava ali.

Lá na Ecocasa, a gente meditava em conjunto e aquilo, pra mim, era incrível, você atingia um nível de paz que me fez refletir sobre o que é fé, sobre o que é meditação, que eu não conhecia. Sobre a nossa capacidade de transcender e, enfim, a gente aprender a respeitar a natureza, aprender a ser parte da natureza, e não simplesmente consumir dela, e isso tudo me veio como reflexão posterior das vivências que eu participei, e foi incrível, não é?

Outra coisa, que eu também penso, que eu acho muito legal nas vivências, que foram oferecidas

das pessoas, não é? A esse tipo de experiência, e é uma coisa que eu nem sempre vejo em outros lugares que oferecem essas vivências de bioconstrução, permacultura. Muitas vezes, são preços bastante inacessíveis, e, isso faz com que só pessoas com padrão de vida muito alto consigam ir. Não necessariamente um padrão de vida muito alto, mas enfim, alguém que realmente tenha bastante dinheiro, pra investir nisso, alguém que já esteja, com uma estabilidade financeira bastante considerável, e, infelizmente, não é o caso de muita gente, não é o caso de muitos estudantes. Então, nesse sentido, isso também se tornou uma reflexão pra mim.

5 – L. - Sobre o que é fé, sobre o que é meditação, que eu não conhecia, sobre a nossa capacidade de transcender. (...) e enfim, a gente aprender a respeitar a natureza, aprender a ser parte da natureza, e não simplesmente consumir dela, e isso tudo, tudo me veio como reflexão posterior das duas vivências que eu participei, e foi incrível, não é? (...) Quando a gente meditava, lá na Ecocasa, a gente meditava em conjunto, e aquilo, pra mim, era incrível, você atingia um nível de paz, enfim, era incrível a gente acordar todos os dias com a G. tocando violão e aquela música linda, e você realmente sentia muita paz, muita. Se sentia muito bem, não é? Aquilo fazia muito bem pra gente e fazia com que a gente se sentisse bem para poder fazer bem ao mundo e era uma coisa que você realmente sentia isso como um ciclo que não acaba, não é? Que realmente é uma coisa que fazia muito bem pra todo mundo que estava ali.

10 – P. – Tinha aquele, um propósito, assim, da gente lá, de vocês estarem passando um pouco do conhecimento de vocês em relação a bioconstrução. Não foi só isso, tá ligado? Foi, teve toda a questão da alimentação, do cuidado consigo mesmo, e ao mesmo tempo esse cuidado é coletivo, saca? Foi algo bem diferente, assim, pra mim, e bem proveitoso, eu diria, bem, assim, uma questão de mini comunidade, assim, a impressão que dá, assim. É muito da hora. Apreendi bastante também em relação a bioconstrução, eu diria que fiquei um pouco mais sensível no sentido de estar atento ao que está acontecendo a minha volta assim, (...) talvez a questão da bioconstrução, da vivência em bioconstrução seja justamente todos esses pontos, assim, eu acho, da relação, da fala com o outro, da maneira com que você vai estar exercendo aquela função, não é? Não sei... Acho que seria isso (...) Foi uma experiência muito válida, faria de novo, com certeza, assim, sem pensar duas vezes.

11 – R. – A vivência foi uma das experiências mais interessantes que eu já participei, e a maior reflexão que eu tive foi que a gente não precisa de muito pra viver. Se a gente tiver em harmonia com a terra, o resto, é muito mais fácil do resto entrar

pela casa, é o lance da contribuição consciente, não é? Você contribuir financeiramente com a vivência, com o quanto você pode dar, com o quanto você acha que é justo você dar, pela alimentação, que era vegana, pelo o que eu lembro, das vezes que eu fui, e orgânica. Bom, pelo gás, não é? Pra fazer a comida. Pela estadia, não é? Pra quem dormiu lá, no caso eu acabei dormindo as duas vezes. Esse lance da contribuição espontânea é muito legal porque, facilita o acesso das pessoas a esse tipo de experiência, e é uma coisa que eu nem sempre vejo em outros lugares que oferecem essas vivências de bioconstrução, permacultura. Muitas vezes, são preços bastante inacessíveis, e, isso faz com que só pessoas com padrão de vida muito alto consigam ir. Não necessariamente um padrão de vida muito alto, mas enfim, alguém que realmente tenha bastante dinheiro, pra investir nisso, alguém que já esteja, com uma estabilidade financeira bastante considerável, e, infelizmente, não é o caso de muita gente, não é o caso de muitos estudantes. Então, nesse sentido, isso também se tornou uma reflexão pra mim.

Eu moro há bastante tempo em Barão Geraldo, conheço muitas repúblicas, propostas de repúblicas alternativas, e eu nunca tinha visto uma proposta de casa que fosse tão completa, no sentido de tentar abarcar os vários ideais, assim, de transformação que a gente quer ver na sociedade, e a Ecocasa, ela fazia isso. A questão da autonomia, da organização comunitária, da auto suficiência. Desde pensar em como sustentar a casa, a manutenção, a questão econômica. Dos moradores, também, existia propostas pra se encarar de modo coletivo. E, também, outras práticas de cuidado, como, a redução dos impactos ambientais e com as próprias pessoas, nas práticas da yoga e meditação. Vejo todas as práticas, nesse sentido, como uma proposta alternativa, assim, ao sistema, ao modelo de como as coisas estão organizadas, tanto em questão econômica como em relação ao próprio meio ambiente.

Mas acredito que a casa, é um modelo pra outros grupamentos de jovens, de pessoas que vão dividir espaço. Os projetos que foram germinados na casa poderiam ser resgatados em vários outros espaços, e penso que a experiência com bioconstrução é uma coisa bastante marcante, assim, pra quem participa do processo e quando tiver oportunidade de construir uma casa, de construir um espaço, vai ser um dos projetos que vou levar bastante em consideração.

em harmonia também. E eu acho que juntos a gente consegue fazer coisas incríveis. Foi isso que eu vi na Ecocasa, assim, que eram muitas pessoas diferentes, mas sempre que estavam presentes ali, estavam com um mesmo propósito e davam o melhor de si. E, no final, aquele lugar ficava lindo em poucas horas, totalmente transformado, e é justamente isso, o ser humano é capaz de fazer transformações, e de transformar ambientes, transformar vidas, também, através das suas ações.

DSC – ECOCASA KRIPA MADHU – CURTA IMERSÃO

Pergunta 3: Depois dessa experiência, você mudou algo no seu dia-a-dia? O que?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
1 – A. - Acredito que <u>eu já estava em uma certa sintonia com as práticas ligado a Ecocasa</u> , e as vivências, <u>o acompanhamento da rotina da casa trouxe fortalecimento</u> , assim, <u>pra manter algumas práticas que já tenho alguns anos</u> , como separação do lixo, compostagem, cuidado com as plantas. Com certeza assim, a casa trouxe alguma influência, alguma mudança.	(1ª ideia) O acompanhamento da rotina da casa, trouxe um fortalecimento pra manter algumas práticas que já tinha. A	
2 – C. - Eu <u>tentei trazer</u> isso, <u>essa experiêncianão só pra mim</u> , nem com quem me acompanhou nos dois dias, dos <u>meus colegas</u> , mas para <u>grupos de trabalho</u> , <u>grupos de conversa</u> , <u>ideias</u> , ou até mesmo, <u>ações</u> que <u>pudessem ser</u> um pouco mais bem <u>trabalhadas pro coletivo</u> , sabe? (...) E, depois da vivência eu tentei <u>ir atrás de outras atividades</u> tanto aqui em Campinas quanto em Sorocaba ou região <u>que tivessem essa pegada</u> . Procurei <u>ler mais, me informar mais</u> , porque é um acrescentar essencial, sabe? Eu acho que estou no quarto ano da faculdade, e vou me formar com a <u>percepção</u> , eu acho, <u>diferente</u> do que é ensinada, sabe? <u>Em questão de arquitetura</u> , <u>em questão de sustentabilidade</u> , se a gente for dizer assim, e de <u>bioconstrução</u> , então, <u>me abriu os olhos</u> , sabe? Me abriu os olhos <u>pra um campo muito bom</u> .	(1ª ideia) Tentou trazer essa experiência para colegas, grupos de trabalho, conversa, ideias, ações que pudessem ser coletivas. B (2ª ideia) Foi atrás de atividades que tivessem a mesma pegada e procurou se informar mais, ler mais. C (3ª ideia) Abriu seus olhos para um campo de percepção diferente em questão de arquitetura, sustentabilidade e bioconstrução. C	
3 – Ce. - É que participei de várias vivências na mesma época, assim, então, eu mudei, muitas coisas, mas foi um conjunto de várias coisas em que eu fui aprendendo em cada experiência que eu passei, então, mudei várias coisas de <u>fazer coisas mais sustentáveis na minha casa, na cidade</u> , não é? Então, em questão tanto de <u>abolir alguns produtos industrializados</u> , <u>mudança de alimentação</u> , não é? De algumas coisas assim, práticas <u>até de saúde</u> , não é? <u>Como tratar a saúde</u> .	(1ª ideia) Passou a fazer coisas mais sustentáveis na sua casa, na cidade. A (2ª ideia) Passou a abolir alguns produtos industrializados, mudança de alimentação, até de como tratar a saúde. D	
4 – D. - Com certeza, <u>mudei minha forma de ver o meu dia-a-dia</u> . <u>A convivência com as pessoas sendo tão harmoniosa</u> durante os	(1ª ideia) Mudou a forma de ver o seu dia-a-dia, depois de conviver com as pessoas tão	

fins de semana que eu passei na Kripa Madhu, ela fez com que quando eu voltasse pra minha casa, nas duas vezes, eu senti esse... Uma espécie de vazio, um vazio de <u>ver que o estilo de vida, que eu vivo agora, ainda não é um estilo de vida que eu considero o mais saudável para um ser humano</u>. E, quando eu digo para um ser humano eu não quero dizer, pro ser individualmente, mas, <u>pra todos os seres humanos, como um todo</u>, como habitantes desse planeta. Tem sempre uma frase que fica na minha cabeça e que me lembra essa situação que é - "<u>como ser um ser planetário melhor?</u>", e é justamente isso. <u>O que mudou em mim foi ver que a gente ainda tem um longo caminho pra percorrermos juntos, nesse tipo de vivências, pra nos tornarmos seres planetários melhores</u>. E, <u>sozinhos é muito difícil</u> que a gente consiga <u>mudar nossa prática no dia-a-dia</u>, mas quando a gente aposta na <u>força da coletividade</u>, pra construir juntos, pra conseguir a autonomia, a soberania alimentar, tendo uma alimentação saudável, orgânica, que agrida o menos possível o meio que a gente vive. Quando a gente faz essas coisas apostando na força da coletividade, <u>esses processos de mudanças, no dia-a-dia se, tornam muito mais fáceis</u>, essas coisas elas <u>começam a parecer realmente possíveis e muito mais simples</u>. Muito mais simples do que se a gente, simplesmente... Do que quando a gente fica, simplesmente, na nossa casa sem tomar uma atitude, imaginando. Então, o que <u>mudou</u>, eu diria que foi minha <u>forma de olhar pra essas questões, de pensar em bioconstrução</u>, por exemplo, como uma <u>prática revolucionária</u>, altamente acessível, <u>financeiramente acessível</u>, e <u>muito sustentável pro nosso planeta</u> e que não é uma coisa que eu faço sozinha, é uma coisa que vai me <u>unir com várias pessoas</u> que pensam como eu, e que sonham com um <u>estilo de vida como o que eu sonho</u>. E olhar pra essa prática, então, e pensar que é uma prática de <u>união de povos</u> do nosso planeta, pra conseguir pensar, realmente, numa situação sustentável pra natureza, não é? Então, eu diria que eu percebi muito melhor a <u>potência da coletividade pra concretizar esse tipo de sonhos</u> que eu sei que não são só meus. Antes de ir pras vivências eu <u>já era vegetariana</u>, e eu <u>me senti muito mais fortalecida</u>, por exemplo, <u>pra concretizar</u>, quando eu estiver melhor preparada, <u>uma dieta vegana</u>. E eu <u>percebi que isso é possível</u> porque, por exemplo, lá eu conheci várias pessoas que vivem dessa maneira, não ingerindo nada de origem animal, e é	harmoniosamente na casa, percebendo que o estilo de vida que vive agora ainda não é um estilo de vida que considera o mais saudável para o ser humano. B (2ª ideia) Mudou sua percepção sobre como ser um ser planetário melhor, como temos um longo caminho pra percorrermos juntos até chegar lá e que sozinhos é muito difícil conseguir mudar nossa prática no dia-a-dia, mas com a força da coletividade esses processos de mudanças, começam a parecer realmente possíveis e muito mais simples. B (3ª ideia) Mudou o olhar pra a bioconstrução como uma prática revolucionária, altamente acessível financeiramente e muito sustentável pro nosso planeta, percebendo a potência da coletividade pra concretizar sonhos, se unindo com várias pessoas que sonham com o mesmo estilo de vida que ela sonha. C (4ª ideia) Já era vegetariana, e se sentiu muito mais fortalecida pra concretizar uma dieta vegana percebendo que isso é possível. D	

muito mais simples do que realmente parece, e eu percebi que eu realmente conseguiria me organizar pra isso, e de novo seria muito mais fácil me organizar pra isso, junto de pessoas que também vivem dessa forma, a gente se fortalece dessa maneira. Mas, de qualquer forma, por mais que seja <u>algo que eu ainda não mudei na prática, é algo que hoje eu me sinto muito mais fortalecida pra mudar</u> quando eu conseguir criar condições um pouco mais ideais no meu dia-a-dia. Durante as vivências também foram oferecidas <u>práticas de yoga e de meditação</u>, então, isso também é algo que eu <u>incorporei na minha vida</u>. Eu sabia muito, muito, muito pouco sobre essas coisas e eu hoje, eu ainda acho que eu sei pouco, mas eu já sei muito mais do que eu sabia antes, eu consegui ter um contato muito melhor, no fim dessas duas vivências, que eu fui, a gente fez uma visita ao Mantra Cultural, que é um espaço, em Barão Geraldo, que oferece também essas atividades, e foi bem interessante, pra mim, e <u>hoje eu vejo que eu sou muito mais ligada nessas práticas</u>. Eu <u>comecei a meditar</u>, assim, e isso eu poderia dizer que realmente <u>foi uma mudança concreta na minha vida</u>, é algo que eu ainda posso e quero fazer com mais frequência, mas por ter tido acesso a esse conhecimento, por mais que não fosse o foco principal da vivência na Kripa Madhu, é uma das coisas que eu tive acesso por meio delas, e, eu realmente <u>consegui estabelecer esse elo com essas práticas de autoconhecimento</u>, eu diria assim. <u>Pra mim, são meios de autoconhecimento hoje, conhecimento do meu corpo, e conhecimento do meu eu</u>, e isso também é muito importante, é algo que, eu realmente, mudei no meu dia-a-dia.	(5ª ideia) Incorporou práticas de yoga e de meditação na sua vida. Conseguindo estabelecer um elo com essas práticas de autoconhecimento, se tornando um meio de conhecimento do seu corpo, e conhecimento do seu eu. E	
5 – L. - De início, assim, <u>logo de início</u>, eu <u>comecei a meditar</u>, adicionei isso a minha rotina, a meditação que realmente me fazia muito bem, (...) eu acabei fazendo todo dia por um tempo. Hoje em dia, realmente não, <u>não continuei</u>, mas assim, é uma coisa que eu <u>quero voltar</u> o mais rápido possível, e outra coisa que eu mudei, no meu dia a dia, foi a <u>alimentação</u>. De início, eu acabei <u>me tornando vegano</u>, logo em seguida, porém <u>também não consegui continuar</u>, mas assim, eu <u>reduzi o meu consumo de carne praticamente a zero</u>, não é? Eu acabo consumindo carne quando tem algum evento social que, digamos, me pede que consuma, mas <u>na minha casa, no meu dia-a-dia, eu acabo consumindo menos carne e tudo por uma consciência que eu acabei tomando</u>, não é? Uma <u>consciência</u> que você tem de	(1ª ideia) De início, começou a meditar, depois não continuou, mas quer voltar. E (2ª ideia) De início, mudou a alimentação e se tornou vegano, depois não conseguiu continuar, mas reduziu o consumo de carne praticamente à zero. D	

que você tem que ter mais respeito pela natureza e por tudo que vive, não é? Isso é findável, que isso não vai durar pra sempre e que a gente faz parte desse todo e tem que respeitar, e não simplesmente usufruir dele sem medir o que está fazendo, não é? Mas assim, de mudança no meu dia-a-dia, foi isso, na verdade, fora o conhecimento que eu adquiri, então, mudou muito no meu dia-a-dia, nas <u>minhas conversas</u>, e <u>nas minhas opiniões</u> e muita coisa desse tipo, realmente mudou e essas mudanças vão durar pra sempre, essas sim, <u>a minha cabeça</u>, <u>digamos</u>, não é? <u>O meu pensar</u>, a minha forma de pensar <u>sobre muitos assuntos em relação à muitas coisas que a gente aprendeu lá</u>, não é? Principalmente, <u>sobre arquitetura</u> e sobre a <u>cultura da meditação</u> e sobre a <u>cultura da alimentação vegana</u>, isso, isso muita coisa <u>mudou realmente na minha cabeça</u>, não é? Que daí, hoje em dia, eu tenho opiniões diferentes das que eu tinha antes de conhecer a Ecocasa.	(2ª ideia) Mudou muito a consciência, as suas conversas, as opiniões, a cabeça, o pensar sobre muitos assuntos em relação à muitas coisas aprendeu lá, sobre arquitetura, a cultura da meditação, alimentação vegana, mudou realmente na minha cabeça. F	
6 – Lc. – No dia-a-dia, no cotidiano mesmo, muito pouco. Só nessa questão de uma <u>reflexão domodo com que a gente vive</u>, como que <u>a gente constrói</u>, como que a gente <u>consome</u>, e até na maneira com o que a gente <u>se alimenta</u>, porém em eventos esporádicos, digamos assim. Eu fiquei muito <u>mais motivado participar de oficinas e workshops relacionados à bioconstrução</u>, e de participar de <u>mais vivências</u>, assim, e espero, um dia, no futuro talvez próximo, estar compartilhando desse modo de vida também.	(1ª ideia) Ficou mais motivado a participar de oficinas, vivências e workshops relacionados à bioconstrução, e de participar de mais e gerou uma reflexão do modo com que a gente vive e constrói. C (2ª ideia) Maneira como se alimenta e consome. D	
7 – Lz. – Mudei, de fato mudei sim, realmente, <u>comecei a dar mais atenção às coisas pra reaproveitar as coisas</u>, reciclagem, assim... <u>Sempre reciclei</u> e tudo mais, <u>mas hoje em dia, acabo pensando muito mais em como diminuir meu lixo, e como eu posso reaproveitar as coisas, mesmo esteticamente</u>, que pra mim é uma questão que pega, não é? Mas no design e na vida como <u>reaproveitar de uma maneira funcional, bonita e que posso produzir menos lixo</u>. E também, a <u>minha alimentação</u> foi uma coisa que eu <u>comecei a prestar muito mais atenção</u>, e do <u>respeito pela terra, pela comida</u>, e por tudo, assim, <u>pela natureza</u>. Uma coisa que eu sempre tive, nunca fui de destruir, mas de realmente <u>parar e tentar observar e refletir</u> sobre a maneira que eu, assim, <u>meu efeito</u> nisso, e <u>o efeito disso tudo em mim</u> também, então, acho que essas coisas foram algumas coisas que mudaram.	(1ª ideia) Sempre reciclou, mas hoje em dia, acaba pensando mais em como diminuir seu lixo e como pode reaproveitar de uma maneira funcional e bonita. A (2ª ideia) Começou a prestar mais atenção na sua alimentação, no respeito pela terra, pela comida, pela natureza e parar e tentar observar, refletir qual o seu efeito nisso e o efeito disso tudo nela. D	

8 – M. – Podemos <u>reformular o nosso projeto de bangalôs de oca, voltado para acolher oficinas, para acolher vivências, dentro da nossa universidade</u> que é o nosso curso de pós-graduação em educação, (...) Então, no dia-a-dia, estamos inclusive <u>produzindo alguns mutirões</u> pra fazer o mesmo trabalho, <u>fazer palco, deck, sala, tulhas</u>, não é? <u>Para acolher estas nossas oficinas.</u>	(1ª ideia) Reformularam o projeto de bangalôs de oca, voltado para acolher oficinas, para acolher vivências, dentro da universidade, produzindo alguns mutirões pra fazer palco, deck, sala, tulhas. C	
9 – M.E – Hoje eu <u>lido melhor com as pessoas</u>. Consigo <u>ter muito mais paciência</u>, ser mais <u>bondosa</u>, não que eu nunca... Nunca fui ruim, não. Mas ter mais paciência, também sou pacienciosa mas... Ah, eu não sei sabe, assim... Ser muito exata, mas <u>mudou</u> muito a minha maneira, <u>o meu comportamento com as pessoas</u>, então, eu acho que... É isso, foi pra mim um ganho muito grande. (...) Não muito, mas eu tenho procurado <u>fazer meditação</u>, eu <u>aprendi a desacelerar</u>, eu aprendi a <u>viver muito mais o hoje e o agora</u>, aliás, adquiri um livro sobre isso, então, assim, muito mais centrada no agora, isso pra mim <u>foi uma mudança</u>, assim, <u>fundamental na minha vida</u>, aquela coisa, assim, do <u>fluir de uma maneira mais leve, se deixar levar</u>.	(1ª ideia) Mudou o meu comportamento com as pessoas, lida melhor com as pessoas, tem muito mais paciência, é mais bondosa, tem procurado fazer meditação, aprendeu a desacelerar, viver muito mais o hoje e o agora, a fluir de uma maneira mais leve, se deixar levar. E	
10 – P. – Eu mudei um pouco assim, tipo <u>a visão de cuidado consigo</u>, e mais uma vez eu volto a dizer que <u>o cuidado consigo que ao mesmo tempo é coletivo</u>, não é? (...) Eu diria, não sei se eu <u>mudei</u> algo especificamente, no meu dia-a-dia, mas talvez <u>maneiras de se relacionar no mundo</u>, eu diria, em que sentido, não é? Eu <u>fiquei mais atento, mais sensível ao que estava na minha volta, mais paciente</u>, eu diria, também <u>e com uma abertura muito maior de conversa pra conhecer pessoas</u>, assim. Diria que contribuiui, diria, pra ser <u>uma pessoa mais extrovertida</u> talvez.	(1ª ideia) Mudou a visão de cuidado consigo que ao mesmo tempo é coletivo. B (2ª ideia) Mudou maneiras de se relacionar no mundo, ficou mais atento, mais sensível ao que estava a sua volta, mais paciente e com uma abertura muito maior de conversa pra conhecer pessoas, uma pessoa mais extrovertida. B	
11 – R. – Uma coisa muito legal também na vivência foi a, foram as refeições, não é? Era tudo vegano e, várias coisas que a gente comia eram produzidas na própria Ecocasa, e, assim, a horta não era muito grande, mas era o suficiente pra alimentar muitas pessoas, e eu acho que depois disso <u>eu comecei a valorizar muito mais os alimentos que eu como</u>, e pensar assim, <u>"da onde eles estão vindo, não é? Como que eles estão sendo cultivados"</u>, porque o que você coloca no alimento, o sentimento que você coloca no alimento quando você está cultivando ele, também é extremamente importante. Então, eu a <u>partir da vivência tentei consumir mais orgânicos</u>. Eu tentei <u>prestar atenção na minha alimentação</u>, no dia-a-dia, e prestar atenção <u>nas pessoas da minha volta</u>, não é?	(1ª ideia) Começou a valorizar muito mais os alimentos que come, se perguntar da onde eles estão vindo, como são cultivados tentou consumir mais orgânicos, prestar atenção na sua alimentação, nas pessoas à minha volta, ver onde pode ajudar e percebeu que mesmo com pouco se acaba mudando muito. D	

<u>E ver aonde que eu podia ajudar e percebi que mesmo com pouco a gente acaba mudando muito.</u>		
12 – Rb. – Então, mudou, não é, meu? Tipo, <u>a visão</u> , não é? <u>Sobre tudo</u> , não é, meu? (...) Dia-a-dia, nisso, meu, mudou que <u>eu posso chegar e falar pra uma pessoa "hoje eu posso te ajudar a fazer uma casa altamente sustentável"</u> , não é?	(1ª ideia) Mudou a visão sobre tudo. F (2ª ideia) Pode ajudar a fazer uma casa altamente sustentável. C	
13 – Rd. - O que <u>mudou</u> depois daquilo no meu dia-a-dia, é que os <u>planos de vida</u> , os planos que você tem pra sua vida. Foi isso que mudou, foram meus planos, porque <u>depois que a gente convive junto</u> , lá na vivência, o que muda é que, assim, a ideia que a gente tem, no futuro, tal, é ter uma casa e construir uma família e, é isso, uma única família ali. E depois daquilo, depois da vivência, a gente <u>pensando mais em ecovila</u> , por esse lado, a gente pensa, o que eu pensei foi que eu não preciso viver em uma família só, sabe? Por que não <u>várias famílias</u> ? <u>Viver junto</u> , em uma casa, em duas casas, não sei, mais a gente. Acho que você passa a <u>levar mais a amizade em conta</u> , sabe? Do que a família, <u>não tem que ser uma família vivendo junto, mas várias pessoas vivendo junto</u> , sabe? Você fica <u>menos egoísta</u> nesse ponto.	(1ª ideia) Mudou os planos de vida no sentido de passar a levar mais as amizades em conta do que a família, na questão de viver junto com varias famílias de amigos em uma ou duas casas, se tornando menos egoísta nesse ponto. B	

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD2

A – Passou a pensar em diminuir seu lixo e reaproveitar as coisas de maneira funcional e bonita, além de se sentir fortalecida a manter as práticas que já tinha incorporado no seu dia-a-dia.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. - <i>Acredito que eu já estava em uma certa sintonia com as práticas ligado a Ecocasa, e as vivências, o acompanhamento da rotina da casa trouxe fortalecimento, assim, pra manter algumas práticas que já tenho alguns anos, como separação do lixo, compostagem, cuidado com as plantas.</i> <i>Com certeza assim, a casa trouxe alguma influência, alguma mudança.</i> 3 – Ce. - <i>É que participei de várias vivências na mesma época, assim, então, eu mudei, muitas coisas, mas foi um conjunto de várias coisas em que eu fui aprendendo em cada experiência que eu passei, então, mudei várias coisas de fazer coisas mais sustentáveis na minha casa, na cidade, não</i>	<i>Com certeza assim, a casa trouxe alguma influência, alguma mudança. Acredito que eu já estava em uma certa sintonia com as práticas ligado a Ecocasa, e a participação nas vivências e o acompanhamento da rotina da casa trouxe fortalecimento pra manter algumas práticas que já tenho há alguns anos, como separação do lixo, compostagem e cuidado com as plantas. Mas, hoje em dia, além de começar a fazer coisas mais sustentáveis na minha casa, na cidade, não é? Acabei pensando muito mais em como diminuir meu lixo, e como eu posso reaproveitar as coisas, mesmo esteticamente, que pra mim é uma questão que pega, não é? Mas no design e na</i>

é? 7 – Lz. – Mudei, de fato mudei sim, realmente, comecei a dar mais atenção às coisas pra reaproveitar as coisas, reciclagem, assim... Sempre reciclei e tudo mais, mas hoje em dia, acabo pensando muito mais em como diminuir meu lixo, e como eu posso reaproveitar as coisas, mesmo esteticamente, que pra mim é uma questão que pega, não é? Mas no design e na vida como reaproveitar de uma maneira funcional, bonita e que possa produzir menos lixo.	vida como reaproveitar de uma maneira funcional, bonita e que possa produzir menos lixo.

IAD2

B – Mudou a forma de se relacionar com as pessoas, de ver o dia-a-dia, os planos de vida mais voltados para o coletivo.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
2 – C. - Eu tentei trazer isso, essa experiência, não só pra mim, nem com quem me acompanhou nos dois dias, os meus colegas, mas para grupos de trabalho, grupos de conversa, ideias, ou até mesmo, ações que pudessem ser um pouco mais bem trabalhadas pro coletivo, sabe? 4 – D. - Com certeza, mudei minha forma de ver o meu dia-a-dia. A convivência com as pessoas sendo tão harmoniosa durante os fins de semana que eu passei na Kripa Madhu, ela fez com que quando eu voltasse pra minha casa, nas duas vezes, eu senti esse... Uma espécie de vazio, um vazio de ver que o estilo de vida, que eu vivo agora, ainda não é um estilo de vida que eu considero o mais saudável para um ser humano. E, quando eu digo para um ser humano eu não quero dizer, pro ser individualmente, mas, pra todos os seres humanos, como um todo, como habitantes desse planeta. Tem sempre uma frase que fica na minha cabeça e que me lembra essa situação que é - "como ser um ser planetário melhor?", e é justamente isso. O que mudou em mim foi ver que a gente ainda tem um longo caminho pra percorrermos juntos, nesse tipo de vivências, pra nos tornarmos seres planetários melhores. E, sozinhos é muito difícil que a gente consiga mudar nossa prática no dia-a-dia, mas quando a gente aposta na força da coletividade, pra construir juntos, pra conseguir a autonomia, a soberania alimentar, tendo uma alimentação saudável, orgânica, que agrida o menos possível o meio que a gente vive. Quando a gente faz essas coisas apostando na força da coletividade, esses processos de mudanças, no dia-a-dia se, tornam muito mais fáceis, essas coisas elas começam a parecer realmente possíveis e muito mais simples. Muito mais simples do que se a gente, simplesmente... Do que quando a gente fica, simplesmente, na nossa casa sem tomar uma	Eu mudei um pouco assim, tipo a visão de cuidado consigo que ao mesmo tempo é coletivo, não é? As maneiras de se relacionar no mundo. Eu fiquei mais atento, mais sensível ao que estava a minha volta, mais paciente, eu diria, também e com uma abertura muito maior de conversa pra conhecer pessoas, assim. Diria que contribuiu pra ser uma pessoa mais extrovertida, talvez. Com certeza, mudei também, minha forma de ver o meu dia-a-dia. A convivência com as pessoas sendo tão harmoniosa durante os fins de semana que eu passei na Kripa Madhu, fez com que quando eu voltasse pra minha casa, eu sentisse uma espécie de vazio, um vazio de ver que o estilo de vida, que eu vivo agora, ainda não é um estilo de vida que eu considero o mais saudável para um ser humano. E, quando eu digo para um ser humano eu não quero dizer, pro ser individualmente, mas, pra todos os seres humanos, como um todo, como habitantes desse planeta. Tem sempre uma frase que fica na minha cabeça e que me lembra essa situação que é - "como ser um ser planetário melhor?", e é justamente isso. O que mudou em mim foi ver que a gente ainda tem um longo caminho pra percorrermos juntos, nesse tipo de vivências, pra nos tornarmos seres planetários melhores. E, sozinhos é muito difícil que a gente consiga mudar nossa prática no dia-a-dia, mas quando a gente aposta na força da coletividade, pra construir juntos, pra conseguir a autonomia, a soberania alimentar, tendo uma alimentação saudável, orgânica, que agrida o menos possível o meio que a gente vive. Quando a gente faz essas coisas apostando na força da coletividade, esses processos de mudanças, no dia-a-dia se, tornam muito mais fáceis, essas coisas elas começam a parecer realmente possíveis e muito mais simples do que quando a gente fica, simplesmente, na

atitude, imaginando. 10 – P. – Eu mudei um pouco assim, tipo a visão de cuidado consigo, e mais uma vez eu volto a dizer que o cuidado consigo que ao mesmo tempo é coletivo, não é? (...) Eu diria, não sei se eu mudei algo especificamente, no meu dia-a-dia, mas talvez maneiras de se relacionar no mundo, eu diria, em que sentido, não é? Eu fiquei mais atento, mais sensível ao que estava na minha volta, mais paciente, eu diria, também e com uma abertura muito maior de conversa pra conhecer pessoas, assim. Diria que contribuiu, diria, pra ser uma pessoa mais extrovertida talvez. 13 – Rd. - O que mudou depois daquilo no meu dia-a-dia, é que os planos de vida, os planos que você tem pra sua vida. Foi isso que mudou, foram meus planos, porque depois que a gente convive junto, lá na vivência, o que muda é que, assim, a ideia que a gente tem, no futuro, tal, é ter uma casa e construir uma família e, é isso, uma única família ali. E depois daquilo, depois da vivência, a gente pensando mais em ecovila, por esse lado, a gente pensa, o que eu pensei foi que eu não preciso viver em uma família só, sabe? Por que não várias famílias? Viver junto, em uma casa, em duas casas, não sei, mais gente. Acho que você passa a levar mais a amizade em conta, sabe? Do que a família, não tem que ser uma família vivendo junto, mas várias pessoas vivendo junto, sabe? Você fica menos egoísta nesse ponto.	nossa casa sem tomar uma atitude, imaginando. Então, eu tentei trazer isso, essa experiência, não só pra mim, nem com quem me acompanhou nos dois dias, os meus colegas, mas para grupos de trabalho, grupos de conversa, ideias, ou até mesmo, ações que pudessem ser um pouco mais bem trabalhadas pro coletivo, sabe? Daí, mudou, também, os planos de vida, os planos que você tem pra sua vida. Porque depois que a gente convive junto, lá na vivência, o que muda é que, assim, a ideia que a gente tem, no futuro, tal, é ter uma casa e construir uma única família ali. E depois da vivência, a gente pensando mais em ecovila, por esse lado, a gente pensa, o que eu pensei, foi que eu não preciso viver em uma família só, sabe? Por que não várias famílias? Viver junto, em uma casa, em duas casas, não sei, mais gente. Acho que você passa a levar mais a amizade em conta, sabe? Do que a família, não tem que ser uma família vivendo junto, mas várias pessoas vivendo junto, sabe? Você fica menos egoísta nesse ponto.

IAD2

C – Mudou a forma de olhar para a bioconstrução como uma alternativa sustentável a forma de construção convencional.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
2 – C. - E, depois da vivência eu tentei ir atrás de outras atividades tanto aqui em Campinas quanto em Sorocaba ou região que tivessem essa pegada. Procurei ler mais, me informar mais, porque é um acrescentar essencial, sabe? Eu acho que estou no quarto ano da faculdade, e vou me formar com a percepção, eu acho, diferente do que é ensinada, sabe? Em questão de arquitetura, em questão de sustentabilidade, se a gente for dizer assim, e de bioconstrução, então, me abriu os olhos, sabe? Me abriu os olhos pra um campo muito bom. 4 – D. - Então, o que mudou, eu diria que foi minha forma de olhar pra essas questões, de pensar em bioconstrução, por exemplo, como uma prática revolucionária, altamente acessível, financeiramente acessível, e muito sustentável pro nosso planeta e que não é uma coisa que eu faço sozinha, é uma coisa que vai me unir com várias pessoas que pensam como eu, e que sonham com um estilo de vida como o que eu sonho. E olhar pra	Então, o que mudou, eu diria que foi minha forma de olhar pra essas questões, de pensar em bioconstrução, por exemplo, como uma prática revolucionária, altamente acessível, financeiramente acessível, e muito sustentável pro nosso planeta e que não é uma coisa que eu faço sozinha, é uma coisa que vai me unir com várias pessoas que pensam como eu, e que sonham com um estilo de vida como o que eu sonho. E olhar pra essa prática, então, e pensar que é uma prática de união de povos do nosso planeta, pra conseguir pensar, realmente, numa situação sustentável pra natureza, não é? Então, eu diria que eu percebi muito melhor a potência da coletividade pra concretizar esse tipo de sonhos que eu sei que não são só meus. Fiquei muito mais motivado a participar de oficinas e workshops relacionados à bioconstrução, e de participar de mais vivências assim, tendo uma reflexão sobre o modo com que a gente vive,

essa prática, então, e pensar que é uma prática de união de povos do nosso planeta, pra conseguir pensar, realmente, numa situação sustentável pra natureza, não é? Então, eu diria que eu percebi muito melhor a potência da coletividade pra concretizar esse tipo de sonhos que eu sei que não são só meus. 6 – Lc. – No dia-a-dia, no cotidiano mesmo, muito pouco. Só nessa questão de uma reflexão do modo com que a gente vive, como que a gente constrói, (...) porém em eventos esporádicos, digamos assim. Eu fiquei muito mais motivado participar de oficinas e workshops relacionados à bioconstrução, e de participar de mais vivências assim, e espero, um dia, no futuro talvez próximo, estar compartilhando desse modo de vida também. 8 – M. – Pudemos reformular o nosso projeto de bangalôs de oca, voltado para acolher oficinas, para acolher vivências, dentro da nossa universidade que é o nosso curso de pós-graduação em educação, (...) Então, no dia-a-dia, estamos inclusive produzindo alguns mutirões pra fazer o mesmo trabalho, fazer palco, deck, sala, tulhas, não é? Para acolher estas nossas oficinas. 12 – Rb. – Dia-a-dia, nisso, meu, mudou que eu posso chegar e falar pra uma pessoa "hoje eu posso te ajudar a fazer uma casa altamente sustentável", não é?	como a gente constrói. Procurei ler mais, me informar mais, porque é um acrescentar essencial, sabe? Eu acho que estou no quarto ano da faculdade, e vou me formar com a percepção, eu acho, diferente do que é ensinada, sabe? Em questão de arquitetura, em questão de sustentabilidade, se a gente for dizer assim, e de bioconstrução, então, me abriu os olhos, sabe? Me abriu os olhos pra um campo muito bom e espero, um dia, no futuro talvez próximo, estar compartilhando desse modo de vida também. Então, estamos produzindo alguns mutirões e pudemos reformular o nosso projeto de bangalôs de oca pra fazer palco, deck, sala, tulhas, voltado para acolher oficinas e vivências, dentro da nossa universidade. E, agora eu posso chegar e falar pra uma pessoa "hoje eu posso te ajudar a fazer uma casa altamente sustentável", não é?

IAD2

D – Mudou a atenção dada ao alimento.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
3 – Ce. - Então, em questão tanto de abolir alguns produtos industrializados, mudança de alimentação, não é? De algumas coisas assim, práticas até de saúde, não é? Como tratar a saúde. 4 – D. - Antes de ir pras vivências eu já era vegetariana, e eu me senti muito mais fortalecida, por exemplo, pra concretizar, quando eu estiver melhor preparada, uma dieta vegana. E eu percebi que isso é possível porque, por exemplo, lá eu conheci várias pessoas que vivem dessa maneira, não ingerindo nada de origem animal, e é muito mais simples do que realmente parece, e eu percebi que eu realmente conseguiria me organizar pra isso, e de novo seria muito mais fácil me organizar pra isso, junto de pessoas que também vivem dessa forma, a gente se fortalece dessa maneira. Mas, de qualquer forma, por mais que seja algo que eu ainda não mudei na prática, é algo que hoje eu me sinto muito mais fortalecida pra mudar quando eu conseguir criar condições um pouco mais ideais no meu dia-a-dia. 5 – L. - E outra coisa que eu mudei, no meu dia a	Uma coisa muito legal também na vivência, foram as refeições, não é? Era tudo vegano e, várias coisas que a gente comia eram produzidas na própria Ecocasa, e, assim, a horta não era muito grande, mas era o suficiente pra alimentar muitas pessoas, e eu acho que depois disso eu comecei a valorizar muito mais os alimentos que eu como, e pensar assim, "da onde eles estão vindo, não é? Como que eles estão sendo cultivados", porque o que você coloca no alimento, o sentimento que você coloca no alimento quando você está cultivando ele, também é extremamente importante, o respeito pela terra, pela comida, e por tudo, assim, pela natureza. Então, a partir da vivência tentei consumir mais orgânicos, prestar atenção na minha alimentação, no dia-a-dia, no que a gente consome, abolir alguns produtos industrializados, nas pessoas da minha volta e até como tratar a saúde. Ver aonde que eu podia ajudar e percebi que mesmo com pouco a gente acaba mudando muito. Antes de ir pras vivências eu já era vegetariana, e

dia, foi a alimentação. De início, eu acabei me tornando vegano, logo em seguida, porém também não consegui continuar, mas assim, eu reduzi o meu consumo de carne praticamente a zero, não é? Eu acabo consumindo carne quando tem algum evento social que, digamos, me pede que consuma, mas na minha casa, no meu dia-a-dia, eu acabo consumindo menos carne e tudo por uma consciência que eu acabei tomando, não é? Uma consciência que você tem de que você tem que ter mais respeito pela natureza e por tudo que vive, não é? Isso é findável, que isso não vai durar pra sempre e que a gente faz parte desse todo e tem que respeitar, e não simplesmente usufruir dele sem medir o que está fazendo, não é?

6 – Lc. – Com o que a gente consome, e até na maneira com o que a gente se alimenta.

7 – Lz. – E também, a minha alimentação foi uma coisa que eu comecei a prestar muito mais atenção, e do respeito pela terra, pela comida, e por tudo, assim, pela natureza. Uma coisa que eu sempre tive, nunca fui de destruir, mas de realmente parar e tentar observar e refletir sobre a maneira que eu, assim, meu efeito nisso, e o efeito disso tudo em mim também, então, acho que essas coisas foram algumas coisas que mudaram.

11 – R. – Uma coisa muito legal também na vivência foi a, foram as refeições, não é? Era tudo vegano e, várias coisas que a gente comia eram produzidas na própria Ecocasa, e, assim, a horta não era muito grande, mas era o suficiente pra alimentar muitas pessoas, e eu acho que depois disso eu comecei a valorizar muito mais os alimentos que eu como, e pensar assim, "da onde eles estão vindo, não é? Como que eles estão sendo cultivados", porque o que você coloca no alimento, o sentimento que você coloca no alimento quando você está cultivando ele, também é extremamente importante. Então, eu a partir da vivência tentei consumir mais orgânicos. Eu tentei prestar atenção na minha alimentação, no dia-a-dia, e prestar atenção nas pessoas da minha volta, não é? E ver aonde que eu podia ajudar e percebi que mesmo com pouco a gente acaba mudando muito.

eu me senti muito mais fortalecida, por exemplo, pra concretizar, quando eu estiver melhor preparada, uma dieta vegana. E eu percebi que isso é possível porque, por exemplo, lá eu conheci várias pessoas que vivem dessa maneira, não ingerindo nada de origem animal, e é muito mais simples do que realmente parece, e eu percebi que eu realmente conseguiria me organizar pra isso, e de novo seria muito mais fácil me organizar pra isso, junto de pessoas que também vivem dessa forma, a gente se fortalece dessa maneira. Mas, de qualquer forma, por mais que seja algo que eu ainda não mudei na prática, é algo que hoje eu me sinto muito mais fortalecida pra mudar quando eu conseguir criar condições um pouco mais ideais no meu dia-a-dia.

De início, eu acabei me tornando vegano, logo em seguida, porém também não consegui continuar, mas assim, eu reduzi o meu consumo de carne praticamente a zero, não é? Eu acabo consumindo carne quando tem algum evento social que, digamos, me pede que consuma, mas na minha casa, no meu dia-a-dia, eu acabo consumindo menos carne e tudo por uma consciência que eu acabei tomando, não é? Uma coisa que eu sempre tive, nunca fui de destruir, mas de realmente parar e tentar observar e refletir sobre a maneira que eu, assim, meu efeito nisso, e o efeito disso tudo em mim também, então, acho que essas coisas foram algumas coisas que mudaram. Uma consciência que você tem de que você tem que ter mais respeito pela natureza e por tudo que vive, não é? Isso é findável, que isso não vai durar pra sempre e que a gente faz parte desse todo e tem que respeitar, e não simplesmente usufruir dele sem medir o que está fazendo, não é?

IAD2

E – Passou a praticar yoga e meditar.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
4 – D. - Durante as vivências também foram oferecidas práticas de yoga e de meditação, então, isso também é algo que eu incorporei na minha vida. Eu sabia muito, muito, muito pouco sobre essas coisas e eu hoje, eu ainda acho que eu sei pouco, mas eu já sei muito mais do que eu sabia antes, eu consegui ter um contato muito melhor, no fim dessas duas vivências, que eu fui, a gente fez uma visita ao Mantra Cultural, que é um espaço, em Barão Geraldo, que oferece também essas atividades, e foi bem interessante, pra mim, e hoje eu vejo que eu sou muito mais ligada nessas práticas. Eu comecei a meditar, assim, e isso eu poderia dizer que realmente foi uma mudança concreta na minha vida, é algo que eu ainda posso e quero fazer com mais frequência, mas por ter tido acesso a esse conhecimento, por mais que não fosse o foco principal da vivência na Kripa Madhu, é uma das coisas que eu tive acesso por meio delas, e, eu realmente consegui estabelecer esse elo com essas práticas de autoconhecimento, eu diria assim. Pra mim, são meios de autoconhecimento hoje, conhecimento do meu corpo, e conhecimento do meu eu, e isso também é muito importante, é algo que, eu realmente, mudei no meu dia-a-dia. 5 – L. - De início, assim, logo de inicio, eu comecei a meditar, adicionei isso a minha rotina, a meditação que realmente me fazia muito bem, (...) eu acabei fazendo todo dia por um tempo. Hoje em dia, realmente não, não continuei, mas assim, é uma coisa que eu quero voltar o mais rápido possível. 9 – M.E – Hoje eu lido melhor com as pessoas. Consigo ter muito mais paciência, ser mais bondosa, não que eu nunca... Nunca fui ruim, não. Mas ter mais paciência, também sou pacienciosa mas... Ah, eu não sei sabe, assim... Ser muito exata, mas mudou muito a minha maneira, o meu comportamento com as pessoas, então, eu acho que... É isso, foi pra mim um ganho muito grande. (...) Não muito, mas eu tenho procurado fazer meditação, eu aprendi a desacelerar, eu aprendi a viver muito mais o hoje e o agora, aliás, adquiri um livro sobre isso, então, assim, muito mais centrada no agora, isso pra mim foi uma mudança, assim, fundamental na minha vida, aquela coisa, assim, do fluir de uma maneira mais leve, se deixar levar.	Durante as vivências também foram oferecidas práticas de yoga e de meditação, então, isso também é algo que eu incorporei na minha vida. A gente fez uma visita ao Mantra Cultural, que é um espaço, em Barão Geraldo, que oferece também essas atividades, e foi bem interessante, pra mim. Comecei a meditar, adicionei isso a minha rotina, que realmente me fazia muito bem e isso foi uma mudança concreta na minha vida, é algo que eu ainda posso e quero fazer com mais frequência. Pra mim, são meios de autoconhecimento hoje, conhecimento do meu corpo, do meu eu, e isso também é algo que, eu realmente, mudei no meu dia-a-dia. Hoje eu lido melhor com as pessoas. Consigo ter muito mais paciência, ser mais bondosa, eu nunca fui ruim, não. Não sei ser muito exata, mas mudou muito a minha maneira, o meu comportamento com as pessoas, então, foi pra mim um ganho muito grande. Eu aprendi a desacelerar, a viver muito mais o hoje e o agora, aliás, adquiri um livro sobre isso, então, pra mim, foi uma mudança, assim, fundamental na minha vida, aquela coisa, assim, do fluir de uma maneira mais leve, se deixar levar.

IAD2

F – Mudou a visão sobre as coisas, as conversas, as opiniões, a cabeça, o pensar.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
5 – L. - Mas assim, de mudança no meu dia-a-dia, foi isso, na verdade, fora o conhecimento que eu adquiri, então, mudou muito no meu dia-a-dia, nas minhas conversas, e nas minhas opiniões e muita coisa desse tipo, realmente mudou e essas mudanças vão durar pra sempre, essas sim, a minha cabeça, digamos, não é? O meu pensar, a minha forma de pensar sobre muitos assuntos em relação à muitas coisas que a gente aprendeu lá, não é? Principalmente, sobre arquitetura e sobre a cultura da meditação e sobre a cultura da alimentação vegana, isso, isso muita coisa mudou realmente na minha cabeça, não é? Que daí, hoje em dia, eu tenho opiniões diferentes das que eu tinha antes de conhecer a Ecocasa. 12 – Rb. – Então, mudou, não é, meu? Tipo, a visão, não é? Sobre tudo, não é, meu?	Mudou, não é, meu? Tipo, a visão sobre tudo no meu dia-a-dia, nas minhas conversas, e nas minhas opiniões e essas mudanças vão durar pra sempre, a minha cabeça, digamos, não é? O meu pensar, a minha forma de pensar sobre muitos assuntos em relação à muitas coisas que a gente aprendeu lá, não é? Principalmente, sobre arquitetura e sobre a cultura da meditação e sobre a cultura da alimentação vegana, muita coisa mudou realmente na minha cabeça, não é? Que daí, hoje em dia, eu tenho opiniões diferentes das que eu tinha antes de conhecer a Ecocasa.

DSC – ECOCASA KRIPA MADHU – CURTA IMERSÃO

Pergunta 4: Você gostaria de destacar algum momento da(s) vivencia(s) que tenha sido mais marcante pra você?

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 1 – IAD1

IAD1

EXPRESSÕES-CHAVE	IDÉIAS CENTRAIS	ANCORAGEM
1 – A. - Sobre momentos marcantes na casa, uma coisa que eu <u>ficava muito impressionada era a velocidade com que as coisas acontecia</u> . Por exemplo, uma semana eu escutei que ia fazer um quartinho, na outra semana, eu chego, o quartinho está em pé. <u>A casa</u> se transformava sempre, sempre muito rápido, assim, <u>tinha uma dinâmica de transformação muito rápida</u> , assim, <u>das coisas materiais</u> . A horta, o laguinho, acho que <u>um ano</u> aconteceu... <u>O quanto transformou a casa</u> , assim, pra mim isso <u>é muito marcante</u> , assim, <u>a possibilidade de você transformar um espaço num tempo tão curto e com a ajuda de tantas mãos</u> . E, <u>ao mesmo tempo, apesar de todos conflitos</u> , que rolaram, assim, apesar dessa velocidade, assim, com que as coisas se transformava, acho que a casa conseguiu, assim, independente de todos os conflitos, ela <u>conseguiu manter</u> um ar... <u>Um ar pacífico</u> , assim, a casa ainda <u>era um espaço que me desacelerava</u> .	(1ª ideia) O quanto a casa se transformou, em um ano, foi muito marcante. Ficava muito impressionada com a dinâmica de transformação das coisas materiais na casa, com a possibilidade de se transformar um espaço num tempo tão curto e com a ajuda de tantas mãos, e ao mesmo tempo, apesar de todos conflitos, conseguia-se manter um ar pacífico. A	
2 – C. - E aí <u>fica muito marcado</u> essa tentativa <u>quando a gente senta pra comer</u> , que é <u>um ato tão bonito</u> , não é? Tipo, <u>Culturalmente falando</u> , uma questão do <u>preparo da comida, o respeito</u> que você tem que ter <u>com quem está preparando</u> , com o <u>alimento</u> , com o ato de <u>absorver a energia</u> que ele tem. Então, <u>foi esse momento da roda, da energização, da percepção do espaço, do entorno, do outro, do eu mesmo</u> . Foi talvez, uns dos momentos que eu <u>fico, até hoje, assim, revivendo na minha cabeça</u> porque é algo que <u>não é de costume</u> , não é? Não vou parar, comer e ter esse... Aquele tipo de relação novamente, é mais difícil, então, foi a experiência, eu diria, eu voltei... Eu fui com o M. no segundo dia, e eu voltava com o M. e falava "caramba M., que legal, olha isso, você tem noção da diferença que faz ou que me fez?!" e eu fiquei falando disso muito tempo depois.	(1ª ideia) O momento da roda feita para sentar pra come ficou marcado, por ser um ato tão bonito, culturalmente falando, desde o preparo da comida, o respeito com quem está preparando, com o alimento, com o ato de absorver a comida, da energização, da percepção do espaço, do entorno, do outro, do eu mesmo. B	
3 – Ce. - Eu acho que o que me marcou mais foi essa <u>questão do trabalho do coletivo mesmo</u> , como fazer isso aí, em viabilizar esse... <u>Como costurar esse coletivo</u> , como <u>fazer o negócio</u>	(1ª ideia) O que marcou foi essa questão do trabalho do coletivo mesmo, como costurar esse coletivo, como fazer o	

<u>funcionar</u>, como <u>fazer rodar</u>, assim, foi o que mais marcou a atenção, me chamou a atenção.	negócio funcionar, como fazer rodar. C	
4 – D. - Como momentos mais marcantes, é um pouco difícil pra mim responder, porque <u>eu me sinto intensamente marcada por vários</u>. Me desperta muito a memória mesmo, <u>a produção dos mosaicos com os restos de azulejos reutilizados</u>, porque como eu disse já, isso tem muito a ver com a minha área de atuação profissional, é que eu estou fazendo graduação em artes visuais. Então, isso diz muito respeito ao que eu quero fazer como prática na minha área profissional. Isso me mostrou que <u>é possível/ sim, fazer esse elo entre artes e práticas sustentáveis pro nosso planeta</u>, e, enfim, enquanto a gente fazia esses mosaicos, a gente conversava bastante e se divertia, ria, dividia as funções, uma pessoa quebra os azulejos, outra pessoa cola os azulejos brancos, outra pessoa cola os azulejos dourados, outra pessoa planeja o desenho, e a gente desenhava juntos e mudava juntos, e colava juntos, e se conhecia, contava nossas histórias pessoais, e isso foi muito, muito dinâmico, muito, é... E isso <u>me faz ver, realmente, o potencial que tem essas atividades artísticas em grupo</u>. E isso <u>me traz uma felicidade muito grande</u>, foi algo bem marcante pra mim. Outro momento marcante, acho que foram <u>algumas refeições nossas durante as vivências</u>, porque, pra mim, foi muito incrível <u>ter o contato com uma alimentação vegana</u>, que não que eu nunca tivesse tido esse contato, mas é <u>uma alimentação vegana muito diversificada e com sabores muito diferentes</u>, e que foi <u>feita por várias pessoas diferentes</u>, então, isso também foi muito especial pra mim, <u>tanto o momento de cozinhar juntos, quanto de depois</u> de ter feito um grande esforço físico, seja na horta, seja, com a composteira, com os mosaicos, a gente <u>sentar juntos pra comer uma comida saudável, uma comida que faz com que a gente renove nossas energias para continuar trabalhando juntos</u>, e a gente também ter esse <u>momento de confraternização</u>. E vendo assim eu percebo que <u>os momentos que realmente me marcaram</u>, são os momentos em que a gente, não é? <u>O pessoal da vivência conseguiu ter esse momento de se conhecer, de fazer essas trocas humanas</u>, de saber de onde o outro veio, pra onde que o outro quer ir, o que o outro busca, e o que o outro tem em comum com você, no meio dessa vivência. Outro momento que me marcou bastante, foi uma das <u>noites musicais</u>. Acredito que na primeira das vivências que eu fui, a gente reuniu um pessoal na casa, no sábado à noite, e <u>reunimos alguns instrumentos</u>, violão, flauta e alguns outros que tinha na própria casa, <u>e a gente fez um som improvisado</u>, também foi incrível pra mim. Teve um momento que eu <u>me vi</u>	(1ª ideia) A produção dos mosaicos com os restos de azulejos reutilizados mostrando que é possível fazer esse elo entre artes e práticas sustentáveis pro nosso planeta. E também, faz ver o potencial que tem essas atividades artísticas em grupo trazendo uma felicidade muito grande. A (2ª ideia) Algumas refeições durante as vivências, por ter o contato com uma alimentação vegana muito diversificada e com sabores muito diferentes, feita por várias pessoas diferentes, sentar juntos pra comer uma comida saudável, que faz com que as energias se renovem para continuar trabalhando juntos, se tornando um momento de confraternização. B (3ª ideia) Os momentos realmente marcantes, são os em que o pessoal da vivência conseguiu ter esse momento de se conhecer, de fazer essas trocas humanas e se sente intensamente marcada por vários. C (4ª ideia) Uma das noites musicais, quando reunimos alguns instrumentos e a gente fez um som improvisado e se vi tocando flauta que era uma	

<u>tocando flautae era uma coisa que eu não fazia há muitos anos, e não importava se eu sabia ou não fazer aquilo direito</u> naquele momento, o que importava é que depois de um longo dia realmente de trabalho e esforço físico e muito aprendizado, e muita informação absorvida a gente podia <u>ter juntos esse momento de, sabe? Espairar, de descansar e realmente ter esse respiro</u>, não é? <u>Juntos</u> e ter um momento de <u>tranquilidade, contemplação musical, e contemplação da vida</u>. Como o último momento marcante, apesar que eu gostaria de citar vários outros, eu acho que os <u>momentos de meditação, durante a manhã, ficaram muito marcados para mim</u>. Talvez, não eles em si, mas <u>algumas conversas, entre eles</u>. Por exemplo, na casa, tinha, na sala, aquelas estantes, não é? Aquela... Era como se fosse uma biblioteca, não é? <u>Tinham duas estantes com vários livros e sobre vários temas</u>, não é? Arquitetura, eu lembro, esoterismo, espiritualidade, permacultura, bioconstrução, enfim, literatura, mesmo, brasileira, e eu lembro que um desses livros me chamou atenção, e um desses livros era sobre... Eu não sei exatamente sobre o que. Eram <u>livros sobre alguns textos meditativos</u>, digamos assim, e <u>eu li uma das páginas desse livro</u>, naquele momento, que a gente separou pra fazer a prática de meditação, na parte da manhã, e <u>o que eu li naquele livro ficou marcado em mim por muito tempo</u>, era do "Prabhat Rainjan Sarkar", não lembro se é assim que se fala, P.R Sarkar, acho que é isso, enfim, e eu, depois, procurei, esse texto de novo, na internet, quando eu cheguei em casa, e custei a achar, mas achei, e, sempre usei ele pra refletir na minha vida, e mandei pra vários amigos. Então, <u>sempre que eu leio esse texto de novo</u>, eu leio ele muitas vezes ainda, <u>eu me lembro de como foram as práticas de meditação na Kripa Madhu</u>, então, <u>não tem como falar que não é marcante isso</u>, realmente, <u>foi um marco assim, foi um momento de esclarecimento pro meu eu</u> e eu acho que eu sempre vou lembrar disso.	coisa que eu não fazia há muitos anos, e não importava se sabia ou não fazer aquilo direito, mas sim ter juntos esse momento espairar, de descansar e de respiro juntos e ter um momento de tranquilidade, contemplação musical e contemplação da vida. D (5ª ideia) Os momentos de meditação, durante a manhã, ficaram muito marcados e, principalmente, algumas conversas, entre eles também. Teve uma das páginas de um livro com textos meditativos que leu num desses momentos, e que ficou marcado nela por muito tempo, fazendo com que sempre que lesse esse texto de novo, lembrasse de como foram as práticas de meditação na Kripa Madhu, sendo um momento de esclarecimento pro seu eu. D	
5 – L. - Teve um momento que foi, <u>no final da primeira vivência</u>, que foi realmente um momento muito emocionante, não é? Porque a gente tinha criado um laço muito grande, ali com todo mundo, e no final da primeira vivência, eu tive que ir embora um pouquinho mais cedo, porque eu ia pegar uma carona pra rodoviária lá de Campinas, e <u>teve um momento que todo mundo se abraçou</u> e foi... Ali você viu, não é? O quão próximo a gente ficou e o quão próximo aquela experiência tinha sido pra todo mundo, não é? O quão forte aquela experiência tinha sido, e foi muito legal esse momento, não é? (...) Mas, assim, foi realmente, um momento muito, muito especial pra mim. Ah, teve <u>um outro momento</u> também que com o S. fazendo forno de pizza,	(1ª ideia) No final da primeira vivência, teve um momento de despedida que todo mundo se abraçou. C (2ª ideia) Quando sentiu que sabia fazer o forno de pizza e ficou muito contente. A	

realmente, <u>senti que sabia fazer o forno de pizza, então, eu fiquei muito contente</u>, sabe? Senti que aprendi a fazer um forno de pizza (...) enfim, ah, foi demais, realmente experiência única e eu fico muito, muito contente de ter participado, mas <u>a despedida</u>, assim, eu colocaria como um momento mais marcante pra mim, <u>as refeições</u>, também, <u>sempre eram muito legais</u>, não é? Todo mundo junto. Ah, muito bom. Teve uma dia, acho que foi a I. que fez <u>um sorvete de banana com cacau que estava espetacular, e a gente estava morto de cansado, lá fora trabalhando, e do nada pareceu um sorvete delicioso</u>, e isso foi demais também. Ah, tiveram muitos momentos inesquecíveis... Ah, não sei numerar um assim, foram vários, foram muitos.	(3ª ideia) As refeições sempre eram muito legais. B (4ª ideia) Quando apareceu um sorvete do nada, delicioso de banana com cacau que estava espetacular, e a gente estava morto de cansado, lá fora trabalhando. A	
6 – Lc. – Foi uma experiência onde <u>o trabalho, diversão, relação com as pessoas, tudo parecia se misturar e estar junto, e acontecia tudo o tempo todo ali, e isso eu achei sensacional</u>.	(1ª ideia) Achou sensacional como acontecia tudo o tempo todo ali, tudo parecia se misturar e estar junto, o trabalho, diversão, relação com as pessoas. A	
7 – Lz. – Bom, teve vários momentos muito gostosos, já falei uma vez, mas eu vou falar de novo, que <u>a comida era muito boa</u>. Foram tantos momentos gostosos, acho que um dia que eu posso destacar, que pra mim foi talvez o mais marcante, foi <u>quando a gente estava fazendo o reboco ali na parte interna da casinha</u>, tomando o máximo de cuidado pra <u>deixar uma coisa bonita, e deixando as energias</u> e não sei. Foi um momento de, muito gostoso assim, estava exausta já, mas foi muito bom assim, foi um momento de bastante contato comigo mesma, acho que tava cada um meio que na sua, fazendo o seu negócio ali, não sei explicar muito bem. Realmente foi um momento bem gostoso, eu sempre lembro desse dia com muito carinho, e <u>sempre fui muito ligada nessa questão, assim, de energia, de ter essa troca, na minha família</u> também, sempre teve muito, e pra mim foi muito... Não sei, <u>foi um momento muito tocante, de muita paz</u>, e depois disso não sei, fiquei vários dias super bem, e <u>foi uma delícia, foi um momento muito gostoso</u>.	(1ª ideia) A comida era muito boa. B (2ª ideia) Quando estava fazendo o reboco na parte interna da casinha, tomando o máximo de cuidado pra deixar uma coisa bonita, e deixando as energias, sendo um momento muito tocante, de muita paz, foi uma delícia, um momento muito gostoso. A	
8 – M. – <u>Além do repertório de técnicas compartilhadas, e do objetivo estar bem conectado ao objetivo do que foi buscar, ainda teve</u> uma cereja no bolo, que é <u>como o grupo se organiza, em termos de metodologia, pra compartilhar essas oficinas</u>. Então, tivemos um café da manhã artesanal, e bem voltado pra alimentação saudável, tivemos uma vivência de yoga, ouvimos boas músicas, fizemos novas amizades, a forma como foi conduzida a metodologia e a didática foi muito boa. Eu acho que um fator fundante pra que a gente pudesse ter os nossos canais de percepção abertos.	(1ª ideia) Além do repertório de técnicas compartilhadas, ainda teve a forma como o grupo se organiza, em termos de metodologia, pra compartilhar essas oficinas, somando ao alternativo da arquitetura, o alternativo da didática, e eu acho que esses dois juntos casaram muito bem. C	

<u>Somado ao alternativo da arquitetura estava o alternativo da didática</u>, e eu acho que <u>esses dois juntos casaram muito bem</u>.		
9 – M.E. – Puxa, é difícil, hein! Mas porque foram tantos momentos agradáveis. Ah, mas tem sim. Lembrei! De <u>um momento que foi uma finalização de uma vivência</u>, num determinado dia, que a vivência foi feita, logicamente, no quintal, várias atividades, cada um fazendo alguma coisa. E aí, nós <u>fizemos uma fogueira, cada um falou alguma coisa, cada um deu, assim, a sua impressão</u>, e aquilo pra mim foi muito marcante. Eu não posso me esquecer <u>do momento que eu cheguei na casa e tinha uma pessoa</u> estranha que não me conhecia que <u>me perguntou: "o que você quer?"</u> – Ah, <u>eu vim aqui, não é? Participar.</u>", e depois que ela <u>veio saber</u> que eu já era assim, <u>frequentadora da casa</u>. Então, esse <u>momento foi muito gostoso, de reflexão, de finalização do trabalho, todos nós ali reunidos, numa grande roda no meio, uma fogueira</u>, foi assim realmente... Esse foi uns dos momentos mais marcantes.	(1ª ideia) Foi um momento de finalização de uma vivência, fizemos uma fogueira, todos ali reunidos, numa grande roda e cada um deu a sua impressão, um momento muito gostoso, de reflexão. D (2ª ideia) O momento em que chegou na casa para participar da vivência e tinha uma pessoa que perguntou o que ela queria e depois veio saber ela já era uma frequentadora da casa. A	
10 – P. – É difícil escolher um momento, assim, mas quando eu pensei nessa pergunta, assim, eu tentei recorrer a memória, e um dos momentos, assim, que me vem junto até com emoção, boa até, foi <u>uma das noites que a gente fez uma roda de meditação</u>, não é? <u>Depois a gente fez um som</u>, e <u>depois ficamos conversando</u>, tinha troca de... <u>Da comida que a gente estava fazendo também</u>, foi um momento que eu me <u>senti muito</u>, diria <u>acolhido</u>, mano, muito... Uma sensação de <u>muito à vontade</u>, muito bom, e <u>bem leve</u>, assim, talvez, acho que esse é um ponto interessante a se ressaltar, assim, é o que veio na minha memória.	(1ª ideia) Foi uma das noites que teve uma roda de meditação, depois, um som, e depois ficaram conversando, a comida que estava fazendo também, se sentiu muito acolhido, muito à vontade e bem leve. D	
11 – R. – Eu acho que uns dos momentos mais marcantes da vivência pra mim, foi <u>um momento que estávamos todos, na sala, tocando os instrumentos assim, e cantando umas músicas e foi logo depois do almoço</u>, então, todo mundo se reuniu, agradeceu todo o alimento, sentou, comeu junto, depois <u>fez uma confraternização junto</u>, e isso foi muito legal porque <u>eram pessoas que não se conheciam</u>, a vivência durou só dois dias, mas foi muito intenso, assim, porque você via a verdade no olho daquelas pessoas, sabe? Que todo mundo estava ali com muita sinceridade, e com realmente muito amor, assim, pelas ações, muito amor pela Ecocasa e por tudo que era construído ali.	(1ª ideia) O momento que estavam todos, na sala, tocando os instrumentos e cantando umas músicas logo depois do almoço, achou muito legal porque todos fizeram uma confraternização junto, mesmo sendo pessoas que não se conheciam antes. D	
12 – Rb. – Ah, de começo <u>foi uma experiência inesquecível, tipo, estar no curso com a galera vegano</u>, não é, meu? Eu <u>sou quase um ex-carnívoro</u>, não é, meu? Então, tipo, <u>marcou bastante isso pra mim, descobri o que é o tal de tahine</u>, que é uma coisa da hora, e pô! Isso muda a cabeça de qualquer pessoa, não é, meu? Tipo	(1ª ideia) Foi uma experiência inesquecível, marcou bastante, estar no curso com pessoas veganas, e descobrir o que é o tahine. B	

é um entendimento que é pro resto da vida, não é, meu? <u>Uma experiência única</u>. E também <u>saber que tipo você pode reaproveitar barro, bambu</u>, e hoje eu <u>sei que, tipo, a madeira do futuro</u>, meu... Que a desmatção está geral, não é, meu? Logo, logo, não vamos ter madeira pra nada, não é? Descobri que o bambu vai ser a madeira do futuro, não é? E <u>com o bambu a gente pode fazer muita coisa</u>, não é? Então... Pô! É muito doido mano, isso aí vai marcar pra minha vida sempre isso, e sempre que eu puder, eu quero estar junto, presente nessas histórias aí, da arte, envolvido com a bioconstrução, bioarquitetura, bioescultura, é nós, pô!	(2ª ideia) Foi uma experiência única saber que se pode reaproveitar barro e bambu é a madeira do futuro. A	
13 – Rd. - O momento que eu achei mais legal da vivência é, eu vou repetir, que <u>foi conviver com as pessoas mesmo</u>, sabe? Que foi legal, <u>eu fiz amizades lá</u>, eu <u>passei a morar com o L.</u>, por exemplo. O L. <u>foi uma pessoa que eu conheci lá</u> na vivência, e hoje a gente mora junto, e a gente, tipo, melhores amigos, entendeu? E eu acho que a energia lá facilita tudo acontecer, sabe? A gente conviver ali, você acorda de manhã, na maior felicidade, as refeições também eu queria destacar, porque era muito legal, todo mundo comer juntos, sabe? <u>Nada combinado assim, as tarefas</u>, o pessoal já estava <u>lavando louça</u>, outro pessoal já estava <u>passando um pano na cozinha</u>, outro pessoal <u>cozinhando</u>, então é muito legal, é tipo <u>todo mundo contribuindo um pouco pra tudo</u>, e é isso. <u>Querida destacar</u> bem a vivência mesmo, o contato com <u>as pessoas nessa energia</u>.	(1ª ideia) Foi conviver com as pessoas mesmo, fez amizades, passou a morar com um amigo que conheceu lá na vivência e destacou as pessoas nessa energia, nada combinado as tarefas, um lavando louça, outro passando um pano na cozinha, outro cozinhando, todo mundo contribuindo um pouco pra tudo. C	

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO 2 – IAD2

IAD2

A – Momentos de aprendizado, descobertas, conflitos, transformação, diversão, cuidado com o outro, paz, euforia, marcantes e inesquecíveis.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
1 – A. - Sobre momentos marcantes na casa, uma coisa que eu ficava muito impressionada era a velocidade com que as coisas acontecia. Por exemplo, uma semana eu escutei que ia fazer um quatinho, na outra semana, eu chego, o quatinho está em pé. A casa se transformava sempre, sempre muito rápido, assim, tinha uma dinâmica de transformação muito rápida, assim, das coisas materiais. A horta, o laguinho, acho que um ano aconteceu... O quanto transformou a casa, assim, pra mim isso é muito marcante, assim, a possibilidade de você transformar um espaço num tempo tão curto e com a ajuda de tantas mãos. E, ao mesmo tempo, apesar de todos conflitos, que	Ah, tiveram muitos momentos inesquecíveis... Não sei numerar um assim, foram vários, foram muitos. É um pouco difícil pra mim responder, porque eu me sinto intensamente marcada por vários. Foi uma experiência onde o trabalho, diversão, relação com as pessoas, tudo parecia se misturar e estar junto, e acontecia tudo o tempo todo ali, e isso eu achei sensacional. Uma coisa que eu ficava muito impressionada era a velocidade com que as coisas aconteciam. Por exemplo, uma semana eu escutei que ia fazer um quatinho, na outra semana, eu chego, o quatinho está em pé. A casa se transformava sempre,

rolaram, assim, apesar dessa velocidade, assim, com que as coisas se transformava, acho que a casa conseguiu, assim, independente de todos os conflitos, ela conseguiu manter um ar... Um ar pacífico, assim, a casa ainda era um espaço que me desacelerava.

4 – D. - Como momentos mais marcantes, é um pouco difícil pra mim responder, porque eu me sinto intensamente marcada por vários. Me desperta muito a memória mesmo, a produção dos mosaicos com os restos de azulejos reutilizados, porque como eu disse já, isso tem muito a ver com a minha área de atuação profissional, é que eu estou fazendo graduação em artes visuais. Então, isso diz muito respeito ao que eu quero fazer como prática na minha área profissional. Isso me mostrou que é possível sim, fazer esse elo entre artes e práticas sustentáveis pro nosso planeta, e, enfim, enquanto a gente fazia esses mosaicos, a gente conversava bastante e se divertia, ria, dividia as funções, uma pessoa quebra os azulejos, outra pessoa cola os azulejos brancos, outra pessoa cola os azulejos dourados, outra pessoa planeja o desenho, e a gente desenhava juntos e mudava juntos, e colava juntos, e se conhecia, contava nossas histórias pessoais, e isso foi muito, muito dinâmico, muito, é... E isso me faz ver, realmente, o potencial que tem essas atividades artísticas em grupo. E isso me traz uma felicidade muito grande, foi algo bem marcante pra mim.

5 – L. - Ah, teve um outro momento também que com o S. fazendo forno de pizza, realmente, senti que sabia fazer o forno de pizza, então, eu fiquei muito contente, sabe? Senti que aprendi a fazer um forno de pizza (...) enfim, ah, foi demais, realmente experiência única e eu fico muito, muito contente de ter participado, (...) Teve uma dia, acho que foi a I. que fez um sorvete de banana com cacau que estava espetacular, e a gente estava morto de cansado, lá fora trabalhando, e do nada pareceu um sorvete delicioso, e isso foi demais também. Ah, tiveram muitos momentos inesquecíveis... Ah, não sei numerar um assim, foram vários, foram muitos.

6 – Lc. – Foi uma experiência onde o trabalho, diversão, relação com as pessoas, tudo parecia se misturar e estar junto, e acontecia tudo o tempo todo ali, e isso eu achei sensacional.

7 – Lz. – Foram tantos momentos gostosos, acho que um dia que eu posso destacar, que pra mim foi talvez o mais marcante, foi quando a gente estava fazendo o reboco ali na parte interna da casinha, tomando o máximo de cuidado pra deixar uma coisa bonita, e deixando as energias e não sei. Foi um momento de, muito gostoso, assim, estava exausta já, mas foi muito bom assim, foi um momento de bastante contato comigo mesma, acho que estava cada um meio que na sua, fazendo o seu negócio ali, não sei explicar muito bem. Realmente foi um momento bem gostoso, eu

sempre muito rápido, assim, tinha uma dinâmica de transformação muito rápida, assim, das coisas materiais, a horta, o laguinho. O quanto transformou a casa em um ano, assim, pra mim isso é muito marcante, assim, a possibilidade de você transformar um espaço num tempo tão curto e com a ajuda de tantas mãos. E, ao mesmo tempo, apesar dessa velocidade com que as coisas se transformavam, independente de todos os conflitos, a casa conseguiu manter um ar pacífico, assim, a casa ainda era um espaço que me desacelerava.

Acho que um dia que eu posso destacar, que pra mim foi talvez o mais marcante, foi quando a gente estava fazendo o reboco ali na parte interna da casinha, tomando o máximo de cuidado pra deixar uma coisa bonita, deixando as energias e não sei. Estava exausta já, mas foi muito bom, foi um momento de bastante contato comigo mesma, acho que estava cada um meio que na sua, fazendo o seu negócio ali, não sei explicar muito bem. Eu sempre me lembro desse dia com muito carinho, sempre fui muito ligada nessa questão, assim, de energia, de ter essa troca, na minha família também, sempre teve muito, e pra mim foi um momento muito tocante, de muita paz, e depois disso não sei, fiquei vários dias super bem. Foi uma delícia, foi um momento muito gostoso.

Me desperta muito a memória também, a produção dos mosaicos com os restos de azulejos reutilizados, porque como eu disse já, isso diz respeito ao que eu quero fazer como prática na minha área profissional, e mostrou que é possível fazer esse elo entre artes e práticas sustentáveis pro nosso planeta, e enquanto a gente fazia esses mosaicos, conversava bastante e se divertia, ria, dividia as funções, uma pessoa quebra os azulejos, outra pessoa cola os azulejos brancos, outra pessoa cola os azulejos dourados, outra pessoa planeja o desenho, e a gente desenhava juntos e mudava juntos, e colava juntos, e se conhecia, contava nossas histórias pessoais, e isso foi muito dinâmico, me faz ver, realmente, o potencial que tem essas atividades artísticas em grupo. E isso me traz uma felicidade muito grande, foi algo bem marcante pra mim.

Eu não posso me esquecer do momento que eu cheguei na casa e tinha uma pessoa estranha que não me conhecia que me perguntou: "o que você quer?" – Ah, eu vim aqui, não é? Participar.", e depois que ela veio saber que eu já era assim, frequentadora da casa.

Teve um dia, que aprendi a fazer o forno de pizza, senti que sabia e fiquei muito contente, sabe? E que também, alguém fez um sorvete de banana com cacau que estava espetacular, e a gente estava morto de cansado, lá fora trabalhando, e do nada pareceu um sorvete delicioso. Isso foi demais, realmente, uma experiência única e eu

<i>sempre lembro desse dia com muito carinho, e sempre fui muito ligada nessa questão, assim, de energia, de ter essa troca, na minha família também, sempre teve muito, e pra mim foi muito... Não sei, foi um momento muito tocante, de muita paz, e depois disso não sei, fiquei vários dias super bem, e foi uma delícia, foi um momento muito gostoso.</i> <i>9 – M.E – Eu não posso me esquecer do momento que eu cheguei na casa e tinha uma pessoa estranha que não me conhecia que me perguntou: "o que você quer?" – Ah, eu vim aqui, não é? Participar.", e depois que ela veio saber que eu já era assim, frequentadora da casa.</i> <i>12 – Rb. – Uma experiência única. E também saber que, tipo, você pode reaproveitar barro, bambu, e hoje eu sei que, tipo, a madeira do futuro, meu... Que a desmatção está geral, não é, meu? Logo, logo, não vamos ter madeira pra nada, não é? Descobri que o bambu vai ser a madeira do futuro, não é? E com o bambu a gente pode fazer muita coisa, não é? Então... Pô! É muito doido mano, isso aí vai marcar pra minha vida sempre isso, e sempre que eu puder, eu quero estar junto, presente nessas histórias aí, da arte, envolvido com a bioconstrução, bioarquitetura, bioescultura, é nós, pô!</i>	<i>fico muito, muito contente de ter participado. Também saber que, tipo, você pode reaproveitar barro e que com o bambu se pode fazer muita coisa, não é? Descobrir que o bambu vai ser a madeira do futuro, não é? Que a desmatção está geral, não é, meu? Logo, logo, não vamos ter madeira pra nada, não é? Então, é muito doido mano, isso aí vai marcar a minha vida, e sempre que eu puder, eu quero estar junto, presente nessas histórias aí, da arte, envolvido com a bioconstrução, bioarquitetura, bioescultura, é nós, pô!</i>

IAD2

B – Os momentos das refeições foram marcantes.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
<i>2 – C. - E aí fica muito marcado essa tentativa quando a gente senta pra comer, que é um ato tão bonito, não é? Tipo, Culturalmente falando, uma questão do preparo da comida, o respeito que você tem que ter com quem está preparando, com o alimento, com o ato de absorver a energia que ele tem. Então, foi esse momento da roda, da energização, da percepção do espaço, do entorno, do outro, do eu mesmo. Foi talvez, uns dos momentos que eu fico, até hoje, assim, revivendo na minha cabeça porque é algo que não é de costume, não é? Não vou parar, comer e ter esse... Aquele tipo de relação novamente, é mais difícil, então, foi a experiência, eu diria, eu voltei... Eu fui com o M. no segundo dia, e eu voltava com o M. e falava "caramba M., que legal, olha isso, você tem noção da diferença que faz ou que me fez?!" e eu fiquei falando disso muito tempo depois.</i> <i>4 – D. - Outro momento marcante, acho que foram algumas refeições nossas durante as vivências, porque, pra mim, foi muito incrível ter o contato com uma alimentação vegana, que não que eu nunca tivesse tido esse contato, mas é uma alimentação vegana muito diversificada e com sabores muito diferentes, e que foi feita por várias pessoas</i>	<i>Bom, teve vários momentos muito gostosos, mas as refeições foram uma experiência inesquecível, já falei uma vez, mas eu vou falar de novo, que a comida era muito boa. E tipo, estar no curso com a galera vegano, não é, meu? Então, tipo, marcou bastante isso pra mim. Descobri o que é o tal de tahine, que é uma coisa da hora, e pô! Isso muda a cabeça de qualquer pessoa, não é, meu? Tipo é um entendimento que é pro resto da vida, não é, meu? Não que eu nunca tivesse tido esse contato, mas é uma alimentação vegana muito diversificada e com sabores muito diferentes, e que foi feita por várias pessoas diferentes, então, isso também foi muito especial pra mim, tanto o momento de cozinhar juntos, quanto de depois de ter feito um grande esforço físico, seja na horta, com a composteira ou com os mosaicos, a gente sentar juntos pra comer uma comida saudável, uma comida que faz com que a gente renove nossas energias para continuar trabalhando juntos, e a gente também ter esse momento de confraternização, que é um ato tão bonito, não é? Tipo, Culturalmente falando, uma questão do preparo da comida, o respeito que você tem que ter com quem está preparando, com</i>

diferentes, então, isso também foi muito especial pra mim, tanto o momento de cozinhar juntos, quanto de depois de ter feito um grande esforço físico, seja na horta, seja, com a composteira, com os mosaicos, a gente sentar juntos pra comer uma comida saudável, uma comida que faz com que a gente renove nossas energias para continuar trabalhando juntos, e a gente também ter esse momento de confraternização. 5 – L. - As refeições, também, sempre eram muito legais, não é? Todo mundo junto. Ah, muito bom. 7 – Lz. – Bom, teve vários momentos muito gostosos, já falei uma vez, mas eu vou falar de novo, que a comida era muito boa. 12 – Rb. – Ah, de começo foi uma experiência inesquecível, tipo, estar no curso com a galera vegano, não é, meu? Eu sou quase um ex-carnívoro, não é, meu? Então, tipo, marcou bastante isso pra mim, descobri o que é o tal de tahine, que é uma coisa da hora, e pô! Isso muda a cabeça de qualquer pessoa, não é, meu? Tipo é um entendimento que é pro resto da vida, não é, meu?	o alimento, com o ato de absorver a energia que ele tem. Então, foi esse momento da roda, da energização, da percepção do espaço, do entorno, do outro, do eu mesmo. Foi talvez, uns dos momentos que eu fico, até hoje, assim, revivendo na minha cabeça porque é algo que não é de costume, não é? Não vou parar, comer e ter aquele tipo de relação novamente, é mais difícil, mas me fez muita diferença e eu fiquei falando disso muito tempo depois.

IAD2

C – Os momentos de trocas humanas, de se conhecer, de trabalhos coletivos, de convivência com as pessoas foram muito marcantes.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
3 – Ce. - Eu acho que o que me marcou mais foi essa questão do trabalho do coletivo mesmo, como fazer isso aí, em viabilizar esse... Como costurar esse coletivo, como fazer o negócio funcionar, como fazer rodar, assim, foi o que mais marcou a atenção, me chamou a atenção. 4 – D. - E vendo assim, eu percebo que os momentos que realmente me marcaram, são os momentos em que a gente, não é? O pessoal da vivência conseguiu ter esse momento de se conhecer, de fazer essas trocas humanas, de saber de onde o outro veio, pra onde que o outro quer ir, o que o outro busca, e o que o outro tem em comum com você, no meio dessa vivência. 5 – L. - Teve um momento que foi, no final da primeira vivência, que foi realmente um momento muito emocionante, não é? Porque a gente tinha criado um laço muito grande, ali com todo mundo, e no final da primeira vivência, eu tive que ir embora um pouquinho mais cedo, porque eu ia pegar uma carona pra rodoviária lá de Campinas, e teve um momento que todo mundo se abraçou e foi... Ali você viu, não é? O quão próximo a gente ficou e o quão próximo aquela experiência tinha sido pra todo mundo, não é? O quão forte aquela experiência tinha sido, e foi muito legal esse momento, não é? (...) Mas, assim, foi realmente, um momento muito, muito especial pra mim. (...)	Os momentos que realmente me marcaram, são os que o pessoal da vivência conseguiu ter esse momento de se conhecer, de fazer essas trocas humanas, de saber de onde o outro veio, pra onde que o outro quer ir, o que o outro busca, e o que o outro tem em comum com você, no meio dessa vivência. Foi conviver com as pessoas mesmo, sabe? O contato com as pessoas nessa energia que facilita tudo acontecer. A gente conviver ali, você acorda de manhã, na maior felicidade, as refeições também eu queria destacar, porque era muito legal, todo mundo comer juntos, sabe? O café da manhã artesanal, e bem voltado pra alimentação saudável, tivemos uma vivência de yoga, ouvimos boas músicas, fizemos novas amizades. O L. foi uma pessoa que eu conheci lá na vivência, e hoje a gente mora junto, e a gente, tipo, melhores amigos, entendeu? A forma como foi conduzida a metodologia e a didática foi muito boa. Um fator fundante pra que a gente pudesse ter os nossos canais de percepção abertos. Não era nada combinado assim, as tarefas, o pessoal já estava lavando louça, outro pessoal já estava passando um pano na cozinha, outro pessoal cozinhando, então é muito legal, é tipo todo mundo contribuindo um pouco pra tudo. Então, além do repertório de técnicas compartilhadas, e do objetivo estar bem

mas a despedida, assim, eu colocaria como um momento mais marcante pra mim, 8 – M. – Além do repertório de técnicas compartilhadas, e do objetivo estar bem conectado ao objetivo do que fui buscar, ainda teve uma cereja no bolo, que é como o grupo se organiza, em termos de metodologia, pra compartilhar essas oficinas. Então, tivemos um café da manhã artesanal, e bem voltado pra alimentação saudável, tivemos uma vivência de yoga, ouvimos boas músicas, fizemos novas amizades, a forma como foi conduzida a metodologia e a didática foi muito boa. Eu acho que um fator fundante pra que a gente pudesse ter os nossos canais de percepção abertos. Somado ao alternativo da arquitetura estava o alternativo da didática, e eu acho que esses dois juntos casaram muito bem. 13 – Rd. - O momento que eu achei mais legal da vivência é, eu vou repetir, que foi conviver com as pessoas mesmo, sabe? Que foi legal, eu fiz amizades lá, eu passei a morar com o L., por exemplo. O L. foi uma pessoa que eu conheci lá na vivência, e hoje a gente mora junto, e a gente, tipo, melhores amigos, entendeu? E eu acho que a energia lá facilita tudo acontecer, sabe? A gente conviver ali, você acorda de manhã, na maior felicidade, as refeições também eu queria destacar, porque era muito legal, todo mundo comer juntos, sabe? Nada combinado assim, as tarefas, o pessoal já estava lavando louça, outro pessoal já estava passando um pano na cozinha, outro pessoal cozinhando, então é muito legal, é tipo todo mundo contribuindo um pouco pra tudo, e é isso. Queria destacar bem a vivência mesmo, o contato com as pessoas nessa energia.	conectado ao objetivo do que fui buscar, ainda teve a forma como o grupo se organizou, em termos de metodologia, pra compartilhar essas oficinas, o trabalho do coletivo mesmo, como costurar esse coletivo, como fazer o negócio funcionar, fazer rodar. Desta forma, somado ao alternativo da arquitetura estava o alternativo da didática, e eu acho que esses dois juntos casaram muito bem. Ainda teve uma cereja no bolo, um momento de despedida, no final da vivência, que foi realmente um momento muito emocionante, não é? Porque a gente tinha criado um laço muito grande, ali com todo mundo, e no final da primeira vivência, eu tive que ir embora um pouquinho mais cedo, porque eu ia pegar uma carona pra rodoviária lá de Campinas, e teve um momento que todo mundo se abraçou e viu o quão próximo a gente ficou e o quão forte aquela experiência tinha sido pra todo mundo, e foi muito legal esse momento, não é? Foi realmente, um momento muito, muito especial pra mim.

IAD2

D – Momentos de reflexão, finalização de trabalho, confraternização.

EXPRESSÕES-CHAVE	DSC
4 – D. - Outro momento que me marcou bastante, foi uma das noites musicais. Acredito que na primeira das vivências que eu fui, a gente reuniu um pessoal na casa, no sábado à noite, e reunimos alguns instrumentos, violão, flauta e alguns outros que tinha na própria casa, e a gente fez um som improvisado, também foi incrível pra mim. Teve um momento que eu me vi tocando flauta e era uma coisa que eu não fazia há muitos anos, e não importava se eu sabia ou não fazer aquilo direito naquele momento, o que importava é que depois de um longo dia realmente de trabalho e esforço físico e muito aprendizado, e muita informação absorvida a gente podia ter juntos esse momento de, sabe? Espairar, de descansar e realmente ter esse respiro, não é? Juntos e ter um momento de tranquilidade, contemplação musical, e	É difícil escolher um momento, assim, porque foram tantos momentos agradáveis. Ah, mas tem sim. Lembrei! Uma das noites musicais. A gente reuniu um pessoal na casa, no sábado à noite, e alguns instrumentos, violão, flauta e alguns outros que tinha na própria casa, e a gente fez um som improvisado, também foi incrível pra mim. Teve um momento que eu me vi tocando flauta e era uma coisa que eu não fazia há muitos anos, e não importava se eu sabia ou não fazer aquilo direito naquele momento, o que importava é que depois de um longo dia realmente de trabalho e esforço físico e muito aprendizado, e muita informação absorvida a gente podia ter juntos esse momento de, sabe? Espairar, de descansar e realmente ter esse respiro, não é? Juntos e ter um momento

contemplação da vida. Como o último momento marcante, apesar que eu gostaria de citar vários outros, eu acho que os momentos de meditação, durante a manhã, ficaram muito marcados para mim. Talvez, não eles em si, mas algumas conversas, entre eles. Por exemplo, na casa, tinha, na sala, aquelas estantes, não é? Aquela... Era como se fosse uma biblioteca, não é? Tinham duas estantes com vários livros e sobre vários temas, não é? Arquitetura, eu lembro, esoterismo, espiritualidade, permacultura, bioconstrução, enfim, literatura, mesmo, brasileira, e eu lembro que um desses livros me chamou atenção, e um desses livros era sobre... Eu não sei exatamente sobre o que. Eram livros sobre alguns textos meditativos, digamos assim, e eu li uma das páginas desse livro, naquele momento, que a gente separou pra fazer a prática de meditação, na parte da manhã, e o que eu li naquele livro ficou marcado em mim por muito tempo, era do "Prabhat Rainjan Sarkar", não lembro se é assim que se fala, P.R Sarkar, acho que é isso, enfim, e eu, depois, procurei, esse texto de novo, na internet, quando eu cheguei em casa, e custei a achar, mas achei, e, sempre usei ele pra refletir na minha vida, e mandei pra vários amigos. Então, sempre que eu leio esse texto de novo, eu leio ele muitas vezes ainda, eu me lembro de como foram as práticas meditação na Kripa Madhu, então, não tem como falar que não é marcante isso, realmente, foi um marco assim, foi um momento de esclarecimento pro meu eu e eu acho que eu sempre vou lembrar disso.

9 – M.E – Puxa, é difícil, hein! Mas porque foram tantos momentos agradáveis. Ah, mas tem sim. Lembrei! De um momento que foi uma finalização de uma vivência, num determinado dia, que a vivência foi feita, logicamente, no quintal, várias atividades, cada um fazendo alguma coisa. E aí, nós fizemos uma fogueira, cada um falou alguma coisa, cada um deu, assim, a sua impressão, e aquilo pra mim foi muito marcante. (...) Então, esse momento foi muito gostoso, de reflexão, de finalização do trabalho, todos nós ali reunidos, numa grande roda no meio, uma fogueira, foi assim realmente... Esse foi uns dos momentos mais marcantes.

10 – P. – É difícil escolher um momento, assim, mas quando eu pensei nessa pergunta, assim, eu tentei recorrer a memória, e um dos momentos, assim, que me vem junto até com emoção, boa até, foi uma das noites que a gente fez uma roda de meditação, não é? Depois a gente fez um som, e depois ficamos conversando, tinha troca de... Da comida que a gente estava fazendo também, foi um momento que eu me senti muito, diria acolhido, mano, muito... Uma sensação de muito à vontade, muito bom, e bem leve, assim, talvez, acho que esse é um ponto interessante a se ressaltar, assim, é o que veio na minha memória.

11 – R. – Eu acho que uns dos momentos mais

de tranquilidade, contemplação musical, e contemplação da vida.

E teve um momento, que me vem junto até com emoção, foi uma outra noite que a gente fez uma roda de meditação, não é? Depois a gente fez um som também e ficamos conversando. A comida que a gente estava fazendo também, foi um momento que eu me senti muito, diria acolhido, mano. Uma sensação de muito à vontade, muito bom, e bem leve, assim, talvez, acho que esse é um ponto interessante a se ressaltar. Os momentos de meditação, durante a manhã, também, ficaram muito marcados para mim. Talvez, não eles em si, mas algumas conversas, entre eles. Por exemplo, na sala, tinham duas estantes com vários livros e sobre vários temas, não é? E eu lembro que um desses livros me chamou atenção, era sobre alguns textos meditativos, digamos assim, e eu li uma das páginas desse livro, naquele momento, que a gente separou pra fazer a prática de meditação, na parte da manhã, e o que eu li naquele livro ficou marcado em mim por muito tempo, depois, procurei, esse texto de novo, na internet, quando eu cheguei em casa, e custei a achar, mas achei, e, sempre usei ele pra refletir na minha vida, e mandei pra vários amigos. Então, sempre que eu leio esse texto de novo, eu leio ele muitas vezes ainda, eu me lembro de como foram as práticas de meditação na Kripa Madhu, então, não tem como falar que não é marcante isso, realmente, foi um marco assim, foi um momento de esclarecimento pro meu eu e eu acho que eu sempre vou lembrar disso.

Um momento marcante, muito gostoso, de reflexão, também, foi uma finalização de uma vivência, num determinado dia, que a vivência foi feita, logicamente, no quintal, várias atividades, cada um fazendo alguma coisa. E aí, nós fizemos uma fogueira, cada um falou alguma coisa, cada um deu, assim, a sua impressão, e aquilo pra mim foi muito marcante, a finalização do trabalho, todos nós ali reunidos, numa grande roda no meio, uma fogueira, foi assim, realmente, um dos momentos mais marcantes.

Como o último momento marcante, apesar que eu gostaria de citar vários outros, foi um momento que estávamos todos, na sala, tocando os instrumentos assim, e cantando umas músicas, mas foi logo depois do almoço, então, todo mundo se reuniu, agradeceu todo o alimento, sentou, comeu junto, depois fez uma confraternização junto, e isso foi muito legal porque eram pessoas que não se conheciam, a vivência durou só dois dias, mas foi muito intenso, assim, porque você via a verdade no olho daquelas pessoas, sabe? Que todo mundo estava ali com muita sinceridade, e com realmente muito amor, assim, pelas ações, muito amor pela Ecocasa e por tudo que era construído ali.

<i>marcantes da vivência pra mim, foi um momento que estávamos todos, na sala, tocando os instrumentos assim, e cantando umas músicas e foi logo depois do almoço, então, todo mundo se reuniu, agradeceu todo o alimento, sentou, comeu junto, depois fez uma confraternização junto, e isso foi muito legal porque eram pessoas que não se conheciam, a vivência durou só dois dias, mas foi muito intenso, assim, porque você via a verdade no olho daquelas pessoas, sabe? Que todo mundo estava ali com muita sinceridade, e com realmente muito amor, assim, pelas ações, muito amor pela Ecocasa e por tudo que era construído ali.</i>	

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O TCLE respeita as resoluções 466/2012 e 510/2016

NOME

DO

PARTICIPANTE:

DATA DE NASCIMENTO: __/__/____. IDADE: ____

DOCUMENTO DE IDENTIDADE: TIPO: _____ Nº _____ GÊNERO: M () F ()

ENDEREÇO:

BAIRRO: _____ CIDADE: _____ ESTADO: _____

CEP: _____ FONE: _____.

Eu,

declaro, para os devidos fins ter sido informado verbalmente e por escrito, de forma suficiente a respeito da pesquisa: Vivências de Bioconstrução: um caminho para a leitura da paisagem, que tem por objetivo pesquisar o estudo de caso de vivências de bioconstrução como uma metodologia para leitura da paisagem.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevista. A entrevista será gravada para posterior transcrição – que será guardado por dois (02) anos e será posteriormente eliminada.

Sr(a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Salientamos que suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome ou qualquer uma das empresas que seja mencionado, em qualquer fase do estudo.

Sr(a) receberá uma copia deste termo onde consta o contato/email do pesquisador responsável, e demais membros da equipe, podendo tirar as suas duvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

O projeto de pesquisa será conduzido por **Eliane Katayama Pricoli Amaro**, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, orientado pelo Prof(a). Dra. Norma Regina Truppel Constantino, pertencente ao quadro docente da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação/UNESP/Bauru. Estou ciente de que este material será utilizado para apresentação de: Dissertação de Mestrado observando os princípios éticos da pesquisa científica e seguindo procedimentos de sigilo e discricção. Fui esclarecido sobre os propósitos da pesquisa, os procedimentos que serão utilizados e riscos e a garantia do anonimato e

de esclarecimentos constantes, além de ter o meu direito assegurado de interromper a minha participação no momento que achar necessário.

Bauru, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura: _____

Orientadora/RG: 964478-4

Prof. (ª) Dra. Norma Regina Truppel Constantino

Endereço: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" – Campus Bauru. Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 – Vargem Limpa – Bauru/SP

Tel: 3103-6059

E-mail: nconst@faac.unesp.br

Assinatura: _____

Pesquisador Responsável/RG: 34.565.181-9

Nome: Eliane Katayama Pricoli Amaro

Endereço: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" – Campus Bauru. Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 – Vargem Limpa – Bauru/SP

Tel: (14) 3103-6059

E-mail: elianekatayama@gmail.com

Bem-Te-Vi

Só de ver já induz
Só de ouvir já reluz
Chega bem ligeiro!
Saltitante! Bem brejeiro

Bem da Vida
Bem da Cor
Bem da Luz
Bem do Amor

Bem que te quero
Bem por aqui
Bem amarelo
Bem-te-vi!

Canto que encanta!
Bem-te-vi!
Canto que acalma
Bem-te-vi!
Canto da alma,
Bem...
Te...
Vi.

EQUILÍBRIO MENTAL

“Existem três categorias de seres humanos. A primeira categoria compreende aqueles cujos pensamentos, palavras e atos são os mesmos - o que significa que, o que quer que pensem, eles falam, e o que quer que falem, eles fazem. Tais pessoas são pessoas classe A.

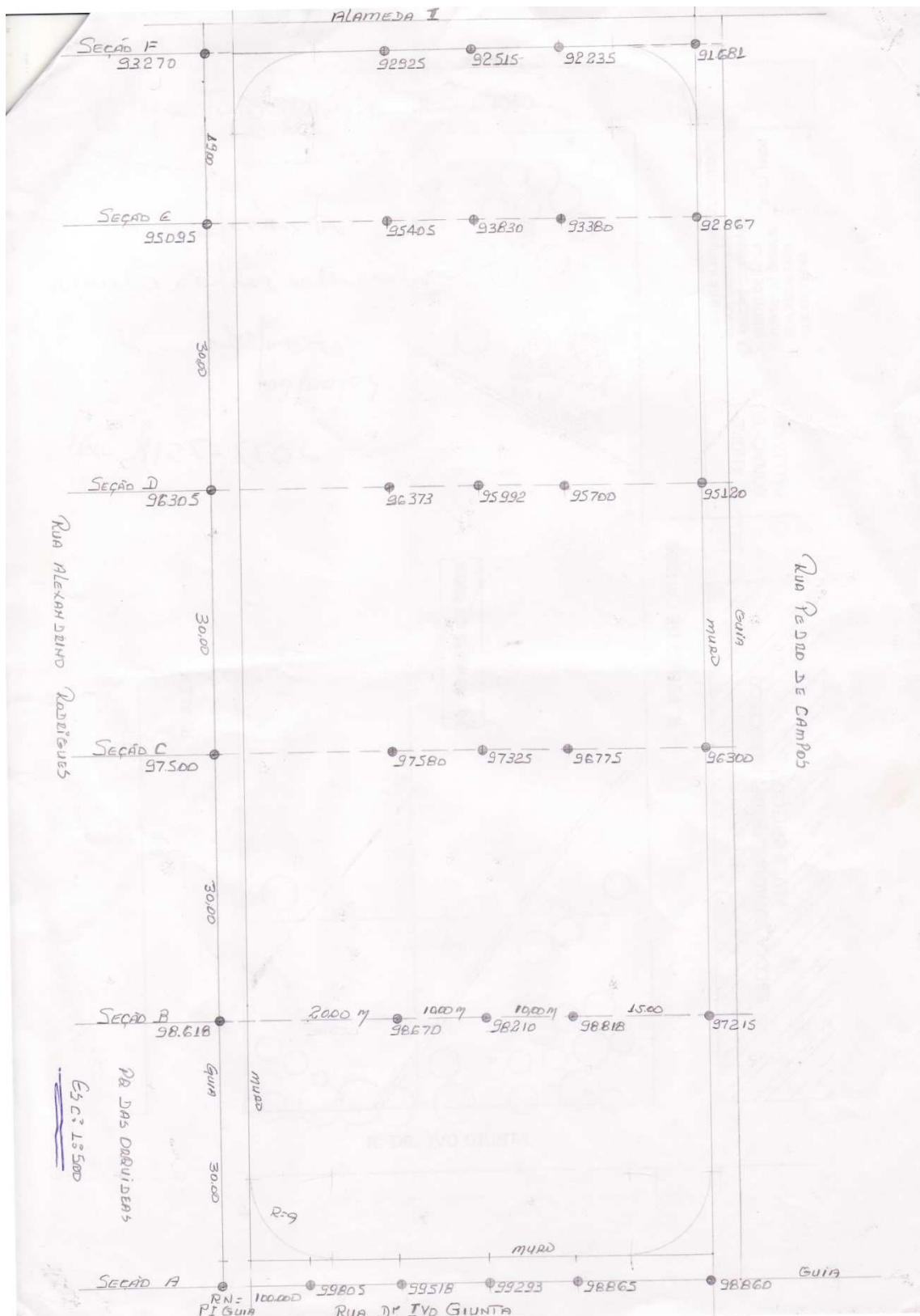
A segunda categoria compreende aqueles cujos pensamentos e palavras são diferentes, mas, seja o que falem, eles fazem - o que significa que eles pensam uma coisa e falam outra, mas fazem aquilo que falam. Tais pessoas são classe B.

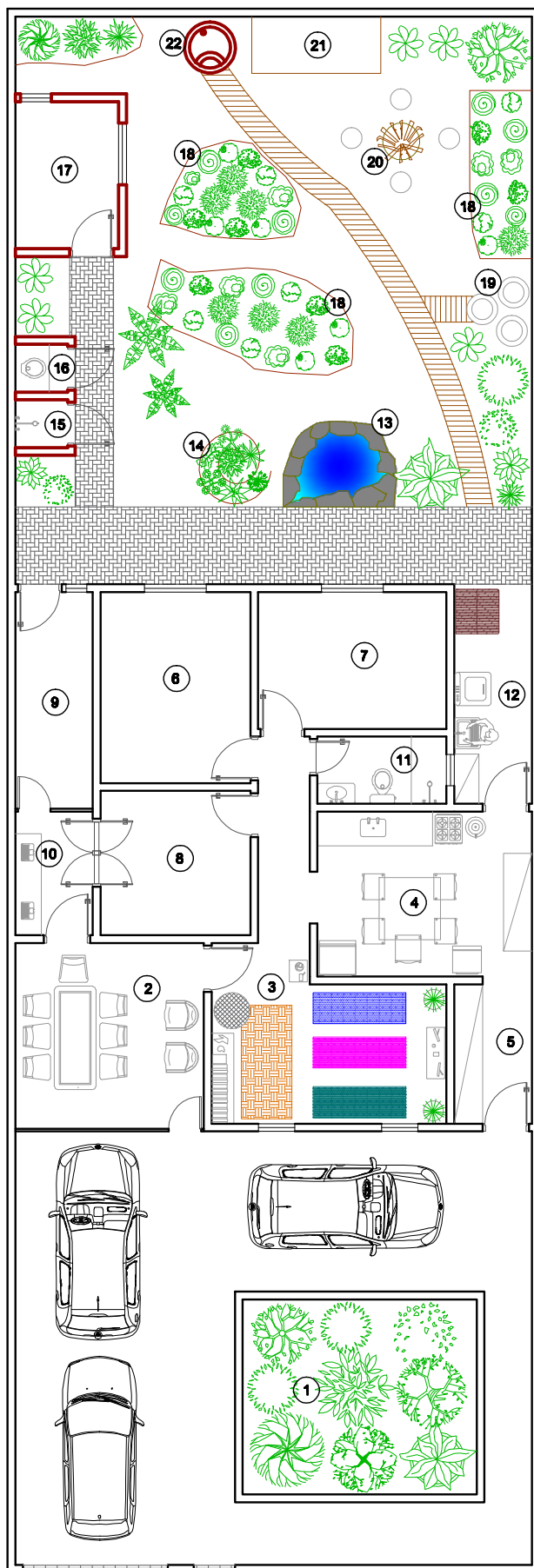
A terceira categoria compreende aqueles cujos pensamentos, palavras e atos são diferentes uns dos outros, jamais coincidindo. Tais pessoas pensam uma coisa, falam outra e fazem outra coisa completamente diferente. Tais pessoas são classe C. A maioria dos líderes do mundo atual se incluem nessa categoria. Vocês devem tentar se tornar pessoas classe A. Vocês devem falar aquilo que pensam, e fazer aquilo que falam. (Ananda Vacanamrtam)”

Prabhat Rainjan Sarkar

Livro: Os Pensamentos de P. R. Sarkar

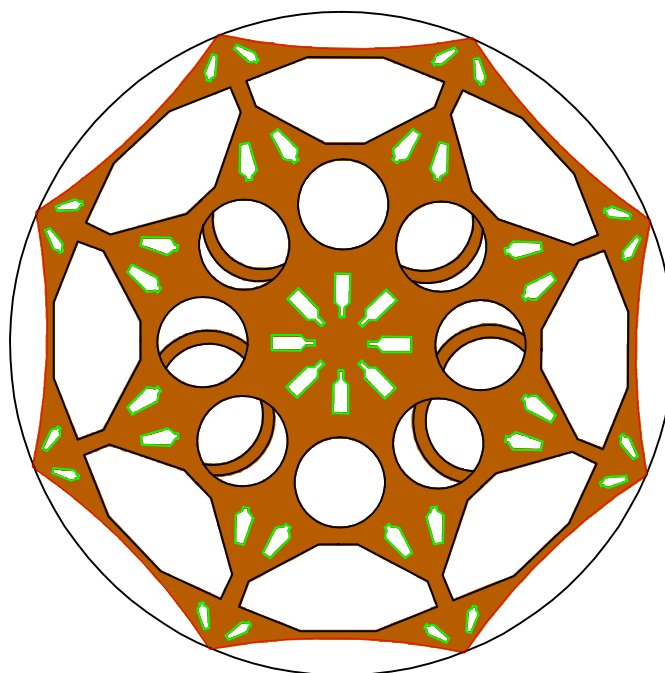
Levantamento Altimétrico Praça Val Rai



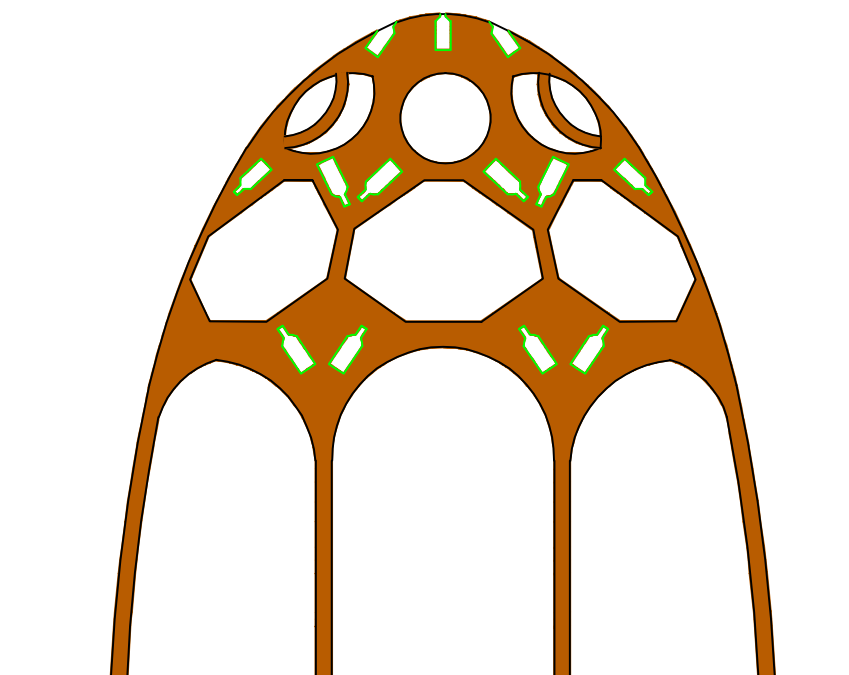


LEGENDA

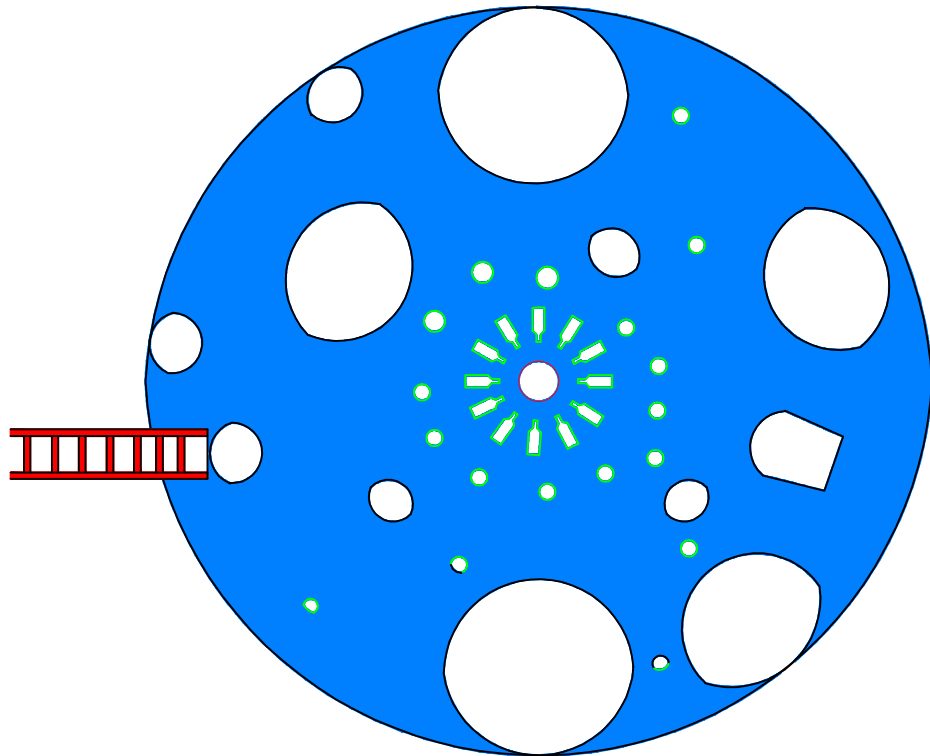
- 1- JARDIM FRONTAL
- 2- SALA MULTIUSO (ANTIGA GARAGEM)
- 3- SALA DE MEDITAÇÃO E YOGA
- 4- COZINHA
- 5- DESPENSA
- 6- QUARTO 1
- 7- QUARTO 2
- 8- QUARTO 3
- 9- QUARTO 4 (ANTIGO COWORKING)
- 10- ESCRITÓRIO
- 11- BANHEIRO
- 12- LAVANDERIA
- 13- LAGUINHO
- 14- ESPIRAL DE ERVAS
- 15- DUCHA
- 16- BANHEIRO SECO
- 17- QUARTO 5 (PAU A PIQUE)
- 18- CANTEIRO AGROFLORESTAL
- 19- COMPOSTEIRAS
- 20- ÁREA DE FOGUEIRA
- 21- DEPÓSITO
- 22- FORNO DE PIZZA



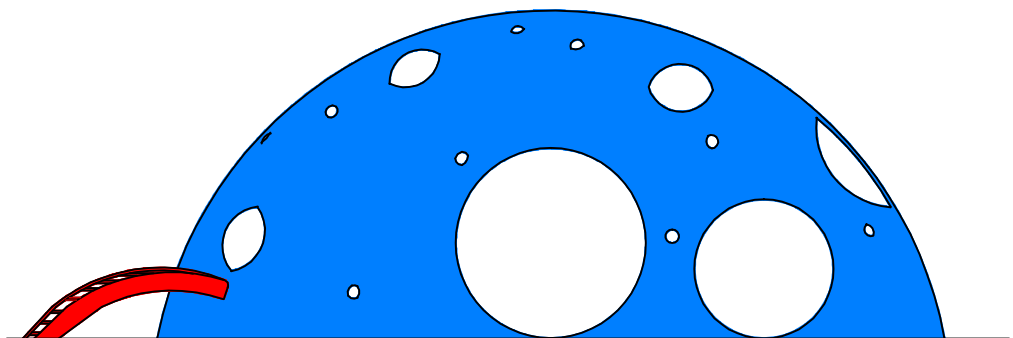
VISTA SUPERIOR: S/ESC



ELEVAÇÃO: S/ESC



VISTA SUPERIOR: S/ESC



ELEVAÇÃO: S/ESC

R. ENGENHEIRO JOÃO

335

TABELA DE ÁRVORES

Árvore	Planta	Planta	Planta	Planta
Árvore	Árvore	Árvore	Árvore	Árvore
Árvore	Árvore	Árvore	Árvore	Árvore
Árvore	Árvore	Árvore	Árvore	Árvore
Árvore	Árvore	Árvore	Árvore	Árvore

- POSTE DE ILUMINAÇÃO EXISTENTE
- PLACA EXISTENTE
- ◆ PONTO DE ÔNIBUS
- ✻ TORRE TIPO PÉTALA
- GRAMA
- ▨ PISO DE BLOCO DE CONCRETO
- PISO DE CONCRETO
- AREIA
- BRITA

R. ALEXANDRINO RODRIGUES

R. PEDRO DE CAMPOS

R. ANDRÉ BONACHELLA PALLIARECI

ESCOLA ESTADUAL "PROF. FRANCISCO ALVES BRIZOLA"

PROJETO de CALÇADA
E PISTA DE
CAMINHADA PRAÇA
VALDIR RAIMUNDO
VAL RAI
JD. DAS ORquíDEAS - BAURU - SP



ARQ. ELIANE KATAYAMA
PRICOLI AMARO
email: elianekatayama@gmail.com
tel.: (14) 8125-5506

PLANTA DE PISO
ESC.: 1:200

R. DR. IVO GIUNTA

